



UEFS



PPGEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U 18/05/2020

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA RIBEIRO

O VOCABULÁRIO DE HERBERTO SALES

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA RIBEIRO

O VOCABULÁRIO DE HERBERTO SALES

Tese de doutoramento apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS), como requisito para obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado – SISBI UEFS

R367 Ribeiro, Antonio Marcos de Almeida
O vocabulário de Herberto Sales / Antonio Marcos de Almeida Ribeiro. –
2025.
357 f.: il.

Orientador: Patrício Nunes Barreiros.
Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana,
Feira de Santana, 2025.

1. Sales, Herberto de Azevedo, 1917-1999 – escritor. 2. Vocabulário.
3. Lexicologia. 4. Lexicografia. 5. Chapada Diamantina, Bahia. I. Título.
II. Barreiros, Patrício Nunes, orient. III. Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos. IV. Departamento de Letras e Artes. V. Universidade
Estadual de Feira de Santana.

CDU 801.3

TERMO DE APROVAÇÃO

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA RIBEIRO

O VOCABULÁRIO DE HERBERTO SALES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), do Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 PATRÍCIO NUNES BARREIROS
Data: 08/12/2025 13:11:39-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros
Orientador – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Documento assinado digitalmente
 SILVANA SILVA DE FARIAS ARAÚJO
Data: 08/12/2025 17:18:51-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Profa. Dra. Silvana Silva Farias de Araújo
Membro interno – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Documento assinado digitalmente
 JOABSON LIMA FIGUEIREDO
Data: 08/12/2025 13:54:17-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Prof. Dr. Joabson Lima Figueiredo
Membro externo – Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XVI)

Documento assinado digitalmente
 ALEXANDRE MELO DE SOUSA
Data: 08/12/2025 14:14:15-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Membro externo – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Assinado por: Paulo José Tente da Rocha Santos Osório
Num. de identificação: 09537966
Data: 2025.10.31 20:51:01+00'00'

Prof. Dr. Paulo José Tente da Rocha Santos Osório
Membro externo – Universidade Aberta de Portugal (UAb)

Defendida e aprovada em 31 de outubro 2025.

Feira de Santana 31 de outubro 2025.

Olhando o tempo contado pelas cheias,
A vida é garimpo, felicidade é diamante.
Na vontade crescente de bamburrar,
Nas lavras somos incorrigíveis amantes.
Não deixe a esperança escapar pelo ralo.
Amanhã é pião de cata na apurada retina,
Com sonhos acima dos ombros dos gigantes
Imponentes morros da Chapada Diamantina.
(Ribeiro, 2022, p. 35).

AGRADECIMENTOS

O elemento heráldico da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), idealizado pelo monge beneditino Paulo Lachenmayer, tem como lema a expressão latina “*Sitientibus*”, que significa “aos que têm sede”. Trata-se de uma referência indireta do texto bíblico de Mateus 5:6 “Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Bíblia Sagrada, 1999), simbolizando o anseio pelo conhecimento, a busca pelo aprendizado e o compromisso social da universidade em saciar a sede intelectual de sua comunidade (Moraes, 1982).

Foi em 2017, que ingressei na UEFS para os estudos de Pós-Graduação, movido pelo desejo de aprender em consonância ao que diz a insígnia daquele brasão. Hoje, em percurso doutoral, sigo nessa trajetória do saber, tomado por um sentimento de gratidão ao ideal acadêmico que a universidade representa.

À Deus, princípio supremo em que tudo existe e por quem nos movemos.

À minha família Keila Fernandes Ribeiro, minha esposa, e Heitor Fernandes Ribeiro, meu filho, pela constante inspiração; ao meu pai Josué de Moura Ribeiro (Ferroviário aposentado) e minha mãe (*in memoriam*), pelos valores que me legaram. Meus cinco irmãos, pelo apoio incondicional. O núcleo familiar é o primeiro sustentáculo de apoio de todos os empreendimentos humanos, e esta tese não seria exceção.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, em especial aos seus dedicados docentes, competentes servidores técnico-administrativos e os colegas de turma, que juntos corporificam a excelência acadêmica desta instituição.

Ao meu orientador Patrício Nunes Barreiros, exemplo de ser humano e profissional, pela incansável dedicação ao longo do processo, pela minuciosa leitura e releitura de cada página desta tese, pela humanidade que transformou nossa relação orientador-orientando em verdadeiro diálogo acadêmico, e pela compreensão singular dos desafios de quem concilia múltiplas responsabilidades para alcançar tanto os objetivos acadêmicos quanto pessoais.

À banca examinadora, composta pelas professora Dra. Silvana Silva Farias de Araújo e os professores Dr. Joabson Lima Figueiredo, Dr. Alexandre Melo e Dr. Paulo Osório, pelo honroso acompanhamento nesta importante jornada acadêmica.

À Biblioteca Herberto Sales em Andaraí-Bahia, pelos valiosos serviços prestados durante minha pesquisa e pela acolhida gentil de sua dedicada equipe de profissionais, que tornaram possível o acesso ao conhecimento necessário para este trabalho.

Ao amigo Paulo Augusto Moscoso (Paulo Artesão) pela generosidade incondicional, pelas preciosas contribuições lexicais em palavras ainda não dicionarizadas, pelos valiosos presente herbertianos que foram, acima de tudo, presentes do coração.

Ao estimado Vinicius Rebouças Vieira pelas sábias orientações durante a construção, do vocabulário digital, cujas contribuições técnicas e conselhos especializados foram fundamentais para o desenvolvimento de uma plataforma coesa, funcional e academicamente robusta. Suas dicas foram por demais valiosos para termos uma plataforma fluida e bem construída. Meu reconhecimento por sua partilha de conhecimentos e tempo.

Agradeço também à Paulo Henrique da Silva Santos, colega de doutoramento de instituição irmã (UNEB), cujo companheirismo acadêmico perdura desde nossos tempos de mestrado na UEFS, testemunha e parceiro nesta jornada intelectual. Á Damares Oliveira de Souza, minha colega “chapadeira”, com quem compartilhamos os saberes. E a tantos outros colaboradores anônimos cujas contribuições, ainda que não nominalmente registradas, estão entrelaçadas em cada página deste trabalho, pois na academia, como na vida, nunca caminhamos verdadeiramente sozinhos.

A evolução humana se constrói também pelo exercício da gratidão. Os meus agradecimentos representam a dimensão íntima e afetiva para aqueles que me acompanharam em minha jornada. E, assim, deixo o meu sincero OBRIGADO! Aos que compartilharam comigo conhecimentos e sentimentos.

RESUMO

A presente tese teve como objetivo a elaboração do vocabulário do escritor baiano Herberto de Azevedo Sales (1917-1999). Para tanto, foram selecionadas cinco obras como *corpus* da pesquisa: *Cascalho* (2011 [1944]), *Além dos Marimbus* (1965 [1961]), *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a [1965]), *Rio dos morcegos* (1993) e *A prostituta* (1996), que compõe a base textual literária para a análise e classificação dos vocábulos presentes na obra do autor. A análise do *corpus* foi realizada com o auxílio dos programas *WordSmith Tools* e *FLEX*, permitindo a construção de um banco de dados lexical e a sistematização dos verbetes. O critério de escolha dos vocábulos está em consonância com a representatividade do autor e sua relação com a Chapada Diamantina, região que permeia sua obra tanto no plano temático quanto linguístico. Priorizam-se lexias que expressam marcas culturais, geográficas, históricas do território e sociais de modo a evidenciar a singularidade linguística retratada por Herberto Sales. A fundamentação teórico-metodológica está ancorada nos estudos da Lexicologia e da Lexicografia, com base em autores como Barros (2004), Berber Sardinha (2004), Biderman (2001b), Borba (2003), Carballo (2003), Porto Dapena (2002), Welker (2004), Vilela (1995), Pottier (1972) entre outros. Como resultado, foram organizadas 1.150 entradas, distribuídas semasiologicamente e ordenadas de A a Z. Das categorias de lexias catalogadas, que totalizam 1.150 unidades, identificaram-se 847 lexias simples, 150 lexias compostas, 95 lexias complexas e 58 unidades fraseológicas. O vocabulário está disponível em formato digital no domínio www.vocabularioherbertosales.com.br, criado exclusivamente para esse fim e estruturado com funcionalidades multimodais, que ampliam a experiência do usuário por meio de recursos visuais, sonoros e interativos. Há também uma versão para impressão, disponibilizada na mesma plataforma e incluída como apêndice nesta tese. As lexias foram classificadas segundo sua categorial gramatical: substantivo masculino, substantivo feminino, verbo, adjetivo, advérbio, expressão popular, entre outras, e organizadas em lexias simples, lexias compostas, lexias complexas e unidades fraseológicas. Cada verbete apresenta entrada, classe gramatical, definição, abonação, podendo, em alguns casos, conter imagens ou vídeos ilustrativos relacionados à entrada. O tratamento computacional do *corpus* propiciou agilidade nas etapas de análise e armazenamento seguro dos dados e contribuiu para maior produtividade, acessibilidade e difusão do conteúdo. A edição digital do *Vocabulário Herberto Sales* constitui um instrumento de valorização da identidade linguística do autor e, por extensão, da Chapada Diamantina, ao contribuir para a preservação da memória linguística regional e oferecer subsídios para fins acadêmicos, educacionais e culturais.

Palavras-chave: Vocabulário; Herberto Sales; Chapada Diamantina; Lexicografia.

ABSTRACT

This doctoral thesis aimed to develop the vocabulary of the bahian writer Herberto de Azevedo Sales (1917-1999). In order to do so, five literary works were selected as the research corpus: *Cascalho* (2011 [1944]), *Além dos Marimbus* (1965 [1961]), *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a [1965]), *Rio dos Morcegos* (1993), and *A Prostituta* (1996), which compose the literary textual basis for the analysis and classification of words present in the author's work. The corpus analysis was carried out supported by *WordSmith Tools* and *FLEX* computer programs, allowing the construction of a lexical database and the systematization of entries. The criterion for choosing lexical units is consonant with the author's representativeness and his relationship with Chapada Diamantina-BA, a region that permeates his work, both thematically and linguistically. It was given priority to lexical units that express cultural, geographic, historical, and social characteristics of the territory, in order to highlight the linguistic singularity portrayed by Herberto Sales. The theoretical-methodological foundation is based on studies of Lexicology and Lexicography, on authors such as Barros (2004), Berber Sardinha (2004), Biderman (2001b), Borba (2003), Carballo (2003), Porto Dapena (2002), Welker (2004), Vilela (1995), Pottier (1972), among others. As a result, 1.150 entries were organized, distributed semasiologically and ordered from A to Z. Of the categories of lexias catalogued, totaling 1,150 units, 847 simple lexias, 150 compound lexias, 95 complex lexias and 58 phraseological units were identified. The vocabulary is available in digital format at the website www.vocabularioherbertosales.com.br, created exclusively for this purpose and structured with multimodal features that enhance the user experience through visual, audio, and interactive resources. A printable version is also available on the same website and it is included as an appendix to this doctoral thesis. The lexical units were classified according to their grammatical category: masculine noun, feminine noun, verb, adjective, adverb, popular expression, among others, and separated in simple lexical units, compound lexical units, complex lexical units, and phraseological units. Each entry presents: the base form, grammatical class, definition, and collocations, and may, in some cases, contain illustrative images or videos related to the base form. The computational processing of the corpus provided agility in the analysis and secure storage of data, contributing to a greater productivity, accessibility, and dissemination of the content. The digital edition of the *Vocabulário Herberto Sales* is an instrument for enhancing the author's linguistic identity and, by extension, Chapada Diamantina's as well, by contributing to the preservation of regional linguistic memory and offering support for academic, educational, and cultural purposes.

Keywords: Vocabulary; Herberto Sales; Chapada Diamantina; Lexicography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Chapada Diamantina	25
Figura 2 – Mapa da Chapada Diamantina	28
Figura 3 – Mapa do município de Andaraí	35
Figura 4 – Dados do censo de 1920	37
Figura 5 – Estatística do município de Andaraí no censo de 1920	38
Figura 6 – Sobrecapa e capa da 1ª edição de <i>Cascalho</i>	40
Figura 7 – Algumas das correspondências recebidas por Herberto Sales	46
Figura 8 – Capas de <i>Cascalho</i> em HQ e DVD	65
Figura 9 – Divulgação do filme <i>Cascalho</i> em 1951	65
Figura 10 – Capas da obra <i>Cascalho</i> de várias épocas	69
Figura 11 – Divulgação do Livro <i>Além dos Marimbus</i>	71
Figura 12 – Capas das edições selecionadas de <i>Corpora</i> da obra de Herberto Sales	73
Figura 13 – Capas da obra <i>Cascalho</i> em várias línguas	74
Figura 14 – Fac-símile do dicionário de Jerônimo Cardoso	85
Figura 15 - Fac-símile da capa e verbetes do <i>Vocabulario Portuguez & Latino</i>	86
Figura 16 – Tela inicial do dicionário Aurélio Eletrônico (AE)	107
Figura 17 – Tela inicial do dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	108
Figura 18 – Descontinuidade na paginação em Rio dos Morcegos	115
Figura 19 – Interface do <i>WordSmith 7.0</i>	117
Figura 20 – Logomarca da plataforma	119
Figura 21 – Paleta de cores predominante no site	120
Figura 22 – <i>Desing</i> da página inicial <i>Vocabulário Herberto Sales</i>	121
Figura 23 – Recursos do site	122
Figura 24 – Rodapé e os vínculos institucionais	123
Figura 25 – Página de apresentação do site	124
Figura 26 – Página do vocabulário	125
Figura 27 – Página do verbete	126
Figura 28 – Estrutura do verbete	127
Figura 29 – Página dedicada a biobibliografia	127
Figura 30 – Página com material para estudos	128
Figura 31 – Página destinada ao contato com organizador do site	128
Figura 32 – Arquitetura do site	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	A Literatura da Chapada Diamantina no século XX	30
Quadro 2 –	Pesquisas realizadas tendo Herberto Sales e suas obras como tema	32
Quadro 3 –	Correspondências de Herberto Sales	44-45
Quadro 4 –	Os primeiros dicionários da língua portuguesa	89
Quadro 5 –	As Ciências do Léxico em pesquisas com <i>corpus</i> literário	102-103
Quadro 6 –	Quantitativo de lexias	142
Quadro 7 –	Lexias catalogadas	143-147
Quadro 8 –	Quantitativo de classe de palavras	149
Quadro 9 –	Listagem das lexias constantes no macrocampo dos qualificadores e seus microcampos	157

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Porcentagem das lexias coletadas	143
Gráfico 2 –	Porcentagem das classes de palavras	150

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AHU	Arquivo Histórico Ultramarino
AI	Ato Institucional
ALBA	Assembleia Legislativa do Estado da Bahia
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
API	<i>Application Programming Interface</i>
CAS	<i>Cascalho</i>
CAV	Colégio Antônio Vieira
CDN	<i>Content Delivery Network</i>
CD – ROM	<i>Compact Disc – Read Only Memory</i>
CLUNL	Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa
DDos	<i>Distributed Denial of Service</i>
DLA	Departamento de Letras e Artes
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FLEx	<i>FieldWorks Language Explorer</i>
GT	Grupo de Trabalho
LP	Lexicografia Pedagógica
INL	Instituto Nacional do Livro
MEC	Ministério da Educação
OCR	<i>Optical Character Recognition</i>
PDF	<i>Portable Document Format</i>
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
SIAN	Sistema de Informação do Arquivo Nacional
SIL	Sociedade Internacional de Linguística
SSL	<i>Secure Sockets Layer</i>
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TDICs	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TXT	<i>Text Plain</i>
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia

UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal do Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UF	Unidade Fraseológica
UnB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista
WCAG	<i>Web Content Accessibility Guidelines</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A LITERATURA DA CHAPADA DIAMANTINA	24
2.1	HERBERTO SALES UM ESCRITOR DA CHAPADA DIAMANTINA	30
2.2	O ROMANCE <i>CASCALHO</i> E SUAS RELAÇÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E CULTURAIS COM A CHAPADA DIAMANTINA	47
3	ENTRE PALAVRAS E TEXTOS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O ESTUDO DO LÉXICO	76
3.1	ENTRE TEORIAS E METODOLOGIAS DO ESTUDO DO LÉXICO	76
3.2	ENTRE PALAVRAS E VERBETES: O PERCURSO HISTÓRICO DOS Dicionários	81
3.3	ENTRE DEFINIÇÕES E NARRATIVAS: GLOSSÁRIOS E VOCABULÁRIOS DO UNIVERSO LITERÁRIO	95
3.4	ENTRE PALAVRAS E SISTEMA BINÁRIO: A LEXICOGRAFIA COMPUTACIONAL	104
4	OS CAMINHOS LEXICOGRÁFICOS E O <i>CORPUS</i>	113
4.1	SELEÇÃO, PREPARAÇÃO E DIGITALIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	114
4.2	O <i>WEBSITE</i> VOCABULÁRIO HERBERTO SALES: FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO LEXICOGRÁFICA	118
4.3	PARÂMETROS DE ORGANIZAÇÃO: A MACROESTRUTURA E A MICROESTRUTURA	131
5	O VOCABULÁRIO DE HERBETO SALES: RESULTADOS E DISCUSSÕES	139
5.1	O QUE DIZEM OS DADOS QUANTITATIVOS	140
5.2	O QUE DIZEM OS DADOS QUALITATIVOS	151
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
	REFERÊNCIAS	169
	ANEXO	187
	CARTAS DE HERBERTO SALES	188
	ANEXO A	188
	ANEXO B	189
	APÊNCIDE	190
	O VOCABULÁRIO DE HERBERTO SALES	191

1 INTRODUÇÃO

A fecundação deste trabalho doutoral está enraizada em um sentimento de identidade e pertencimento, uma vez que o autor é oriundo da Chapada Diamantina. Desde os primeiros contatos com o universo acadêmico, as escolhas de percurso foram orientadas pelo desejo de conhecer mais profundamente a região de origem e de produzir conhecimento voltado para ela. Essa motivação se sustenta também na consciência da importância de uma devolutiva social: todo o saber construído no espaço universitário deve, de algum modo, retornar à sociedade sob a forma de contribuição teórica e prática efetiva. Pois, compreende-se que a formação acadêmica, com todo seu arcabouço e ferramentas adquiridas para o exercício profissional, deve ser canalizada para a valorização dos contextos locais, promovendo o desenvolvimento intelectual e cultural das comunidades de onde viemos. Assim, este trabalho é parte de um esforço contínuo de pensar a Chapada para a Chapada: não na busca de objetos distantes ou alheios à realidade vivida, mas na aproximação crítica e afetiva com os sujeitos e saberes que constituem o nosso lugar.

No início da trajetória acadêmica, o contato com informações sobre a Chapada Diamantina se dava por meio de lampejos esparsos por meio de cinegrafia e literatura. Esses fragmentos despertavam o desejo de conhecer a região de forma mais acentuada, sistemática e metodológica, por meio de pesquisas que possibilitassem um encontro entre a vivência concreta do sujeito e as abordagens teóricas e temáticas propostas pela universidade. Desde então, tornou-se claro que era necessário e mesmo imperativo, produzir conhecimento sobre a Chapada Diamantina, consolidando-a como um ponto de referência para outros pesquisadores interessados em temas que atravessam, mas que muitas vezes, permanecem ausentes ou pouco acessíveis nos espaços acadêmicos.

Diante disso, a topofilia pela região manifesta-se como um gesto de valorização do lugar, fundado em sentimentos de pertencimento e no compromisso de oferecer subsídios teóricos que contribuam para que outros possam conhecer e reconhecer a Chapada Diamantina em toda sua complexidade. Embora já existam diversos estudos sobre a região nos campos da Antropologia, História, Geografia, Linguística e Literatura, ainda é insuficiente diante do vasto potencial que a Chapada pode oferecer à pesquisa acadêmica. Este trabalho, propõe-se, portanto, como uma contribuição nesse sentido, busca fomentar novos conhecimentos, incentivar outras investigações e estabelecer elos interdisciplinares com diferentes áreas das Ciências Humanas. Mais do que uma produção individual, trata-se de uma iniciativa que visa repercutir positivamente no desenvolvimento social e cultural da comunidade à qual pertence-

mos, reafirmando o compromisso da pesquisa com a realidade concreta e com os sujeitos que a constituem.

Ao priorizar as questões locais, assumimos um papel ativo na transformação do entorno, ao preencher lacunas de ordem teórico-metodológico relacionadas às informações sobre a região. Essa escolha possibilita a aplicação imediata do conhecimento produzido, beneficiando diretamente a comunidade à qual pertencemos. Trata-se, portanto, de um gesto que se inscreve no esforço de valorização da identidade cultural e histórica da Chapada Diamantina, contribuindo para a preservação de sua memória coletiva e de suas tradições linguísticas, que, de outro modo, correm o risco de se perder com o tempo.

Ao concentrar-se sobre o objeto/sujeito de estudo, este trabalho configura-se como uma ferramenta para dar visibilidade à obra literária de Herberto Sales, ampliando o conhecimento sobre o autor e fortalecendo o senso de pertencimento coletivo. Pesquisar a Chapada Diamantina, portanto, ultrapassa os limites de um mero recorte temático, trata-se de um ato social, comprometido com o fortalecimento e a preservação da identidade local. É nesse ponto que o conhecimento acadêmico rompe com a frieza das teorias e epistemologias distantes, ganhando vida como instrumento concreto de transformação – de e para Chapada Diamantina.

Ademais, outro aspecto relevante é sobre o Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD), vinculado ao Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que surge como um espaço dedicado à integração de pesquisadores em humanidades que buscam incorporar ferramentas digitais e tecnológicas em seus estudos. Dentre seus objetivos está em fomentar o debate sobre as Humanidades Digitais por meio de atividades acadêmicas diversificadas, como grupo de estudos, eventos científicos e publicações, promovendo um diálogo interdisciplinar entre diversas áreas do conhecimento.

A cultura digital, por sua própria natureza, exige uma visão integrada dos conhecimentos, para compartimentalização do saber. Com a popularização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no final do século XX, os pesquisadores das humanidades passaram a operar em um ambiente multifacetado, por múltiplas linguagens coexistindo. Essa realidade favoreceu o desenvolvimento de metodologias híbridas, consolidando a tecnologia digital como um pilar para as ciências humanas que une essas tecnologias nas práticas de pesquisa. Assim, o NeiHD se posiciona como um núcleo estratégico dentro da UEFS, reunindo pesquisadores em torno das discussões sobre a interseção entre humanidades e tecnologia.

A presente tese insere-se nessa proposta ao alinhar-se às diretrizes e objetivos do NeiHD, somando-se aos projetos já existentes e contribuindo com os estudos lexicais em desenvolvimento no âmbito do grupo. Nesse contexto, as fontes linguísticas aqui utilizadas são tratadas como *corpus*, e não como *corpora*, considerando que este trabalho se integra, juntamente com outras teses e dissertações, ao projeto maior do NeiHD, o qual se fundamenta no uso de ferramentas computacionais que viabilizam a análise linguística e a sistematização de banco de dados.

Dessa forma, ao inventariar e classificar o vocabulário de Herberto Sales, este estudo avança nos domínios da Lexicologia e da Lexicografia do Português Brasileiro, gerando novos conhecimentos sobre a estrutura e o uso da língua. Os resultados obtidos contribuem para a elaboração de obras de referência mais robustas e especializadas, como também reforçam o papel das Humanidades Digitais como campo inovador na investigação linguística contemporânea.

Em outro aspecto, o léxico de uma língua é um registro da história, cultura e sociedade em que essa língua é empregada. Dessa maneira, ao analisar as formas de expressão que permeiam as diversas esferas discursivas de uma sociedade específica, como a linguagem presente em obras literárias, é possível compreender valores e tradições intrínsecos que estão contidos nessas formas de discurso. O texto literário, se desdobra como um conjunto de vozes distintas: a do autor, a dos personagens, e das representações da realidade, entre outros aspectos. Todos esses componentes colaboram para uma compreensão ampla do vocabulário de Herberto Sales, a qual se propõe a presente tese. A identificação e análise desses aspectos, na contextualização dos estudos linguísticos, proporciona uma visão do vocabulário apresentado pelo autor, revelando a complexidade inerente à linguagem empregada nos romances herbertianos.

A propósito, de acordo com Coelho (1997), a modernidade, designado como contemporaneidade ou, para alguns, pós-modernidade, é inaugurada com a publicação de uma enciclopédia, um aspecto de particular relevância ao contexto atual. Nesse cenário, a organização e disseminação do conhecimento por meio de um vocabulário ou glossário pode se revelar um mecanismo eficaz para a compreensão dos estudos linguísticos. Ao desenvolver um vocabulário, o processo engloba a seleção criteriosa de termos, lexias e conceitos, consolidando assim a base de conhecimento especificamente vinculada à Chapada Diamantina. O nosso ponto de partida, em primeiro lugar, envolve a apresentação do vocabulário de Herberto Sales.

O despertar para os estudos do léxico presente na obra de Herberto Sales, como tema de investigação, surgiu durante o curso de Pós-Graduação *lato sensu* em *Estudos Linguísticos e Filológicos* concluído em 2017 na Universidade Estadual da Bahia (UNEB/Campus XIII).

Esse curso representou nosso primeiro envolvimento com a pesquisa em estudos lexicais. Realizamos uma análise minuciosa do vocabulário utilizando *corpus* literário da obra *Cascalho* de Herberto Sales (2011), seguindo a metodologia proposta por Coseriu (1977). Os resultados obtidos por essa investigação proporcionaram oportunidades para futuros desdobramentos na pesquisa, permitindo uma expansão e aprofundamento do objeto de estudo, como destacado por Ribeiro (Ribeiro, 2017).

Nesse sentido, avançamos com nossos estudos ao realizar uma pesquisa dissertativa intitulada *Diamantes lexicais: garimpando o vocabulário do romance Cascalho de Herberto Sales*, a qual foi defendida em 2020. Nesse estudo, procedemos a catalogação de 370 lexias com significação e contexto de uso específicos encontrados na obra de Herberto Sales, destacando aspectos linguísticos de relevância que têm implicações no estudo da língua, no contexto da Chapada Diamantina. Esse vocabulário foi classificado e organizado em nove campos lexicais, hierarquicamente subdivididos em macrocampos e microcampos relacionados à identidade das Lavras Diamantinas, conforme delineado por Ribeiro (2020b).

Após conclusão desse trabalho dissertativo, novas perspectivas e reflexões emergiram, levando a uma redefinição do escopo do *corpus* e à ampliação do horizonte de pesquisa. Como resultado, a presente tese foi concebida sob o título *O Vocabulário de Herberto Sales*. Para concretizar este projeto ampliamos o nosso *corpus* literário, incorporando as obras *Além dos Marimbus* (Sales, 1965 [1961]), *Dados biográficos do finado Marcelino* (Sales, 2009a), *Rio dos morcegos* (Sales, 1993), *A prostituta* (Sales, 1996), além de *Cascalho* (Sales, 2011 [1944]), que já havia sendo utilizado nas abordagens iniciais a partir de 2017. Dessa forma, esta tese representa uma extensão natural, um *continuum* do estudo do vocabulário do escritor Herberto Sales, à medida que adquirimos uma base teórica e metodológica mais sólida. O objetivo inicial foi à construção de um produto lexicográfico de maior amplitude, que atende às atuais demandas de pesquisa acadêmica.

A realização deste trabalho envolveu a execução de diversas etapas no decorrer de sua elaboração. Em termos de temática, o projeto realizado se enquadra no âmbito dos Estudos Linguísticos e se dedica ao estudo do léxico do renomado escritor baiano, Herberto Sales. Nesse contexto, o trabalho se insere nas subáreas das ciências da Lexicografia e Lexicologia, com o objetivo de compilar e desenvolver o vocabulário do escritor, com base em um *corpus* literário criteriosamente selecionado. O propósito fundamental é o registro de dados lexicais que retratam a identidade linguística do autor em conexão com a região da Chapada Diamantina. As lexias coletadas foram organizadas e disponibilizadas em forma de vocabulário *onli-*

ne, acessível por meio do site www.vocabularioherbertosales.com.br, levando em consideração as atuais exigências das tecnologias digitais e da sociedade em rede.

Considerando a importância da obra de Herberto Sales no panorama literário brasileiro e no contexto linguístico e cultural da Chapada Diamantina, este trabalho fundamenta em uma questão central: Como elaborar o vocabulário do escritor Herberto Sales? Quais seriam os direcionamentos teóricos e metodológicos para realização do presente trabalho? Nesse sentido, nosso principal objetivo foi de elaborar o vocabulário do escritor Herberto Sales, com *corpus* constituído por suas obras ambientadas na Chapada Diamantina. Mais especificamente, almejamos a criação de um vocabulário dedicado ao escritor, ao mesmo tempo em que estabelecemos um modelo de versão digital deste vocabulário. Posteriormente, pretendeu-se analisar a luz das contingências históricas, sociais e culturais do projeto literário de Herberto Sales.

Dessa forma, o trabalho em cena tematiza o vocabulário de Herberto Sales, contribuindo para atender à crescente demanda por pesquisas relacionadas aos aspectos linguísticos, históricos, sociais e culturais associados à Chapada Diamantina, na Bahia. O que visa preencher uma lacuna de estudos lexicais sobre a região. Nesse contexto, o *corpus* literário selecionado destaca um estilo e sintaxe distintos ao apresentar narrativas que registram o vocabulário, são dados de relevância linguística, além de contextualizar a temporalidade e espacialidade do período do garimpo de diamantes e o surgimento do ecoturismo na região. Os vocábulos e expressões encontradas no romance de Herberto Sales revelam visões de mundo, crenças, costumes e hábitos, entre outros aspectos de relevância para investigação lexical.

Essa abordagem lexicográfica tendo como *corpus* produções literárias, já foi explorada em outras pesquisas, haja vista, o trabalho de Barreiros (2017) que estudou o vocabulário de Eulálio Mota, Queiroz (2012) que abordou o vocabulário de Jorge Amado, Martins (2001), que se debruçou sobre o léxico de Guimarães Rosa, Aragão (1990) sobre a linguagem regional em José Lins do Rego, dentre outros. É evidente, portanto, que existe uma tradição estabelecida de pesquisas que se concentram no estudo do vocabulário de escritores da literatura brasileira, assim, o presente trabalho se insere nesse contexto de estudos realizados.

O vocabulário de Herberto Sales serve como um testemunho vívido da história da Chapada Diamantina, capturando os diversos momentos da vida em suas comunidades e expressando uma perspectiva sobre aspectos sociais, culturais e linguísticos da região. Este vocabulário se apresenta como um acervo, revelando a diversidade linguística característica do local destacando valores, crenças e costumes presentes, preservando assim a riqueza da história cultural por meio da linguagem. Ao explorar o vocabulário, somos capazes de discernir

diversos aspectos das transformações socioeconômicas e políticas que moldaram a região (Oliveira e Isquendo, 1998, p. 6).

Portanto, o vocabulário emblemático de uma comunidade, conforme apresentado, encontra meticulosa documentação na obra literária de Herberto Sales, proporcionando um panorama histórico-linguístico da Chapada Diamantina. Cerqueira (2018) destaca uma compilação de obras literárias com títulos de relevância no contexto da literatura baiana e brasileira, cujo foco gira em torno dessa região mencionada. Esses romances incluem descrições geográficas, frequentemente explorando temas como garimpo, paisagem, interações sociais, cultura e outros aspectos. No conjunto dessas obras, particularmente as “chapadeiras”, encontramos um retrato das expressões únicas, de modo de vida, das sensações e dos costumes locais, proporcionando uma reveladora representação da linguagem típica da região.

A relevância deste estudo reside na análise do vocabulário presente no projeto literário de Herberto Sales, que contribui para a construção de perfis linguísticos com ênfase nas identidades regionais. Por meio do seu repertório, somos capazes de capturar a história, a sociedade e a cultura local, onde nos direciona a uma compreensão crítica e reflexiva na sociedade contemporânea. Assim, ao refletir sobre estudos linguísticos voltados para essa região, estamos abrindo veredas para futuras pesquisas linguísticas centradas na Chapada Diamantina.

Este trabalho está dividido em seis seções distintas que estruturam a organização geral da tese: *Introdução*, *A literatura da Chapada Diamantina*; *Entre palavras e textos: perspectivas teóricas sobre o estudo do léxico*; *Os caminhos lexicográficos e o corpus*; *O vocabulário de Herberto Sales: resultados e discussões*; *Considerações finais*. Na *Introdução* apresentamos o tema do trabalho, seus objetivos e a relevância da pesquisa.

A segunda seção aborda a delimitação espacial e temporal da Chapada Diamantina, além de explorar a influência do escritor Herberto Sales. Nesse sentido, a Chapada Diamantina emerge como uma região definida em um espaço específico, e a ela são atribuídos significados que se desdobram a partir das complexas dinâmicas políticas, econômicas, culturais e outros fatores que moldaram esse território. Sobre o autor, exploramos sua função e o seu texto, juntamente com a relação cíclica entre o ser e o fazer, que lança luz sobre os mecanismos sociais e institucionais na formação e identidade do autor. Não pretendemos traçar uma reflexão cronológica sobre o escritor Herberto Sales, mas examinarmos suas representatividades, os elementos históricos associados a ele e os elementos textuais de sua narrativa. Além disso, aprofundamos a discussão em torno de sua obra *Cascalho* (2011 [1944]) com suas conexões históricas, sociais e culturais com a Chapada Diamantina. Os argumentos apresentados

nesta seção são embasados em orientações nos princípios da sociologia do texto, conforme propostos por McKenzie (2018) e Chartier (2001; 2005).

A terceira seção *Entre palavras e textos: perspectivas teóricas sobre o estudo do léxico* tem um enfoque teórico e explora a evolução do pensamento da disciplina linguística, culminando no estabelecimento da Linguística como uma ciência distinta. Neste contexto, conduzimos uma análise do estudo do léxico em relação à Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia. Em subseção abordamos o percurso histórico de dicionários, especialmente os de língua portuguesa europeia e língua portuguesa brasileira. Além disso, discutimos glossários e vocabulários relacionados a *corpus* literário e as pesquisas relacionadas a essa temática. Essa base teórica é essencial para fornecer uma visão abrangente da teorização do léxico e sua relação com a produção lexicográfica e do léxico relacionado com a literatura, sendo uma construção teórica sistematizada por meio de revisão bibliográfica. No que se refere ao fenômeno que estamos investigando, apresentaremos uma listagem por meio de quadro com os trabalhos lexicográficos e lexicológicos relacionados à literatura. Isso nos permitiu compreender melhor as bases epistemológicas que fundamentam o presente estudo.

A quarta seção, intitulada *Os caminhos lexicográficos e o corpus* delinea o plano metodológico estabelecido com base no estudo lexicológico e lexicográfico. Estes dois domínios, embora distintos, apresentam pontos de convergência e complementariedade, visto que se inter-relacionam de maneira coesa neste estudo, permitindo-nos estruturar e criar um vocabulário de Herberto Sales. Nesta seção, apresentamos o arcabouço epistemológico apropriado que guia a organização do vocabulário que está no domínio digital como www.vocabularioherbertosales.com.br. Para tal, realizamos uma análise extensiva de referências teóricas que embasam os critérios e descrições de macroestrutura e microestrutura, bem como os elementos necessários para compreender o fenômeno lexical em foco. Além disso, fornecemos um guia detalhado sobre a construção do vocabulário, incluindo processos de seleção das amostras de usos linguísticos específicos que foram delimitados para nossa análise.

A quinta seção, intitulada *O vocabulário de Herberto Sales: resultados e discussões*, inicia com a apresentação dos dados coletados, essenciais para a elaboração do banco de dados lexicais. Neste contexto, realizamos a interpretação dos resultados obtidos, relacionando-os às questões problematizadas e definidas já no estágio inicial do projeto de pesquisa. Além disso, abordaremos as limitações e desafios enfrentados durante o processo de desenvolvimento do suporte virtual que abriga o banco de dados linguísticos do vocabulário.

Na sexta seção das *Considerações finais*, aprofundamos as observações feitas ao longo do estudo e ressaltamos a relevância do trabalho realizado. Além disso, lançamos um olhar para o futuro, delineando perspectivas para pesquisas subsequentes que se baseiem na temática explorada. Desse modo, encerramos com a apresentação das referências que serviram como alicerce teórico-metodológico para condução deste estudo. E segue o apêndice com o vocabulário na versão de impressão.

O trabalho lexicográfico, portanto, proporcionou a capacidade de classificar e organizar o vocabulário de forma a torná-lo acessível tanto para o público especializado quanto para aqueles que se interessam pelo tema, incluindo o público da educação básica e aqueles que desejam explorar o universo linguístico do escritor Herberto Sales, assim, como da região da Chapada Diamantina. Nesse sentido, Herberto Sales é reconhecido como um autor que trabalha com a linguagem, empregando perspectivas estilísticas que preservam, por meio do vocabulário, os costumes e os usos variados que permeiam sua região. O painel linguístico presente em sua obra desvela uma análise da linguagem, projetando lume sobre esse vocabulário que por sua vez, retrata o universo sociocultural da Chapada Diamantina.

A estilística literária de Herberto Sales conduz à necessidade de analisar, por meio da Lexicologia e Lexicografia, o vocabulário empregado desse autor. Essa análise visou sistematicamente criar um inventário lexical que buscou representar a visão de mundo do escritor, assim como os aspectos identitários de sua comunidade de origem. Registramos termos, expressões e lexias encontrados em suas obras de ficção, para uma compreensão histórica que se insere na história do país. Além disso, essa abordagem enriquece nosso entendimento sobre a linguagem empregada por Herberto Sales, e também facilita a difusão desses aspectos regionais ao público em geral, permitindo o reconhecimento das influências culturais histórico-linguística da Chapada Diamantina na obra do autor.

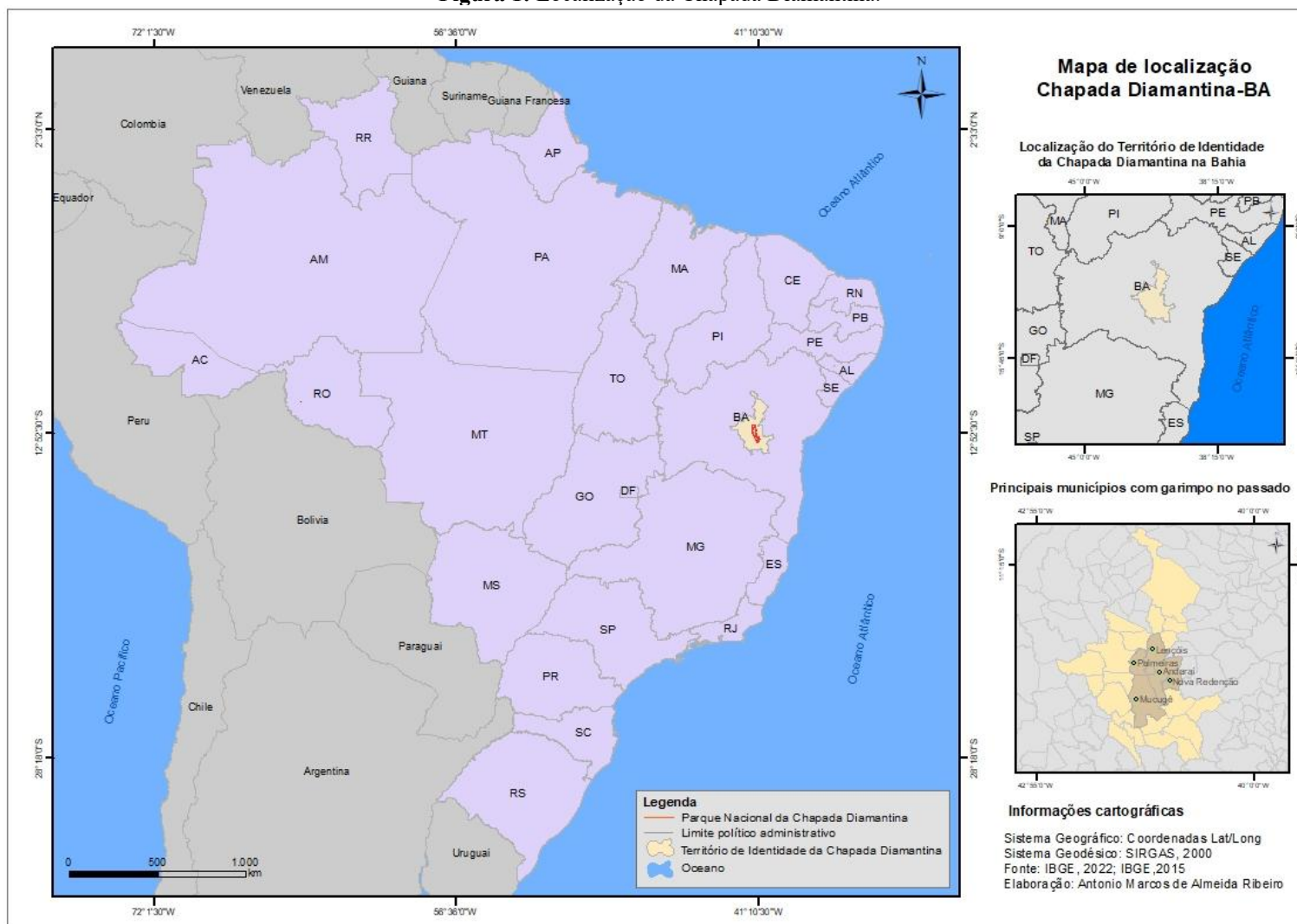
2 A LITERATURA DA CHAPADA DIAMANTINA

A Chapada Diamantina, localizada na região central da Bahia, ocupa uma extensão de aproximadamente de 32.664 Km². Essa área abrange uma variedade de elementos distintivos, que vão desde características naturais, como relevo, hidrografia, flora, fauna, até aspectos ligados a atividades econômicas, sociedade, história e cultura, todos essenciais para a construção de sua identidade regional. A formação territorial da Chapada Diamantina tem raízes históricas na intensa extração de diamantes nos séculos XIX e XX, sendo seu espaço modelado em função dessa atividade extrativista. Essa interação humana com o meio ambiente, centrada no garimpo, influenciou as experiências, práticas e dimensões da vida na região. Desse modo, a existência da Chapada Diamantina se materializa na configuração geográfica resultante da intervenção humana em suas lavras. Portanto, o desenvolvimento da região é caracterizado pelo entrelaçamento entre sociedade e meio ambiente (Teixeira, 2021; Seabra, 2017; SEI, 2015).

Em vista disso, é dentro de uma espacialidade que se estabeleceu territorialmente a região conhecida como Chapada Diamantina, envolvendo as atividades dos agentes humanos em sua estruturação, que relaciona o ambiente físico e social, atribuindo significados. Por sua vez, as relações de poder e normas sociais foram importantes para sua organização territorial, assim, convém salientar que a formação do território não é neutra, mas carregados de dinâmicas políticas, econômicas culturais que se manifestam no espaço. As relações de poder e desigualdades sociais estiveram sempre presentes na organização e apropriação da área geográfica (Santos 2006; Raffestin, 1993).

Perante o exposto, o recorte territorial da Bahia passou por mudanças para se adequar ao planejamento e políticas públicas do estado. A partir de 2007 o governo estabeleceu a divisão de 27 territórios, definidos pelas características geo-ambientais, socioeconômicas, políticas e culturais. Assim, o Território de Identidade entende-se como um lugar historicamente reconhecido por sua população fundamentado por sua identidade entre outras características já mencionadas. A Chapada Diamantina, pela história que carrega, nomeia o Território de Identidade número 03 abrangendo 24 municípios de sua região. Com isso, o bloco de municípios possui perfil com potencialidades e vulnerabilidades reconhecida pelas belezas naturais ligadas à expansão da pecuária pela criação de gado e mineração de diamantes (Ver mapa da figura 1) (Flores, 2014; SEI, 2015).

Figura 1: Localização da Chapada Diamantina.



Fonte: Elaboração de Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

A Chapada Diamantina região localizada na área central da Bahia, que no passado, especificamente da segunda metade do século XIX e primeiro do século XX, ficou internacionalmente conhecida pelos seus diamantes, é atualmente, reconhecida como destino turístico proporcionado pela sua paisagística peculiar de cachoeiras, grutas, vales e outras belezas naturais. O seu garimpo fez afluir uma onda migratória a partir de 1844, contributiva para a formação da sociedade local juntamente com comunidades originárias indígenas e outras advindas quilombolas que estavam ali desde épocas remotas (Cezar & Camargo, 2016; Teixeira, 2021).

É importante destacar que, antes das descobertas dos diamantes e do subsequente aumento populacional, já existiam povoamento na região. Latifundiários dedicados à criação de gado, pequenos agricultores, remanescentes quilombolas e comunidades indígenas já ocupavam essas terras desde época colonial. Antes do período diamantífero, as terras às margens do rio Paraguaçu e rio de Contas, foram destinadas a posseiros. Desde 1797 já havia notícias da formação de quilombos na Chapada Diamantina juntamente com abaixo assinado para sua extinção como diz o documento histórico:

Dizem os moradores da Villa de Cachoeira, abaixo assignados, que pela geral utilidade que lhes resulta da extinção dos Quilombos do Orobo, Tupim e Andrahí, donde diariamente saiem os foragidos nelles acoitados, em tropas armadas, accommettendo as estradas, ainda as mais, publicas a despojar os viandantes, roubando os gados nas fazendas por onde passam especialmente as circunvizinhas daquelles Quilombos, assassinando, deshonestando mulheres donzellas e casadas com toda a impunidade e escandalo e depois disto persuadindo e conduzindo os seus semelhantes aos mesmos coitos e isto muitas vezes por força e à vista dos seus mesmos senhores, são contentes que o Capitão mór de Estradas e assaltos *Severino da Silva Pereira* investigue os referidos Quilombos fazendo, como promette as despesas á sua custa, permitindo-se-lhes os depojos delles e ainda as próprias crias nascidas n'elles desde o tempo de sua subsistência. (doc. n. 17.957)¹.

Ademais, com uma população escassa, anterior ao período diamantífero, os vales dos rios eram ocupados por pessoas envolvidas na agricultura, pecuária e na exploração dos recursos naturais como madeira. Contudo, com o surgimento da atividade de garimpo em 1845, a população local experimentou um relevante aumento. O periódico, intitulado *O Guaycuru*, reportou sobre a região da província da Bahia da seguinte maneira:

¹ Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) - Série: Avulsos (Bahia). Requerimento de Severino Pereira. Bahia, 1797. Cx. 92, Docs. 17955-17976.

Há ja ahi hoje trez povoações notáveis, cheias de commercio, de commodidades e riquezas, que parecem surgir, como Herculano e Pompéia, das entranhas da terra. A maior dessas povoações he o grande arraial de Paraguassú, à margem do Rio desse nome: este arraial tem talvez uma população de 16 a 20 mil almas – he hoje o emporio do commercio do nosso sertão. A distancia de 15 on 16 legoas está o arraial de Lensóis, à margem do Rio do mesmo nome: he povoação menor – 5 a 6 mil habitantes – rica porem proporcionalmente em mineração e commercio. Segue-se o Andarahy, pequena povoação, menor que as duas outras, colocada no centro, e a igual distancia pouco mais ou menos de ambas.

He pois a população das lavras razoavelmente calculada na actualidade de trinta a quarenta mil almas: em geral he composta de negociantes, artistas, aventureiros, que de toda parte são atrahidos pela fama desse thesoiro de riquezas quase incríveis: há sobremodo numeroso o mulherio – ha porem já não pequeno numero de famílias; há mesmo pessoas distintas por sua educação e suas qualidades acima do comum [...] (O Guaycuru, 1845, p. 3).

A região das Lavras Diamantinas, também conhecida como zona diamantina, abrigava quatro cidades de grande importância, formando conjuntamente, o que conceituamos de quadrilátero diamantífero: Mucugê (anteriormente Santa Isabel do Paraguaçu), Lençóis, Andaraí e Palmeiras (anteriormente Vila Bela das Palmeiras) (Sales, 1955). Essas localidades foram colonizadas por grandes levadas migratórias provenientes de diversas partes do Brasil, movidas pela busca da riqueza fácil (Ver figura 2). Segundo Abreu (1975, p. 105),

As lavras da Bahia provocaram movimentos migratórios, não só deslocando garimpeiros de Minas, através do São Francisco, como, também, atraindo, em certa época, uma grande massa humana para o alto Paraguaçu e o Mocugê. Segundo um escritor da época, o vale do Mocugê “pela sua quantidade é talvez a mais rica descoberta diamantina no Brasil”.

Calcula-se em 30.000 pessoas a onda humana que nos anos de 1844 a 1848 se espalhou nas cercanias do Mocugê, elevando a população local a 50.000 almas. Foi um *rush*, em nada inferior aos da Califórnia e da Austrália, quando se espalharam ali as notícias da descoberta de ouro.

À vista disso, de acordo com as concepções de Albuquerque Jr. (2009), no que diz respeito aos estudos sobre a “invenção” do nordeste, a Chapada Diamantina enquanto recorte territorial baiano passa a existir a partir de um momento histórico, que o enquadra dentro de um espaço e tempo estabelecidos pelas relações de poder. Desse modo, as imagens, representatividades e subjetividades construídas sobre a Chapada Diamantina, que a tornam singular, em relação a outros territórios, são atravessadas por essas relações de governança local e estadual. Suas fronteiras são delimitadas junto ao governo, por um passado que legitima a sua territorialidade e nos diz o que é a Chapada Diamantina e onde se localiza.

Figura 2: Mapa da Chapada Diamantina segundo os trabalhos de Teodoro Sampaio. Produção, 1920.



Fonte: SIAN (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

Disponível em:

https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=340826&v_ba=1

Acesso: 15 de janeiro de 2024.

Nas Lavras Diamantinas, como ficou também reputada, ascendeu municípios, vilas e distritos, assim, foram estabelecidos pela pecuária, extração madeireira e principalmente pelas riquezas minerais dos diamantes impulsionados por um fluxo comercial intenso (Abreu,

1975). Nesse sentido, por esses aspectos delineados, subsiste um perfil linguístico característico nessa região. Uma variedade lexical expressiva e identitária na extensão territorial desse lugar, que podemos perceber na compleição de escritores que se inspiraram e representaram a Chapada Diamantina em obras literárias.

Diante disso, as formas de linguagens, considerando a sua literatura, formam discursos que demarcam esse território, por utilizar o cenário eco ambiental, a sociedade, a toponímia e a cultura. Podemos considerar a existência de uma literatura da Chapada Diamantina, enquanto produto da construção histórica e discurso da identidade regional. Mais adiante iremos explicitar algumas obras que demonstram essa historicidade e delimitação identitária na sua literatura específica. Assim, a literatura participa “[...] da construção imagético-discursiva do espaço regional, como continuidade histórica” (Albuquerque Jr., 2009, p. 39). Com isso, a Chapada Diamantina é gestada nas obras de Marcelino José das Neves, Lindolfo Rocha, Afrânio Peixoto, Herman Lima, Herberto Sales, entre outros, que cristalizam a figura do garimpeiro, o meio ambiente peculiar, o coronelismo, emanados da relação telúrica dessa espacialidade. O discurso produzido nessa literatura se legitima pela repetição regular na circulação desses textos em seus enunciados, que definem o caráter da região, os sujeitos e seus falares.

Dessa forma, esses escritores e suas obras, perfazem aquelas que se relacionam de alguma forma com a territorialidade da Chapada Diamantina, assim temos: *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha (1980 [1910]), *O diamante verde* de Almachio Diniz (1981[1910]), *A cidade encantada - contos* de Xavier Marques (1920), *Contos do norte* de Alberto Rabello (1927), *Bugrinha* de Afrânio Peixoto (1972 [1928]), *Garimpos* de Herman Lima (1932), *Ametistas de Caititu* de Filgueiras Filho escrito em 1937 e só publicado em 1963. Temos ainda *Lavras Diamantinas* de Marcelino José das Neves (1870), considerado o primeiro romance tematizando a Chapada Diamantina, contudo só publicado em 1967 pela família do autor. Todas essas obras relacionadas são contributivas para a construção do imaginário sobre a Chapada Diamantina valorizando sua cultura, tradições e linguagem (Ver quadro 1).

Apesar de todos esses romances abordarem a Chapada Diamantina e as diversas dinâmicas sociais, culturais, econômicas e linguísticas do garimpo, a obra *Cascalho* de Herberto Sales, publicado em 1944, é considerado uma síntese desse complexo espaço e suas relações com a atividade do garimpo. Sua obra coloca as Lavras Diamantinas no cenário nacional e internacional contribuindo para representação da região via texto literário. Sua relação telúrica com a região o qualifica como um escritor da Chapada Diamantina (Araújo, 2008; Cerqueira, 2018).

Quadro 1. A Literatura da Chapada Diamantina no século XX.

Obra	Autor	Ano de publicação
Maria Dusá	Lindolfo Rocha	1910
O diamante verde	Almachio Diniz	1910
A cidade encantada – Contos	Xavier Marques	1920
Contos do Norte	Alberto Rabello	1927
Bugrinha	Afrânio Peixoto	1928
Garimpos	Herman Lima	1932
Cascalho	Herberto Sales	1944
Além dos Marimbus	Herberto Sales	1961
Ametistas de Caititu	Filgueiras Filho	1963
Lavras Diamantinas	Marcelino José Neves (Obra póstuma)	1967

Fonte: Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

2.1 HERBERTO SALES UM ESCRITOR DA CHAPADA DIAMANTINA

Nesta subseção, exploraremos a figura de Herberto Sales como escritor oriundo da região da Chapada Diamantina, utilizando como ponto de partida a compreensão de sua obra desde sua origem em Andaraí-BA, e suas conexões com a Chapada Diamantina. Inicialmente, recorreremos à perspectiva da sociologia do texto e às interações entre literatura e história, a fim de desvelar a produção literária de Herberto Sales e a trajetória do autor/escritor. Este enfoque considerará os modos de produção, circulação e recepção de sua obra, tendo como base metodológica e reflexiva teóricos como Certeau (1998), Chartier (2017, 2002, 1998), Ginzburg (1989), Foucault (2009a, 2009b, 2008), Le Goff (2003), McKenzie (2018), Pesavento (2005) e Petrucci (2002). Muito embora haja limites nesta abordagem para o presente estudo, no que diz respeito as fontes documentais, e informações mais abrangentes por questões, como por exemplo, de acesso as fontes de editoras com atividades já cessadas. Entretanto, este exame permitirá não apenas desvendar a diversidade linguística presente na obra de Herberto Sales, mas também lançar luz sobre as complexas tramas que entrelaçam sua escrita ao panorama cultural mais amplo e a formação do autor/escritor.

De acordo com Foucault (2009a, p. 264-298), ao abordar a figura do escritor, surgem operações críticas complexas para a compreensão do sujeito autor e sua relação com a obra.

Essas atribuições, que envolvem os textos e os seus proprietários, permeiam a tarefa de reconstituir o pensamento e a experiência da relação autor-texto. Dessa forma, ao analisar “[...] a obra em sua estrutura, em sua arquitetura, em sua forma intrínseca e no jogo de suas relações internas” (Foucault, 2009a, p. 269), devemos atentar ao que Foucault (2009a) e Chartier (2012) questionam e analisam: O que é um autor? Para os supracitados autor e obra são unidades problemáticas, pois estão para além das descrições biobibliográficas comumente transmitidas.

Desse modo, emergem singularidades e representatividade relacionadas a Herberto Sales e sua obra. Diante disso, questionamos: a partir de qual projeto e em quais circunstâncias Herberto Sales e a sua obra se destacaram? De onde vem sua inspiração? O que ele escreve? Em que período? O nome do autor transcende os limites do texto extrapolando as maneiras de ser e criar. Sua trajetória biobibliográfica envolve caminhos subjetivos, nos quais não podemos categoricamente enumerar se determinados eventos foram decisivos para responder a indagação de Foucault (2009a) sobre o significado de ser autor. Conforme Chartier (2012) salienta, ao revisitar essa questão, devemos considerar, uma “[...] função variável e complexa do discurso, e não a partir da evidência imediata de sua existência individual ou social” (Chartier, 2012, p. 27).

Desse modo, a pluralidade de sentidos sobre as funções do autor e de seu texto e essa relação cíclica que permeia o horizonte do ser/fazer, remete na ordem do discurso, nas palavras de Foucault (2009a) a um posicionamento “transdiscursivo”. Herberto Sales conferiu uma marcante representatividade à Chapada Diamantina na literatura brasileira. Em seus textos podemos discernir a presença da espacialidade, das tradições, língua, sociedade, história e cultura dessa região. Esses elementos se tornam signos característicos e representativos, fundamentais em seu campo literário.

Assim, enfocaremos alguns mecanismos sociais e institucionais que desempenharam um papel na formação da identidade do autor, abordando representatividades, estruturas e relações identitárias presentes em seu universo literário. Por meio de discursos, locais históricos e outros elementos pertinentes, procuraremos desenvolver uma reflexão sobre acontecimentos de sua vida que enriqueça nossa compreensão acerca de Herberto Sales e de sua obra. Convém ressaltar, que não intencionamos realizar uma discussão biográfica, pois já existem obras que dão conta desses aspectos como em Leal (1978), Alves (1979), Brasil (2002), Ambrogi (1983), Sales (2006) e Araújo (2008), além desses, existem vários estudos acadêmicos sobre o autor e suas obras (Ver quadro 2 na página 32). Ademais, o próprio Herberto Sales publicou seus diários que revelam muitos detalhes de sua trajetória em *Subsidiário 1: Confis-*

sões Memórias & Histórias (Sales, 2009b [1988]), *Subsidiário 2: Andanças por umas lembranças: Segredos & Revelações* (Sales, 1991) e *Subsidiário 3: Eu de mim com cada um de mim: Confidências & Penitências* (Sales, 1992). Todos de alguma forma projetando a vida e a obra do autor andaraiense.

Quadro 2. Pesquisas realizadas tendo Herberto Sales e suas obras como objeto de estudo.

Autor (a)			Título	Ano	Programa
Ângela Bispo	Vilma Santos		<i>A tessitura humana da palavra: Herberto Sales contista</i>	2001	Pós-Graduação em Letras/UFPE (Dissertação)
Everaldo Silva	Augusto da		<i>O romance Cascalho de Herberto Sales: Um retrato da Chapada Diamantina</i>	2004	Pós-Graduação em Letras e Linguística/UFBA (Dissertação)
Ângela Bispo	Vilma Santos		<i>A poética da memória: O romance de Herberto Sales</i>	2006	Pós-Graduação em Letras/UFPE (Tese)
Andréa Góes	Beatriz Hack de		<i>A religiosidade na obra do intelectual Herberto Sales</i>	2006	Pós-Graduação em Letras e Linguística/UFBA (Dissertação)
Adriana Boudoux	Silva Teles		<i>Entre o céu e o inferno: Garimpendo representações identitárias no romance das Lavras Diamantinas</i>	2008	Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural/UEFS (Dissertação)
Joabson Lima Figueiredo			<i>Marcelino in memoriam: A outra margem de Herberto Sales</i>	2009	Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural/UEFS (Dissertação)
Manuela Souza	Cunha de		<i>“Entre tantas Marias”: Nuances da identidade feminina no romance A Prostituta, de Herberto Sales</i>	2011	Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/UNEB-Campus I (Dissertação)
Fernanda Wai-chenberg	Sales		<i>Herberto Sales: Crônicas de uma vida</i>	2012	Pós-Graduação em Letras/Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (Dissertação)
Reheniglei Fréderic Robert Garcia	Rehem		<i>Configurações identitárias em Cascalho e Além dos Marimbus de Herberto Sales</i>	2013	Pós-Graduação em Cultura e Sociedade/UFBA (Tese)
Fernanda Soares	Pereira		<i>Autoritarismo, tecnocracia e natureza: representações da pátria brasileira em O fruto do vosso ventre, de Herberto Sales (1976)</i>	2013	Pós-Graduação em História/PUC-RS (Dissertação)
Joabson Lima Figueiredo			<i>Cartografias culturais baianas: Identidade, memória e gênero nos romances de Herberto Sales</i>	2018	Pós-Graduação em Literatura e Cultura/UFBA (Tese)
Antonio Marcos de Almeida Ribeiro			<i>Diamantes Lexicais: garimpendo o vocabulário do romance Cascalho de Herberto Sales</i>	2020	Pós-Graduação em Estudos Linguísticos/UEFS (Dissertação)

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

É relevante salientar que, segundo as concepções de Bourdieu (2006, p. 183-191), o relato biográfico é uma criação artificial, não é apenas um “[...] conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (Bourdieu, 2006, p. 183). Ou seja, a vida de uma pessoa, ultrapassa a ideia de um trajeto linear se-

guindo uma sucessão de fatos em ordem cronológica e lógica (Bourdieu, 2006, p. 185). Assim, Deleuze (2004), compactua com a noção de que a existência humana é compreendida como um *devenir*, enxergando-a a partir dos processos de transformação e mudança contínua. Essa perspectiva desafia a noção linear do tempo, quebrando com a tradição dos enredos biográficos e literários. A natureza do ser é dinâmica e está em constante transformação na história. Deleuze (2004) defende, uma concepção fluída do ser e do mundo, ressaltando o contínuo estado de mudança e fluxo, rejeitando assim a estabilidade e a fixidez tradicionalmente associadas nas ontologias.

Com isso, o postulado da existência narrada, o que Bourdieu (2006, p. 185) chamou de “ilusão retórica” ou “ilusão biográfica”, é artificial, linear, cronológica e historicamente situada, sendo diacrônica em sua formulação. Além disso, como ponderou Levi (2006, p. 168), uma biografia não seria capaz de enumerar os incontáveis aspectos da vida. A ilusão biográfica tende a aproximar-se de um modelo oficial, autorizado e institucionalizado de narrativa. Enquanto que o ser real é descontínuo, pois em seu *devenir*, a sua trajetória ocupa uma série de posições sucessivamente ocupadas em um espaço incessante de transformações com colocações e deslocamentos no espaço social. Para tentar fugir dessa ilusão biográfica, já mencionamos que não pretendemos fazer uma biografia sobre Herberto Sales, haja vista que já existem obras de referência, mas brevemente refletir sobre alguns aspectos de sua vida relacionados à sua obra, trazendo a lume recortes factuais na busca de uma interpretação constitutiva do autor.

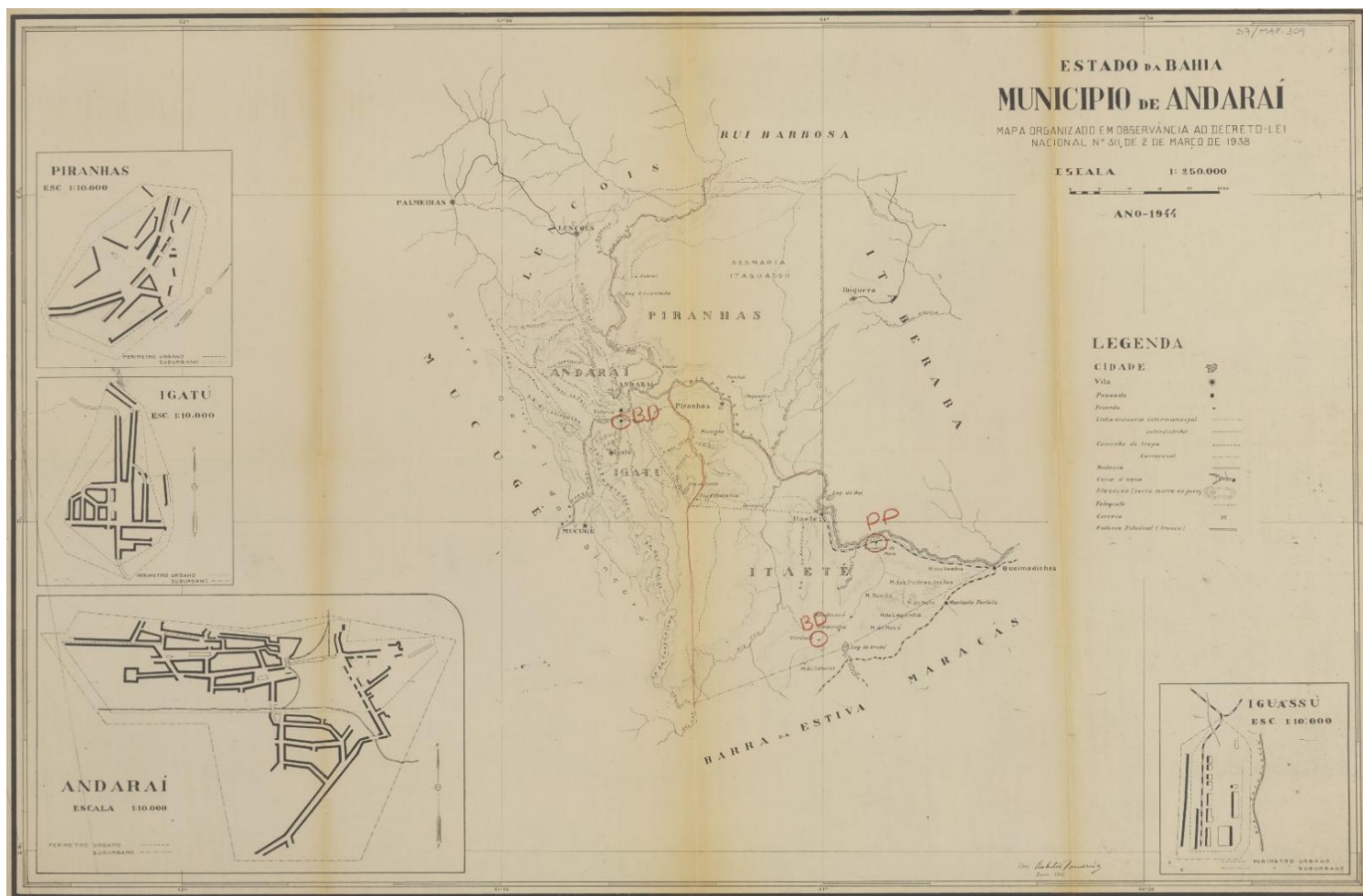
Dessa forma, estaremos apenas atingindo a “superfície social” em alguns aspectos de sua vida, pois, é consenso entre Bourdieu (2006), Levi (2006) e Deleuze (2004) que construir a imagem de um homem complexo, como todas as pessoas são, corremos o risco de cair no terreno das restrições, dos anacronismos, dos elementos contraditórios que constitui a identidade do indivíduo. A complexidade da identidade humana é de formação progressiva, não-linear na perspectiva do *devenir* afirmado por Deleuze (2004). Como considera Levi (2006, p. 171) é impossível captar a essência de uma pessoa, contudo reconhece a função pedagógica das biografias, dessa simplificação ou fragmentação, que culmina em um positivismo e funcionalismo da dimensão pública de quem queira biografar. Estando consciente dessas problemáticas, e não querendo lançar mão de uma nova tipologia ou buscar um modelo fora das explicações monocausais e lineares, ao contrário disso, apenas lançar luz sobre a complexidade do ser/autor Herberto Sales utilizando dados biográficos de suas inter-relações sociais, institucionais e culturais como instrumento interpretativo.

Diante disso, o entendimento a respeito de Herberto Sales e sua filiação com a Chapada Diamantina está intrinsecamente entrelaçado com suas origens. Nascido em 21 de setembro de 1917 no município de Andaraí (Ver figura 3 na página 35), um município que teve um papel importante no contexto do garimpo, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Assim, desde a infância, Sales teve contato com garimpeiros, coronéis, jagunços e outras pessoas da realidade peculiar de sua comunidade que ajudaram a compor seus personagens, principalmente dos primeiros romances. Como abordou Bispo (2001; 2006), essa sua discursividade estão voltadas, em início de sua trajetória literária, nos romances *Cascalho* (Sales, 2011 [1944]) e *Além do Marimbus* (Sales, 1965 [1961]), à uma conexão com a natureza por meio de descrições detalhadas de paisagens naturais, trazendo o elemento telúrico para suas narrativas ficcionais. À vista disso, a produção literária de Herberto Sales se destaca, pela prevalência dessas características telúricas que sempre remeteram as questões memorialísticas do autor em relação à sua região natal.

Desse modo, os enunciados e proposições presentes na obra de Herberto Sales emanam de um vínculo com a Chapada Diamantina, que mesmo ao abordar outros lugares e temáticas além dessa região, como é o caso de *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a [1965]) que se situa em Salvador e *A prostituta* (1996) que se situa entre Aracaju e Salvador, o que delimita sua obra é essa inter-relação intrínseca com suas raízes, como evidenciado em *Cascalho* (2011 [1944]), *Além dos Marimbus* (1965 [1961]), *Os pareceres do tempo* (1999 [1984]) e *Rio dos Morcegos* (1993). Então, ao longo de toda sua trajetória literária, estabelece uma homogeneidade a parti dos aspectos telúricos, que emerge em seus escritos firmados em um memorialismo que o acompanha até o fim de sua vida.

O aspecto telúrico na obra de Herberto Sales nos ajuda compreender a sua construção enquanto autor, no entanto, existem outros fatores que contribuíram para sua formação. Uma delas são as suas referências educacionais, na questão da instrução de Sales. Assim sendo, convém mencionar sobre o Colégio Antônio Vieira (doravante CAV) situado em Salvador na Bahia, instituição de ensino, de natureza confessional católica, era uma referência educacional em sua época. Fundado em 1911, o CAV era voltado para os segmentos privilegiados do estado. Durante as décadas de 1930 e 1940, o colégio mantinha-se resistente às reformas liberais de educação mista, atendendo exclusivamente o público masculino. As famílias baianas, com considerável poder aquisitivo, matriculavam seus filhos no CAV, valorizando o capital simbólico que a escola exercia ao encaminhar seus ex-alunos para carreiras acadêmicas prestigiadas (Bispo Jr., 2004; Oliveira & Couto, 2011).

Figura 3: Mapa do Município de Andaraí em 1944.



Fonte: SIAN (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=96124&v_aba=1

Acesso: 15 de janeiro de 2024.

A reputação da instituição baseava-se de sua tradição pedagógica alicerçada no *Ratio Studiorum*, método que estabelecia a organização docente quanto a currículo e formas de ensinar. O colégio que se pautava em valores morais, religiosos e intelectuais foi frequentado por estudantes que se tornaram celebridades política, artística e cultural no cenário baiano e nacional como Thales de Azevedo, Hermes Lima, Anísio Teixeira e Jorge Amado, que foi contemporâneo de Herberto Sales no colégio. A exceção de Thales de Azevedo, os alunos ilustres citados eram todos oriundos do interior da Bahia. Pois, era frequente as famílias abastadas de enviarem seus filhos para estudar na capital no regime de internato, em detrimento a falta de estabelecimentos de ensino ginasial no interior do estado.

Conquanto a isso, nesse contexto, Herberto Sales ingressou em 1930, e essa passagem de sua vida é um dos aspectos relevantes de sua trajetória, pois o próprio Sales (2009b, p. 105-111) trata em seu diário dos momentos ali vividos. Ademais, seus biógrafos também mencionam sua passagem no CAV em Salvador (Sales, 2006, p. 59-63), isso para evidenciar algumas particularidades desse momento: em primeiro lugar, a negligência aos estudos em detrimento à vida boêmia na capital e, por fim, o abandono e retorno à Andaraí. Contudo, existe outro aspecto contributivo para sua formação enquanto escritor, sendo a influência do professor Agenor de Almeida, como incentivador das atividades literárias de seus alunos. Ele reconhecia em seus discentes Herberto Sales e Jorge Amado a “vocação” para as letras. À vista disso, a formação intelectual e o ambiente cultural do CAV influenciaram Sales em seu percurso enquanto escritor, por meio de um ambiente voltado para sensibilidade artística e desenvolvimento literário. Sales (2009b, p. 106) registra em seu diário um trecho da carta recebida de seu professor:

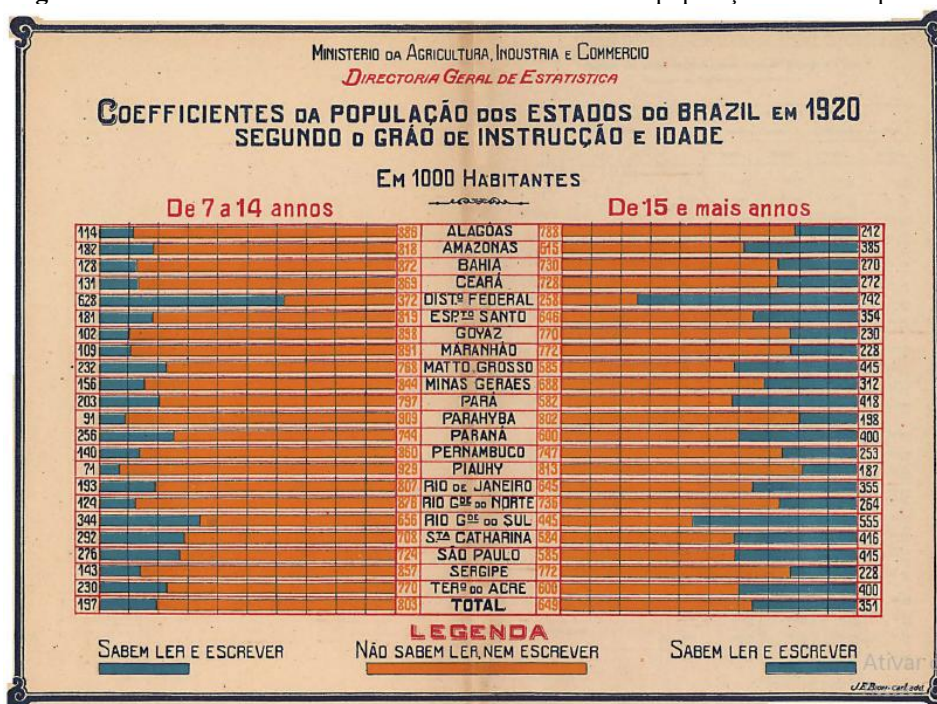
Emocionei-me com a dedicatória que você me fez na primeira página dos *Dados biográficos do finado Marcelino*. Estou a vê-lo numa sala de aula do Colégio Antônio Vieira, do lado das janelas que dão para o vale. Em algumas de suas provas escritas encontrei algo diferente das do resto da turma e recordo-me de uma delas que levei ao padre Luís Gonzaga Cabral, e do que ele me disse: “Não o largue, aproveite-o”. Dos seus romances, tenho pelos *Dados biográficos do finado Marcelino* uma grande simpatia. Já o tinha lido e, numa de minhas aulas de Literatura Brasileira, na Universidade Católica de Salvador, disse que Machado de Assis gostaria de assiná-lo (Sales, 2009b, p. 106).

E reconheceria a influência de seu antigo docente dizendo: “Nunca mais tive notícias dele. Mas, esteja ele onde estive, em alguma rua da Bahia, ou nas estrelas, quero que ele saiba que muito lhe devo basicamente tudo do pouco que fazendo e refazendo venho na minha prosa” (Sales, 2009b, p. 107). Posto que, Herberto Sales não tenha concluído os estudos formais,

sua passagem pelo CAV, o contato com Luiz Gonzaga Cabral e Agenor de Almeida, ambos professores de Português, aquiesceu as pretensões literárias e nesse ambiente, pela primeira vez escreveu uma novela intitulada *Uma história singular* que nunca foi publicado. Ademais, as aspirações literárias de um escritor têm origem em uma interseção complexa de fatores pessoais e experiência de vida e a passagem pelo CAV, foram pontos de ignição para as aspirações literárias de Herberto Sales.

Outro ponto que deve ser considerado é sobre Herberto Sales enquanto leitor, mas para isso devemos discutir concomitantemente, mesmo que de forma breve, sobre a educação no Brasil da Primeira República e pós Revolução de 1930. Isso para entendermos o contexto educacional da Bahia no qual Herberto Sales estava inserido. No período considerado as desigualdades eram enormes sobretudo de natureza regional e racial sendo refletidos na educação, a realidade geral mostrava o analfabetismo como um grande problema social, muito embora havendo gradualmente um declínio nas taxas de analfabetismo em toda federação ao longo dos anos. Segundo o censo de 1920 de cada mil pessoas na Bahia, dos indivíduos de 7 a 14 anos apenas 128 sabiam ler e escrever, e os indivíduos de 15 e mais anos apenas 270 sabiam ler e escrever (Ver figuras 4). Esses valores são expressivos com altas taxas de analfabetismo para uma população que não tinha acesso a instrução primária. Na figura 5 podemos ver essa projeção para o município de Andaraí na época.

Figura 4: Dados do censo de 1920 sobre leitura e escrita da população brasileira por estados.



Fonte: BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. *Recenseamento Geral do Brasil 1920*, v. IV, Parte 4ª – População.

Figura 5: Estatística do município de Andaraí no censo de 1920.

DIRECTORIA GERAL DE ESTATISTICA

CONVENÇÃO
CONVENTION

Homens
Hommes
Mulheres
Femmes
Total
Total

População de cada um dos Estados do Brazil, por municipios e districtos, segundo o grão de instrucção, o sexo e a idade

Population de chaque État du Brésil, par municipes et districts, d'après le degré d'instruction, le sexe et l'âge

MUNICIPIOS MUNICIPES	DISTRICTOS DISTRICTS	SEXO SEXE	SABEM LER E ESCREVER SACHANT LIRE ET ÉCRIRE				NÃO SABEM LER NEM ESCREVER NE SACHANT NI LIRE NI ÉCRIRE			
			0 a 6	7 a 14	15 e +	Total	0 a 6	7 a 14	15 e +	Total
			anos — ans				anos — ans			

ESTADO DA BAHIA

Andaraíh...	Andaraíh....	Homens.	11	167	817	995	419	285	1.095	1.799
		Mulheres	13	186	661	860	427	326	1.214	1.967
		TOTAL.	24	353	1.478	1.855	846	611	2.309	3.766
	Chique-Chique	Homens.	2	67	511	580	289	234	851	1.374
		Mulheres	3	56	227	286	281	230	913	1.424
		TOTAL.	5	123	738	866	570	464	1.764	2.798

Fonte: BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento Geral do Brasil 1920**, v. IV, Parte 4ª — População. p. 504.

Não obstante, utilizamos o censo de 1920 como parâmetro indicador do analfabetismo na Primeira República, pois em 1930 não houve censo e a seguinte só foi realizada durante o regime do Estado Novo em 1940, sob o governo de Getúlio Vargas. Conquanto a isso, Herberto Sales era uma dessas pessoas das estatísticas com instrução escolar, prerrogativa de poucos, por ser de categoria social privilegiada, que chega no CAV em 1930. Em seu depoimento relata que, até aquele momento de sua vida, havia lido apenas de três a quatro livros, a partir do contato com o colégio que conhece leituras de autores como Camilo Castelo Branco, Aluísio Azevedo, João Grave, Eça de Queiroz, Machado de Assis e posteriormente o seu arcabouço literário se amplia para Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Marques Rebelo, Amando Fontes, Dalcídio Jurandir que lhe causou bastante impressão por sua temática e vocabulário (Leal, 1978, p. 16).

Na posição social abastada em que Herberto Sales vivia, sua casa abrigava uma biblioteca particular, composta por aproximadamente cinco mil exemplares, continuamente atualizada com a chegada de livros e periódicos, enviados pelos correios por meio de reembolso postal. Essa biblioteca familiar tornou-se importante espaço para a formação de Herberto Sales, proporcionando-lhe acesso imediato à informação e ampliando suas habilidades de leitura e aprendizado contínuo em seu ambiente doméstico. Seus momentos de lazer eram dedicados

à composição musical e a leitura de obras indicadas por seu irmão, assim, imergindo em romances brasileiros e obras em inglês e francês (Sales, 2006, p. 145-151).

O espaço dedicado a guarda de livros, em município como a de Herberto Sales, aponta para situações de prática leitora legitimada por uma cultura livresca entre famílias de situação social privilegiada, em meio ao analfabetismo crônico da Primeira República. As dinâmicas estabelecidas nesses espaços de sociabilidade perpassavam entre o livro, o leitor e a leitura, e para a instrução familiar possivelmente haviam obras em várias áreas do saber. Heráclito Sales, pai de Herberto e Fernando era farmacêutico de formação, e por conseguinte, havia interesses além da literatura. Assim, a cultura das letras propagava a instrução e estimulava a leitura, entretanto trazia as marcas de uma proeminência elitista, de caráter privado, e a concepção de um espaço de prática leitora para um público particular instruído, como uma ilha em um mar de analfabetos. Sales evidencia sobre a vida intelectual de Andaraí em seu tempo da seguinte forma:

[...] eu vivia em num lugar onde não havia o menor interesse por literatura, ou por vida intelectual. [...] Era uma cidade inteiramente desligada de qualquer ideia de atividade intelectual, literária, etc. Mas na região havia a cidade de Lençóis, onde nasceu Afrânio Peixoto, que era um escritor lavrista, um grande romancista, um grande escritor brasileiro. Então em Lençóis houve sempre uma coisa em função de Afrânio Peixoto que levou, naturalmente algumas pessoas da cidade a se preocuparem com o problema literário, num plano talvez incipiente. Mas em Andaraí, apesar dessa vizinhança, dessa distância pequena de seis léguas, não havia. Andaraí era um lugar meio bárbaro. [...] Lençóis foi uma cidade que conviveu com a civilização. Um pouco ligada com a Europa, pessoas que iam e vinham, traziam coisas. Bibliotecas, pessoas letradas. Eu, por exemplo, consegui alguns livros da biblioteca de um cidadão de família muito importante, livros que tenho até hoje, livros de literatura inglesa, ensaios, inclusive, sobre as peças de Shakespeare, todos anotados, marcados. Em Andaraí, em plena região das lavras, isso não existia simplesmente, era uma terra meio bárbara, e ali eu nasci, com uma vaga informação de que teria havido uma pessoa que escreveu um romance, *Maria Dusá*, que se passa na região. Mas esse homem, que se chama Lindolfo Rocha, um romancista muito importante, teve uma origem muito misteriosa, e acabaram envolvendo-o com Minas Gerais. E hoje, parece, é pacífico que ele teria nascido em Minas Gerais e teria ido a Andaraí, ou vivido lá um pouco, quando teria escrito *Maria Dusá*. Mas, enfim, *Maria Dusá* era coisa que as pessoas mais antigas do lugar, aqueles garimpeiros mais velhos, ou mesmo não necessariamente garimpeiros, conheciam e falavam. Eu nunca tinha visto esse romance. Muitos anos depois o meu irmão Fernando Sales, este sim, muito envolvido com literatura, desde cedo, descobriu esse romance na Bahia, comprou, trouxe e me mostrou. Então, em Andaraí, havia meu irmão mais moço do que eu, que era uma pessoa interessada em literatura, e havia meu pai, que era um homem que gostava de ler e, diga-se de passagem, era um bom leitor, um leitor exigente, de bom gosto, o que pude concluir pelos livros que ele tinha em casa (Leal, 1978, p. 15,16).

Por conseguinte, a projeção literária de Herberto Sales enquanto autor/escritor ganha forma por meio de sua participação em um concurso de romance de 1942, quando apresenta sua primeira obra, intitulada *Cascalho* (Sales, 1944). Contudo, sua incursão na escrita já se delineava desde 1939, quando começou a esboçar seu trabalho inaugural, cujo título já estava estabelecido. O concurso representou uma motivação externa e uma oportunidade de publicação, contando com a participação de seu contemporâneo e amigo do CAV, Jorge Amado, ambos incentivados por Matilde Garcia Rosa, primeira esposa de Jorge Amado. Embora Sales não tenha vencido a competição, a repercussão de seu romance nos bastidores possibilitou a publicação da obra em 1944 pelas *Edições O Cruzeiro*, com uma tiragem inicial considerável de cinco mil exemplares (Ver figura 6 da sobrecapa e capa da primeira edição).

Figura 6: Sobrecapa e capa da 1ª edição de *Cascalho*.



Fonte: Sales, 1944.

A partir desse ponto, a publicação de Herberto Sales adquire visibilidade, gerando tanto elogios e críticas. Sua obra torna-se objeto de intensa controvérsia em Andaraí, pois aborda conflitos sociais e a exploração desmedida sobre os garimpeiros, além dos abusos policiais e da manipulação política exercida pelos coronéis locais. O autor passa a enfrentar ameaças de morte alimentadas por rumores circulantes na cidade. Diante dessa adversidade, em 1948,

Sales é compelido a deixar Andaraí e estabelecer-se no Rio de Janeiro. Na capital carioca, Herberto Sales assume o cargo de editor nos *Diários Associados*, onde permaneceu até 1971. Durante esse período, consolidado na cidade, ele continua a escrever romances e fortalecer sua carreira de escritor, acumulando um total de trinta e um títulos publicados ao longo de sua vida, alguns dos quais traduzidos para outros idiomas.

À vista disso, a consolidação de uma literatura nacional, de valorização e preservação ligadas ao autor/escritor foram estabelecidas a partir da criação da Academia Brasileira de Letras (ABL) no final do século XIX, como agente da construção da nacionalidade por meio da literatura. O academicismo é uma honra concedida em termos de relevância e reconhecimento social, proporcionando maior visibilidade e respeito no mundo intelectual, o autor vinculado à ABL torna-se o *homo academicus*, na concepção de Silva (2008), identificado como o indivíduo letrado no sentido de um *status* de escritor. Sendo assim, no período da Ditadura Militar, Herberto Sales alcança um marco significativo em sua vida ao tornar-se membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 6 de abril de 1971, em discurso, ele declara que “[...] a carreira de escritor culmina nas galas acadêmicas” (Carvalho e Sales, 1976, p. 25), o que significa ter,

“[...] sucesso junto ao público leitor, para atuação na imprensa, para aceitação social, para participação na cultura dominante local, para sua inserção em esferas administrativas do Estado, para a formação de uma consciência do intelectual e sua atuação na sociedade, base para a conformação de uma literatura nacional independente (Silva, 2008, p. 198,199).

Ser membro da Academia Brasileira de Letras não apenas confere prestígio, mas também oferece a oportunidade única de estabelecer relações com importantes figuras da elite intelectual, política e empresarial. Esse *status* representa uma das mais elevadas distinções na vida cultural do Brasil, conferindo ao indivíduo o título de “imortal” por meio do trabalho permanente da instituição direcionado à veiculação e recepção das obras do autor mediante as “práticas da imortalidade” (Cunha, 2014). As oportunidades de publicação, bem como os espaços de interação social, através da consagração intelectual do autor, ou seja, sua canonização, solidificando ainda mais seu *status* de “imortal”, são as prerrogativas para os seus membros eleitos.

Sobre a representação do intelectual, Said (2005) explora a concepção de Benda, retratando-o como alguém de distinção social capaz de dissimular suas “[...] luminosas intuições dos princípios eternos” (Said, 2005, p. 21). Em contrapartida, segundo a perspectiva gramsciana, o intelectual é encarado como aquele que desempenha diversas funções na sociedade,

ligadas à produção e disseminação do conhecimento. Na visão de Foucault, por sua vez, o intelectual não deve restringir-se a ser apenas um produtor teórico ou acadêmico, mas sim, engajar-se ativamente na formação e transformação das dinâmicas de poder na sociedade. De qualquer forma, o intelectual exerce um papel público na sociedade, com sensibilidades críticas e políticas que lhe permitem analisar contextos sociopolíticos e culturais. Ao assumir a cadeira número três da Academia Brasileira de Letras (ABL), Herberto Sales marcou uma etapa de legitimação de seu *status* social como um intelectual específico da literatura brasileira.

Desse modo, em 1974, o Instituto Nacional do Livro (doravante INL) recebeu um novo diretor, Herberto Sales, que assumiu o cargo com o objetivo de liderar a instituição em uma nova fase. O Instituto Nacional do Livro (INL), órgão estatal responsável pela difusão da cultura literária no país, foi criado pelo decreto-lei nº 93 de 1937, fazendo parte das políticas de cultura implementadas pelo Estado Novo (1937-1945). O INL estava vinculado ao Ministério da Educação (MEC), em substituição ao Instituto Cairu. Sua principal missão era organizar, editar e distribuir livros, além de auxiliar na manutenção de bibliotecas públicas. Desde o início, o INL também foi designado para publicar obras raras ou de importância bibliográfica nacional, bem como criar uma enciclopédia brasileira e um dicionário que refletisse as peculiaridades da cultura do país. Além disso, era responsável pela edição e distribuição de livros didáticos.

Assim, o INL cumpria um papel considerável no governo, promovendo a formação cultural do país e implementando políticas voltadas para a circulação de obras literárias em um contexto de construção da identidade nacional brasileira. De forma que se tornou um setor estratégico de intervenção estatal no desenvolvimento do segmento literário, apoiando escritores, e outras instituições relacionadas ao livro. Em 1990, as atividades do INL foram encerradas e suas atribuições foram transferidas para a Fundação Biblioteca Nacional (FBN). O INL foi então transformado em um departamento da FBN, concentrando-se principalmente na tradução e promoção de livros brasileiros no exterior (Hallewell, 2017, p. 435-438). O *Jornal do Commercio*, por meio do seu articulista, lamentava o desmantelamento do INL questionando “[...] por que se mutilou o Instituto Nacional do Livro, que tão bons resultados apresentou sob a direção de Adonias Filho e Herberto Sales?” (Jornal do Commercio, 5 de maio de 1992, p. 4).

Sales ocupou a direção do INL de 1974 a 1984, durante um período em que o instituto recebeu financiamentos significativos do governo devido ao chamado “milagre econômico”. Esse período foi marcado pela maior atuação do INL na produção e distribuição de publica-

ções literárias, técnicos e didáticos. Nessa fase histórica, da Ditadura Militar, de maior autoritarismo no país, o governo interveio no sentido de controlar a produção de livros e, portanto, investiu na instituição.

Não obstante, essa época também ficou caracterizado historicamente como uma fase extremamente repressiva e autoritária da Ditadura Militar. O regime havia se iniciado em 1964, mas foi durante o governo de Costa e Silva (1967-1969) que o Ato Institucional Nº 5 (AI-5) foi implementado, intensificando a violência, incluindo casos de tortura, desaparecimentos, exílio de artistas e mortes. Essa política repressora afetou significativamente os direitos civis e políticos, levando ao aumento da militarização do estado e impondo restrições severas à liberdade de expressão. Somente em 1978, com a abertura gradual do regime militar, o AI-5 foi revogado, encerrando essa fase de intensa repressão (Ridenti, 2005).

Sales, enquanto diretor do INL, teve um papel importante no programa editorial do país, contribuindo para sua produção e distribuição de livros. No entanto, é importante ressaltar que, nesse contexto durante a Ditadura Militar, havia uma clara dominância e subordinação do INL devido ao aparato repressor que exercia supervisão e censura sobre a cultura nacional. Apesar disso, o INL conseguia manter certa autonomia, mesmo que limitada, em relação ao momento histórico, que estava sendo vivenciada (Galucio, 2009). Entrementes, há um debate em relação a Herberto Sales e sua suposta cooptação pelo regime militar em razão ao cargo que ocupava no INL, conforme abordado por Góes (2010, p. 17). Soares (2013, p. 21-23) defende uma postura de neutralidade por parte de Sales durante esse período, destacando inclusive a publicação de obras consideradas “esquerdistas” pelo próprio instituto.

Não obstante, um dos livros de Sales lançado durante o regime militar foi *O fruto do vosso ventre* (Sales, 1976), no qual Soares (2013) analisa as relações entre essa literatura específica, a história e a atuação profissional de Herberto Sales. A obra aborda diversos temas relacionados ao período ditatorial, endossando a possibilidade de que Sales fosse um escritor engajado, crítico ao regime, apesar de ser funcionário do próprio governo que o nomeou. Soares (2013, p. 21) acredita que essa literatura tenha sido uma forma de intervenção política por parte de Sales, considerando a possibilidade de que a censura do instituto não fosse tão rigorosa.

Sem embargo, a trajetória de Herberto Sales como figura pública e intelectual foi marcada por diversos momentos importantes. Ele ocupou cargos nos *Diários Associados*, empresa de Assis Chateaubriand, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras e posteriormente assumiu a direção do Instituto Nacional do Livro, o que lhe proporcionou uma ampla rede de contatos e influência durante toda sua vida. Em outro momento, em virtude do reconheci-

mento e prestígio de suas obras literárias, os romances de Herberto Sales passaram a ser incluídos como leitura obrigatória em alguns vestibulares da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Seu prestígio e sociabilidade são evidentes através da vasta correspondência que recebeu de políticos, escritores e outros intelectuais de sua época (Ver quadro 3 e figura 7). Uma parte dessas correspondências estão disponíveis em acervo na Biblioteca Herberto Sales em Andaraí-Ba, aguardando catalogação e estudos sob diversas perspectivas filológicas e disciplinas humanísticas. Outra parte das correspondências de Sales foi publicada na dissertação de Waichenberg (2012) e posteriormente divulgada em capítulo de livro (Waichenberg, 2017, p. 49-75), focalizando as correspondências trocadas entre Herberto Sales e Accioly Neto, este último diretor de redação da revista *O Cruzeiro* por mais de 40 anos.

No quadro 3, apresentado de forma parcial, é possível vislumbrar o círculo de amizade e relacionamentos de Herberto Sales, revelando alguns dos nomes que estavam em interação com ele e participavam desse contexto social. O quadro está estruturado em ordem crescente de datas, destacando os nomes dos remetentes, o tema de cada correspondência e a atividade/ocupação de cada um deles.

Quadro 3. Correspondências de Herberto Sales.
Correspondências recebidas por Herberto Sales

Remetente	Assunto	Atividade/ocupação	Data
Afonso Arinos	Agradecimento	Jurista, professor.	03/12/1970
Pedro Calmon	Inauguração de museu em Lençóis.	Jurista, professor, político.	24/12/1970
Cassiano Ricardo	Votos de feliz ano novo.	Jornalista, escritor.	01/01/1971
Hermes Lima	Notícias sobre casamento.	Professor, político.	11/12/1972
Carlos Lacerda	Sobre o livro <i>Cascalho</i>	Jornalista, político.	25/09/1976
Jarbas Passarinho	Agradecimento por receber reitor.	Político, Ministro da Educação.	17/01/1977
Luiz Henrique Dias Tavares	Notícias sobre o livro <i>História da Bahia</i> e novo romance de Jorge Amado.	Historiador, professor.	12/02/1979
Ney Braga	Agradecimento.	Político.	05/04/1979
Luís Câmara Cascudo	Sobre livro publicado pelo INL.	Folclorista.	07/08/1979
Alceu Amoroso Lima	Agradecimentos.	Professor, escritor.	16/11/1981
Jorge Amado	Agradecimento por cartão.	Escritor.	07/02/1983
Luiz Viana Filho	Agradecimento por livros.	Político.	10/08/1983
Ruy Espinheira Filho	Sobre livros.	Poeta e escritor.	15/09/1983
José Sarney	Impossibilitado de com-	Político, escritor.	19/09/1983

	parecer a um compromisso.		
Carlos Chagas	Agradecimento por convite.	Médico sanitarista.	20/09/1983
Maria Alice Barroso	Sobre a posse na Biblioteca Nacional.	Escritora.	26/04/1984
Evaldo Cabral de Melo	Recolhimento de livro.	Professor historiador.	03/06/1984
Antônio Torres	Agradecimento por entrega de livros.	Escritor.	03/07/1985
Fernando Sabino	Agradecimento por receber um livro.	Jornalista, escritor.	17/09/1985
Alberto da Costa e Silva	Envio de um livro	Diplomata.	Sem data
Carlos Drummond	Encaminhamento de livro.	Escritor.	Sem data
Cid Seixas	Sobre livro de poesia para ser publicado.	Professor, escritor.	Sem data
João Cabral de Melo Neto	Agradecimento por livro recebido.	Diplomata, poeta.	Sem data
José Américo	Reconhecimento de solidariedade prestada.	Escritor romancista.	Sem data
Nelly Novaes Coelho	Agradecimento por receber livro.	Professora, escritora.	Sem data

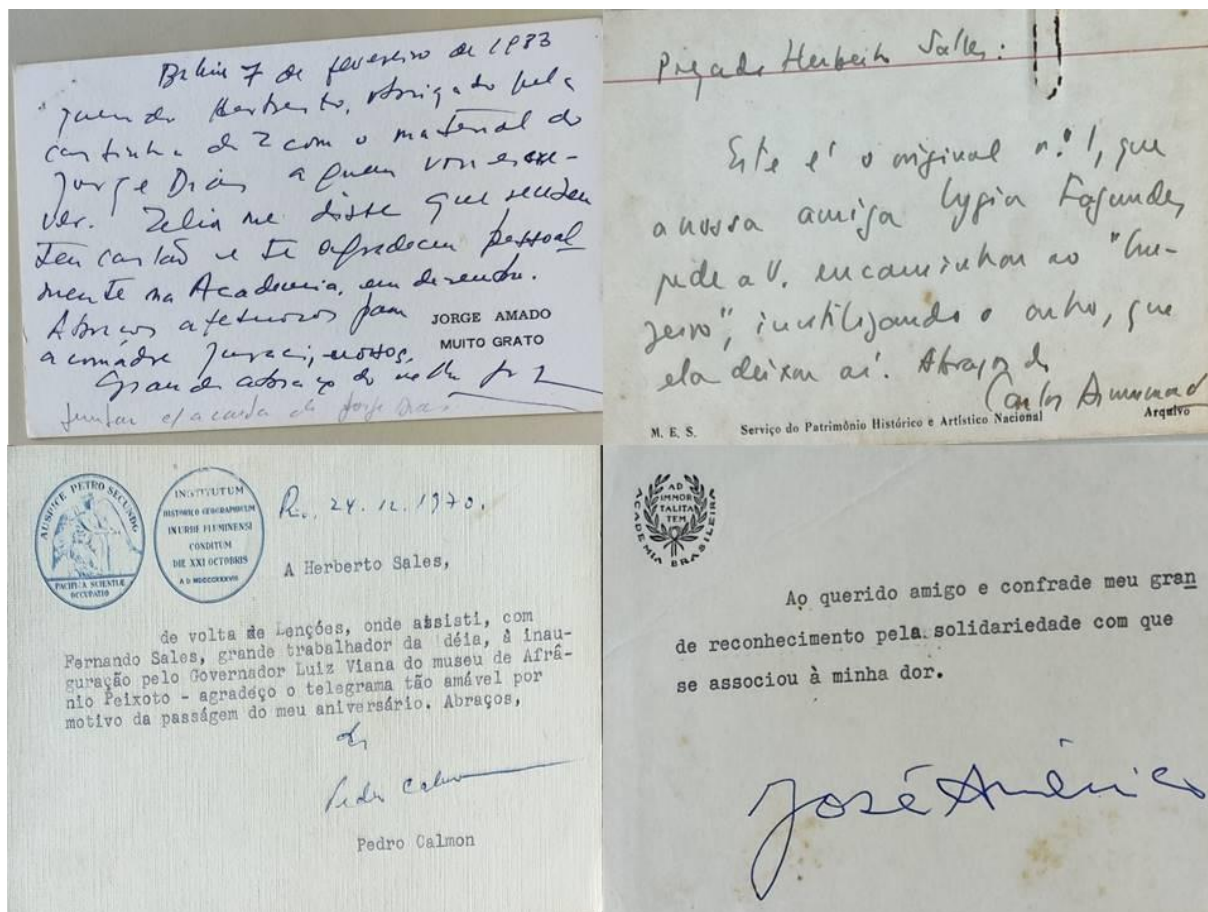
Fonte: Biblioteca Municipal Herberto Sales, Andaraí – BA.

Esta breve relação das correspondências recebidas por Herberto Sales, provenientes de reconhecidos escritores e figuras da sociedade brasileira de sua época, como já foi mencionado, estão preservadas na Biblioteca Pública Municipal Herberto Sales, localizada em Andaraí, Bahia. O acervo foi gentilmente doado à biblioteca pelos familiares de Sales, com o intuito de preservar a memória do escritor. Assim, o conjunto de correspondências abrange aproximadamente quatrocentos itens, englobando uma variedade de formatos, como cartões padronizados, cartas, bilhetes e cartões de visita. Importa destacar que esses documentos ainda não foram completamente catalogados, visando facilitar o acesso e a compreensão desse rico acervo (Ver figura 7).

Em 1996, aos 79 anos, Sales recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela UFBA, em um momento que marcou a legitimação de seus conhecimentos e realizações no campo da literatura. Durante a cerimônia de concessão do título, em seu discurso, expressou sua saudade pela Chapada Diamantina, mencionou a influência dos professores do CAV e compartilhou episódios de sua vida como romancista (Sales, 2017, p. 21-28). Essa homenagem representou um marco em sua carreira. No entanto, em uma sexta-feira 13, do mês de agosto de 1999, no Rio de Janeiro às 18h30min no Hospital Barra D’or, na Barra da Tijuca, falecia Herberto Sales. Seu corpo foi velado no Salão dos Poetas Românticos, na sede da ABL, e sendo sepultado no Mausoléu da ABL, no cemitério São João Batista. O *Jornal do Commercio* (1999, p. A9) e

Jornal do Brasil (1999, p. 18) anunciavam seu obituário no dia seguinte e fariam uma série de homenagens por meio de artigos e notas nas edições subsequentes.

Figura 7: Algumas das correspondências recebidas por Herberto Sales.



Fonte: Biblioteca Pública Municipal Herberto Sales.

Não obstante, a bibliografia de Herberto Sales configura-se como fontes para estudo, documento literário e dialetal, que, por meio de suas narrativas, transmitiu sua visão de mundo, expressando o tempo e o espaço de sua região. A sua perspectiva apresenta facetas para compreender a diversidade e amplitude da sociedade brasileira. Sua produção é multifacetada que não se restringe apenas aos estudos literários, mas como ponto de partida para investigações interdisciplinares que envolvem estudos de história, sociologia, antropologia, estudos culturais, devido à contextualização que proporciona. O quadro 2, da página 32, mostra a dimensão das pesquisas realizadas tendo como tema suas obras literárias. No âmbito da pesquisa linguística seus romances podem ser considerados uma espécie de biografia linguística, pois documentam de forma significativa a história, a sociedade, e a cultura da Chapada Diamantina.

A produção, circulação e recepção da obra de Herberto Sales constituem um discurso literário que se desenvolve e se enquadra em um momento histórico no Brasil. Seu discurso é composto por elementos pesquisáveis que proporcionam investigações no contexto sócio-histórico-cultural. Além do mais, a literatura de Herberto Sales ressoa através de seu vocabulário, transmitindo um senso de identidade e delineando a região de suas origens. Sua obra possui relevância documental como discutido por Augusto (2007), que considera a literatura herbertiana um documento para se conhecer aspectos sócio-históricos da Chapada Diamantina. Em nosso caso, observamos os aspectos linguísticos de uma realidade social ao propor um vocabulário do escritor. Com isso, seus romances vão além dos elementos estéticos e comunicacionais, revelando a região por meio da escrita do autor Herberto Sales.

Todavia, o estudo em cena, é um diálogo interdisciplinar para a construção de uma dialética multifacetada para tratar da trajetória do texto literário de Herberto Sales. Essa discussão visou trazer à tona diferentes significados, indo além do texto impresso, para delinear um registro de como constituiu as circunstâncias sociais, aceitação e distribuição de sua obra, pois, o autor vincula-se como representante literário da Chapada Diamantina, ao ter como projeto literário classificar vocabulário, temáticas, personagens de seu lugar de pertencimento identitário. Assim, o próximo tópico examina a obra *Cascalho* (Sales, 2011 [1944]) e outros romances do autor, o que inclui as escolhas editoriais, a recepção, a crítica e a promoção da obra nos meios de comunicação na época.

2.2 O ROMANCE *CASCALHO* E SUAS RELAÇÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E CULTURAIS COM A CHAPADA DIAMANTINA

No tópico anterior abordamos precisamente sobre o território da Chapada Diamantina e as reflexões relacionadas ao autor/escritor Herberto Sales. Neste tópico pretendemos tratar especificamente do romance de estreia *Cascalho* (Sales, 2011 [1944]) em seu contexto como produto cultural que reflete e é influenciado pelos contextos mais amplos de sua criação. Consideraremos os processos sociais que moldaram sua produção, circulação e recepção, assim, os dispositivos de leitura da história cultural das práticas ou mesmo da sociologia do texto, como direcionamento interpretativo, para “ler” a obra de Herberto Sales que revelam como o romance foi moldado pelas perspectivas editoriais da época.

Os postulados para levantamento de dados e análises, estão ancorados nas propostas de Certeau (1998), Chartier (2002, 1998), Foucault (2009, 2008), Ginzburg (1989), Le Goff (2003) e McKenzie (2018), que concorre para possibilidades de reflexão e elaboração de um

constructo teórico que elucida nossas inquições. Por essa razão, o itinerário investigativo procurou responder a questões orientadoras sobre o escrevente e o contexto de produção. Dessa maneira, a criação de uma obra literária envolve a contribuição de diversas mãos, incluindo revisores, tipógrafos, editores e outros colaboradores, tanto de forma direta quanto indireta. Além disso, é necessário ponderar sobre o público-alvo para o qual a obra é direcionada – isto é, os possíveis leitores do romance, seus interlocutores, que podem ser críticos literários ou indivíduos envolvidos na análise e discussão da obra.

Entretanto, é crucial reconhecermos os limites das fontes de estudo e documentação, especialmente, considerando o encerramento de atividades das editoras em que desconhecemos os encaminhamentos dado aos seus arquivos editoriais. Isso resulta na perda de informações vitais como tiragem, métodos de produção e detalhes tipográficos. O que oferecemos aqui é um conjunto de conhecimentos e possíveis averiguações dentro das possibilidades permitidas pela pesquisa, conscientes das lacunas e desafios que emergem devido à falta de acesso a certos dados materiais.

Desse modo, procuraremos nos guiar pelas questões levantadas, não na ordem que se apresentam, mas no sentido de trazer a lume análises e reflexões da obra de Herberto Sales, enquanto objeto de estudo. Assim, considerando o tempo histórico, a sociedade e a cultura para elucidar o caráter documental de seu escrito literário como testemunho linguístico. Focalizaremos no vocabulário do autor, isto é, ao processo criativo que envolve a criação e manipulação das palavras, muito embora a obra seja um discurso concebido pelo escritor, que passa por subjetividades e complexidades, a abstração construída por Sales, demarca sua região de pertença por meio de sua temática e linguagem evidenciada em sua obra.

Em vista disso, adotamos em alguns aspectos, a abordagem interpretativa fundamentada em Chartier (2002), Foucault (2008) e Ginzburg (1989) em relação à história cultural, que apresenta rupturas com a história tradicional das ideias e suas continuidades. A história cultural está na atualidade, direcionada nos termos propostos por Foucault (2008), que se abstém da linearidade constituída historicamente. Então, o discurso que atravessa um texto, em nosso caso, o texto literário, carrega resquícios de sua trajetória temporal. Assim,

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como *documento*, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio,

na qualidade de *monumento*. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um "outro discurso" mais oculto. Recusa-se a ser "alegórica" (Foucault, 2008, p. 157).

A partir das ideias de Foucault (2008), Ginzburg (1989) propõe um modelo epistemológico ou paradigma que sugere a análise minuciosa de um objeto, observando cuidadosamente seus detalhes através de um método indiciário, com o objetivo de captar “[...] uma realidade mais profunda” (Ginzburg, 1989, p. 150). Assim como na arqueologia proposta por Foucault (2008), por meio de “escavação” intelectual permite reconstruir um processo histórico do texto/objeto, trata-la como “[...] uma entidade profunda invisível, a ser reconstruída para além dos dados sensíveis” (Ginzburg, 1989, p. 158). Ao adotar essa abordagem, a escala de análise não se restringe apenas às grandes estruturas macroscópicas, mas propõe estruturas microscópicas, ou seja, enfoca na “[...] singularidade inimitável das escritas individuais”, como Ginzburg definiu no conceito de micro-história (Ginzburg, 1989, p. 161).

Diante dessa perspectiva, buscamos estabelecer uma convergência dessas ideias no estudo do vocabulário de Herberto Sales. E nesse sentido, consideramos essas fontes, que possuem natureza histórica, como documento/*corpus* que nos levam “[...] ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços em branco da história” (Le Goff, 2003, p. 109). Ademais, a abordagem de Le Goff (2003) representou a quebra de um modelo historiográfico tradicional de pesquisa, abrindo caminho para novas fontes, novos temas, novas abordagens e campos de estudo, inclusive contribuindo para a sociologia do texto. Dessa maneira, Le Goff (2003, p. 110) afirma que,

Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estar sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade.

Essas reflexões sobre o documento em torno do estatuto metodológico da História, ao abordar um campo de estudo deu uma nova perspectiva para diálogos com outras humanidades, na operação de instrumentos que outras disciplinas acadêmicas oferecem. Sendo assim, Chartier (2001; 2005), Le Goff (2003), McKenzie (2018) e outros estudiosos que vieram dessa renovação epistemológica, perceberam que o texto está gerido por uma historicidade, em que, as materialidades impressas possuem um “itinerário” como afirmou Petrucci, (2002, p. 11). Entrementes, esse itinerário envolve uma série de singularidades históricas que pode ser

recuperada por meio do estudo documental, em nosso caso, da obra herbertiana, nos possibilitando compreender em como foram escritos e reverberaram na sociedade brasileira.

Na perspectiva de McKenzie (2018, p. 77) “[...] o texto como forma registrada é preminentemente, um fato *bibliográfico*”, com isso, as estruturas que o ordenam são múltiplas e englobam uma quantidade de conhecimentos, os quais se apoiam em vários campos do saber. Embora não seja tão simples essa operacionalidade, nas palavras de Chartier (2002, p. 14, 15), a “[...] anexação dos territórios dos outros”, com suas técnicas e abordagens específicas, resulta na condição de “[...] renovação audaciosa”, tendo em vista, a apropriação dessas condições conceituais e metodológicas para compreensão do texto/objeto. Diante disso, as configurações literárias e linguísticas do vocabulário inscritas no texto constituem representações do mundo social, sendo uma projeção da historicidade e da cultura do sujeito autor. Desse modo, necessitamos ousar nesse direcionamento, apesar dos desafios dessa operacionalidade.

Por conseguinte, a literatura de Herberto Sales possui o sentido de pertença e o delineamento regional da Chapada Diamantina, pelo uso específico de palavras e expressões para transmitir a paisagem e atmosfera da região. A obra *Cascalho* (2011), como marco literário inicial de sua carreira, possui essa significância documental por meio de vocabulário local, as experiências cotidianas do garimpo, as subjetividades das pessoas e de suas práticas, os vocábulos como expressão do modo de vida, descritores geográficos e como as pessoas interagem entre si e com o garimpo. Seus escritos possuem o mérito que ultrapassa os aspectos estéticos comunicacionais por resguardar em seu vocabulário formas linguísticas que desvendam a região e formas de imaginar a sociedade da época. Com isso, demarca por meio da linguagem literária e estilística própria as marcas vocabulares de uma região. Herberto Sales escreveu seu texto em consonância ao que Marroquim (1996 [1934], p. 14) salientou:

Na linguagem cotidiana todos falam a nossa verdadeira língua, a nossa saborosa língua brasileira, com a sua prosódia profundamente diversa da portuguesa, e com expressões e sintaxe bem nossas.
[...] escritores brasileiros que perderam o medo ao tabu da gramática “portuguesa” e estão escrevendo seus livros no português do Brasil, com os modismos sintáticos peculiares ao nosso falar.
Quanto ao léxico, não é de hoje que as livrarias estão cheias de ótimos livros a que é necessário acrescentar um glossário, para serem compreendidos em todo o Brasil.

À vista disso, a obra de Herberto Sales é um discurso literário produzido e contextualizado com a atmosfera e sentimentos associados à Chapada Diamantina por meio de adjetivos, metáforas e outros recursos literários que desvendam linguisticamente a região. O seu

discurso é uma soma de elementos pesquisáveis que abre caminhos para investigações no âmbito sócio-histórico-cultural de suas localidades situadas nas Lavras Diamantinas.

Sendo assim, a contextualização sócio-histórica do romance de estreia de Sales (1944) ocorre em um cenário característico do Brasil da primeira metade do século XX, marcado por uma predominância rural, com maioria da população ainda analfabeta e acentuadas desigualdade social e econômica. Nesse período, os intelectuais, na configuração política do país, buscavam construir uma identidade pátria fundamentada em premissas ligadas à história recente, ao mito da democracia racial, à questão racial e ao sentimento de pertencimento nacional. Esses intelectuais empenhavam-se em desmistificar a imagem de um país governado sob a égide do patriarcado e de coronéis, que subjugavam africanos em diáspora e indígenas por meio de práticas elitistas. A intenção era deixar para trás as influências do messianismo e do banditismo, visando projetar uma nação unificada em direção à urbanização e civilização. Essa busca por modernidade era uma premissa concebida pelas elites brasileiras. Dessa maneira, o Brasil experimentava um contexto de desenvolvimento econômico impulsionado pelas políticas varguistas e de transformações sociais (Augusto, 2007, p. 60-64; Garcia Jr., 2011, p. 22).

Desse modo, nas décadas de 1920 e 1930, emergiram novas perspectivas sobre território e nação, buscando valorizar as particularidades das diversas regiões do Brasil. Isso contrastava com a visão homogeneizadora e centralizadora que predominava na época. Gilberto Freyre (1952) liderava grupo de intelectuais que advogava pela ideia de que as distintas regiões brasileiras desempenhavam um papel importante na construção da identidade nacional. Suas concepções foram fundamentais para promover uma maior apreciação para além da produção do eixo sul-sudeste, o que reverberou na renovação da literatura brasileira, influenciando gerações de escritores como Graciliano Ramos e João Guimarães Rosa. Assim, os romances produzidos na época exploravam predominantemente o universo rural, com editoras dando destaque a essas obras.

Convém destacar que o conceito de regionalismo na literatura brasileira surge no século XIX, durante a transição do Império para a República, inicialmente para designar uma produção literária da valorização da tradição cultural brasileira. No entanto, nesse período, o conceito de regionalismo ainda era muito vago e impreciso. Ao longo do tempo, críticos e pensadores divergiram sobre uma conceituação ao regionalismo literário, entre os quais se destacam Sílvio Romero, Antônio Cândido, Alfredo Bosi com discussões sobre a ideia de regionalismo na literatura. No entanto, é importante notar que o discurso regionalista frequentemente carrega uma carga semântica associada à excentricidade, ao atraso e ao exotismo, o que pode ser

percebido como preconceituoso. De maneira geral, os historiadores da literatura veem o regionalismo como expressão que explora as peculiaridades locais que distinguem uma região das outras, retratando tipos, costumes e linguagens específicas, com problematização política, como é retratado nos romances de escritores da chamada geração de 30 do século XX.

Quando se estabelece já nos primeiros anos do século XX, a discussão sobre a dicotomia entre o nacional e o regional, Gilberto Freyre (1952) ao promover o debate em torno das tradições locais, rejeitava o nacionalismo retrógrado, que implicava no sentido de imprimir a “civilidade”, uma tentativa de nivelamento em que a estrutura regional deveria alcançar seja no sentido econômico, social e cultural; Ao mesmo tempo em que reforçava a distinção entre modo de vida urbano, tida como letrada e civilizada, e o cenário provinciano, considerado atrasado e rural. Essa perspectiva de nacionalismo, revelou-se como uma concepção colonizadora, que retratava o regional como o “exótico”, o distante do outro (Bosi, 2002).

Assim, a discussão sobre o regionalismo perpassa todo o início do século XX e, ao ser retomada em 1930, abordando questões sociais e retratando o homem do interior, frequentemente marginalizado pela sociedade questionando o etnocentrismo das capitais e grandes centros. A proposta de Freyre (1952) valorizava o senso da paisagística e vida da região e o patriotismo regional, que na visão de Cândido (2000) seria uma versão do nacionalismo modernista, do antropofagismo, trazendo uma narrativa para o lugar não-hegemônico.

No entanto, alguns historiadores da literatura brasileira rotularam a produção regionalista como inferior, apontando impasses estéticos nos romances, como a dificuldade de encontrar universalidade, especialmente nos registros das falas regional. Entrementes, a oralidade sempre esteve intrinsecamente ligada à escrita literária considerada regionalista, servindo como um marcador cultural e ideológico representativo dos marginalizados, aspectos estes valorizados pelos escritores. Quanto a isso, essa visão do regional é vista como objetivando apenas a apresentar o que é pitoresco sem um comprometimento com outras questões e problemáticas da sociedade (Bosi, 2006).

Outra crítica ao regionalismo repousava ou sobre uma consciência amena dos problemas sociais, ou por outro lado, por uma posição ideológica do escritor, ou seja, o regional sendo suplantado, como elemento secundário, e excedido pelo viés político do autor em retratar com mais densidade as problemáticas do povo. Essa preocupação com o social foi bem incorporada pelos escritores nordestinos problematizando em seus escritos a reforma agrária, o poderio da igreja católica e dos coronéis, e além disso, as questões sociais como analfabetismo, precariedade dos serviços públicos e distância entre o governo e a sociedade, sendo esta abordagem concebida como regionalismo crítico.

Ademais, as discussões envolvendo os historiadores da literatura ao longo do século XX sobre regionalismo, mostraram sendo argumentos inconsistentes com a tentativa de hierarquizar ou minimizar a obra considerada regional com a justificativa dos autores utilizarem clichês do exótico e pitoresco ou armadilhas estéticas de apresentarem um nacionalismo ufanista como no Romantismo. Assim, o regionalismo literário possui muitas particularidades que vão desde a questão da identidade nacional às discussões sobre as problemáticas sociais do Brasil interiorano. Os muitos paradigmas interpretativos das produções literárias podem ser sintetizados como uma interpretação dialética entre cosmopolitismo e localismo determinante para a compreensão em como a literatura considerada regionalista se comportou no século XX e suscita debates até os dias de hoje.

Por outro lado, quando se trata do impacto do romance como um produto cultural, o mercado editorial da década de 1930 recepcionou muito bem esse segmento literário. Nesse contexto, o empresário e editor José Olympio sobressaiu-se como um agente na promoção e disseminação dos chamados escritores do “norte”, demonstrando uma preferência por novos talentos e estabelecendo uma estreita relação com a Academia Brasileira de Letras, visando identificar promissores nomes literários. Essa colaboração estratégica estabeleceu novos padrões editoriais, destacando-se por parcerias e colaborações significativas. O catálogo da editora José Olympio abrigava obras emblemáticas de autores que exploravam questões sociais, políticas e culturais em um contexto editorial inovador, no que diz respeito aos “romances do Nordeste”. Com o respaldo de tiragens consideráveis e a prática de pagamento antecipado aos autores, José Olympio empregou estratégias editoriais que não apenas consolidaram sua posição no mercado livreiro nacional, como também ampliaram o alcance e a influência desses novos escritores. Essa abordagem editorial visionária foi fundamental para pavimentar o caminho de José Olympio como um dos protagonistas no cenário literário da época, conforme apontado por Garcia Jr. (2011), Sorá, (2010) e Villaça, (2001):

Os novos escritores regionalistas se endereçavam, pois, a um público em crescimento; um de seus componentes principais era formado por leitores, também eles, descendentes de patriarcas rurais. Os novos leitores, letrados que só tinham frequentado o mundo urbano por ocasião do prolongamento de seus estudos, foram muito receptivos aos romances que tratavam de “nossos temas, nossos problemas” em um estilo e uma linguagem que se aproximavam dos usos de todos os dias (Garcia Jr., 2011, p. 27).

Dessa forma, os “romances do nordeste” não apenas descrevia fatos sociais, mas também os contextualizava dentro da paisagem do interior. Esse enfoque permitia que a literatura

contribuísse no sentido de apresentar as problemáticas do mundo rural a uma parcela da população que, mesmo morando nos centros urbanos, ainda estava conectada com suas raízes interioranas. Nesse contexto, surgem os primeiros escritos de Herberto Sales. Seu estilo romanesco se destaca entre uma série de obras que, ao lado das produções literárias de José Américo de Almeida, Raquel de Queiróz, José Lins do Rego, Jorge Amado e outros autores, exploravam, por meio de suas vivências e narrativas, um Brasil até então pouco explorado no cenário editorial. Sales (2017, p. 25) enfatizou:

O romance de denúncia social me trouxe pelo reembolso postal a grande novidade literária: Romance do cacau. Romance da cana de açúcar. Romance da seca. Por que não romance dos garimpos? Também sobre os garimpos, como nos outros casos, o tema já tinha sido objeto de outros romances no passado. Mas, que importava o tema? Todo tema é novo quando novo é o seu tratamento.

A discussão sobre identidade e caráter nacional aparecia em contextos diversos nessas obras, sendo seus autores “intérpretes” da sociedade brasileira. Os autores consideravam os aspectos característicos da cultura nacional destacando as paisagens, as tradições, a culinária, as linguagens, os espaços rurais do país como defendia Freyre (1952) em seu manifesto. As obras tratavam da realidade social de forma ampla e diversa destacando as relações de poder e disparidade econômica, sendo um substrato discursivo ideológico da composição social do país. Assim, as concepções do *Manifesto Regionalista* eram cristalizadas em seus adeptos em oposição ao modernismo paulista à predominância de histórias centradas no eixo Rio-São Paulo (Santos, 2011).

Com o início da Grande Depressão de 1929 nos Estados Unidos, seguida por seu impacto global, no Brasil havia dificuldades de se importar livros da Europa. A maioria dos catálogos brasileiros consistia em títulos estrangeiros. Diante desse cenário, novos editores voltaram-se para autores nacionais, não apenas como medida econômica em resposta à crise, mas também em sintonia com a “nova tendência” modernista nacionalista (Garcia Jr. 2011, p. 27). Como resultado, os bens simbólicos, como a literatura brasileira, experimentaram um aumento em sua produção a partir de 1935, contribuindo para expansão do mercado literário nacional. Pois, o mercado editorial brasileiro na época se consagrava com uma nova geração de escritores em mutação cultural que mudava seus paradigmas. Novos autores trataram de descortinar o mundo agrário/pastoril brasileiro, delineando uma representação das realidades interioranas. Apresentavam as raízes dos lugares mais distantes dos grandes centros urbanos, a brasilidade rural (Garcia Jr., 2011; Sorá, 2010).

De outro modo, a Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922, em São Paulo, insuflava a ideia de uma “república das letras” baseada no “moderno”, “social”, “regionalista” em detrimento do “estrangeirismo”, “erudito” e “linguajar rebuscado e mecânico”. Contudo, não podemos pautar a modernidade literária e de outras vertentes em uma centralidade paulista, como afirmou Soares (2005, p. 38) , “[...] orientados por um olhar e um modo paulista de entender o Brasil, enfim um olhar do centro para a periferia”, pois já havia uma pluralidade de manifestações irrompendo na primeira metade do século XX, com uma escrita direcionada a uma função social, mais contestadora, e atenta as problemáticas sociais do país por meio de uma literatura mais crítica quanto a essas questões.

Todavia, na Bahia, o modernismo teve sua particularidade. Após perder o *status* de capital do Governo Geral para o Rio de Janeiro em 1763, o deslocamento do eixo político e econômico trouxeram ao lugar uma posição periférica em relação ao novo centro nacional. Esse rearranjo, ao perder sua condição de capital colonial, resultou de um declínio relativo da influência de Salvador como centro de poder e tomada de decisões nos aspectos políticos, econômicos. Esse desprestígio da “rainha destronada” seria mais acentuado com a vinda da família real portuguesa em 1808 para o Rio de Janeiro e finalmente com a guerra da independência da Bahia (1822-1823), após esses eventos, sua elite experimentavam maior desfalecimento quanto ao seu posicionamento na geopolítica brasileira (Leite, 2012; Soares, 2005).

Essa contextualização na perspectiva literária, segundo Almachio Diniz (1911), a Bahia ocupava outrora um lugar de primazia no campo romanesco contribuindo para a formação nacional, ocupando o lugar de centralidade no plano cultural. Diniz (1911) defendia que a literatura nacional fora gestada na Bahia, a partir dos padrões e estéticas portuguesas. Após perder sua primazia de capital, o estado baiano formaria uma nova cultura, oriunda da população de origem portuguesa, indígena e africana, que passaria a contribuir para uma identidade bastante peculiar (Soares, 2005, p. 49). Desse modo, Salvador passaria em sua particularidade a se diferenciar do restante do Brasil, criando uma cultura de aspectos africanas e portuguesas.

Durante a nova ordem republicana, a Bahia por meio de suas elites ainda procurava retomar a opulência e o reconhecimento perdidos, em todos os aspectos, sejam políticos, econômicos e culturais. No contexto cultural, a Bahia teria um papel nesse sentido, pois o grupo *Arco & Flexa* seria responsável por disseminar ideias próprias modernistas no estado e a *Academia dos Rebeldes* seria uma instituição no campo artístico e literário de resistência aos modelos dominantes. Assim, o conceito de “tradicionalismo dinâmico” era inserido nos debates literários, por meio dos periódicos entendendo que a concepção de regional, como uma série de elementos caracterizantes de um grupo em detrimento, a outros elementos de aspectos

nacionais. Com isso, o modernismo em sua versão paulista não surtiria tanta repercussão em solo baiano, apesar de chegarem notícias por meio de revistas e de pessoas que estiveram em São Paulo ou Rio de Janeiro, ganharia outros contornos ressaltando com os valores da cultura local por meio das ideias do “tradicionalismo dinâmico” (Soares, 2005; Alves, 1978).

Alves (1978) considera que a perda da posição política, enquanto capital para o Rio de Janeiro, colocou a Bahia em uma postura de precaução a tudo que fosse externo. Assim, o modernismo em solo baiano teria contornos diferentes com características estéticas étnico antropológico com olhar para suas culturais de matriz luso-africana. Desse modo, a disseminação das ideias modernistas começa a impactar o cenário cultural baiano impulsionado por uma geração de artistas que incluía nomes como Jorge Amado, Mário Cravo Júnior, Carybé, Pierre Verger, Dorival Caymmi, entre outros. As bases da modernidade baiana começaram a se estabelecer, por uma representação mais ampla da cultura afro-baiana desses artistas. Ao mesmo tempo, a fundação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1946 e as ideias de Anísio Teixeira sobre educação contribuíram para criar um movimento cultural que conferiu um lugar e um sentido da Bahia na construção do imaginário brasileiro.

Desse modo, é significativo compreender a historicidade das práticas de escrita que um autor demonstra, as condições de produção, a contextualidade e o *devoir* na materialidade do impresso. Uma obra possui interdependência com o momento sociocultural de uma época, como esboçado de forma sucinta anteriormente, configurando em um testemunho de seu tempo, atravessando gerações. Por isso, a razão de entender a transmissão do texto dado, na espacialidade e temporalidade, captando as suas nuances em inserir uma abordagem da sociologia do texto, considerando os limites e as possibilidades, na obra de Herberto Sales.

Tendo em vista o exposto, para Certeau (1998) a linguagem como construção de uma pluralidade de significações, e esse produto, o livro, é resultado de uma tipologia de leitura de mundo, do ambiente, pois “[...] lê-se uma paisagem como se lê um texto” (Certeau, 1998, p. 265). O *corpus* selecionado da obra de Herberto Sales insere-se nessa leitura do ambiente, seja o ambiente natural ou social. A operação codificadora de seus textos perpassa pela atividade autoral tomado pela autonomia semântica, como o próprio Certeau (1998, p. 266) menciona existindo um “[...] tesouro escondido na obra”. Esse é o sentido para uma historiografia literária para a obra de Herberto Sales, a busca pelos significados históricos do contexto autoral, literário e social. Portanto, existe uma fronteira a transpassar para além do livro escrito, a descoberta dos dispositivos socioculturais por detrás do texto herbertiano, no sentido de desvendar o que está latente, o que está implícito no cenário textual, no palco de suas práticas para desvendar a incógnita de onde emerge a sua textualidade.

Diante disso, cabe conjecturar sobre as possíveis influências de outros romances a Herberto Sales, como *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha (1980 [1910]), *O diamante verde* de Almachio Diniz (1981[1910]), *A cidade encantada - contos* de Xavier Marques (1920), *Contos do norte* de Alberto Rabello (1927), *Bugrinha* de Afrânio Peixoto (1972 [1928]) e *Garimpos* de Herman Lima (1932), todas com publicação anterior a obra *Cascalho* de 1944 que tematizam a “civilização do diamante”, conceito utilizado por Walfrido de Moraes (1963) (Cerqueira, 2018, p. 43). Em seu discurso ao receber o título de doutor *Honoris Causa* em 1996, Herberto Sales revelou uma perspectiva singular em seu romance sobre sua obra *Cascalho* (Sales, 1944), ao declarar que: “[...] o tema já tinha sido objeto de outros romances no passado. Mas, que importava o tema? Todo tema é novo quando novo é o seu tratamento” (Sales, 2017, p. 25). No âmbito do romance brasileiro, emergiu uma expressão vanguardista, que o próprio Sales intitulava de “rebeldia criadora”, em consonância com sua identificação popular, no panorama literário da época.

Quando ainda residia em Andaraí, Herberto Sales possuía apenas uma “vaga informação” (Leal, 1978, p. 15) sobre a obra *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha (1862-1911), a qual era comentada pelas pessoas de idade mais avançada da localidade. Somente anos mais tarde, por intermédio de seu irmão que “descobriu” o livro na capital baiana e comprou, assim, Herberto Sales teria adquirido um exemplar. Em 1944, ele compartilhou suas impressões sobre o romance na edição 36 da revista *O Cruzeiro*, destacando sua importância para a literatura do garimpo. E surpreendeu-se com o “silêncio” que envolvia a obra, não encontrando nenhuma citação ou trecho em antologias brasileiras, mas ficou impressionado ao descobrir que os nomes de Lindolfo Rocha e *Maria Dusá* eram mencionados em um livro estrangeiro que tratava do Brasil e suas regiões, em *Brazil today and tomorrow* de Elliott (1917). Seu romance é considerado a primeira narrativa publicada sobre as lavras diamantinas expondo dois cenários o da seca e o ciclo do diamante em torno de uma comunidade lavrista em Xique-Xique, hoje conhecida como Igatu, distrito de Andaraí.

Outro indício da influência de Lindolfo Rocha sobre Herberto Sales pode ser observado no romance *Os pareceres do tempo* (1999 [1984]), que estabelece uma conexão com *Iacina* (1907) ao mencionar os mesmos indígenas Maracás do romance de Lindolfo, bem como os nomes dos personagens centrais, Iacina e Cinimú (Sinimu). Essa referência evidencia uma espécie de homenagem feita por Herberto Sales, retomando o romance indigenista que aborda tanto ao tema, quanto aos protagonistas explicitados em sua própria obra (Sales, 1999, p. 79, 141).

Lindolfo Rocha (1907; 1980 [1910]), por seus romances, imprimiu características locais em seus personagens por meio da linguagem e da representação da paisagem social. Todavia, conforme apontado por Silva (2023), a escassez de editoras locais resultou na impressão de obras como *Maria Dusá* em Portugal, enquanto a instabilidade editorial na Bahia contribuiu para a falta de reconhecimento entre autores locais, como Lindolfo Rocha, na tradição literária. A recepção pouco satisfatória de suas obras e o subsequente ostracismo não o inseriram entre os principais expoentes da literatura brasileira nos círculos acadêmicos. Contudo, trabalhos foram realizados dando relevância a essas obras consideradas “menores” e renegadas pelo tempo, no intuito de contribuir para a história literária e trazer a lume o reposicionamento de autores, como é o caso de Lindolfo Rocha (Silva, 2023).

Sobre Afrânio Peixoto (1876-1947), se destacou como romancista ao retratar personagens femininas como protagonistas no escopo de sua produção literária. Dessa maneira, por meio de uma escrita realista produziu obras interpretativas da sociedade brasileira que passava por profundas mudanças estruturais para uma condição urbana/industrial. Ao tecer uma espécie de “manifesto feminista”, ao problematizar a condição da mulher, mesmo em contexto social de expansão urbana, ainda arraigada no patriarcalismo. Assim, suas obras estão assentadas no psicologismo da mulher com a preocupação em desvendar perfis da essência feminina como o é em *Bugrinha* (1972 [1928]), que se destaca pela ênfase nas alocações de seus personagens e pela evocação das Lavras Diamantinas como cenário e contexto da trama (Ribeiro, 2023; Fernandes, 2018).

Além disso, um dos episódios da trajetória pessoal do médico Lençoense Afrânio Peixoto foi em relação a sua candidatura à Academia Brasileira de Letras em lugar da vaga deixada por Euclides da Cunha. Seu oponente, conterrâneo de estado, Almachio Diniz que apresentou pedido de impugnação, com justificativa de intempestividade, pois Afrânio fizera inscrição fora do prazo estabelecido e por terceiros, a ABL rejeitou o recurso e Afrânio foi eleito. Diniz ainda concorreria em três ocasiões não vencendo nenhuma. Contudo, foi presidente de honra da Academia Baiana de Letras que mais tarde seria extinta, e posteriormente com a fundação da Academia de Letras da Bahia ocuparia a cadeira trinta e sete.

O soteropolitano Almachio Diniz (1880-1937) possuía formação jurídica e suas incursões literárias enfatizavam os costumes brasileiros, assim, em seu romance chapadeiro *O diamante verde* (1981 [1910]), que foi publicado no mesmo ano que *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha, descreve a trajetória de um sertanejo que chega na Chapada Diamantina imbuído de uma ambição por riquezas, acompanhada de uma determinação em alcançar fortuna e em proporcionar felicidade a uma jovem pela qual se apaixonou profundamente, entretanto, o ga-

rimpo lhe proporcionaria outras realidades. Nesse romance Diniz (1981 [1910]) utilizaria do vocabulário típico da região com fluidez verbal da terminologia da garimpagem na atmosfera dos processos de extração de diamantes (Cerqueira, 2018; Souza, 2016; Prado, 2014).

Herman Lima (1897-1981), cearense radicado na Bahia, trabalhou como ilustrador para as revistas *Fon-fon* e *O Malho*, viveu durante um ano em Lençóis exercendo a medicina em 1928, seguiu o trajeto comum de muitos escritores em direção ao Rio de Janeiro em 1931. De 1933 a 1937 foi auxiliar da presidência da República no regime de Getúlio Vargas. Em sua obra, ele desvela o cotidiano da região diamantífera, evidenciando os costumes e o dialeto local. Seu romance *Garimpos*, publicado em 1932 com tiragem de 3.500 exemplares e uma tradução para o espanhol, narra uma trama amorosa envolvendo um promotor da comarca que chega à Lençóis, casado com uma antiga paixão de um médico local. Mais tarde, quando essa mulher adoece gravemente, ela é cuidada pelo médico. Assim, como em outros romances, Lima (1932) inclui notas com um glossário de termos e expressões utilizadas nas comunidades garimpeiras (Cerqueira, 2018; Lima, 1967).

Quando o baiano nascido na Ilha de Itaparica, Xavier Marques (1861-1942), apresentou sua candidatura para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, recebeu apenas um voto, o de Machado de Assis. Contudo, em 1919, foi finalmente eleito para ocupar a cadeira vinte e oito, sucedendo a Inglês de Sousa. Além disso, em 1917, contribuiu para fundação da Academia de Letras da Bahia, onde ocupou a cadeira trinta e três, cujo patrono, Castro Alves, foi biografado por Xavier Marques, tornando-se uma referência para todas as outras biografias subsequentes. Marques é outro membro “imortal” da ABL que descreve a Chapada Diamantina em sua obra *A cidade encantada - contos* publicados em 1919. Seus romances são marcados pela minuciosa descrição da paisagem baiana, explorando os aspectos que caracterizam o universo territorial, social e cultural da Bahia. Ao retratar a Chapada Diamantina, ele apresenta uma experiência visual do cenário natural, enriquecida pela presença da comunidade local que imprime suas marcas identitárias na paisagem (Salles, 1977).

Assim, todos os romances de Xavier Marques têm a Bahia como cenário ficcional, o que o estabelece como um dos precursores da temática no estado, de acordo com os críticos de sua época. Ramos Jr. (2016) destaca o conto *A cidade encantada*, título que dá nome a sua obra, como uma precursora dos aspectos do universalismo de Guimarães Rosa. Esse tom rosiانو é perceptível quando o autor mergulha nesse universo que se desdobra por meio da paisagem, revelando detalhes de uma fauna como um “segredo” que o leitor desvenda página após página. Essa abordagem de Xavier Marques recupera tradições da oralidade local, ligadas ao sertão e à vida garimpeira, destacando-se pelo lirismo de sua escrita.

Seguindo a mesma perspectiva de Xavier Marques, em 1927, Alberto Rabello apresentou sua coletânea de contos intitulada *Contos do norte*, uma obra que descreve as diversas regiões da Bahia. Organizada em quatro grandes temas: *Nas Lavras*, *No Sertão*, *No Recôncavo* e *No Litoral*, a obra desdobra-se em uma série de contos específicos que exploram essas áreas distintas. Os contos sobre as Lavras, por exemplo, captam os costumes e os detalhes do garimpo, trazendo à tona a paisagística da Chapada Diamantina como um cenário idílico, evocando uma sensação de beleza e elementos bucólicos.

Essas narrativas, ambientadas no município de Lençóis, parecem ser fruto de uma metódica pesquisa de campo, no qual o autor imergiu nas histórias locais ou testemunhou vivências em primeira mão, evidenciado pelos trechos de músicas e o vocabulário exclusivo do garimpo presentes nos contos. Adicionalmente, é importante ressaltar que Alberto Rabelo ocupava uma posição proeminente entre os intelectuais da Bahia durante a *belle époque* (1900 a 1930), sendo membro da Academia Baiana de Letras, fundada em 1910 e precursora da Academia de Letras da Bahia (Machado Neto, 1972, p. 283).

Seguindo a tradição literária dos romances que exploram a “civilização do diamante”, surge a obra de Filgueiras Filho, intitulada *Ametistas de Caititu*, publicada em 1963. Filgueiras Filho, nascido em Santos, São Paulo, dedicou parte de sua vida às atividades ligadas à mineração viajando por todo o Brasil. Durante sua estada nas Lavras Diamantinas, principalmente em Itaetê e Palmeiras, no estado da Bahia, ele se envolveu em trabalhos relacionados à extração de ametistas, acumulando experiências valiosas sobre essa modalidade de garimpo.

O aspecto único de sua obra reside na temática voltada para a mineração de ametistas, em contraste com a mais comum mineração, a de diamantes, encontrada em outros romances do gênero. *Ametistas de Caititu* não apenas conta uma história de amor e suas consequências, mas também se destaca pela vívida descrição da vida na região, abordando aspectos dos trabalhos nas minas e explorando a geografia peculiar do local. O romance teve sua idealização em 1937, quando o autor esboçou suas ideias, mas foi somente em 1960 que ele retomou a obra, enriquecendo-a com suas experiências documentadas sobre a paisagem, os costumes e os dramas enfrentados pela comunidade garimpeira (Cerqueira, 1918).

O fato mais surpreendente dessa tradição literária surge em 1967 com o romance *Lavras Diamantinas* de Marcelino José das Neves (1841-1918). Escrito em 1870, fins da Guerra do Paraguai, o autor nascido em Caetité, Alto Sertão da Bahia, havia residido por um tempo na Chapada Diamantina, em retorno à sua terra natal escreveu o romance. Por não ter recursos suficientes não publicou em sua época, ficando os originais em posse da família por quase cem anos. Poderia ser publicado em 1898 a 1903 quando foi lente de Pedagogia na Escola

Normal de Caetité, a qual chegou a ser diretor, mas por circunstâncias não conhecidas não fora publicada nessa oportunidade.

Com o intuito de homenagear a memória de seu pai, Maria Theodolina Neves Lobão, com a guarda dos originais, decide publicar postumamente o romance escrito quase cem anos por Marcelino José das Neves. Cronologicamente, a obra de Neves (1967), foi a primeira descrição romanesca da paisagem e a vida na Chapada Diamantina durante o apogeu do garimpo. A narrativa aborda uma família de retirantes sertanejos em busca de melhores condições de vida, enquanto também explora os conflitos entre diferentes facções garimpeiras a posse de terras. O autor oferece as primeiras crônicas do povoamento da região, destacando como os municípios foram formados pela determinação de homens e mulheres seduzidos pelo espírito de aventura do garimpo (Cerqueira, 2018; Neves, 1967).

Esses escritores, alguns predecessores de Herberto Sales, elegeram a Chapada Diamantina como cenário principal para suas criações fictícias. Como observou Cerqueira (2003, p. 23) esses autores conceberam “[...] quadros diferentes que se movem em torno da mesma paisagem”. De outra maneira, a bibliografia literária da “civilização do garimpo” também são publicações com temas desenvolvidos nas localidades, assim, *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha (1980 [1910]) é o romance de Xique-Xique de Igatu e Mucugê, *O diamante verde* de Almachio Diniz (1981[1910]) é o romance de Palmeiras, *Contos do norte* de Alberto Rabello (1927), *Bugrinha* de Afrânio Peixoto (1972 [1928]) são romances de Lençóis, os demais *Garimpos* de Herman Lima (1932), *Ametistas de Caititu* (1963) de Filgueiras Filho, *Lavras Diamantinas* de Marcelino José das Neves (1967) e *A cidade encantada — contos* de Xavier Marques (1920), abrangem toda geografia regional da Chapada Diamantina.

Assim, as inferências acerca das obras que exploram a Chapada Diamantina estão imersas em um imaginário que se desenvolve e perdura pela própria essência desse território identitário. Nesse sentido, as representações literárias das Lavras Diamantinas demandam um reposicionamento dentro da história da literatura brasileira e baiana, com pesquisas e estudos direcionados às suas obras e autores. Embora haja contribuições significativas na atualidade, ainda persistem lacunas, interpretações e aspectos singulares que merecem atenção na história da literatura e da linguística. Isso inclui o apagamento historiográfico de personalidades importantes como Almachio Diniz, Xavier Marques, Lindolfo Rocha, Alberto Rabello e Filgueiras Filho. A Chapada Diamantina, enquanto expressão artística literária, apresenta enredos e cronologias que abrangem diversas épocas, fornecendo registros, documentos e discursos que destacam a história, a sociedade e a cultura da região. Esses aspectos são fundamentais para promover discussões e conhecimentos sobre o tema.

O romance *Cascalho* (Sales, 1944), o marco inicial da trajetória literária de Herberto Sales, obteve uma repercussão superior em relação às obras de seus antecessores. Esse sucesso de crítica e vendas foi materializado por adaptações para os quadrinhos, cinema e traduções em diversos idiomas. Sua narrativa incorpora os usos linguísticos e costumes locais, conferindo uma marca memorialística da região. Destacando-se, ainda mais, encontramos sua riqueza vocabular abundante, um aspecto ressaltado pelo crítico literário Sérgio Milliet (2011, p. 14):

Há em *Cascalho*, além do valor literário, uma importante contribuição ao estudo do vocabulário e da sintaxe de toda uma região. Do ponto de vista do estilo e da língua será talvez, esse, o melhor e mais sedutor aspecto do romance. Acontece ainda que, ao contrário do que fizeram numerosos regionalistas, não se trata, no caso, de uma anotação erudita e morta, e sim de uma penetração viva e aguda, de uma comunhão real do autor com o meio descrito. Seus garimpeiros falam e agem sem nenhum esforço dentro do desenvolvimento do tema. Não se sente a presença de um observador, de caderninho em mão a registrar palavras exóticas ou metáforas curiosas, para com a matéria-prima colhida, contar histórias falsas, artificiais em sua trama e na psicologia dos protagonistas.

O romance trata daquilo que perfazia seu cotidiano e convivência social: do garimpo, lugar de mandos e desmandos dos coronéis, marcado pelos contrastes entre a riqueza que brota da terra e o estado de pobreza e miséria que viviam as classes populares. Conforme Milliet (2011) a obra nos proporciona um contato com palavras e construções linguísticas típicas da linguagem regional/popular, dentro do microcosmo da região diamantífera, elencando um rico acervo linguístico, fundamental para a catalogação e estudo linguístico.

Com isso, o romance *Cascalho* (Sales, 1944) foi originado a partir do Concurso Interamericano de Romances de 1942, promovido no Brasil por Zélio Valverde, um renomado editor de livros. No entanto, Herberto Sales, enfrentou contratempos durante o processo de inscrição, enviando apenas uma cópia do manuscrito original, quando eram exigidas três. Após ser desclassificado devido a essa falha, desiludido, Sales destruiu o único exemplar restante em sua posse. Entretanto, Aurélio Buarque de Holanda, que estava presente no concurso, reconheceu o valor do vocabulário utilizado na obra e decidiu preservá-lo para seu dicionário em desenvolvimento. Graças à intervenção de Aurélio, o romance foi salvo do destino de ser incinerado junto com os outros manuscritos não premiados. O editor Marques Rebelo foi informado dessa intervenção e conseguiu a cópia do romance. Finalmente, em 1944, foi lançada a primeira edição de *Cascalho* pelas *Edições O Cruzeiro* (Sales, 2006, p. 134-137).

O vocabulário que despertou o interesse de Aurélio Buarque durante a elaboração de seu dicionário conferiu destaque ao romance de Herberto Sales. Foi o vocabulário singular de

Sales que impediu que *Cascalho* fosse consumido pelo esquecimento, diferenciando-o dos outros concorrentes desclassificados naquele concurso. A composição criadora de Sales passava pelo coloquial, brasileirismos e conceitos populares oriundos da Chapada Diamantina, sob a problemática do garimpo. As expressões autênticas das Lavras Diamantinas são concebidas por Sales, por sua intervenção artística, revelando, por meio da língua, as nuances culturais do garimpo. Esta linguagem documenta aspectos sociais e culturais, e também retrata o ser humano em sua condição de subalternidade. Dessa forma, *Cascalho* (1944) transcende as páginas como testemunho vívido da vida e das lutas na Chapada Diamantina. Assim,

[...] o autor recolhe termos em trânsito ou até envelhecidos (termos estratificados portugueses que por vezes se confundem com regionalismos brasileiros) para o levantamento oralizante característico de toda uma região linguística – assim, caracteriza logo o lugar, os personagens, a língua e até as constantes psicológicas da sociedade em foco (Brasil, 2002, p. 17).

A pesquisa de Ribeiro (2021, 2020a, 2020b), com campos lexicais do romance *Cascalho*, demonstrou um considerável quantitativo de lexias referentes ao garimpo das Lavras Diamantinas. Por conseguinte, as palavras no romance transmitem uma série de elementos emotivos, físicos, constante para descrever a localidade. A literatura tem bases de um sentimento regional/popular, Sales (2011 [1944]) descortinou a “alma vocabular garimpeira” revelando uma identidade linguística peculiar àquela região. O que de fato, descreve um português de base regional/popular demonstrado nas inovações lexicais registradas no romance. Assim, podemos perceber os conhecimentos relacionados sobre o garimpo por meio do extrato, a seguir, com vocábulos, terminologias próprias da garimpagem comprovando a naturalidade, a fluidez nas falas de cunho popular. A estratificação social também é percebida, vejamos:

Em outro grupo, com a sua grande masca de fumo no canto da boca, Benedito Lasqueado contava:

— Nosso serviço estava de pé. Fizemos um corte de caixão, e socamos terra preta até ficar que nem cimento. Recuamos a água toda, que devia ter uns três batidos, depois esquadreamos a cata, desmontamos, e metemos a broca no emburrado. Demos uns seis a oito tiros. Depois retiramos os estilhaços de pedras, e ferimos o cascalho pra conhecer a qualidade.

— A informação era bosta de barata? – perguntou Joaquim Boca-de-Virgem.

— Qual é bosta de barata, seu!

— Estou perguntando é porque bosta de barata é informação de arrozinho – explicou o garimpeiro. – E arrozinho aqui no Paraguaçu, você bem sabe, não dá nem a poder de reza.

— Quem encontrar cascalho arrozinho no Paraguaçu pode dizer “Até logo!”, porque senão morre de fome – aparteu outro homem.

Benedito Lasqueado retomou a conversa:

— Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhau pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! Repetiu, com ar gabola.

— Então você entrou foi no come calado, hem, seu mano? – aparteu um garimpeiro doca, que era sobrinho de Bertulino Mentira-Fresca, de Lençóis (Sales, 2011, p. 42).

O vocabulário de especialidade do garimpo: “broca”, “emburrado”, “bosta de barata”, “informação”, “arrozinho”, “cocá”, “feijão azul-oleoso”, “bugalhau”, “favinha”, “balinha”, dando uma delimitação, uma identidade representativa da região diamantífera, configurando-se como um dos recursos estilísticos de Herberto Sales para construir uma narrativa carregada de inovações lexicais. Constata ainda, do extrato, outras nuances como “doca” e “gabola”, os fraseologismos “poder de reza” e “come calado”. Os apelidos atribuídos aos garimpeiros: “Benedito Lasqueado”, “Joaquim Boca de Virgem”, “Bertulino Mentira-Fresca” dão uma conotação de naturalidade soando a linguagem do interior, em que, as pessoas são mais conhecidas pelas alcunhas que o próprio nome.

Dessa maneira, por meio do vocabulário Herberto Sales captou o cotidiano dos garimpeiros, os costumes, as tradições, a natureza, os tabuísmos e outros aspectos daquela vida interiorana. A história de uma região está impressa na língua do povo, assim, Sales (1944) em *Cascalho* soube em multiplicidade transportar a linguagem circunscrita das Lavras Diamantinas em sua narrativa de estreia. A linguagem resguardada pelas condições diatópicas daquelas terras reverbera na literatura e por sua vez adquire *status* de objeto de pesquisa do estudo do vocabulário. As observações de Milliet (2011) encontram sua validação na pesquisa linguística subsequente, demonstrando que décadas após sua publicação, não apenas *Cascalho* (2011), mas toda obra de Herberto Sales contribui significativamente para o estudo do vocabulário.

Com a publicação de *Cascalho* (1944), Herberto Sales deu início à sua carreira como autor de obras literárias, recebendo aclamação do público e reconhecimento da crítica especializada. Na segunda edição, lançada em 1951, o autor realizou revisões de cunho estilístico. Em 1956, a terceira e definitiva edição revisando alguns detalhes que considerou necessários; essa é a versão que as editoras continuam a publicar até os dias atuais. A partir dessa edição, a obra foi traduzida para diversas línguas, incluindo tcheco, romeno, italiano, coreano, espanhol, polonês e japonês. Além disso, *Cascalho* foi adaptado para história em quadrinhos em 1957 com uma republicação em 1977, e para o cinema, com dois filmes. A primeira versão cinematográfica estreou em 1950, produzida pela Sul Filmes, e dirigida por Leo Marten, contando com a participação do próprio Herberto Sales. Outro filme foi lançado em 2004, dirigi-

do Tuna Espinheira. Ambos os filmes foram filmados na Chapada Diamantina, em Andaraí, Bahia (Ver figuras 8 e 9 na página 65).

Figura 8: Na ordem que se segue: Capas das versões de *Cascalho* em quadrinhos de 1957 e reedição de 1977. Divulgação do filme em 1951. Capa do DVD do filme *Cascalho* produzido em 2004. A mesma textualidade para vários suportes de transmissão.



Fonte: Buscador de imagens Google Imagens. Acesso em 05 de set. 2022.

Figura 9: Divulgação do filme *Cascalho* em 1951.



Fonte: Pela mídia impressa carioca *O Jornal*, de 31 de março de 1951. Disponível no Twitter: @HistCineBrasil. Acesso em 18 de jan. 2023.

As revistas e jornais, por meio de notas, críticas e resenhas divulgavam as obras de Herberto Sales, ajudando a posicioná-lo enquanto autor no cenário da literatura brasileira. A revista *O Cruzeiro*, de circulação nacional, frequentemente apresentava suas obras ao público, beneficiado pelo fato de Sales trabalhar para o grupo de Assis Chateaubriand. As publicações incluíam influências, processos criativos, opiniões e indicações de obras, proporcionando uma visão do autor e seu trabalho. Os suplementos literários de jornais também apresentavam Herberto ao público leitor, frequentemente acompanhados de descrições positivas sobre seus ro-

mances. A cobertura por parte da imprensa foi significativa, gerando interesse e atraindo leitores, criando uma conexão entre autor e seu público. A ampla divulgação, especialmente pela revista *O Cruzeiro*, garantiu que as obras de Sales alcançassem um amplo público no Brasil.

Segundo a hemeroteca digital² da Biblioteca Nacional, que armazena o acervo da revista *O Cruzeiro* (RJ), existem 984 ocorrências, em um total de 225.198 mil páginas, com o nome Herberto Sales no período de 1928 a 1985. No entanto, nem todas se referem ao autor, pois algumas relacionam-se a outro Herberto ou liga-se apenas ao sobrenome Sales. Mesmo filtrando manualmente, página por página, apenas as ocorrências fidedignas, há ainda um número considerável de menções, evidenciando a cobertura extensiva da revista *O Cruzeiro* sobre os eventos da carreira de Herberto Sales. *O Cruzeiro* publicou diversas notas recomendando a leitura da obra *Cascalho* (1944). Na edição de 24 de junho de 1944, a revista anunciava: “A Editôra O Cruzeiro vai publicar o mais recente romance do sr. Herberto Sales, *Cascalho*” (p. 21). Na edição de julho, informava: “Já entrou em composição na Editôra o Cruzeiro, o livro do sr. Herberto Sales” (*O Cruzeiro*, Edição 37, 1944, p. 21). Nos meses subsequentes, outras notas do mesmo teor foram publicadas, sempre destacando a obra como novidade iminente. Finalmente, em 26 de agosto de 1944, o editor Marques Rebelo compartilhou sua impressão sobre o escritor e sua obra de estreia, tecendo vários comentários positivos:

[...] É de todos sabido que há escritores e romancistas. O ideal é que o romancista seja um escritor simultaneidade bem rara, aqui e em tôda parte. E é esta a qualidade exatamente, que torna as obras capazes de resistir ao tempo e servirem de marcos nos caminhos da literatura, que torna mais importante a estreia do jovem escritor baiano no nosso romance. Seu livro é extenso, e nos dando a visão panorâmica de toda uma sociedade mineira em desagregação, tudo é narrado, sem diminuir de intensidade, com uma segurança muito artística de quem sabe que não basta contar o que acontece, mas sim saber gravar as coisas num estilo que não se assemelhe ao do noticiário dos jornais, ou à formula dos relatórios floridos. As vidas que o escritor nos apresenta são numerosas e densas, e saltam como símbolos de um mundo de coisas que apodrecem inexoravelmente (*O Cruzeiro*, Edição 44, 1944, p. 21).

Essas notas foram publicadas mensalmente em 1944. Na edição de 11 de novembro de 1944, lia-se: “[...] Raros livros de estreia se revelam tão intensamente real” (1944, p. 34). *Cascalho* tornou-se um dos livros mais vendidos pela editora naquele ano. Em 1945, as publicações continuaram no mesmo ritmo, destacando a leitura da obra por professores universitários e alunos do Colégio D. Pedro II. Na edição de 26 de janeiro de 1946, autores como Afrâ-

² Cf. em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pesq=Herberto%20Sales&pagfis=38842>
Acesso em 02 de jul. de 2024.

nio Peixoto e Mário de Andrade expressaram suas impressões positivas sobre o romance. Em 17 de maio de 1947, a revista recomendava *Cascalho* como um dos principais livros para a formação de uma pequena biblioteca. Em 1948, *O Cruzeiro* anunciou a produção de *Além dos Marimbus* (1965 [1961]), e em 1949 a primeira edição de *Cascalho* já havia se esgotado, com a editora rapidamente preparando uma segunda edição.

Outros veículos de comunicação também publicavam sobre *Cascalho* (1944). Herberto Sales foi constantemente mencionado no *Jornal do Brasil*; na edição de 10 de junho de 1970, por exemplo, mencionava-se sua intenção de candidatar-se a uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL). Até sua eleição, o jornal seguiu noticiando sobre os candidatos, e em 7 de abril de 1971, na capa, anunciava Herberto Sales como imortal, eleito com 20 votos. O periódico continuou recomendando seus livros e noticiando suas ações na ABL. Segundo a hemeroteca digital³ da Biblioteca Nacional, que armazena o acervo do *Jornal do Brasil*, existem 484 ocorrências com o nome Herberto Sales abrangendo um longo período de mais de 50 anos, evidenciando a cobertura extensiva do *Jornal do Brasil* sobre os eventos da carreira de Herberto Sales, em sua maioria ligadas a ABL.

Outro periódico que trazia notícias sobre as ações de Herberto Sales era o *Jornal do Commercio*⁴. Na edição de 27 de agosto de 1990, o jornal mencionava Sales como um dos colaboradores do dicionário Aurélio, destacando sua contribuição para a propagação da linguagem da Chapada Diamantina por meio dos romances. Já na edição 86 da *Revista Nacional*, de 1995, em um depoimento assinado pelo diplomata César Amaral, celebrava-se os 50 anos do lançamento do romance *Cascalho* (Sales, 1944), relatando a trajetória de um desconhecido de Andaraí, na Bahia, e “A batalha do livro”, como foi denominada a trajetória da obra. Tarcísio Padilha, secretário-geral da Academia Brasileira de Letras (ABL) da época, publicou em 19 de agosto de 1999, no *Jornal do Commercio*, um texto que mencionava Herberto Sales, como um “[...] artesão da literatura”, retomando várias obras e seus atributos. Arnaldo Niskier, então presidente da ABL, o considerava como “[...] o mestre da prosa” na edição de 23 de agosto de 1999.

Ademais, como trata Certeau (1998), os motivos sociais e históricos, os fatos da transmissão e recepção do texto, nesse sentido, nos levam à presença do autor e todo seu entorno para uma historiografia de sua literatura, como apresentado, de forma sucinta, por meio das fontes jornalísticas. A sua textualidade também é necessária para o entendimento da obra

³ Cf. em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&Pesq=>
Acesso em 02 de jul. de 2024.

⁴ Cf. em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&pesq=Herberto%20Sales>
Acesso em 02 de jul. de 2024.

herbertiana. Sendo assim, destacar alguns aspectos da operação autoral e da textualidade é adentrar em como se organizou a subjetividade em face de uma época e um lugar, é invocar no texto todas as experimentações pessoais e coletivas do sujeito autor. No plano da escrita, a escolha do ambiente, personagens, os recursos expressivos, o vocabulário, a prosa e encadeamento das ideias são o nível elementar, são as pronunciações visíveis de primeiro plano para entendimento da obra.

O texto como objeto de estudo, em sua materialidade deve ser entendido de forma abrangente, por isso seu fundamento e identidade devem ser globalizantes em sua investigação. Nesse sentido, as categorias de estudo devem ser transcendentais pelas múltiplas experiências de difusão e desdobramentos do texto. Chartier (1998) e McKenzie (2018) propõe uma abordagem do objeto/texto em sua historicidade, pautadas no ideário de multidisciplinaridade, ou seja, o diálogo com outras disciplinas cooperando para apreender as condições histórica, cultural e social do objeto/texto. Desse modo, o texto literário é um produto das práticas sociais da escrita, que reverberam em diversas dimensões da vida em sociedade, com isso, a obra de um autor por mais imaginária, ficcional que seja, de alguma forma reflete a sociedade, a cultura e história de seu lugar de origem. Em muitos aspectos consegue imprimir uma representatividade da região chapadeira para dentro de seu romance.

A obra de Herberto Sales configura-se um documento/texto literário dialetal, registro de uma variedade linguística peculiar que, a seu modo, transmitiu sua percepção de mundo, a expressividade do espaço e tempo de sua região, espécie de biografia linguística, que a sua literatura tratou de documentar, por exemplo, os vocábulos próprios do garimpo: “almocafo”, “bugalhau”, “capangueiro”, “desbrutador”, “esbirro”, “farracho”, “gruna”, “lambreu”, “mamparra”, “mondubi”, “mosquitador”, “pequenito”, “restinga” (Ribeiro, 2020b). Assim, nos dá indícios de um vocabulário específico para entendimento, mesmo que seja parcialmente por meio da literatura, para compreensão da história, da sociedade, da cultura na Chapada Diamantina. O escritor possui uma longa produção literária, com dezenas de títulos, contudo, a obra de estreia *Cascalho* (Sales, 1944), é o romance mais significativo e representativo das Lavras Diamantinas, perfazendo parte do *corpus* da presente tese.

As capas dos romances *Cascalho*, publicadas em diferentes anos, revelam muito sobre o marketing literário e o impacto cultural ao longo do tempo. Elas nos permitem compreender como a obra foi apresentada e percebida pelo público em distintos contextos editoriais. As semelhanças entre as capas, conforme figura 10 (Página 69), estão na arte de representar o garimpo. A maioria delas apresenta uma arte referindo-se à atividade da garimpagem como a bateia, um elemento recorrente em muitas capas. A primeira edição, publicada em 1944 pelas

edições *O Cruzeiro*, incluía um vocabulário ao final da obra, algo comum nos romances da época. Apenas a primeira edição incluía o vocabulário, enquanto a edição da *Ediouro* apresenta notas explicativas para alguns vocábulos. Na terceira edição, de 1956, pela mesma editora a obra foi revista e ilustrada, sendo a única edição com ilustrações. Além disso, um prefácio do crítico literário Sergio Milliet foi adicionado, mesmo que breve, oferecendo uma análise crítica e contextual da obra, enriquecendo a experiência do leitor.

Figura 10: Percebemos a circularidade da obra pelo grande número de publicações das editoras e suas variadas artes de capa.



Fonte: Buscador de imagens Google Imagens. Acesso em 05 de set. 2022.

A edição pela editora *Civilização Brasileira*, publicada em 1975, apresenta o prefácio impresso na capa e contracapa. Em 1986, pela *Círculo do Livro*, a crítica de Sérgio Milliet foi incluída como posfácio, acompanhada de uma pequena biobibliografia, oferecendo duas versões: capa dura (encadernado) e em brochura (capa mole). A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia (ALBA), por meio da coleção *Ponte da Memória*, publicou em 2009 uma edição com prefácio do escritor Ruy Espinheira Filho, enquanto a crítica de Sérgio Milliet foi colocada tanto na orelha do livro quanto no posfácio. Essa edição também inclui uma pequena biografia na contracapa.

A publicação mais recente foi editada pela *É Realizações* em 2011. Essa editora, que planeja reeditar as obras de Herberto Sales utilizou uma capa encadernada em papel couchê fosco 150g e miolo em papel *bulk dunas* 80g. A nova edição preserva o prefácio de Sérgio Milliet e adiciona uma nota sobre a incorporação de correções e alterações apontadas pelo autor no seu livro de memórias (Sales, 2009b). Essa evolução nas edições de *Cascalho* revela mudanças no *design* e no material de encadernação, e reflete em como as editoras cuidaram da obra ao longo do tempo. Esses dados são apenas uma amostra limitada devido ao tempo e espaço da pesquisa realizada. No entanto, existe a possibilidade de uma análise de maior envergadura, envolvendo outras obras, suas traduções para outras línguas e a estimativa do quantitativo de vendas, além de outras nuances relevantes para esse campo de estudo. Essas são as possibilidades para futuros estudos que considerem esses critérios editoriais.

Herberto Sales, após o lançamento de *Cascalho* (Sales, 1944), publicou *Além dos Marimbus* que foi lançado em 1961, e também ambientado na Chapada Diamantina. Assis Brasil (2002, p. 23), considerou este trabalho como o “Romance perfeito”, destacando o aprimoramento e amadurecimento do escritor. Essa obra demonstra uma estrutura narrativa cuidadosamente elaborada, e apresenta um rigor estilístico mais refinado. Ao tematizar a atividade madeireira, o autor descreve a fauna, a flora e a determinação humana em explorar outra fonte de riqueza da região: a madeira. Mais uma vez, Sales (1965 [1961]) singulariza sua ligação com o local de origem por meio de uma trama de viagem, ressaltando a exploração humana e ecológica por grupos externos poderosos no intuito de capitalizar a natureza. Repetidamente lança mão do vocabulário e expressões característicos da Chapada Diamantina, com diálogos do dialeto regional emanadas do povo que as conhece, da oralidade cotidiana, da vida comunitária naquela espacialidade peculiar. Não há a mesma profusão de vocábulos encontrados em *Cascalho* (1944), mas complementa e faz surgir outras que não aparece no romance anterior.

Todavia, convém ressaltar que *Além dos Marimbus* (Sales, 1965 [1961]) foi gestado muito antes de *Cascalho*. Em 1939, Herberto Sales escreveu um manuscrito intitulado *As Árvores e o Rio*, que foi esboçado para ter dois tomos. Esse esboço foi posto de lado para dar lugar à ideia de escrever *Cascalho*. Somente muitos anos depois retomam aos manuscritos lançando sob o título de *Além dos Marimbus*. Percebe-se na figura 11 a divulgação de lançamento do romance para o ano de 1952, porém só seria apresentado ao público em 1961. Fica evidente o tempo do escritor em lapidar sua obra depois de várias revisões, retomadas e adiamentos para depois de anos ser lançado.

Figura 11: Divulgação do Livro *Além dos Marimbus* no Suplemento Letras e Artes de *A Manhã* de 1952/Edição 276.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/letras-artes/114774>. Acesso em 18 de jan. 2023.

A obra *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a [1965]), explora a temática da velhice humana e da solidão. O enredo do romance se decorre após o falecimento do senhor Marcelino, com o protagonista se empenhando em reunir lembranças pessoais, depoimentos de amigos e documentos para compor uma biografia do saudoso tio. Durante a narrativa, aspectos representativos da Bahia entrelaçam-se com descrições da capital e do interior, destacando-se por meio das reminiscências da memória do protagonista.

Apesar de ser classificado como um romance urbano, ele mantém conexões com as vivências do interior. Herberto Sales, por meio da obra, rememora sua própria juventude, quando se dirigiu à Salvador para concluir seus estudos básicos. Durante esse período, o jovem protagonista passa a residir na casa do tio Francisco Araújo, irmão de sua mãe e renomado empresário e comerciante. Nessa convivência, ele tem a oportunidade de testemunhar a rotina desse homem de negócios bem-sucedido, proporcionando ao leitor uma visão das experiências vivenciadas na transição entre a vida interiorana e o ambiente urbano de Salvador.

Ângela Vilma (2004, p. 29) coloca essa trilogia inicial dos romances: *Cascalho*, *Além dos Marimbus* e *Dados biográficos do finado Marcelino* como emblemas telúricos de Herberto Sales, arraigados em um memorialismo que circunscreve em suas experiências vívidas. Ou seja, são ficções memorialísticas que utilizam sua experiência pessoal, apresentando em sua literatura um vocabulário voltado para seu lugar de pertencimento identitário, a Chapada Diamantina.

Dessa forma, *Cascalho* (2011), *Além dos Marimbus* (1965) e *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a) são os romances inaugurais de Herberto Sales, enquanto que *Rio dos morcegos* (1993) e *A prostituta* (1996) representam suas últimas obras. *Rio dos morcegos* (1993) representa o regresso ficcional de Herberto Sales à terra natal, retomando a temáticas iniciais. Assim como nos primeiros romances, há elementos autobiográficos do autor. O per-

sonagem Marcelo retorna à sua cidade natal, sendo envolvido pelas lembranças de sua infância. No entanto, muito dos lugares, das pessoas e da paisagem mudaram, e sua busca por memórias passa pelo entrecruzamento do passado e presente, manifestando um saudosismo evidente.

A prostituta (1996) é o último romance publicado por Herberto Sales. A obra trata da personagem Maria Corumba, destacando sua trajetória em sociedade patriarcal, marcada por restrições culturais e preconceitos. Os meandros da vida de Maria, desde funcionária de uma fábrica de tecidos em Sergipe até sua passagem pela Pensão Andaraí (prostíbulo), são reconstruções de seus conceitos e experiências, direcionadas pela busca de condições financeiras que lhe permitam se mover nessa sociedade. O romance traça o perfil de uma mulher, como tantas outras mulheres de famílias sofridas, que enfrentam situações vexatórias, e precisam se deslocar entre diferentes níveis de realidade dentro de uma sociedade moralista, que também está em transformação social e cultural. Nesse romance, Sales presta uma espécie de homenagem a Amando Fontes, autor de *Os corumbas* (2003), ao citar a família Corumba, a espacialidade de Aracaju e outros contextos que colocam as mulheres no centro das atenções de uma sociedade marcadamente machista e sexista.

Em suma, os romances de Herberto Sales, aqui discutidos, tanto os iniciais quanto os finais constituem uma memorialística importante para captar seu vocabulário, que traz à tona, as marcas linguísticas de sua origem e identidade, refletindo seu lugar de memória e pertencimento. Esses romances específicos estão conectados memoristicamente às raízes identitárias do autor por sua região, abundando em um vocabulário ligado à Chapada Diamantina. Dessa forma, eles oferecem *corpus* significativos para preservação da linguagem chapadeira. Assim, o conjunto de sua obra está relacionado com a sociedade e cultura da Chapada Diamantina, estabelecendo uma conexão entre texto literário e vocabulário, em uma reconstrução do cotidiano daquela gente por meio da ficção. Isso oferece vocábulos expressivos dos ruralismos, do ambiente natural, da sociedade, da cultura, dos arcaísmos, dos indigenismos e outras múltiplas caracterizações de seu painel romanesco. A obra de Herberto Sales possui um patrimônio linguístico que justifica a necessidade de pesquisas relacionadas ao estudo linguístico e vocabular, dada a extensão e complexidade de seu vocabulário.

Figura 12: Capas das edições selecionadas de *Corpus* da obra telúrica de Herberto Sales: *Cascalho* (2011), *Além dos Marimbus* (1965), *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a), *Rio dos morcegos* (1993), *A prostituta* (1996).



Fonte: Fac-símile de acervo pessoal.

Por conseguinte, o vocabulário empregado por Herberto Sales em seus romances, revela uma riqueza sociocultural por meio de uma cuidadosa seleção vocabular. Nessas obras, observam-se uma quantidade significativa de vocábulos que retratam de forma vívida a experiência do garimpo da região da Chapada Diamantina, como afirma Seabra (2015, p. 73),

[...] a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como *signos operacionais*, é através dos nomes que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de *cristalizar* conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multiseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época [...].

Figura 13: Tradução de *Cascalho* em várias línguas. Da esquerda para direita: Romeno, Italiano, Espanhol, Russo, Francês, Polonês, Coreano e Japonês.



Fonte: Biblioteca Herberto Sales, Andaraí – Bahia.

A formulação de uma dialética sobre Herberto Sales, sua obra literária, a sociedade, a cultura a partir da sua obra literária exige romper fronteiras disciplinares para, conjuntamente por meio de outras formas de conhecimento, estudá-la sob múltiplas perspectivas. Por meio de investigação acadêmica, é possível interpretar as práticas e os usos sociais do texto/objeto em suas particularidades, da “[...] visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade” (Ginzburg, 1989, p. 178). Conforme apontado por Le Goff (2003), propomos uma concepção que problematiza a inter-relação entre os aspectos dessa dialética no objeto de estudo.

Foucault (2009), ao abordar o discurso oficializado, no caso o *corpus* literário, como fonte histórica, relaciona-o com as práticas sociais, favorecendo o registro de suas descontinuidades. Dessa forma, os discursos presentes no texto/objeto herbertiano estão envolvidos com práticas sociais, considerando as condições históricas para o aparecimento de sua discursividade. Essas condições históricas garantem os encadeamentos ajudando a formar as regularidades vocabulares. As posições sociais dos sujeitos dentro (personagens) e fora (autor e so-

cidade) do texto determinam o discurso e formação do objeto. Além disso, a formação discursiva é um conceito que produz sentidos a partir de modalidades do lugar institucional, social (*status*) e outras categorias, emergindo por meio de uma arqueologia do conhecimento desses constructos históricos.

A pertinência deste trabalho reside na abordagem metodológica que integra a sociologia do texto e dos estudos do vocabulário na presente seção do projeto literário de Herberto Sales. Essa abordagem corrobora para traçar perfis linguísticos de viés identitários, por meio do vocabulário, observando vários aspectos das transformações socioeconômicas e políticas ocorridas na região. Ademais, a apresentar uma descrição reflexiva do autor relacionado parcialmente ao conjunto de sua obra. O vocabulário do romance herbertiano conserva elementos para estudo de sua história social, contribuindo para o aprofundamento das investigações linguísticas voltadas para a Chapada Diamantina.

3 ENTRE PALAVRAS E TEXTOS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O ESTUDO DO LÉXICO

Nesta seção discutiremos as perspectivas teóricas sobre o estudo do léxico estabelecendo as relações entre Lexicologia e Lexicografia, além de frisar o estudo lexical relacionado com a Literatura. Dessa maneira, a fundamentação teórica trará uma compreensão e levantamento da progressão dos estudos lexicais, dando-nos um panorama da produção e teorização acadêmica relacionada à Lexicologia, Lexicografia e pesquisas que possuem a literatura como *corpus*. Assim, cada campo de análise será fundamentado tendo em vista suas especificidades teóricas, proporcionando um horizonte conceitual e base de conhecimentos das áreas em avanço e transformação sobre essa temática.

3.1 ENTRE TEORIAS E METODOLOGIAS DO ESTUDO DO LÉXICO

Para adentrar nos fundamentos da Lexicologia e Lexicografia, é necessário compreender a extensão epistemológica dessas temáticas. A Linguística, enquanto ciência, dedica-se ao estudo da linguagem e de suas estruturas, formulando definições para os conceitos empregados em suas pesquisas. No caso do estudo do léxico no vocabulário de Herberto Sales, é essencial entender essas bases teórico-metodológicas, uma vez que constituem os pilares que sustentam o presente trabalho.

Desse modo, principiamos pelo léxico, termo utilizado pela Linguística para designar palavras de um idioma, sendo importante em seu funcionamento, como objeto da comunicação linguística (Vilela, 1997; Biderman, 2001a). Ou seja, tudo que é expresso por meio da linguagem passa, de alguma forma, pelo léxico. É importante distinguir léxico de vocabulário: enquanto o léxico compreende as palavras fundamentais de uma língua, já o vocabulário está circunscrito ao tempo e espaço, sendo utilizado por uma comunidade linguística específica. Daí a existência de um vocabulário próprio de Herberto Sales, o que reflete as peculiaridades individuais do autor. Além disso, há uma distinção entre vocabulário, glossário e dicionário. Vilela (1997, p. 17) esclarece essas diferenciações da seguinte forma: “[...] o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um setor determinado de uma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época”. Nesse sentido, poderíamos considerar o glossário de Herberto Sales se estivéssemos tratando de uma única obra sua; no entanto, o termo vocabulário é o mais apropriado, pois abrange os vocábulos utilizados em todo conjunto de sua obra romanesca.

Além disso, é importante diferenciar *lexia*, *palavra* e *termo*, que são conceitos distintos para o estudo científico do léxico, não podendo ser tratados como sinônimos. Segundo Abba-de (2006, p. 218, 219), *lexia* é a unidade significativa do léxico, com valor social e funcionamento lexical próprio. Já a *palavra* também é uma unidade significativa, mas sua significação não se restringe ao aspecto lexicográfico, como ocorre com a *lexia*; ela possui uma significação morfológica, ou seja, gramatical. No âmbito dos estudos do léxico, é preferível utilizar o termo “*lexia*”, na escrita acadêmica, pois se trata de uma designação técnica específica da Linguística. Por outro lado, “*termo*” se refere a uma categoria de palavra que possui um significado específico dentro de um campo de estudo. Vilela (1997) observa que essas distinções não são simples de esclarecer devido, à polissemia presente nessas definições, o que pode, em alguns casos, aproximar suas significações.

Vilela (1997) destaca ainda a relação entre léxico e gramática, duas disciplinas que, ao longo da história linguística, formam tradicionalmente delimitadas como sistemas distintos de estudo. O léxico é um sistema aberto, em constante transformação, à medida que novas palavras são adicionadas e modificadas na língua. A gramática, por sua vez, é um sistema fechado, composto por estruturas sintáticas finitas que regulam o uso da língua. No entanto, existem fenômenos linguísticos que estreitam a relação entre essas disciplinas, como a gramaticalização de elementos lexicais e a lexicalização de elementos gramaticais ao longo de um processo diacrônico. Assim, se observarmos o percurso histórico da Linguística percebemos que a maioria dos estudos realizados tinham um enfoque gramatical. Contudo, embora os estudiosos estivessem focados na gramática, eles estavam, de maneira implícita, trabalhando com o léxico de suas respectivas línguas.

Um aspecto a ser considerado é o processo de cognição da realidade, ou nomeação lexical. Para se estabelecer no mundo, a humanidade precisou discriminar seu ambiente, rotulando, classificando e diferenciando objetos e fenômenos ao seu redor, o que deu origem ao léxico das línguas naturais. Por meio da categorização da experiência, foram cristalizados signos linguísticos, que se transformaram nas palavras. Nesse contexto, o sistema lexical, adquire grande importância dentro da sociedade, sendo influenciado por condicionamentos econômicos e históricos. Além disso, o papel comunicativo do léxico carrega implicitamente o universo sociocultural, refletindo as visões de mundo, vivências e modos de pensar e sentir a existência (Vilela, 1995).

O universo conceitual de uma língua natural, o seu léxico, é concebido por Biderman (2001c) como um “patrimônio vocabular”, ou seja, um “*thesaurus*”, espécie de herança linguística transmitida por gerações que se utilizaram das *lexias* existentes no repertório da co-

munidade para conceptualização da realidade. Esse sistema é ordenado e estruturado mentalmente que permite membros de uma comunidade interagir cognitivamente com o meio gerando uma marca de identidade. Dessa forma, o léxico pode ser estudado sob diferentes enfoques na dimensão linguística da palavra, incluindo em diferentes enfoques: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia, entre outras abordagens, todas baseadas no acervo vocabular de uma sociedade.

Desse modo, o léxico é uma entidade multifacetada que pode ser estudada por diferentes ângulos a partir de contextos linguísticos. Sendo assim, existem domínios teórico-metodológicos na área do estudo do léxico tomando como base as unidades lexicais. Ademais, o léxico não é homogêneo, há um diassistema, variedades do léxico, no qual uma interface pode servir de *corpus* para estudos. Como concebe Vilela (1997) existe um intercâmbio entre a língua comum e as demais variedades, as palavras de um sistema lexical, convivem ao lado de palavras terminológicas, a linguagem coloquial convive com a língua escrita e cotidianamente convivemos com arcaísmos, neologismos, fraseologismos dentre outros aspectos lexicais. As especificidades e os procedimentos são conduzidos segundo o domínio elencado para uma pesquisa linguística, sendo as áreas da Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia ciências de estudos tradicionais quando se quer compreender fenômenos lexicais.

A Lexicologia constitui uma ciência que explora os elementos conceituais do léxico, desenvolvendo a teorização que fundamenta os pressupostos epistemológicos desse campo científico. Ela oferece subsídios teóricos para os estudos lexicais, abordando as lexias em termos de sua categorização e estruturação, seja morfológica ou semântica. A análise pode ser realizada sob uma perspectiva diacrônica ou sincrônica, dependendo do enfoque adotado, que pode ser linguístico, pragmático, discursivo, histórico ou cultural (Abbade, 2006).

Segundo Araújo e Assunção (2017) a Lexicologia se emancipa enquanto ciência linguística a partir da década de 1950 com duas publicações essenciais que colocaram em evidência o campo lexicológico. A primeira *La méthode en Lexicologie: Domaine Français* de Georges Matoré em 1953, ainda encarada como uma disciplina sociológica, pois o autor concebia o léxico como um fato social, sendo um reflexo da sociedade. Matoré desde fins da década de 1940 expunha em outras publicações sua insatisfação com a maneira que a lexicologia era praticada na França, contudo será o artigo supracitado que marcará estudos tendo por base o vocabulário para explicar a sociedade (Araújo e Assunção, 2017; Cambraia, 2013).

A segunda publicação foi *Cahiers de lexicologie* organizado por Bernard Quemada, sendo o periódico publicado em 1960. Quemada conhecido por seus trabalhos em estudos lexicais tratou de distinguir as diferenciações entre Lexicologia e Lexicografia. Desse modo, a

revista *Cahiers de lexicologie* publicada semestralmente estava centrada nos estudos do léxico em perspectivas tanto sincrônica quanto diacrônica, abrangendo estudos das línguas românicas. O objetivo da revista foi de explorar várias questões relativas ao léxico, tendo em vista sua formação, seu funcionamento e sua evolução, o que incluiu uma das principais áreas abordada por Quemada que foi o neologismo. Cada edição da revista gravitava em uma temática específica, permitindo um foco mais aprofundado em determinados aspectos do léxico. O lançamento do primeiro número de *Cahiers de lexicologie* configurou-se em uma contribuição para a ciência da Lexicologia oportunizando um fórum para os debates sobre a área lexical.

A Lexicografia, por sua vez, está em uma área nos estudos do léxico de maior tradição, pois destinado ao fazer lexicográfico, isto é, edição e confecção de dicionários, vocabulários e glossários, envolvem a descrição e documentação do léxico de uma língua. Portanto, a Lexicografia segue uma abordagem prática, centrada na compilação de um repertório lexical, no processamento e classificação de um vocabulário específico. A sua tradição está respaldada por um período longo da história dedicado a métodos e técnicas direcionadas na elaboração de dicionários agregando informações de referência lexical (Biderman, 1998a). Outrossim, no próximo tópico abordaremos sobre a evolução dos dicionários ao longo dos séculos, dando particular atenção aos de língua portuguesa, e a forma como foram produzidos e distribuídos, nos ajudando a entender as mudanças nas práticas lexicográficas através do tempo.

A Terminologia, enquanto ciência de definição polissêmica, fundamenta-se no tratamento dos termos, isto é, em palavras especificamente utilizadas para diversos fins, entre elas lexias para designar conceitos, objetos, e dos domínios do conhecimento especializado, sendo o que perfaz a área da Terminológica. Assim, a essa ciência cumpre uma função denominativa com princípios e propósitos de uma organização normativa em padronizar termos técnicos. O seu objeto, o termo técnico-científico, incide em sua identidade epistemológica, muito embora a fraseologia especializada juntamente com a definição terminológica integra seu escopo de pesquisa. Krieger e Finatto (2016) concebem a Terminologia como uma ciência interdisciplinar, devido ao seu caráter dialógico e interseccional para compreensão do léxico como a Lexicologia, Lexicografia e Terminografia. A sua autonomia está na análise de campos terminológicos, os termos, na condição de objetos teóricos distinto do léxico comum (Krieger e Finatto, 2016, p. 21).

Dessa maneira, a orientação linguística dada à Terminologia deveu-se aos estudos teóricos de Eugen Wüster (1898-1977), que refletia ao desenvolvimento da ciência e tecnologia devidas a Revolução Industrial, com a criação da Teoria Geral da Terminologia (TGT), Wüster considerou uma oposição entre a língua de uso e a língua literária, assim propôs um méto-

do capaz de prescrever, ou seja, normatizar a linguagem técnica. Sua teoria standardizava a intercomunicação técnica e científica estabelecendo um estatuto epistemológico para o campo terminológico.

Nos anos de 1990 sua teoria foi criticada por não descrever de forma adequada o léxico técnico científico, dado a dinâmica constante dos domínios, a pluralidade tipológica e a artificialidade de termos. Mesmo assim, suas prescrições e normas foram pilares de referência internacional para a consolidação da Terminologia enquanto disciplina autônoma. A mudança de paradigma se deu no sentido de ser uma teoria mais extensa e adaptável que foi denominada de Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) indicando três perspectivas para a análise terminológica: a social, a cognitiva e a linguística, para contemplar às necessidades comunicativas no sentido terminológico (Krieger e Finatto, 2016; Almeida, 2003).

Em relação à Terminografia, compreende a produção de glossários, dicionários técnico-científicos e banco de dados, não pode ser confundida com a Lexicografia, pois possui objeto específico, tomando o termo e não a palavra como elemento descritivo, assim, sua metodologia assume o estatuto do termo com suas especificidades procedimentais. Seu aporte teórico-metodológico aborda a problemática da organização, uniformização e distinções estruturais de obras terminológicas. Entre as diferenciações da Terminografia e a Lexicografia está a comunicação profissional, isto é, a operacionalização das entradas tendo em vista o registro “[...] no feminino, no plural; não sofrendo redução e uma forma canônica, conforme faz a Lexicografia” (Krieger e Finatto, 2016, p. 51).

Dessa maneira, a Terminografia oferece aos usuários, de suas obras, informações precisas na área de conhecimento do campo pretendido. A informação dada é construída a partir de uma comunicação especializada limitando-se ao universo conceitual da especialidade, o que foge da Lexicografia com suas definições abrangentes e polissêmicas, já nos produtos Terminográficos a monossemia impera e suas distinções são tratadas como homônimas. Diante disso, a sistematização da área terminográfica delimita sua fronteira com a lexicografia fixando uma padronização na comunicação especializada (Krieger e Finatto, 2016).

As ciências do léxico tendo em vista a Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia estão ligados por objeto em comum, sua base analítica descritiva é o léxico, apresentando aspectos em comum e outros distintos no escopo teórico-metodológico. Assim, tais domínios possuem seus limites estabelecidos e veiculação entre si, evidenciando fronteiras maleáveis, evidenciando interligação e partilha de conhecimentos. Vilela (1995) compactua com a noção que não é tarefa simples delimitar as distinções entre as disciplinas, pois há a existência de um caráter transdisciplinar entre elas, assim, a dinâmica de absorção de outras

áreas favorece a sua renovação constante abrangendo áreas de investigação que enriquecem seu repertório teórico-metodológico operada na Linguística. Com isso, novos modelos teóricos e princípios metodológicos favorecem a crescente expansão do estudo do léxico:

Decorrente da investigação nas diversas disciplinas da linguística contemporânea, acedemos, atualmente, a um conhecimento mais cabal dos diversos tipos de saberes associados às unidades lexicais, saberes esses que contemplam a sua forma oral e escrita, a sua estrutura interna, a flexão e as relações com palavras da mesma família, os respectivos significados, o seu alcance denominativo, as relações com outras unidades no plano sintático, as suas combinatórias, bem como as relações semânticas estabelecidas com outras palavras (Araújo e Assunção, 2017, p. 20).

As ciências do léxico nas perspectivas das disciplinas em cena espelham uma diversidade de construções temáticas agregando uma estruturação de conhecimento lexical tendo em vista a transdisciplinaridade, o que colabora para expansão de seu arcabouço teórico-metodológico, norteando a concepção de novas abordagens, possibilidades e domínios com seus desafios a partir do objeto léxico.

3.2 ENTRE PALAVRAS E VERBETES: O PERCURSO HISTÓRICO DOS DICIONÁRIOS

Neste tópico pretendemos continuar a discussão sobre a Lexicografia iniciada no tópico anterior, porém em uma perspectiva histórico temporal dos fazeres lexicográfico, no que diz respeito à confecção de dicionários. Assim, pretendemos nos concentrar aos de língua portuguesa, e a forma como foram produzidos e distribuídos, isso nos ajuda a elucidar como que historicamente o conhecimento lexicográfico se estabeleceu e chegou à contemporaneidade, nos ajudando a entender as mudanças de suas práticas.

Na antiguidade não havia dicionários como o conhecemos hoje, no sentido moderno, com lexias listadas, em ordem alfabética e definições padronizadas. As obras precursoras de referência léxicas eram coleções de palavras para decifrar textos literários e filosóficos, juntamente com explicações ou traduções de palavras, utilizadas como ferramentas para compreensão na leitura desses textos. No entanto, essas obras eram produzidas por estudiosos para outros estudiosos, assim, representavam o desenvolvimento dos recursos linguísticos que foram se aprimorando até o surgimento dos dicionários modernos.

Os gramáticos e pensadores da antiguidade demonstraram grande interesse na natureza das palavras e seus significados. O “dicionário” mais antigo remonta à Mesopotâmia em torno de 3.300 a.C. em tabletes cuneiformes da civilização sumeriana, como repertório de signos

referentes a profissões e divindades que funcionava como uma espécie de vocabulário. Na Grécia do século I seus filósofos criaram os *léxicons* para compilações dos usos da língua grega. Funcionava como uma lista de palavras ou frases difíceis de sua literatura, com as devidas explicações ou interpretações que incluíam notas sobre o uso em outros contextos.

Por conseguinte, os romanos possuíam algo semelhante chamado *glossários*, listagem de palavras incomuns ou técnicas que necessitavam de explicações e tradução. A obra *Onomasticon* de Sexto Pompeu Festo do século II d.C apresentava palavras obsoletas do latim encontradas em sua literatura e lei. Apesar de ser de natureza limitada, era uma fonte para compilar informações importantes sobre a linguagem, cultura, e história sobre o império romano. Festo fornecia etimologias de palavras obscuras, discutia o uso de termos em rituais religiosos, cerimônias e jurisprudência latina, dentre outros aspectos do latim (Welker, 2004).

Desse modo, a Lexicografia Ocidental remonta aos glossários latinos medievais, elaborados por monges, essencialmente como lista de palavras para interpretação da Bíblia, textos religiosos e filosóficos. Esses monges copistas passavam grande parte do tempo decifrando manuscritos e para auxilia-los copilavam glossários para ajudar nos estudos. Nesse sentido, Isidoro de Sevilha (560-636 d.C.) escreve *Etymologiarum*, espécie de enciclopédia utilizada durante toda a Idade Média, como obra de referência para conhecimento de principais palavras de campos de saber distintos, como gramática, astronomia, medicina dentre outras. A obra dividida em vinte volumes representava a apreciação dos medievos com relação à linguagem no sentido de filosofar a partir da derivação das palavras, expressando toda uma visão de mundo da época e do passado. Outra obra importante foi o *Liber Glossarum*, sendo difundida no século VIII, sua concepção estava relacionada ao renascimento carolíngio com objetivos para instrução das cortes. Portanto, o *Liber Glossarum* foi influenciado pelas *Etimologias* de Isidoro incorporando lexias como recurso compreensivo da linguagem (Aguar e Peterlevitz, 2019; Silva e Rainha, 2010; Rainha 2007).

No Renascimento a tradução das línguas clássicas para as línguas modernas suscitaram muitos dicionários bilíngues, o mais difundido foi o do então monge Ambrogio Calepino (1435-1510) que publicou em 1502 a obra *Cornucopiae*, que na primeira edição oferecia definições em latim para palavras latinas, no entanto, expandiram-se para incluir outros idiomas, tornando-se um dicionário multilíngue abrangendo italiano, francês, grego, hebraico, espanhol, alemão e outras. Objeto de várias reedições durante os séculos XVI, XVII e XVIII, envolvendo humanistas e colaboradores tipógrafos, sua difusão deu-se por ser uma ferramenta importante para os estudiosos e tradutores em toda Europa. Com isso, Calepino tornou-se referência para outros dicionários, com o seu próprio nome tornando-se sinônimo de dicionário,

evidenciando a importância de sua obra. O seu dicionário poliglota foi concebido como uma das primeiras obras lexicográficas moderna com ordenação alfabética, recursos metalexográficos, explicações e citações (Verdelho, 2002).

A partir de Calepino, o labor lexicográfico toma fôlego nos séculos XVI e XVII com a confecção de outros dicionários monolíngues de latim e línguas modernas, diante disso, havia uma motivação por obras em latim direcionadas aos centros de estudos. Charles du Fresne ou sieur du Cange (1610-1688), filólogo e historiador francês, publica em 1678 *Glossarium mediae et infimae Latinitatis* (Glossário de Latim da Idade Média e Moderna), obra de referência para entender o latim medieval. O surgimento de muitos dicionários nessa época se dá por conta de um crescente interesse por línguas não europeias e a formação humanística de intelectuais interessados em conhecer outras partes do mundo.

A primeira globalização proporcionada pelas grandes navegações suscitará o surgimento de dicionários em vários idiomas para uso de empreendimento missionário e comercial, por parte de países europeus durante sua expansão colonialista, com isso terão dicionário arábico (1505), dicionário guarani (1639), e de tantas outras línguas. A tamanha proliferação de dicionários nesse período foi ridicularizada no século XVIII por Melchior Grimm relatando em *La fureur des dictionnaires* (A mania pelos dicionários), em que comenta sobre a publicação de *Dictionnaire des dictionnaires* atribuído a Durey de Noinville em 1758. O trabalho do escritor francês foi uma tentativa de sintetizar e compilar uma variedade de dicionários existentes em uma única obra, representando um esforço para consolidar o conhecimento lexicográfico da época sendo um exemplo de metalexicografia (Burke, 2003).

Outro aspecto importante é sobre a construção do saber científico, que é uma obra coletiva, processo que perpassa por contribuições oriundas de pessoas e momentos históricos. Sendo assim, as informações sistematizadas e repassadas foram transmitidas paulatinamente sem descontinuidade e ruptura nessa tradição lexicográfica, assim, cada geração contou com os conhecimentos que estavam à disposição em suas respectivas épocas. Os dicionários de língua portuguesa não apresentaram a mesma organização macro e micro estrutural dos primeiros existentes, mas o percurso dos primeiros dicionários de latim são constructos da história lexicográfica para diálogo e conhecimento de referência dos dicionários que se seguiram.

Desde os teóricos gregos levando seus conhecimentos aos latinos e esses por sua vez a Idade Média que desencadeia ao Renascimento e Humanismo, além disso, com a Reforma Protestante e a Contra Reforma, bem como a imprensa de Gutemberg são contribuições provenientes para uma disseminação da lexicografia ocidental. Não podemos descartar as contribuições oriundas de fora da Europa, à primeira globalização por meio das grandes navega-

ções, foram responsáveis por fazer circular conhecimentos e técnicas trazidas do oriente para o ocidente, ademais, abriu-se a necessidade de informações e aprendizado sobre outras culturas e línguas como instrumentos de caráter lexicográfico ao mundo dessa contextualização.

A tradição lexicográfica portuguesa advém do *Dictionarium ex Lusitanico in Latino Sermonem* de 1562 escrito por Jerônimo Cardoso (1508-1569), humanista, filólogo e lexicógrafo português. Por seu turno, sendo uma tentativa de criar uma lista sistemática de palavras portuguesas e as correspondentes em latim. Em 1611 o jurista e também linguista Agostinho Barbosa publica o *Dictionarium Lusitanico Latinum* com uma abordagem mais completa e sistemática no esforço de compilar e traduzir um vasto número de lexias portuguesas para o latim, assim, refletindo a variada linguagem da época. Ainda nesse período o latim detinha o prestígio de ser uma língua de erudição nos meios acadêmicos, por isso o interesse prático em conectar o latim com a língua portuguesa. Essas produções reforçavam o estudo linguístico lexicográfico que ocorria na Europa durante o Renascimento português e o Barroco dando a língua portuguesa seu destaque entre as línguas europeias (Hackerott, 2004; Verdelho, 2002).

Entrementes, o monge jesuíta Bento Pereira (1605-1681) foi um autor de várias publicações lexicográficas, destacamos duas delas, assim, teremos a *Prosodia*, uma obra significativa do século XVII em Portugal, e sua importância se dá pelo prestígio alcançado por meio de várias edições publicadas entre os anos de 1634 a 1750. A *Prosodia* foi um dicionário trilingue de latim-português-castelhano com aproximadamente 50.000 mil entradas. Além desse publicou o *Thesouro da Lingoa Portuguesa* lançado em 1647 com 24.080 entradas, sendo um dicionário de latim-português. Para essa obra houve uma renovação do *corpus* lexical dando conta de um universo cultural pré-pombalino. O autor deu grande importância aos sinônimos, fornecendo diversas opções para cada termo em português, ou seja, as palavras eram listadas em português e, em seguida os respectivos sinônimos em latim. Essa publicação foi um passo importante no sentido de documentar a língua portuguesa sem depender da estrutura de lexias latinas (Cameron, 2012; Verdelho, 2002).

Diante disso, os primeiros dicionários portugueses são resultado de uma prática lexicográfica que estava em desenvolvimento, que precisava se afirmar enquanto instituição de um saber lexicográfico. Sua prática ainda era embrionária, embora não podendo ser considerado irrelevante, ao contrário possuíam seu primordial propósito de documentação da língua portuguesa e fundamental importância dos estudos dicionaristas. Essas obras de natureza bilingue auxiliavam no estudo do latim vinculado ao pensamento humanístico de suas instituições acadêmicas que consideravam o latim como língua sapiencial. Desse modo, o fomento

de debates sobre a linguagem, a publicação de textos didáticos e expansão de tipografias criavam um contexto favorável para ascensão de obras lexicográficas.

Figura 14: *Fac-simile da capa e página com verbetes do Dictionarium ex Lusitanico in Latino Sermonem de 1562 organizado por Jerônimo Cardoso.*



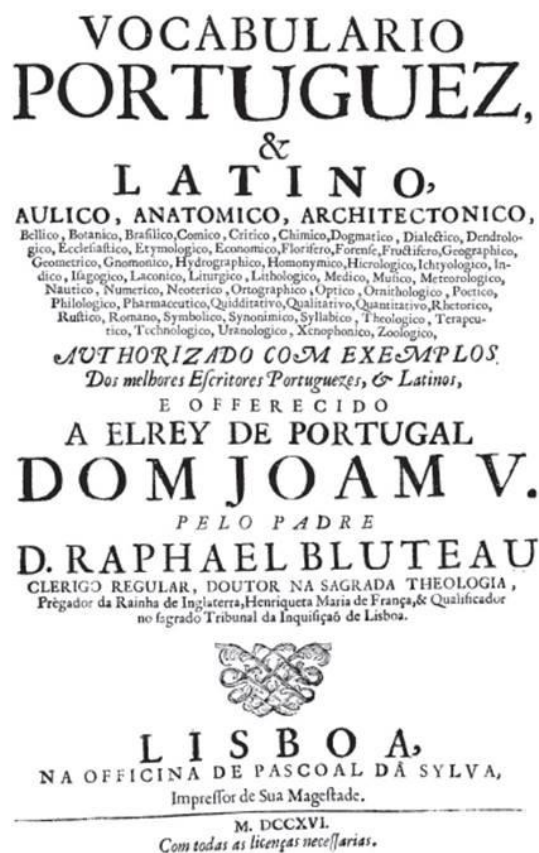
Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira.

Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/3276>

Acesso em: 19 de ago. 2023.

Desse modo, a lexicografia portuguesa se consolida na obra intitulada *Vocabulário Português-Latino*, publicação em dez volumes de Rafael Bluteau (1638-1734) publicada inicialmente em 1712 e finalizada em 1728. Sua inovação caracteriza-se por ser mais próximo a um dicionário essencialmente de língua portuguesa que um dicionário bilíngue. Seu compêndio demorou meio século para ser apresentado ao público, e, durante sua organização dependeu de colaboradores, o que demonstra a grandiosidade do empreendimento e o esforço para obter dados e fontes na tentativa de compilar o maior número possível de informações a respeito de sua época. Possuindo um caráter enciclopédico, o latim não é tão explorado como os dicionários anteriores, ao contrário é bastante reduzido, ao que conferiu uma singularidade em obras lexicográficas lusitanas (Lopes e Cabral, 2018; Horta, 2010, 2006; Hackerott, 2004; Verdelho, 2002).

Figura 15: Fac-símile da capa e página com verbetes do *Vocabulário Português & Latino* organizado por Rafael Bluteau.



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindin.

Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>

Acesso em: 30 de ago. 2023.

Ademais, dentro de suas particularidades está um repositório de informações a respeito da colônia portuguesa na América. A ocupação lusitana em território americano havia produzido uma quantidade significativa de literatura informativa, além disso, havia um intercâmbio ininterrupto entre Brasil e Portugal estreitando culturas por meio de suas relações comerciais. Em seu *Vocabulário* possuem verbetes como “beiju”, “Brasil”, “cacimba”, “cachoeira”, “copaíba”, dentre outras que caracterizavam como léxico brasileiro. O português da América Portuguesa incluído no *Vocabulário* contemplava lexias indígenas que eram estranhas ao português europeu, assim, dava informações diretas e indiretas sobre o Brasil. Desse modo, o trabalho de Bluteau representou mais um passo na valorização e sistematização da língua portuguesa, seu trabalho pavimentou um caminho para outros lexicógrafos posteriores que utilizaram sua obra como referência (Lopes e Cabral, 2018; Nunes, 2010, 2006; Hackerott, 2004; Verdelho, 2002).

Em 1783 Bernardo Maria de Jesus (1736-1787) lança o *Diccionario da língua Portuguesa*, considerado o primeiro dicionário monolíngue da língua portuguesa. Embora sendo referência para eruditos e estudantes, a sua circulação foi bastante restrita devido aos altos custos de impressão e pela censura, pois sendo alvo de críticas havia um forte controle estatal em termos de publicação. Durante o XVIII, a Europa estava fortemente sob a influência da Igreja, particularmente devido à sua Inquisição. Apesar de ser uma obra organizada por um monge beneditino, a Inquisição frequentemente adotava uma postura crítica em relação às publicações que abordavam temas religiosos, de linguagem e cultura (Nunes, 2006; Hackerott, 2004).

O século XVIII, marcado por transformações impulsionadas pelo Iluminismo, emergiu um crescente interesse na sistematização do conhecimento, e, conseqüentemente na educação. Em meio a esse cenário, o monge beneditino se empenhou em organizar e definir termos da língua portuguesa sem a necessidade de recorrer a outro idioma, estabelecendo um marco para futuras obras lexicográficas. A abordagem inovadora de seu dicionário pavimentou um novo caminho para representar o português. Contudo, sua obra foi percebida por alguns como incompleta, especialmente quando comparada à exaustividade do dicionário de Bluteau, e suas definições foram por vezes vistas como inconsistentes. Muitos censores e intelectuais da época já tinham uma visão estabelecida de como a língua portuguesa deveria ser apresentada, e as explicações propostas por Bernardo Maria de Jesus não se alinhavam completamente a essas expectativas, com isso, houve restrições de circulação tornando-se raros e com preços elevados (Nunes, 2006; Hackerott, 2004).

Nesse direcionamento, da produção de dicionários monolíngues impõe-se a prática descritiva em substituição das práticas comparativas para os dicionários de natureza bilíngues outrora produzidos. Paulatinamente uma autonomia se estabelece em relação à língua portuguesa com inserção de gramática própria em algumas, como é o caso na obra de Moraes e Silva (1755-1824). O *Diccionario da língua portuguesa* (1789) de António de Moraes Silva será considerado o primeiro dicionário moderno que no processo de elaboração excluiu informações bilíngues, informações históricas e o teor enciclopédico como visto na obra de Bluteau. Essa publicação terá uma grande aceitabilidade pelo público em geral se aproximando dos dicionários contemporâneos em estrutura e finalidades (Nunes, 2006; Moraes Silva, 1966).

O *Diccionario* possui um teor nacionalista, o que considerou em suas entradas apenas lexias essencialmente portuguesas, estava em consonância ao momento de intensa teorização linguística do século XVIII, caracterizado como o século das enciclopédias. Por outro lado, a

primeira edição do dicionário foi uma síntese da obra de Bluteau, não sendo atribuída a autoria de Moraes e Silva. Desse modo, somente a partir da segunda edição, em 1813, o dicionário passa por uma reformulação, em termos de fundamentação lexicográfica com concepção e objetivos diferentes do Bluteau, adquirindo singularidade própria ao retirar 16.000 mil entradas e aproveitando apenas 5% da obra original. Com isso, Moraes e Silva adiciona 22.000 novas entradas simplificando informações e reduzindo os dez volumes em dois volumes tornando seu dicionário acessível ao público geral sendo editado por várias vezes (Farias, 2007; Welker, 2004).

Em uma nova vertente, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* publicado por Cândido Figueiredo (1846-1925) em 1899 deu prosseguimento ao ciclo de dicionários portugueses com características de excessivo número de entradas e utilizando muitos autores ainda inexplorados pelos lexicógrafos anteriores. Desse modo, Figueiredo (1913) pretendia ter em sua obra o repositório lexical mais completo abarcando lexias de todos os lugares de fala portuguesa. Inventariou em seu *corpus* textos marginais da língua padrão considerando vocabulário coloquial, regionalismos e brasileirismos que não configuravam de forma tão veemente como em outras obras lexicográficas, perfazendo em 110.000 mil entradas a primeira edição. Além disso, Figueiredo (1913), em edições posteriores até a quarta edição, ampliou o repertório chegando a 136.000 mil entradas. Contudo, a obra dividiu opiniões, foi criticada pelas formas de verbetes muito simples, definições curtas, algumas erradas, lexias obsoletas para seu tempo, e foi elogiado como o melhor e mais completo dicionário de seu tempo (Nunes, 2006; Hackerott, 2004; Welker, 2004; Biderman, 1984).

Além disso, os dicionários portugueses de natureza bilíngue procuravam equiparar o léxico português à língua latina, no sentido de direcionar o vocábulo vulgar ao vocábulo clássico. O ponto de virada será com Bluteau que, diferente dos outros dicionaristas bilíngues introduz a explicação semântica ao invés de apresentar sinonímias, o que isso suscitará uma reflexão lexical que dará diretriz ao aparecimento dos dicionários monolíngues. É importante ressaltar que os dicionários portugueses de natureza monolíngue refletiam a busca pela autonomia da língua portuguesa legitimados por uma literatura nacional que constituía o *corpus* necessário naquele momento para a elaboração das obras. De outro modo, a política editorial foi crucial para a circulação e durabilidade dos materiais lexicógrafos mantendo uma tradição por vezes centenária de obras dicionaristas. (Gonçalves, 2019; Nunes, 2006; Hackerott, 2004; Welker, 2004).

Quadro 4: Os primeiros dicionários da língua portuguesa.

Autor	Título da obra	Ano de publicação	Natureza
Jerônimo Cardoso (1508-1569)	<i>Dictionarium ex Lusitanico in Latino Sermonem</i>	1562	Bilíngue
Agostinho Barbosa (1589-1649)	<i>Dictionarium Lusitanico Latini</i>	1611	Bilíngue
Bento Pereira (1605-1681)	<i>Prosodia</i>	1634	Bilíngue
	<i>Thesouro da Lingoa Portuguesa</i>	1647	
Rafael Bluteau (1638-1734)	<i>Vocabulário Português-Latino</i>	1712-1728	Bilíngue
Bernardo Maria de Jesus (1736-1787)	<i>Diccionario da Língua Portuguesa</i>	1783	Monolíngue
Antônio Moraes e Silva (1755-1824)	<i>Diccionario da Língua Portuguesa</i>	1789	Monolíngue
Cândido Figueiredo (1846-1925)	<i>Novo Diccionario da Língua Portuguesa</i>	1899	Monolíngue

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

Por conseguinte, o desenvolvimento de uma lexicografia do Brasil ocorreu em um contexto de distinção entre o português brasileiro e o português europeu, centrando-se na análise de brasileirismos por parte dos lexicógrafos. A importância de um dicionário está no fato de ser o registro da linguagem de uma comunidade de falantes, de ser um depositário do acervo lexical, ferramenta para a língua escrita e literária (Biderman, 2006, p. 75). A sociedade brasileira utilizava os dicionários do português europeu e ansiava por um dicionário que representasse sua norma, seu léxico. Com essa consciência, na segunda metade do século XIX, surgem coletâneas vocabulares de caráter regional. Uma tentativa lexicográfica brasileira ainda no século XIX foi feita por Antônio Joaquim Macedo Soares, mas sua obra não foi publicada integralmente.

De outro modo, nos primórdios da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1898 já se ansiava por um dicionário essencialmente brasileiro. Com isso, surgiu no âmbito da ABL a concepção de um *Dicionário de Brasileirismos* idealizado por Machado de Assis, o projeto foi abortado tendo sucessivas tentativas de retomada, mas sem sucesso. Em 1924, Laudelino Freire apresenta proposta à ABL de um *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, contudo o projeto não avançava e Freire sem o aval da academia publica em cinco tomos *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* nos anos de 1939 a 1944. Assim, o dicionário preencheria uma lacuna na tentativa de deixar um legado na cultura léxica brasileira (Biderman, 2006).

Posteriormente a ABL, por meio de Afrânio Peixoto, em 1940 propõe a produção de um dicionário por considerar uma das missões da academia de promover a língua brasileira.

Antenor Nascentes estaria incumbido de sua elaboração contando com colaboradores. Todavia, só foi publicada em 1961 a 1967 em cinco volumes contando 100 mil verbetes, a obra volumosa não alcançou o público, pois já nascera defasada pelo tempo de sua produção. Ficou comprovado que a sociedade aspirava por uma obra de volume único e acessível em termos de valor comercial (Biderman, 2006).

Na esteira do século XX publica-se em 1938 o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, tendo a última edição em 1967 em plena Ditadura Militar, a sua lacuna propiciou o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado em 1975, os dois dicionários contaram com a colaboração e organização de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Muito embora tendo críticas sobre datação dos primeiros registros das palavras, e, de não se configurar em um dicionário ideal, foi a principal fonte de consulta os dicionários entre os anos de 1938 a 1987. Ao *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* Aurélio pretendeu fazer um dicionário de médio porte utilizando aproximadamente 100 mil verbetes, justificando em sua introdução o auxílio de dicionários anteriores como modelos, por exemplo, o dicionário de Antônio Moraes, e seguiu o critério metodológico do *Diccionario da Real Academia Espanhola* no uso das unidades fraseológicas. Além disso, usou o critério hierárquico no uso das entradas em verbo, adjetivo, pronome e advérbio. Outra crítica que recaiu foi sobre o uso de palavras em desuso, outras exclusivamente literárias e a abundância de neologismos e estrangeirismos. Ainda assim, configurou-se como um dicionário padrão ou “tesouro” estabelecendo uma norma linguística e lexicográfica brasileira (Motta, 2020; Welker, 2004; Biderman, 2000).

O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* ficou popularmente conhecido como dicionário Aurélio, esse dicionário foi fundamentado em um *corpus* literário brasileiro, estando atento à língua dos escritores modernos e clássicos, dentre as obras utilizadas, destaca-se *Cascalho* de Herberto Sales (Sales, 1944). Desse modo, Aurélio registrou os usos dialetais, profissionais, gírias, regionais entre outros. De igual modo, registraram-se os gentílicos dos municípios do Brasil, que foi também criticado quanto a isso, incluindo *andaraiense*, o que é natural de Andaraí, que é cidade natal de Sales. Na segunda edição utilizou cerca de 300 mil abonações extraídas da literatura, demonstrando a ampla utilização de romances enquanto *corpus* o que resultou em registro de lexias raras no âmbito literário. Biderman (2000, p. 35) considera Aurélio como um dicionarista “herdeiro da lexicografia do passado”, ou seja, para esses,

[...] o vocabulário e os usos dos grandes nomes literários devem ser registrados e apresentados como modelo à comunidade dos falantes. Trata-se de um

endeusamento do grande autor da língua por se considerar sua linguagem e seu estilo dignos de serem emulados e imitados. Modernamente a lexicografia propõe uma nova atitude em face do acervo léxico da língua. O dicionário deve recolher e registrar o vocabulário em circulação em meio à comunidade dos falantes (evidentemente os mais educados, mas não apenas) e coletar essa norma lingüística para espelhar significados e usos, que não são necessariamente literários. Inversamente, devemos pôr de lado as idiossincrasias dos romancistas, poetas e escritores em geral, que muitas e muitas vezes criam palavras numa situação ad hoc, ou por razões exclusivamente estéticas e, via de regra, essas criações neológicas não se perpetuam em meio à comunidade dos falantes (Biderman, 2000, p. 35).

Por essa reflexão, Biderman (2000) considerou que Aurélio incluiu muitas palavras que não circulavam na comunidade dos falantes e deixou de incluir outras que circulavam livremente. Ressaltou que muitas lexias estão circunscritas em uma área do conhecimento especializado, em campos terminológicos como acontece, por exemplo, nos termos de garimpo do romance *Cascalho* (Sales, 2011), muito do que se expressa ali, não é mais utilizado ou circulado nas comunidades da Chapada Diamantina, uma vez que o garimpo foi extinto, sendo considerado ilegal em termos legislativos na região, dando lugar ao eco turismo. Contudo, Aurélio privilegiou em demasia as áreas botânicas e da medicina. Biderman (2000) indica que o melhor critério para incluir entradas em um dicionário é por meio de levantamentos de estatísticas, do tipo frequência, utilizando *corpora* diversificados identificando sua pouca ou muita utilidade para a sociedade em geral.

Biderman (2000), aponta ainda, o excesso de regionalismos, no qual Aurélio classificou como brasileirismos, e que Biderman (2000, p. 39) considera uma contradição supondo que Aurélio está se equiparando a uma norma linguística europeia que reconhece como padrão e as particularidades do português do Brasil como especificidades de cada região como brasileirismos. Desse modo, Aurélio julga a marca regional consignando falares de regiões ou estados como brasileirismos, no qual o Nordeste contabiliza em seu dicionário 1.464 e a Bahia 869 entradas. Aurélio definiu brasileirismos as flora e fauna locais juntamente com as lexias indígenas incorporadas ao português brasileiro. Outro problema que lhe recai é ao tentar rastrear a etimologia indígena dessas lexias, que se espalham pelo Brasil, em variações de caráter regional quanto à prosódia e a forma escrita. No entanto, Biderman (2000) atribui essa empreitada de rastreamento etimológico das lexias indígenas uma tarefa difícil para qualquer dicionarista.

Outra importante referência em dicionários foi produzida pela editora Melhoramentos nas décadas de 1960 e 1970: o *Dicionário Michaelis*, uma obra lexicográfica de grande relevância tanto para o Brasil quanto para Portugal. O dicionário recebe o nome das irmãs Henri-

ette Michaelis (1849-1924) e Carolina Michaelis (1851-1925), renomadas dicionaristas que, no final do século XIX, organizaram a primeira versão da obra. Faz-se necessário dedicar atenção à trajetória intelectual de Carolina Michaelis, figura importante para os estudos filológicos e literários lusófonos.

Carolina Michaelis, uma estudiosa da filologia românica, de origem alemã, obteve cidadania portuguesa ao casar-se, em 1876, com o historiador da arte Joaquim Vasconcelos, tornando-se naturalizada portuguesa. Em 1911, com a criação do Curso Superior de Letras em Portugal, foi convidada a lecionar na Universidade de Coimbra, tornando-se a primeira mulher a ocupar a cátedra de Filologia Românica e Germânica. Reconhecida como uma eminente filóloga europeia, Carolina também participou da comissão responsável pela reforma ortográfica de Portugal naquele mesmo ano. Além de seu papel pioneiro na academia, dedicou-se como uma intelectual incansável. Dedicou-se ao estudo de manuscritos da Real Biblioteca da Ajuda, analisando documentos de todas as fases da história lusitana, além de contribuir significativamente para obras enciclopédicas sobre temas lusos. O conjunto de sua obra consolidou-se como uma renomada historiadora da palavra, deixando um legado fundamental para os estudos filológicos e históricos sobre Portugal (Paz, 2025).

Desse modo, a editora Melhoramentos, fundada em 1890, publicou seu primeiro dicionário no Brasil em 1898, intitulado *Pequeno Dicionário de língua Alemã*, seguido por sua versão português-alemão, ambos baseados em obras lexicográficas alemãs. Essas publicações serviram de base para o desenvolvimento de outros dicionários pela editora no Brasil. A partir de 1940, a obra passou por uma reestruturação e tornou-se um dicionário monolíngue de português, adaptado às particularidades do português brasileiro. O nome *Michaelis* foi associado aos dicionários da Melhoramentos como uma forma de legitimar o caráter científico e a autoridade das irmãs Henriette e Carolina Michaelis nos estudos filológicos e na lexicografia bilingue. Assim, a marca *Michaelis* consolidou-se como uma referência simbólica nas edições dicionarísticas da editora. Com o tempo, o nome *Michaelis* ganhou projeção e se tornou um dos principais representantes do cenário interlíngue tanto no Brasil quanto em Portugal (Oliveira, 2017; Hoepner, 2011).

Portanto, a tentativa pela concepção de um dicionário geral do português brasileiro ainda não é uma realidade no século XXI, e dicionários como o *Michaelis* e o *Dicionário Houaiss* embora procurem ser exaustivos carecem de fundamentação linguística segundo Biderman (2006, p. 80). Para a autora, elaborar um *thesaurus* (tesouro) do português brasileiro abrangeria uma equipe multidisciplinar com profunda fundamentação em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia, além do assessoramento por especialistas da área de

informática para sistematização e análises estatísticas. Ademais, seria o trabalho com um grande volume de *corpus* representativo de todas as variedades linguísticas possíveis que englobe muitos gêneros que caracterizem o léxico nacional (Biderman, 2006).

As especificidades teóricas e as bases de conhecimentos das áreas de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia estão em constante avanço e transformação, com pesquisas sendo realizadas em diversas partes do mundo. Um exemplo relevante da tradição europeia no campo dos estudos léxicos, com destaque para a contribuição portuguesa, é evidenciado por iniciativas como a desenvolvida pelo Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). Fundado em 2000, o CLUNL é um centro de investigação de referência com projeção internacional, estando vinculado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Seu compromisso com a pesquisa em linguística teórica e aplicada, aliada ao rigor metodológico e à diversidade temática, contribui para o seu reconhecimento global. O grupo de investigação voltado para os estudos lexicais destaca-se por suas abordagens inovadoras, com ênfase no léxico geral e especializado. Além disso, suas pesquisas alinham tecnologia digital e linguística, promovendo o desenvolvimento de recursos digitais para análise e estudo de *corpora*⁵.

Dentre os recursos digitais oferecidos pelo CLUNL, destacam-se léxicos, glossários e vocabulários que abrangem diferentes domínios do conhecimento e auxiliam pesquisadores, estudantes e profissionais da linguística. Entre eles, encontram-se a *Base de dados Terminológica e Textual da Assembleia da República*, *Dicionário de Abreviaturas Digitais*, *Dicionário da Língua Portuguesa da Academia de Ciências de Lisboa*, *Dicionário Multilíngue Multidomínio*, *Dicionário de Verbos do Português Medieval*, *Glossário Colaborativo COVID-19*, *Termos básicos em diagnóstico de patologia da fala e da linguagem*.

Além desses materiais, o centro disponibiliza *corpora* voltados para estudos linguísticos, como o *Corpus Informatizado do Português Medieval*, que contribui para investigações sobre a evolução da língua e o *Corpus de Literatura Portuguesa para Distant Reading*, ferramenta essencial para abordagens quantitativas e qualitativas no âmbito dos estudos léxico-literário⁶. A atuação do CLUNL não se limita à disponibilização de recursos lexicais, mas também inclui iniciativas voltadas para a formação acadêmica e profissional. São oferecidos cursos e materiais especializados que abordam a produção lexicográfica, a estruturação de

⁵ Site de divulgação das pesquisas e eventos científicos do CLUNL está disponível em: <https://clunl.fcsh.unl.pt/> Acessado em 28 de fev. 2025.

⁶ Esses recursos podem ser acessados em: <https://clunl.fcsh.unl.pt/recursos-em-linha/lexicos-dicionarios-glossarios/> Acesso em 25 de fev. 2025.

bases terminológicas e a história e organização do gênero dicionário. Dessa forma, o centro fortalece o campo de estudos do léxico, promovendo a integração entre pesquisa, extensão, ensino e inovação tecnológica.

No que se refere aos resultados das pesquisas desenvolvidas, as teses defendidas no CLUNL abrangem uma ampla gama de temas, explorando a estrutura e a organização em estudos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos. Essas pesquisas abordam tanto perspectivas históricas quanto inovações tecnológicas no campo da lexicografia digital, evidenciando a intersecção entre a tradição de estudos do léxico e os avanços computacionais. Trabalhos recentes têm investigado a aplicação de metodologias computacionais para análise de *corpora*, destacando a construção e atualização de bases lexicais, o que contribui para o desenvolvimento de recursos linguísticos mais dinâmicos e acessíveis. Entre as pesquisas já defendidas, destacam-se: as de Chiara Barbero (2024), com *ArtNet: para um modelo de integração de léxico de especialidade numa rede relacional de léxico comum*; de Silvia Barbosa (2023), com a tese *Proposta de Dicionário de especialidade aplicas à Análise sensorial enológica*; Jucileia Gumbe (2023), com *A variação terminológica nos textos produzidos pelo sector aduaneiro Angolano*; Amadeu Barros (2023), com *Neologia lexical em Uanhenga Xitu para a construção de um glossário de autor*; Teresa Costa (2015), com *Umbundismos no português de Angola proposta de um dicionário de Umbundismos*. Essas são apenas algumas das pesquisas desenvolvidas no CLUNL, o número crescente de teses defendidas demonstra a relevância do centro de produção de conhecimento inovador e na contribuição para a documentação e sistematização do léxico em diferentes contextos⁷.

Neste tópico tentamos estabelecer uma linha histórica de como se processou a Lexicografia Ocidental, perpassando suas origens na antiguidade e transpondo a Idade Média até chegar às concepções de dicionários portugueses na modernidade e os essencialmente brasileiros. Não listamos todos os dicionários registrados na história linguística, haja vista, uma grande variedade que transbordaria no presente trabalho. Procuramos evidenciar os principais que nos dessem lampejos dessa evolução. Uma forma de constatação histórica do fazer lexicográfico em como as sociedades se articularam enquanto produção e divulgação de suas obras lexicais. Assim, registrar o léxico fundamenta-se na importância dada pelas sociedades pela sua linguagem, em valorizar e materializar por meio de dicionários a língua que torna possível a comunicação entre a humanidade.

⁷ O banco de teses do CLUNL está disponível em: https://clunl.fcsh.unl.pt/grupos_clunl/lexicologia-lexicografia-terminologia/teses-de-doutoramento/
Acesso em 28 de fev. 2025.

Sobretudo, os estudos lexicais não só abrangeram a produção de dicionários, todavia, produções em menor escala editorial, mas não de menor importância, os glossários e vocabulários representam a diversidade de termos e expressões particulares produzidos no sentido de capturar variações lexicais. Desse modo, o Brasil possui uma produção diversificada atendendo especificidades que refletem a preservação cultural linguística. Assim, dentro desse espectro estão os glossários e vocabulários oriundos da literatura brasileira que será o próximo tópico abordado, tratando de discutir a produção acadêmica nessa perspectiva.

3.3 ENTRE DEFINIÇÕES E NARRATIVAS: GLOSSÁRIOS E VOCABULÁRIOS DO UNIVERSO LITERÁRIO

As ciências do léxico com uma extensa área especializada constituinte, de, por exemplo, da Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia, abrange um amplo domínio de investigação dentro dos estudos da linguagem. A abordagem na perspectiva acadêmica, quanto ao conhecimento lexical em vias de investigação, compreensão e produção, sistematizadas enquanto pesquisa, passa a ser desenvolvida no Brasil a partir da década de 1970. Com as universidades brasileiras se consolidando durante o século XX. Os programas de Letras e Linguística ganham força a partir de 1960 e nesse contexto, disciplinas como Lexicologia e Lexicografia são progressivamente introduzidas e desenvolvidas no meio acadêmico. Assim, já em 1969 é implantado na Universidade de São Paulo (USP) disciplinas de Lexicologia e Lexicografia no curso de Pós-Graduação em Linguística, e no bacharelado em Linguística desde 1972 (Mantovani, 2015; Villalva e Silvestre, 2014).

Ainda nos anos de 1970 trabalhos eram realizados nesse sentido com Maria Tereza Camargo Biderman na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Ieda Maria Alves na USP, Celina de Araújo Scheinowitz na UFBA e Antônio Houaiss na Academia Brasileira de Letras. Nos anos de 1980 ampliando a produção dos estudos do léxico vieram Maria do Socorro Silva de Aragão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (USP), Enilde Leite de Jesus Faulstich da Universidade de Brasília (UnB), Maria da Graça Krieger, Cleci Babilacqua, Maria José Finatto todas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Aparecida Negri Isquerdo da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Antônio Luciano Pontes da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Nelly Medeiros de Carvalho da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), entre outros envolvidos na produção de dicionários, glossários e vocabulários. Desse modo, percebe-se a integra-

ção de uma rede de pesquisadores espalhados por todo país com seus temas associados ao léxico.

Muito embora, a prática de estudo lexical seja abordada desde o período colonial com os jesuítas, que atuaram na educação e documentação das línguas indígenas. E no século XIX com a necessidade de normatizar a língua portuguesa no Brasil, a partir de obras gramaticais e dicionarísticas. Por conseguinte, um fator decisivo para expansão do estudo do léxico seria a proposta encaminhada em 1986 durante encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPLL) de criação de um Grupo de Trabalho (GT) interinstitucional de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, que ficou denominado GTLEX, contando com a coordenação da professora Maria Aparecida Barbosa, idealizadora da proposta. Os caminhos da institucionalização dos estudos lexicais vinculam-se em socializar a produção científica nos estudos do léxico. A circulação dos resultados das pesquisas realizadas seria veiculada por meio da *Revista GTLEX* criada em 1994 e pela coleção *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, tendo sua publicação regular a partir de 1998. Com isso, ficou estabelecida a divulgação periódica de obras de referência por uma variedade de opções direcionadas ao estudo lexical (Mantovani, 2015).

Dessa maneira, uma das vertentes práticas do estudo do léxico diz respeito à organização de glossários e vocabulários e sobre isto, são propostas de trabalho que cumprem uma necessidade ou problemática inerentes ao fazer lexicográfico e lexicológico. O glossário, por exemplo, é uma obra lexicográfica que apresenta unidades lexicais extraídos de um texto, em outras palavras, seria o registro que explica o vocabulário utilizado por um autor ou obra literária. Dessa forma estaria vinculada a explicação de termos “antigos, raros e obscuros” (Barbosa, 2001, p. 25, 35). O vocabulário, por sua vez, seria um repertório que cataloga lexias de um domínio, ou seja, um repertório de termos. Seu *corpus* estaria definido por obras de diferentes autores ou várias obras de um mesmo autor (Barbosa, 2001, p. 33). No caso da presente tese, que apresenta o vocabulário de Herberto Sales, utilizamos várias obras do autor para registrar seu vocabulário. Barbosa faz a seguinte distinção entre vocabulário e glossário:

Cumpra, pois, distinguir, um vocabulário de um glossário, por um critério qualitativo-quantitativo básico: o **vocabulário** busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, *n* discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o **glossário** pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de uma macrotexto) em sua especificidade léxico-semântica, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas (Barbosa, 2001, p. 36).

No campo da lexicografia, há distinções claras entre termos como dicionário, léxico, vocabulário e glossário, cada um com suas características próprias. Uma das principais características reside no *corpus* adotado para o registro lexicográfico. Tanto o vocabulário quanto o glossário são moldados por critérios específicos, atuando como ferramentas essenciais para a compreensão de um texto, obra ou autor. Nesse sentido, um glossário pode ser visto como um “dicionário de discurso” baseado no texto escolhido como *corpus*, enquanto o vocabulário reflete o discurso do autor conforme mencionado por Barbosa (2001, p. 43). Portanto, as nuances lexicográficas são perspectivas que enriquecem o sistema linguístico facilitando o registro vocabular de autores ou literaturas por meio de vocabulários ou glossários, consolidando sua importância na lexicografia.

Com uma profusão de produção literária brasileira a partir do século XIX, surgem especificidades dessa prática de escrita com a elaboração de pequenos glossários, assim, o “[...] literato coloca-se então como lexicógrafo e produz um discurso que legitima sua prática” (Nunes, 2006, p. 218). Muito dos pós-escritos de romances comporia glossários, haja vista, para esclarecer aos leitores de palavras desconhecidas e neologismos criados pelos autores. José de Alencar, por exemplo, no romance *Lucíola*, publicado em 1862 e *Diva*, publicado em 1865, adicionou um glossário próprio. Outrossim, serão os escritores modernistas que iriam muito se utilizar de glossários como pós-escrito em suas obras. Os autores nordestinos, iriam transpor a riqueza cultural e vocabular de suas regiões aos seus romances. Assim, passaram a considerar a fala popular em detrimento da norma culta, desvendando a linguagem do interior, descortinava falares fidedignos ao universo literário. Nesses romances:

[...] a frase torna-se mais despojada, a linguagem se aproxima da língua falada, e a colocação dos pronomes demonstra que esta distância em relação às normas portuguesas visa a afirmar os usos correntes no Brasil. A variação de vocabulário é tão nítida, que o romance pioneiro foi publicado com um glossário [...] (Garcia Jr., 2011, p. 24).

As primeiras edições de alguns romances contemplavam glossários e vocabulários, como no caso da primeira edição de *Cascalho* (Sales, 1944) que vinha com um vocabulário elucidando lexias específicas do garimpo. Nessa mesma perspectiva Heman Lima colocou ao final do romance *Garimpos* (1932) notas explicativas a respeito das lavras diamantinas, mas sem nenhum critério lexicográfico. Desse modo, palavras e expressões locais eram frequentemente utilizadas para conferir autenticidade à narrativa. A inclusão de um glossário ajudava a compreender esses termos e como uma ferramenta de auxílio à leitura, mas, além disso, era

um meio de valorização do autor aos aspectos da cultura local, elucidando a diversidade linguística das diferentes regiões do Brasil, essencialmente do norte e nordeste.

Na primeira metade do século XX, Pedro A. Pinto, médico e estudioso da filologia, sob o pseudônimo de Paulo Terêncio (1929), trouxe a lume, em 1929, por meio do Grêmio Euclides da Cunha, a obra *Estudos euclidianos: notas para o vocabulário de Os Sertões*. O objetivo do grupo era elaborar um vocabulário ou dicionário da obra de Euclides da Cunha. No ano seguinte, em 1930, Pinto publicou *Os Sertões de Euclides da Cunha: vocabulário e notas lexicográficas*, uma iniciativa que visava de celebrar o pensamento do autor. No entanto, o dicionário propriamente dito só seria publicado em 1966, organizado por Afrânio Coutinho, dentro da coleção *Obra completa*, que reuniu diversos estudos sobre Euclides da Cunha, incluindo o dicionário euclidiano.

Diante disso, a pesquisa de cunho linguístico desses glossários e vocabulários, oriundos da literatura nacional, foi investigada a partir da segunda metade do século XX, com a inserção das disciplinas de Lexicologia e Lexicografia no meio acadêmico. Em 1981, Ieda Maria Alves escreve um artigo com título *O vocabulário da cana-de-açúcar nas obras de José Lins do Rego*, descrevendo o vocabulário da região da Paraíba. Assim, visou inventariar e delinear por meio de fonte literária um vocabulário específico. A autora ao perceber a reconstituição do meio social nas obras de José Lins do Rego e a possibilidade para o estudo do social via literatura, explorou o vocabulário relacionado com a produção existente em um engenho. Sua proposta seria descrever esse vocabulário listando lexias bem específicas do universo da cana-de-açúcar. Acreditamos que com esse artigo portas se abriram para o estudo do vocabulário relacionado com *corpus* literário, pois posterior a esse trabalho vieram muitos na mesma tônica de explorar os vocabulários oriundos dos campos da literatura.

Dessa maneira, as pesquisas focadas em obras de determinados autores ou em um conjunto de trabalhos literários incluem os estudos pioneiros, evidenciando esse enfoque acadêmico na intersecção entre vocabulário e literatura. Podemos citar o trabalho sob a coordenação de Maria do Socorro Silva de Aragão (1984) intitulado *Análise sócio e etnolinguística da linguagem regional na obra de José Américo de Almeida*, ligado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No primeiro momento pretendeu-se publicar um vocabulário de toda obra de José Américo de Almeida, contudo após analisar o *corpus* e ao se deparar com o romance *A Bagaceira*, a equipe percebeu que o glossário publicado pelo autor era limitado, não contemplando todo romance. Assim, foi proposta uma reformulação no sentido de reelaborar e aumentar seu glossário com uma revisão comentada dos verbetes e o seu acréscimo, objetivando

divulgar e difundir a linguagem e a valorização dos aspectos regionais da língua e cultura paraibanas.

Maria do Socorro Aragão (1990) trabalhou ainda com *A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego*, uma pesquisa léxico-semântica dentro das técnicas da lexicografia. Realizando um levantamento sistemático de termos, expressões e estruturas linguísticas para uma visão de língua, cultura e sociedade nordestina. Assim, objetivou o registro de variantes linguísticas, na obra de ficção de José Lins do Rego. Os resultados da pesquisa foram à elaboração e publicação do glossário para inventariar e divulgar esse autor.

Em outro momento, Maria das Neves Alcântara de Pontes publica em 1992 a obra *A influência da língua falada no léxico de Menino de Engenho de José Lins do Rego*, um estudo técnico do linguajar do Nordeste na obra do escritor paraibano. Fez uma comparação entre a linguagem falada e a linguagem escrita, tendo como base o romance *Menino de Engenho*, enumerando uma série de expressões extraídas da obra. Sendo um trabalho lexicológico, analisou as formas e estruturas linguísticas encontradas tendo por base a cultura canavieira. A sua importância se dá por investigar a funcionalidade da língua falada no nível linguístico do léxico observando as ocorrências. Com isso, criou-se lista de palavras assemelhando a um glossário, porém sem critérios lexicográficos, como por exemplo, sem ordem semasiológica, apenas dando significação e abonação (Pontes, 1992).

Rosa Assis (1992) estudou o vocabulário popular de Dalcídio Jurandir, sendo uma contribuição para o conhecimento do perfil da linguagem da Amazônia, especificamente do interior paraense marajoara. Esse estudo esteve voltado para a apreensão do universo sociocultural da região amazônica. A preocupação de Rosa Assis (1992) estava em registrar os termos populares presentes na narrativa de Dalcídio Jurandir materializado em seus romances. A autora trabalhou em dois sentidos: em primeiro lugar examinou os termos dicionarizados, com acepções diferentes daquelas empregadas no romance, e em segundo lugar abordou as lexias não dicionarizadas, o que fez consultar depoimentos de informantes nativos para elucidar as significações de algumas palavras. A relevância desse trabalho está no fato de documentar o vocabulário da Amazônia via romances de Dalcídio Jurandir, um dos autores da expressividade da região norte.

Por sua vez, Nilce Sant'Ana Martins publica em 2001 *O léxico de Guimarães Rosa*, estudo lexical de toda uma obra, que caracteriza o ambiente em que se desdobram as narrativas do literato. Dentre os critérios adotados por Martins (2001) selecionou-se as lexias de valor estilístico de maior expressividade em particular, neologismos, arcaísmos, populares, regionalistas, deixando de fora palavras do léxico básico da língua portuguesa. Sua classificação

inventariou cerca de 8.000 mil lexias, o que eventualmente não são encontrados em dicionários populares, o que levou a autora a recorrer em outras fontes. Um dado importante é que Martins (2001) utilizou como referência os estudos de Maria Socorro Silva de Aragão (1990) e outros autores para explicar as lexias da obra Guimarães Rosa. Ainda por cima, a autora deixa claro que o léxico de Guimarães Rosa não está fechado e acabado, mas estando em permanente abertura para acréscimos e aprimoramento, ou seja, existem lacunas que precisam ser preenchidas pela atualização de novos estudos. Como afirmou Nunes (2010, p. 13), obras dicionarísticas são discursos e como tal possuem silenciamentos, incompletudes da linguagem, além disso, o posicionamento do lexicógrafo em relação ao que entra e fica de fora em sua produção lexicográfica, são aspectos das limitações dessas produções.

Em 2005, Elimar Beatriz Borges defendeu a dissertação intitulada *O léxico de Augusto dos Anjos: para um glossário neológico do Eu e outras poesias* que objetivou a criação de um glossário dos neologismos do escritor. Com isso, foi realizado um estudo das lexias consideradas neológicas, não dicionarizadas. Assim, a construção de um glossário que perpassou por uma análise das bases lexicais dessas criações neológicas, teve em vista a semântica como critério no estudo. Assim, o neologismo literário é um recurso do autor, referente à criação de uma nova palavra dentro do contexto romanesco. A criação está relacionada à expressão de conceitos que não podem ser transmitidas por palavras já existentes, com isso, inferem em criações lexicais para evocar atmosferas, emoções e cenários. Borges (2005) justifica sua pesquisa, com base na não existência de trabalhos específicos, lexicográficos, sobre o autor; e a criação de uma base de dados que podem ser utilizados como instrumento de trabalho na prática de sala de aula. No âmbito da pesquisa proposta por Borges (2005), enfatizou-se a importância de compreender a caracterização da adaptação de um novo sema como elemento instaurador dos neologismos na obra de Augusto dos Anjos.

Por conseguinte, convém ainda citar a pesquisa de Queiroz (2006) que tematiza *O vocabulário Alencadiano de O Sertanejo: uma análise léxico-semântico*. Desse modo, a pesquisa abordou sobre os substantivos representativos do campo léxico da flora e fauna na obra de José de Alencar. Seu objetivo foi de verificar os aspectos do léxico utilizados pelo autor em relação ao propósito de elaborar uma literatura que revelasse os “modos brasileiros”. A autora expôs que a proposta inicial do trabalho seria a criação de um glossário neológico, contudo, por não haver uma quantidade suficiente de neologismos na obra, optou-se pela análise dos universos léxicos, ou seja, campos lexicais, sendo redirecionado para uma descrição semântica da classe gramatical substantivo, por meio da descrição de dois aspectos da natureza: flora e fauna. Portanto, Queiroz (2006) ao se debruçar sobre o léxico alencadiano viu os aspectos

biológicos, sociais e culturais refletidos em uma comunidade linguística, o que possibilitou à sua compreensão sobre como a sociedade concebe sua visão de mundo via léxico. Além disso, posiciona-se sobre os poucos estudos voltados sobre a relação natureza, léxico e sociedade.

Cabe ressaltar, que Dourado (2010) possui trabalho intitulado *Ifá Lexical: O léxico de terreiro em Tenda dos Milagres, construção identitária do povo-de-santo*, que apresenta uma análise por meio da teoria dos campos lexicais da obra de Jorge Amado *Tenda dos Milagres*. Pesquisa de caráter lexicológico com intuito de classificar o universo litúrgico afro-brasileiro. E Brasil (2011) apresentou a tese *O vocabulário de Godofredo Filho*, selecionando lexias incomuns, neologismos e onomatopeias, o que traz uma contribuição por demonstrar às possibilidades estilísticas do escritor. Barreiros (2017) apresentou a tese *O vocabulário de Eulálio Motta*, utilizando dos recursos teórico-metodológicos da lexicologia e lexicografia para averiguar as peculiaridades lexicais, presentes nos escritos do autor baiano. Uma contribuição para conhecimento e preservação de costumes e valores do homem sertanejo, por meio do uso da língua.

Oliveira (2018) estudou o léxico do escritor Ariano Suassuna, e assim, elaborou um glossário léxico-semântico do autor paraibano. Dessa maneira, a base de seu *corpus* foi à seleção de algumas das obras do escritor, com intuito de ressaltar lexias de natureza regional nordestina para a elaboração do glossário. Dentro dos objetivos específicos estava a identificação de neologismos e arcaísmos presentes no *corpus* de estudo. A linguagem do escritor exprime os costumes, a cultura e tradições de sua comunidade, com isso, compreender a linguagem do autor esclarece as questões de significação de palavras utilizadas por Suassuna contribuindo para o registro desse léxico.

Ainda mais, Ribeiro (2020b) analisou o vocabulário constante na obra literária *Cascalho* de Herberto Sales (2011). Inventariando 370 lexias, reunidas em simples, compostas e complexas, segundo a concepção de Pottier (1972). As lexias foram selecionadas tendo em vista como critério os aspectos linguísticos representativos relacionados quanto à cultura, sociedade e história da Chapada Diamantina. Por conseguinte, organizou o vocabulário em nove campos lexicais hierarquicamente divididos em macrocampos e microcampos reveladores do contexto sociocultural da comunidade do garimpo. A relevância evidenciada nesse trabalho está no fato de incorporar a preservação da memória linguística da Chapada Diamantina por meio de estudo vocabular da obra literária *Cascalho* (Sales, 2011).

Para tanto, poderíamos apresentar mais trabalhos tematizando as Ciências do Léxico e Literatura, contudo, os apresentados são suficientes para termos noção da expressividade de estudos que contribuem para o conhecimento linguístico nessa perspectiva, na temporalidade

de 1981 a 2020, tendo em vista a ascensão de estudos lexicais a partir da segunda metade do século XX (Ver quadro 5). Todos estes apontamentos de estudos lexicológicos e lexicográficos, considerando o *corpus* de pesquisa, nesse sentido, o discurso literário, são contributivas para aprimoramento e consistência teórica-metodológica do campo de estudos. O que não isenta dos desafios e possibilidades direcionados ao estudo do léxico na contemporaneidade.

Quadro 5: As Ciências do Léxico em pesquisas com *corpus* literário.

Autor (es, a, as)	Título	Ano	Corpus utilizado
Ieda Maria Alves	<i>O vocabulário da cana-de-açúcar nas obras de José Lins do Rego</i>	1981	<i>Menino de Engenho, Doidinho, Banguê, O Moleque Ricardo, Fogo Morto, Pureza, Água Mãe, Riacho Doce, Eurídice, Pedra Bonita, Cangaceiros, Usina, Meus verdes anos.</i>
Maria do Socorro Silva de Aragão et. al.	<i>Glossário aumentado e comentário de A Bagaceira</i>	1984	<i>A Bagaceira.</i>
Maria do Socorro Silva de Aragão	<i>A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego</i>	1990	<i>Água-mãe, Banguê, Cangaceiros, Doidinho, Eurídice, Fogo morto, Menino de engenho, O moleque Ricardo, Pedra Bonita, Pureza, Riacho doce, Usina.</i>
Maria das Neves Alcântara de Pontes	<i>A influência da língua falada no léxico de Menino de Engenho de José Lins do Rego</i>	1992	<i>Menino de Engenho.</i>
Rosa Maria Coelho de Assis	<i>O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir</i>	1992	<i>Chove nos campos de Cachoeira, Marajó, Três casas e um rio, Belém do Gão-Pará, Passagem dos Inocentes, Primeira manhã, Ponte do Galo, Os habitantes, Chão dos lobos, Ribanceira.</i>
Nilce Sant'Anna Martins	<i>O léxico de Guimarães Rosa</i>	2001	<i>Sagarana, Corpo de Baile, Manuelzão e Miguilim, No Urubupuaquá, no Pinhém, Noites do Sertão, Grande Sertão: Verdades, Primeiras Estórias, Tutaméia, Estas Estórias, Ave, Palavra, Magma.</i>
Manif Zacharias	<i>A lexicologia de Os Sertões: O vocabulário de Euclides da Cu-</i>	2001	<i>Os Sertões</i>

	<i>nha</i>		
Salomão P. Maia	<i>Dicionário de verbos de Os Sertões</i>	2002	<i>Os Sertões</i>
Elimar Beatriz Borges	<i>O léxico e Augusto dos Anjos: para um glossário neológico do Eu e outras poesias</i>	2005	<i>Eu e outras poesias</i>
Silvana Rodrigues de Souza Queiroz	<i>O vocabulário Alencariano de O sertanejo: uma análise léxico-semântica</i>	2006	<i>O sertanejo</i>
Rosinês de Jesus Duarte	<i>No mar neológico de Arthur de Salles navegam os regionalismos do Recôncavo Baiano</i>	2007	<i>Poesias Sangue-mau (Poemas esparsos)</i>
Lise Mary Arruda Dou-rado	<i>Ifá Lexical: O léxico de terreiro em Tenda dos Milagres, construção identitária do povo-de-santo</i>	2010	<i>Tenda dos Milagres</i>
Marta Maria da Silva Brasil	<i>O vocabulário de Godofredo Filho</i>	2011	<i>Irmã poesia, Diário de Godofredo Filho</i>
Liliane Lemos Santana Barreiros	<i>O vocabulário de Eulálio Motta</i>	2017	<i>50 Causos que compõe Bahia Humorística</i>
Uélida Dantas de Oliveira	<i>A linguagem de Ariano Suassuna: Um glossário léxico-semântico</i>	2018	<i>O casamento suspeito, Farsa da Boa Preguiça, O santo e a porca</i>
Antonio Marcos de Almeida Ribeiro	<i>Diamantes Lexicais: Garimpando o vocabulário do romance Cascalho de Herberto Sales</i>	2020	<i>Cascalho</i>
Aline Kercia Sampaio Oliveira Bento	<i>Os marcadores culturais da gastronomia afro-baiana na tradução para o espanhol em Dona Flor e seus dois maridos</i>	2021	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>
Dayane de Cássia Ferreira da Cruz Silva	<i>Marcadores culturais na tradução de Gabriela, Cravo e Canela para a língua espanhola</i>	2021	<i>Gabriela, Cravo e Canela</i>
Luciane Santos Soares	<i>Los marcadores culturales fraseológicos em la traducción português-español em la novela Capitães da Areia</i>	2021	<i>Capitães da Areia</i>
Aline de Freitas Santos	<i>Os marcadores culturais do domínio ideológico na tradução de Macunaíma e o protótipo do glossário bilingue</i>	2021	<i>Macunaíma</i>
Aislan dos Santos Aquino	<i>Estudos dos marcadores culturais na tradução para o espanhol do romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos</i>	2022	<i>Vidas Secas</i>

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

Os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos, os programas espalhados pelo país refletem sobre a expansão de suas fronteiras, o acolhimento de outras subáreas e outras abordagens específicas, em especial o regionalismo na Lexicologia e Lexicografia, que trata de registrar os falares locais a partir de seus autores e obras circunscritas congregando uma diversidade de trabalhos tematizando inúmeros autores. Com isso, são notadas realidades de pesquisas que

integram a incorporação de multimodalidades pela lexicografia, o uso das redes sociais no sentido de maior divulgação e suporte de publicação, o diálogo com a Linguística de *Corpus* e a introdução de ferramentas lexicais pelo uso de instrumentos computacionais redimensionando os horizontes de trabalho (Isquierdo, Marques, 2023).

Tendo em vista o exposto, o presente tópico tratou de apresentar as perspectivas teóricas e práticas sobre os estudos do léxico relacionados a um *corpus* literário. A abordagem demonstrou a existência de muitas pesquisas nesse sentido espalhados pelo Brasil. A tese *O vocabulário de Herberto Sales* soma-se a esses trabalhos desenvolvidos confirmando a continuidade aprimoramentos de estudos nessa perspectiva teórica e metodológica.

3.4 ENTRE PALAVRAS E SISTEMA BINÁRIO: A LEXICOGRAFIA COMPUTACIONAL

A Lexicografia se apoia em princípios marcados por séculos por um saber acumulado, refletindo a evolução linguística, no sentido da compreensão do léxico. Com isso, a Lexicografia durante muito tempo se apoiou, no processo e divulgação de suas publicações, com a disseminação de seus materiais, em suporte impresso. A edição em papel utilizado amplamente como uma tecnologia oriunda dos tipos móveis, atribuída ao alemão Gutemberg, encontrou seu auge no século XX. Com a propagação de editoras, popularização de livros e crescente número de leitores. O livro, especificamente os dicionários, constituíram um material importante para o conhecimento da língua. E com o advento da sociedade das tecnologias digitais, outros suportes foram incorporados atendendo as demandas de uma nova época. A partir de 1990, no âmbito da computação, uma série de produtos foram lançados no ensejo de possibilitar a ampliação dos recursos dicionarísticos, com dicionários em formato eletrônico para serem manipulados e processados por computador (Chishman, 2016).

O que contribuiu para esse cenário de produtos voltados para área digital foi a chamada cibercultura, defendida por Lévy (1999), que emerge da convergência de dois elementos centrais: as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e a atuação coletiva, principalmente de jovens, que buscavam formas inovadoras de se conectar com o mundo, desafiando padrões convencionais. Essa nova configuração permitiu a circulação de um fluxo de informações sem precedentes na história da humanidade. A cibercultura se desenvolveu no ciberespaço e, segundo Lévy (1999), representa um conjunto de práticas, tanto materiais quanto imateriais, que emergem desse ambiente virtual, provocando transformações na sociedade e na cultura global. As tecnologias, de longe a serem passivas em relação à educação,

são de fato, produtos da sociedade e da cultura, como também argumenta Lévy (1999). Essa nova configuração na sociedade é responsável por redefinir comportamentos, modos de vida, bem como formas de aprender e ensinar na contemporaneidade.

A partir da década de 1990, com o advento e crescimento da cibercultura no Brasil, os dicionários tradicionais passaram por uma transformação significativa, evoluindo de suportes físicos para plataformas digitais. Embora os dicionários digitais, em sua fase inicial, preservassem em grande parte as estruturas e organização dos modelos impressos, cabe ressaltar que ambos continuam a serem comercializados até o presente momento. Permanecem em coexistência, atendendo a públicos distintos com demandas específicas no universo comercial. A evolução desses recursos seguiu uma trajetória que começou com o CD-ROM (*Compact Disc – Read Only Memory*) e progrediu para formatos acessíveis via internet (*World Wide Web*), superando a consulta limitada ao computador que caracterizava as versões em CD-ROM. A transição para o ambiente digital trouxe uma praticidade, que não apenas facilitou o acesso, mas também impulsionou o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas voltadas para criação, gestão, difusão e exploração de conteúdos com característica multimídia. Esse avanço, por sua vez, abriu novas oportunidades de mercado de obras eletrônicas, oferecendo uma ampla gama de recursos à disposição dos usuários.

De outro modo, a manipulação de dados léxicos com o uso de técnicas computacionais no Brasil remonta a 1969, quando Maria Tereza Biderman defendeu sua tese de doutorado na USP, intitulada *Análise Computacional de Fernando Pessoa (Ensaio de Estilística Léxica)*. A partir desse momento, outras pesquisas começaram a se desenvolver em torno do uso de computadores para a análise de *corpora*. Com isso, um campo especializado foi se estabelecendo, na intersecção entre os conhecimentos da informática, impulsionados pela popularização dos computadores domésticos e o desenvolvimento de *software*, e a Linguística Aplicada. Isso contribuiu para a execução mais ágil de análises e para o armazenamento de grandes volumes de dados a baixo custo, favorecendo a produtividade e acessibilidade não apenas em grandes obras dicionarísticas, mas também em projetos menores, como vocabulários e glossários (Barreiros, 2017b; Biderman, 1984).

Dessa forma, ao considerar as possibilidades do digital, é fundamental destacar as ferramentas utilizadas pelos linguistas no desenvolvimento de suas pesquisas, que surgem em resposta às demandas geradas pelas investigações do léxico no âmbito computacional. Essas ferramentas são importantes para armazenamento, compilação, manipulação de dados lexicais, contribuindo para construção de modelos, cálculos de frequências, decodificação de informações, entre outras funções. Entre os principais recursos computacionais disponíveis para

esse fim, podemos citar o *AntConc*, *FieldWorks Language Explorer (FLEX)*, *WordSmith Tools*.

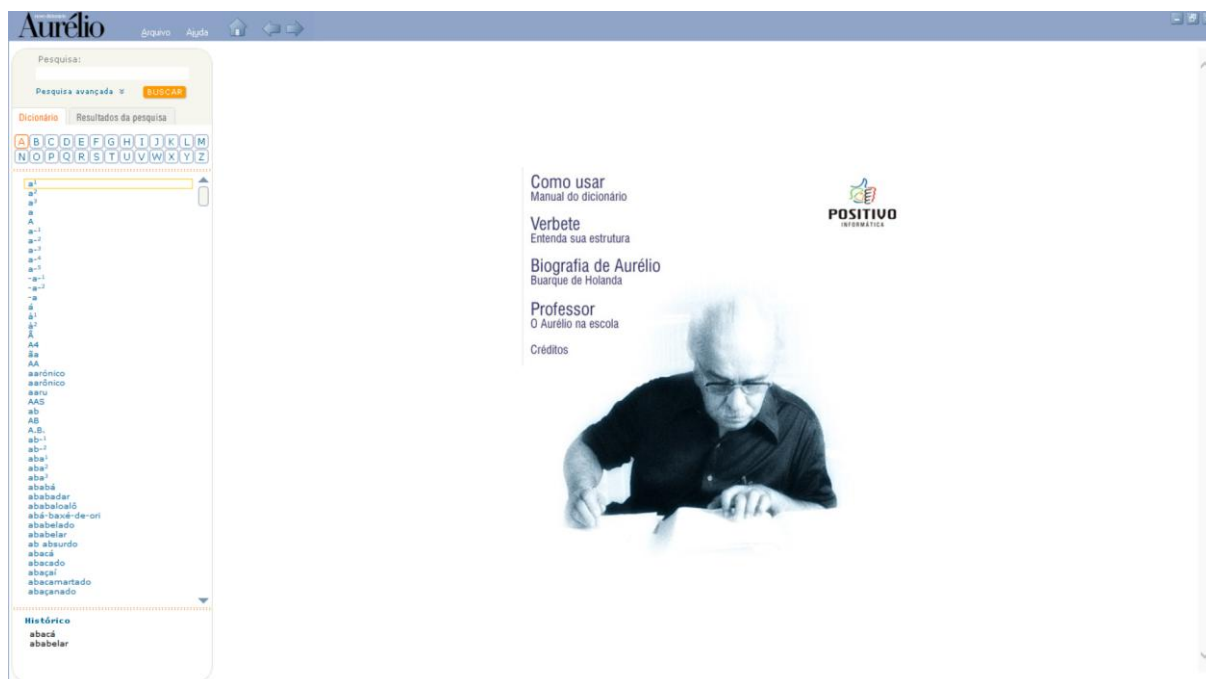
O *AntConc*, desenvolvido por Laurence Anthony, da Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade de Waseda, no Japão, é um *software* destinado à análise de *corpus*. Compatível com diversos sistemas operacionais, o *AntConc* se destaca por sua leveza e facilidade de uso, uma vez que não requer instalação e está disponível gratuitamente, tornando-se uma ferramenta acessível para diferentes perfis de usuários. Outro *software* relevante é o *FLEX*, produzido pela Sociedade Internacional de Linguística (SIL), uma organização científica com colaboradores em todo mundo. O *FLEX* é voltado para organização de banco de dados lexicais, elaboração de vocabulários levantamento e apresentação de lexias em ordem alfabética, além de estruturação da verbetes. Essas funcionalidades fazem do *FLEX* uma ferramenta robusta para pesquisas voltadas para a lexicografia. Barreiros (2017a, 2017b), por meio de sua tese, oferece um tutorial detalhado sobre o uso dessas duas ferramentas, fornecendo orientações práticas para otimizar seu uso em pesquisas acadêmicas.

O *WordSmith Tools* é uma ferramenta computacional projetada para análise de *corpus*, oferecendo uma variedade de utilitários, como o *Concord*, *Keyword*, *Wordlist*, *Text convert* e *Aligner*, que fornecem dados analíticos para pesquisas linguísticas. Desenvolvido pelo linguista britânico Mike Scott, da Universidade de Liverpool, o *software* foi lançado inicialmente, em 1996, na versão 1.0. Sendo um *software* pago, o *WordSmith Tools* é executado no sistema operacional *Windows* e conta com uma interface intuitiva de fácil uso, o que favorece a sua utilização. O programa disponibiliza uma ampla gama de recursos que, quando utilizado de forma eficaz, são extremamente úteis na análise nos diversos aspectos da linguagem. Para uma orientação detalhada sobre o uso do *WordSmith Tools*, o trabalho de Nascimento (2018) é uma referência que disponibiliza um guia pormenorizado sobre suas funções.

Retomando sobre os trabalhos brasileiros de destaque em dicionários eletrônicos pioneiros estão o *Novo dicionário Aurélio – Século XXI* (Ferreira, 1999) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss & Villar, 2001). Como apresentado por Barros (2005), eles são estruturalmente e informaticamente disponíveis para encontrar informações linguísticas por meio de buscas com recursos visuais e didáticos como um instrumento pedagógico. Barros (2005, p. 17) salienta, com a mudança do suporte material, as razões para a grande aceitabilidade desses dicionários eletrônicos estão pela interatividade, e recursos de modularidade dentre outras opções. Embora as interfaces gráficas dos dois dicionários contêm elementos em comum como em outros dicionários digitais, iremos realizar uma abordagem sucinta e contrastiva sobre os dois.

A tela principal de ambos os dicionários apresenta elementos comuns, como a barra de menu, a barra de ferramentas e o cabeçalho de verbetes. No entanto, as diferenças surgem na interface e no manuseio. O dicionário *Houaiss*, por exemplo, exibe uma barra alfabética que organiza as letras em sequência, semelhante a um caderno de telefones. Além disso, sua barra de ferramentas contém um número limitado de botões. Já o dicionário *Aurélio* dispõe de duas barras: um dedicado aos significados e outra para listas. Cada dicionário organiza seus recursos de maneira distinta, com características específicas que os diferenciam. O *Houaiss* oferece mais ferramentas de visualização dos verbetes, como vozes de animais, coletivos e pesquisa avançada. Por outro lado, o *Aurélio* se destaca pela maior flexibilidade na visualização de tela, permitindo integração com outros aplicativos.

Figura 16: Tela inicial do dicionário Aurélio Eletrônico (AE).



Fonte: Ferreira (1999).

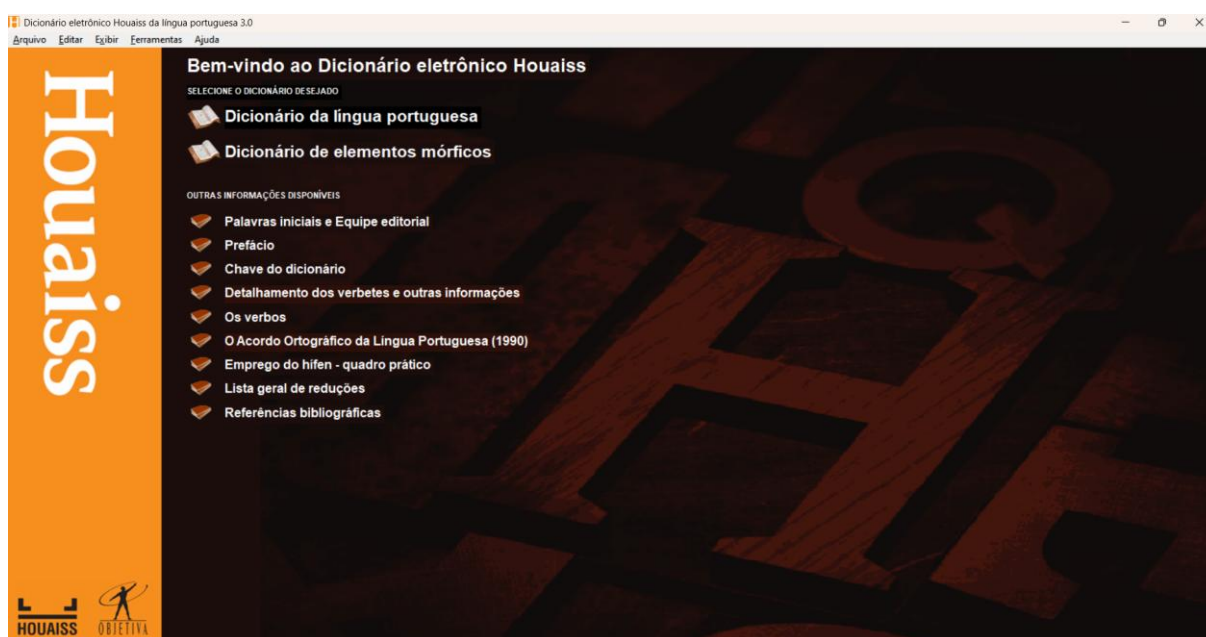
A comparação entre os dois dicionários revela similaridades significativas, especialmente na qualidade do conteúdo e no tratamento lexicográfico das informações. Ambos permitem a navegação por *hipertexto*, um recurso que facilita a leitura não linear ao conectar palavras e textos por meio de *links*. Ao clicar nesses *links*, novas janelas são abertas com informações adicionais sobre o termo pesquisado, permitindo que o usuário explore diferentes termos e retorne a pesquisa original. Sem a necessidade de seguir uma sequência linear que

quando acionado exibe novas janelas com mais informações a respeito do que se está pesquisando.

Embora as duas obras sejam eletrônicas, é importante destacar que elas não são *multimídia*, ou seja, não incluem som, imagens, vídeos ou animações. A preocupação central de ambos os dicionários é estritamente linguística, focada em fornecer informações sobre a língua portuguesa sem o uso de recursos audiovisuais nessas primeiras versões dos produtos. Assim, Barros (2005) realiza uma análise contrastiva detalhada desses dicionários, explicando minuciosamente cada um dos seus elementos.

Com a popularização dos CDs-ROMs na década de 1990, surgiram diversos dicionários eletrônicos, como também o *Michaelis*. Já o dicionário *Aulete Digital* (Aulete, 2006), acompanhado a expansão da *internet* e representando um avanço na migração de dicionários para o ambiente digital. Com o desenvolvimento da tecnologia, esses dicionários evoluíram de mídias físicas para versões *online*, acessíveis via navegador e, mais recentemente, em aplicativos móveis para dispositivos *Android* e *iOS*. Essa transição ampliou o alcance das obras, e permitiu atualizações frequentes em tempo pouco tempo e acesso gratuito para os usuários, tornando os dicionários digitais ferramentas amplamente utilizadas e essenciais para o público moderno.

Figura 17: Tela inicial do dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.



Fonte: Houaiss & Villar (2001).

Mas, essa transição, só foi possível devido o cenário social vigente resultado de uma complexa interação de fatores que refletem a hipercomplexidade cultural, atravessando diversas fases, desde cultura oral, escrita e impressa, até cultura de massas, a cultura midiática e, por fim, a cibercultura. Esse contexto de hiper conexão gerou novos ambientes socioculturais que moldaram os perfis cognitivos de diferentes gerações, como as gerações X, Y e Z. Cada uma dessas gerações, desde a era das tecnologias reprodutíveis até as conexões de tecnologias de conexão contínua, contribuiu para a construção do ciberespaço em que vivemos hoje. Essa transformação cultural e tecnológica também influencia a configuração dos espaços urbanos, visível no surgimento dos nômades digitais, que representam um novo paradigma na organização espacial e no modo de vida digital (Santaella, 2010).

Dessa maneira, incluindo as mudanças oriundas na produção de dicionários, ancoradas em uma conexão contínua, estão relacionadas também com a transição da *WEB 1.0* para a *WEB 2.0* que representou uma mudança paradigmática na maneira como os usuários interagem com o ambiente digital. A *WEB 1.0*, também conhecida como a primeira fase da *internet*, era caracterizada por uma abordagem unidirecional, em que o usuário atuava como consumidor passivo de informações. As páginas da *WEB* eram estáticas e a criação de conteúdo exigia conhecimentos técnicos avançados e a aquisição de *software* especializado, o que restringia a participação do usuário na produção de conteúdo. Além disso, a hospedagem de *sites* frequentemente implicava custos, limitando o acesso a esse espaço a uma parcela menor do utente (Grané e Willem, 2009).

Em contraste, a *WEB 2.0* introduziu uma *internet* mais dinâmica e interativa, em que o usuário se tornou tanto o consumidor quanto produtor de conteúdo. Essa fase foi marcada pela simplificação na criação e edição de páginas, possibilitando que mesmo aqueles sem conhecimentos técnicos avançados pudessem participar ativamente. A proliferação de servidores gratuitos e os surgimentos de inúmeras ferramentas *online* expandiram as possibilidades de interação, permitindo uma experiência mais colaborativa e democrática. Essa evolução tecnológica transformou a *internet* em um espaço de trocas constantes de informações e de construção coletiva de conhecimento, refletindo mudanças nas práticas sociais e culturais da era digital (Grané e Willem, 2009).

A linguística informatizada, ou computacional, aplicada aos dicionários eletrônicos representa uma mudança estrutural nas obras lexicográficas no que diz respeito ao pesquisador do léxico. As aplicações dos dicionários eletrônicos são vastas e diversas. Mogorrón Huerta (2004), destaca sua utilidade como análises das estruturas textuais, propriedades morfosintáticas, caracterização das unidades lexicais e funções sintáticas, além de busca de *corpora*

para fins de aprendizagem e tradução automática. Entre as vantagens desse suporte estão a rapidez nas consultas e a navegação eficiente pelos verbetes, além da confiabilidade e da vasta gama de recursos disponíveis na *internet*.

A lexicografia computacional, é possuidora de caráter multidisciplinar e trabalha por um repositório de informação léxica, diferentemente do suporte de papel, conta com uma grande capacidade de memória e armazenamento de dados, contudo, em alguns casos, a estrutura e informações essenciais de um dicionário eletrônico permanecem inalteradas em relação ao suporte impresso. Sendo a principal vantagem do suporte digital é permitir uma exaustividade quase infinita de itens lexicais, graças à sua capacidade de armazenar e processar um grande volume de dados. Pois, geridos por sistemas informáticos que atendem às demandas da sociedade atual, os dicionários eletrônicos abrem inúmeras possibilidades de aplicação, como em catalogação, criação de ficheiros informáticos e análise de códigos morfológicos. No entanto, mesmo com esses avanços, a intervenção e análise de linguísticas permanecem indispensáveis, pois nenhum programa de computador pode operar eficazmente sem a orientação e o conhecimento humano (Mogorrón Huerta, 2004).

Dessa forma, as inovações na área da lexicografia digital convergem com os esforços para alcançar resultados rápidos e eficazes. Contudo, o léxico permanece como elemento central, servindo de base para a construção dos sistemas informáticos que possibilitam a interação entre dispositivo eletrônico e usuário. Ortiz (1998) aponta desafios da lexicografia computacional, entre as quais se destaca a aquisição do conhecimento lexical, que pode ser realizada manualmente ou a partir de formatos digitais em repositórios e *corpora* textuais informatizados. Embora as fontes eletrônicas e os bancos de dados digitais ofereçam vasta quantidades de informações linguísticas, nem todas essas informações são aproveitadas de maneira eficiente na prática.

Outro desafio reside na limitação de alguns dicionários, cuja base de conhecimento lexical pode ser restrita, resultando em produtos inconsistentes e incompletos, especialmente quando se busca um tratamento homogêneo das entradas. O avanço na aquisição e atualização de informações léxicas para dicionários digitais está vinculado a um ramo específico da lexicografia, a chamada Lexicografia de *Corpus*. Como a linguagem é dinâmica, a compilação de um dicionário deve basear-se em um estudo e análise exaustivos da língua, garantindo que o *corpus* seja representativo da comunidade de falantes. Assim, como enfatiza Ortiz (1998), o *corpus* deve incluir textos escritos e orais. Entretanto, mesmo com uma grande quantidade de informações disponíveis, ainda é desafiador criar um produto que atenda todas as demandas de uma obra léxica de forma detalhada.

A *práxis* da lexicografia computacional, em seu esforço de construção e na automação do processamento da linguagem natural, constitui uma fonte potencial da informação lexical. O volume de banco de dados acumulados eletronicamente cresceu exponencialmente, impulsionando investigações baseadas em *corpora*, que deram origem à chamada linguística de *corpus*. Posteriormente, a construção de dicionários eletrônicos a partir desses dados, a lexicografia evoluiu para o que se denomina lexicografia de *corpus*. Esse desenvolvimento permitiu a elaboração de dicionários mais robusto, completos e precisos, fruto da análise exaustiva de grandes quantidades de textos e informações léxicas.

Como indicam Hernández e Ortiz (2009), a aquisição de informação lexical pode ser realizada a partir de três fontes principais: dicionários pré-existentes, *corpora* textuais e banco de dados eletrônicos. Além dessas fontes, o conhecimento especializado do lexicógrafo é fundamental para organização e sistematização adequada das informações. No entanto, mesmo com a integração dessas diversas fontes, ainda é desafiador reunir todas as informações necessárias para compor um dicionário completo e detalhado. Considerando que a linguagem é um fenômeno dinâmico e em constante adaptação, enquanto os dicionários permanecem estáticos, o intervalo entre a produção e o processo de edição impede que a língua seja representada de forma totalmente atualizada.

Assim, a atividade lexicográfica computacional envolvendo *corpora*, objetiva, em alguns casos, inventariar o maior número possível de lexias. Desse modo, a frequência das lexias é um fator importante para definir os critérios de seleção e os exemplos a serem incluídos nos projetos lexicográficos. Além disso, a manipulação contínua dos dados aprimora as habilidades de consulta, organização e atualização das informações no dicionário. Os *corpora* informatizados exerceram uma influência na estruturação dos dicionários, especialmente no princípio de seleção lexical. Um dos impactos relevantes foi sobre os fundamentos epistemológicos, ao priorizar cortes sincrônicos e utilizar como parâmetros a frequência de uso das lexias, permitindo a constituição de uma obra dicionarística atualizado em tempo mais próximo do real (Krieger, 2006).

Portanto, as relações entre Linguística e Informática vem se estreitando com as possibilidades de construções de aplicativos computacionais relativos à língua, dando conta dos diferentes aspectos, sejam sons, palavras e discursos, e com isso, coexistindo várias formas para o tratamento linguístico com diferentes aplicações que irão privilegiar um ou outro aspecto. Contudo, existem alguns desafios que precisam ser considerados, a exemplo, a ambiguidade lexical, em relação, a constituição dos dicionários digitais, o que implica nas múltiplas descrições associadas a uma entrada ou múltiplos sentidos para cada item lexical, confi-

gurando-se em uma entrada ou mais de uma, o que o lexicógrafo utilizará de critérios para estabelecer esses itens.

Na área da fonologia, o desafio está no desenvolvimento de um sistema capaz de produzir uma pronúncia convincente e adequada, com relação aos aspectos prosódicos (pronúncia, entonação e sotaque) envolvendo tonicidade, ritmo, pausas e os aspectos melódicos da sentença, com sonoridade próxima à fala humana em aplicativos que reproduzem o som das palavras. O conhecimento necessário para a resolução desses e outros problemas começou a ser induzido pelo diálogo entre grupos de estudos que trabalham com síntese de fala (*speech synthesis*), que são aplicados no processo de conversão de texto em fala, ajudando a aproximar a síntese de fala à sonoridade da fala humana.

O léxico computacional, o dicionário ou vocabulário digital, tem como função central ser um inventário de palavras, capaz de reconhecer unidades léxicas simples, complexas e terminológicas. Em termos de conteúdo, estruturação, entradas e cobertura lexical, muitos deles se assemelham aos dicionários tradicionais em suporte físico. A principal diferença está na rapidez com que as buscas são processadas. No entanto, o grande desafio é torná-lo mais interativo com os usuários, permitindo maior compartilhamento e troca de informações, com a possibilidade de adicionar dados de forma cumulativa. Isso, por sua vez, traz uma nova dificuldade: evitar a sobrecarga de informações, mantendo o dicionário eficiente para atender às necessidades comunicativas e cognitivas de seus usuários.

Diante do exposto, a Linguística Computacional, com seus diversos atributos, possui linhas de estudos dedicado aos dicionários, um objeto essencial na contemporaneidade que atende as necessidades linguísticas das sociedades. Esse inventário de unidades lexicais, ou catálogo lexical, evidencia a complexidade do trabalho lexicográfico, que vai muito além de uma simples listagem de palavras. Hoje, uma vasta quantidade de textos é gerada por computadores, e, com o aumento da capacidade técnica de armazenamento, há uma crescente disponibilização de textos em formato eletrônico. A criação de dicionários, vocabulários e glossários tornou-se uma necessidade real, devido à qualidade das informações e às amplas possibilidades de organização lexical, por meio de programas e aplicativos para tal fim, oferecidas pelo meio digital, proporcionando uma cobertura lexical abrangente na contemporaneidade.

4 OS CAMINHOS LEXICOGRÁFICOS E O *CORPUS*

A tese intitulada *O vocabulário de Herberto Sales* inseriu-se em um plano metodológico embasado na leitura e seleção da literatura, nos estudos lexicográficos e, também nos lexicológicos, domínios que se entrelaçam e complementam no presente trabalho doutoral. Essas áreas dialogam entre si, evidenciando uma congruência teórica e prática. Ademais, Herberto Sales possui um vasto repertório literário, e, para este estudo, selecionamos cinco obras. As obras escolhidas que integram o *corpus* selecionado, são: *Cascalho* (2011[1944]), *Além dos Marimbus* (1965 [1961]), *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a [1965]), *Rio dos Morcegos* (1993) e *A prostituta* (1996). A seleção dessas obras baseia-se além do valor literário que carregam, em sua estilística próprias, na riqueza de expressões da linguagem regional, permitindo, assim, a construção de um vocabulário do autor. Esse conjunto de romances são fontes de informações e registros linguísticos para o presente trabalho.

A delimitação e definição do *corpus* literário não apenas orientou o percurso metodológico, mas assegurou a representatividade e validade dos dados coletados, de modo que o vocabulário elaborado refletisse as marcas linguísticas, culturais e estilísticas do universo do autor. Dessa maneira, o *corpus* atende ao princípio da representatividade, sendo composto pelas cinco obras mencionadas anteriormente. As demais produções de Herberto Sales não estão incluídas no escopo desta tese no momento, mas poderão ser abordadas em projetos futuros. A seleção dessas obras em textos narrativos não fora aleatória; como já destacado, baseou-se na representatividade. Embora um estudo mais amplo, abrangendo toda obra do autor, seja viável, optamos por uma abordagem focalizada. Assim, a coleta e análise foram estruturadas para permitir um entendimento de um vocabulário característico de Herberto Sales, e representativo da Chapada Diamantina.

Essa seleção, ao obedecer, ao critério de representatividade do ponto de vista da diversidade vocabular do autor, por diferentes perspectivas, seja do universo social, cultural, econômico da Chapada Diamantina, trazemos à lume um vocabulário dos falares populares, as terminologias ligadas ao garimpo e à vida sertaneja, além de elementos da flora, fauna, crenças e costumes locais. Sendo assim, constitui-se um inventário linguístico que possa abarcar a expressividade e o valor linguístico vocabular utilizado por Herberto Sales.

A delimitação do *corpus* possui uma coerência temporal e temática. O arco temporal da produção literária do autor, nos permite captar e observar a continuidade e, eventualmente a transformação de seu vocabulário ao longo do tempo, sem perder de vista o eixo temático que o conecta, a Chapada Diamantina. Desse modo, os três primeiros romances de Herberto

Sales: *Cascalho* (2011[1944]), *Além dos Marimbus* (1965 [1961]), *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a [1965]), são a obra inicial telúrica nessa fase do autor. As últimas obras *Rio dos Morcegos* (1993) e *A prostituta* (1996), são as continuidades de sua manifestação dos elementos e produtos culturais de sua terra natal. Ao nos concentrarmos nessas obras cumprimos a função de registrar uma variedade do português brasileiro, marcada por especificidades vocabulares e expressões que escapam, aos dicionários gerais da língua. Com isso, cumprimos o papel, enquanto pesquisador, de criar um repositório da memória linguística da Chapada Diamantina, preservando um patrimônio imaterial inscrito no projeto literário de Herberto Sales.

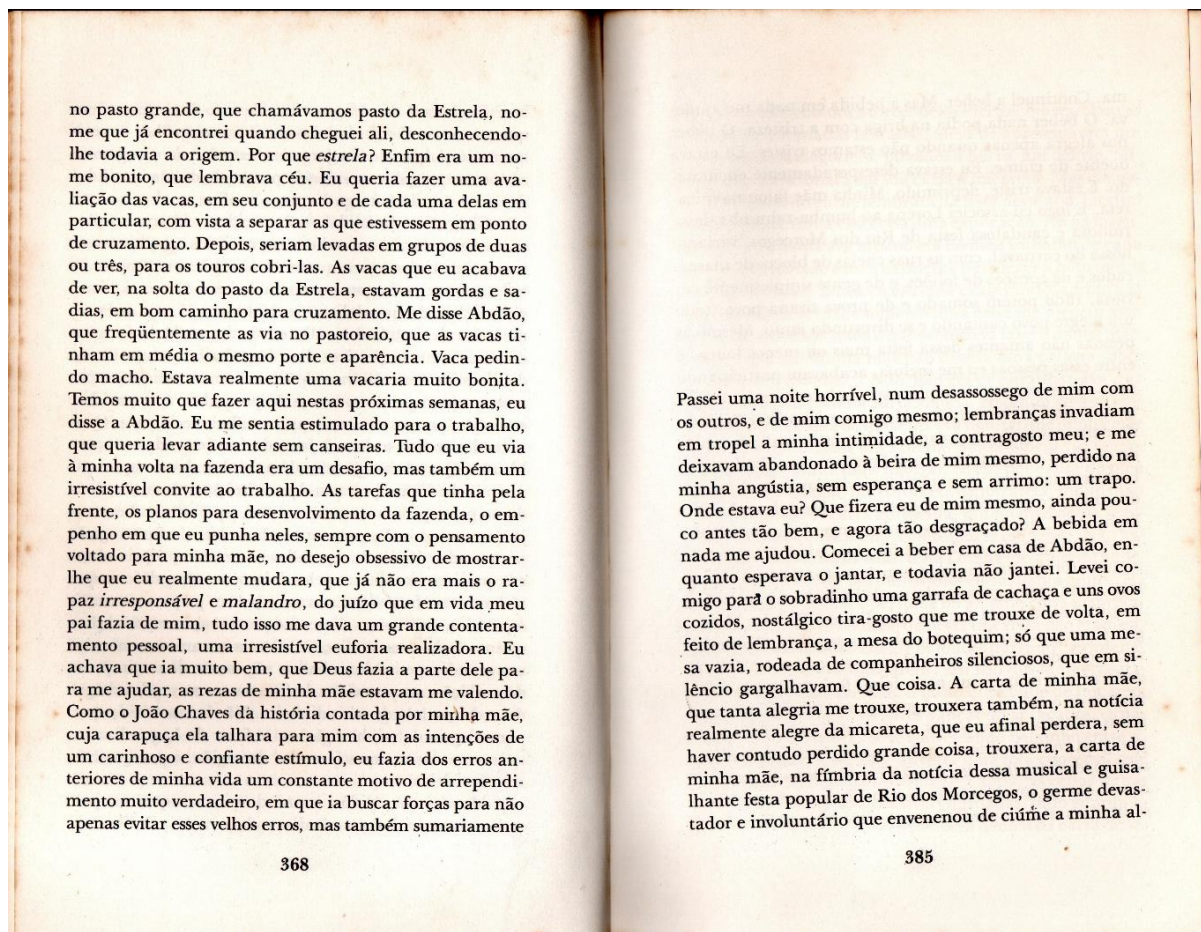
4.1 SELEÇÃO, PREPARAÇÃO E DIGITALIZAÇÃO DO CORPUS

A partir do *corpus* selecionado, procedeu-se à extração das lexias para compor a obra lexicográfica e assim, organizar e estruturar o vocabulário de Herberto Sales. O processo de digitalização envolveu a transposição física do texto impresso para o meio digital, com garantias de preservação da integridade dos textos, fidelidade e qualidade necessárias para as análises e formação do vocabulário. A realização dessa etapa demandou uma série de procedimentos que visou assegurar a legitimidade do *corpus* como fonte de dados lexicais. Dessa maneira, o processo de digitalização requereu a obtenção dos exemplares das obras selecionadas, preferencialmente edições disponíveis no mercado editorial na atualidade, afim da estabilidade ao texto base.

Desse modo, para compor o *corpus*, foram selecionadas edições físicas das obras de Herberto Sales, com atenção às suas particularidades editoriais. A edição de *Cascalho* (2011[1944]), a mais recente, juntamente com *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009a [1965]), compõem um projeto de reedição da editora *É Realizações* que até o momento integra somente essas duas obras. *Além dos Marimbus* (1965 [1961]), por sua vez, adquirimos a 2ª edição, com bom estado de conservação. Já *Rio dos Morcegos* (1993), publicado pela *Civilização Brasileira*, apresenta uma descontinuidade na paginação (página 368 salta para página 385), cuja origem – erro ou corte editorial – permanece indeterminada. *A prostituta* (1996), igualmente em edição única, completa o conjunto. Todas passaram por digitalização, respeitando-se os limites físicos dos exemplares (mesmo com a lacuna em *Rio dos Morcegos*). A escassez de reedições de obras fundamentais expõe uma contradição: autores brasileiros de prestígio, como Herberto Sales, seguem invisibilizados pelo mercado editorial, apesar de seu

legado literário. Tal paradoxo demanda de um reposicionamento e políticas de preservação por meio de uma reavaliação crítica de seu lugar na historiografia literária do país.

Figura 18: Descontinuidade na paginação em Rio dos Morcegos (p. 368 salta para 385).



Fonte: SALES, Herberto. **Rio dos Morcegos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

Após a seleção do *corpus*, iniciou-se a etapa de digitalização, que não se limitou à mera transposição do texto impresso para o formato digital, mas também à preservação da integridade e qualidade necessárias para as análises subsequentes. Esse processo exigiu uma série de procedimentos para garantir a fidelidade do material e sua legitimidade como fonte de dados vocabulares.

A digitalização foi realizada página por página por meio de *scanner*, gerando arquivos em formato *PDF* (*Portable Document Format*), que, posteriormente foram processados por um *software* de reconhecimento óptico de caracteres (*Optical Character Recognition — OCR*) para converter o texto em arquivos editáveis. No entanto, o uso do *OCR* pode introduzir erros de leitura, distorções de palavras, falhas de pontuação e supressão de caracteres, tornando

essencial a escolha de edições de boa legibilidade. Por esse motivo, a etapa seguinte envolveu uma revisão minuciosa do material digitalizado, comparando-o com a edição original para corrigir eventuais falhas e assegurar que o texto refletisse com precisão a obra do autor.

Além da revisão textual, foi fundamental uniformizar o formato dos arquivos, para que todos os textos estivessem em formato compatíveis com os programas de análise linguística que foram utilizados, como o *WordSmith Tools*. Para isso, a padronização exigiu a adoção de uma codificação única, como o formato *text plain* (.txt), a fim de evitar problemas com acentuação ou caracteres especiais, além de ajustes na diagramação. Além disso, foram necessários ajustes na diagramação, como remoção de notas de rodapé, número de páginas, e outros elementos que não integram o corpo principal da obra. Essa preparação teve como objetivo deixar o texto “limpo”, ou seja, livre de interferências gráficas e pronto para o processamento computacional, sem que isso implicasse qualquer modificação no conteúdo linguístico do autor.

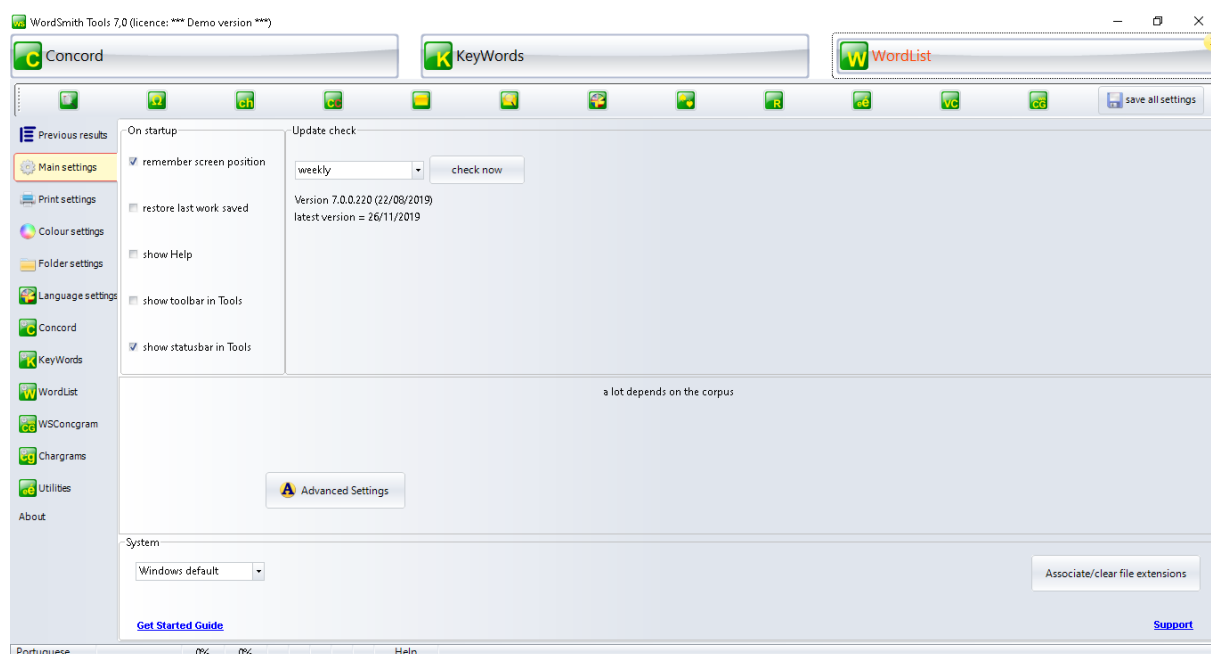
Outro aspecto importante nesse processo foi a segmentação do *corpus*. Como o vocabulário proposto buscou apresentar abonações extraídas diretamente das obras, tornou-se essencial segmenta-lo por título, para que cada trecho textual mantivesse a referência precisa da página e da obra de origem. Essa organização possibilitou que, durante a elaboração dos verbetes, as citações (exemplos de uso) fossem corretamente referenciadas, certificando a fidelidade e transparência dos dados. Dessa forma, cada vocábulo do *corpus* recebeu uma marcação identificadora da obra e página de onde foi extraído, permitindo que as etapas subsequentes de lematização e abonação ocorressem de maneira sistemática.

Desse modo, extraímos enxertos (abonação) das próprias obras do *corpus*, com o objetivo de validar e exemplificar o uso das lexias em contextos de uso da língua. Cada abonação foi identificada por um código correspondente ao texto e ao ano de publicação, para a rastreabilidade das referências. Assim, as abonações para *Cascalho* (2011 [1944]) recebeu o código CAS [2011], *Além dos Marimbus* (1965 [1965]) foi identificado como ALM [1965], *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009) como DBM [2009], *Rio dos morcegos* (1993) como RDM [1993] e *A prostituta* (1996) como APO [1996].

Por fim, a preparação do *corpus* incluiu também a criação de *backups* e versões seguras dos arquivos digitais, para a proteção dos dados contra perdas ou danos acidentais. Esse processo de digitalização e organização do *corpus*, como etapa preliminar da pesquisa, tornou-se essencial para validar os resultados lexicográficos. Dessa maneira, foi permitindo elaborar o vocabulário de Herberto Sales com rigor científico, refletindo a autenticidade do universo vocabular de suas obras.

Nesse sentido, o processamento computacional foi realizado por meio de ferramentas especializadas em análise linguística e organização lexical, a extração, sistematização e interpretação dos dados. Para isso, utilizamos o *software WordSmith Tools*, reconhecido na área da Linguística de *Corpus*. Trata-se de um programa de verificação de *corpus* que fornece dados analíticos para estudos linguísticos. A versão utilizada foi disponibilizada pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD), que possui o *software* devidamente registrado. Não nos estenderemos aqui sobre a evolução, o funcionamento e os recursos do *WordSmith Tools*, pois essas informações são detalhadamente apresentadas por Nascimento (2018), que oferece um guia completo sobre as funções do programa computacional.

Figura 19: Interface do *WordSmith 7.0*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*.

Com isso, após a digitalização e a revisão do *corpus*, os textos foram convertidos em um formato compatível com as ferramentas de análise, como em arquivos *.txt*, para a correta leitura dos dados no *WordSmith Tools*. Esse programa foi empregado para gerar listas de frequência, identificar padrões e analisar concordâncias, possibilitando um mapeamento detalhado dos vocábulos e expressões nas obras de Herberto Sales. A funcionalidade de lista de palavras permitiu observar a distribuição dos termos, também a ocorrência de diferentes itens lexicais, destacando aquelas de maior ou menor relevância dentro do vocabulário do autor.

O programa *FLEX (FieldWorks Language Explorer)* foi utilizado para estruturar e organizar o vocabulário extraído das obras selecionadas. Essa ferramenta permitiu o gerenciamento lexicográfico, possibilitando a categorização das palavras-entradas de acordo a classe

gramatical, significado e variantes formais. A integração dos dados obtidos no *WordSmith Tools* ao *FLEx* possibilitou uma análise das relações semânticas e morfológicas das lexias selecionadas, o que permitiu a construção de um banco de dados estruturado. No *FLEx*, cada entrada foi enriquecida com informações, como abonações extraídas do *corpus*, além de edição dos verbetes. O processamento computacional, portanto, seguiu um fluxo estruturado que partiu da conversão e limpeza dos textos, passando pela análise quantitativa e textual do *WordSmith Tools* e em seguida perpassou na organização lexicográfica dos dados do *FLEx*.

4.2 O *WEBSITE* VOCABULÁRIO HERBERTO SALES: FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO LEXICOGRÁFICA

O *Vocabulário Herberto Sales* constitui-se uma página *web* disponibilizada na *Internet* pelo domínio <https://vocabularioherbertosales.com.br>. Sua identidade visual foi concebida com base nas características de um produto lexicográfico em formato digital, privilegiando um *design* que amplia as possibilidades de apresentação de verbetes e mais recursos. Essa plataforma funciona como um banco de dados vocabular, estruturado para organizar e disponibilizar informações linguísticas sobre o vocabulário de Herberto Sales. Além disso, possui potencial de expansão, podendo abranger outras obras do autor ou projetos relacionados à Chapada Diamantina. A escolha por uma plataforma digital permite maior acessibilidade e amplia as possibilidades de pesquisa e colaboração.

A construção do vocabulário digital é primordial no armazenamento de dados ampliando as oportunidades de compartilhamento e interação. O ambiente digital proporciona a inserção de comentários, permitindo a escrita colaborativa, o protagonismo e a coautoria. Desde o advento dos dicionários eletrônicos, a leitura e o manuseio de obras lexicográficas deixaram de ser restritos ao suporte impresso, tornando a ubiquidade uma característica central, aliada à acessibilidade, à atualização contínua e a ferramentas que facilitam a pesquisa. Além disso, a plataforma pode integrar outros recursos de aprendizagem, como biobibliografia do autor, acervos e a possibilidade de exploração do vocabulário para *PDF*, seja para impressão. Ademais, amplia as possibilidades de pesquisa e estudo.

Outra vantagem do formato digital é a possibilidade de personalização, permitindo que os usuários ajustem o formato, a fonte e o *layout* do vocabulário conforme suas necessidades. Por exemplo, é possível ampliar o tamanho do texto para facilitar a leitura de pessoas com deficiência visual (atalho no *Windows* Ctrl + +) ou acessar o conteúdo de diferentes dispositivos, como *tablets*, *smartphones*, *laptops*. Além disso, futuramente, poderão ser disponibiliza-

das em vários idiomas, com a opção de tradução automática. Diferentemente dos materiais impressos, que ocupam espaço e apresentam custos elevados de produção e transporte, o vocabulário digital pode ser armazenado em dispositivos portáteis, de acesso rápido e sem necessidade de espaço físico. Essas vantagens fazem do vocabulário digital uma ferramenta prática, acessível e eficiente, alinhada ao contexto da cibercultura e às novas dinâmicas de uso da linguagem e do acesso à informação.

A logomarca foi concebida a partir por inspiração na paisagem da Chapada Diamantina, mais especificamente, o Morro do Camelo, localizado em Palmeiras, Bahia, um dos seus marcos de patrimônio natural mais conhecido. Na base da imagem, encontra-se a representação de um livro aberto, símbolo do conhecimento e da transmissão do saber. Ao lado, está disposta a inscrição “Vocabulário Herberto Sales”, reforçando a identidade acadêmica e cultural do projeto. O Morro do Camelo, associado à imagem do livro, simboliza também a conexão entre memória literária da Chapada e a proposta lexicográfica da plataforma. O conjunto gráfico, em tonalidade verde, reforça o vínculo com a paisagem regional, unindo identidade cultural e referência territorial (ver figura 20).

Figura 20: Logomarca da plataforma.



Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

A paleta de cores adotada no projeto privilegia tons sóbrios e minimalista, com alto contraste, de modo a remeter à paisagem baiana da Chapada Diamantina e, simultaneamente, possibilitar a legibilidade e acessibilidade, em consonância com as recomendações da *Web Content Accessibility Guidelines* (WCAG – Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web). Essas diretrizes internacionais orientam a construção de conteúdo digitais acessível a todos os usuários, incluindo pessoas com deficiência, evitando o uso de combinações cromáticas que comprometam a leitura. O projeto, busca, assim, conciliar equilíbrio visual e valorização dos elementos interativos, resultando em um *design* responsivo que articula identidade cultural e recursos técnicos, tonando atraente para diferentes públicos.

Na composição cromática, o branco (#ffffff) constitui a cor predominante, sendo utilizado no fundo da página e nas áreas de conteúdo, de modo a criar uma base limpa que favorece a leitura. O preto (#000000), ou variações próximas, é aplicado na maior parte dos textos,

garantindo legibilidade sobre o fundo claro. O vermelho vinho/bordeaux (#8B1A1A / #8d1f1f) é reservado a elementos interativos de maior relevância visual, enquanto o cinza claro (#f5f5f5 / #f8f9fa) serve para estabelecer discretas separações visuais. Por fim, o verde (#2a6b2e / #2c6e30) é a cor identitária principal, responsável por reforçar a personalidade visual do site (ver figura 22).

Figura 21: Paleta das cores predominantes no site.



Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

As fontes e tamanhos tipográficos seguem um padrão uniforme em todas as páginas, permitindo coesão visual e legibilidade. Utilizou-se a *Montserrat* para estruturar as seções (títulos), e *Open Sans* para o conteúdo principal (corpo dos textos). As variações ocorrem apenas nos títulos, subtítulos e nome dos botões, que recebem ajustes de tamanho e espessura para padronizar hierarquia textual e destaque adequado dentro da interface.

Na página inicial do *Vocabulário Herberto Sales*, o visitante é recepcionado por uma interface estruturada que mescla funcionalidade, identidade visual e interatividade constando os seguintes elementos:

- No cabeçalho, destaca-se o logotipo com o nome do site, posicionado no canto superior esquerdo e presente em todas as páginas, reforçando a consistência visual;
- Logo ao lado, entre o centro e a margem direita, encontra-se o menu de navegação, com as opções como “Início”, “Apresentação”, “Vocabulário”, “Biobibliografia”, “Acervo”, “Contato”, permitindo acesso a todas as seções;
- No canto superior direito, uma barra de pesquisa facilita a busca por palavras, expressões ou verbetes de maneira eficiente;
- Na área central da página, um texto de abertura convida o usuário a explorar o vocabulário Herberto Sales, destacando, por exemplo, como encontrar termos

exclusivos da Chapada Diamantina e incentivando contribuições para manter o acervo sempre atualizado;

- Abaixo, são exibidas seções interativas e dinâmicas como: *Links* para as letras do alfabeto (A a Z), que organizam e facilitam a navegação pelos verbetes; A seção “Últimas Atualizações”; O recurso “Palavra do Dia”, ideal para despertar o interesse diário pela cultura linguística; Jogo interativo como “Jogo da Forca” e uma “Nuvem de Palavras”, que reforçam parte do caráter lúdico e educativo da plataforma;
- Em um rodapé discreto, encontra-se a cláusula reserva, que resume o propósito do *site* como repositório do vocabulário presente nas obras de Herberto Sales;
- No fim da página, informações de autoria e brasões dos vínculos institucionais.

Figura 22: *Desing* da página inicial do Vocabulário Herberto Sales.

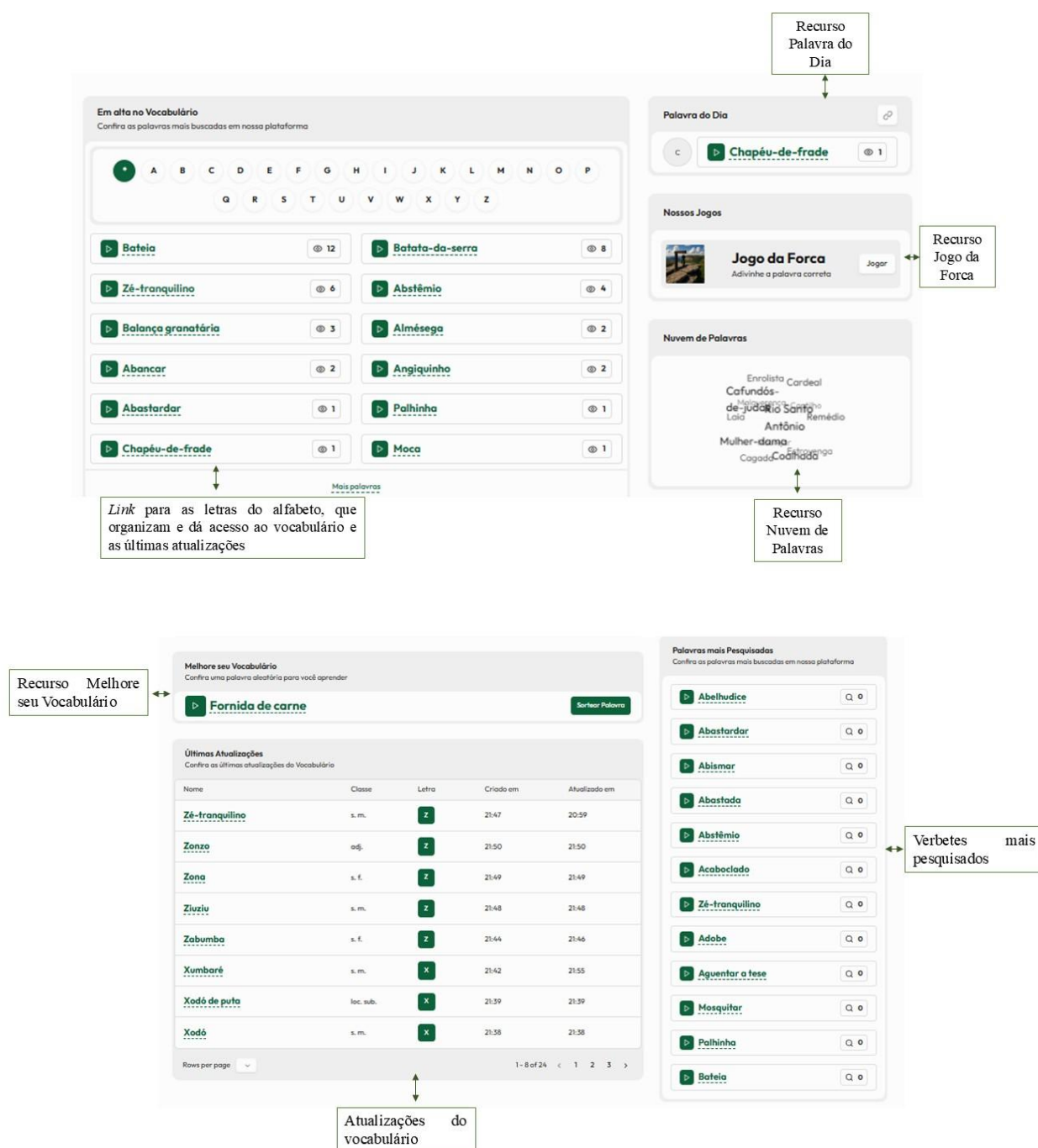


Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

Resumindo, a página inicial do *Vocabulário Herberto Sales* apresenta um *design* organizado e visualmente coerente. O cabeçalho exibe o logotipo à esquerda e um menu, com *links* para seções centrais como *Vocabulário* e *Biobibliografia*. A barra de pesquisa possui destaque no canto superior direito para buscas rápidas. Na área principal, há um texto de apresentação que apresenta o projeto e convida à interação, seguindo de ferramentas como navegação por letras, seção de atualizações, *Palavra do Dia*, *Jogo da Forca* e *Nuvem de Palavras*.

O Rodapé reforça a identidade do site com a *Cláusula Reserva* e descrição do propósito acadêmico-cultural.

Figura 23: Recursos do site.

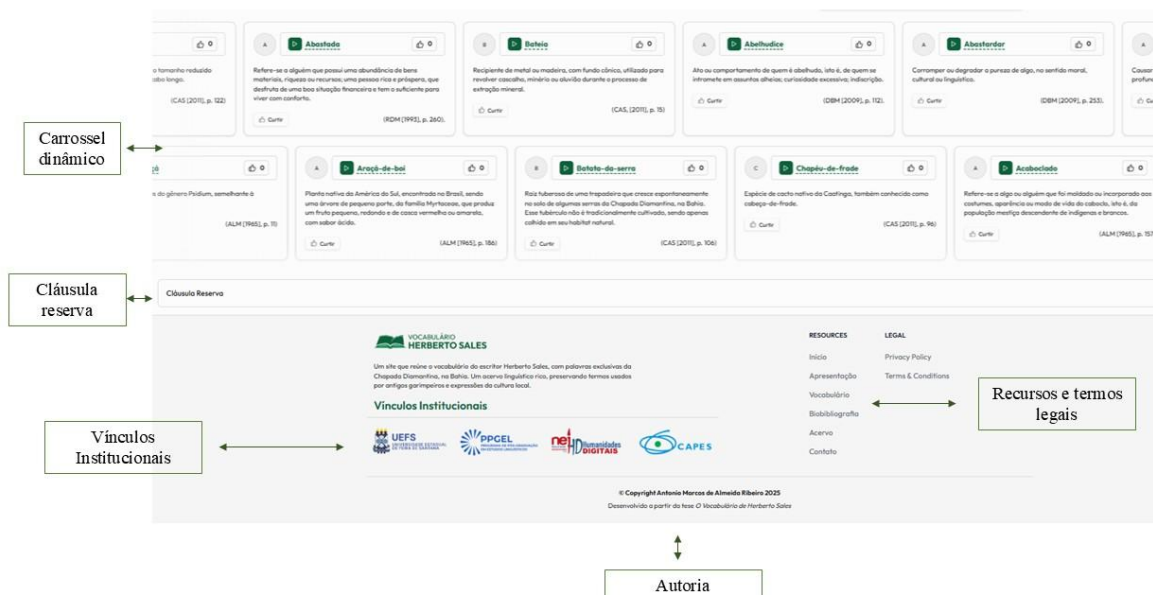


Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

A plataforma digital *Vocabulário Herberto Sales* possui uma funcionalidade intuitiva de busca, permite que o usuário localize verbetes de interesse por meio de uma barra de pes-

quisa localizada. Além disso, é possível navegar pelo vocabulário selecionando a letra inicial, o que facilita o acesso a todos os verbetes que começam com aquele caractere. Cada entrada tem uma página dedicada ao verbete, onde a palavra-entrada será destacada e acompanhada de um botão para reprodução sonora, uma imagem ou recorte de vídeo como ilustração, uma abonação com referência e botões de compartilhamento em redes sociais. Na parte inferior da página, haverá um *banner* que poderá ser exibido em mecanismos de busca, como o *google*, facilitando a visibilidade do vocabulário nas pesquisas *online*.

Figura 24: Rodapé e os vínculos institucionais.

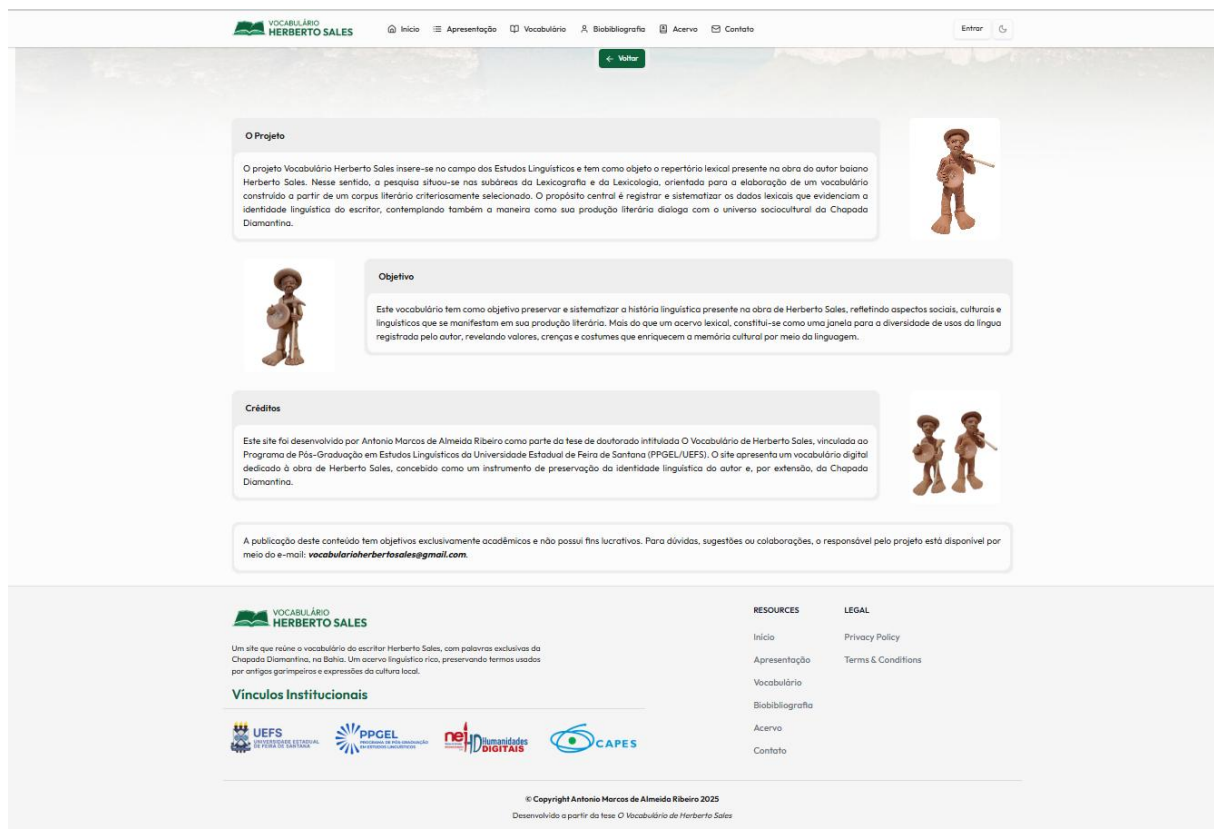


Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

A interface foi projetada para ser minimalista, intuitiva e de fácil navegação, com foco na usabilidade. No menu superior, localizado no topo da página, estão disponíveis diferentes opções que facilitam a interação do usuário com a plataforma. O botão *Início* permite retornar a página principal a qualquer momento, enquanto a seção *Apresentação* contém informações sobre o projeto linguístico do *site*. A opção *Vocabulário* direciona para a página onde estão reunidos todos os verbetes, além de disponibilizar um modo de impressão que direciona a página com todos os verbetes e modo de impressão. Já a seção *Biobibliografia* apresenta, por meio de uma linha do tempo detalhes sobre a vida e obra de Herberto Sales. Por fim o botão *Acervo* reúne materiais complementares, como dissertações e teses relacionadas ao autor. Dessa forma, a estrutura do menu permite uma navegação eficiente e proporciona uma expe-

riência fluída para os usuários interessados em explorar o vocabulário (Ver as figuras do 25 ao 31).

Figura 25: Página de apresentação do site.



Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

O espaço para colaboração por meio de comentários, permite que os usuários sugiram a inclusão de novas palavras ou exemplifiquem outros contextos de uso. Esse processo é acompanhado por um moderador, responsável por filtrar e evitar comentários irrelevantes, filtrando as contribuições. Essa funcionalidade cria um ambiente de interatividade e construção coletiva, fortalecendo a dinâmica do conhecimento do vocabulário como um objeto compartilhado. As contribuições externas permitem que a plataforma permaneça em contante desenvolvimento, incorporando uma diversidade de perspectivas para a análise vocabular.

Figura 26: Página do vocabulário.

Vocabulário de Letra A
Confira as palavras por ordem alfabética.

Filtrar palavras por nome...

Palavra	Fonte	Classe Gramatical
Abanacar	(APO (1993), p. 90).	v.
Abatade	(IDM (1993), p. 240).	adv.
Abastardar	(IDM (2009), p. 253).	v.
Abelhudice	(IDM (2009), p. 112).	s. f.
Abismar	(ALM (1965), p. 84).	v.
Abismia	(IDM (2009), p. 195).	adv.
Abuso	(IDM (1993), p. 48).	s. m.
Acabacade	(ALM (1965), p. 157).	adv.
Acanbarcar	(IDM (2009), p. 105).	v.

1 - 9 of 93 < 1 2 3 4 5 ... >

Filtros
Filtre as palavras do vocabulário de acordo com suas necessidades.

Letra

A B C D E F
G H I J K L M
N O P Q R S T
U V W X Y Z

Classe Gramatical

Vocabulário em PDF
Torne acesso a todas as palavras do vocabulário em formato PDF.

Download PDF

Fontes:
Um site que reúne o vocabulário do escritor Herberto Sales, com palavras exclusivas da Chapada Diamantina, na Bahia. Um acervo linguístico rico, preservando termos usados por antigos garimpeiros e expressões da cultura local.

Vínculos Institucionais

UEFS
PPCEL
neij
CAPES

RECURSOS
Início
Apresentação
Vocabulário
Bibliografia
Acervo
Contato

LEGAL
Privacy Policy
Termos & Condições

© Copyright Antonio Marcos de Almeida Ribeiro 2025
Desenvolvido a partir do livro O Vocabulário de Herberto Sales

Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

A tipologia do vocabulário de um autor, fundamentada em critérios de composição para o modelo de verbete e a escolha da palavra-entrada, representa, como destaca Biderman, a “[...] pedra de toque de um dicionário” (1984, p. 10). Assim, propomos, uma abordagem lexicográfica voltada ao público em geral, incluindo estudantes de escolas públicas e privadas, turistas e demais interessados em conhecer, de forma acessível e prática, o vocabulário de Herberto Sales, intrinsecamente relacionado à Chapada Diamantina. O vocabulário, conforme a proposta deste trabalho, busca cumprir a função que, segundo Correia (2008, p. 13), caracteriza essa tipologia lexical: “[...] um instrumento de comunicação linguística”.

Figura 27: Página do verbete.

VOCABULÁRIO HERBERTO SALES

Início Apresentação Vocabulário Biobibliografia Acervo Contato Entrar

Balança granatária

s. f.

Balança granatária s. f. Balança de precisão para pesar diamantes. *Os dois transpuseram um pequeno pátio interno e deram entrada no escritório — uma sala mobiliada com quatro cadeiras e um birô meticulosamente arrumado, com picuás, crivos, lentes e balanças granatárias em cima.* (CAS [2011], p. 140)

Atualizar Estrutura

Compartilhar

Facebook X WhatsApp

Rima com Balança granatária

- Festa de Nossa Senhora da Glória
- Nossa Senhora da Glória
- Patifaria
- Tirar a barriga da miséria
- Tumultuária

Escreva um comentário...

Enviar

Curte 0 Visualizações 10

Mais Detalhes

Imagem da Palavra

Balança granatária

s. f.

Balança de precisão para pesar diamantes.

Vídeo da Palavra

Balança granatária

Assistir m... Compartilhar...

Conheça Mais

Outras Palavras

Bosta de barata	Oitão
Pra cima e pra baixo	Arrabalde
Frincheiro	Lufa-lufa
Quatroalvo	Falhinha
Ser moça	Queimado
Malquerença	Hirto

VOCABULÁRIO HERBERTO SALES

Um site que reúne o vocabulário do escritor Herberto Sales, com palavras exclusivas da Chapada Diamantina, na Bahia. Um acervo linguístico rico, preservando termos usados por antigos garimpeiros e expressões da cultura local.

Vinculação

UEFS UNIVERSIDADE ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO

PPGEL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E LINGÜÍSTICA

ne10 humanidades DIGITAIS

CAPE5

RECURSOS

Início

Apresentação

Vocabulário

Biobibliografia

Acervo

Contato

LEGAL

Privacy Policy

Terms & Conditions

© Copyright Antonio Marcos de Almeida Ribeiro 2025

Desenvolvido a partir da tese O Vocabulário de Herberto Sales

Figura 28: Estrutura do verbete.

VOCABULÁRIO HERBERTO SALES

Início Apresentação Vocabulário Biobibliografia Acervo Contato Entrar

Balança granatária s. f.

Balança granatária s. f. Balança de precisão para pesar diamantes. Os dois transpuseram um pequeno pátio interno e deram entrada no escritório — uma sala mobiliada com quatro cadeiras e um birô meticulosamente arrumado, com picuás, crivos, lentes e balanças granatárias em cima. (CAS [2011], p. 140)

Palavra Classe Gramatical Significado Contexto Fonte

Compartilhar

Rima com Balança granatária

- Festa de Nossa Senhora da Glória
- Nossa Senhora da Glória
- Patifaria
- Tirar a barriga da miséria

Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

Figura 29: Página dedicada à Biobibliografia.

VOCABULÁRIO HERBERTO SALES

Início Apresentação Vocabulário Biobibliografia Acervo Contato Entrar

Biobibliografia

1999

Falecimento de Herberto Sales

Em uma sexta-feira 13, do mês de agosto de 1999, no Rio de Janeiro às 18h30min no Hospital Barra D'Or, na Barra da Tijuca, falecia Herberto Sales. Seu corpo foi velado no Salão dos Poetas Românticos, na sede da ABL, e sendo sepultado no Mausoléu da ABL, no cemitério São João Batista.

1996

Lança seu último romance

Aos 79 anos lança A prostituta, é o último romance publicado por Herberto Sales. A obra trata do personagem Maria Corumbá, destacando sua trajetória marcada por restrições culturais e preconceitos. Os meandros da vida de Maria, desde funcionária de uma fábrica de tecidos em Sergipe até sua passagem pela Pensão Andaraí (prostituição), são reconstruções de seus conceitos e experiências, direcionadas pela busca de condições financeiras que lhe permitam se mover nessa sociedade. No mesmo ano, Sales recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela UFBA, em um momento que marcou a legitimação de seus conhecimentos e realizações no campo da literatura. Durante a cerimônia de concessão do título, em seu discurso, expressou sua saudade pela Chapada Diamantina, mencionou a influência dos professores do Colégio Antônio Vieira e compartilhou episódios de sua vida de romancista.

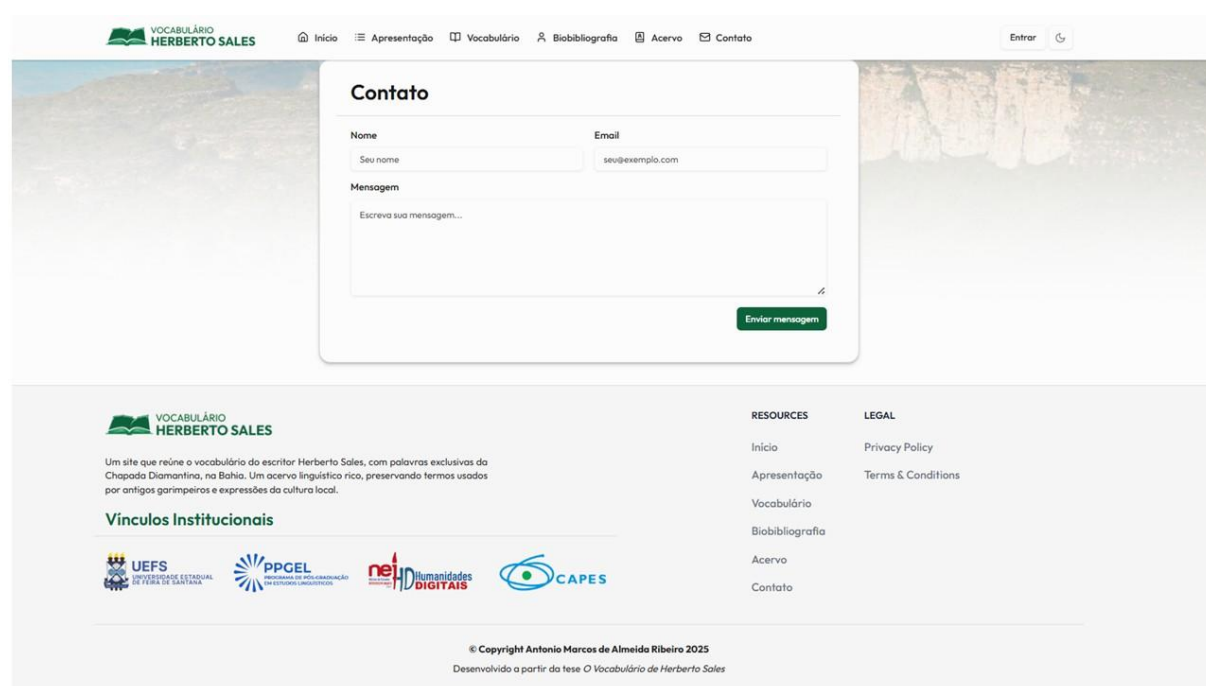
Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

Figura 30: Página com material para estudos.



Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

Figura 31: Página destinada ao contato com o organizador do site.



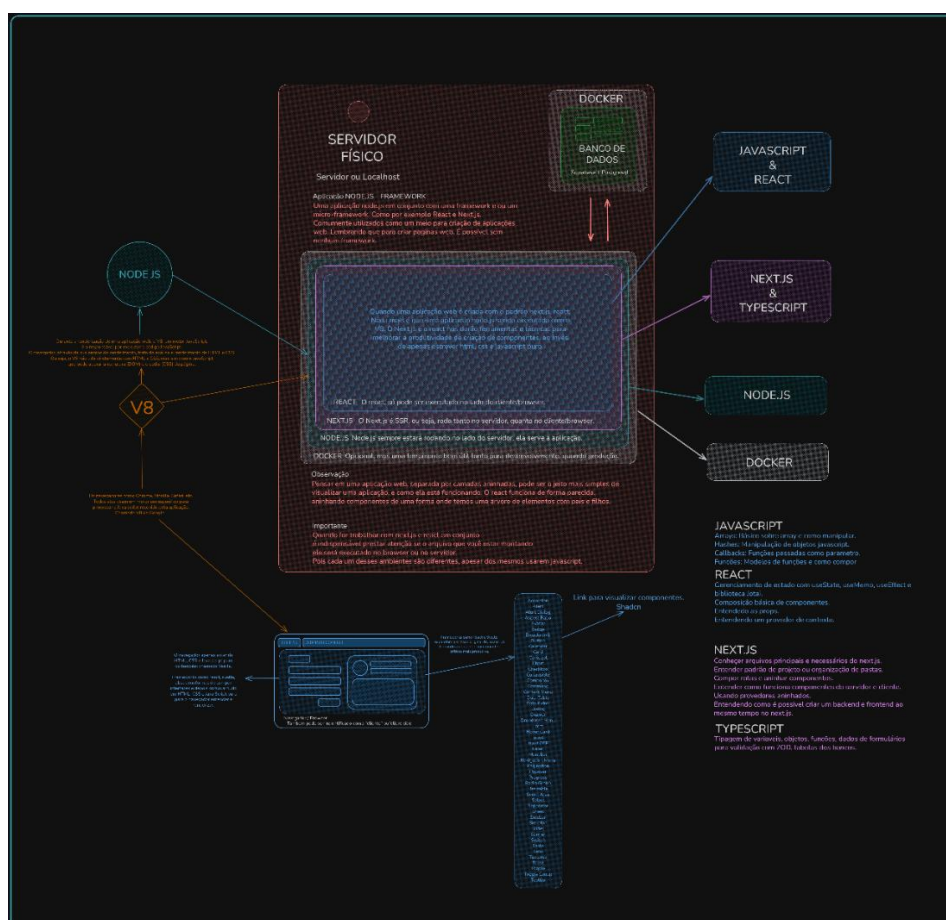
Fonte: www.vocabularioherbertosales.com.br.

O desenvolvimento técnico da plataforma *Vocabulário Herberto Sales* foi orientado em escalabilidade digital e alinhamento aos objetivos do projeto acadêmico. Inserido no campo das Humanidades Digitais, que vem se consolidando como área dedicada à aplicação de tecnologias digitais para análise, difusão e preservação do conhecimento, o projeto adotou uma perspectiva que valoriza “[...] um feixe de práticas convergentes que exploram um uni-

verso no qual a mídia impressa não é mais o meio primário no qual o conhecimento é produzido e disseminado” (Burdick *et al.*, 2020, p. 71). A adoção por uma solução digital justifica-se pela necessidade de preservar os dados linguísticos e ampliar a acessibilidade, além de viabilizar análises computacionais. Como afirmam Burdick *et al.* (2020, p. 71), é essencial promover um “[...] remapeamento das práticas tradicionais”, reposicionando o conhecimento à luz das transformações proporcionadas pelas tecnologias digitais.

Na construção da plataforma, priorizou-se um desenvolvimento interativo, com foco na prototipagem rápida, *feedback* contínuo da pesquisa e documentação progressiva. A arquitetura técnica do *site* foi estruturada para ter desempenho, segurança e escalabilidade. O *frontend*, desenvolvido por *React* e *Next.js*, exibe a interface ao usuário e é distribuído por meio de CDN *CloudFlare*, o que permite carregamento ágil e proteção contra ataques. As interações realizadas na interface são processadas por API *backend*, que estabelece comunicação com o banco de dados Supabase, responsável pelo armazenamento e gestão de todas as informações do sistema (Figura 32).

Figura 32: Arquitetura do site.



Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

A escolha pelo domínio brasileiro (.com.br) reforça a natureza nacional do projeto, enquanto a nomenclatura adotada, *vocabularioherbertosales*, simplifica o título da tese original, *O Vocabulário de Herberto Sales*, facilitando sua identificação e memorização. A plataforma conta com uma infraestrutura equipada com mecanismo de proteção contra ataques DDos e tentativa de invasão, dando estabilidade e segurança na aplicação. Para otimizar o desempenho e reduzir a latência no acesso de dados, utiliza *cache* global distribuído. Também adota SSL automático, para criptografia nas transmissões e proteção das informações trafegadas. Complementarmente, a compressão automática de arquivos contribui para a redução de tempo de carregamento para uma experiência mais fluída ao usuário.

O *React* foi escolhido como biblioteca principal para o devido às suas características que se alinham às demandas do projeto acadêmico voltado para preservação linguística. Com ele, foi possível implementar funcionalidades específicas, como sistema de busca e navegação, palavra do dia, contribuição dos usuários, seção “melhore seu vocabulário”, histórico de acesso e atualizações constantes, entre outras. Embora o *WordPress* seja uma solução amplamente utilizada em projetos, optou-se por uma arquitetura customizada, para maior desempenho, segurança e flexibilidade, além de melhor escalabilidade para futuras expansões. A estrutura tecnológica do site foi construída com *React*, *Next.js*, *Supabase* e *Cloudflare*, compondo a base para a plataforma. Desse modo, a estrutura montada compreende: *Frontend (React/Next.js)* → *CDN (Cloudflare)* → *Backend API* → *Banco de Dados (Supabase)*.

No que diz respeito às considerações éticas e legais, tivemos o cuidado de respeitar os direitos autorais das obras de Herberto Sales, em conformidade com a legislação brasileira. A plataforma desenvolvida foi concebida como um meio de preservar o vocabulário identificado em sua obra, funcionando como uma ferramenta voltada para divulgar e viabilizar pesquisas semelhantes. Nesse sentido, busca-se o acesso ao conhecimento, fortalecer a identidade e valorizar culturas linguísticas.

Este vocabulário possui natureza acadêmico-pedagógica, funcionando como um instrumento linguístico que, por meio de seu arcabouço teórico metodológico, estabelece um diálogo interdisciplinar com a história, a cultura e a sociedade. Sua estrutura permite mapear, reconstruir e reinterpretar redes de significados históricos e culturais, alinhando-se às abordagens contemporâneas da Lexicografia e Lexicologia. Dessa forma, contribui para a documentação digital sistemática do vocabulário do autor e para a reflexão crítica sobre suas transformações, fortalecendo a salvaguarda e a valorização do patrimônio linguístico como expressão da identidade coletiva.

4.3 PARÂMETROS DE ORGANIZAÇÃO: A MACROESTRUTURA E A MICROESTRUTURA

Os fundamentos metodológicos adotados na elaboração do vocabulário de Herberto Sales baseiam-se nos conceitos de macroestrutura e microestrutura lexicográficas, considerados componentes canônicos da organização de obras lexicográficas. Tais conceitos têm sido objeto de amplas discussões teóricas, que buscam estabelecer parâmetros e classificações taxonômicas para o delineamento dessas estruturas, em debates que vêm sendo desenvolvidos e refinados ao longo dos anos. Não nos deteremos aqui nas questões teóricas relativas a esses elementos dicionarístico, uma vez que autores como Martínez de Sousa (2009), Welker (2004), Barros (2004), Borba (2003), Porto-Dapena (2002), Haensch *et al.* (1982), entre outros, já trataram amplamente do tema. Nosso objetivo, portanto, é apresentar como a organização deste vocabulário foi orientada a partir das contribuições desses estudiosos.

A definição da tipologia macro e microestrutural de uma obra lexicográfica deve estar intrinsecamente relacionada aos objetivos específicos do projeto, de modo que ambas sejam coerentes e funcionais, de valor qualitativo em termos de sua utilidade prática. No presente trabalho, optamos pela abordagem semasiológica, por considerá-la a mais adequada aos nossos propósitos. Trata-se de uma perspectiva centrada na palavra, na qual as lexias são listadas como unidades de entrada e, para cada uma delas, apresenta-se seu(s) significado(s) e os respectivos usos em contextos abonados. Assim, a entrada se dá pela forma lexical da palavra, seguida de sua descrição, que inclui informações gramaticais.

A escolha pelo modelo semasiológico justifica-se por sua orientação ao registro do léxico de uma comunidade linguística ou vocábulos de um autor, o que coaduna com a finalidade deste trabalho. Como argumentam Bugeño Miranda & Farias (2011, p. 42), a pertinência de uma obra lexicográfica não reside apenas na oferta de informações, mas, sobretudo, na funcionalidade com que tais informações são organizadas e disponibilizadas ao usuário. Nesse sentido, a composição articulada entre macroestrutura, microestrutura, perfil de usuários e a definição taxinômica dessa interrelação constitui um elemento decisivo no processo de elaboração de qualquer dicionário ou vocabulário.

Desse modo, ao considerarmos os parâmetros propostos nas amplas discussões teóricas sobre obras lexicográficas, é possível construir estruturas mais coerentes e funcionais, capazes de configurar um modelo eficiente de vocabulário semasiológico. Nesse tipo de vocabulário, a tarefa principal consiste em ter significados que esclareçam a compreensão da escrita de um autor, no caso deste trabalho, Herberto Sales. Cabe ao lexicógrafo, portanto,

conceber uma estrutura que seja funcional e atenda às reais necessidades do consultante, com explicações que tornem os significados das entradas lexicais acessíveis e úteis à avaliação e interpretação do usuário. Entretanto, a verificação da efetividade dessa estrutura só poderá ser realizada, de forma concreta, por meio de uma pesquisa com os usuários em momento posterior ao lançamento do vocabulário. Por outro lado, a ausência de parâmetros metodológicos sólidos compromete a qualidade da obra lexicográfica, podendo resultar em limitações na transmissão de informações constantes nos verbetes e, conseqüentemente em sua funcionalidade global. Dessa maneira, procuramos delinear uma “arquitetura” lexicográfica que se fundamente em bases teóricas e metodológicas consistentes, capaz de sustentar a elaboração do presente vocabulário de forma adequada e eficaz (Bugueño Miranda & Farias, 2011).

Inicialmente, conduzimos uma extensa revisão bibliográfica com objetivos de: fundamentar critérios de organização macro e microestrutural do vocabulário; a fim de aprofundar a compreensão teórica sobre os fenômenos lexicais em estudo, e estabelecer parâmetros para a construção da plataforma digital lexicográfica. Nossa investigação dialogou com importantes contribuições no campo da lexicografia e da linguística, destacando-se, os trabalhos de: Almeida (2022) sobre lexicografia digital; Queiroz (2020) e Barreiros (2017a) acerca de estruturas lexicais; Antunes (2013) e Miranda (2007) sobre organização de verbetes; Barros (2004), Berber Sardinha (2004) e Welker (2004) quanto a critérios macro e microestruturais; Borba (2003) e Porto Dapena (2002) sobre compilações lexicográficas; Barbosa (2001), Biderman (2001a), Martins (2001) relativos à teoria lexical; Corpas Pastor (1996) e Aragão (1990) quanto a abordagem metodológica; além dos fundamentos teóricos estabelecidos por Coseriu (1977) e Pottier *et al.* (1972) sobre estruturação semântica.

Sobre a macroestrutura, segundo Rey-Debove (1971), compreende “[...] o conjunto de entradas de acordo a uma leitura vertical”, o que corresponde, nos termos de Martinez de Sousa (2009, p. 101), “[...] os lemas selecionados para formar um dicionário, também chamado de verbete”, configurando-se assim, sendo como a estrutura geral de dicionários na ordenação dos materiais léxicos. Dessa maneira, o conceito de macroestrutura abrange tanto essa organização quanto a lematização. Quanto ao tratamento dado ao *corpus* e seu léxico, parte-se de uma proposta de ordenação do vocabulário no formato semasiológico para às lexias recolhidas.

Conforme Welker (2004), a macroestrutura ou corpo do vocabulário, constitui o arcabouço organizacional que engloba todos os verbetes de forma sistemática, funcionando como espinha dorsal da obra lexicográfica. Esta estrutura agrega as entradas lexicais, e também estabelece os princípios norteadores para sua disposição e apresentação. A macroestrutura do

vocabulário de Herberto Sales foi organizada a partir de entradas únicas, nas quais cada verbete reúne, em um bloco unificado, todas as informações pertinentes, obedecendo à ordem alfabética conforme modelo proposto. Na versão impressa, essa organização se apresenta em formato de entradas verticalizadas, dispostas em duas colunas por página, com uma visualização compacta e sequencial. Por sua vez, a versão digital possui um formato mais dinâmico: cada verbete é apresentado em uma página exclusiva, o que permite a incorporação de recursos multimodais, como imagens, ilustrações, trechos de filmes ou vídeos relacionados ao conteúdo lexical. Nessa versão, a entrada com sua respectiva definição é seguida com uma caixa destinada a comentários e opções de compartilhamento, ampliando o potencial de interação com o usuário.

Segundo Welker (2004, p. 82), embora existam limitações inerentes ao arranjo em ordem alfabética, optou-se por essa organização em virtude de sua funcionalidade da familiaridade que oferece ao usuário. Nesse tipo de ordenação, estão contempladas lexias simples, lexias compostas, lexias complexas e fraseologismos, conforme a concepção de Pottier *et al.* (1972, p. 27) e Corpas Pastor (1996). Cada lexia conta com uma definição elaborada a partir do contexto de ocorrência formulada com base em seu contexto de ocorrência no *corpus*, complementada por informações provenientes de obras dicionarísticas e de outras fontes que auxiliaram na compreensão dos termos. As definições foram construídas com base no uso contextual e obedecem, sempre que possível, à mesma categorial gramatical da entrada. Assim, por exemplo, se a entrada corresponde a um verbo, a definição foi formulada iniciando-se por uma forma verbal, e o mesmo critério foi aplicado às demais classes gramaticais. No entanto, reconhece-se que, em determinados casos, esse princípio não pode ser rigidamente mantido, em razão da natureza polissêmica ou multifuncional de algumas unidades lexicais, cujos usos extrapolam categorias fixas. Ainda assim, buscou-se manter a coerência estrutural e a clareza semântica das definições, de modo a preservar a fidelidade ao uso registrado no *corpus*.

Sempre que possível, as definições assumem um caráter hipernímico, estabelecendo uma relação da lexia com um termo mais genérico que a represente. Em outras situações, recorrer-se-á a uma tipologia conceitual de caráter perifrástico, com o objetivo de ajustar a definição às especificidades semânticas e contextuais observadas no *corpus*. Essa abordagem visa assegurar que as definições reflitam, com exatidão, os usos linguísticos registrados, sem comprometer a clareza e a objetividade na formulação do enunciado lexicográfico.

Para validar e exemplificar o uso das entradas, são apresentados enxertos (abonações) diretamente das obras que compõe o *corpus*. Tais trechos funcionarão como exemplários con-

textualizados, evidenciando a funcionalidade efetiva das unidades lexicais no interior dos textos ficcionais. Cada abonação será acompanhada com um código identificador, que indicará a obra de origem e o respectivo ano de publicação. Os códigos adotados seguirão o seguinte padrão: *Cascalho* (2011), será identificado como CAS [2011]; *Além dos Marimbus* (1965), como ALM [1965]; *Dados biográficos do finado Marcelino* (2009), como DBM [2009]; *Rio dos Morcegos* (1993), como RDM [1993]; e *A prostituta* (1996), terá como código APO [1996]. Com esse sistema de identificação, busca-se indicar a rastreabilidade e a precisão na associação entre as lexias catalogadas e suas respectivas ocorrências no *corpus*, dando legitimidade nas definições apresentadas.

Uma característica do vocabulário é a ausência de verbetes iniciados pelas letras K, W e Y na versão impressa, ainda que essas letras estejam presentes na estrutura da versão digital. Essa ausência se justifica pelo fato de que, durante o período em que Herberto Sales escreveu suas obras, tais letras eram consideradas alógenas, sendo tradicionalmente excluídas dos vocabulários e dicionários de língua portuguesa. De origem latina, o português não incorporava essas letras, e as reformas ortográficas anteriores ao Acordo Ortográfico de 1990, como a de 1971, restringiam seu uso a nomes próprios, siglas e nomes científicos. Em consonância com os dicionários lusitanos, os dicionários brasileiros também adotaram a omissão dessas letras até que a norma oficial passou a reconhece-las formalmente como parte do alfabeto.

Dentro dessa organização, cada verbete segue um padrão de formatação: o lema, ou palavra-entrada, aparece grafado em minúscula e em negrito, posicionado de forma proeminente no início de cada entrada. O lema obedece à forma canônica, seguindo convenções lexicográficas: substantivos são apresentados no singular; verbos no infinitivo; e adjetivos no masculino singular quando aplicável. Esta representação, contudo, não é engessada, mas tivemos o intuito de abarcar todas as variações morfológicas da palavra. Tal abordagem permite ao usuário do vocabulário, tanto na sua forma impressa quanto digital, reconhecer a forma básica do lexema.

Ainda sobre a microestrutura, podemos afirmar que ela corresponde a “[...] conjunto das informações ordenadas de cada verbete a cada entrada”, conforme define Rey-Debove (1971). Como explica Barros (2004, p. 156), a microestrutura compreende-se como “[...] a organização dos dados contidos no verbete”, abrangendo seus elementos descritivos e funcionais. Isso envolve decisões metodológicas sobre quais informações serão incluídas, como serão dispostas e qual formatação será adotada. Tais escolhas são fundamentais para coerência e utilidade do vocabulário. Desse modo, a microestrutura trata-se da organização interna dos verbetes, que deve apresentar as informações de maneira lógica e acessível ao público alvo.

No contexto deste vocabulário, a microestrutura seguirá uma padronização que prioriza a clareza e a objetividade, evitando a linguagem excessivamente técnica ou cientificista. No entanto, nos casos em que as lexias pertencem a áreas especializadas como a zoologia e botânica, optou-se por manter a descrição técnico-científica necessária para preservar a precisão terminológica.

A microestrutura adotada se justifica pelo fato de o material ser destinado, principalmente, a estudantes de educação básica e público em geral, exigindo definições precisas e de fácil compreensão. O objetivo foi de fornecer aos usuários explicações claras sobre os termos, contribuindo para a disseminação do conhecimento da forma mais didática possível. Além da definição principal, a microestrutura incluirá abonações, ou seja, exemplos de uso extraídos do *corpus*, sendo fontes que demonstram a aplicação da lexia em contexto literário, situando no ambiente linguístico e cultural. O verbete, entendido como o conjunto completo das informações associadas ao lema, apresenta a seguinte estrutura: palavra-entrada em negrito, classe gramatical em itálico, definição e abonação (esta em itálico) com a respectiva referência à obra literária e página para consulta. A definição contempla uma única acepção, reservando-se eventualmente a duas ou mais significações apenas quando necessário para esclarecer melhor a unidade lexical. Buscou-se manter um padrão de concisão nas definições, que variam em extensão conforme a complexidade da entrada, sendo mais alongadas em casos de termos técnicos do campo terminológico.

Para constituição das definições, foram consultadas obras lexicográficas de referência, tais como *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Morais Silva (1890), o *Novo dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido Figueiredo (1913), o *Dicionário da terra e da gente do Brasil* (1939) de Bernardino José de Souza, o *Dicionário Novo Aurélio do século XXI* (1999), e o *Dicionário Houaiss eletrônico* (2009). Essas obras configuram parte fundamental das fontes bibliográficas que fundamentam praticamente a descrição do vocabulário de Herberto Sales.

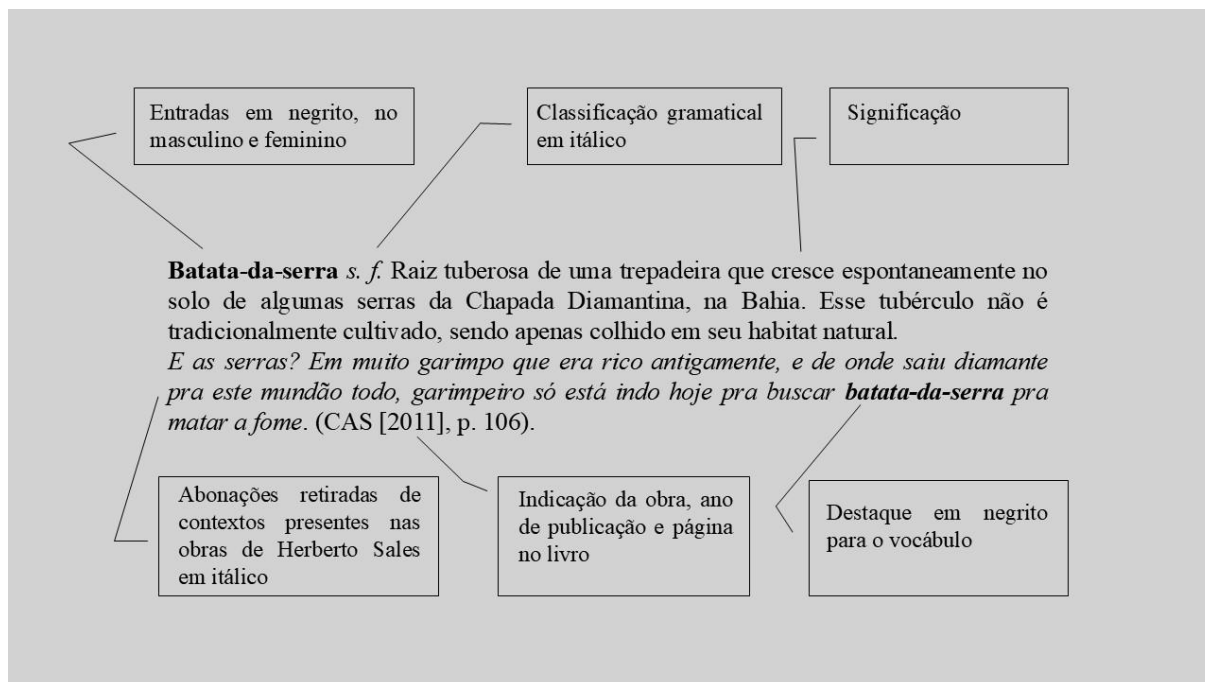
Além dos dicionários, foram utilizadas fontes auxiliares que contribuíram para o esclarecimento e contextualização das lexias catalogadas. Alguns romances, sobretudo as primeiras edições, trazem glossários anexo que elucidam termos regionais e técnicos, como ocorre em *Cascalho* (Sales, 1944) e *Garimpos* (Lima, 1932). O próprio Herberto Sales publicou, em 1955, um guia explicando detalhadamente o funcionamento do garimpo na Chapada Diamantina, com informações sobre o universo lexical ali presente. Complementarmente, a obra de Catharino (1986) apresenta uma tipologia dos métodos de garimpagem, enquanto o estudo de Abreu (1975), centrado na mineração, fornecem subsídios para compreensão da nomenclatura específica do campo garimpeiro, e a pesquisa de Gonçalves (1984), voltada para o folclore,

traz uma listagem da linguagem utilizada nas Lavras. Essas fontes, enriqueceram o levantamento lexicográfico, como também permitiu um tratamento mais preciso aos termos técnicos relacionados ao contexto sociocultural e histórico do garimpo.

Portanto, a seleção das lexias fundamenta-se em uma classificação que considera o panorama sociocultural e histórico presente no *corpus*, buscando refletir as especificidades do autor e regionais da Chapada Diamantina conforme representado nos romances analisados. A taxonomia proposta é, por sua natureza, parcial: não se pretende nesse momento elaborar um vocabulário exaustivo, mas sim destacar as lexias mais significativas e representativas, de acordo com os critérios metodológicos adotados neste estudo. Ademais, há a possibilidade de ampliação do vocabulário à medida que o projeto avance, especialmente com a incorporação de outros romances do autor, o que permitirá a identificação e o acréscimo de novas entradas relevantes ao conjunto catalogado. Estamos tratando de um vocabulário de autor, logo, consideramos lexias representativas do autor sem levar em conta os conceitos de alta ou baixa frequência, o critério é a representatividade.

A seleção das palavras-entrada para composição do vocabulário foi realizada com base em critérios lexicográficos extraídos da literatura, especialmente no que diz respeito à microestrutura. A ordenação dos lexemas seguirá uma sequência linear estritamente alfabética, acompanhada de abonações e imagem ou recorte de filme para fins ilustrativos. Dessa forma, o processo respeita critérios formais de apresentação lexicográfica, de acordo com os objetivos do trabalho. O conjunto de itens lexicais configura-se a soma parcial de entradas que formam o vocabulário de Herberto Sales.

Figura 33: Exemplo de verbete.



Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

A seguir, conforme a adaptação de estudo anterior em Ribeiro (2020b), será aplicada a seguinte estrutura para ordenamento dos lexemas:

- As entradas estão dispostas semasiologicamente, em letras minúsculas e em negrito;
- A classe gramatical de cada entrada será informada de maneira abreviada, com as abreviaturas explicadas em uma lista separada no vocabulário;
- A definição de cada lexia será baseada no contexto extraída do *corpus*;
- As abonações, também retiradas do *corpus*, serão apresentadas logo abaixo da definição, com a lexia em destaque, em negrito; A abonação estará em itálico para se destacar da definição;
- Cada abonação inclui a referência precisa do local no *corpus*, indicando a obra por abreviatura, o ano da publicação, e a página da edição utilizada;
- Haverá uma versão para impressão que ficará disponível no *site* do vocabulário;
- O vocabulário estará armazenado em formato digital, em *homepage* que poderá ser consultado em www.vocabularioherbertosales.com.br.

O tratamento lexicográfico desenvolvido neste trabalho seguiu um processo metodológico criterioso, as lexias escolhidas, acompanhadas de abonações retiradas diretamente dos textos ficcionais do autor, que no texto cumprem funções essenciais na construção identitária dos personagens, como parte integrante da tessitura literária. Nesse sentido, o vocabulário elaborado funciona como uma ferramenta de registro histórico-social, permitindo documentar a visão de mundo de uma comunidade a partir de sua língua. Essa lexicalização, preserva a memória cultural e contribui para valorização da identidade linguística da Chapada Diamantina, reafirmando sua singularidade no panorama literário.

5 O VOCABULÁRIO DE HERBETO SALES: RESULTADOS E DISCUSSÕES

O vocabulário de Herberto Sales, enquanto obra de caráter lexicográfico, cumpre uma função ao documentar vocábulos que contribuem para compreensão da identidade cultural e linguística da Chapada Diamantina. Nesta seção, propomos analisar esse vocabulário a partir de duas perspectivas complementares: Lexicográfica, que prevê um exame numérico e estatístico dos dados lexicais coletados, como distribuição das classes gramaticais e quantitativo de entradas; e a Lexicológica, de base descritiva e interpretação contextual voltada para o esclarecimento e a caracterização das lexias presentes no inventário.

A adoção dessas duas abordagens justifica-se pela intersecção e complementariedade que estabelecem, uma vez que ambas mantêm relações congruentes no que tange ao estudo do léxico. Vilela (1995) corrobora com essa perspectiva ao afirmar que, em muitos casos, é não apenas possível, mas necessário recorrer simultaneamente à Lexicologia e a Lexicografia em uma mesma pesquisa. Um estudo, pode por exemplo, valer-se de um arcabouço teórico de base lexicológica para fundamentar sua investigação, ao mesmo tempo em que realiza um trabalho lexicográfico centrado na catalogação e descrição de unidades lexicais extraídas de um *corpus*. Desse modo, as duas abordagens, por compartilharem o mesmo objeto, o léxico, revelam fronteiras permeáveis e interdependentes, comungando de uma mesma episteme. As contribuições que emergem de ambos os campos favorecem colaborações produtivas e promovem um intercâmbio interdisciplinar que enriquece significativamente as investigações linguísticas.

Com isso, a partir dessa análise, buscamos compreender de que maneira o vocabulário reflete aspectos sociais, geográficos e históricos, além de contribuir para a preservação da memória linguística regional. As análises são conduzidas sob duas perspectivas metodológicas: quantitativa e qualitativa. Com base nesses pressupostos, pretendemos evidenciar a riqueza vocabular que emerge do universo literário de Herberto Sales, com informações pertinentes para o aprofundamento dos estudos lexicais e para valorização do patrimônio linguístico da Chapada Diamantina.

O Vocabulário de Herberto Sales, enquanto produto lexicográfico resultante desta tese, constitui um documento de relevância para compreensão das marcas linguísticas do autor e de seu contexto sociocultural, enraizado na Chapada Diamantina. A seleção vocabular operada pelo escritor em sua obra reflete sua visão de mundo e sua formação intelectual, também assume uma função historiográfica, registrando particularidades culturais e históricas de um grupo social em um determinado período. Os vocábulos elencados por Sales (2011 [1944];

2009 [1965]; 1965 [1961]; 1993; 1996) abarcam um amplo espectro temático, incluindo referências à flora e à fauna locais, expressões populares, manifestações de religiosidade, o cotidiano das comunidades e as especificidades do garimpo, atividade econômica central da época na região. Essa diversidade vocabular enriquece o universo ficcional do autor, contribuindo para preservação da memória linguística da Chapada Diamantina, evitando que expressões e vocábulos característicos caiam na desmemória. Assim, o vocabulário em análise transcende sua função literária, configurando-se em um instrumento de documentação lexicográfica e histórica. Ao sistematizar termos e expressões vinculadas a práticas sociais e culturais específicas, Herberto Sales consolida seu projeto literário, mas também contribui para perpetuação da identidade cultural da região marcada pelas singularidades geográficas, econômicas e sociais.

5.1 O QUE DIZEM OS DADOS QUANTITATIVOS

A Estatística Linguística considera a dimensão quantitativa da linguagem e, como ciência interdisciplinar, tem se mostrado eficaz na análise de dados linguísticos. A frequência de vocábulos, nesse contexto, constitui um importante condicionamento do uso da língua, permitindo prever, entre outras coisas, quais palavras e unidades gramaticais têm maior probabilidade de ocorrer em determinados discursos, no presente caso, nos textos de um escritor específico. Segundo Biderman (1998b), a frequência é uma característica intrínseca da palavra, sendo que a própria norma linguística se fundamenta nos usos mais recorrentes.

A Estatística Léxica, ou Lexicoestatística apresentam contribuições aos estudos de mudança linguística ao longo do tempo, ao permitir observar padrões de uso e variações diacrônicas. Neste tópico, faremos uso de um tratamento estatístico simples, com o apoio de gráficos e quadros, sem a pretensão de aplicar um rigor metodológico aprofundando, dada as limitações teóricas que envolvem esse tipo de abordagem. O objetivo é apenas demonstrar, de maneira ilustrativa, os resultados obtidos por meio dos dados estatísticos, sem atribuir maior peso à análise quantitativa do vocabulário. É importante destacar que a realização de um tratamento estatístico detalhado envolve inúmeros desafios, mesmo com os recursos tecnológicos atualmente disponíveis, como *hardwares* e *softwares* avançados. Assim, o foco deste trabalho permanece na apresentação do vocabulário, e não na sua estrutura quantitativa (Biderman, 1998b).

Como já referido, *O Vocabulário de Herberto Sales* teve sua organização a partir do *corpus* extraído de cinco obras de Herberto Sales, publicados originalmente entre os anos de

1944 a 1996. O material foi processado por meio dos *softwares WordSmith Tools* e *FielldWorks Language Explores (FLEEx)*, os quais possibilitaram a extração de 1.150 entradas lexicais, bem como a coleta das respectivas abonações, acompanhada das informações contextuais necessárias à sua descrição lexicográfica.

Segundo a concepção de Pottier *et al.* (1972, p. 27), as lexias correspondem a “[...] unidade lexical memorizada” (p. 26), ou seja, formas lexicalizadas que resultam de combinações recorrentes no uso do discurso. Essas unidades podem ser classificadas em lexias simples, lexia compostas, lexia complexas e lexias textuais sendo estas últimas entendidas, neste trabalho, como unidades fraseológicas (UF) segundo as proposições de Corpas Pastor (1996). Nesse sentido, Biderman (2005, p. 748) define a unidade fraseológica como uma “[...] combinatória cristalizada da herança cultural registrada na memória coletiva [...]”. No entanto, apesar de sua aparente estabilidade, tais combinações mostram-se fluídas, sobretudo diante das divergências entre os estudiosos da linguagem quanto às fronteiras que definem o que deve ou não ser incorporado a um dicionário, em nosso caso, a um vocabulário.

Diante disso, para o presente vocabulário consideramos as unidades fraseológicas como importantes para se entender o contexto social e cultural da região. A obra de Herberto Sales apresenta um acervo léxico de unidades combinatórias, expressões cristalizadas, locuções e fraseologismos, que demandariam um estudo específico. Esse aspecto chegou a ser esboçado em forma de artigo por Ribeiro, Barreiros e Queiroz (2018), mas ainda permanece aberto a investigações de maior fôlego e aprofundamento.

Desse modo, as unidades fraseológicas integram este trabalho, abrangendo tanto aquelas formadas por hífen quanto as justapostas ou aglutinadas. Como já mencionado, o seu estudo constitui uma via de acesso à compreensão da comunidade garimpeira por meio de sua linguagem. Essas unidades léxicas revelam e refletem aspectos socioculturais específicos do lugar, sendo, portanto, incorporadas ao vocabulário com o objetivo de enriquecer o conhecimento linguístico sobre a região da Chapada Diamantina.

No que diz respeito à metodologia empregada, a utilização de *softwares* especializados permitiu dimensionar com precisão o volume de dados do *corpus* e explorá-lo em sua totalidade de maneira ágil e sistemática. Essas ferramentas tecnológicas facilitaram a observação detalhada das ocorrências linguísticas e das variações do uso da língua, nos dando uma visão dos padrões e particularidades presentes no material analisado. Desse modo, foi possível identificar e quantificar os dados extraídos, como demonstram os quadros e gráficos abaixo, que sintetizam os resultados obtidos por meio do processamento computacional.

Quadro 6: Quantitativo de lexias.

O Vocabulário de Herberto Sales			
Lexias simples	Lexias compostas	Lexias complexas	Unidades Fraseológicas
847	150	95	58
TOTAL DE LEXIAS = 1.150			

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

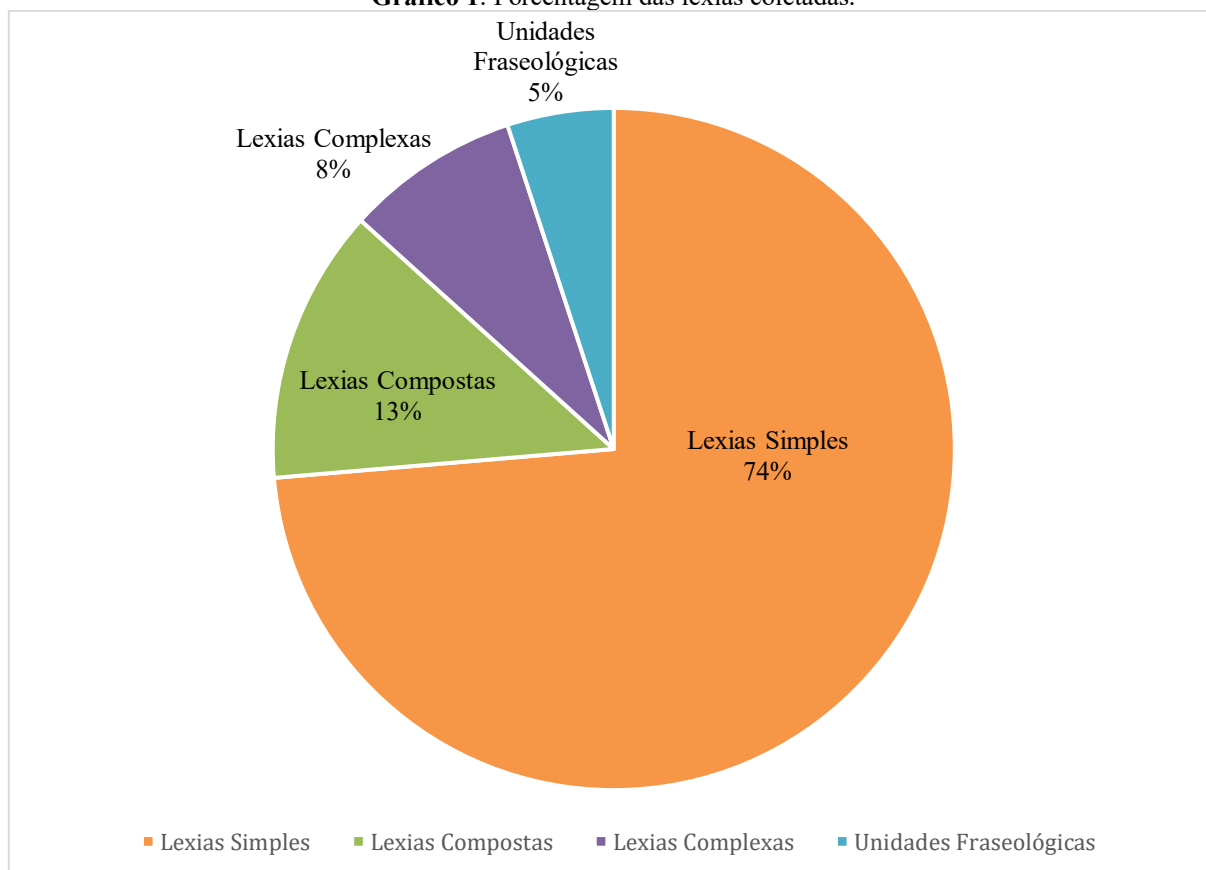
Com base nos dados quantitativos, observa-se uma distribuição das categorias de lexias que totaliza 1.150 unidades: são 847 lexias simples, 150 lexias compostas, 95 lexias complexas e 58 unidades fraseológicas. As lexias simples configuram-se como a categoria amplamente dominante, representando 74% do total, conforme indicado no Gráfico 1. Essa predominância sugere que o *corpus* analisado, isto é, o conjunto dos dados linguísticos, indica está majoritariamente estruturado em unidades básicas e não segmentadas. Tal característica aponta para traços como objetividade, funcionalidade, ou, ainda, um nível introdutório de complexidade, no qual a organização semântica e sintática tende a privilegiar formas elementares, em detrimento de construções mais elaboradas ou mais sofisticadas.

Em segundo plano, embora com representatividade quantitativa inferior, encontram-se as lexias compostas, que correspondem a 13% do total e constituem a segunda principal estrutura do *corpus*. Sua presença indica que, apesar da predominância das unidades simples, há uma camada significativa de combinações lexicais que introduzem maior nuance semântica e complexidade estrutural. As lexias complexas ocupam terceira posição, com 8% de ocorrência, denotando relações mais intrincadas e níveis de significação mais abstratos. Por fim, as unidades fraseológicas representam a categoria residual, com apenas 5% de presença no *corpus*. Esse resultado reforça a constatação de que unidades discursivas mais extensas ou dependentes de contexto são pouco frequentes no conjunto analisado.

Em síntese, os dados validam um perfil estrutural marcado pelas lexias simples funcionando como espinha dorsal do *corpus*, complementado por uma camada intermediária de combinações lexicais (compostas) e com contribuições mais discretas de unidades complexas e fraseologismos. Esta configuração pode refletir um estilo de alta densidade discursiva, no qual a precisão lexical, se converte em um veículo de profundidade temática e para uma opção estética singular, marcada por uma riqueza expressiva destacada. No *corpus* reside, em grande parte, resultado de uma força narrativa na capacidade de condensar significados com-

plexos em estruturas elementares. As unidades hifenizadas ou de caráter neológicos operam como microcosmos semânticos que expandem o tecido expressivo da obra, reforçando o caráter da obra de Herberto Sales. Sua estilística se manifesta nas escolhas lexicais, que ultrapassam os limites de um projeto literário convencional, conferindo à linguagem um papel central na construção dos sentidos.

Gráfico 1: Porcentagem das lexias coletadas.



Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

A seguir, apresentam-se, no quadro 7, as 1.150 lexias resultantes do trabalho desenvolvido nesta tese. As lexias, acompanhadas de sua classe gramatical, significações e abonações, podem ser consultadas no Apêndice C desta tese.

Quadro 7: Lexias catalogadas.

O Vocabulário de Herberto Sales	
Aa	
Abancar, Abastada, Abastardar, Abelhudice, Abismar, Abstêmio, Abusão, Acabocado, Acertar a escrita, Aciganada, Achas, Achaque, Açambarcar, Acanhamento, Acocorada, Açodamento, Adjutório, Adobe, Afobada, Afobação, Afidalgado, Aguada, Aguentar a tese, Airada, Ajogo, Ajoujeiro, Ajoujo, Alacridade, Alembiar, Alfazema, Almésega, Almocafo, Al-	

míscar, Alugado, Alumiar, Alvaça, Amanho, Amargoso, Amarrar, Amealhamento, Amigação, Amigar, Amolar-se, Amurada, Andaraí, Andar no mundo da lua, Angiquinho, Aniagem, Antipalúdica, Anuir, Aparvalhar, Apear, Apertar o cedro, Apinhado, Aporrinhar, Apuração, Araçá, Araçá-de-boi, Arataca, Arção, Arfar, Armafanhado, Arrabalde, Arranchado, Arrastar asa, Arredia, Arrelia, Arrepanhar, Arriada, Arrostar, Arroz de cacimba, Arrozinho, Arruaça, Arruaceiro, Arruda, Arrenegar, Arrufo, Asa-caída, Assacar, Assomo, Assuntar, As partes, Aspudo, Atabalhoadamente, Atalhar, Atarantada, Atilada, Atinar, Aturdimento, Avalentado, Azáfama, Azedinha, Azulão.

Bb

Babatimã, Babujar, Bacalhoadá, Bacia dos nagôs, Bafejar, Bagajudo, Bagana, Bagueta, Bairrismo, Bandó, Banha, Baio, Bahia, Bala, Balança granatária, Balinha, Bambambã, caixa de fósforo, Bamburrista, Banana-brava, Bananeira que já deu cacho, Bandalha, Bandalheira, Bandeira de Melo, Banguela, Barafustar, Baratinha, Barbado, Barra-bandeira, Barrete, Barriga-d'água, Barriguda, Baronesa, Barrote, Bastião-de-arruda, Batata-da-serra, Bateia, Batente, Bater um fio, Batixó, Bebemorar, Beberete, Beiço, Beiju, Beleza de onça, Bem apanhado, Benza-a Deus, Benzer-se, Berne, Besta, Biboca, Bicho-de-blusa, Bicho do mato, Bico de candeeiro, Bico-doce, Bicorada, Bigode, Bilhar, Bilro, Biqueiro, Birô, Biscate, Bisonhice, Boca da gruna, Boca da mata, Boca do tanque, Boceta, Bodoque, Bogari, Bolacha papuda, Bolina, Bolinete, Bolhante, Boneco de engonço, Bonomia, Bordejar, Bota-fora, Boteco, Botequim, Botica, Borrachudo, Bosta de barata, Bosta de cabra, Brabeza, Braçada, Braguilha, Brejão, Brenhoso, Breu, Brenha, Brida, Brilhantina, Brinco-de-princesa, Broca, Brochura, Broqueamento, Bruaca, Bruaqueiro, Bubão, Bucho, Bucolismo, Bufar, Bugalhau, Bugiganga, Bule, Bulgariana, Bulha, Bunda, Burgo, Burralhão, Busilis.

Cc

Cabaça, Cabaço, Cabaré, Cabeça-d'água, Cabeça de formiga, Cabeça-de-patrona, Cabeceira, Cabelo *à la garçon*, Cabelo da roda, Cabeluda, Cabograma, Cabuleté, Caburé, Cabra, Cabra do pau-furado, Cabra retinto e dobrado, Cabreiro, Cabrocha, Caco, Cachimbar, Caçuá, Cadela, Café de língua e beiço meu boi não puxa, Cafundós-de-judas, Cagada, Caiada, Caiamento, Caiçara, Cainçalha, Cair dos quartos, Caipora, Caititu, Caixeiro viajante, Calango, Calça de *Palm Beach*, Calção de Valença, Calça de zuarte, Calçola, Caldeirão casco de burro, Caldeirão de bidogue, Calhambeque, Calundu, Calunga, Cambão, Cambaus, Camboatá, Cambulhada, Camisa de meia, Campear, Campos de São João, Cana, Canapu, Canarinho-da-terra, Candeia-de-bolota, Candeeiro-placa, Canela d'ema, Cancela, Canjoão, Canga, Cangalha, Canhestro, Cão, Canoro, Cantilena, Cantilho, Cantimplora, Capanga, Capangueiro, Capim-açu, Capim-cacheado, Capim-da-lapa, Capim pubo, Capitulado, Capote, Caralhada, Caralho, Carbonato, Cardeal, Carecer, Carne moça, Carne-seca, Carne frescal, Carranca, Carrapicho, Carrascal, Carreiro, Carris, Cartear, Carteira, Carumbé, Casa de farinha, Cata, Cateamento, Catinga-de-porco, Catre, Casa de telha vã, Cascalhão, Casco, Casquinar, Cavalo, Cavaqueira, Caxumba, Cepo, Cerca mineira, Cerca-de-porco, Cerdoso, Ceroula de Valença, Cervejota, Cicerone, Cilha, Cipó reimoso, Chacota, Chagrin, Chalaça, Chalacear, Chaleira, Chamejar, Chapéu-chile, Chapéu-de-frade, Charrua, Chave de destrancar dificuldade, Cheia, Cheia de Santa Luzia, Chiar, Chinó, Chita, Chocolateira, Chofre, Chorrilho, Chuchada, Chuparino, Clavinote, Coalhada, Cobertor dorme-bem, Cobre, Cobrir, Côcho, Cocá, Côco, Cocuruto, Coisa feia, Colchão de arasto, Colchão de macela, Colher-de-pau, Comblain, Combléia, Comboiada, Comboiar, Comer com os olhos, Comutador, Conspurar, Contra a sorte só mesmo a morte, Contramarco, Comprar a preço de banana, Coradouro, Coral, Cordão, Cordoalha, Cornija, Coroa-de-cristo, Costal, Corujismo, Coqui, Costela, Coxó, Coxinilho, Crispação, Crivo, Cuia, Culote, Cumbá, Cumbuca, Cunha de marreta, Curador, Cura-facada, Curau, Curimatã.

Dd

Dar mais que chuchu na cerca, Dar linha, Dar murro em ponta de faca, Datilógrafo, De cor e salteado, Debelar, Debruar, Debruado, Dedo na regada, Deflorar, Dendê, Dentifício, Derreada, Desafogo, Desbocado, Desbrutador, Descabida, Descansado, Desaforar, Desapear, Descabaçar, Descarregar o corpo, Desconversar, Desdouro, Desfeita, Desfolhar, Desforra, Desgrenhada, Desembuchar, Desempenado, Desencaminhada, Desmandar, Desmarcado, Desmorrer, Despeitado, Despeito, Desaperta-puta, Desprezo, Desonrador, De supetão, Destempero, Destratar, Desvão, Devagar é que se vai longe, Dez réis de mel coado, Diabo, Dia de São Nunca de tarde, Doca, Doce de rapadura com gergelim, Doença de rua, Doidivas, Dom-Bernardo, Dor-de-corno.
Ee
Echarpe, Efô, Efusão, Efusivo, Eito, Emalar, Embaciado, Embasbacar, Embarcar em canoa furada, Emboço, Embonecada, Emborcar, Embrejada, Embrenhar, Embucha-veado, Emburrado, Empatar, Emparelhar, Empazinado, Empoada, Emproad, Em terra de cegos, quem tem um olho só é rei, Encabulado, Encabulamento, Encaixilhada, Encanichado, Encapoeirado, Encarapitado, Ensinar treita a jegue preto de barriga branca, Encourado, Enfatiotado, Engalanada, Engomadeira, Enjeitar, Enlinhar, Enrabar, Enrolar, Enrolista, Enrustido, Entabular, Entrar no relho, Entredevorar, Entreparar, Entrilhar, Entocado, Entremostar, Enxada, Erva-cidreira, Ervada, Esbandalhar, Esbirro, Esbracejar, Escaldar, Escanchado, Escaninho, Escanhado, Escarradeira, Esconsa, Escorraçado, Escoucear, Escovar urubu na praia, Escrever português castigado, Escreveu não leu, o pau comeu, Escrotalhão, Esculhambação, Escuma, Esfuziante, Esfumar, Esgaravatar, Esguedelhada, Esmeril, Esmolambado, Espada, Espavento, Espelunca, Espermacete, Espeque, Espichar, Espingarda cano de chapéu-de-sol, Espinhaço, Espreguiçadeira, Estabanamento, Estar abonado, Estar encadernado, Esteira, Estiar, Esticada, Estrada dos bichinhos, Estrada de ferro, Estrada real, Estrada de rodagem, Estrebuchamento, Estremeção, Estremunhado, Estricnina, Estroina, Estroinice, Estridular, Estrovenga, Estuque, Esquentamento, Esturricada, Expedita.
Ff
Facadista, Fado, Fagueira, Faiscar, Falda, Fanada, Farândola, Farfalhar, Farnel de cometa, Farra, Farrista, Farracho, Farromba, Fato, Favinha, Fazer com as mãos desmanchar com os pés, Fazer fita, Fazer o saco, Fazer um 'o' com o fundo de um copo, Fazenda-fina, Febre de vazante, Fedegoso, Feijão-de-arranca, Feijão-de-corda, Feijão azul-oleoso, Ferragem, Fervedouro, Festa de Nossa Senhora da Glória, Festa do Divino, Ficar atado, Ficar gira, Ficar moça, Ficar uma bala, Ficus, Fifó, Figueira brava, Finca-pé, Fodida, Folear, Fole, Folia, Folhame, Folhinha, Fogo-central, Fojo, Fonfonar, Fornida de carne, Fouveira, Freio, Frêmito, Frente, Frente de serviço, Frincha, Frincheiro, Frufulhar, Fubuca, Fugir do pecado como o diabo foge da cruz, Fumo de rolo, Furar, Fuzil Mauser.
Gg
Gabola, Gaiata, Galanteio, Gamela, Ganir, Garimpar de lancheio, Garrafada, Garrancheira, Garrucha, Gasosa, Gata-cega, Geisha, Gerânio, Gibão, Graís, Grão-de-galo, Gravata, Grupiara, Guaguaxar.
Hh
Hirto, Homem sem entranhas, Hortelã graúda.
Ii
Imbé, Impaludismo, Imorredoura, Inchacalhão, Incômodo, Infausta, Informação, Infusado, Ingratalhão, Inhaca, Inhame, Inopinada, Inteirado, Ir com sede ao pote, Irromper, Itaetê, Itapicuru.
Jj
Jaça, Jacuba, Janota, Janotice, Jaqueira, Jaracuçu, Jasmim, Jatobá, Jejuno, Jerimum, Jeriza, Jinjibirra, Jirau, Joaquim-madrugada, Juçara, Judiação, Jurubeba, Juriti, Jussiape.
LI

Lábia, Labutar, Lacustre, Laia, Lambaceiro, Lambedeira, Lambreu, Lampião, Lanhada, Lapada, Largado, Lasca com dois grãos, Lassidão, Lavras, Lavrista, Lebreia, Lençóis, Lençol de morim, Lentigem, Lentoso, Lépida, Letargo, Levar bolo, Libreto, Linheira, Linho H.J, Lívida, Livro de rezas, Loca, Lombo, Longarina, Lonjura, Losna, Loto, Lufa-lufa, Lusco-fusco.
Mm
Macacoas, Maçada, Macega, Macela, Madapolão, Madeirame, Madeixa, Madrugador, Madrugar, Mãe de leite, Mãe do povo, Magnificat, Magote, Mais vale um amigo na praça que dinheiro na caixa, Malandro não estrila, Maldar, Malsão, Malquerença, Malva, Malva limpacu, Malva lava-prato, Mamão serenado, Mamar em onça, Mamparra, Mancomunado, Mandacarú, Manga, Manga-espada, Mangar, Manhã, Manheirar, Manulicha, Mão-cheia, Máquina de Fazer Doido, Marcha batida, Maria-mole, Maranha, Maravalha, Maresia, Marimbás, Marimbus, Marinete, Marquesa, Marrão, Martim-pescador, Marujada, Marulhante, Mata-borrão, Mata-burro, Matagoso, Matarana, Matraquear, Mato Grosso, Matusalêmica, Mavioso, Maxixe, Meiação, Meia-praça, Meeiro, Melindre, Menstruo, Meter os tampos, Meter vergonha a cachorro, Mezinha, Micareta, Michê, Mineiro-pau, Minha valença, Minudente, Moca, Moça da noite, Mocó, Mocarorô osso de cavalo, Mode, Modos, Mofina, Moirão, Molambo, Molecoreba, Molecote, Moleirão, Molhar a garganta, Mondubi, Montoeira, Morde mas não fila, Moreno tismado, Morrer sem vela nem sentinela, Moringa, Mormaço, Mosquitar, Mosquitador, Mosquitinho, Mosquito, Mourejar, Mucuíba, Mucujê ¹ , Mucujê ² , Muçurunga, Mulherdama, Mulher da vida, Mulher de prateleira-de-cima, Munzuá, Murici, Murundu, Mutuca.
Nn
Nababo, Nagô, Não alimentar a pão de ló, Não esquentar lugar, Não perder a esportiva, Não se fazer de rogado, Nascer com o fiofó pra lua, Necrológio, Nefanda, Negro de tutano, Negro-nu, Neve, Nicho, Ninguém dá prego sem estopa, Nodoso, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Parto, Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, No tempo que se amarrava cachorro com linguça, Numerário.
Oo
Oitão, Oleado, Olho-de-arara, O risco que corre o pau corre o machado, O seu a seu dono, Ouricuri, Ouro besouro, Ovão, Ovo de pobre é goro.
Pp
Paca, Pachorra, Padiola, Pai-de-santo, Paina, Paiól, Paletó de alpaca, Palha benta, Palhinha, Palmeira-de-leque, Palmeiras, Panela de barro, Papelório, Parabélum, Paraíba, Parva, Passar na goela, Passar recibo, Passagem, Patati, Patatá, Patifaria, Patuscada, Patusco, Pau, Pau-a-pique, Pau-d'água, Pau-d'arco, Pau-de-mocó, Pau-d'óleo, Pau-de-resposta, Pau-pombo, Pau-terra, Pauzeiro, Peado, Pavoneante, Peador, Peco, Pé-de-meia, Pé-de-tabaqueira, Pedra-lípes, Pedreste, Pedrouço, Pé-duro, Pega-pa-capar, Pegar abacaxi, Pegar a bóia, Peixe-podre, Peixeira, Pelanca, Penca, Pensos, Pequeno, Perau, Perder-se, Perdedeira, Perdulário, Periquito, Peta, Pião de cata, Picada, Picardia, Piçarra-mestra, Picuá, Pilantra, Pilão, Pilheriar, Pindoba, Pinguela, Pinhão leitoso, Pirá, Piranha, Piranhas, Pirraça, Pirão, Pirão de leite, Piri, Pito, Pixote, Platibanda, Pleyel, Pobre-diabo, Pobre na festa, pau na testa, Poço da Donana, Poejo, Poltrão, Pomba-rola, Ponta de fome, Por em brios, Por linhas transversais, Porre, Pote, Potranca, Pra burro, Pra cima e pra baixo, Prendada, Prise, Pudica, Pudicícias, Puta, Puteiro, Puxa-encolhe.
Qq
Quaresma, Quarta, Quatralvo, Quebrar cata, Quebrar pau nos ouvidos, Quebra-pedra, Queimado, Quefazeres, Quem casa quer casa, Queixume, Quem herda, não furta, Quimbas, Quina-de-vara, Quinto, Quitoco, Quixabeira.
Rr
Rabear, Rabo de juízo, Rabo-de-palha, Raçado, Rachar, Raio, Raizame, Ralar, Ralo, Ramer-

rão, Rampear, Rancho, Rapariga, Rapa-Tição, Rapé, Rasga-beiço, Raspadura, Rateio, Rebarbativo, Rebater, Rebordo, Rebuço, Recambiado, Rechonchuda, Relavar, Remirar, Renque, Rego, Regulador da Dona do Corpo, Remanso, Remédio, Repisar, Repetição, Repimpada, Repuxo, Requestar, Restilo, Restinga, Ribimba, Rijeza, Rio Baiano, Rio de Contas, Rio Gafanhoto, Rio Paraguaçu, Rio Una, Ripão, Rio Piabas, Rio Santo Antônio, Roceiro, Rola, Rompimento, Rufigem, Roufenha, Rueiro.
Ss
Sabiá, Saborosa, Saideira, Sair pelo figurino, Safado, Salpintada, Santa Bárbara, Santa Bárbara, Santa Luzia, Santa Rita, Sapucaia, Sarapatel, Sarará, Satanás pregando quaresma, Seguro morreu de velho, Sempre-viva-da-serra, Senis, Sequilho, Ser moça, Serenada, Serviço de barranco, Seu, Sestroso, Sinhá, Sistema de tição, Socar, Socador de broca, Socalco, Sobraçar, Sofrear, Sofrer mais do que sapatilha de mulher-dama em cabaré, Sofrer mais que sovaço de aleijado, Sol a pino, Sol a prumo, Sortimento, Soslaio, Sotaina, Soturno, Sua alma sua palma, Sucuiuíú, Sucuri, Sujidade, Sungar, Susceptibilizar.
Tt
Tabique, Talagada, Talha, Talhe, Tamborilar, Tamburi, Tamborete, Tá na chuva é pra se molhar, Tanger, Tapar o buraco, Tapeação, Tapera, Taramela, Tarrafa, Tarefa, Tatupeba, Tatu verdadeiro, Teimar, Teiú, Tempo do Onça, Tépidio, Ter pano para manga, Terrorífico, Tico, Tiquinho, Tirana, Tirar a barriga da miséria, Tirar a casquinha, Tísico, Titubear, Toba, Tocar gloriosa, Toicim, Tombador, Tonteira, Toro, Torva, Tostão, Toucador, Traíra, Trago, Trapique, Trefegamente, Treita, Trejeito, Trem, Trambolho, Tramela, Trempe, Tregar, Tresandar, Três-folhas, Tresnoitada, Triscar, Trocados, Troço, Tromba-d'água, Troncudo, Tumultuária, Turbado, Túrgido, Turrar.
Uu
Uma desgraça nunca vem só, Uma mão lava a outra, Umburana, Umbrosa, Unha-de-fome, Unha-de-gato, Urinol, Uso do cachimbo faz entortar a boca, Usucapião.
Vv
Vadiar, Vai-quem-quer, Valhacouto, Valise, Valsístico, Vaquejar, Vasqueira, Vatapá, Vaticinar, Veado-mateiro, Veio, Vela, Velame, Velhaca, Venda, Vendola, Veneta, Vermute, Verter água, Verve, Vestido de <i>soirée</i> , Virar a boca pra maré vazante, Viriato, Voador, Vosmecê.
Xx
Xale, Xibiu, Xibungo, Xique-Xique, Xiquexique, Xodó, Xodó de puta, Xumbaré.
Zz
Zabumba, Zé-tranquilino, Ziuziu, Zona, Zonzo.

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

As unidades lexicais na obra de Herberto Sales, manifestam-se de forma expressiva nas formações fraseológicas. Essas lexias textuais revelam um perfil linguístico que incorpora os costumes, as formas de pensar e agir, funcionando como um espelho de sua realidade sociocultural. Desse modo, constituem uma fonte de informações sobre a linguagem, evidenciando um uso particular do idioma, compartilhado por aqueles que vivenciam o cotidiano nas comunidades. Os personagens dos romances utilizam fraseologismos como recurso expressivo, alguns amplamente conhecidos, outros de circulação mais restrita. Essa prática revela a criatividade popular e a busca por maior expressividade na língua, resultando em um acervo lexical que marca identidades e reflete laços socioculturais. Essas expressões intensificam a

comunicação ao conferir à linguagem um caráter metafórico e emotivo, enriquecendo-a. Podemos destacar algumas dessas unidades fraseológicas e para saber as significações consultar o vocabulário no apêndice desta tese: “Bananeira que já deu cacho”; “Dar mais que chuchu na cerca”; “Dez réis de mel coado”; “Mais vale um amigo na praça que dinheiro na caixa”; “Malandro não estrila”; “Morde mas não fila”; “Não alimentar a pão de ló”; “Ninguém dá prego sem estopa”; “Quebrar pau nos ouvidos”; “Uma desgraça nunca vem só”; “Uso do cachimbo faz entortar a boca”, entre outras.

De modo geral, a língua cumpre a função de comunicar, e, ao longo da história, os falantes sempre buscaram expressar ideias, crenças, valores e emoções por meio da linguagem. Um dos recursos utilizados para intensificar essa expressividade são os fraseologismos, combinações lexicalizadas que enriquecem a comunicação (Corpas Pastor, 1996, p. 16). Nesse contexto, o signo linguístico é compreendido como uma unidade léxica que nomeia a realidade e integra o patrimônio léxico-cultural herdado, conforme destaca Biderman (1998a, p. 115). Assim, do processo cognitivo coletivo, surge um repertório verbal que não se restringe a palavras isoladas, mas também inclui frases prontas, criada em contextos quando uma só palavra não bastava para dar conta da expressividade necessária (Ribeiro, Barreiros e Queiroz, 2018). Como ressalta Ortiz Alvarez (2012, p. 11):

É através da fraseologia que as singularidades de uma língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura (Ortiz Alvarez, 2012, p. 11).

Cada comunidade sociolinguística, por necessidade comunicativa e por meio da criatividade inerente à língua, elabora designações para elementos concretos e abstratos de seu universo sociocultural. Assim, o léxico reflete essas condições específicas. Para Vilela (1995), ele é condicionado por fatores econômicos (Dez réis de mel coado), culturais (Bananeira que já deu cacho), históricos (Uma desgraça nunca vem só), e sociais (Ninguém dá prego sem estopa), influenciado por processos como metáfora, metonímia, sinédoque, empréstimos linguísticos, retomada de arcaísmos e neologismos. As criações fraseológicas, frequentemente utilizada por falantes, exemplificam essa dinâmica, demonstrando a função social da linguagem, que se expressa por meio de atos comunicativos reconhecidos e compartilhados por uma determinada comunidade linguística (Ribeiro, Barreiros e Queiroz, 2018).

No que se refere às classes de palavras, a análise do corpus composto de 1.150 lexias revela uma arquitetura linguística marcada pela hegemonia dos substantivos, com 309 ocor-

rências no feminino e 371 no masculino, totalizando, 680 unidades, o que corresponde 60% do conjunto. Essa predominância está relacionada à função essencial dos substantivos: nomear seres, objetos, sentimentos e entidades abstratas. Tal configuração sugere um peso ontológico no processo de reificação da Chapada Diamantina, em que elementos da paisagem, do ambiente e da cultura local são convertidos em adquirem peso ontológico.

Quadro 8: Quantitativo de classe de palavras.

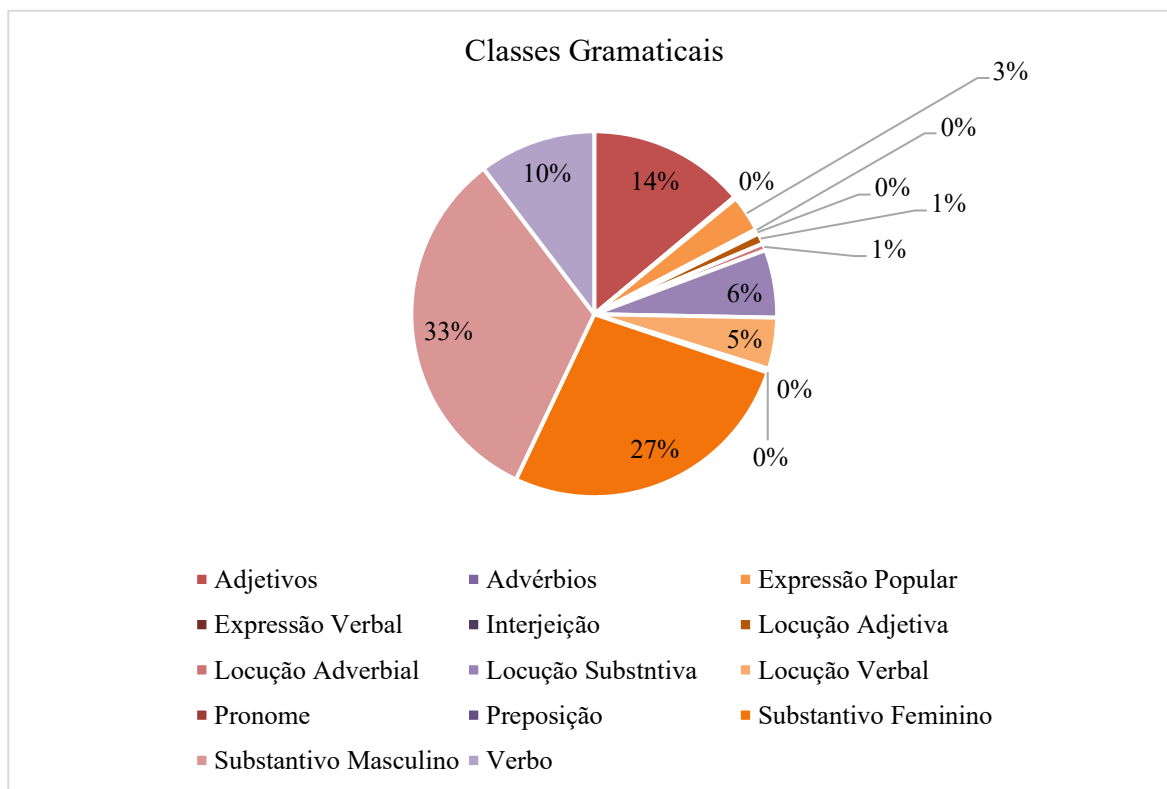
O vocabulário de Herberto Sales			
Classe Gramatical	Abreviatura	Porcentagem %	Quantidade
Adjetivos	<i>adj.</i>	14	161
Advérbios	<i>adv.</i>	0	3
Expressão Popular	<i>exp. pop.</i>	3	37
Expressão Verbal	<i>exp. verb.</i>	0	2
Interjeição	<i>interj.</i>	0	3
Locução Adjetiva	<i>loc. adj.</i>	1	11
Locução Adverbial	<i>loc. adv.</i>	1	8
Locução Substantiva	<i>loc. sub.</i>	6	70
Locução Verbal	<i>loc. verb.</i>	5	52
Pronome	<i>pron.</i>	0	3
Preposição	<i>prep.</i>	0	1
Substantivo Feminino	<i>s. f.</i>	27	309
Substantivo Masculino	<i>s. m.</i>	33	371
Verbo	<i>v.</i>	10	119
TOTAL DE LEXIAS			1.150

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

Os adjetivos, que somam 161 unidades (14% das lexias), funcionam como janelas para a complexidade qualificadora retratada por Herberto Sales. Sua presença revela as hierarquias sociais evidenciadas em abastada, afidalgado, apanhado, que refletem estratificações econômicas e de *status*. Os valores morais são expressos em arredia, atilada, avalentado, armafanhado e bamburrista, que descrevem traços psicológicos e éticos atribuídos à personagens. Já as relações com o trabalho aparecem nos vocábulos barbado, besta, curau, infusado e arrua-ceiro, os quais demarcam estereótipos associados ao mundo rural e garimpeiro vinculados à labuta exaustiva e a cultura machista. Alguns desses termos, como curau, são utilizados de

forma pejorativa para desqualifica a inexperiência no garimpo em contextos de forte competitividade.

Gráfico 2: Porcentagem das classes de palavras.



Elaborado por: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

Paralelamente, os adjetivos descrevem características geográficas e elementos bióticos intrínsecos à região, atuando como importantes marcadores de identidade. A relação do homem com a natureza, é mediada pela linguagem, que reveste de singularidade a paisagem regional. Termos como aspudo, brenhoso, emburrado, embrejada e encapoeirado remetem à topografia e à vegetação local, enquanto adjetivos como alvaça, baio, embonecada e ervada fazem referência à fauna e à flora. Esses adjetivos operam em eixos centrais de caracterização sociocultural e humana, explicitando condições sociais, comportamentos, moralidades, relações de trabalho e outras vinculações próprias do universo representado. Funcionam, portanto, como recursos linguísticos representativos que refletem valores coletivos e revelam estereótipos, compondo um acervo etnolinguístico ao registrar sistemas de conhecimento, práticas cotidianas e a dinâmica histórica da Chapada Diamantina.

A partir do trabalho lexicográfico realizado e dos dados obtidos, diversos aspectos linguísticos e discursivos podem ser explorados, os dados estatísticos do vocabulário registram

alta frequência de classe de palavras (substantivos, verbos, adjetivos, advérbios etc.). No entanto, devido à limitação de espaço, opta-se por não aprofundar a análise de cada classe gramatical neste momento, embora esse aprofundamento possa ser desenvolvido em estudos futuros. O repertório tem um vocabulário seletivo, priorizando não as lexias de alta frequência, mas os termos que melhor representam a linguagem característica de Herberto Sales em relação à Chapada Diamantina. Ressalta-se, contudo, que o presente trabalho cumpre os objetivos propostos em seu projeto inicial, ao proceder ao inventário e registro sistemático do vocabulário utilizado pelo autor.

5.2 O QUE DIZEM OS DADOS QUALITATIVOS

Este tópico propõe-se a analisar algumas unidades lexicais presentes no vocabulário de Herberto Sales, partindo do entendimento de que há marcas linguísticas significativas relacionadas aos usos e costumes próprios da Chapada Diamantina, bem como ao seu ambiente físico e à sua realidade sociocultural. A condição linguística da região, marcada pela presença de portugueses estabelecidos, descendentes de indígenas e africanos, somada às variações diatóticas e diatópicas, favoreceu o desenvolvimento de um modo peculiar de falar, com vocábulos que passaram a caracterizar linguisticamente a região.

A efervescência sociolinguística encontra sua expressão mais evidente no léxico, que Herberto Sales se empenhou em reproduzir em seu projeto literário. Por meio desses vocábulos, é possível identificar expressões que demonstram a heterogeneidade da variante brasileira do português. A extensão geográfica da Chapada Diamantina e, em certa medida, seu relativo isolamento em relação aos grandes centros urbanos, contribuíram para que determinadas unidades lexicais fossem condicionadas por fatores como ambiente físico, as circunstâncias econômicas locais e os modos de vida específicos de uma comunidade que interage diretamente com os recursos naturais da região. Assim, os elementos culturais e linguísticos se interrelacionam de forma indissociável, revelando uma matriz regional própria, que confere identidade e autenticidade ao vocabulário retratado por Herberto Sales.

Como aponta Ribeiro (2020b, p. 77), as motivações dos signos linguísticos relacionados ao garimpo podem ser de ordem tanto interna quanto externa. Por um lado, alguns vocábulos são motivados internamente, ou seja, derivam de processos próprios do sistema linguístico, por meio de relações com palavras já existentes na língua em uso. Por outro, há vocábulos cuja motivação é externa, caracterizada por mecanismos de transferência semântica, influenciados por fatores extralinguísticos.

Embora tais transformações estejam inseridas em uma perspectiva diacrônica, a qual não é objeto de análise neste trabalho, é possível observar como essas alterações se manifestam na sucessão lexical a que foram submetidas ao longo do tempo. O que se busca enfatizar aqui é que fatores socioculturais, e até mesmo naturais, exerceram papel determinante na motivação e no surgimento de determinadas unidades lexicais no seio da comunidade estudada. Foi a própria comunidade das lavras que, ao longo do tempo, atuou como agente criador, moldando a língua conforme seus contextos históricos, sociais, culturais específicos. Dessa forma, as lexias presentes no *corpus* são resultado direto desses processos de construção coletiva e vivência regional.

Numa perspectiva sincrônica, como observa Ribeiro (2020b, p. 77), a comunidade das lavras é descrita e representada por meio das lexias que compõe o vocabulário da obra herbertiana. Essas unidades lexicais foram forjadas pelos sujeitos em sociedade, em estreita relação com sua cultura e com as práticas vinculadas ao ambiente físico e relações de trabalho. No interior dessa comunidade, as relações interpessoais e o acúmulo de saberes sobre o ambiente natural e social desempenharam papel central na constituição do léxico. Assim, os vocábulos utilizados para nomear ferramentas, espaços de trabalho, qualificadores sociais e outros elementos do cotidiano confirmam a especificidade e densidade cultural do vocabulário presente na obra de Herberto Sales. Observe esses vocábulos: Azedinha, babatimã, batata-da-serra, bico doce, cabeluda, camboatá, candeia-de-bolota, canjoão, canapu, canela d'ema, catinga-de-porco, chapéu-de-frade, cura-facada, fedegoso, imbé, inchacolhão, jeriza, malva lava-prato, mucujê, murici, negro-nu, pau-de-mocó, pau-terra, pedreste, pindoba, pinhão leitoso, quina-de-vara, quitoco, saborosa, sempre-viva-da-serra, velame, xiquexique, xumbaré.

A dependência da comunidade em relação à natureza exerce uma influência direta no léxico local. Nesse contexto, a flora assume um papel significativo nos falares chapadeiro. Há variações e lexias específicas como batata-da-serra, negro-nu e cura-facada, que designam plantas endêmicas da Chapada Diamantina, ou seja, espécies que não existem em nenhuma outra parte do mundo. Por isso, suas nomenclaturas foram criadas no interior da própria comunidade, por meio do saber local enraizado na relação cotidiana com o meio ambiente.

A batata-da-serra (*Ipomea convolvulácea*), se desenvolve junto às encostas das serras que cresce em altitudes acima dos 800 metros sendo difícil de colher. É um tubérculo que não é cultivado, apenas colhido na natureza podendo chegar até sete quilos. Sua textura interna se assemelha a parte esbranquiçada da casca da melancia, é usada como salada temperada com sal e limão. Os garimpeiros desenvolveram receitas com espécies nativas, contudo, hoje em dia, devido à grande exploração extrativista está ameaçada de extinção (Gonçalves, 2016).

O Negro-nu (*Cyathea delgadii* Cyatheaceae) e a Cura-facada (*Acrítópappus confertus*) são plantas que integram a história da Chapada Diamantina por seu uso corrente durante o auge do garimpo na região, entre os anos de 1844 a 1871. Foram amplamente conhecidas por suas propriedades medicinais, eram utilizadas para estancar sangramentos causados por cortes, em geral associados a acidentes de trabalho nas lavras ou castigos corporais impostos por coronéis, sendo práticas comuns durante o período da escravidão na região. Essas plantas combinadas ao uso do pau-de-mocó, eram valorizadas por suas propriedades cicatrizantes, anti-hemorragicas e bactericidas naturais. A Cura-facada era empregada no tratamento de inflamações, e utilizada como importante recurso terapêutico tradicional no contexto do garimpo (Martins, 2020; Funch *et al.*, 2004).

A fauna da região apresenta grande diversidade ambiental e ecológica, resultado da confluência dos três biomas que compõe a Chapada Diamantina: Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Essa combinação é refletida nas obras de Herberto Sales que menciona diversas espécies animais, apresentando ao leitor um retrato dos ecossistemas locais. Quando os primeiros garimpeiros chegaram à região, depararam-se com uma abundância de animais silvestres. As matas densas que cobriam os morros e os rios de águas límpidas em uma rica variedade de espécies. No entanto, a caça predatória, praticada tanto para subsistência quanto para fins comerciais, a exploração madeireira e as frequentes queimadas contribuíram para a redução da fauna nativa. Sales (2011 [1944]; 1965 [1961]) registra em diferentes momentos essa riqueza faunística, como também apontado em Brasil (2007) e Funch, (1997). Essa presença de animais pode ser observada no vocabulário, como se vê a seguir: Asa-caída, batixó, borra-chudo, cabeça-de-patrona, caburé, calango, canarinho-da-terra, cocuruto, coral, coqui, cumbá, curimatã, jaracuçu, martim-pescador, mocó, mutuca, pirá, piranha, sabiá, sucuiuíú, tatupeba, tatu verdadeiro, teiú, traíra.

A fauna e flora, nesse contexto, são elementos constitutivos da paisagem chapadeira, integrando-se ao vocabulário de forma orgânica e expressiva. Nos primeiros romances de Herberto Sales, *Cascalho* (Sales, 2011 [1944]) e *Além dos Marimbus* (Sales, 1965 [1961]), observa-se uma representação constante da natureza, revelando a intencionalidade do autor em destacar a exuberância dos biomas que compõe a Chapada Diamantina. Essa ênfase exalta a imponência do cenário natural, e reforça sua importância como componente estruturante da identidade cultural da região.

No que se refere especificamente às lavras diamantinas, o principal agente de transformação da realidade local em diversos aspectos, é possível identificar elementos que moldaram todo um entorno socioambiental, marcado por um sistema de exploração. O garimpeiro, à

classe popular, não era um trabalhador assalariado, mas inserido em uma lógica de sobrevivência permeada por heranças patriarcais, nas quais seu trabalho era intensamente explorado. Embora fossem os principais responsáveis pela descoberta dos diamantes, raramente enriqueciam, salvo exceções, permanecendo, na maioria dos casos, em condições precárias de vida (Ribeiro, 2020b).

A atividade garimpeira exerceu profunda influência na composição da paisagem, nas formas de moradia, na culinária, nos instrumentos de trabalho e em diversos aspectos do cotidiano, configurando um universo em que o entorno é marcado, simbolicamente, pela presença do garimpo. A sociedade garimpeira dá sentido ao seu mundo por meio do trabalho, que, por sua vez, transforma o ambiente físico e infere diretamente nas práticas sociais, culturais e linguísticas. Grande parte da narrativa presente nas obras de Herberto Sales (*Cascalho* 2011 [1944]; *Além dos Marimbus* 1965 [1961]; *Rio dos Morcegos*, 1993), tem como fio condutor a relação com as atividades nas lavras, onde se estrutura um vocabulário singular, característico do que o autor chama de “país do garimpo”. Trata-se de um microcosmo cuja constituição histórica se manifesta por meio da linguagem, com construções linguísticas que remetem às técnicas, aos instrumentos e aos modos de vida próprios dessa realidade. A seguir, observam-se alguns desses termos: Almocafo, bateia, bolinete, carumbé, desbrutador, farracho, frincheiro, picuá, alugado, bruaqueiro, capangueiro, frente, meia-praça, mosquitador, broqueamento, cata, cateamento, faiscar, garimpar de lancheio, mamparra, mosquitar, quebrar cata, sistema de tição, arrozinho, bala, carbonato, chapéu de frade, jaça, lambreu, mosquitinho, mosquito, olho-de-arara, xibiu, ajogo, bagajudo, balinha, bosta de cabra, bosta de barata, bugalhau, cabeça de formiga, cocá, emburrado, esmeril, favinha, feijão azul-oleoso, frincha, gruna, grupiara, informação, mcororô osso de cavalo, mondubi, montoeira, perau, piçarra mestra, restinga, rompimento, tombador.

As designações dos processos de garimpagem, ferramentas, técnicas e dos objetos funcionais associados à atividade deram origem a categorias semânticas específicas, evocadas para nomear serviços funções e instrumentos com seus respectivos termos. Nesse contexto, é possível identificar um vocabulário de especialidade dentro da linguagem empregada por Herberto Sales Após a publicação de *Cascalho* (Sales, 1944), o próprio autor organizou, em 1955, uma obra explicativa sobre o garimpo de diamantes na Bahia (*Garimpos da Bahia*, Sales, 1955), na qual apresenta definições detalhadas dos termos utilizado nas lavras. Essa iniciativa conferiu estrutura terminológica às diversas categorias de trabalho no garimpo, o que evidencia o uso da língua com fins específicos. Por integrar a identidade cultural da região, o

garimpo produziu um discurso especializado, ou, ao menos, uma forma de conhecimento técnico estruturado, conforme observa Rey (2007).

Com isso, não se tem conhecimento, até o momento, de que esse vocabulário especializado dos garimpeiros da Chapada Diamantina tenha sido sistematicamente estruturado em um estudo terminológico formal. Isso se deve, em parte, de Herberto Sales não ser linguista, mas sim um romancista que, embora tenha registrado esse léxico em sua obra, não o fez com os métodos próprios da Terminologia e Terminografia. Acreditamos, inclusive, que ainda não há pesquisas dedicadas especificamente à sistematização terminológica desse universo vocabular na Chapada. O que se observa é que essa linguagem de especialidade está formalizada a partir da base da língua natural, como geralmente ocorre: a língua comum fornece o material lexical sobre o qual se constrói o uso técnico, e foi essa base que Herberto Sales capturou e representou em sua escrita.

Concordamos com Rey (2007, p. 332) ao afirmar que, mesmo quando os termos apresentam a forma de substantivo simples, sua função no discurso pode ser claramente especializada, uma vez que operam como unidades de significado próprias de um domínio específico. Um estudo terminológico direcionado poderia conferir a esse conjunto lexical maior rigor conceitual, permitindo a formulação de postulados, a definição de conceitos, a identificação de axiomas, e a construção de sistemas de adequação e normalização terminológica. Talvez uma das dificuldades em reconhecer essa especialidade no vocabulário do garimpo esteja no fato de vários desses termos circularem também no uso geral da língua, o que pode diluir seus traços terminológicos e comprometer sua precisão conceitual, ainda mais considerando que estão inseridos em um contexto de trabalho tradicional, na maioria das vezes de caráter artesanal.

De outro modo, também foram catalogadas unidades lexicais não dicionarizadas, oriundas de processos de adaptação linguística que resultaram na criação de neologismos, em alterações fonéticas, e em ressignificações semânticas. Essas lexias consolidaram-se na oralidade, sendo transmitidas de geração a geração, mas permaneceram à margem dos registros lexicográficos oficiais. Tal exclusão deve-se, em grande parte, à centralização normativa ao prestígio atribuído às variedades linguísticas urbanas e à escassez de documentação acadêmica sobre as variedades dialetais. Mesmo o *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 1999), que recorreu à obra de Herberto Sales em sua elaboração, não incorporou muitos desses vocábulos, os quais acabaram excluídos. No entanto, foram preservados na literatura herbertiana e, por isso, os recuperamos e reproduzimos aqui: ajogo, ajoujeiro, amealhamento, armafanhado, bagueta, batata-da-serra, bugalhau, cantilho, côcho, cocá, corujismo, coqui, cura-facada, desbrutador,

embrejada, empazinado, encanichado, enrolista, enlinhar, entrilhar, favinha, farromba, frincheiro, fubuca, guaguaxar, inchacolhão, lambreu, lavrista, lentoso, meiação, mode, mondubi, negro-nu, pé-de-tabaqueira, pedreste, perdedeira, pleyel, quimbas, raçado, relavar, terrorífico, valsístico, xumbaré.

Além disso, as variantes regionais de palavras já dicionarizadas resultam de processos morfológicos naturais, como reduções, ampliações, alterações fonéticas ou sufixações expressivas. Tais transformações refletem adaptações orais que se consolidaram-se nas práticas linguísticas das comunidades, cristalizando-se como marcas identitárias locais. Essas recriações preservam o vínculo semântico com os vocábulos de origem, funcionando como marcadores culturais que demonstram a dinamicidade da língua no cotidiano regional. A seguir observamos como esse fenômeno se manifesta em algumas unidades lexicais: almécega para almésega; angico para angiquinho; barbatimão para babatimã; lagartixa para batixó; burrão para burralhão; cervejota para cerveja; chagrin para chagém; clavinote para clavina; combleia para comblain; escroto para escrotalhão; garranchento para garrancheira; ingrato para ingratalhão; gengibirra para jingibirra; malva para malva lava-prato; manlicher para manulicha; mcororó para mcororô; rapadura para raspadura; sucuri para sucuiú; toicinho para toicin; punhal para zé-tranquilino.

Em outra perspectiva, o vocabulário utilizado por Herberto Sales, em muitas de seus vocábulos, reflete representações assimétricas de gênero. As noções de masculinidade e feminilidade presentes em sua obra estão impregnadas de valores historicamente construídos, reproduzindo visões de mundo marcadas por relações desiguais. O discurso masculino, no plano simbólico, contribui para a naturalização das desigualdades sociais de gênero, legitimando divisões no trabalho, padrões de comportamento sexual e reprodutivo, resultando e, por conseguinte, em uma menor inserção das mulheres nos espaços sociais de poder. As lexias sobre os sexos são mobilizadas como referências explicativas que perpassam estruturas sociais, práticas cotidianas e formas de interação. O gênero, nesse sentido, configura-se como uma forma de organização social da diferença sexual, estabelecida a partir da construção de sentidos sobre a realidade (Alves, 2004).

As diferenças sexuais, longe de serem meramente biológicas, são uma construção que se manifestam no plano linguístico. Nesse contexto, observa-se o falocentrismo como símbolo de poder, conforme interpretado por certas vertentes da psicanálise, que o compreendem como uma representação simbólica da autoridade e dominação. Na obra de Herberto Sales, o discurso falocêntrico está fortemente presente nas falas de seus personagens, revelando relações sociais entre sexos marcadas por estereótipos e desigualdades. Como afirma Alves

(2004, p. 7), “[...] as relações de gênero são relações de poder e, na sociedade androcêntrica, o falo representa o poder”. O discurso funciona como um princípio de ordenação de mundo, e essa ordenação se dá por meio da linguagem, dos códigos linguísticos e das representações culturais. Nas obras de Sales, a linguagem cotidiana empregada por homens e mulheres evidencia essa lógica de poder, frequentemente surgem expressões que reforçam abusos e violências simbólicas contra o feminino, bem como enunciados aparentemente inofensivos que, sob análise mais atenta, revelam um discurso sexista velado.

Selecionamos, do romance *Cascalho* (Sales, 2011), diversas lexias envolvendo qualificadores que revelam designações atribuídas socialmente a homens e mulheres. Parte desse vocabulário reflete atributos identitários associados aos papéis de gênero, demonstrando em como os indivíduos se comportavam ou eram percebidos na sociedade da época retratada. Tais representações obedecem a convenções culturais locais, mediadas pela linguagem, e são marcadas por experiências pessoais, julgamentos sociais, preconceitos e também pelas características concretas dos sujeitos. A seguir, observam-se alguns desses qualificadores (Ribeiro, 2020b):

Quadro 9: Listagem das lexias constantes no macrocampo dos qualificadores e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPO E LEXIAS	Total de Lexias
Dos qualificadores	Dos qualificadores masculinos: arruaceiro, bamburrista, besta, buralhão, cabuletê, cabra do pau-furado, cabra retinto e dobrado, caipora, curau, desmarcado, doca, encabulado, enrolista, escrotalhão, esmolambado, estroina, estremunhado, gabola, infusado, inteirado, lambaceiro, madrugador, mancomunado, mão-cheia, nababo, negro de tutano, pau-d’água, peixe-podre, poltrão, raçado, xibungo. Dos qualificadores femininos: aguada, bananeira que já deu cacho, colher-de-pau, costela, esguedelhada, fornida de carne, foveira, fubuca, mulher de prateleira de cima, repimpada, tresnoitada. Dos qualificadores infantis: diabo.	43

Fonte: Ribeiro (2020b, p. 154).

Homens e mulheres, enquanto pertencentes a grupos sociais distintos, estão inseridos em relações específicas estruturadas por uma divisão hierárquica entre os sexos, relações essas que se baseiam em uma lógica patriarcal ou em termos mais amplos, falocêntrica. Esse

vocabulário, portanto, revela papéis sociais atribuídos aos gêneros, e evidencia as relações de poder que os sustentam.

Desse modo, o uso recorrente de determinadas palavras delineia crenças enraizadas e projeta perfis identitários cristalizados. No caso das mulheres, observa-se com frequência uma evocação pejorativa “aguada”, “fouveira” e “fubuca”, que refletem uma visão preconceituosa sustentada pelo patriarcalismo, base estrutural do machismo, e que atravessa todas as esferas da sociedade, inclusive as camadas populares historicamente marcadas pela luta cotidiana pela sobrevivência. A conjuntura social, evidencia em como o gênero é construído com base em qualificadores que revelam tradições culturais e a persistente depreciação do feminino ou sua objetificação como em “mulher de prateleira-de-cima”, “costela”, “desgrenhada”, “desencaminhada”, “esguedelhada”, “fornida de carne” e “pé-de-tabaqueira”, as quais apontam para uma visão alimentada pelo patriarcalismo, atingindo, assim, todas as esferas da sociedade. Essa lógica de subordinação contribui para a manutenção e aprofundamento das desigualdades de gênero. Nesse contexto, a língua torna-se um espaço privilegiado onde sobressai as marcações atribuídas a masculinos e femininos por meio dos qualificadores, revelando distinções e hierarquias.

No discurso popular, essas marcas aparecem de diversas formas: a virilidade, por exemplo, é evocada em expressões como “cavalo”, “desmarcado”, enquanto a emasculação é sugerida em termos pejorativos como “xibungo” e “bicho de blusa”. Por outro lado, a feminilidade é associada à fragilidade ou função reprodutiva, como se observa em expressões como “incômodo” e “mãe de leite”. Há também termos relacionados à prática ou violência sexual como, “enrubar”, “descabaçar”, “desfolhar”, “deflorar”, que demonstram estereótipos no interior de uma lógica falocêntrica. Esses vocábulos revelam uma cultura marcada pela sobreposição masculina, na qual a reafirmação do homem como figura viril e dominante é constantemente reforçada pela linguagem. Trata-se de um sistema simbólico em que o poder e a sexualidade estão entrelaçados, naturalizando relações de desigualdade entre os gêneros.

Os exemplos apresentados têm como finalidade evidenciar o sexismo presente nas representações de homens e mulheres no vocabulário herbertiano. Ao apontar essas questões de gênero, busca-se destacar a importância de discutir e esclarecer as construções histórico-linguísticas que sustentam desigualdades, promovendo, assim, a reflexão sobre equidade de gênero. No campo linguístico, as dicotomias nesse campo são geralmente organizadas a partir de polos hierarquizantes e opostos, homem e mulher, nos quais o masculino é associado à centralidade, ao sujeito e à ação, enquanto o feminino é relegado a uma posição secundária, representado como objeto e adjetivo. Esse sistema de gênero atribui às mulheres um lugar de

subordinação, reproduzido em práticas e situações cotidianas mediadas pela linguagem, que operam como marcadores de distinção e inferiorização. Observa-se, portanto, uma hierarquia linguística que desfavorece as mulheres, no qual os homens ocupam o papel de sujeitos, tanto na estrutura social quanto na estrutura da linguagem, enquanto as mulheres se reservam a um lugar periférico, marcada por funções descritivas, passivas ou acessórias.

Como afirma Alves (2004, p. 30), “[...] para se chegar a uma sociedade mais igualitária será preciso reelaborar o discurso e as representações de gênero, problematizando os vícios de linguagem”. Para o autor, o grande problema da linguagem sexista é seu poder de reforçar as desigualdades entre homens e mulheres, classificando-os de forma dicotômica e naturalizando assimetrias por meio de uma violência simbólica operada no próprio campo da linguagem.

Uma das formas de problematizar questões como representação de gênero na linguagem, entre outras questões, é por meio do trabalho didático com produtos lexicográficos. Como destaca Krieger (2003), o dicionário possui um valor didático inegável, o que estende também a glossários e vocabulários, que ocupam um lugar no ensino de língua. O vocabulário, nesse contexto, configura-se um registro sistemático e ordenado alfabeticamente do léxico, funcionando como um paradigma para usos e sentidos das palavras. Importa ressaltar que uma obra lexicográfica não é neutra, carrega marcas ideológicas, sociais e culturais. Nesse sentido, há uma missão didática nos produtos lexicográficos que é ainda pouco explorado no ensino de língua materna.

Como afirma Krieger (2003, p. 71), um dos principais entraves à função didática da lexicografia está no fato de que tanto sua vertente teórica quanto a aplicada são pouco estudadas, em grande parte porque os professores não estão devidamente instrumentalizados para desenvolver um trabalho sistemático e reflexivo com obras lexicográficas como material instrucional. Há, portanto, uma lacuna importante na formação docente no que se refere à lexicografia, o que compromete o pleno aproveitamento de seu potencial pedagógico no processo de ensino-aprendizagem da língua.

Desse modo, a Lexicografia Pedagógica (LP), é fundamental no processo de ensino-aprendizagem e cumpre um papel que vai além de uma tarefa compilatória de caráter pragmático. Uma obra lexicográfica não se limita à organização de verbetes, ela contribui diretamente para ampliação e aperfeiçoamento do conhecimento léxico da língua, sendo uma ferramenta para o desenvolvimento de competências essenciais, como a leitura, a escrita e a produção textual. Além de fornecer a aquisição da competência comunicativa, o uso pedagógico de vocabulários permite ao estudante identificar estruturas e regras sintáticas do idioma, bem como

reconhecer marcas de uso e variações contextuais. Toda obra lexicográfica oferece múltiplas possibilidades explanatórias, funcionando como um instrumento linguístico, cognitivo e cultural. Como já destacado, há também espaço para estudos voltados ao reconhecimento de ideologias e marcas culturais presentes nos próprios verbetes, o que reforça o potencial crítico e formativo desses materiais no contexto educacional (Krieger, 2003).

Um exemplo do uso de uma obra lexicográfica com fins didáticos pode ser observado no trabalho de Almeida (2022), que apresenta a edição dos *causos* sertanejos do escritor Eulálio de Miranda Motta por meio de uma plataforma digital voltada para a leitura em turmas do Ensino Médio na Educação Básica. A partir da plataforma *Bahia Humorística na escola*, os textos foram organizados em diferentes camadas editoriais: edição *fac-similada*, a edição topográfica, a edição linearizada (com adaptação dos aparatos genéticos em legendas explicativas interativas), além das edições atualizadas, impressa, digital e com o glossário integrado ao corpo textual.

Os elementos bibliográficos e contextuais relacionados aos textos são acessados de forma hipertextual, por meio de recursos hipermediáticos que ampliam a experiência de leitura. A partir dos *causos*, foram elaborados materiais didáticos, impressos e digitais, com objetivo de inclusão de escritores não canônicos nas aulas de Língua Portuguesa, promover reflexões sobre questões linguísticas e identitárias relacionadas à variação do português popular, além de contribuir para formação leitora e o desenvolvimento de competências filológicas de professores e estudantes em uma sociedade cada vez mais mediada por tecnologias digitais. Na plataforma estão atividades relacionadas com o glossário dos *causos* e está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://bahiahumoristica.wixsite.com/naescola2>.

Convém ressaltar que a Lexicografia Pedagógica surge com a proposta de desenvolver dicionários, tanto monolíngues quanto bilíngues, voltados para fins didáticos. Sua ascensão está diretamente relacionada ao processo de globalização e à consequente expansão do ensino de idiomas em escala mundial. No entanto, os autores como Krieger (2003), Duran e Xatara (2007), Welker (2008), que ao traçar um breve histórico da Lexicografia Pedagógica, mencionam os chamados “protodicionário” ou “paleolexicografia” dos sumérios, há mais de três mil anos antes de Cristo. Segundo o autor, esses registros consistiam em lista de palavras elaboradas com fins educativos, ou seja, eram vocabulários criados para ensino. Welker (2008) destaca que, ao longo da história clássica da produção lexicográfica, a elaboração de vocabulários com finalidade escolares sempre teve um caráter essencialmente pedagógico. Daré Vargas (2018) corrobora com a perspectiva de Welker (2008) ao afirmar que a origem da Lexicografia Pedagógica está ligada ao estudo de vocabulários. Contudo, ressalta que, os anos de 1992 a

2012, esse campo ganhou mais destaque, consolidando-se em torno de novos paradigmas voltados à elaboração e produção de dicionários para fins didáticos.

Cabe salientar que, a Lexicografia Pedagógica envolve diversos atores: o lexicógrafo, o editor, o professor de língua, o estudante e, em algumas situações, o poder público, no que diz respeito à aquisição do produto. Ainda assim, a maior parte das publicações nessa área concentra-se na discussão sobre dicionários, enquanto o uso didático de vocabulários extraídos de obras literárias permanece restrito a estudos pouco difundidos. Além disso, mesmo quando tais estudos abordam aplicações pedagógicas, raramente apresentam exemplos concretos de métodos ou atividades de ensino que ilustram como explorar esse vocabulário dentro da sala de aula. Essa lacuna decorre, em grande medida, do escopo original desses trabalhos, que se limita à descrição e análise do léxico, sem avançar para propostas de intervenção didática.

Por outro lado, embora o *Vocabulário Herberto Sales* não tenha sido concebido exclusivamente para fins pedagógicos, ele possui características que o tornam importante em qualquer contexto de ensino. Dessa forma, há espaço para estudos futuros que se dedique especificamente à elaboração de material didático baseado nesse vocabulário, propondo metodologias de aplicação no processo de ensino-aprendizagem para estudantes da Educação Básica. Tais iniciativas podem explicitar as potencialidades do vocabulário literário enriquecendo a prática docente com estratégias inovadoras de trabalho lexical em sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que originou a presente tese teve como eixo norteador o seguinte questionamento: de que forma pode ser elaborado um vocabulário representativo da linguagem empregada pelo escritor Herberto Sales? A partir desse problema, empreendemos uma jornada de estudos, reflexões e aprofundamento em torno da elaboração de um produto lexicográfico que traduzisse, o universo vocabular do autor, a partir de obras selecionadas. Utilizando a metáfora do garimpo, escavando com instrumentos metodológicos, fomos a procura dos diamantes lexicais.

Com base na pesquisa realizada, nos resultados obtidos e nas discussões desenvolvidas ao longo desta tese, e munidos de instrumentos metodológicos, realizamos uma “escavação” minuciosa em busca dos “diamantes lexicais”, expressão que simboliza os vocábulos extraídos da linguagem literária de Herberto Sales. Esse “garimpo lexical” permitiu alcançar os objetivos propostos, culminando na apresentação do *Vocabulário de Herberto Sales*, fundamentado em um *corpus* composto por obras que referenciam a Chapada Diamantina. Assim, o vocabulário produzido contribui para os estudos lexicográficos, literários e para história social da língua portuguesa.

Dessa maneira, a tese consolida sua relevância no âmbito dos estudos linguísticos e literários por meio de uma confluência entre rigor metodológico e inovação tecnológica. Tal distinção manifesta-se tanto pela escolha do objeto, a elaboração de um vocabulário de autor, prática já consolidada na tradição lexicográfica, quanto na sua materialização como artefato digital. Ao concentrar-se na obra de Herberto Sales, marcada pela representação linguístico cultural da Chapada Diamantina, o trabalho se insere nessa tradição e a ressignifica, conferindo visibilidade a um léxico regional e a um autor cuja expressividade lexical ainda carecia de sistematização acadêmica aprofundada.

Assim, a materialização digital do vocabulário constitui, por si só, uma mudança de paradigma na lexicografia de autor. Ao transpor o caráter essencialmente estático do repertório lexical impresso para um ambiente multimidiático, a pesquisa permitiu que cada verbete fosse enriquecido por camadas informativas diversas, como abonações contextuais, imagens, registros sonoros e elementos audiovisuais, que definem e performatizam o uso e a cultura associados a cada lexia. Essa abordagem expande o potencial analítico e expositivo da investigação, ao mesmo tempo em que redefine os modos de disseminação e recepção do conhecimento linguístico. O resultado é um instrumento de consulta que transcende o âmbito estritamente acadêmico, tornando-se acessível e proveitoso para um público mais amplo e diversifi-

cado, que inclui desde especialistas até comunidades locais e interessados na cultura da Chapada Diamantina.

A consistência teórica da tese encontra sólido fundamento nos aportes da Lexicologia e Lexicografia, mobilizando autores canônicos dessas áreas para embasar de maneira rigorosa a seleção, análise e classificação das lexias. No entanto, o trabalho transcende a elaboração de uma mera listagem vocabular ao eleger como foco principal as lexias que carregam as marcas culturais, geográficas, históricas e sociais da Chapada Diamantina. Ao reconfigurar esse vocabulário em uma plataforma digital, a pesquisa inaugura uma nova etapa nos estudos do léxico brasileiro, pois não se limita apenas a resgatar a memória linguística regional, mas a valoriza e a disponibiliza por meio de um formato acessível e interativo. Dessa forma, o mapeamento do vocabulário de Herberto Sales insere-se em um contexto mais amplo de preservação do patrimônio linguístico e cultural do país, evidenciando a linguagem literária como um repositório dinâmico de identidades locais.

Ademais, a tese, inova ao articular de maneira explícita e produtiva, perspectivas teóricas que vão além da Linguística estrita, estabelecendo um diálogo com a sociologia do texto, e a história cultural. Ao abordar a obra de Herberto Sales como um arquivo literário e lexical, e também como um discurso situado em redes complexas de produção, circulação e recepção, a pesquisa ultrapassa a análise imanente do léxico. Ela investigou as condições históricas e sociais que possibilitaram a emergência daquele vocabulário específico, examinando como relações de poder, projetos editoriais e o contexto regional moldaram a linguagem do autor. Essa interdisciplinaridade ampliou significativamente o escopo das investigações linguísticas, demonstrando como o léxico pode funcionar como uma porta de entrada privilegiada para a compreensão de dinâmica sociais, identitárias e culturais mais amplas, conferindo profundidade sociológica e histórica ao estudo do léxico.

O rigor metodológico da pesquisa realizada, manifesta-se por meio da sistematicidade empregada em todas as etapas fundamentais. Isso se evidencia, em primeiro lugar, na delimitação do *corpus*, composto por cinco obras representativas da produção telúrica de Herberto Sales. Em seguida, na adoção de um tratamento computacional dos dados, realizado com o auxílio de *software* especializados, que garantiu agilidade e precisão no processamento do extenso material lexical. Por fim, na minuciosa classificação e organização das 1.500 entradas catalogas, distribuídas em categorias analíticas definidas em lexias simples, compostas, complexas e unidades fraseológicas, as quais conferem solidez estrutural ao inventário produzido.

O valor da tese por sua vez, desdobra-se de forma articulada em três dimensões complementares: acadêmica, cultural e tecnológica. Academicamente, o trabalho consolida-se

como um instrumento de referência para pesquisadores das áreas da Linguística, Lexicografia e Crítica Literária, oferecendo subsídios para o estudo da obra de Herberto Sales quanto para a investigação da variedade lexical no português brasileiro, com ênfase em suas manifestações regionais. Culturalmente, sua contribuição reside na valorização da identidade linguística do autor, e por extensão, da Chapada Diamantina, ao preservar e difundir um vocabulário que encapsula a paisagem, os saberes e as práticas sociais de uma região com forte carga simbólica na formação nacional. Tecnicamente, o valor concretiza-se na concepção e implementação de uma plataforma digital multimodal, acessível e funcional, que hospeda os resultados da pesquisa e ergue um modelo demonstrativo para iniciativas futuras no campo das humanidades digitais no Brasil, pontuando a viabilidade e o potencial da integração dos métodos tradicionais de pesquisa e ferramentas digitais de divulgação científica.

Com isso, a principal inovação da tese reside em sua robustez interdisciplinar e na efetiva materialização digital de seus resultados, demonstrando de modo concreto a viabilidade e a produtividade da aplicação de ferramentas computacionais na análise, preservação e difusão do patrimônio linguístico-literário. Ao estabelecer uma conjugação orgânica entre a Ciências do Léxico e as Humanidades Digitais, o trabalho transcende a pesquisa tradicional com a vanguarda da tecnologia digitais de informação e comunicação. A construção de uma base de dados lexical estruturada e a consequente criação de um vocabulário digital publicamente acessível, hospedado no domínio *www.vocabularioherbertosales.com.br*, representa um avanço metodológico e de comunicação científica. Essa plataforma democratiza o acesso ao conhecimento ao incorporar funcionalidades multimodais que integram recursos visuais, sonoros e interativos. Tais elementos ampliam substantivamente a experiência do usuário, permitindo uma compreensão mais contextualizada do léxico estudado, e evidenciam a capacidade dos estudos linguísticos de dialogar de forma produtiva com as tecnologias digitais contemporâneas.

Em última instância, a inovação também se assegura no próprio recorte geocultural e no objeto eleito. Ao dedicar-se ao vocabulário de um escritor vinculado à Chapada Diamantina, a tese contribui para a descentralização dos estudos do léxico literário brasileiro, que com frequência se concentram em autores canônicos dos eixos hegemônicos. Dessa forma, a pesquisa avança no conhecimento acadêmico especializado cumprindo uma função patrimonial ativa, utilizando instrumentos linguísticos e tecnológicos atuais para preservar e valorizar uma memória linguística específica. O resultado é a configuração de um modelo de pesquisa que se mostra, simultaneamente, cientificamente rigoroso, culturalmente engajado e tecnologicamente

mente contemporâneo, oferecendo um paradigma replicável para futuras investigações que almejem conjugar profundidade analítica, relevância social e inovação formal.

Passando a outro aspecto, nesse garimpo lexical, por meio de uma espécie de “arqueologia linguística” foi possível constatar, a presença de relíquias lexicais, que revela palavras há muito tempo em desuso, mas preservadas na literatura de Herberto Sales. Lexias como “soslaio”, “lufa-lufa”, “lusco-fusco” exemplificam esse fenômeno. Como aponta Biderman (2000, p. 47), tratam-se de “fósseis lexicais”, vestígios de um léxico que desapareceu do uso corrente da língua portuguesa. O vocabulário estudado reúne, portanto, unidades lexicais arcaicas, de circulação rara ou inexistente na oralidade contemporânea. Longe de considerá-las meramente como palavras mortas, preferimos vê-las como parte de um acervo arqueológico lexical, testemunhos da história social da língua.

A própria Biderman (2000) observa que, na elaboração de dicionários gerais, os critérios de seleção lexical se baseiam em métodos lexicoestatísticos, priorizando palavras de alta frequência. Dessa forma, unidades de baixa ocorrência tendem a ser “[...] descartadas, pois têm pouca utilidade para a sociedade” (Biderman 2000, p. 37). No *Vocabulário de Herberto Sales*, contudo, adota-se uma lógica inversa: o critério de inclusão reside justamente na particularidade e na expressividade de termos que, embora não estejam em ampla circulação, carregam marca diastrática e diatópica. São essas marcas que conferem ao vocabulário seu valor linguístico e literário, que demonstram a riqueza da linguagem regional e o papel da literatura na preservação de saberes e formas de dizer. Como afirmam Houaiss & Villar (2001, p. 14), a língua é um acervo cultural e tem história. Nesse sentido, o *Vocabulário de Herberto Sales* apresenta uma amostragem histórica tanto quantitativa quanto qualitativa, reunindo 1.150 entradas acompanhadas de exemplários extraídos do *corpus* com o ensejo de definir da forma mais clara e acurada possível suas definições.

O critério da representatividade deixa transparecer marcas sociolinguísticas expressivas, como a efemeridade das gírias (bicho-de-blusa, curau, caipora, infusado), as variantes botânicas (angiquinho, aração-de-boi, cura-facada, batata-da-serra, bogari, canela-d’ema, jeriza, negro-nu), as variantes zoológicas (batixó, teiú, tatupeba, sucuiuiú), e os tupinismos toponômicos (Andaraí, Itaeté, Mucujê, Paraguaçu), entre outras expressões que revelam as raízes histórico-linguísticas desse território baiano. Desse modo, o vocabulário se apresenta como um testemunho da diversidade léxica regional para valorização da memória linguística inscrita na obra de Herberto Sales.

Desta forma, podemos apontar algumas possibilidades de projeção futura para o *Vocabulário de Herberto Sales*. Entre elas, sugerimos a ampliação do *corpus* com a inclusão de

outras obras do autor, como *Os pareceres do tempo* (Sales, 1999); *Rebanho de ódio* (Sales, 1995); *Na relva da tua lembrança* (Sales, 1988); *A porta de chifre* (Sales, 1986); *Einstein, o minigênio* (1983); *Uma telha de menos* (Sales, 1980); *O fruto do vosso ventre* (Sales, 1976), entre outras produções. A incorporação desses títulos permitirá a ampliação do vocabulário, enriquecendo o escopo de estudo e dando continuidade para compreensão da diversidade linguística e temática presente na obra herbertiana.

Além disso, é possível investigar a permeabilidade do vocabulário em outras regiões de garimpo no Brasil, observando se os mesmos vocábulos se conservam e circulam em diferentes zonas garimpeiras. Nesse sentido, ressalta-se o trabalho de Benchimol-Barros *et al.* (2020), que analisou a terminologia utilizada no Garimpo do Macaco, localizada em Cachoeira do Piriá, no Pará. Entre seus objetivos, está a elaboração de um glossário sintético com os termos coletados no *locus* da pesquisa, acompanhados da análise de seu uso e significados culturalmente atribuídos.

Outro estudo considerável, é o de Miranda (2015), que pesquisou o léxico de grupos remanescentes de comunidades garimpeiras no município de Datas, no Alto do Jequitinhonha em Minas Gerais. A autora parte do princípio de que o léxico reflete aspectos históricos e, com base nisso, investigou um vocabulário peculiar da região, diretamente vinculado ao universo do garimpo. Também merece destaque o trabalho de Jeronimo (2014), que investigou o léxico utilizado no garimpo do município de Três Ranchos, Goiás, onde a atividade teve seu auge entre 1944 e 1981. Além dessas pesquisas, outros estudos podem ser levantados por meio de uma investigação bibliográfica mais ampla, contributiva para a compreensão comparativa do léxico do garimpeiro em diferentes regiões do país.

Sob outra perspectiva, por meio do *Vocabulário Herberto Sales*, saberes geográficos, históricos, antropológicos, técnicos são trazidos a lume, permitindo a construção de um perfil ontológico linguístico da sociedade chapadeira. Os verbetes revelam vozes de resistência, de sujeitos explorados, de migrantes, cujas experiências estão marcadas nessas unidades lexicais e seus exemplários. Cada vocábulo encapsula em si fragmentos de identidade, revelando que há uma história inscrita no léxico de uma região. No território da linguagem, reencontramos a Chapada Diamantina, como espaço simbólico e semiótico, um território moldado por palavras encravadas na escrita herbertiana.

Se o texto literário é uma representatividade cultural e manifestação artística performativa, a obra de Herberto Sales, configura-se como um monumento linguístico. Ela desafia a homogeneização do português brasileiro e evidencia a diversidade linguística presente em regiões afastadas dos grandes centros urbanos no Brasil. Neste trabalho, concebido como um

estudo lexicográfico, a interdisciplinaridade está presente de forma orgânica, entrelaçando-se ao longo das seções. Linguística e Literatura se encontram na língua, intersecção de sentidos, cuja dimensões se articulam e se complementam na tessitura desta tese.

Ademais, vislumbra-se a oportunidade de desenvolver um trabalho voltado para a relação entre os termos e seus contextos históricos específicos, com o objetivo de investigar as etimologias das unidades lexicais originárias da Chapada Diamantina. Outra proposta pertinente consiste na edição crítica das obras de Herberto Sales, especialmente *Cascalho* e *Além dos Marimbus*, com a inclusão de notas de rodapé que esclareçam termos pouco familiares ao leitor contemporâneo, dada a elevada presença de vocábulos regionais exclusivos da Chapada Diamantina. Essa intervenção editorial contribuiria para ampliar a acessibilidade das obras, ao mesmo tempo que reposicionaria o autor no cenário literário atual, além de preservar e valorizar o patrimônio linguístico-cultural nelas registrado.

O *Vocabulário Herberto Sales* configura-se a versão inicial (1.0), passível de contínuo aprimoramento, com o objetivo de se tornar cada vez mais intuitivo e instrutivo. Futuras versões poderão incluir a ampliação do número de verbetes, a inserção de áudios com a pronúncia realizada por falantes nativos, além da catalogação de mais imagens e vídeos associados aos termos registrados. Essas melhorias deverão acompanhar os avanços das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), assegurando a manutenção e o crescimento da plataforma.

Outra diretriz importante envolve a produção de materiais didáticos voltados à Educação Básica, tanto digitais quanto impressos, que possam ser utilizados nos processos de ensino-aprendizagem, especialmente na área de Linguagens e suas Tecnologias, bem como em outras áreas afins. Como afirma Biderman (2000, p. 28), “[...] o português ainda precisa de muitos e profundos estudos sobre a história de seu vocabulário”. Produzir vocabulários como este, é, portanto, um esforço essencial para compreender a complexidade e a diversidade de nossa língua. É esse compromisso que nos impele a continuar “revolvendo o cascalho” na esperança de bamburrar novos diamantes lexicais ocultos nas múltiplas camadas da linguagem.

Em última análise, *O vocabulário de Herberto Sales* configura-se em um conjunto de 1.150 lexias inventariadas, constituindo um dado concreto que dimensiona uma base empírica consistente para os estudos da língua portuguesa. A relevância desse *corpus* é inegável para o avanço do conhecimento linguístico, no que se diz respeito ao português falado na Chapada Diamantina. Trata-se de uma contribuição que preenche uma lacuna significativa para os estudos do léxico, e também para a sociolinguística e a dialetologia do interior da Bahia, permi-

tindo observar processos de inovação e variação lexical, a preservação de arcaísmos e adaptação semântica, moldados por fatores históricos, culturais e geográficos específicos. Além disso, o vocabulário desempenha um papel na preservação do patrimônio linguístico regional, registrando termos e expressões que se configuram como testemunhos da identidade cultural da Chapada Diamantina.

O *site* desenvolvido como produto e coroamento tangível da investigação não se limita a ser um repositório passivo, mas configura-se como um instrumento estratégico de divulgação científica acessível, capaz de alcançar educadores, estudantes e a comunidade em geral, tanto no contexto regional da Chapada Diamantina quanto em âmbito nacional e além. Consolida-se como uma ferramenta de preservação, assegurando que o léxico documentado não permaneça restrito a arquivos estáticos, mas seja continuamente disponibilizado, revitalizado e mantido *online*. Cumpre, assim, um papel na democratização do conhecimento, rompendo barreiras geográficas e acadêmicas para permitir que o patrimônio lexical da Chapada Diamantina seja amplamente conhecido, valorizado e estudado. Portanto, a plataforma materializa o impacto social e científico da pesquisa, transformando os dados coletados em conhecimento acessível, para a valorização e continuidade do português regional, reforçando a importância de sua ampla divulgação, preservação ativa e efetiva democratização.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do Léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos. (org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.
- ABREU, Sílvio Fróes. **A riqueza mineral do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- AGUIAR, Thiago Borges de; PETERLEVITZ, Augusto. As etimologias de Isidoro de Sevilha E a transmissão da cultura grego-romana na Espanha Visigoda. **Acta Scientiarum. Education**. Vol. 41, Maringá, jan. 2019.
- AMBROGI, Marlise Vaz Bridi. **Literatura comentada: Herberto Sales**. São Paulo: Victor Civita, 1983.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- ALMEIDA, Elizabeth Mota Nazareth de. **Por uma leitura filológica dos causos sertanejos de Eulálio Motta nas aulas de língua portuguesa: plataforma digital Bahia Humorística na escola**. 479f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **Tradterm**, 9, 2003. 211-222.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. **A linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.
- ALVES, Ieda Maria. O vocabulário da cana-de-açúcar nas obras de José Lins do Rego. **Alfa**, São Paulo, 25:5-14, 1981.
- ALVES, Ivya Iracema. **Herberto Sales: biografia**. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1979.
- ALVES, Ivya Iracema Duarte. **Arco & Flexa: Contribuição para o estudo do modernismo**. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1978.
- ANTUNES, Carolina. **Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- AQUINO, Aislan dos Santos. **Estudo dos marcadores culturais na tradução para o espanhol do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos**. 2022. 142f. Dissertação – (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: Edições FUNESC, 1990.

ARAGÃO *et al.*, Maria do Socorro Silva de. **Glossário aumentado e comentado de *A Bagaceira***. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1984.

ARAÚJO, Carla; ASSUNÇÃO, Carlos. Lexicologia: mutações teórico-metodológicas no séc. XX. **Aletheia** – Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos, Braga, V. 21, p. 9-22, 2017.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários: o romance baiano no século 20**. Itabuna/Ilhéus-BA: Via Litterarum, 2008.

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) - Série: Avulsos (Bahia). Requerimento de Severino Pereira. Bahia, 1797. Cx. 92, Docs. 17955.

ASSIS, Rosa. **O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir**. Belém, PA: Editora UFPA, 1992.

AUGUSTO, Everaldo. **Literatura e documento: histórias e mitos na primeira narrativa de Herberto Sales**. São Paulo: Editora Alfa e Ômega, 2007.

AULETE, Caldas; VALENTE, A. L. S. **Aulete digital: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006.

BARBOSA, Silvia Paes. **Proposta de Dicionário de especialidade aplicado à análise sensorial enológica**. 2023. 333f. (Tese) – Doutorado em Linguística, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, Lisboa, 2023.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Maria Ieda (org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-45.

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. **O vocabulário de Eulálio Motta**. 358f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017a.

BARREIROS, Liliane. Lemos Santana. O uso de ferramentas computacionais na elaboração do Vocabulário de Eulálio Motta: AntConc e FLEEx. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 216–241, 2017b.

Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/1835>.

Acesso em: 18 set. 2024.

BARROS, Amadeu Teófilo. **Neologia lexical em Uanhenga Xitu: para construção de um glossário de autor**. 2019. 233f. (Tese) – Doutorado em Linguística, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, Lisboa, 2019.

BARROS, Lidia Almeida. **Dicionários eletrônicos Aurélio e Houaiss: Recursos informáticos de que dispõe, semelhanças e diferenças**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BENCHIMOL-BARROS, Silvia Helena *et al.* Especificidades terminológicas da ambiência do garimpo: contribuições aos estudos da tradução intralingual. **Revista Moara**, n. 57, vol.1, ago-dez 2020.

BENTO, Aline Kercia Sampaio Oliveira. **Os marcadores culturais da gastronomia afro-baiana na tradução para o espanhol em *Dona Flor e seus dois maridos***. 214f. Dissertação (Mestrados em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

A BÍBLIA SAGRADA: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no Português do Brasil. In: NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes; São Paulo: FAPESP; São José do Rio Preto: FAPERP, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 2001a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e lexicografia. **Tradterm**, 7, 2001b. 153-181.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística**: teoria lexical e lingüística computacional. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001c.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Aurélio: sinônimo de dicionário? **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 44, 2000.

Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4198>.

Acesso em: 22 jun. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998a. p. 11-20.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de freqüências do português. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, n. 1, 1998b. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4049>.

Acesso em: 29 jun. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, n. 1, 1984.

BISPO, Ângela Vilma dos Santos. **A poética da memória**: O romance de Herberto Sales. 2006. 228f. (Tese) – Doutorado em Letras, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2006.

BISPO JR. Jorge Santana. **Construindo a masculinidade na escola**: O colégio Antônio Vieira (1911-1949). 2004. 138f. (Dissertação) – Mestrado em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

BISPO, Ângela Vilma dos Santos. **A tessitura humana da palavra**: Herberto Sales contista. 2001. (Dissertação) – Mestrado em Letras, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Jannaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BORGES, Elimar Beatriz. **O léxico de Augusto dos Anjos**: para um glossário neológico do *Eu e outras poesias*. 2005. 137f. (Dissertação) – Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

BOUDOUX, Adriana Silva Teles. **Entre o céu e o inferno**: Garimpando representações identitárias no romance das Lavras Diamantinas. 2008. 152f. (Dissertação) – Mestrado em Literatura e Cultura, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2008.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46ª. edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín; FARIAS, Virginia Sita. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. **Estudos da lingua(gem)**. Vitória da Conquista, Bahia. Vol. 9, n. 1 (jun. 2011), p. 39-69.

BRASIL, Marta Maria da Silva. **O vocabulário de Godofredo Filho**. 2011. 207f. (Tese) – Doutorado em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). **Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada Diamantina**. Brasília: ICMBio, 2007.

BRASIL, Assis. **Herberto Sales**: Regionalismo e utopia. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento Geral do Brasil 1920**, v. IV, Parte 4ª – População.

BURDICK, Anne *et al.* Um breve guia para as humanidades digitais. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 21, jan./jun. 2020.
Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/51727>
Acesso em 18 de jul. 2025.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento I**: de Gutemberg a Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan./jun. 2013.

CAMERON, Helena Maria Serras Reis Silva Freire. **A Prosodia de Bento Pereira**: Contributos para o estudo lexicográfico e filológico. 2012. 279f. (Tese) – Doutorado em Linguística Portuguesa, Universidade de Aveiro, Portugal, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos, 6ª. Edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CARBALLO, Maria Auxiliadora Castillo. La macroestructura del diccionario. In: GUERRA, Antonia María Medina. **Lexicografía española**. Espanha: Axiel, 2003.

CARDOSO, Elis de Almeida. **O léxico no discurso literário**: A criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea. São Paulo: EDUSP, 2018.

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

CARVALHO, José Cândido de; SALES, Herberto. **Discursos na Academia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

CASCALHO. Direção: Tuna Espinheira. ASACINE produções. Salvador, BA, 2004. Cor, 104 min.

CATHARINO, José Martins. **Garimpo-garimpeiro-garimpagem**: Chapada Diamantina, Bahia. Rio de Janeiro: Philobiblon/Fundação Miguel Calmon, 1986.

CERQUEIRA, Dorine. **O romance do século XX na Bahia** (De 1901 a 2000). Salvador: Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), 2018.

CERQUEIRA, Dorine. **O espelho de Maria Dusá e outros ensaios**: o textual e o intertextual. Ilhéus: Editus, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CEZAR, Rodrigo Valle; CAMARGO, Vanessa Aparecida. **História natural da Chapada Diamantina**. São Paulo: Gregory, 2016.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. São Carlos: EdUFS-Car, 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHISHMAN, Rove. Convergências entre semântica de frames e lexicografia. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 547-559, set./dez. 2016.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

CORPAS PASTOR, Glória. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1996.

CORREIA, Margarida. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: Júnior, Manuel Alexandre (coord.) **Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio**. Lisboa: Centro de estudos Clássicos/FLUL, 2008. p. 73-85.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977. p. 210-242.

COSTA, Teresa Manuela Camacha José da. **Umbundismos no português de Angola: Proposta de um Dicionário de Umbundismos**. 2015. 333f. (Tese) – Doutorado em Linguística, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, Lisboa, 2015.

COUTINHO, Afrânio (org.). Dicionário euclidiano. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.

CUNHA, Diogo. Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964-1979). **Revista História Unisinos**. Vol. 18 Nº 3 - setembro/dezembro de 2014.

DARÉ VARGAS, Mariana. Lexicografia Pedagógica: história e panorama em contexto brasileiro. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 12, n. 4, p. 1934–1949, 2018.
Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41472>.
Acesso em: 8 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2004.

DINIZ, Almachio. **O diamante verde**. São Paulo: GRD, 1981.

DINIZ, Almachio. **Cultura literária da Bahia contemporânea**. Salvador: Typographia Baiana, 1911.

DOURADO, Lise Mary Arruda. **Ifá Lexical: O léxico de terreiro em Tenda dos Milagres, construção identitária do povo-de-santo**. 2010. 190f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

DUARTE, Rosinês de Jesus. **No mar neológico de Arthur de Salles navegam os regionalismos do Recôncavo Baiano**. 2007. 120f. (Dissertação) – Mestrado em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. Lexicografia Pedagógica: Atores e interfaces. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2016.
Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/30294>.
Acesso em: 8 jul. 2025.

ELLIOTT, Liliam Elwyn. **Brazil today and tomorrow**. New York: The Macmillan Company, 1917.

FARIAS, Emília Maria Peixoto. Uma breve história do fazer lexicográfico. **Revista Trama**, Cascavel – PR: Edunioeste, Volume 3, Número 5 (2007). p. 89-98.

FARIAS, Emília Maria Peixoto. Uma breve história do fazer lexicográfico. **Trama**, Marechal Cândido Rondon - PR, v. 3, n. 5, p. 89–97, 2007.

Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/961>

Acesso em: 3 set. 2023.

FERREIRA, Aurélio de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**. O dicionário eletrônico da língua portuguesa. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexikon Informática, 1999.

FERNANDES, João Paulo Melo. **Instrução feminina na prosa regionalista (1914-1929) de Afrânio Peixoto**. 2018. 570f. (Dissertação) – Mestrado em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

FIGUEIREDO, Joabson Lima. **Cartografias culturais baianas: Identidade, memória e gênero nos romances de Herberto Sales**. 2018. 190f. (Tese) – Doutorado em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FIGUEIREDO, Joabson Lima. **Marcelino in memoriam: A outra margem de Herberto Sales**. 2009. 90f. (Dissertação) – Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

FIGUEIREDO, Cândido. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.

FILGUEIRAS FILHO. **Ametistas de caititu**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1963.

FLORES, Cintya Dantas. **Territórios de identidade na Bahia: saúde, educação, cultura e meio ambiente frente à dinâmica territorial**. 2014. 162f. (Dissertação) – Mestrado em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

FONTES, Amando. **Os Corumbas**. 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos Vol. III** Estética: Literatura e pintura, Música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a. p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France Pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista de 1926**. Recife: Região, 1952.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **BNDIGITAL: Coleção Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 1930-2016.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&pesq=Herberto%20Sales>

Acesso em: 02 de jul. 2024.

FUNCH, Ligia Silveira *et al.* **Plantas úteis – Chapada Diamantina**. São Carlos: RiMa, 2004.

FUNCH, Roy. **Um guia para o visitante: A Chapada Diamantina — O circuito do diamante**. Salvador: EGBA, 1997.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **BNDIGITAL**: Coleção Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 1920-2010.

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&Pesq=>

Acesso em: 02 de jul. 2024.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **BNDIGITAL**: Coleção O Cruzeiro. Rio de Janeiro. 1928-1985.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&PagFis=38842&Pesq=Herberto%20Sales>

Acesso em: 02 de jul. 2024.

GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. **Civilização Brasileira e Brasiliense**: Trajetórias editoriais, empresários e militância política. 2009. 309f. (Tese) – Doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

GARCIA, Reheniglei Rehem Frédéric Robert. **Configurações identitárias em *Cascalho e Além dos Marimbos* de Herberto Sales**. 2013. 228f. (Tese) – Doutorado em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

GARCIA JR., Afrânio. Meninos de engenho: tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. **Antropolítica**, Niterói, n. 30, p. 21-47. 1 sem. 2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRANÉ, Mariona; WILLEM, Cilia. (Orgs.). **Web 2.0**: Nuevas formas de aprender e participar. Barcelona: Laertes Educacion, 2009.

GÓES, Ana Beatriz Hack de. **A religiosidade na obra do intelectual Herberto Sales**. 2006. 143f. (Dissertação) – Mestrado em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

GÓES, Ana Beatriz Hack de. **A religiosidade na obra de Herberto Sales**. Salvador: EDUFBA, 2010.

GONÇALVES, Maria Filomena. O *Diccionario de vocábulos brasileiros* (1889): Contributos para a história da lexicografia do português e da dicionarística brasileira. In: ZAVAGLIA, Cláudia; NADIN, Odair Luiz (Orgs.). **De histórias, palavras e dicionários**: estudos em ho-

menagem à Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019.

GONÇALVES, Tatiane de Oliveira. **Diversidade e estrutura genética de populações de batata-da-serra (*Ipomoea serrana* Sim.-Bianch & L.V. Vasconcelos) da Chapada Diamantina, Bahia, utilizando marcadores ISSR**. 2016. 79f. (Dissertação) – Mestrado em Ciências, Universidade de São Paulo, Piracicaba, São Paulo, 2016.

GONÇALVES, Maria Salete Petroni de Castro. **Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA**. São Paulo: Escola de Folclore, 1984.

HACKEROTT, Maria Mercedes. Divergências entre os dicionários portugueses do século XVI ao início do século XIX. *Historiografia da Linguística Brasileira - Boletim 7*. São Paulo: CEDOCH - DL/USP; 2004.

GUMBE, Jucileia Sinádia Vicente da Conceição. **A variação terminológica nos textos produzidos pelo sector Aduaneiro Angolano**. Proposta de recursos terminológicos de gestão logística empresarial. 2023. 211f. (Tese) – Doutorado em Linguística, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, Lisboa, 2023.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil sua história**. São Paulo: EDUSP, 2017.

HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía**. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HERNÁNDEZ, Chantal Pérez; ORTIZ, Antonio Moreno. Lingüística computacional y lingüística de corpus: Potencialidades para la investigación textual. In: **Teoría y literatura artística em la sociedade digital: construcción y aplicabilidad de colecciones textuales informatizadas: la experiencia del proyecto ATENEA**. Nuria Rodríguez Ortega (Org.). Málaga, Espanha: Trea, 2009.

HOEPNER, Lutz. A lexicografia bilingue Português-Alemão. In: SILVESTRE, João Paulo; VERDELHO, Telmo dos Santos (Eds.). **Lexicografia bilingue**. A tradição dicionarística português – línguas modernas. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009. 1 CD. Versão 3.0 [CD-ROM].

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri; MARQUES, Elisabete Aparecida. **As ciências do léxico: Vol. X: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2023.

JERONIMO, Gabriela Guimarães. **As grimpas lexicais e seus diamantes linguísticos: o vocabulário do garimpo de diamantes no município de Três Ranchos-Goiás (1944-1981)**. 2014. 134 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão*, 2014.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, ano 1970, n. 54, p. 3, 10 de junho de 1970.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, ano 1971, n. 309, p. 1, 7 de abril de 1971.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, ano 1999, n. 128, p. 18, 14 de agosto de 1999.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, ano 1992, n. 173, p. 4, 5 de maio 1992.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, ano 1999, n. 261, p. A11, 14 de agosto 1999.

KRIEGER, Maria das Graças; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

KRIEGER, Maria das Graças. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 141–147, 2006.

Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6000>

Acesso em: 29 set. 2024.

KRIEGER, Maria das Graças. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO (Org.), Claudia Stumpf. **Questões de linguística**. Passo Fundo: UPF, 2003.

LEAL, Eneida. **Eu, Herberto Sales**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1978.

LEITE, Rinaldo Cezar Nascimento. **A rainha destronada**: Discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Pereira *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo; Editora 34, 1999.

LIMA, Herman. **Poeira do tempo – memórias**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

LIMA, Herman. **Garimpos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

LOPES, Jorge Domingues; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. O “Vocabulário Português, e Latino”, e brasílico, de Raphael Bluteau: análise dos brasileirismos ameríndios de base Tupi. **Alfa**, São Paulo, v.62, n.3, p.513-542, 2018.

MACHADO NETO, Antônio Luiz. A Bahia intelectual (1900-1930). Salvador, BA: **Universitas**: Revista do Centro de Cultura da Universidade Federal da Bahia, n. 12/13, mai-dez 1972, p. 261-316.

MAIA, Salomão P. **Dicionário de verbos de Os Sertões**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MANTOVANI, Giselle. Estudos do léxico no Brasil: marcas de uma trajetória. **Revista GTLex**, Uberlândia, vol. 1, n.1, jul./dez. 2015.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Manual básico de lexicografia**. España: Ediciones Trea, S. L., 2009.

MARTINS, Silvia. **Guia prático plantas medicinais da Chapada Diamantina**. Salvador: Grasb, 2020.

MARQUES, Xavier. **A cidade encantada - contos**. Salvador: Livraria Catilina, 1920.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: EDUSP, 2001.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**. Curitiba: HD Livros Editora, 1996.

McKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: EDUSP, 2018.

MICHAELIS ONLINE. Dicionário da Língua Portuguesa. Dicionário *online* Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MILLIET, Sérgio. Nota à 3ª edição. In: SALES, Herberto. **Cascalho**. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 13-14.

MIRANDA, Lília Soares. **O léxico de remanescentes de comunidades garimpeiras do alto Jequitinhonha – MG**. 2015. 128f. (Tese) – Doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MIRANDA, Félix Bugueño. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v. 3. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.p. 261-272.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro. Los diccionarios electrónicos fraseológicos, perspectivas para la lengua y la traducción. **ELUA: Estudios de Lingüística**. Universidad de Alicante, [S. l.], n. Anexo 2, p. 381–400, 2004.

Disponível em: <https://revistaelua.ua.es/article/view/2004-anexo2-los-diccionarios-electronicos-fraseologicos-perspect>.

Acesso em: 14 sep. 2024.

MORAIS, José Jerônimo de. Latim: língua avançada do século XXI. **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 1, n. 1, p. 81, 1982.

MORAES SILVA, Antônio de. **Diccionario da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Editora Empreza Litteraria Fluminense, 1890.

MOTTA, Cezar. **Por trás das palavras: As intrigas e disputas que marcaram a criação do dicionário Aurélio, o maior fenômeno do mercado editorial brasileiro**. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2020.

NASCIMENTO, Geovanio Silva do. **O sertão traduzido**: estudo dos marcadores culturais do domínio ecológico na tradução de *Os Sertões* para a língua espanhola. 2018. 264f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

NEVES, Marcelino José das. **Lavras Diamantinas**. Salvador: Fundação Gonçalo Muniz, 1967.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras**, Volume 3, Número 1/2, Ano III, dez/2010.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes; São Paulo: FAPESP; São José do Rio Preto: FAPERP, 2006.

O CRUZEIRO: revista semanal de distribuição nacional. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 24 jun., 1944. p. 21.

O CRUZEIRO: revista semanal de distribuição nacional. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1jul., 1944. p. 25.

O CRUZEIRO: revista semanal de distribuição nacional. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 8jul., 1944. p. 21.

O CRUZEIRO: revista semanal de distribuição nacional. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 26ago., 1944. p. 21.

O CRUZEIRO: revista semanal de distribuição nacional. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 11 nov., 1944. p. 34.

O CRUZEIRO: revista semanal de distribuição nacional. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 17 mai., 1947. p. 20.

O GUAYCURU, Bahia: Anno 3. Segunda feira 29 de setembro de 1845. Numero 128. p. 3.

OLIVEIRA, Uélida Dantas de. **A linguagem de Ariano Suassuna**: Um glossário léxico-semântico. 2018. 139f. (Dissertação) – Mestrado em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

OLIVEIRA, Anielle Souza de. **Léxico brasileiro em dicionários monolíngues e bilíngues**: estudo metalexigráfico da variação em perspectiva dialetal e histórica. 2017. 354f. (Tese) – Doutorado em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

OLIVEIRA, Waldir Freitas; COUTO, Edilece Souza. **Colégio Antônio Vieira 1911-2011**: Vidas e histórias de uma missão jesuítica. Salvador: Edufba, 2011.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Apresentação. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. São Paulo: Pontes, v. 1, 2012, p. 11-14.

ORTIZ, Antonio Moreno. El lexicón en la lexicografía computacional: adquisición y representación de información léxica. **Alfinge**. Revista de Filología, [S. l.], v. 10, n. 10, p. 249–272, 1998.

Disponível em: <https://journals.uco.es/alfinge/article/view/7678>.

Acesso em: 15 sep. 2024.

PAZ, Ana Luísa. **Dicionário de historiadores portugueses** – Verbete: Vasconcelos, Michaelis. Biblioteca Nacional de Portugal.

Disponível em: https://dichp.bnportugal.gov.pt/historiadores/historiadores_michaelis10.htm

Acesso em: 20 de fev. 2025.

PEIXOTO, Afrânio. **Bugrinha**. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de. **A Influência da língua falada no léxico de menino de engenho de José Lins do Rego**. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PETRUCCHI, Armando. **La ciencia de la escritura**: primera lección de paleografía. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, Argentina, 2002.

PINTO, Pedro A. **Os Sertões de Euclides da Cunha**: vocabulário e notas lexicográficas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. **Estruturas lingüísticas do português**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco Libros, 2002.

PRADO, Antonio Arnoni. Na fanfarra de Almáchio Diniz. **Teresa**, [S. l.], n. 14, p. 11-36, 2014.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99453>.

Acesso em: 3 mar. 2024.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. O vocabulário regional de Jorge Amado em *Terras do sem fim*. **Cadernos do CNLF** (CiFEFil), v. XVI, n. 04, t. 1, p. 1024-1032, 2012.

Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf.

Acesso em: 10 mar. 2019.

RABELLO, Alberto. **Contos do norte**: contos regionais bahianos. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos – Editor, 1927.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAINHA, Rodrigo dos Santos. A Educação no Reino Visigodo: As relações de poder e o epistolário do bispo Bráulio de Saragoça (631 – 651). Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2007.

RAMOS JR., Xavier Marques: beletrismo e narrativa crítica. **Revista USP**, São Paulo, n. 110, p. 115-125, julho/agosto/setembro 2016.

REY, Alain. A terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. **As ciências do léxico**: Vol. III: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2007.

REY-DEBOVE, Josette. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. Paris: Mouton, 1971.

RIBEIRO, Marcos Profeta. Ciência e literatura nas idealizações dos perfis femininos do sertão ao litoral: o caso exemplar de Afrânio Peixoto. **Politeia - História e Sociedade**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 224-251, 2023.

Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/10884>.

Acesso em: 3 mar. 2024.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. Garimpeiro. In: ALMEIDA, Ivan (Org.). **Coleção Bardos Baianos**: Antologia poética Chapada Diamantina. Salvador: Cogito Editora, 2022. p. 35.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. O léxico dos garimpeiros da Chapada Diamantina na obra *Cascalho* de Herberto Sales. **Garimpus**: Revista de Linguagens, Educação e Cultura na Chapada Diamantina. Vol 2. n. 1. Seabra, 2021. p. 82-98.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. Os tabus linguísticos no romance *Cascalho* de Herberto Sales. **Laborhistórico**. Vol 6. n. 3. Rio de Janeiro, 2020a. p. 397-418.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. **Diamantes lexicais**: garimpando o vocabulário do romance *Cascalho* de Herberto Sales. 2020. 200f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020b.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida Ribeiro; BARREIROS, Liliane Lemos Santana; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Unidades fraseológicas na obra *Cascalho*: uma breve discussão sobre os seus aspectos socioculturais. **REVEC** - Revista de Estudos Culturais. São Cristovão-SE, v. 4, n. 2, p. 51-62, mai. ago. 2018.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ROCHA, Lindolfo. **Maria Dusá**. São Paulo: Editora Ática, 1980.

ROCHA, Lindolfo. **Iacina - dispersão dos maracaiáras**: Narrativas de costumes e rudimentos de instituições sociais entre indígenas do sertão da Bahia. Salvador: Ribeiro, Gouveia & Cia., 1907.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALLES, David. **O Ficcionista Xavier Marques**: Um Estudo da “Transição” Ornamental. Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1977.

SALES, Herberto. Discurso de Herberto Sales: na ocasião em que recebeu o título de doutor *Honoris Causa*. In: PÓLVORA, Hélio (Org.). **Herberto Sales**: a saga de um bamburrar literário. Simões Filho, 2017.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 11ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

SALES, Herberto. **Dados biográficos do finado Marcelino**. São Paulo: É Realizações Editora, 2009a.

SALES, Herberto. **Subsidiário 1**: Confissões, Memórias & Histórias. São Paulo: É Realizações Editora, 2009b.

SALES, Fernando. **Herberto Sales e a gênese de Cascalho**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006.

SALES, Herberto. **Os pareceres do tempo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SALES, Herberto. **Rebanho do ódio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SALES, Herberto. **História natural de Jesus de Nazaré**. Rio de Janeiro: TopBooks, 1997.

SALES, Herberto. **A prostituta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SALES, Herberto. **Rio dos morcegos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

SALES, Herberto. **Subsidiário 3**: Eu de mim com cada um de mim. Confidências e Penitências. São Paulo: Editora do Brasil, 1992.

SALES, Herberto. **Subsidiário 2**: Andanças por umas lembranças. Segredos & Revelações. São Paulo: Editora Nacional, 1991.

SALES, Herberto. **Na relva da tua lembrança**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

SALES, Herberto. **A porta de chifre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SALES, Herberto. **Einstein, o minigênio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

SALES, Herberto. **Uma telha de menos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SALES, Herberto. **O fruto do vosso ventre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SALES, Herberto. **Além dos Marimbus**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

SALES, Herberto. **Garimpos da Bahia**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/SIP: 1955.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1944.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP** — Departamento de Computação/FCET/PUC-SP, Vol. 2, nº 1. 2010. p. 17-22.

SANTOS, Aline de Freitas. **Os marcadores culturais de domínio ideológico na tradução de Macunaíma e o protótipo do glossário bilingue**. 2021. 191f. Dissertação – (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SANTOS, José Ricardo (Coord.). **Herberto Sales: a saga de um bamburrar literário**. Simões Filho: Kalango, 2017.

SANTOS, Robson dos. Cultura e tradição em Gilberto Freyre: esboço de interpretação do Manifesto regionalista. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 399-408, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/17613>. Acesso em: 19 de junho de 2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SEABRA, Giovanna. **Chapada Diamantina: o falso brilhante**. Ituiutaba-MG: Barlavento, 2017.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (org.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84.

SEI, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Perfil dos Territórios de Identidade Vol. 1**. Salvador: SEI, 2015.

SILVA, José Manoel Ribeiro da. **Conflito indígena na mata branca: o romance Iacina e seu reposicionamento na historiografia literária**. 2023. 131f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

SILVA, Dayane de Cássia Ferreira da Cruz. **Os marcadores culturais na tradução de Gabriella, Cravo e Canela para a língua espanhola**. 263f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SILVA, Leila Rodrigues da; RAINHA, Rodrigo dos Santos. A educação dos leigos no reino visigodo: reflexões sobre a *Vita Sancti Aemiliani*. **Acta Scientiarum**. Education (Online), v.32, n.1, p. 41-47, 2010.

SILVA, Maurício. Tradição acadêmica no Brasil e a formação do *homo academicus*: o caso da Academia Brasileira de Letras. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXXIV, n. 2, p. 188-203, dezembro 2008.

SILVA, Everaldo Augusto da. **O romance Cascalho de Herberto Sales: Um retrato da Chapada Diamantina**. 2004. 132f. (Dissertação) – Mestrado em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SOARES, Luciane Santos. **Los marcadores culturales fraseológicos em la traducción por-**

tuguês-español em la novela *Capitães da Areia*. 2021. 140f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SOARES, Fernanda Pereira. **Autoritarismo, tecnocracia e natureza:** representações da pátria brasileira em *o fruto do vosso ventre*, de Herberto Sales (1976). 2013. 123f. (Dissertação) – Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SOARES, Ângelo Barroso Costa. **Academia dos rebeldes:** modernismo à moda baiana. 2005. 204f. (Dissertação) – Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2005.

SOUZA, Marcus Seixas. Almachio Diniz Gonçalves. In: DIDIER JR., Fredie. (Org.). **Os nomes das salas: homenagem aos 125 anos da Faculdade Livre de Direito da Bahia.** 1ed.Salvador: Juspodivm, 2016, v. 1, p. 29-38.

SOUZA, Bernardino José de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil.** Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas:** José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2010.

TEIXEIRA, Francisco Lima Cruz. **Chapada lavras diamantes:** percurso histórico de uma região sertaneja. Lauro de Freitas: Solisluna Editora, 2021.

TERÊNCIO, Paulo. **Estudos euclidianos:** notas para o vocabulário de *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Benedicto de Souza, 1929.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses: breve história. In: NUNES, José Horta; PETER, Margarida. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro.** São Paulo: Humanitas/Pontes, 2002.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **José Olympio:** O descobridor de escritores. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico:** descrição e análise do Português. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VILELA, Mário. O léxico do Português: perspectiva geral. **Filologia e Linguística Portuguesa**, (1), 1997, 31-50.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa:** Léxico, dicionário, gramática. Coimbra: Almedina, 1995.

VILMA, Ângela. **A tessitura humana da palavra:** Herberto Sales contista. Salvador: SCT/FUNCEB/Empresa Gráfica da Bahia, 2004.

WAICHENBERG, Fernanda Sales. Crônicas de uma vida: cartas de Herberto Sales a Accioly Netto. In: SANTOS, José Ricardo (Org.). **Herberto Sales:** a saga de um bamburrar literário. Simões Filho, 2017.

WAICHENBERG, Fernanda Sales. **Herberto Sales**: Crônicas de uma vida. 2012. 133f. (Dissertação) – Mestrado em Letras, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora (CESJF), 2012.

WELKER, Herbert Andreas. **Panorama geral da lexicografia pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZACHARIAS, Manif. **A lexicologia de *Os Sertões***: o vocabulário de Euclides da Cunha. Florianópolis: Guarapuvu, 2001.

ANEXO

ANEXO A - SALES, Herberto. [Carta a Arthur Ramos, agradecendo o cartão que acusa o recebimento do seu livro "Cascalho" e fazendo elogios]. Andaraí, BA: [s.n.], 28 jul. 1945. 1 p., Orig.

Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1583810/mss1583810.jpg.

Acesso em: 17 Jan. 2024.

Andaraí, 28 de julho de 1945

Prezado amigo professor Arthur Ramos:

Foi motivo de justa honra e indizível satisfação para mim o cartão que me fez acusando o recebimento do exemplar de "Cascalho" que lhe enviei.

Possuo quase todos os seus livros e é com o maior interesse que tenho acompanhado a realização deste monumental obra que lhe vão constituir. Dece de um homem que, como disse Augusto Frederico Schmidt, não é apenas um erudito, mas um espírito culto e agil, que conhece tanto a nossa ciência como os seus livros.

Realmente você hoje não é apenas a maior autoridade em assuntos negros no Brasil - como já se disse - mas um dos grandes antropólogos e sociólogos de toda a América e mesmo do mundo.

Um nome de que o país deve orgulhar-se.

Com os melhores agradecimentos e rumores os meus protestos de admiração e simpatia, abraço-o muito cordialmente.

Herberto Sales

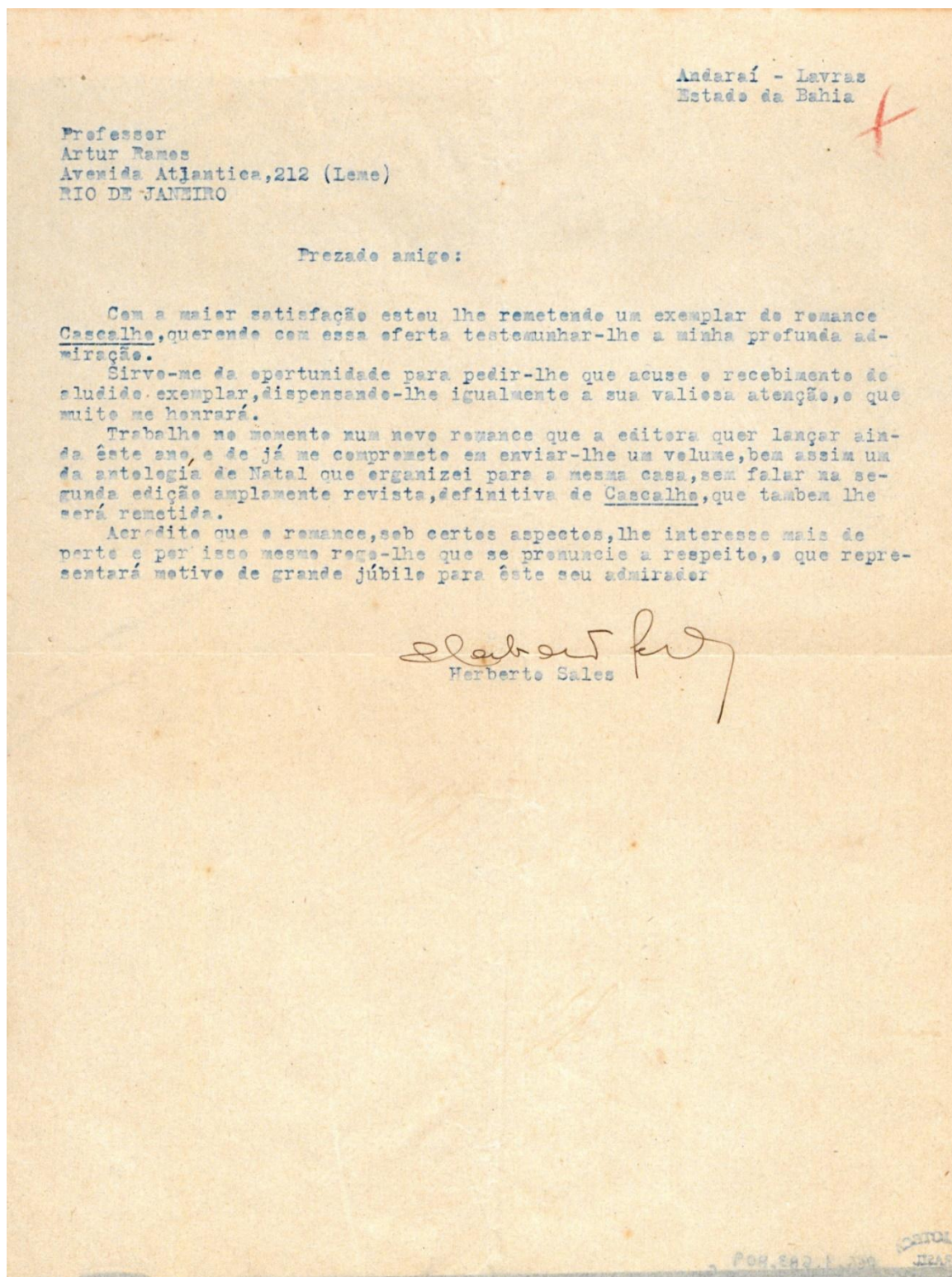
Andaraí - Lavoura - Bahia

ANEXO B - SALES, Herberto. [Carta a Arthur Ramos, remetendo um exemplar de seu romance "Cascalho" e informando que está trabalhando um novo romance e numa antologia de Natal]. Andaraí, BA: [s.n.], [19--?]. 1 p., orig.; dat.

Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1583809/mss1583809.jpg.

Acesso em: 17 Jan. 2024.



APÊNDICE

O Vocabulário de Herberto Sales

Apresentação

Este vocabulário foi desenvolvido por Antonio Marcos de Almeida Ribeiro como parte da tese de doutorado intitulada *O Vocabulário de Herberto Sales*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS). O vocabulário apresenta 1.150 entradas dedicadas à obra do escritor Herberto Sales, concebido como um instrumento de preservação da identidade linguística do autor e, por extensão, da Chapada Diamantina.

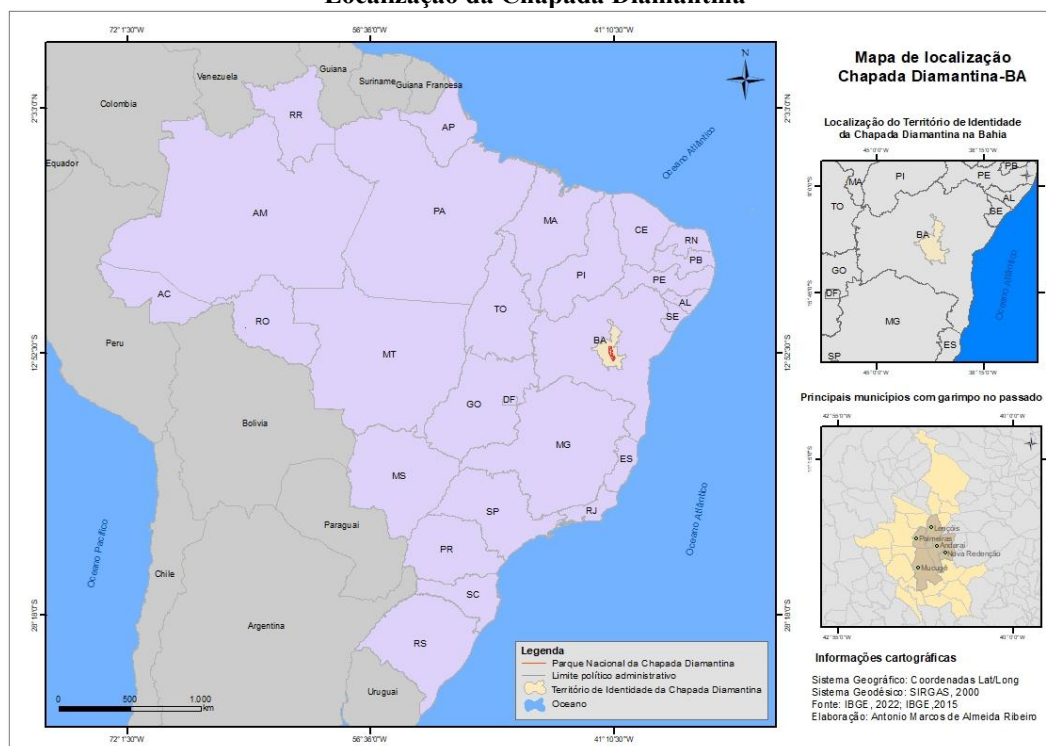
Este vocabulário objetiva preservar a história linguística da região, refletindo aspectos sociais, culturais e linguísticos singulares. Mais do que um acervo lexical, trata-se de uma janela para a diversidade linguística local, evidenciando valores, crenças e costumes que enriquecem a memória cultural da Chapada Diamantina por meio da linguagem.

A publicação deste conteúdo tem objetivos exclusivamente acadêmicos e não possui fins lucrativos. Para dúvidas, sugestões ou colaborações, o responsável pelo projeto está disponível por meio do e-mail: vocabularioherbertosales@gmail.com.

Para acessar o vocabulário digital entre em:

<https://vocabularioherbertosales.com.br/>

Localização da Chapada Diamantina

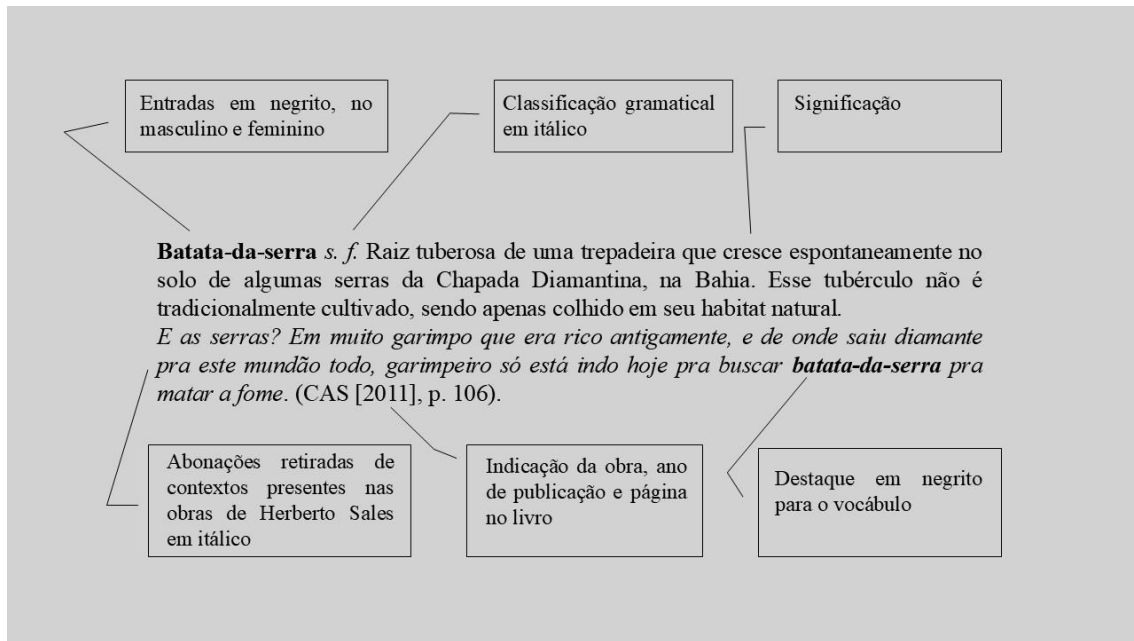


Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

Lista de Abreviaturas

adj.	adjetivo
adv.	advérbio
ALM	Além dos Marimbus
APO	A Prostituta
CAS	Cascalho
DBM	Dados Biográficos do finado Marcelino
exp. pop.	expressão popular
exp. verb.	expressão verbal
interj.	interjeição
loc. adj.	locução adjetiva
loc. adv.	locução adverbial
loc. sub.	locução substantiva
loc. verb.	locução verbal
pron.	pronome
prep.	preposição
RDM	Rio dos Morcegos
s. m.	substantivo masculino
s. f.	substantivo feminino
v.	verbo

Chave do vocabulário



Aa

Abancar v. Sentar-se ou assentar-se.
*E, por isso, apontando-lhe a cadeira em frente à sua mesa: — Pode se **abancar**.* (APO [1996], p. 90).

Abastada adj. Refere-se a alguém que possui uma abundância de bens materiais, riqueza ou recursos; uma pessoa rica e próspera, que desfruta de uma boa situação financeira e tem o suficiente para viver com conforto.

*Você era, pode-se dizer, um adolescente, um estudante farrista, filho de família **abastada**. Perdeu-se com facilidade. Era inexperiente, um ser acima do bem e do mal.* (RDM [1993], p. 260).

Abastardar v. Corromper ou degradar a pureza de algo, no sentido moral, cultural ou linguístico.

*Não ia eu agora, se por um milagre me transformasse em romancista, conspurcar a memória de meu tio, **abastardando** os fatos da sua vida numa obra de ficção. Ele reclamava a moldura mais nobre e digna da biografia.* (DBM [2009], p. 253).

Abelhudice s. f. Ato ou comportamento de quem é abelhudo, isto é, de quem se intromete em assuntos alheios; curiosidade excessiva; indiscrição.

*Se já tinha formado uma idéia, ainda que superficial, do gênero de leituras a que meu tio se entregava, fui levado, no correr daquela conversa, a uma **abelhudice** inevitável: — E que fizeram da biblioteca, depois da morte dele? — Tudo foi a leilão — respondeu-me Costa Pereira, baixando a voz, com um discreto ar penalizado.* (DBM [2009], p. 112).

Abismar v. Causar espanto ou admiração intensa; surpreender profundamente.

— *“Agradeça a Deus não ter ficado lá para sempre. Aquele capim tem sido a perdedeira de muito vaqueiro”. De tal modo Ricardo se **abismava** nessas lembranças que, ao avistar a cerca de pau deitado do curral, teve a impressão de tudo estar recomeçando para ele na fazenda.* (ALM [1965], p. 84).

Abstêmio adj. Que se abstém, geralmente de bebidas alcoólicas; refere-se à pessoa que evita ou não consome álcool por escolha pessoal, religiosa, médica ou moral.

— *Eram xaropes importados da Itália. Nos últimos tempos, quando já abolira o vinho, Marcelino só tomava esses refrescos. E o Lemos, realmente, como bom **abstêmio**, o ajudava a consumi-los com grande sede.* (DBM [2009], p. 193).

Abusão s. m. Superstição, credence popular.

*Os quintais das casas vinham devagar até o areão, estavam começando a aparecer. Fui-me aproximando deles, das suas cercas com cascas de ovos espetadas nas varas, **abusão** contra o mau olhado.* (RDM [1993], p. 48).

Acaboclado adj. Refere-se a algo ou alguém que foi moldado ou incorporado aos costumes, aparência ou modo de vida do caboclo, isto é, da população mestiça descendente de indígenas e brancos.

*Um homem **acaboclado**, bigode branco e chapéu de aba larga, fitava absorto a paisagem.* (ALM [1965], p. 157).

Acertar a escrita *loc. verb.* Satisfazer desejos sexuais ou buscar relações com mulheres, muitas vezes se referindo a frequentar prostíbulos ou manter encontros amorosos pagos.

— *Aqui na mata só tem duas raparigas. Uma delas está com pneu arriado, e a outra anda meio vasqueira. O jeito é essa turma ir de vez em quando a Andaraí pra **acertar a escrita**.* (ALM [1965], p. 186).

Aciganada *adj.* Relativo a cigano; que tem características ou aparência de cigano.

*Comprara-as apenas porque os seus proprietários, os Candanças, uma gente **aciganada**, que não esquentava lugar, estando de muda para Mato Grosso, vendeu-as por dez réis de mel coado.* (RDM [1993], p. 292).

Achas *s. f.* Pedacos de lenha ou madeira grossa usados como combustível, usados em fogueiras.

*O coronel perguntou: — Aí tem alguém pra ir chamar Seu Laudelino na casa de farinha? Resposta negativa. Porém ele insistiu, lembrando-se do empregado que momentos antes viera trazer uma carga de lenha; deixando-a na cozinha, arrumando as **achas** debaixo do fogão.* (ALM [1965], p. 87).

Achaque *s. m.* Doença ou mal-estar persistente; aqueles de natureza vaga ou usados como desculpa para evitar algo.

*Ali criara ele os filhos, vira-os crescer, tornarem-se homens; e agora, no último quartel da vida, atirado a uma obscura aposentadoria, cheio de **achques**, lá continuava, fiel ao seu canto, como um velho gato ao seu borralho.* (DBM [2009], p. 140).

Açambarcar *v.* Apoderar-se de algo em grande quantidade de bens, mercadorias ou propriedades, de forma egoísta ou injusta.

*Sem dúvida, tantas senhoras despidas, ou em via disso, a **açambarcarem** tamanho espaço tipográfico, não deviam sentir-se muito à vontade ali. Mas era como dizia o Vilela: "Coisas do Filhagosa".* (DBM [2009], p. 115).

Acanhamento *s. m.* Sentimento de timidez ou embaraço; constrangimento.

*Sim, tinha que contar tudo a ela, mesmo tendo que começar tudo de novo. Um certo **acanhamento** me impedia de fazê-lo, porém.* (RDM [1993], p. 190).

Acocorada *adj.* Que está agachada ou encolhido para baixo. Refere-se à posição do que se abaixa ou estar de cócoras.

*Dali, em noites de lua, veríamos lá embaixo a lagoa ocultando os seus mistérios numa echarpe de prata, a mata **acocorada** em volta, tribo de sombras em silenciosa adoração, eu e Lorena sonhando acordados.* (RDM [1993], p. 348).

Açodamento *s. m.* Agir com pressa excessiva, precipitação ou impaciência, sem reflexão ou planejamento adequado. Está associado a decisões ou ações tomadas de forma apressada, sem considerar as consequências.

*O futuro triunfante próximo, improvisado com a ajuda da sorte ou da rapinagem, nada mais era, no seu **açodamento**, que o presente. Em verdade o futuro nós o construímos menos para nós que para os que vêm no rastro de nossa velhice.* (RDM [1993], p. 78, 79).

Adjutório *s. m.* Ajuda; auxiliar; socorro.

— *Era um bom **adjutório** — admitiu o canoeiro — Mas não precisava o senhor se incomodar. Eu faço serviço aqui mesmo na beira do rio.* (ALM [1965], p. 36).

Adobe *s. m.* Tijolo feito de barro cru, misturado com palha, moldado e seco

ao sol, muito usado em construções rústicas ou tradicionais em regiões áridas.

*Faltava apenas o emboço, que daria a essas paredes de enchimento um acabamento igual ao das paredes de **adobes** das casas de melhor construção.* (RDM [1993], p. 276).

Afobada *adj.* Refere-se de quem age com agitação, impaciência ou ansiedade; feita de forma precipitada ou com pressa.

— *Bem ... deve ter insistido ... — arrisquei, inadvertidamente, na **afobada** impressão de que ele esperava por uma resposta minha. E ele, sem dar por ela: — Não se preocupe com dinheiro, Félix. Deixe isso comigo. Tenho planos. E trate de arrumar a mala. Vamos partir depois de amanhã.* (DBM [2009], p. 178).

Afobação *s. f.* Expressar pressa ou agitação excessiva; indica estado de ansiedade ou nervosismo.

*Atraído pelo rumor do carro em movimento, saíra a ver se era o do correio; e ao certificar-se disto, na **afobação** daquela última oportunidade de falar com Jenner antes da partida, entrou a agitar os braços, fazendo sinal ao motorista para frear.* (ALM [1965], p. 227).

Afidalgado *adj.* Refere-se que se fez fidalgo, ou seja, que adquiriu ou assumiu os modos, o estilo de vida ou o título de nobreza.

*Compreendo que ele, em suas viagens ao exterior, bafejadas por tamanha largueza de finanças, tenha **afidalgado** as suas maneiras, os seus hábitos de homem de província, afinando-os com os ambientes civilizados que freqüentara.* (DBM [2009], p. 65).

Aguada *adj.* Refere-se a pessoa pouco atrativa.

*Alguém comentou num grupo: — Que nada! Aquilo é uma negra **aguada**, fu-*

buca. Não vale um centenário. É do tipo “come, onça”. Já andei com ela uma vez pra nunca mais. E mesmo que uma tábua. (CAS [2011], p. 241).

Aguentar a tese *loc. verb.* Suportar uma situação; manter uma posição que não se tem condições de sustentar.

*Se ele não **aguentar a tese**, pra que essa besteira de querer passar pelo que não é?* (CAS [2011], p. 97).

Airada *adj.* Refere-se ao indivíduo de vida turbulenta e cheia de intensidade emocional.

*E aí voltou Áureo Mota ao que era antes, anjo em militância boêmia, sonhando acordado, pelas esquinas das serenatas e pelos cabarês da vida **airada**.* (RDM [1993], p. 85).

Ajogo *s.m.* Encosta de cascalho.

*Todavia, para não falar no Poço da Donana e de outros poços ricos que desafiavam, pela sua profundidade, os rudimentares processos de mineração ali empregados, restavam pródigos **ajogos** como o do Cabelo da Roda, onde eram encontrados os diamantes matemáticos do cascalho balinha.* (CAS [2011], p. 17).

Ajoujeiro *s. m.* Aquele que constrói ou conduz ajoujos, embarcações formadas por canoas emparelhadas e presas entre si, utilizadas para travessia de rios, em regiões interioranas ou de garimpo.

*Atingindo o sopé da ribanceira, Abubakir chamou o **ajoujeiro** com um toque de buzina; e o caminhão rodou sobre uma esteira de paus redondos, transversalmente dispostos na areia e calçando-a.* (ALM [1965], p. 189).

Ajoujo *s. m.* Embarcação artesanal formada por duas ou mais canoas emparelhadas e ligadas entre si, com varas ou traves de madeira, usada para travessia de rios e transporte de carga ou pessoas.

Também pode ser chamada de balsa rústica.

— *Vamos perder aqui bem uns vinte minutos, por falta de uma ponte — comentou o sírio, freando o caminhão diante do **ajoujo**.* (ALM [1965], p. 189).

Alacridade *s. f.* Refere-se a um estado de ânimo alegre, pronto, disposto e cheio de energia para agir.

*Todo um largo trecho despovoado da mata se ofereceu à observação de Jenner, sob o sol ensolarado, liso, por onde esvoaçava a **alacridade** matinal dos sabiás.* (ALM [1965], p. 75).

Alembrar *v.* Lembrar; trazer à memória algo que estava esquecido ou que alguém não recordava.

— *Desde o primeiro dia foi esse o meu pensamento — disse a mulher. — Ainda bem que você se **alembra**. Agora que ficou livre daquele cabra sem vergonha, Maria há de arranjar um homem bom, um homem direito, casar com ele e constituir família.* (APO [1996], p. 94, 95).

Alfazema *s. f.* Perfume ou essência aromática extraída da planta de mesmo nome (da espécie *Lavandula angustifolia*, conhecida como lavanda), caracterizado por um cheiro suave, fresco e levemente adocicado.

*Estava em presença de um homem muito bem posto — cabelos grisalhos cortados à escovinha, camisa de seda, abotoaduras de ouro e brilhantes, calças de palm beach impecavelmente vincadas, um reluzir de graxa nos sapatos. Tinha o paletó pendente do espaldar da cadeira, e saíam-lhe do bolso as pontas engomadas de um lenço cheirando a **alfazema**.* (DBM [2009], p. 20).

Almésiga *s. f.* Árvore de resina aromática das famílias das *burseráceas* e *sapotáceas*, utilizada na fabricação de vernizes, perfumes e na medicina popular.

Manoel João amarrou a um tronco de almésiga a corda com que prendia a canoa: — Daqui a pouco estamos em casa. (ALM [1965], p. 16).

Almocafo *s. m.* Enxada, empregada na mineração, com o tamanho reduzido pelo uso excessivo, à qual se adapta um cabo longo.

*Transformou-se então o ambiente do rancho. Tomaram café, cada qual pegou sua ferramenta, Agenor Cabeça-Seca de **almocafo** no ombro, e Silvério e Peba desceram em silêncio para o garimpo.* (CAS [2011], p. 122).

Almíscar *s. m.* Substância aromática de odor forte e persistente.

*O silêncio recaía de chofre, como algo que viesse restabelecer uma ordem de coisas insolitamente perturbada. O **almíscar** do bicho, as emanações do pântano, o cheiro de pólvora, tudo se fundia na mata escura, integrava-se numa realidade poderosa — a noite devolvia à incomensurabilidade de sua mudez.* (ALM [1965], p. 33).

Alugado *s. m.* Garimpeiro contratado, que trabalha sem direito aos diamantes encontrados.

— *Você vai ganhar 2.500 por dia, Salu. Sei que você é bom de serviço. Quer dizer que eu entro como **alugado**?* — *respondeu o garimpeiro.* (CAS [2011], p. 20).

Alumiar *v.* Iluminar; lançar luz sobre algo, clarear.

*Não, meu filho, a idéia de entregar a você a administração da fazenda saiu do coração de sua mãe, como dessa vela sai essa luz que nos **alumia**.* (RDM [1993], p. 122).

Alvaça *s. f.* Novilha (fêmea bovina jovem) com pelagem branca.

*Uma novilha **alvaça**, passando em frente, trazia na anca, ostensiva a marca do Coronel Moreira.* (ALM [1965], p. 71).

Amanho s. m. Ato de organizar, ajustar ou preparar algo com habilidade.

*Veio-lhe à mente o trabalho de meses atrás — o **amanho** da terra, a abertura das covas para a plantação dos carochos, e finalmente a expectativa das chuvas, que tinham chegado na época própria.* (ALM [1965], p. 22).

Amargoso s. m. Árvore brasileira da espécie *Aspidosperma spruceanum*, conhecida pelo sabor amargo de sua casca e amplamente utilizada na medicina popular devido às suas propriedades terapêuticas.

— *Eu mesmo nunca vi. Mas outros vaqueiros já viram e me contaram. Dizem que quando ele ataca um boi é um pega-pra-capar danado. Primeiro, ele enrola o rabo num pau bem forte, num **amargoso**, num bastião-de-arruda, e depois dá o bote.* (ALM [1965], p. 45).

Amarrar v. Casar-se; comprometer-se afetivamente ou firmar um relacionamento sério, como se a pessoa estivesse "presa" ou "ligada" a outra por laços de compromisso.

*Casamento, em minha opinião, tem de ser na base do pediu, noivou casou, tudo sem perda de tempo. Ou quase ao mesmo tempo... Eu perguntei a ele o que achava de um prazo de três meses. Acho ótimo, ele disse. Foi o tempo que eu e Estefânia gastamos para nos **amarrar**.* (RDM [1993], p. 447).

Amealhamento s. m. Ato de reunir ou juntar bens, dinheiro ou objetos, com o objetivo de acumular ou obter uma certa quantidade ao longo do tempo; pode se referir ao processo de acumulação de riquezas ou de algo valioso.

*E quando eu, na sugestão daqueles negócios à antiga, de **amealhamento** e poupança, imaginava que o "Trianon" lhe propiciara, no passado, aquela prosperidade burguesa de que ele, talvez, houvesse abusado — lá vinha o Pessanha com a novidade, de falar-me*

de João Félix como uma vítima do "Trianon"! (DBM [2009], p. 145).

Amigação s. f. Concubinato.

*Não é esculhambação não. Eu estou falando é sério. Nem sei mesmo como ela não se amigou, pois uma **amigação** podia remediar as dificuldades dela. Isso prova, aliás, que ela era urna mulher de peso e medida, diferente da mãe de muita gente que eu conheço... Todos compreenderam a indireta de Filó, mas como estavam interessados na história, "que Filó era mesmo um mestre pra contar casos", divertindo-os bastante na serra, reclamaram para que ele continuasse.* (CAS [2011], p. 110).

Amigar v. Concubinato.

*Nem sei mesmo como ela não se **amigou**, pois uma amigação podia remediar as dificuldades dela. Isso prova, aliás, que ela era urna mulher de peso e medida, diferente da mãe de muita gente que eu conheço... Todos compreenderam a indireta de Filó, mas como estavam interessados na história, "que Filó era mesmo um mestre pra contar casos", divertindo-os bastante na serra, reclamaram para que ele continuasse.* (CAS [2011], p. 110).

Amolar-se v. Irritar-se; aborrecer-se; ficar incomodado com algo.

*Como podia ser tão cruel a vida, reservando à irrequieta, esvoaçante Zulmirinha, moça da sociedade, um tedioso destino pedagógico, no ramerrão de uma escola primária de subúrbio? Não me conformava com a idéia de uma tão alegre, desenvolta moça, que passeava de baratinha pelas ruas da Bahia, acabar, um dia, junto a um quadro-negro, a **amolar-se** ingloriamente com problemas de alfabetização.* (DBM [2009], p. 176).

Amurada s. f. Bordo ou grade de proteção nas embarcações, especialmente em navios.

*Conquanto habituado, desde os tempos do colégio, aos navios da Companhia de Navegação Baiana, nas minhas idas e vindas periódicas, entre Cachoeira e a Capital, nunca vi jogar um vapor sem que, em náusea, corresse à **amurada** — para vomitar. Entretanto, para felicidade minha, fazia uma esplêndida manhã naquele dia.* (DBM [2009], p. 190).

Andaraí *s. m.* Município brasileiro do estado da Bahia localizado no Território de Identidade da Chapada Diamantina. *Os garimpeiros que tinham de ir para Andaraí aguardavam que as águas do rio baixassem, sem o que não poderiam atravessar para a Vitória. Nem era bom pensar em vau, e não havia braço humano que pudesse governar, com o rio tão cheio, o ajoujo das travessias normais.* (CAS [2011], p. 41).

Andar no mundo da lua *loc. verb.* Estar distraído, desatento ou alheio à realidade ao redor; não perceber o que está acontecendo.

A subvenção para o colégio do Costa Pereira foi aumentada. O Lemos, com a tal olaria, não sai mais daqui do "Trianon", atrás de ordens de pagamento. Não! Não é mais possível. Marcelino anda no mundo da lua. (DBM [2009], p. 159).

Angiquinho *s. m.* Planta reconhecida com propriedades repelentes de mosquitos.

*A fumaça do **angiquinho**, queimando em defumador para afugentar as asas-caídas que não deixavam ninguém dormir, já se tinha desfeito completamente, e agora começava a fazer frio dentro do rancho.* (CAS [2011], p. 107).

Aniagem *s. f.* Tecido grosseiro feito de estopa ou de juta, utilizado para embalar mercadorias, envolver volumes, ou forrar objetos pesados.

Sem dúvida, lavrara no local um começo de incêndio, de que havia vestígios

*mais evidentes nuns sacos de **aniagem** enegrecidos pelo fogo. Devia ter sido apagado com a mangueira da rega, a esguichar ainda um fio de água nos ladrilhos, enquanto o velho Alfredo fechava precipitadamente a torneira.* (DBM [2009], p. 219).

Antipalúdica *adj.* Refere-se ao que age ou previne contra a zezão, especialmente a malária.

*Embora lhe acompanhasse os movimentos, Jenner não deixou de notar o pequeno armário existente na sala, com prateleiras cheias de injeções **antipalúdicas**, soros polivalentes contra picada de cobras, vidros de iodo, mercúrio cromo, extrato hepático, pacotes de analgésicos um fraco de comprimidos de quinino em embalagem hospitalar — toda uma ambulância a revelar as naturais precauções de quem vivia longe dos recursos médicos da cidade: um exemplo a seguir.* (ALM [1965], p. 104, 105).

Anuir *v.* Concordar; consentir ou aprovar algo, de maneira discreta, como com um gesto de cabeça ou de forma verbal. — *Preciso ver tudo! O velho cabeceou **anuindo**: — Está bem. Mas não é por eu não ter um animal que Ricardo vai deixar de ir.* (ALM [1965], p. 132).

Aparvalhar *v.* Tornar estúpido ou pasmo; deixar atônito, abobalhado, espantado.

*Em suma: **aparvalhei-me**. Dominou-me uma sensação de fracasso, na idéia de que, tentando remover para o meu prato uma daquelas postas, eu poderia deixá-la tombar desastrosamente sobre o linho da toalha. Encolhido, lancei um olhar de súplica a tia Edite.* (DBM [2009], p. 72).

Apear *v.* Descer de um animal de montaria (como cavalo, burro ou jegue); desmontar.

*Jenner apresentou-se. Trazendo uma carta de recomendação do prefeito de Andaraí, Sandoval Moreira. Tornando-se mais calmo, o velho enxotou do alpendre o cachorro — maneira de manifestar sua disposição de acolher o recém chegado. — Pode **apear** — continuou. — Pode **apear**. E recolhendo a carta: — Vamos entrando. (ALM [1965], p. 85).*

Apertar o cedro *loc. verb.* Apressar o trabalho; acelerar diante dos contratempos que podem surgir.

— *Comigo foi pior — atalhou um mulato baixo — Eu já estava amontoando. Mas, por mais que eu **apertasse o cedro**, de dia e de noite, dobrando o trabalho, não me livrei da chuva. (CAS [2011], p. 22).*

Apinhado *adj.* Refere-se ao que está cheio ou repleto de pessoas ou coisas, de forma excessiva e apertada; lotado, abarrotado, congestionado.

— *Tenho que pegar o meu trem mais cedo, antes das cinco. Depois dessa hora, o movimento aumenta muito. É difícil arranjar um lugar para viajar sentado. E já estou velho demais para viajar em pé, num trem **apinhado** de gente. (DBM [2009], p. 182).*

Aporrinhar *v.* Irritar; aborrecer ou incomodar profundamente, de forma repetitiva ou insistente.

*Peti despachou depressa o homem, que pagou o querosene com umas difíceis moedas catadas no fundo da capanga e em cima do balcão uma a uma contadas. E quando o homem com o seu querosene deixou a venda: — É o troço que mais me **aporrinha** no balcão. (RDM [1993], p. 88).*

Apuração *s. f.* Etapa final da lavagem do cascalho diamantífero.

*Vinha então a fase final de **apuração** — com todos os serviços resumidos antes de novembro, quando tinha início o*

período regular das chuvas. Entretanto, ocorriam muitas vezes cheias temporãs — o que tornava aquela garimpagem não só a mais dispendiosa, mas também a mais arriscada das Lavras. (CAS [2011], p. 18).

Araçá *s. m.* Fruto de várias espécies do gênero *Psidium*, semelhante à goiaba.

*As árvores mais próximas, os pés de **araçá** e de embucha-veado, emergindo do charco, com oque prolongavam nas touceiras de tabua e de piri que sobre o rio se alastravam numa sucessão interminável de caniços verdes. (ALM [1965], p. 11).*

Araçá-de-boi *s. m.* Planta nativa da América do Sul, encontrada no Brasil, sendo uma árvore de pequeno porte, da família *Myrtaceae*, que produz um fruto pequeno, redondo e de casca vermelha ou amarela, com sabor ácido.

*Outro galho baixo, mais baixo que o primeiro, desfraldado de um **araçá-de-boi**, atingiu de raspão a cabine, à passagem do caminhão. (ALM [1965], p. 186).*

Arataca *s. f.* Armadilha rústica, feita de madeira ou taquara, usada para capturar animais.

— *Bem... Eu hoje tenho que armar uma **arataca** pra uma onça que está dando em cima do gado do coronel. (ALM [1965], p. 77).*

Arção *s. m.* Peça de madeira ou metal que forma a parte da frente ou de trás da cabeceira da sela de montaria. Serve para dar estrutura e resistência à sela, ajudando a manter a forma e oferecendo apoio ao cavaleiro.

*Súbito, irrompente do mato e dando-lhe as costas ao mesmo tempo, surgiu na curva do caminho um homem a cavalo e de espingarda atravessada no **arção** da sela. (ALM [1965], p. 75).*

Arfar v. Respirar de maneira rápida, ofegante ou trabalhosa, devido a esforço físico intenso, cansaço ou emoção forte. *Numa reação animal, que se a espantou, a mim não me espantou menos, tirei-lhe de um golpe o vestido, nela não encontrando mais resistência, mas somente uma timidez que rapidamente se desfazia, enquanto ela arfava, buscando a minha boca, vorazmente me beijando, me sugava sem parar a língua.* (RDM [1993], p. 307).

Armafanhado adj. Refere-se a alguém desarrumado, amarrotado, em desalinho; com as roupas ou objetos que estão mal arranjados, encrespados ou embaralhados.

Removido aquele amarfanhado de vestes despidas e em poeiradas, que joguei com precipitação sobre o tapete, a visão do tabuleiro se recompôs na impecável ordem da arrumação feita por mamãe, as roupas a estirarem-se lisas, frescas, ao lado do pequeno compartimento onde ela reunira os meus objetos de toilette, e um cheiro diferente, suave mescla de sabonetes, dentifrícios, brilhantinas e loções, num momento transportou ao quarto dela, na lembrança arejada e limpa do seu toucador, diante do qual muitas vezes a encontrara, toalha ao ombro, penteando os cabelos depois do banho. (DBM [2009], p. 54).

Arrabalde s. m. Área periférica ou bairro situado nos limites de uma cidade; subúrbio.

Sou, hoje, um homem exposto ao serviço de garçons barulhentos e apressados, em pensões e restaurantes da Bahia, ou a o convite para almoços domingueiros, com cerveja e calor, nas casas de arrabalde dos amigos. Mas, em duas ou três oportunidades, já me vi envolvido em jantares de cerimônia, mercê da condescendência do diretor da firma onde trabalho. (DBM [2009], p. 72).

Arranchado adj. Refere-se de algo ou alguém que se acomodou em determinado local.

— *Bem... Nesta beirada de rio não existia nenhum sucuiuiú morador. Às vezes, um ou outro bordejava por aqui, caçando paca e capivara. Depois sumia de novo. Mas desde a última cheia, faz coisa de uns cinco meses, eu comecei a desconfiar que tinha algum sucuiuiú arranchado naquele marimbu.* (ALM [1965], p. 41).

Arrastar asa loc. verb. Demonstrar interesse ou fazer uma abordagem romântica de forma exagerada ou ostensiva. A expressão é usada para se referir a alguém que está flertando ou tentando conquistar outra pessoa de maneira evidente.

E que é que acontece? É um pilantra como outro qualquer, que com a desculpa de fazer conhecimento com a gente tá querendo arrastar a asa pra mim, que nem galo. (APO [1996], p. 138).

Arredia adj. Refere-se a uma pessoa, que é recalcitrante, difícil de aproximar; que tende a se afastar ou evitar o contato de maneira deliberada.

Em casa Maria Corumba se mostrara arredia, calada, ora fazendo na varanda dos fundos, o seu crochê, ora remendando alguma peça de roupa (agora estava remendando a toalha de mesa de algodãozinho, que um dia, em melhores tempos debruara com uma baihna de linha vermelha). (APO [1996], p. 97).

Arrelia s. f. Zombaria; escárnio ou gozação.

E dizendo, Edite Cavallão deu uma gargalhada. Achava muita graça na conhecida arrelia que na Bahia se fazia do chuparino, pelo menos nessa época. (APO [1996], p. 203).

Arrepanhar v. Juntar ou apanhar rapidamente algo que estava espalhado ou solto.

*Ela penteava os cabelos, que numa espessa e negra madeixa **arrepanhara** sobre o busto.* (RDM [1993], p. 190).

Arriada s. f. Ato ou efeito de arriar, ou seja, de fazer descer, soltar ou baixar algo.

*Porta fechada, vidraças **arriadas**. Ali dentro estava o meu amor, a minha primeira namorada.* (RDM [1993], p. 313).

Arrostar v. Enfrentar corajosamente ou resistir a algo difícil ou perigoso; desafiar.

*E, com esse propósito, fui adiante, **arrostando** o desagrado daquela conjectura. Tratava-se, apenas, de uma impressão pessoal minha.* (DBM [2009], p. 142).

Arroz de cacimba loc. sub. Comida de garimpeiro, servido num carumbé, feito com arroz vermelho, toucinho, pedacinhos de carne frita misturada com farinha de mandioca.

*Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinhavam o seu **arroz de cacimba** em panelas de barro do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação da garimpagem que os reunia em sociedade — um cortando negro-nu para espantar borrachudo, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam.* (CAS [2011], p. 102).

Arrozinho s. m. Variedade de diamante.

— *Estou perguntando é porque bosta de barata é informação de **arrozinho** — explicou o garimpeiro, — E **arrozinho** aqui no Paraguaçu, você bem sabe, não dá nem a poder de reza. — Quem en-*

*contrar cascalho **arrozinho** no Paraguaçu pode dizer “Até logo!”, porque senão morre de fome apartou outro homem.* (CAS [2011], p. 42).

Arruaça s. f. Tumulto na rua; desordem pública; baderna; confusão barulhenta.

*Mas era um malandro boa gente, fino, simpático, educado, guardando comedida distância do gosto fácil das **arruaças**, que em geral adornavam o cartaz urbano do chamado na época malandro.* (APO [1996], p. 207).

Arruaceiro adj. Aquele que incita ou participa de tumultos, manifestando comportamento agressivo.

*Estou tranquilo, José. Já lhe disse — frisou o outro. — E se vim falar com você, foi apenas porque dr. Marcolino me pediu. Ele não quer nenhuma perturbação da ordem... — Ora, seu Esquivel eu não sou nenhum **arruaceiro** não. — Sei disso. — Mas foi por causa da questão da Passagem... — Qual é questão da Passagem, seu Esquivel Pode ficar sossegado que eu vou falar pessoalmente com dr. Marcolino. Eu vim foi tratar de minha vida, seu Esquivel O delegado não esperou por mais nada. Notando que havia um tom de enfado nas palavras do jagunço, apanhou o chapéu e despediu-se imediatamente.* (CAS [2011], p. 56).

Arruda s. f. Planta de forte odor de propriedades medicinais.

*Para mulher parida que não podia comprar Água Inglesa na farmácia, ela tinha aquela velha fórmula tão bem conhecida de Salu: noz-moscada, quitoco, salsa, poejo, losna miúda, **arruda** e cebola branca — tudo pisado e posto de infusão numa garrafa de cachaça.* (CAS. [2011], p. 77).

Arrenegar v. Negar ou renegar com veemência, de maneira veemente ou com desagrado. Pode ser utilizado no sentido de rejeitar ou renunciar algo

com força, ou afirmar a oposição a algo com firmeza e repulsa.

*E, realmente, deu-se que a mãe, er-
guendo-se num ímpeto de repulsa, re-
cuou com grande espanto, benzeu-se
três vezes seguidas, enquanto assacava
contra a filha, através dos dentes cer-
rados, estas destemperadas palavras:
— Você tá mesmo louca, desgraçada!
Grávida? Te **arrenego**!* (APO [1996], p.
103).

Arrufo s. m. Discussão ou briga de pouca importância, entre casais ou pessoas que têm um relacionamento mais próximo; zanga momentânea.

*O sargento Marinho sabia esperar. O tempo era o seu grande aliado. Por todos aqueles dias que durou o arrufo (ou o **calundu**) da noiva, como ele preferia classificar). Afetou um comportamento muito discreto (talvez cinicamente muito discreto), tratando Maria com uma espécie de circumspecta gentileza, tanto no acompanha-la até a casa depois do trabalho na fábrica, quanto nas várias visitas diárias que lhe fazia, e que não interrompeu: era como se nada houvesse acontecido.* (APO [1996], p. 65).

Asa-caída s. f. Nome atribuído a certos insetos com picada dolorida.

*Apagaram finalmente o fifó e se deitaram. A fumaça do angiquinho, queimando em defumador para afugentar as **asas-caídas** que não deixavam ninguém dormir, já se tinha desfeito completamente, e agora começava a fazer frio dentro do rancho.* (CAS [2011], p. 107).

Assacar v. Atacar, agredir ou lançar sobre alguém uma acusação ou ataque.

*E, realmente, deu-se que a mãe, er-
guendo-se num ímpeto de repulsa, re-
cuou com grande espanto, benzeu-se
três vezes seguidas, enquanto **assacava**
contra a filha, através dos dentes cer-
rados, estas destemperadas palavras:
— Você tá mesmo louca, desgraçada!*

*Grávida? Te **arrenego**!* (APO [1996], p. 103).

Assomo s. m. Manifestação súbita de um sentimento ou impulso forte — algo que irrompe de maneira inesperada, como um arrepio, uma emoção ou uma reação.

*E Minervina confirmante sacudia a cabeça, num mudo reconhecimento enternecido: ainda não fora de todo abandonada. Teve um **assomo** de confiança: — Veja se fala com os outros também.* (ALM [1965], p. 144).

Assuntar v. Prestar atenção; observar.

*Então um companheiro de toca lhe res-
pondera: "Você está bancando o cu-
rau?" — E explicara: "E só **assuntar**
quando o martim-pescador sobe o rio,
rapaz. Primeiro ele desce pra ir buscar a
companheira, depois volta e vai abrir a
boca do tanque. Quando desce de
novo, já é com a cheia encostada. Fica
então cantando nas gameleiras: "Este
ano não tira mais! Não tira mais casca-
lho! Este ano não tira mais!" Portanto,
fique prevenido: quando ele subir o rio
pela segunda vez — é avexar o pau dia
e noite, porque a enchente é certa".*
(CAS [2011], p. 24).

As partes s. f. Refere-se ao corpo humano, geralmente aos órgãos genitais.

*Era de passar o azeite que você trouxe
outro dia. Apanhe ela... Eu deixei aí
dentro. Pode procurar, que você encon-
tra. Ui! Estou com **as partes** inchadas
de um jeito, minha filha, que não posso
me mexer. Ui!... Ai!... Encontrou? É
esta mesma.* (ALM [1965], p. 144).

Aspudo adj. Refere-se ao que é muito áspero ou rugoso ao tato.

*Mas o que fora roça, plantação de mi-
lho era agora, a bem dizer, um carras-
cal — escarvado por onde se desloca-
vam **aspudos** bois pés-duros, ruminan-
do e lerdos.* (ALM [1965], p. 71).

Atabalhoadamente *adv.* Ação feita de forma desorganizada; confusa, precipitada ou sem cuidado. Indica que algo foi feito sem planejamento, com pressa ou desatenção, muitas vezes resultando em erros ou atrapalho.

— *Espere aí, Seu João, espere aí! — protestou atabalhoadamente o guia. — Pode deixar, que eu levo o cavalo também. Não precisa o senhor se incomodar.* (ALM [1965], p. 158).

Atalhar *v.* Seguir por um caminho curto; encurtar distância.

Afeitos ao pastoreio, os cachorros, de que faziam acompanhar dois vaqueiros, atalhavam, latindo, as poucas reses indóceis que ensaiavam desgarrar-se. (ALM [1965], p. 73).

Atarantada *adj.* Estar confusa, desorientada, sem saber o que fazer; perturbada ou atônita.

E tão imperativamente foram proferidas estas palavras, tão enérgicas e decididas soaram, que o motorista se lhes rendeu de pronto, numa obediência atarantada. (ALM [1965], p. 227).

Atilada *adj.* Refere-se a alguém que é astuto, sagaz, inteligente, com boa capacidade de percepção ou de discernimento, especialmente em situações que exigem esperteza ou habilidade para resolver problemas.

Nunca duvidei da perspicácia de minha mãe, ela era uma mulher atilada, principalmente quando se tratava de atuar como mediadora em assuntos da família. (RDM, p. [1993], p. 178).

Atinar *v.* Compreender, perceber, descobrir algo após reflexão ou esforço mental.

Ficou perplexo ao ver a luz movimentar-se por trás das árvores. Antes de poder atinar com o que se passava, num grito agudo e prolongado se fez ouvir: — Manoel João! (ALM [1965], p. 28).

Aturdimento *s. m.* Estado de confusão mental, perturbação dos sentidos ou desorientação, seja ela provocada por susto, barulho, emoção intensa, dor ou outro impacto físico ou psicológico.

Caminhamos assim uns vinte minutos. As vitrinas das casas comerciais enchiam-me a vista, de relance, e desorientavam-me, multiplicadas ao longo das ruas cheias de gente: eu mal sabia para onde olhar. E esse aturdimento, fazendo parecer mais complicado o trajeto, incutia-me uma idéia parva: sentia-me incapaz de aprender algum dia a andar sozinho por ali. (DBM [2009], p. 24).

Avalentado *adj.* Refere-se a quem tem aparência ou fama de valentão.

O cachorro estava mordendo todo o mundo. Não podia dar certo. Num lugar como aquele onde Manoel João mora, que é passagem, um cachorro avalentado só serve pra meter o dono em sacrifícios. Um dia, mesmo, eu estava lá, o cachorro dele bafou a batata da perna de um menino, que só não arrancou o pedaço porque a gente chegou a tempo. (ALM [1965], p. 79).

Azáfama *s. f.* Agitação intensa e atarefada; grande movimento ou correria motivada por ocupações ou preparativos.

Falamos da lauta mesa domingueira, armada no pomar, e da azáfama das criadas, a transportarem da cozinha as sucessivas iguarias, sob as ordens de D. Altamira, que, à cabeceira, trinchava diligentemente o peru, ou o leitão, nas enormes travessas dos assados. (DBM [2009], p. 132).

Azedinha *s. f.* Erva endêmica do Brasil que cresce em lugares úmidos.

Caminhando por entre moitas de azedinha, entraram em seguida num trecho arenoso da estrada, com um pequeno córrego deslizando sobre pedras recobertas de limo, cujas margens eram

recobertas de musgos encharcados. (CAS [2011], p. 212).

Azulão *s. m.* Ave passeriforme de plumagem azul intensa nos machos e mais acinzentada nas fêmeas. É encontrada em várias regiões do Brasil, habitando matas, cerrados e áreas de vegetação densa, sendo conhecida pelo seu canto melodioso.

Os pássaros tinham deixado de cantar. Bigodes, juritis e azulões dormiam agora nos ramos da quixabeira. De quando em quando, alguma ave noturna esvoaçava dentro da mata, desferindo a praga de um grito áspero. (ALM [1965], p. 15).

Bb

Babatimã *s. f.* Árvore endêmica do Brasil de tronco tortuoso, fruto em forma de vagem com muitas sementes.

A vegetação baixa acumulava um verde denso na paisagem colorida e áspera, com emburrados de mondubi e rochas talhadas a pique, de cujas arestas pendiam os cachos amarelos das babatimãs. (CAS [2011], p. 96).

Babujar *v.* Molhar ou sujar com baba; lambuzar.

A água desceu-me como um bálsamo goela abaixo, bicho noturno babujando no bebedouro. (RDM [1993], p. 212).

Bacalhoadá *s. f.* Prato preparado com bacalhau (peixe salgado e seco), cozido ou assado, acompanhado de batatas, cebolas, ovos, azeitonas e outros temperos. — *Podíamos mandar fazer uma bacalhoadá no cabaré de Felícia. Sei que você gosta mais da casa de Lindaura. Mas lá o espaço é pequeno. Estou pensando numa bacalhoadá para umas quinze pessoas, incluindo naturalmente as mulheres.* (RDM [1993], p. 108).

Bacia dos nagôs *loc. sub.* Localidade das lavras onde se garimpava diamantes.

Fazia pouco tempo. Todos se lembravam: era um simples meia-praça que andava virando montoeira na Bacia dos Nagôs. (CAS [2011], p. 64).

Bafejar *v.* Conceder ou favorecer de forma súbita, como se fosse um sopro do destino.

Segundo eu iria ouvir mais tarde, nos depoimentos de alguns parentes nossos, tio Marcelino fora sempre um homem vaidoso — mesmo antes de sair de Andaraí, quando a fortuna ainda não o

bafejara. De uma coisa, porém, estou certo: não devia ser por mera vaidade que ele procedia assim. (DBM [2009], p. 68).

Bagajudo *s. m.* Cascalho grosso.

Andavam em passo regular, e enquanto andavam comentavam o trabalho que tinham feito durante os últimos dias (havendo sempre alguém para se queixar do cascalho, que só dava no bagajudo), trocavam impressões sobre alguma mulher do cabaré de felícia, falavam da negra Bataclã, boa fêmea, mas também uma colher-de-pau de primeira, em cuja casa haviam comido uma moqueca de surubim no sábado anterior, depois de urna farra que acabara de madrugada. (CAS [2011], p. 209).

Bagana *s. f.* Resto de cigarro que já foi fumado.

O trabalhador tirou detrás da orelha a bagana do cigarro de palha: — Vocês não são capazes de imaginar. Apalpou os bolsos do casaco velho à procura da caixa de fósforos. (ALM [1965], p. 54).

Bagueta *s. f.* Pequeno bastão.

O farmacêutico deixou-se vencer sem mais dificuldades. De bagueta em punho, manipulou a sua clássica poção veiculada em magnésia fluida, no que demorou mais de cinco minutos. (CAS [2011], p. 198).

Bairrismo *s. m.* Afeição ou orgulho exagerado pelo próprio bairro, cidade, região ou localidade, acompanhado de desdém ou preconceito em relação a outras regiões.

— *Uma estação de águas acaba em dois tempos com essa hipocondria. É ir à França, meu caro Marcelino! Você*

*está precisando é de uma boa temporada em Aix-les-Bains! Como ferido no seu **bairrismo**, Costa Pereira, entrando na conversa, ponderou: — Mas não precisa ir tão longe. Temos, aqui mesmo na Bahia, a poucas horas de viagem, as Caldas de Cipó. São termas de primeira ordem. (DBM [2009], p. 239).*

Bandó *s. m.* Cada uma das duas partes em que se divide o cabelo por meio de risca da testa à nuca.

*Uma mulher alta, de luto, cabelos em **bandós**, o rosto pálido, desceu os degraus da varanda e veio receber-me. Era tia Edite, que eu não via desde quando ela deixara a sua chácara em Andaraí, fazia talvez um ano, para ir viver com tio Marcelino em Salvador. (DBM [2009], p. 31).*

Banha *s. f.* Gordura de origem animal.
— *Eu saí daqui com o escuro. Fui chamar compadre Possidônio pra me dar um adjutório. Hoje é dia de muito roceiro ir vender peixe em Andaraí, e eu não poderia deixar de esfolar o su cuiuiú logo de madrugada. A mulher foi depois, com os meninos, pra me ajudar a trazer os peixes e a **banha**. (ALM [1965], p. 52).*

Baio *adj.* Refere-se à coloração de animais, principalmente cavalos, cuja pelagem é amarelo-clara ou castanho-claro.
*Escanchado na sela de capa solta, apareceu um vaqueiro montado num cavalo-do-campo **baio**, de longas crinas em franja. (ALM [1965], p. 73).*

Bahia *s. f.* Forma tradicional de designar a cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. Esse uso é comum em contextos informais ou afetivos, sendo observado em expressões como “ir à Bahia” ou “voltar para a Bahia”, com referência específica à capital e não ao estado como um todo.

— *O Freire não mora mais na Bahia - foi a resposta que ouvi do Lemos. Es-*

*tranhei: — Não mora mais na **Bahia**? E ocorreu-me, então, que o Lemos se referia à Capital, designando-a, corno a maioria dos baianos, pelo nome do Estado. Não escondi a minha surpresa: — Quer dizer que ele se mudou para o interior? E o Lemos: — Não. Mudou-se para Niterói. (DBM [2009], p. 197).*

Bala *s. f.* Variedade de diamante. De forma esférica e estrutura radiada, não utilizável como pedra preciosa por sua forma, estrutura, dimensões ou cor.

*A **bala**, que é o nosso melhor diamante industrial, não está valendo nada. E o carbonato igualmente: os gringos não querem nem ouvir falar — tiveram um prejuízo enorme. O ladrão abarrotou a praça de mercadoria falsificada. E nós que aguentemos as consequências da baixa! (CAS [2011], p. 295).*

Balança granatária *s. f.* Balança de precisão para pesar diamantes.

*Os dois transpuseram um pequeno pátio interno e deram entrada no escritório — uma sala mobiliada com quatro cadeiras e um birô meticulosamente arrumado, com picuás, crivos, lentes e **balanças granatárias** em cima. (CAS [2011], p. 140).*

Balinha *s. f.* Variedade de cascalho.

— *Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhou pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho **balinha** legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola. (CAS [2011], p. 42).*

Bambambã, caixa de fósforo *exp. pop.* Usado para representar itens, diversos, genéricos ou supérfluos; equivale a expressões como etc. e tal, e assim por diante.

— *Mas dr. Marcolino disse que seu Mansur não tinha culpa nenhuma, que*

garimpeiro ladrão não traz letreiro na testa, que seu Mansur tinha comprado a pedra de boa-fé, e mais isto, e mais aquilo, bambambã, caixa de fósforo, que ninguém pode adivinhar se um diamante foi roubado ou não. (CAS [2011], p. 230).

Bamburrista *adj.* Refere-se daquele que é favorecido pela sorte. Que consegue fortuna no garimpo.

Baixo, franzino, trôpego, o velho João Vitor envelhecera ali na Passagem, e em outros tempos fora garimpeiro bamburrista. Agora, já sem forças para trabalhar, cuidava da capela e cobrava imposto dos bruaqueiros. (CAS [2011], p. 25).

Banana-brava *s. f.* Variedade de banana que cresce espontaneamente em áreas de vegetação nativa.

Pelos peraus, alastravam-se em touças os imbezeiros — as bananas-bravas encartuchadas nas moitas e o fibroso cordoame dos cipós se estendendo como tentáculos. (CAS [2011], p. 96).

Bananeira que já deu cacho *exp. pop.* Pessoa que já passou de sua melhor fase e apresenta sinais de declínio de vigor e juventude.

— *Que nada!* — rebateu Zé de Peixoto.
— *Joana é bananeira que já deu cacho. E os dois desceram a ladeira com destino ao cabaré de Felícia. Do outro lado do rio — a cidade era um coradouro imenso, com a lua estendendo lençóis nos oitões caiados.* (CAS [2011], p. 68).

Bandalha *s. f.* Bagunça, desordem, confusão; situação desorganizada ou caótica.

É que nem todo dia aparece assim de supetão uma mulher tão jovem e tão bonita como você. É cara, é corpo, é tudo. Você, Maria, é mulher de prateleira de cima, coisa especial. Ou, como se diz na bandalha, uma mulher que dá

tesão até em cordão de sapato. (APO [1996], p. 295).

Bandalheira *s. f.* Desordem, bagunça; comportamento despeito das normas éticas.

A própria bandalheira do Padre Coelho perdia momentaneamente a sua importância. De essencial só os comprimidos; não entendia como a farmácia de Andaraí pudesse deixar de os ter. (ALM [1965], p. 92).

Bandeira de Melo *s. m.* Distrito situado no município de Itaetê, na região da Chapada Diamantina, estado da Bahia.
O italiano viera para o distrito de Bandeira de Melo, à margem da estrada de ferro, e instalara ali uma grande serra-ria, onde eram beneficiadas as madeiras extraídas nas matas do Paraguaçu. (ALM [1965], p. 162).

Banguela *adj.* Refere-se a quem tem poucos ou nenhum dente, na parte frontal da arcada dentária; desdentado.

Por volta das nove, já não havia ninguém, e Peba apareceu. Era um mulato de cara gorda, banguela, apontado como autor de duas mortes bárbaras em Piranhas. (CAS [2011], p. 66).

Barafustar *v.* Reclamar com veemência, protestar de forma exaltada ou ruidosa.

Os encantos da viagem, as emoções de tantas descobertas por ela proporcionadas — o trem, o desfilar de estações com tabuleiros de doces na plataforma, o navio lançando na madrugada o seu apito rouco, os vendedores a barafustarem aos gritos pelos convés, pouco antes da foz do rio, onde as águas mudavam de cor, surgindo então o mar, e depois o recorte da grande cidade encarapitada além do cais — tudo se converteu de pronto numa funda saudade familiar. (DBM [2009], p. 17).

Baratinha *s. f.* Designação popular do Ford Modelo A, veículo compacto produzido pela Ford no início do século XX. No Brasil, o modelo ficou conhecido como baratinha devido ao seu tamanho reduzido, formato arredondado e aparência que lembrava o inseto "barata".

Aguarda-o aqui na fazenda, de onde o prezado amigo seguirá até Andaraí. Se quiser, pode aproveitar a baratinha. O chofer, portador deste bilhete, tem ordem para ficar à sua disposição. (ALM [1965], p. 118).

Barbado *adj.* Refere-se a homens adultos, rústicos, viris, experientes ou potencialmente grosseiros.

— *Uma mulher não ia dar certo com tantos barbados! Chegaram os copos, de grosso vidro facetado, e neles lançou Abubakir a cachaça límpida e bolhante.* (ALM [1965], p. 178).

Barra-bandeira *s. m.* Jogo tradicional em que duas equipes dividem um campo e cada uma tenta roubar a bandeira da equipe adversária para levá-la ao próprio campo sem ser tocada.

Graças a ele, fiz depressa camaradagem entre os colegas. E no foot-ball, na barra-bandeira, enfim, nos jogos e competições esportivas, de que era prodigo o Colégio Antônio Vieira, esqueci, esta é a verdade, e que me perdoe o Costa Pereira, os dias bons e alegres do Ateneu. (DBM [2009], p. 225).

Barrete *s. m.* Tipo de gorro ou chapéu sem abas, pequeno e justo, usado como parte de trajes cerimoniais, religiosos ou acadêmicos.

Em tais ocasiões, reposto em suas vestes eclesiásticas, o sacerdote ressurgia do madeireiro; e aquela periódica figura clerical, de sotaina e barrete, portando a maleta de paramentos, de tal maneira estava associada à baratinha que sentar-se outra pessoa no volante

significava praticamente um sacrilégio. (ALM [1965], p. 119).

Barriga-d'água *s. f.* Doença parasitária, também chamada de esquistossomose, causada pelo verme *Schistosoma mansoni*. O que provoca o aumento de volume abdominal devido ao acúmulo de líquido na cavidade.

Nu da cintura pra cima, os cabelos crescidos a cobrirem-lhe as orelhas, carregava como um fardo, sobre as pernas abertas, a enorme barriga-d'água — bojo túrgido a avultar sobre o cós das calças, lembrando algo na iminência de estourar. (ALM [1965], p. 10).

Barriguda *s. f.* Nome comum dado a espécies de árvores do gênero *Ceiba*, da família Malvaceae, nativas do Brasil, especialmente da Caatinga e do Cerrado. Elas são chamadas assim por possuírem um tronco dilatado na parte inferior, com forma semelhante a uma barriga — o que lhes confere o nome popular.

Margens em fora, cedros e lourões alçavam-se enfolhados, sobranceando o ínvio das moitas de rasga-beiços. Em meio à variedade de árvores sucessivas, entremostravam-se nos seus grávidos troncos as barrigudas. Um odor de resinas balsamizava o ar. (ALM [1965], p. 75).

Baronesa *s. f.* Planta aquática flutuante encontrada em rios, lagos e represas, caracterizada por folhas largas e brilhantes, também conhecida como agua-pé.

As árvores mais próximas, os pés de araca e de embucha-veado, emergindo do charco, como que se prolongavam nas touceiras de tabua e de piri que sobre o rio se alastravam numa sucessão interminável de caniços verdes. As moitas de junto, enlaçadas pelas baronesas de folhas espalmadas em bandejas flutuantes, formavam inextricável rede de raízes submersas — maranha

anfíbia represando a água, que ali terminava por apodrecer, na lenta maceiração dos detritos vegetais trazidos da mata nas alagações. (ALM [1965], p. 11, 12).

Barrote *s. m.* Viga de madeira grossa e resistente, usada na construção de estruturas, como pontes ou telhados.

Só não carregava em seus possantes músculos móveis e trepidantes a pinguela rio abaixo porque a pinguela tinha os seus duplos e reforçados barrotes cravados com ferro nuns grossos pilares de pedra. (RDM [1993], p. 507).

Bastião-de-arruda *s. m.* Árvore da espécie *Dalbergia decipularis*, da família das Leguminosas. Destaca-se por fornecer madeira de alta qualidade, sendo valorizada tanto na marcenaria quanto na carpintaria; Sebastião-de-arruda.

— *Eu mesmo nunca vi. Mas outros vaqueiros já viram e me contaram. Dizem que quando ele ataca um boi é um pega-para-capar danado. Primeiro, ele enrola o rabo num pau bem forte, num amargoso, num bastião-de-arruda, e depois dá o bote.* (ALM [1965], p. 45).

Batata-da-serra *s. f.* Raiz tuberosa de uma trepadeira que cresce espontaneamente no solo de algumas serras da Chapada Diamantina, na Bahia. Esse tubérculo não é tradicionalmente cultivado, sendo apenas colhido em seu habitat natural.

E as serras? Em muito garimpo que era rico antigamente, e de onde saiu diamante pra este mundão todo, garimpeiro só está indo hoje pra buscar batata-da-serra pra matar a fome. (CAS [2011], p. 106).

Bateia *s. f.* Recipiente de metal ou madeira, com fundo cônico, utilizado para revolver cascalho, minério ou aluvião durante o processo de extração mineral. *Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias,*

seus carumbés, suas enxadas, seus frincheiros, suas alavancas, seus ralos, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça. (CAS, [2011], p. 15).

Batente *s. m.* Trabalho constante, rotina dura e repetitiva; que exige esforço físico ou comprometimento diário.

Dei a Áureo a notícia de que — pelo menos no que tocara a mim — ia começar a trabalhar, ia enfrentar feio e firme o batente. Ele sorriu por trás da fumaça do cigarro o seu sorriso de anjo. (RDM [1993], p. 85).

Bater um fio *loc. verb.* Entrar em contato por telefone ou aguardar para conversar pessoalmente no próximo encontro.

Mululu olhou em volta, e compreendeu que com o frenesi da rumba ia ser difícil localizar Chinlenito e chegar até ele. Mas não tinha importância. Não era isso que impedi-lo de sair imediatamente com Maria Corumba, como ela queria. Chilenito era de casa, da família boêmia da Bahia. Depois bateria um fio para ele. (APO [1996], p. 198).

Batixó *s. f.* Pequeno lagarto insetívoro.

— *Isto aqui está muito trabalhado, Peba — observou Silvério. À passagem deles, fugiam precipitadamente grandes batixós, sobre lajedos ou por entre as moitas de grão-de-galo.* (CAS [2011], p. 99).

Bebemorar *v.* Beber e comemorar; indica o ato de comemorar algo, com a ingestão de bebidas alcoólicas, como cerveja ou cachaça.

Não vamos nem ter tempo de sentir a sua falta. Mas... já que você vai mesmo, temos de bebermar sua nova situação. Você agora, quer queria, quer não queira, é um fazendeiro. (RDM [1993], p. 108).

Beberete *s. m.* Reunião informal em que se servem bebidas, alcoólicas, associada a momentos sociais, descontraídos, com caráter festivo ou de confraternização, ainda que simples ou breve. *Os beberetes da véspera me haviam deixado com a cabeça pesada. Sono não se dá bem com bebida. Enquanto a gente está acordado, tomando umas e outras, tudo vai bem.* (RDM [1993], p. 62).

Beijo *s. m.* Lábios.
— *Meia-praça meu só come 10 mil-réis. Sua letra não chegava a ser letra o negro mordida o beijo, fazendo força ao traçar os seus garranchos. Mas, por fim, assentou tudo.* (CAS [2011], p. 92).

Beiju *s. m.* Prato culinário preparado com tapioca e coco ralado.
Por outro lado, a molecoreba cercava os tabuleiros na Pracinha, gastando os níqueis dos eventuais mandados no doce de rapadura com gergelim, nas brevidades de tia Joana, nos queimados enrolados em papel de seda e com um gostinho bom mesmo de gengibre, nos beijus de coco e nos bolos de milho, de arroz e de aipim. (CAS [2011], p. 89).

Beleza de onça *loc. sub.* Mulher de aparência impressionante ou marcante, que transmite imagem de força ou até de perigo, associada à "onça" por sua natureza feroz.
Eu agora me achava alçado a uma condição incomparável (pelo menos no momento) com o descontraído e irresponsável mundo do puteiro. E lá ia eu pensando nessas coisas, com a garrafa de cachaça debaixo do braço, fugindo do pecado como o diabo da cruz, quando por acaso passei pela porta da casa de Ana Branca. Ela morava naquela rua e eu (sinceramente) não em lembrava. A estranha mulher muito séria, de uma feroz beleza de onça, com quem eu nunca tinha ido pra cama, sabe-se lá o

por quê, dos porquês disso eu realmente não sabia. (RDM [1993], p. 508).

Bem apanhado *adj.* Refere-se a pessoa atraente, bem vestida e/ou bem cuidada, que causa uma boa impressão pela aparência ou comportamento.
— *É um homem muito bem apanhado, de uns quarenta, quarenta e cinco anos. Muito simpático. Você vai gostar dele — Edite repetiu.* (APO [1996], p. 217).

Benza-a Deus *exp. pop.* Forma de invocar a proteção divina ou pedir a bênção de Deus, de maneira espontânea e expressiva, em resposta a algo ou situação que causou surpresa, alívio ou agradecimento.
E as freguesas, encantadas com a menina, incitavam com singelo gabo o corujismo da costureira: — Sua xará tá mesmo uma belezinha, Ricardina. Que coisa mais linda essa menina, benza-a Deus! (APO [1996], p. 125).

Benzer-se *loc. verb.* Realizar o ato de fazer uma bênção sobre si mesmo, ou invocar uma bênção sobre si próprio; associado a rituais religiosos, especialmente no contexto do cristianismo, e pode ser realizado com o objetivo de proteger-se, afastar o mal.
E, realmente, deu-se que a mãe, erguendo-se num ímpeto de repulsa, recuou com grande espanto, benzeu-se três vezes seguidas, enquanto assacava contra a filha, através dos dentes cerrados, estas destemperadas palavras: — Você tá mesmo louca, desgraçada! Grávida? Te arrenego! (APO [1996], p. 103).

Berne *s. m.* Infecção cutânea provocada pela penetração da larva da mosca *Dermatobia hominis* (também conhecida como mosca-do-berne), que se desenvolve sob a pele, formando uma espécie de caroço dolorido, com um pequeno orifício por onde a larva respira.

*Uma seca pode acabar com as pastagens, e o gado começar a morrer de fome. E há as doenças do gado, o **berne**, o carrapato, tanta coisa, sei lá, coisa que não acaba mais, e que tem de ser combatida a poder de vacina, de remédios cada vez mais caros, sem falar no trabalho do veterinário — uf! Mas não se preocupe. Deus é grande.* (RDM [1993], p. 89, 90).

Besta *adj.* Refere-se a alguém ingênua ou tola.

— *Você é um curau mesmo — disse Peba. — Não entende nada de garimpo. Então você acha que se tudo isso estivesse trabalhado eu vinha meter minha enxada aqui? Você me acha com cara de **besta**? E passou a explicar: — Na verdade, existe muito serviço trabalhado, mas é corno se não existisse. Os antigos não sabiam garimpar.* (CAS [2011], p. 99).

Biboca *s. f.* Estabelecimento comercial, como um bar ou mercearia.

*Dois dias depois, Zé de Peixoto viajou para Andaraí. Liquidou os negócios com o velho Justino, tendo retirado um saldo de 850 mil-réis. Com esse dinheiro — pensava — iria mosquitar na cidade, abrindo uma **biboca** para despachar meias-praças.* (CAS [2011], p. 45).

Bicho-de-blusa *loc. sub.* Termo para se referir a um homem homossexual.

— *Um bambúrrio muito mal empregado — comentou Filó. — Pra que é que Zé Cláudio quer dinheiro mesmo? Não bebe... não trepa... — Será que ele é **bicho-de-blusa** mesmo? — duvidou Joaquim Boca-de-Virgem. — Se a gente fosse botar gongolo em xibungo — disse Filó, confirmando a seu modo a acusação — ele e o tabelião Romualdo não deixavam mais ninguém dormir em Andaraí. E cuspiu de lado.* (CAS [2011], p. 220).

Bicho do mato *loc. sub.* Pessoa tímida, arredia ou que evita o convívio social.

*Esperava que a fazenda não fizesse de mim um **bicho do mato**. Afinal por temperamento e vivência, eu era um homem mais da cidade que do campo.* (RDM [1993], p. 76).

Bico de candeeiro *loc. sub.* Termo para se referir ao órgão genital masculino.

*Olhando-o de banda, Peba julgou ser urna manifestação de esperteza o ar concentrado do companheiro, e, sem que pudesse evitar, associou-o de repente a todos aqueles patizeiros que eram mestres em roubo de diamantes, sobretudo quando trabalhavam de alugados, escondendo pedras na areia do corte, na costura dos calções ou nas dobras dos cintos, e até mesmo na glândula do pênis, quando estes eram do tipo **bico de candeeiro**. Sim, era preciso estar vigilante, não o deixar à vontade, estar atento e observá-lo.* (CAS [2011], p. 126).

Bico-doce *s. m.* Planta característica das regiões serranas, cujo os frutos possuem o mesmo nome.

*Depois de terem posto a ferramenta no chão, enquanto Silvério fazia um cigarro, Peba tornou da sonda e enterrou-a com força no solo, abalando-a de um lado para outro, entre as mãos possantes. Os sabiás cantavam por toda parte, esvoaçando nos pés de **bico-doce**.* (CAS [2011], p. 100).

Bicorada *s. f.* Ato ou efeito de bicar, ou seja, dar uma bicada.

*Fiquei prestando atenção. Os urubus saltavam ao redor dele, meio cabreiros. De vez em quando, um tomava coragem, chegava perto e dava uma **bicorada**. Mas o bicho mexia logo com o rabo, mostrando que ainda estava vivo.* (ALM [1965], p. 43).

Bigode *s. m.* Nome popular de ave da família *Thamnophilidae*, conhecida por

apresentar penas alongadas ao redor do bico, que lembram um bigode.

Os pássaros tinham deixado de cantar.

Bigodes, *juritis e azulões dormiam agora nos ramos da quixabeira. De quando em quando, alguma ave noturna esvoaçava dentro da mata, desferindo a praga de um grito áspero.* (ALM [1965], p. 15).

Bilhar *s. m.* Jogo praticado sobre uma mesa especial, retangular e coberta de feltro verde, onde os jogadores utilizam tacos para impulsionar bolas e atingir objetivos específicos conforme as regras. *Do outro lado do tabique ficava o bilhar com o seu tropel de bolas.* (RDM [1993], p. 35).

Bilro *s. m.* Pequeno instrumento de madeira (ou, mais raramente, de osso ou plástico), com cabo delgado e cabeça arredondada, usado para fazer rendas, enrolando os fios e cruzando-os sobre uma almofada.

Teve a impressão de escutar ainda o vivo entrebater dos bilros; mas não era este o rumor que lhe chegava aos ouvidos: soavam passos ritmadamente e frouxos na areia da estrada. (ALM [1965], p. 139).

Biqueiro *s. m.* Pessoa que toma bebida alcoólica, especialmente cachaça; bebedor moderado ou reticente.

O primo me acompanhou na cachaça, mas manheirando na dose, biqueiro, contra seus hábitos, naquele dia aliás tão propício, de largo azul e tempo fresco. (RDM [1993], p. 87).

Birô *s. m.* Móvel semelhante a uma mesa, equipado com gavetas, projetado para escrever, estudar ou trabalhar.

Os dois transpuseram um pequeno pátio interno e deram entrada no escritório — uma sala mobiliada com quatro cadeiras e um birô meticulosamente arrumado, com picuás, crivos, lentes e

balanças granatárias em cima. (CAS [2011], p. 140).

Biscate *s. f.* Trabalho ou serviço temporário e de baixa remuneração — refere-se a um tipo de trabalho informal, realizado sem contrato formal, para obter uma renda extra. Também pode indicar um serviço simples, sem grandes exigências técnicas.

— *Bem, o Félix não é empregado do Trapiche, como você pode imaginar. Ele não tem mais idade para isso, coitado. Está velho demais. Faz lá um biscate, trabalhando na escrita. Coisa arranjada pelo Loiola, dono do Trapiche, que é um velho camarada dele, ainda dos tempos do "Trianon". De modo que ele não dá o expediente normal. Mas até duas, três horas da tarde, em geral, ele está lá. Não vá depois disso, que você não o encontra.* (DBM [2009], p. 166).

Bisonhice *s. f.* Inexperiente, atrapalhado, ingênuo ou pouco acostumado a determinada situação.

E eu, na minha bisonhice estreita, cheguei a ver, em dado momento, na gratuidade daqueles luxos, simplesmente uma mania do velho Marcelino! Só muito depois iria compreender que um motivo bem mais simples os justificava: eu estava em presença de um homem civilizado e de bom gosto. (DBM [2009], p. 68).

Boca da gruna *loc. sub.* Escavação profunda feito por garimpeiros em terrenos ricos em diamantes.

Na farmácia de Carvalhal, na loja de Benigno Carregosa, no bilhar de Ziu, nas bibocas do Rapa-Tiçã e da Santa Bárbara, nas casas das mulheres-damas e nos caminhos da serra, nos grupos reunidos debaixo da jaqueira e nos passeios das casas comerciais, na porta da igreja e debaixo das pontes, nos banhos da Boca da Gruna e nos churrascos de Pereirinha, à meia-noite,

no Remanso — comentou-se largamente o episódio da Passagem: — O negro é raçado mesmo. (CAS [2011], p. 54).

Boca da mata *loc. sub.* Ponto de acesso à mata, marcado por uma estrada cerca-da de floresta em ambos os lados.

Logo depois, os cavaleiros desapareceram na boca da mata. Na encruzilhada o grupo subdividiu-se. Nenzinha, Atanásia, Justino seguiram para a Santa Luzia; o coronel e João Vaqueiro. (CAS [2011], p. 44).

Boca do tanque *loc. sub.* Local de saída da água das comportas.

Então um companheiro de toca lhe res-pondera: "Você está bancando o curau?" — E explicara: "E só assuntar quando o martim-pescador sobe o rio, rapaz. Primeiro ele desce pra ir buscar a companheira, depois volta e vai abrir a boca do tanque. Quando desce de novo, já é com a cheia encostada. Fica então cantando nas gameleiras: "Este ano não tira mais! Não tira mais cascalho! Este ano não tira mais!" Portanto, fique prevenido: quando ele subir o rio pela segunda vez — é avexar o pau dia e noite, porque a enchente é certa". (CAS [2011], p. 24).

Boceta *s. f.* Termo vulgar utilizado para se referir à genitália feminina.

E, em ânsia de gozo, toda aberta ao meu ataque, ela dizia assim ao meu ouvido, de primeira vez você acabou de tirar o meu cabaço, meu cabaço ainda tinha um resto esperando por você, agora eu sou toda sua, minha boceta é sua. (RDM [1993], p. 307).

Bodoque *s. m.* Arma usada para arremessar pequenas pedras; atiradeira.

— *Cortei o rabo de uma. Olhe como está bulindo! O arco do bodoque tornava a retesar-se. A pelota zunia. — Acertei na cabeça! — Esbagacei a barriga daquela!* (CAS [2011], p. 71).

Bogari *s. m.* Planta ornamental de flores vistosas e coloridas, cultivada em jardins e quintais. Bogari é uma variação popular ou regional de bugari, que por sua vez pode ser uma forma popular de se referir à planta buganvília (ou primavera).

Lindaura estava na sala de jantar, sentada ao lado da janela que dava para o pequeno quintal de onde vinha de um canteiro um cheiro bom de flor. Cheiro de bogari. (RDM [1993], p. 91).

Bolacha papuda *loc. sub.* Variedade de bolacha crocante, de formato arredondado.

A mulher respondeu com boca de nojo: — Olhe com os olhos e coma com a testa — e saiu rebolando as volumosas nádegas, a meia libra de bolachas papudas na mão. (CAS [2011], p. 89).

Bolina *s. f.* Ato de acariciar de maneira íntima ou lasciva, de forma maliciosa ou com intenção sexual.

No escurinho, o sargento Marinho foi introduzindo ao de leve e em pinça os dedos no decote da noiva, rumo ao bico do seio. Ela repeliu com dignidade a bolina, tenha modos, Marinho. (APO [1996], p. 17).

Bolinete *s. m.* Instrumento composto por tábuas grossas dispostas transversalmente ao fluxo da água, semelhante a uma pequena canoa de madeira, usado na lavagem do cascalho.

— *Tem dois dias que eu estou batendo com água no bolinete. Hoje eu quero ver se apanho outra cabeceira. — E você, já quebrou sua cata? — perguntou ao companheiro, um negro que estava de calção. — Estamos quebrando — respondeu o outro.* (CAS [2011], p. 58).

Bolhante *adj.* Refere-se a algo que está cheio de bolhas, que borbulha ou que apresenta formação de bolhas na super-

fície — associada a líquidos gaseificados ou em movimento.

— *Uma mulher não ia dar certo com tantos barbados! Chegaram os copos, de grosso vidro facetado, e neles lançou Abubakir a cachaça límpida e **bolhante**.* (ALM [1965], p. 178).

Boneco de engonço *loc. sub.* Espécie de marionete ou boneco articulado.

Entrei em meu quarto e acendi a vela. Comecei a tirar a roupa, e os meus movimentos projetaram na parede mímicas de umas sombras inquietas, coisa cômica, de **boneco de engonço**. (RDM [1993], p. 61).

Bonomia *s. f.* Qualidade de quem é bondoso, afável e simples no modo de ser; benevolência, brandura, simplicidade acolhedora.

*Josefa admitiu com **bonomia**: — É... Você não deve se lembrar mais dele. Quando ele foi embora do Mangabal você era menina.* (ALM [1965], p. 140).

Bordejar *v.* Mover-se ao longo da borda de algo; contornar, rodear. Também pode significar navegar em zigue-zague contra o vento ou avançar de maneira hesitante ou indireta.

— *Bem... Nesta beirada de rio não existia nenhum sucuiuíú morador. Às vezes, um ou outro **bordejava** por aqui, caçando paca e capivara. Depois sumia de novo.* (ALM [1965], p. 41).

Bota-fora *s. m.* Festa de despedida; evento organizado para marcar a saída de alguém de um local, em clima de celebração ou homenagem.

*No dia seguinte viajou, foi-se embora consigo mesma. A seu pedido, ninguém foi ao aeroporto. As despedidas a deixavam muito triste, faziam-na chorar. E pra que chorar? Edite Cavalo e as companheiras da Pensão Andaraí tiveram assim de desistir do combinado **bota-fora** da Corumba.* (APO [1996], p. 367).

Boteco *s. m.* Pequeno bar ou estabelecimento comercial que serve bebidas alcoólicas. Associado a um local simples, descontraído e popular, onde as pessoas se reúnem para socializar e consumir bebidas.

*Áureo Mota lembrou trefegamente, conquanto sem maldade, o botequim de Lió. Discordei. Preferia um lugar mais discreto, fora do perímetro do pecado, que começava exatamente no botequim citado e ia acabar no cabaré de Felícia, passando pelo legendário bar de Zé Neto e por outros pontos muitos de esvoaçante frequência de mulheres da vida, borboletas que iam de **boteco** em **boteco** e de amor em amor também iam.* (RDM [1993], p. 479).

Botequim *s. m.* Estabelecimento comercial de caráter popular onde são servidas bebidas, petiscos, tira-gostos e lanches.

— *Diga a Boca-de-Virgem que no **botequim** de Leó tem um litro de conhaque pago pra ele. Das alvíssaras — Veja se vem com ele — acrescentou Neco, antes que Silvério desaparecesse no meio do povo: havia bastante gente se movimentando na direção do Beco da Lama.* (CAS [2011], p. 241).

Botica *s. f.* Estabelecimento comercial onde se vendiam medicamentos manipulados e produtos farmacêuticos; antiga farmácia.

*O Dr. Freire, sem dúvida, não seria um simples vendedor de drogas, como eu, em peregrinação pelas **boticas** do interior; o Filhagosa haveria de lhe ter reservado um lugar à altura, de direção, no departamento científico do Laboratório Moscoso.* (DBM [2009], p. 201).

Borrachudo *s. m.* Pequeno mosquito de coloração escura, conhecido pela sua picada dolorosa.

Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas,

outros garimpeiros cozinhavam o seu arroz de cacimba em panelas de barro do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação da garimpagem que os reunia em sociedade — um cortando negro-nu para espantar **borrachudo**, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam. (CAS [2011], p. 102).

Bosta de barata *loc. sub.* Variedade de cascalho encontrado em depósitos de diamantes.

— *A informação era bosta de barata?*
— *perguntou Joaquim Boca-de-Virgem.*
— *Qual é bosta de barata, seu! — Estou perguntando é porque bosta de barata é informação de arrozinho — explicou o garimpeiro, — E arrozinho aqui no Paraguaçu, você bem sabe, não dá nem a poder de reza.* (CAS [2011], p. 42).

Bosta de cabra *loc. sub.* Formação de cascalho diamantífero, caracterizada por fragmentos arredondados e de pequeno porte.

— *Mas que cascalho foi? — voltou a falar Agenor Cabeça-Seca. — Bosta de cabra ou cabeça de formiga? — Bosta de cabra — disse Peba, encaminhando-se para o interior do rancho. E pondo as enxadas e a sonda no chão: — Isto é, eu acho que é bosta de cabra. Agenor ia jogar o cigarro fora, mas, reparando que a ponta ainda estava grande, voltou a fumar, segurando-a entre as extremidades.* (CAS [2011], p. 101).

Brabeza *s. f.* Refere-se à qualidade ou característica do que é brabo — ou seja, algo ou alguém que demonstra agressividade, rudeza, valentia ou irritação.
— *Não; cinema, não! — decidiu com mal disfarçada brabeza o pai. — Cinema só depois do noivado. O sargento Marinho, no entanto, não perdeu o autocontrole. Ou, como se dizia com propriedade na gíria do lugar não perdeu a*

esportiva. Pensando bem, não recebera uma negativa. Recebera antes uma esperança. (APO [1996], p. 41).

Braçada *s. f.* Quantidade que se pode carregar ou segurar com os braços.

— *O patrão dorme aqui. Ricardo dorme na esteira. Recolheu numa braçada as vasilhas em que haviam comido, levando-as para o interior do rancho. Voltou à sala, ainda uma vez, apanhou o chapéu e deu boa noites aos hóspedes.* (ALM [1965], p. 46).

Braguilha *s. f.* Abertura frontal com zíper presente em calças e outras peças de vestuário.

Valadão sorriu discretamente e, limpando a goela com um pigarro, já ia retomar com animação a leitura — quando a porta da sala se abriu com arremesso e dr. Marcolino entrou abotoando a braguilha. (CAS [2011], p. 274).

Brejão *s. m.* Cachaça produzida em Brejões, cidade do interior da Bahia, com tradição na produção de aguardente artesanal.

— *Uma mulher não ia dar certo com tantos barbados! Chegaram os copos, de grosso vidro facetado, e neles lançou Abubakir a cachaça límpida e bolhante. — Veja o rosário, meu caro! — exclamou. — Brejão legítima!* (ALM [1965], p. 178).

Brenhoso *adj.* Refere-se onde têm mato fechado, vegetação espessa, difícil de atravessar; diz-se de terreno cerrado, bravio, coberto por moitas, arbustos ou mataria densa.

Continuava a mesma riqueza florestal, a mesma variedade e abundância em madeira de lei — árvores multiplicam-se compactamente num mundo brenhoso e intacto. (ALM [1965], p. 151).

Breu *s. m.* Substância resinosa, escura e pegajosa, obtida da destilação de madeiras ou resinas (como do pinheiro), usada para impermeabilizar embarcações, vedar ou proteger superfícies.

O trabalhador tirou detrás da orelha a bagana do cigarro de palha: — Vocês não são capazes de imaginar. Apalpou os bolsos do casaco velho à procura da caixa de fósforos. Foi encontra-la na capanga, entre as habituais coisas que ali trazia — fumo de rolo, pedaços de barbante, breu, cêra, palha, e a garrafa de comprar querosene. (ALM [1965], p. 54).

Brenha *s. f.* Lugar de vegetação densa, de difícil acesso, como matas fechadas ou terrenos agrestes e isolados.

Os animais começaram a subir uma rampa tortuosa e íngremes. Foi-se fechando a mata: a ramagem densa ensombrava o chão recoberto de ervas e arbustos, e a brenha investia súbita contra o caminho, as árvores irrompendo, desordenadamente e múltiplas. (ALM [1965], p. 63).

Brida *s. f.* Peça do arreio usada para controlar os animais. É composta por rédeas, freio e outras partes que se ajustam à cabeça do animal, permitindo que o cavaleiro o dirija.

— Estou fazendo uma viagemzinha aqui nas matas, como guia — continuou a falar, enquanto colocava a brida no burro. (ALM [1965], p. 54).

Brilhantina *s. f.* Produto cosmético oleoso ou pastoso, usado para dar brilho, manter os cabelos penteados e domar os fios rebeldes. Muito popular nas décadas de 1930 a 1960, entre os homens.

Removido aquele amarfanhado de vestes despidas e em poeiradas, que joguei com precipitação sobre o tapete, a visão do tabuleiro se recompôs na impecável ordem da arrumação feita por mamãe, as roupas a estirarem-se lisas,

frescas, ao lado do pequeno compartimento onde ela reunira os meus objetos de toilette, e um cheiro diferente, suave mescla de sabonetes, dentifrícios, brilhantinas e loções, num momento transportou ao quarto dela, na lembrança arejada e limpa do seu toucador, diante do qual muitas vezes a encontrara, toalha ao ombro, penteando os cabelos depois do banho. (DBM [2009], p. 54).

Brinco-de-princesa *s. m.* Nome popular de planta ornamental do gênero *Fuchsia*, especialmente a espécie *Fuchsia hybrida*, cultivada em jardins pela beleza de suas flores pendentes, em tons de vermelho, roxo, rosa ou branco, que lembram pequenos brincos.

Fomos até o jardim, demos uma volta pelos canteiros floridos. Ela sempre gostou de brincos-de-princesa, que então estavam lindos, na ourivesaria dos seus pingentes vermelhos. (RDM [1993], p. 39, 40).

Broca *s. f.* Ferramenta utilizada para realizar perfurações.

Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias, seus carumbês, suas enxadas, seus frincheiros, suas alavancas, seus ralos, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça. (CAS [2011], p. 15).

Brochura *s. f.* Perder o ânimo, desmotivar-se; não conseguir manter a ereção. *Mas na fazenda eu tenho tido tanto trabalho, tanta preocupação, que não me lembro de mulher. Quando a noite chega, eu só quero mesmo é descansar. Ele sorriu: — Cuidado com essa brochura... Pode deixar. Amanhã eu vou tirar a barriga da miséria — prometi.* (RDM [1993], p. 425).

Broqueamento *s. m.* Ação ou resultado de perfurar utilizando uma broca.

*Era muito dispendiosa a garimpagem no Paraguaçu: só em bananas de dinamite para os **broqueamentos** se gastavam somas vultosas. Os resultados, porém, eram compensadores. No ano anterior, por exemplo, o coronel fizera uma apuração de mais de cem contos — e o garimpeiro Filó Finança, que andava infusado, bamburrara na primeira semana, gastando 800 mil-réis com uma mulher-dama boazinha mesmo que viesse de Tamburi.* (CAS [2011], p. 17).

Bruaca *s. f.* Saco grande de couro ou lona, usado para transporte de mantimentos ou cargas em lombos de animais.

*Ela me disse que Nonô já estava com todos os preparativos feitos, os animais presos no pequeno pasto dos fundos da casa, as **bruacas** de Ester com as minhas encomendas já guardadas no depósito.* (RDM [1993], p. 272).

Bruaqueiro *s. m.* Garimpeiro novato, inexperiente.

— *O pior é que o patrão nos arranjou uns **bruaqueiros** que só fazem atrasar o serviço. Agente tem de explicar tudo. Eles não entendem patavina de cascalhão.* (CAS [2011], p. 58).

Bubão *s. m.* Inflamação dos linfonodos axilares ou inguinais causada por infecções como gonorreia, cancro mole ou sífilis; também chamado de bubo ou encórdio.

— *Seu Carvalhal quis trocar ela foi por dois vidros de depurativo, dizendo que Cabeça-Seca estava muito sífilítico e que precisava limpar o sangue. Seu Carvalhal é gente! Cabeça-Seca estava, na verdade, com aquele **bubão** que apanhou com Francina, que eu bem que dei conselho a ele pra não andar com ela, mas o problema dele agora era matar a fome.* (CAS [2011], p. 189).

Bucho *s. m.* Estômago; ventre de pessoas ou animais.

*Um setenta reses, contando vacas e bois, espalhavam-se aos magotes pelas imediações do rancho. Não tinham mais o que pastar. Rabeavam, enxotando as mutucas, em tardo andar de animais de **bucho** cheio.* (ALM [1965], p. 71).

Bucolismo *s. m.* Característica ou tema relacionado à vida rural, idealizada de forma simples, tranquila e harmoniosa.

*A ida à Itaparica, não obstante o **bucolismo** da ilha, com as suas praias, os seus coqueiros, as suas casas coloniais, tudo isso reunido ao meu grande desejo de rever o Lemos — não se me oferecia com perspectivas muito agradáveis. O motivo era simples: o meu horror às viagens marítimas.* (DBM [2009], p. 189).

Bufar *v.* Reagir com impaciência ou indignação.

— *Pois é isso, Freire. Passei por uma grande vergonha. Quando você tiver que ir ao "Trianon", receber algum dinheiro, é bom evitar o Carvalho. Ele implica com todos nós. Mas o Dr. Freire **bufara**: — Comigo, não! Se Carvalho ousar, meto-lhe a bengala! E o Lemos comentava com resignação: — Enfim, fiz o que me cumpria fazer: avisar ao Freire. Sabia, no entanto, que ele não tinha motivos para temer Carvalho.* (DBM [2009], p. 195).

Bugalhau *s. m.* Variedade de cascalho composta por fragmentos angulosos ou massas sólidas de quartzo.

— *Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, **bugalhau** pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola!* (CAS [2011], p. 42).

Bugiganga *s. f.* Objetos pequenos, de pouco valor ou utilidade, como tralhas,

coisas velhas ou inutilizáveis. Pode também ser usada para se referir a coisas de baixo custo ou de pouca importância.

*Mas só me falta deixar maluco, com aquela mania de tirar retrato. Mete-se num quarto que eu tenho aqui nos fundos da casa, leva uns vidros de ácidos, umas **bugigangas**, e fica lá dentro, sozinho, fazendo experiências.* (DBM [2009], p. 242).

Bule *s. m.* Recipiente com tampa, bico e alça, usado para servir bebidas quentes, como chá ou café.

*Foi quando a mulher apareceu à janela, com o **bule** na mão: — O café já está pronto.* (ALM [1965], p. 111).

Bulgariana *s. f.* Tecido de baixa qualidade, axadrezado.

*Os três homens cavalgavam estrada fora. Por um momento, Jenner observou Jovino de Dondona, cuja camisa **bulgariana** lhe escorria nos ombros estreitos.* (ALM [1965], p. 78).

Bulha *s. f.* Barulho; ruído confuso e incômodo, causado por muitas vozes ou movimentações.

*Como é possível conceber isto: o bom João Félix, depois de um dia de trabalho, não ter direito, em sua própria casa, a um merecido descanso, porque lá o esperava, numa **bulha** de todas as noites, o bailarico das filhas? Embora admitindo a sua condescendência paterna, custa-me crer que o meu antigo correspondente a levasse a tanto: deixar-se banir resignadamente da sala, onde havia música e cantoria, e recolher-se ao escritório, num isolamento, por sentir-se deslocado no meio daquela gente jovem que lhe invadia diariamente a casa, e, em última análise, comia e bebia à sua custa.* (DBM [2009], p. 126).

Bunda *s. f.* Nádegas; glúteos.

*O povo se comprime corno sardinha em lata. Já pisaram até no pé de urna velha que vinha descalça cumprindo urna promessa. Está perigando! E capaz de virar frege, como aconteceu naquela vez que deram um beliscão na **bunda** da amásia de um inspetor. A propósito, o delegado vem ao lado de seis ou oito policiadores com armas curtas mal disfarçadas — reparando, para ver se pega com a boca na botija algum sujeito que queira abusar, irar proveito da ocasião.* (CAS [2011], p. 263).

Burgo *s. m.* Cidade pequena ou localidade remota, isolada ou distante; povoado antigo, com conotação de lugar pouco acessível ou fora do eixo urbano mais conhecido.

— *Quer dizer que ele se mudou para o interior? E o Lemos: — Não. Mudou-se para Niterói. No Estado do Rio. Niterói. Aquele nome, lançado ali em Itaparica, com o oceano em volta, soou-me aos ouvidos como o de um **burgo** remoto, perdido em lonjuras inacessíveis.* (DBM [2009], p. 197).

Burralhão *adj.* Refere-se a pessoa de inteligência limitada, estúpido ou rude.

— *Grandíssima besta! — exclamou dr. Marcolino, amassando a carta. — Que **burralhão**! Esquível tocou-lhe no braço: — Já lhe disse, doutor... O Canelinha é que serve para essas coisas.* (CAS [2011], p. 277).

Busílis *s. m.* Ponto central ou mais complicado de uma questão; dificuldade essencial; nó do problema.

*A idéia do livro, porém, não queria dizer nada; o **busílis** estava na realização dela. Por menos pretensiosa que fosse, era uma empreitada de muito arrojo para um homem pouco afeito às lides da pena.* (DBM [2009], p. 251).

Cc

Cabaça *s. f.* Fruto da cabaceira (*Lagenaria siceraria*), tem formato arredondada ou alongada, cuja casca dura, depois de seca, é usada como recipiente, instrumento ou utensílio.

Nunca deixava de leva-la consigo, quando diariamente ia lá em casa (pelo menos duas vezes por dia), carregando na cabaça do ubre cheio o leite para a fome do menino de minha mãe, meu irmãozinho. (RDM [1991], p. 29).

Cabaço *s. m.* Virgindade masculina ou feminina.

Nas virgens não era mais a virgindade uma virtude — mas um anacrônico trambolho vaginal. E, removido, o trambolho, passaram as ex-virgens a exibir como troféu o passe triunfal da liberação do cabaço e da virgem sôfrega. (RDM [1993], p. 97, 98).

Cabaré *s. m.* Estabelecimento comercial que oferece apresentações musicais, dança e variedades, em que os clientes podem beber, jogar e consumir refeições; em alguns contextos podem estar associados a prostíbulo.

O que impelia Silvério a pensar em Pedro Almofadinha estava longe de ser o interesse pitoresco da vida que levava aquele garimpeiro reconhecidamente bamburrista, esbanjador de dinheiro nos cabarés de Andaraí. (CAS [2011], p. 98).

Cabeça-d'água *loc. sub.* Elevação súbita e acelerada do nível de um rio ou córrego, provocada por chuvas intensas nas cabaceiras ou em trechos mais altos de seu curso.

Depois passou a explicar ao patrão que os garimpeiros estavam trazendo um companheiro que morrera afogado —

“o Raimundo, aquele frente” — na correnteza de uma cabeça-d'água. (CAS [2011], p. 15).

Cabeça de formiga *loc. sub.* Variedade de cascalho encontrado durante a garimpagem, indicando a proximidade de jazidas diamantíferas.

— Mas que cascalho foi? — voltou a falar Agenor Cabeça-Seca. — Bosta de cabra ou cabeça de formiga? — Bosta de cabra — disse Peba, encaminhando-se para o interior do rancho. E pondo as enxadas e a sonda no chão: — Isto é, eu acho que é bosta de cabra. Agenor ia jogar o cigarro fora, mas, reparando que a ponta ainda estava grande, voltou a fumar, segurando-a entre as extremidades. (CAS [2011], p. 101).

Cabeça-de-patrona *s. f.* Serpente venenosa também conhecidas como jararaca ou jaracuçu, com coloração dorsal variável entre cinza, amarelo, marrom ou preto, apresentando manchas triangulares marrom-escuras.

Sobre as lajes onde firmavam os pés descalços, enquanto andavam se punham de sobreaviso, pois, em semelhantes locais, aproveitando-se da sombra e da umidade, não raro se ocultavam cobras sob os tufo de capim — a coral, e sobretudo a não menos venenosa cabeça-de-patrona. (CAS [2011], p. 212).

Cabeceira *s. f.* Nascente de um rio.

Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas cabeceiras distantes. E inundando talhados, catas e grunas, carregaram pela noite adentro os paióis de cascalho. (CAS [2011], p. 15).

Cabelo à la garçon *loc. sub.* Estilo de corte de cabelo feminino inspirado nos cortes de cabelo masculinos da década de 1920, caracterizado por ser curto, reto e sem franja, com o cabelo aparado rente ao pescoço e às orelhas.

*Tinha uma cara de menina, que o **cabelo à la garçon** fazia mais ainda parecer.* (RDM [1993], p. 56).

Cabelo da roda *loc. sub.* Poço de grande profundidade e formato circular utilizado na exploração de diamantes.

*Todavia, para não falar no Poço da Donana e de outros poços ricos que desafiavam, pela sua profundidade, os rudimentares processos de mineração ali empregados, restavam pródigos ajogos como o do **Cabelo da Roda**, onde eram encontrados os diamantes matemáticos do cascalho balinha.* (CAS [2011], p. 17).

Cabeluda *s. f.* Arbusto nativo do Brasil, cujo ramos, folhas e frutos são revestidos de uma cobertura de pelos curtos e finos.

*Dali, só ouvia o rumor do vento nas moitas de malva lava-prato e de **cabeluda**, vento fresco e bom, aragem da noite que espalhava o cheiro ácido dos pedrestes e dos pinhões leitosos, cheiro forte de mato, de seiva, e da terra úmida da serra.* (CAS [2011], p. 106).

Cabograma *s. m.* Mensagem transmitida por cabo telegráfico; telegrama enviado por meio de uma linha de comunicação à distância (especialmente na era pré-internet).

*E onde estava aquele vago Loiola, de que me falara Vilela? Mais tarde ficaria sabendo tratar-se de um cidadão afortunado, com escritório no centro da cidade, de onde exercia, mediante telefonemas e **cabogramas**, o comando moderno e dinâmico das suas transações.* (DBM [2009], p. 172).

Cabuleté *s. m.* Pessoa insignificante ou digna de desprezo.

*Antes de chegar perto de Zé de Peixoto, o coronel já foi gritando, cheio de cólera: — Aprenda a respeitar homem, seu filho da mãe! E cerrando os punhos no ar: — Você faz-se de besta? Quem está falando sou eu, está ouvindo? Sou eu, **cabuleté** descarado!* (CAS [2011], p. 33).

Caburé *s. m.* Pequena coruja encontrada em orlas das matas, descampados e arvoredos. Apresenta cabeça e olhos pequenos, manchas escuras na nuca e uma ampla faixa branca, com ventre claro com estrias longitudinais.

*Grande era o silêncio, apenas cortado pelo rumorejar na noite ou pelo piar de um ou outro **caburé**. Das juçaras, cuja raiz os garimpeiros usavam contra mordedura de cobras, desprendia-se um cheiro agreste, que chegava até as narinas de Filó.* (CAS [2011], p. 104).

Cabra *s. f.* Termo usado para se referir a um homem, especialmente no Nordeste brasileiro.

*— Mas, esse **cabra** é mesmo muito safado — a mãe desabafou. — E eu até achava ele simpático. — Todo patife é simpático, mãe — disse Maria. — Ele também me parecia simpático.* (APO [1996], p. 87).

Cabra do pau-furado *loc. adj.* Indivíduo que carrega uma espingarda, cujo cano é popularmente chamado de “pau-furado”.

*— O cel. Germano era amigo do cel. Felisberto. Mandou duzentos homens pra o Coxó. Cel. Felisberto ganhou a luta, e o prestígio do cel. Germano cresceu. Tudo isso porque ele soube escolher seus jagunços, seus **cabras do pau-furado**. Se não tivesse ido gente como Zé de Peixoto, cel. Felisberto teria perdido a luta. E o cel. Germano estava frito nas unhas do cel. Heli-*

ro, que foi, em vida, o maior inimigo do cel. Felisberto. (CAS [2011], p. 50).

Cabra retinto e dobrado *loc. adj.* Indivíduo de pele extremamente escura.

*Quando o coronel viu o cachorro-mestre entrar na sala, voltou-se logo para a porta: João Vaqueiro, que era esperado naquela manhã, vindo da fazenda São Pedro, ia entrando também. O chefe mandou que ele se sentasse e pediu-lhe notícias da fazenda. — Tudo lá vai bem — respondeu o vaqueiro, que era um **cabra retinto e dobrado**. Não há novidade não senhor. (CAS [2011], p. 39).*

Cabreiro *adj.* Refere-se ao que demonstra desconfiança, receio ou cautela. *Fiquei prestando atenção. Os urubus saltavam ao redor dele, meio **cabreiros**. De vez em quando, um tomava coragem, chegava perto e dava uma bicorada. Mas o bicho mexia logo com o rabo, mostrando que ainda estava vivo. (ALM [1965], p. 43).*

Cabrocha *s. f.* Mulher bonita, graciosa, animada, em contextos de música, dança e celebrações populares.

*Retornando a palavra, Vavinho falou das Baianas, o cordão das mulheres da vida, que nesse ano desfilara com dois petiscos novos, vindos especialmente para a Micareta de Rio dos Morcegos: uma **cabrocha** de nome Roxinha, procedente da estação ferroviária de Contendas, e Anita Olga, uma morena que morava em Vila Bela das Palmeiras. (RDM [1993], p. 422).*

Caco *s. m.* Refere-se a uma pessoa que está emocionalmente ou fisicamente desgastada, esgotada ou profundamente exausta.

*— Pobre de mim, Marcelo... Comigo foi diferente. Quando envievei, eu já estava um **caco**, quem havia de me querer? Eu tinha mesmo de ficar sozinha. Mas sua mãe, não. Sua mãe é ainda muito moça,*

está de carne moça. (RDM [1993], p. 494).

Cachimbar *v.* Reclamar, resmungar ou praguejar.

*— Homem é um trem ruim mesmo. Só se lembra da gente enquanto pode tirar proveito. Maria **cachimbou**: — Não é assim também não, mãe. Chucho até que é bonzinho. Pra semana ele manda o dinheiro. Pode deixar que eu trago. (ALM [1965], p. 143).*

Caçua *s. f.* Cesta ou recipiente tradicionalmente feito de fibras vegetais, usado para carregar ou armazenar alimentos.

*E também nenhum deles me deixou partir sem me entregar para minha mãe um presente de suas plantações, uma abóbora, raízes de aipim ou de inhame, que Nonô ia recolhendo num **caçua**, levado para esse fim. (RDM [1993], p. 139).*

Cadela *s. f.* Insulto para se referir a uma mulher, de forma desrespeitosa e ofensiva.

*— Mulher, vou até o armazém fazer umas compras. Quando eu voltar não quero encontrar mais aqui em casa essa **cadela**. A mãe estava no entanto preocupada com a viagem da filha. (APO [1996], p. 110).*

Café de língua e beijo meu boi não puxa *exp. pop.* Café consumido exclusivamente em jejum, sem açúcar.

*Agenor Cabeça-Seca perguntou: — Quer café, Filó? — **Café de língua e beijo meu boi não puxa** — Já vi que você gosta de me aporrinhar. (CAS [2011], p. 104).*

Cafundós-de-judas *exp. pop.* Refere-se a um lugar muito distante, isolado ou remoto, de difícil acesso.

*Tenho um filho que é promotor em Itabuna; o outro é médico, e está clínicando nos **cafundós-de-judas**, em Caetité, quase na fronteira de Minas; a menina, eu não vejo há mais de dez anos, pois*

casou com um cidadão que foi morar em São Paulo; só um deles ficou aqui na Capital, mas, assim mesmo, passa às vezes um mês sem vir me tomar a bênção: mora longe, e está sempre dizendo que não tem tempo. (DBM [2009], p. 242).

Cagada *s. f.* Jogada de sorte, acerto inesperado ou casual; algo que deu certo sem planejamento, por acaso.

Encestar por acaso uma bola não era apenas sorte — mas cagada. Eu tinha (e tenho) horror a essa mal cheirosa expressão da gíria da sinuca, mas infelizmente tive o desprazer de ouvi-la mal entrei no bilhar, bradada na torcida ruidosa do Dr. Durães, médico que chegara a Rio dos Morcegos pouco antes da própria sinuca, de que era entusiasta expectador, embora como jogador não passasse — ainda na gíria compatível — de um desconsolado pixote. (RDM [1993], p. 109).

Caiada *adj.* Refere-se de algo que foi revestido ou coberto com cal (material branco usado para pintar paredes, muros, troncos de árvores etc.); branquecida com cal.

Lá, desde que me entendo por gente, o cianureto fica trancada junto com o fole de folear formiga, numa pequena casa desde o tempo de meu pai foi caiada de cinzento. Desde esse tempo até hoje é chamada Casa da Morte. (RDM [1993], p. 264).

Caiamento *s. m.* Aplicação da cal em paredes, cercas, muros ou outros tipos de superfícies. Tradicionalmente, é um processo de revestimento de superfícies externas com cal, utilizado para proteger e decorar, além de ser uma prática comum em construções rurais e casas mais antigas.

Não fosse tão grande, e nada indicaria residir ali um homem de recursos: enegrecidas pelo tempo, portas e janelas ainda estavam por pintar, e de caia-

mento só havia escassas manchas nas paredes. (ALM [1965], p. 85).

Caiçara *s. f.* Nome popular dado a diferentes espécies de plantas, dependendo da região. Em algumas localidades, pode referir-se a árvores ou arbustos típicos de matas litorâneas e áreas alagadas. *Enquanto Jenner sorvia distraidamente o café, lagartixas brancas perseguiram insetos nas paredes. Uma delas, de quase um palmo de comprimento, deslizou sorrateiramente até ao molho de raízes de caiçara pendurado acima da porta: zás! Abocanhou a mariposa.* (ALM [1965], p. 39).

Cainçalha *s. f.* Bando de cães, canzoada.

E em seguida correu um homem que, contendo num remoinhar de ralhos a cainçalha, veio receber os cavaleiros. (ALM [1965], p. 155).

Cair dos quartos *loc. verb.* Perder o vigor, enfraquecer-se (pode ser usado para pessoas ou animais).

Quando o boi vê aquele trem agarrado nele, mete os tampos por dentro da mata, como de coisa que estivesse correndo na ponta de um laço. E o sucuiuiú vai dando linha, dando linha, dando linha, até desenrolar todo. Fica esticado no ar feito uma corda. De repente ele escora o boi — e não adianta o boi fazer finca-pé: acaba caindo dos quartos. Aí o sucuiuiú desata o laço dado no pau, e num instante se enlinha todo no boi, e vai quebrando os ossos dele. (ALM [1965], p. 45).

Caipora *adj.* Refere-se ao indivíduo de má-sorte.

— Salu é caipora — disse Neco. — Nem pra trabalhar de alugado ele arranja serviço — Ele estava vivendo de passar buzo — esclareceu outro. — Ia pra serra, fazia de conta que estava trabalhando, e de tarde ele aparecia na praça com urna pedra pra vender, corno se

tivesse pegado ela no garimpo. Depois descobriram: o que ele vendia era refugio de partida, a mando de seu Teotônio. Daí por diante ninguém mais acreditou nele. (CAS [2011], p. 311).

Caititu *s. m.* Mamífero silvestre, também conhecido como porco-do-mato, cateto ou queixada (embora haja distinções zoológicas entre cateto e queixada). Trata-se de um animal nativo das Américas, pertencente à família *Tayassuidae*, diferente dos porcos comuns (*Suidae*).

— *O senhor sempre na lida, hem, Seu Ciriaco? — Disse Ricardo, ao devolver o caneco. Como vai de roça? E o outro: — Os caïtutus me deram um prejuízo danado este ano.* (ALM [1965], p. 155).

Caixeiro viajante *loc. sub.* Vendedor ambulante ou representante comercial que viajava de cidade em cidade, no interior, para vender mercadorias ou representar firmas comerciais.

O cabaré de Felícia, que chamávamos de Circo, era frequentado pelos ditos homens de respeito de Rio dos Morcegos, comerciantes, compradores de diamantes, representantes comerciais (os chamados caixeiros viajantes, ou simplesmente viajantes), tudo gente que podia gastar, uns mais, outros menos, e que realmente gastava com as estrelas do espetáculo. (RDM [1993], p. 203).

Calango *s. m.* Pequeno lagarto que habita principalmente o solo e áreas rochosas.

Ao rumor dos seus passos na areia grossa do caminho, vinha juntar-se a cada instante um outro, que eles ouviam com indiferença — rumor precipitado, seco e rápido, ocasionado por algum calango ou teiú em fuga por entre as moitas. (CAS [2011], p. 214).

Calça de Palm Beach *loc. sub.* Calça confeccionada com tecido *Palm Beach*, que é um tipo de tecido leve, fresco e

com bom caimento, composto por uma mistura de fibra natural e sintética, como lã tropical e poliéster.

Estava em presença de um homem muito bem posto — cabelos grisalhos cortados à escovinha, camisa de seda, abotoaduras de ouro e brilhantes, calças de palm beach impecavelmente vincadas, um reluzir de graxa nos sapatos. Tinha o paletó pendente do espaldar da cadeira, e saíam-lhe do bolso as pontas engomadas de um lenço cheirando a alfazema. (DBM [2009], p. 20).

Calção de valença *loc. sub.* Calça comprida usada com as barras arregaçadas até os joelhos feito de um tipo de tecido grosseiro.

— *Atirei quando ele pulou de uma pedra pra outra — respondeu Neco, apoiando a espingarda contra a parede do rancho. E limpando as mãos no calção de valença: — Eu estava atrás de uma pedra, quando ouvi ele piar; aí eu preparei a espingarda. Nisto urna mutuca ferrou ele na orelha, ele saltou e eu passei fogo bem na cabeça dele.* (CAS [2011], p. 103).

Calça de zuarte *loc. sub.* Peça de vestuário feita de tecido chamado “zuarte”. O zuarte (ou zoarte) é um tecido grosso e resistente, de algodão rústico, muito usado no vestuário popular do interior do Brasil, especialmente entre trabalhadores rurais ou garimpeiros, por sua durabilidade e baixo custo.

Encontravam-se ali agora metidos em suas calças de zuarte, camisa de meia, e alguns, em vez, de camisa, o simples paletó em cima da pele. O caminhão chegara para levar a Andaraí! (ALM [1965], p. 176).

Calçola *s. f.* Peça de roupa íntima feminina, larga e comprida, usada por baixo das saias ou vestidos.

Sem saber explicar perante si mesma a gradativa e mansa condescendência à vontade do noivo e às suas súplicas,

Maria Corumba, ela própria, com suas próprias mãos, pôs-se nervosamente a facilitar-lhe a remoção da calcinha (ou calçola, como então se dizia); calcinha que o sargento fez deslizar finalmente aos pés dela, ou mais exatamente até as sandálias dela, dentro as quais triunfalmente a recolheu. (APO [1996], p. 56).

Caldeirão casco de burro *loc. sub.* Escavação utilizada para extração de cascalho diamantífero.

— Otacílio Preto. *Ele está tirando cascalho de caldeirão casco de burro e de bidogue, você sabia? Vai pegar muito diamante. Aliás, ele sempre teve muita sorte pra serviço de caldeirão e bacia. Você se lembra daquelas bocetas que ele descobriu na Passagem? — Eu tenho lá tempo de me lembrar das bocetas de Otacílio Preto, Neco! Vá dormir.* (CAS [2011], p. 107).

Caldeirão de bidogue *loc. sub.* Escavação utilizada para extração de cascalho diamantífero.

— Otacílio Preto. *Ele está tirando cascalho de caldeirão casco de burro e de bidogue, você sabia? Vai pegar muito diamante. Aliás, ele sempre teve muita sorte pra serviço de caldeirão e bacia. Você se lembra daquelas bocetas que ele descobriu na Passagem? — Eu tenho lá tempo de me lembrar das bocetas de Otacílio Preto, Neco! Vá dormir.* (CAS [2011], p. 107, 108).

Calhambeque *s. m.* Automóvel velho, ultrapassado, muitas vezes barulhento e em más condições de uso, mas que ainda funciona.

Quando chegamos à Cidade Baixa, no desafogo do elevador a esvaziar-se de gente, vi uma marinete no ponto, com passageiros a introduzirem-se nela em respeitável fila. E a eles já me ia incorporar, esperançoso de dois lugares providenciais, mas Alcibiades me reteve com escândalo: — Você está louco!

Vamos apanhar um automóvel, para ganhar tempo. Naquele calhambeque a gente só vai chegar lá amanhã. (DBM [2009], p. 35).

Calundu *s. m.* Estado de ânimo caracterizado por mau humor e irritabilidade, e claramente manifestado pelo comportamento.

O sargento Marinho sabia esperar. O tempo era o seu grande aliado. Por todos aqueles dias que durou o arrufo (ou o calundu) da noiva, como ele preferia classificar). Afetou um comportamento muito discreto (talvez clinicamente muito discreto), tratando Maria com uma espécie de circumspecta gentileza, tanto no acompanha-la até a casa depois do trabalho na fábrica, quanto nas várias visitas diárias que lhe fazia, e que não interrompeu: era como se nada houvesse acontecido. (APO [1996], p. 65).

Calunga *s. f.* Desenhos toscos, rabiscos ou figuras feitas informalmente em papel, sem valor artístico formal.

Ao lembrar-me, hoje, daqueles pobres, rudes rabiscos, que levaram o Professor Costa Pereira ao generoso engodo de vaticinar-me uma "carreira de artista", fico a imaginar a tolerância de João Félix — ali a meu lado, rubricando gravemente os papéis da contabilidade, enquanto eu ociosamente enchia de calungas outros papéis. (DBM [2009], p. 153).

Cambão *s. m.* Instrumento tradicional de uso na pesca, feito de vara, junco ou corda, utilizado para carregar peixes.

Manoel João pôs em cima do côcho o cambão das traíras e a gamela que trouxera na cabeça. (ALM [1965], p. 52).

Cambaus *interj.* Conjunto indefinido de objetos miúdos e variados, que completam ou aumentam uma lista já citada.

*Ele fechou a bolsa ainda nas mãos dela, com todas aquelas coisas que enfeitam e desarrumam uma bolsa de mulher (batim, ruge, pó, rímel, e os **cambaus**), e ainda por cima o dinheiro).* (APO [1996], p. 258).

Camboatá *s. f.* Árvore nativa do Brasil de pequeno porte, com folhagem densa. Suas pequenas flores esverdeadas surgem em espigas pendentes.

*Acabavam de dar sete horas. Como era noite de lua, os meninos corriam picula no Ribimba, escondidos na mata de **camboatá** e velame da estrada dos Bichinhos, ou atrás das pedras. Chegava até ali a gritaria deles.* (CAS, 2011, p. 54, 55).

Cambulhada *s. f.* Ajuntamento confuso ou barulhento de pessoas, situações ou coisas.

*Uma estrada ruim ainda é a melhor defesa que pode ter uma pequena cidade do interior como a nossa, contra os males que de **cambulhada** o progresso trás.* (RDM [1993], p. 217).

Camisa de meia *loc. sub.* Camisa feita de tecido de malha, também chamado popularmente de meia-malha, um tecido macio, flexível, de algodão ou com mistura de fibras, muito comum em roupas casuais ou de uso cotidiano.

*Encontravam-se ali agora metidos em suas calças de zuarte, **camisa de meia**, e alguns, em vez, de camisa, o simples paletó em cima da pele. O caminhão chegara para levar a Andaraí!* (ALM [1965], p. 176).

Campear *v.* Buscar, procurar ou vigiar animais no campo, especialmente gado; fazer ronda ou pastoreio.

*Era a mesma construção de paredes de estuque conhecida de Ricardo em outros tempos, quando anda **campeava** o vaqueiro Jado, cantador de côco e amansador de burro bravo.* (ALM [1965], p. 100).

Campos de São João *loc. sub.* Povoado situado no município de Palmeiras, Bahia.

*Deixe lá que a carne frescal dos **Campos de São João** ia quebrar muito com semelhante sol, e por isso tinham que subir o preço no retalho, do mesmo modo que o toucinho, toucinhão de palmo, agora perdendo peso nos fardos que engorduravam o calçamento.* (CAS [2011], p. 89).

Cana *s. f.* Cachaça; aguardente de cana-de-açúcar.

*Vou ter tempo bastante para tomar as minhas **canas** com os amigos, fazer as minhas farras, ver as mulheres, hem? Não vai mudar nada.* (RDM [1993], p. 87).

Canapu *s. m.* Arbusto rasteiro, também conhecido como melancia-da-praia.

*E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo, fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com a três-folhas, o **canapu**, a neve, com o chapéu-de-frade e a sempre-vivada-serra, guarneecendo o flanco acidentado dos rebaixos.* (CAS [2011], p. 96).

Canarinho-da-terra *s. f.* Ave com ampla distribuição no Brasil, exceto na Amazônia. Comum em gaiolas e viveiros no interior do Brasil.

*Nessas ocasiões, chegava a sentir falta dos dias passados em casa do juiz, embora ali tivesse sido obrigado a ouvir o colega discorrer enfadonhamente sobre sua criação de canários, à hora do almoço e do jantar, falando-lhe dos trinados do “Clemenceau” e dos estalos do “Napoleão”, ah, seu colega! **canarinho-da-terra** que estava de muda, mas que qualquer dia daqueles ia abrir o bico que era uma beleza.* (CAS [2011], p. 163).

Candeia-de-bolota *s. f.* Árvore nativa do Brasil, também conhecida como Para-tudo. Sua madeira é utilizada na mar-

cenaria e carpintaria enquanto suas flores possuem propriedades medicinais. *Tendo reunido sua ferramenta à de Peba, Silvério saiu do rancho e, pedindo emprestado o facão de Filó, foi cortar candeia-de-bolota e murici para acender o fogo.* (CAS [2011], p. 102).

Candeeiro-placa *s. m.* Utensílio projetado para iluminação, contendo líquido combustível equipado com mecha torcida. Específico para fixação na parede. *A sala: quatro cadeiras de palhinha de cada lado do sofá com um travesseiro em cima, um candeeiro-placa pendurado na parede, sobre uma mesa em grande desordem — alguns autos entre jornais velhos e feixes de talas para fazer gaiolas.* (CAS [2011], p. 177).

Canela d'ema *s. f.* Planta nativa do Brasil, de caules nodosos e frágeis, desprovido de folha na base, cuja aparência remete às pernas de uma ema. *Na época do cel. Germano, porém, já não ocorriam casos de garimpeiros que encontravam diamantes agarrados às raízes dos pés de canela d'ema, ao arrancá-los para acender fogo em suas tocas.* (CAS [2011], p. 17).

Cancela *s. f.* Barreira móvel feita de madeira ou metal, instalada em estradas de terra, entradas de propriedades rurais ou cercas, com a função de controlar a passagem de pessoas, animais ou veículos. *Começava ali o capinzal. Por ocasião da queima dos pastos, quando o terreno se descobria em toda a sua esturricada nudez, logo depois da cancela se avistava a casa da fazenda.* (ALM [1965], p. 83).

Canjoão *s. m.* Planta leguminosa nativa da Caatinga baiana, destacando-se pelo seu potencial forrageiro. *Um cheiro ácido de mato se espalhava na noite, outras vozes não eram ouvidas no Ribimba a não ser a dos meninos*

brincando em volta do pé de canjoão, e lá embaixo, do outro lado do rio, as luzes da praça brilhavam. Silvério veio com as duas latas de café na mão. (CAS [2011], p. 190).

Canga *s. f.* Brincadeira física entre crianças ou jovens, em espaços como rios, lagoas ou açudes, na qual os participantes trocam pernadas entre si, em gestos semelhantes aos da capoeira.

— *Olha a canga! O grito veio de um poço onde alguns garimpeiros tornavam banho. Com a tarde em declínio, emanava das rochas como que um câlido bafo que se desfazia no ar, e o vento mal agitava as folhas secas dos arbustos tombadas no fundo dos canais.* (CAS [2011], p. 213).

Cangalha *s. f.* Armação de madeira ou couro colocada sobre o lombo de animais de carga, como burros ou mulas, para facilitar o transporte de mercadorias.

Trabalhavam muito tempo com tropa de burros de carga, de tropa conhecia tudo, da carga a cangalha, e do burro sabia como ninguém tirar proveito, pois lhe conhecia as manhas e as treitas, pois que o burro as tem, tem. (RDM [1993], p. 360).

Canhestro *adj.* Refere-se ao que é feito com a mão esquerda ou referente à canhice, ou seja, ao uso preferencial da mão esquerda.

Deixava-me à vontade, a ponto de me permitir sentar-me à mesa de meu tio, que ficava ao lado da sua, e onde eu me entregava a uns canhestros exercícios de desenho, no despontar de uma equívoca vocação de caricaturista. (DBM [2009], p. 153).

Cão *s. m.* Termo empregado para denotar o mal, a malignidade ou a figura do diabo, frequentemente associando-o a seres malignos, impuros ou desonestos.

*Olhe, a gente vai às vezes fazer uma coisa, vem o **Cão** e tenta a gente, e a gente acaba fazendo outra coisa. Vi uma vendola por sinal muito mal frequentada de Zezinho Pé-na-corda.* (RDM [1993], p. 507).

Canoro *adj.* Refere-se a algo ou alguém que possui uma voz melodiosa, harmônica e agradável ao ouvido.

*Era uma pensão de mulheres, acumulando funções dançantes de cabaré, onde tocava um pianista que tinha o **canoro** apelido de Passarinho.* (RDM [1993], p. 57).

Cantilena *s. f.* Canto monótono e repetitivo, com poucas variações de tom.

*Os mugidos misturavam-se no ar com os aboios, conversa do companheiro homem com o gado companheiro, na **cantilena** da manhã nas pastagens, o vento carregando para longe a música da fazenda amanhecendo.* (RDM [1993], p. 354, 355).

Cantilho *s. m.* Recipiente usado para armazenar e/ou transportar leite.

*Em outros tempos, sua existência incluía obrigatoriamente o rio, os marimbus, a guarda do gado, ao entardecer, o retorno ao rancho, para no dia seguinte levar os **cantilhos** de leite à casa da fazenda.* (ALM [1965], p. 12).

Cantimplora *s. f.* Recipiente portátil para líquidos, feito de metal, plástico ou alumínio para transportar água ou outras bebidas.

*E os vinhos, as frutas, os doces, tanta coisa a oferecer-se fartamente sobre a toalha, e, como arremate, nas delícias de um refrigerio, o sorvete de mangaba, preparado numa grande **cantimplora**. Tudo isso num saudável ambiente de festim campestre, propício ao apetite — ali debaixo da parreira, no meio de árvores, com muito ruído de pratos e talheres, e reinando entre os convivas, isentos de formalidades, uma fresca,*

derramada alegria de picnic. (DBM [2009], p. 132).

Capanga *s. f.* Bolsa pequena confeccionada em tecido ou couro, usada a tiracolo por viajantes.

*Para matar o tempo, com os cobertores dobrados na boca das **capangas**, conversavam: — Aqui no Paraguaçu — disse Filó Finança — alugado sofre mais do que sapatinha de mulher-dama em cabaré.* (CAS [2011], p. 41).

Capangueiro *s. m.* Comprador de diamantes; intermediário.

*Sim, era sábado, e àquela hora as ruas deviam estar movimentadas, os escritórios dos **capangueiros** com gente entrando e saindo, cada qual querendo saber o que o seu meia-praça fizera durante a semana, se tinha pegado ou não. E Peba? Peba teria pegado? Fazendo a si próprio essa pergunta, ocorreu-lhe a lembrança de ir à procura do gerente Alípio, que naquele momento devia estar em casa jantando, e com ele obter alguma informação a respeito.* (CAS [2011], p. 133).

Capim-açu *s. f.* Gramínea nativa do Brasil, com folhar lineares, utilizada para forragem.

*Estas já não estavam longe, e pouco depois chegavam os dois a uma pequena elevação da serra, recoberta de moitas de pau-de-mocó e **capim-açu**, em terreno de boa configuração diamantífera.* (CAS [2011], p. 100).

Capim-cacheado *s. m.* Gramínea perene de folhas rígidas que formam touceiras.

*Subiam agora uma pequena rampa, ao lado da qual crescia o **capim-cacheado**, de pendões cor de palha, cujas hastes os garimpeiros infusados vendiam na cidade, depois de preparadas para flechas de foguetes, por ocasião das novenas e das festas de N. S. da Glória e do Divino.* (CAS [2011], p. 100).

Capim-da-lapa *s. f.* Planta herbácea de uso medicinal, amplamente empregada no preparo de chás, também conhecido como capim-limão ou capim-santo.

*Por medida de economia, a exemplo de inúmeros garimpeiros, Peba e Silvério não tomavam café de noite, substituindo-o por chá de **capim-da-lapa**. (CAS [2011], p. 104).*

Capim pubo *s. m.* Gramínea que reveste o solo, ajudando a manter a umidade, comumente encontrada às margens dos rios.

*Quando chegou a hora de fazer o corte, eu fiz o meu foi de caixão, com pedras assentadas no sistema de tição, em cima de camadas de **capim pubo**. (CAS [2011], p. 43).*

Capitulado *adj.* Refere-se ao que foi estipulado ou acordado por escrito. Em contexto jurídico ou formal, pode se referir a algo que foi formalmente acordado, estabelecido ou registrado, em documentos ou tratados.

*Estremeci, à idéia de que os modernos investimentos imobiliários, atingindo a ilha, não houvessem poupado a acolhedora propriedade rural dos jesuítas. Sim: os padres — quem sabe? — podiam realmente haver **capitulado**, em cartório, sob a pressão de uma oferta irresistível. E havia fundamento nessa hipótese. (DBM [2009], p. 191).*

Capote *s. m.* Peça de vestuário ampla e alongada, utilizada como capa ou casaco.

*O coronel vestiu o **capote**, pôs o chapéu e desceu para ver de perto a enchente. Muitos garimpeiros o acompanharam, alumando o caminho com as candeias. Soprava um vento frio, úmido, e algumas delas se apagaram. Nesse momento, um garimpeiro acendeu um pedaço de candombá, a resina pegou fogo e foi aquela claridade grande contra a qual o vento não podia. (CAS [2011], p. 30).*

Caralhada *s. f.* Relação sexual; ato sexual praticado de forma intensa.

*— Era só um capricho, entende? Para fazer pirraça. — Que tolíce! Você conheceu a Theda Diamant no Rio de Janeiro, deu as suas boas **caralhadas** com ela, e pronto. Pra ela foi somente uma aventura com um boêmio da Bahia, bom de cama. E tratou de sair pra outra. (APO [1996], p. 237).*

Caralho *s. m.* Órgão sexual masculino; pênis.

*Bastava o homem corre-lhe o “dedo na regada”, que ela ia logo abrindo as pernas. E aconselhava o sargento: se o homem quer ter a seu lado uma mulher virtuosa, trate de conservá-la longe (ou o menos perto possível) de outro homem. Senão triscou, pegou. É um princípio da eletricidade biológica. Ou sexual, para ser mais claro (dizia ele). A mulher à vista de um **caralho**, desde que duro, logo a ele se agarra, e nele se deleita. Isto segundo as ideias e sobretudo as palavras desbocadas do sargento Marinho. (APO [1996], p. 53).*

Carbonato *s. m.* Variedade de pedra diamantina de elevada dureza, caracterizado por sua coloração negra, opacidade, ausência de estrutura cristalina distinta e, porosidade.

*— O Governo sabe mais do que ninguém que os diamantes das Lavras são os melhores que existem, como também não ignora que esta região é a única que produz **carbonatos** no mundo. Entretanto, cruza os braços e deixa os gringos agirem à vontade, abrirem seus escritórios e açambarcarem tudo. De lá da Europa eles manobram com o mercado inteiro aqui dentro. (CAS [2011], p. 207).*

Cardeal *s. m.* Nome comum de várias espécies de aves passeriformes da família *Thraupidae*, conhecido por sua plumagem cinzenta com peito branco e

crista vermelha bastante vistosa. É encontrado em várias regiões do Brasil. *E do matagal desprendia-se um hálito seivoso de cascas e de folhas. A espáços, o canto de um sabiá ou de um **cardal** ressoava melancolicamente e perto, num frufulhar de asas inquietas.* (ALM [1965], p. 152).

Carecer v. Necessitar ou precisar de algo.

*Cioso do seu conhecimento pessoal de artes e manhas de burros, Otacílio Preto achou que não **carecia** essa ajuda, mas manteve a decisão de levar conosco Nonô.* (RDM [1993], p. 467).

Carne moça s. f. Expressão usada para descrever uma mulher jovem, com vigor e possibilidades de se casar ou recomeçar uma vida afetiva, destacando a juventude e a beleza da pessoa.

— *Pobre de mim, Marcelo... Comigo foi diferente. Quando enviuvei, eu já estava um caco, quem havia de me querer? Eu tinha mesmo de ficar sozinha. Mas sua mãe, não. Sua mãe é ainda muito moça, está de **carne moça**.* (RDM [1993], p. 494).

Carne-seca s. f. Carne de sol ou charque preparada com grande quantidade de sal e ressecada em estufa.

*Talvez fosse Eleutério com o seu carregamento de cachaça, ou Nezinho de seu Filotas trazendo **carne-seca** de Jussiapé. O ruído dos chocalhos crescia na tarde calma, e o velho sentiu então uma estranha saudade do negro. Não sabia bem por que era. Mas sentiu.* (CAS [2011], p. 51).

Carne frescal s. f. Carne levemente salgada, preservando parte de sua frescura.

*Deixe lá que a **carne frescal** dos Campos de São João ia quebrar muito com semelhante sol, e por isso tinham que subir o preço no retalho, do mesmo modo que o toucinho, toucinhão de*

palmo, agora perdendo peso nos fardos que engorduravam o calçamento. (CAS [2011], p. 89).

Carranca s. f. Expressão facial de desgosto, raiva, ou insatisfação, associada a um olhar fechado ou carrancudo, demonstrando desgosto, irritação ou desagrado.

*Ela, magoada, fitou-lhe com desassombro a **carranca**: — É só isso que o senhor tem pra me dizer? — Não! — exclamou o pai, entrecerrando as pálpebras, como o fazem certos animais selvagens (em verdade fechando momentaneamente os olhos) quando partem enfurecidos contra a sua vítima.* (APO [1996], p. 109).

Carrapicho s. m. Nome comum a diversas plantas cujos frutos ou sementes possuem pequenos espinhos ou ganchos que se agarram à pele, roupas ou pelos de animais.

*No escuro, Manoel João ouvia o ruído fino e intermitente da urina sobre as moitas de **carrapicho**. Parecia não ter fim.* (ALM [1965], p. 27).

Carrascal s. m. Terreno coberto de vegetação arbustiva espinhenta ou retorcida, como moitas de arbustos bravos e secos.

*Mas o que fora roça, plantação de milho era agora, a bem dizer, um **carrascal** — escarvado por onde se deslocavam aspudos bois pés-duros, ruminando e lerdos.* (ALM [1965], p. 71).

Carreiro s. m. Trilha ou caminho estreito e contínuo deixado pelo trânsito repetido de formigas ou outros pequenos animais; também pode se referir ao percurso marcado ou traçado no chão.

— *Já se esqueceu? Eu digo que antes de dormir vou na horta ver se descubro algum **carreiro** de formiga, que me levará ao formigueiro. Você sabe que muitas formigas só agem de noite.* (RDM [1993], p. 264).

Carris *s. m.* Trilhos ou trilhas de ferro sobre os quais circulam veículos ferroviários, como trens, bondes ou vagões — também chamados de trilhos.

— *O senhor disse que o rapaz trabalha na Circular? Costa Pereira acudiu de pronto: — Sim. Na Circular. A Companhia de Bondes. Essa menção dos carris baianos assustou-me. Como ia eu descobrir, em tão vasta rede de transportes urbanos, formigante de servidores, um cidadão praticamente anônimo? E já pensava em desistir daquela desencorajante, inviável busca, quando o Costa acrescentou providencialmente: — É no escritório. Lá na Cidade Alta.* (DBM [2009], p. 187).

Cartear *v.* Trocar correspondência (particularmente cartas, no sentido literal), frequentemente com amigos, familiares ou conhecidos.

Inúmeras vezes eu voltaria à biblioteca do palacete, não apenas para cuidar da correspondência que entretinha regularmente com os meus pais, num cartear de saudades e notícias caseiras, mas para fazer os meus deveres do colégio. (DBM [2009], p. 101).

Carteira *s. f.* Pequena caixa ou estojo portátil, de papel-cartão ou material semelhante, destinada a conter cigarros comercializados em maços.

Era o cigarro chamado Iolanda, que nos sortidos varejos da vida e do vício oferecia três opções, em maços (ou carteiras) de diferentes cores e preços diferentes. (RDM [1993], p. 26).

Carumbé *s. m.* Recipiente de formato cônico utilizado para lavar cascalho.

Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias, seus carumbés, suas enxadas, seus frincheiros, suas alavancas, seus ralos, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça. (CAS [2011], p. 15).

Casa de farinha *s. f.* Local destinado ao fabrico artesanal da farinha de mandioca.

O coronel perguntou: — Aí tem alguém pra ir chamar Seu Laudelino na casa de farinha? Resposta negativa. Porém ele insistiu, lembrando-se do empregado que momentos antes viera trazer uma carga de lenha; deixando-a na cozinha, arrumando as achas debaixo do fogão. (ALM [1965], p. 87).

Cata *s. f.* Escavação de profundidade variável, dependendo da natureza do terreno, utilizada na mineração.

Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas cabeceiras distantes. E inundando talhados, catas e grunas, carregaram pela noite adentro os paióis de cascalho. No povoado da Passagem, à margem do Rio Paraguaçu agora de monte a monte, rajadas de vento cortavam de alto a baixo as ruas ermas, quando os garimpeiros, em lúgubre vozerio, irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão. (CAS [2011], p. 15).

Cateamento *s. m.* Ação ou resultado do ato de catear.

Durante o período das chuvas, que se prolongava, com intervalos variáveis, de princípios de novembro a fins de março, os garimpeiros eram obrigados a suspender todos os cateamentos. Vinha a cheia de Santa Luzia, batiam em retirada para os cascalhões, serviços que eram trabalhados com o aproveitamento das águas nos regos e nas corridas. (CAS [2011], p. 17).

Catinga-de-porco *s. f.* Arbusto nativo da Caatinga, cuja as folhas, flores e cascas do tronco são utilizadas na medicina popular no tratamento de diarreias. Também conhecido como pau-de-rato ou catingueira.

*Enquanto a velha Sebastiana vendia sua cachacinha com raízes de **catinga-de-porco**, de losna e erva-cidreira, ele ia acompanhando, com o maior interesse, os casos que os homens contavam.* (CAS [2011], p. 46).

Catre *s. m.* Cama simples e rústica, feita com estrutura de madeira ou metal e base de lona, tiras de couro ou ripas, usada em ambientes modestos, provisórios ou antigos.

*Quando cheguei ao sobradinho, sempre calado, todavia pensando muito, fui direto para o quarto, onde me deitei no **catre** forrado de pele de carneiro, e preguei os olhos no telhado da telha vã.* (RDM [1993], p. 141).

Casa de telha vã *loc. sub.* Moradia caracterizada por ter o telhado exposto, sem forro ou cobertura adicional que oculte a estrutura das telhas. A expressão refere-se especialmente a construções onde se vê o telhado tanto do interior quanto do exterior, sendo comum em edificações com telhado de platibanda.

*Era ela, a senhora da Roça, moradora de **casa de telha-vã** e chão de tijolos, que eu tinha agora à minha frente, sentada numa poltrona de cetim, os pés descansados na maciez franjada de um tapete, e o reposteiro a cair lhe majestaticamente por trás.* (DBM [2009], p. 47).

Cascalhão *s. m.* Massa de cascalho processada com o auxílio das águas pluviais.

*— O pior é que o patrão nos arranjou uns bruaqueiros que só fazem atrasar o serviço. Agente tem de explicar tudo. Eles não entendem patavina de **casca-lhão**.* (CAS [2011], p. 58).

Casco *s. m.* Recipiente ou vasilhame para conteúdos líquidos.

E, no que disse, botou em cima do balcão, como se emborcasse uma sineta, o

***casco** da meia garrafa que trazia preso ao dedo por uma alça de barbante no gargalo.* (RDM [1993], p. 88).

Casquinar *v.* Rir de forma sarcástica ou zombadora.

*Não se impressione com o nosso amigo. O Carreiro é um almirante à moderna. É um bom homem de Paquetá, que navega em mares de veraneio. E o Vilela, **casquinando** um último riso, a enxugar uma lágrima no canto do olho: — Foi um destempero!* (DBM [2009], p. 214).

Cavalo *s. m.* Homem que é considerado bem dotado sexualmente, em relação ao tamanho do órgão sexual.

*— Aquele crioulo que você me arrumou é um **cavalo** — Maria disse, mexendo displicentemente o café. — Mas paga bem — ponderou Edite. E, num zelo curioso: — Ele pagou bem a você? — Pagou sim. Pagou aliás muito bem. Assim mesmo eu só deixei ele meter um pedaço daquele pau de **cavalo**. Ele chiou, mas teve que se conformar. A estro-venga dele ficou quase toda do lado de fora.* (APO [1996], p. 212).

Cavaqueira *s. f.* Conversa animada e informal; bate-papo descontraído.

*A verve, o espírito de Filhagosa, reunidos ao grande, íntimo conhecimento que ele, somente ele, deveria ter de muitos episódios vividos no estrangeiro por tio Marcelino, de quem fora parceiro de andanças pelo mundo — tudo isso reclamava, sem dúvida, um contacto directo, no correr de boa **cavaqueira**, com os assuntos puxando assuntos, e as idéias a associarem-se no desenrolar improvisto da conversa.* (DBM [2009], p. 207).

Caxumba *s. f.* Doença infecciosa aguda, também conhecida como parotidite epidêmica, causada por vírus, que provoca o inchaço das glândulas salivares, especialmente as parótidas, localizadas abaixo das orelhas.

*Em suma, eu era então um menino, um ingênuo menino, e não tinha noção de nenhuma doença — exceto uma **ca-xumba** que me prendera por alguns dias em casa, em Andaraí.* (DBM [2009], p. 238).

Cepo *s. m.* Bloco de madeira grosso e pesado, usados como suporte para açougue, carpintaria ou como assento. *Entraram num pequeno cômodo de chão batido, iluminado por um fifó, cuja luz incidia sobre duas ou três esteiras enroladas (ao lado das quais deitado um cachorro) e sobre um velho toro de cedro chanfrado nas extremidades — um **cepo**, alguma coisa que podia servir de assento.* (ALM [1965], p. 19).

Cerca mineira *loc. sub.* Cerca resistente e de longa durabilidade, construída para enfrentar condições adversas, como enchentes e alta umidade, oferecendo maior proteção e reduzindo os custos com manutenção. *Tudo em silêncio. Um mamoeiro florava atrás da **cerca mineira** erigida nas varas de camboatá.* (ALM [1965], p. 51).

Cerca-de-porco *s. f.* Cerca rústica ou improvisada, feita de madeira, galhos, estacas ou outros materiais simples, usada para conter porcos ou proteger áreas agrícolas no meio rural. *Jenner e Ricardo contornaram a **cerca-de-porco**, construída de pau-a-pique, na demarcação da área cultivada. Presentindo-os, um cachorro pôs-se a latir do outro lado da porteira, e logo mais três vieram juntar-se-lhes, em hostil algazarra.* (ALM [1965], p. 155).

Cerdoso *adj.* Refere-se aqueles que têm pelos grossos e duros no corpo ou rosto (como cerdas). *No avivar de tão incômoda lembrança, Ricardo só desejava retirar-se dali da sala, e da própria mata, o mais depressa possível. Mas ainda lhe ocorreu um irrefletido sentimento de curiosidade:*

*onde andava Maria? Súbito, num ódio àquele homenzarrão **cerdoso**, saiu e foi buscar os animais.* (ALM [1965], p. 171).

Ceroula de valença *loc. sub.* Roupa íntima masculina, cobrindo da cintura até o tornozelo.

*Como não havia no pequeno cômodo enfumaçado, com uma esteira velha enrolada no canto e uma **ceroula de valença** pendurada na parede, nenhum caixão para sentar-se, Filó puxou as calças para cima e "Êta, que o reumatismo quer me pegar!" — ficou de cócoras junto à porta, empurrando o chapéu para trás.* (CAS [2011], p. 187).

Cervejota *s. f.* Forma de se referir à cerveja.

*Terminada a sua exibição (palmas, palmas, palmas, agradecimentos do chapéu de palha acenando), Léo Villar foi tomar a sua **cervejota** ao pé do estrado da orquestra, na mesa que lhe era destinada.* (APO [1996], p. 282).

Cicerone *s. m.* Pessoa que acompanha e orienta visitantes em passeios turísticos, museus, cidades; guia turístico.

*Meu tio não falava o polonês, segundo me informou o Professor Costa Pereira; o senhor, acaso, fala? Ou tiveram de admitir um **cicerone**? Num cartão-postal endereçado à minha mãe, e hoje em meu poder, dizia meu tio que ouvira, na véspera, no Scala, cantar o Tita Ruffo.* (DBM [2009], p. 208).

Cilha *s. f.* Tira de pano ou de couro com que se aperta a sela ou a carga por baixo do ventre das cavalgadas.

— *Não precisava apertar as **cilhas** — observou Manoel João. — Você sabe que é perto. A não ser que o patrão queira ir montado.* (ALM [1965], p. 17).

Cipó reimoso *s. m.* Nome popular atribuído a determinados tipos de cipó que,

segundo a sabedoria popular ou a medicina tradicional, seriam "reimosos" — ou seja, potencialmente prejudiciais para a saúde, em pessoas com feridas, pós-operadas, gestantes ou convalescentes.

— *Ultimamente alguns pauzeiros começaram a aparecer com essas feridas. Não entendo. Eles dizem que é um cipó reimoso que tem aqui na mat. Pegam uma arranhadura no serviço, e a arranhadura vira logo uma chaga.* (ALM [1965], p. 183).

Chacota *s. f.* Ato de ridicularizar alguém, de maneira cruel ou humorística.

— *Bem que me disseram uma vez que aquele mulato era chuparino — tomou Edite. — Agora ele vai sumir daqui por uns tempos. Chuparino é assim. Aparece faz a porcaria dele, e vai bater em outra porta, com vergonha da chacota.* (APO [1996], p. 203).

Chagrin *s. m.* Variedade de couro granulado (chagrém), obtido a partir da pele de jumento, cavalo ou caprino.

Camisa de seda finíssima, roupa de linho H.J. muito bem engomada, de meias e chinelos "chagrin" acolchoados, chapéu-chile de copa alta, seu Teotônio acabava de resolver um caso ocorrido em sua serra. Por trás da mesa — um grande cofre. Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. Mas as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperezas das do antigo garimpeiro bafejado pela sorte. (CAS [2011], p. 64).

Chalaça *s. f.* Brincadeira espirituosa; pilhéria; troça divertida.

la assim o velho capataz morar em casa de branco (como na chalaça se dizia entre os trabalhadores), com um conforto que nunca teve, embora houvesse morado muito tempo no sobradinho. (RDM [1993], p. 274).

Chalacear *v.* Brincar com palavras, fazer chalaças, ou seja, gracejar, zombar, dizer coisas jocosas ou irônicas, com intenção de divertir ou ridicularizar alguém.

— *Vamos, negro preto! — chalaceou Abubakir — Força! Segure o saco direito! E soltando uma ruidosa gargalhada: — Êta, negro frouxo! Habitado àquelas expansões do patrão, o próprio Chucho riu, e com ele os demais pauzeiros.* (ALM [1965], p. 170).

Chaleira *s. f.* Vasilha com tampa e bico, de metal, usada para ferver água ou outros líquidos.

Só que o banho quente tinha de ser preparado com a chaleira de água fervente trazida da cozinha. Almocei e saí com Casaltino, no rumo de mim mesmo. (RDM [1993], p. 77).

Chamejar *v.* Expressar emoção intensa através do olhar ou de gestos; manifestar forte sentimento.

— *Então a senhora acha que Deus me botou no mundo pra ser mulher da vida? Num impulso, os olhos chamejando terror na face trêmula, a doente ergueu esbracejante as magras mãos em garra: — Cala a boca! Cala boca desgraçada! Você está blasfemando! Bata na boca e peça perdão a Deus!* (ALM [1965], p. 147).

Chapéu-chile *s. m.* Chapéu masculino feito com fibras finas trançadas de palha flexível.

Camisa de seda finíssima, roupa de linho H.J. muito bem engomada, de meias e chinelos "chagrin" acolchoados, chapéu-chile de copa alta, seu Teotônio acabava de resolver um caso ocorrido em sua serra. Por trás da mesa — um grande cofre. Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. Mas as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperezas das do

antigo garimpeiro bafejado pela sorte. (CAS [2011], p. 64).

Chapéu-de-frade *s. m.* Espécie de cacto nativo da Caatinga, também conhecido como cabeça-de-frade.

E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo, fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com as três-folhas, o canapu, a neve, com o chapéu-de-frade e a sempre-viva-da-serra, guarneecendo o flanco acidentado dos rebaixos. (CAS [2011], p. 96).

Charrua *s. f.* Arado grande e resistente, de ferro, com uma ou mais lâminas, usado para lavar a terra com maior profundidade do que o arado comum.

E repetia-lhe a frase que, muitos anos depois, evocada como sendo a mais característica do bom Pessanha, na sua romântica paixão ruralista, ainda fazia rir João Félix e Vilela: — Nasceu para viver no campo, de peito ao vento, empurrando a charrua. Absorvido no seu jardim, tio Marcelino, a não ser nos sábados e domingos, somente à noite recebia os amigos. (DBM [2009], p. 93).

Chave de destrancar dificuldade *exp. pop.* Designa dinheiro como instrumento de resolver problemas práticos e sociais.

Em meio aos rumores da noite — as gargalhadas das mulheres se confundiam com os sons dispersos da tocata da novena. Filó experimentou, de súbito, uma alegria animal. Bateu no bolso onde guardara o dinheiro e disse: — Isto aqui é a chave de destrancar dificuldade. Vamos embora sócio! (CAS [2011], p. 242).

Cheia *s. f.* Aumento temporário do volume de água em um curso d'água (rio ou riacho), causado por chuvas intensas, que fazem o nível da água subir além do normal.

Atravessei a ponte, a velha ponte que umas robustas pilastras carregavam nas costas cruzando com elas nas costas o rio: rio Gorgulho, que escasso d'água só enchia mesmo nas cheias. (RDM [1993], p. 21).

Cheia de Santa Luzia *loc. sub.* Elevação rápida, sazonal ou inesperada do nível de um curso de água, ocorrendo no mês de dezembro.

Durante o período das chuvas, que se prolongava, com intervalos variáveis, de princípios de novembro a fins de março, os garimpeiros eram obrigados a suspender todos os cateamentos. Vinha a cheia de Santa Luzia, batiam em retirada para os cascalhões, serviços que eram trabalhados com o aproveitamento das águas nos regos e nas corridas. (CAS [2011], p. 17).

Chiar *v.* Produzir som agudo e estridente, como o barulho feito por algo que range, assobia ou está sob atrito.

Quando dei por mim, e com surpresa e horror de mim, estava em verdade como um animal, o jumento reprodutor trazido do sertão para a fazenda, enrabando com firmeza selvagem Abelardo, enquanto ele gemia e chiava, e soltava às vezes uns pequenos gritos de dor. (RDM [1993], p. 548, 549).

Chinó *s. m.* Cabelo postiço; peruca.

E elas me vinham à lembrança no que tinham de mais característico: lânguidas mulheres com diademas, cavaleiros de calções e chinó, vultos esquivos de geishas, trovadores debruçados em bandolins, homens vestidos de palhaço, tudo isso a retratar o estranho mundo canoro da ópera, a que não faltava o sinistro Mefistófeles, na fantasia divulgada em certo carnaval de Andaraí, pelo escritor da Coletoria Federal, num baile de máscaras realizado no Cinema Sempre-Viva. (DBM [2009], p. 80).

Chita *s. f.* Tecido de algodão, estampado com cores vivas e florais, usado tradicionalmente para roupas simples, colchas, toalhas de mesa e enfeites populares.

Recolhendo da trouxa uma garrafa e um mamão maduro, Maria correu para o pátio, a chita do vestido realçando-lhe o viço de umas formas harmoniosas. (ALM [1965], p. 142).

Chocolateira *s. f.* Recipiente utilizado para aquecer água e preparar café.

E, conservando-se sentado à espera do café, como se lhe fosse impossível tomar outra atitude com resultado, viu Vitalina de novo desaparecer na cozinha, de onde vinha agora o ruído da água fervendo na chocolateira. (CAS [2011], p. 247).

Chofre *s. m.* Expressão que significa de repente, inesperadamente, bruscamente. É uma forma mais antiga ou literária de indicar algo que ocorre de modo súbito, sem aviso prévio.

Aquela história, lançada assim de chofre, pelo menos no primeiro momento, não me pareceu descabida. Talvez Pessanha tivesse razão. (DBM [2009], p. 241).

Chorrilho *s. m.* Série ou sucessão contínua e exagerada de palavras, muitas vezes com tom negativo.

Em meio a esse chorrilho de informações miúdas, lembro-me que, em dado momento, tia Edite me perguntou de chofre: — Sua mãe gosta muito de mim, mesmo? — Gosta, sim senhora. (DBM [2009], p. 51).

Chuchada *s. f.* Pontadas, fsgadas ou dores súbitas e intensas que a ferida provoca.

— Minha ferida está piorando cada vez mais, patrão — retrucou o doente, enquanto repassava de leve os dedos sobre o pano escuramente úmido de sangue e pus que lhe cobria a enfermidade.

— Coça como o diabo, e dá cada chuchada danada. (ALM [1965], p. 181).

Chuparino *s. m.* Forma vulgar de se referir ao ato do sexo oral.

— Ah, Edite, quando apaguei a luz, o homem caiu de boca em cima de minhas coxas, enfiou a cara pelo meu entrepernas, e começou a me lamber, a me chupar. Foi horrível. Eu até me assustei. [...] — Bem que me disseram uma vez que aquele mulato era chuparino — tomou Edite. — Agora ele vai sumir daqui por uns tempos. Chuparino é assim. Aparece faz a porcaria dele, e vai bater em outra porta, com vergonha da chacota. (APO [1996], p. 203).

Clavinote *s. m.* Tipo de espingarda, antiga ou artesanal, usada para caça.

Bateu com a mão na coronha: — Tenho este clavinote particular, encanichado, que foi do meu pai. (ALM [1965], p. 80).

Coalhada *s. f.* Produto lácteo resultante da coagulação do leite, obtido de forma natural ou por meio da adição de coalho ou de fermentos lácteos. É espesso, branco e levemente ácido.

E com o leite vai também poder fazer queijo, requeijão, coalhada... Ah, e a carne? É só pegar uma vaca e mandar matar, e vai ter carne para a semana inteira. (RDM [1993], p. 93).

Cobertor dorme-bem *s. m.* Cobertor espesso e felpudo, feito de lã ou algodão.

De súbito, lançando os olhos para a cama armada no outro lado do cômodo, com um cobertor dorme-bem dobrado sobre um par de travesseiros de capim — um sentimento de amarga ternura obrigou-o a lembrar-se, com melancolia, de um fato que se lhe apresentava como uma espécie de injustiça: desde que chegara a Andaraí só estivera com mulheres debaixo das pontes, nos fundos dos quintais e atrás das pedras —

os dois se entregando ao relento corno animais. (CAS [2011], p. 248).

Cobre *s. m.* Forma popular e antiga de se referir a dinheiro; moedas. O termo vem do tempo em que muitas moedas eram feitas de cobre, metal mais comum e de menor valor em relação à prata e ao ouro.

Mas não pode mais cortar árvores. Faz colheres de pau, gamelas, carumbés, e manda vender na feira em Andaraí. Com isso ele arranja uns cobres, vai vivendo. É homem do trabalho. Outro no lugar dele, estava pedindo esmola. (ALM [1965], p. 181).

Cobrir *v.* Ato de um macho acasalar com uma fêmea, geralmente no sentido de fecundar ou copular.

E Otacílio, sorrindo por todo o seu sorridente rosto de dentes brancos, me explicou então que o jumento, no que viu a primeira égua disponível, “desembainhou a espada e foi à luta”, o que queria dizer que o jumento reprodutor estreara sem tardança na fazenda, cobrindo devidamente a primeira égua que passou perto dele. (RDM [1993], p. 536).

Côcho *s. m.* Recipiente comprido e raso, feito de madeira, cimento ou metal, utilizado para colocar alimento ou água para animais. Comum em ambientes rurais e fazendas.

Manoel João pôs em cima do côcho o cambão das traíras e a gamela que trouxera na cabeça. (ALM [1965], p. 52).

Cocá *s. m.* Variedade de cascalho encontrado em associação com o diamante.

— *Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhou pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de*

ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola! (CAS [2011], p. 42).

Côco *s. m.* Gênero musical popular nordestino, marcado por ritmo acelerado, versos cantados em forma de desafio ou improvisado, e forte presença de percussão.

Era a mesma construção de paredes de estuque conhecida de Ricardo em outros tempos, quando anda campeava o vaqueiro Jado, cantador de côco e amansador de burro bravo. (ALM [1965], p. 100).

Cocuruto *s. m.* Ave de partes superiores cinzento-oliváceas, topete com faixa branca oculta no centro, asas marcadas por duas listras esbranquiçadas e barriga amarelada. Também conhecida como cocurutado, guracava, maria-besta, maria-já-é-dia.

Foi quando se ouviu um tiro. Ecoou demoradamente na serra, quebrando o silêncio da noite que caía — com os grilos cantando, e os tico-ticos e os cocurutos se recolhendo aos ninhos construídos nas rochas e nos galhos de gameleiras, e com o vento agitando as moitas de capim-pubo defronte das lapas. (CAS [2011], p. 102).

Coisa feia *loc. sub.* Expressão usada para qualificar negativamente uma ação, comportamento ou assunto, muitas vezes com base em juízos morais, culturais ou religiosos.

No escuro do confessionário, com voz cochichada e ansiosa, o padre Farias (segundo ouvia os colegas contarem) perguntava se eles tinham feito muitas vezes coisa feia, se isso lhes davam mesmo prazer, em que pensavam eles enquanto se masturbavam, e se já tinham crescida a coisa, ou se ela ainda era pequena. (RDM [1993], p. 46).

Colchão de arasto *s. m.* Esteira feita de palha trançada.

Nem todos os garimpeiros tinham esteiras — “colchões de arasto”, como diziam — para cobrir o lastro de varas das camas, nem cobertores, com exceção de Agenor e Neco, que possuíam uns pequenos, quadrados, que mal lhes chegavam até o peito — uns cobertores muito ordinários, de madapolão, a que chamavam “desaperta-puta”. (CAS [2011], p. 107).

Colchão de macela *loc. sub* Colchão artesanal recheado com folhas secas da planta macela, também conhecida como marcela (*Achyrocline satureioides*), usado em regiões rurais. A planta, de aroma suave e propriedades calmantes, era muito utilizada em práticas da medicina popular.

— *Aqui é o seu quarto — disse-me tia Edite. Fiquei perturbado com a revelação. Menino de Andaraí, criado no velho sobrado de meus pais, onde tudo era tão simples, desde os bancos de madeira lavrada da mesa de jantar às cadeiras de palhinha da sala de visitas - como poderia eu, habituado à minha cama de ferro, de colchão de macela, instalar-me de chofre daquele luxo? (DBM [2009], p. 45).*

Colher-de-pau *adj.* Refere-se a pessoa habilidosa na cozinha, com conhecimento aprofundado em culinária.

Andavam em passo regular, e enquanto andavam comentavam o trabalho que tinham feito durante os últimos dias (havendo sempre alguém para se queixar do cascalho, que só dava no bagajudo), trocavam impressões sobre alguma mulher do cabaré de felícia, falavam da negra Bataclã, boa fêmea, mas também uma colher-de-pau de primeira, em cuja casa haviam comido uma moqueca de surubim no sábado anterior, depois de urna farra que acabara de madrugada. (CAS [2011], p. 209).

Comblain *s. f.* Arma de fogo, espingarda; combleia, carabina.

— *Apanhe o fuzil que está lá dentro do quarto, Miguel — ordenou o delegado. E traga também aquela “comblain” que está atrás da porta. (CAS [2011], p. 148).*

Combléia *s. f.* Pistola de dois canos de carregamento manual, também conhecida como garrucha.

Nos barulho do Coxó/ Briga até as lagartixa/ Os calangos de combléia/ E elas de manulicha ... (CAS [2011], p. 50).

Comboiada *adj.* Refere-se ao que foi conduzido ou acompanhado em movimento.

Atravessei a ponte, a velha ponte que umas robustas pilastras carregavam nas costas cruzando com elas nas costas o rio: rio Gorgulho, que escasso d’água só enchia mesmo nas cheias. Ou enchentes. Enchentes ruidosamente comboiadas pelas grandes chuvas, que botando o mundo abaixo desabavam de supetão nas cabeceiras. (RDM [1993], p. 21).

Comboiar *v.* Acompanhar, seguir ou guiar algo ou alguém, normalmente com a ideia de proteger ou dar suporte durante uma jornada ou deslocamento.

Não havia nada igual. Maciel e Morival (eram os nomes dos meus dois companheiros) racharam comigo a cerveja, e com esse racha se foi quase todo o meu dinheiro. Fomos comboiando as mulheres pelo corredor que dava acesso aos quartos da pensão. (RDM [1993], p. 58).

Comer com os olhos *loc. verb.* Desejar intensamente algo apenas ao olhar.

— *Me empurrou pra dançar com Mululu, quase me empurra pra dançar com um crioulo do cabelo espichado que tava lá me comendo com os olhos, e que Mululu disse que era um estudante que tocava piano, e tudo isso com a cara mais limpa, que nem parecia a do*

homem que me dera de presente um broche de brilhante e que tinha saído pra festejar comigo o primeiro aniversário da data que a gente se conheceu. (APO [1996], p. 291).

Comutador *s. m.* Dispositivo que permite interromper, inverter ou transferir a direção de uma corrente elétrica entre circuitos.

Tia Edite levou-me em seguida ao quarto. — Vista o pijama - disse, torcendo o comutador de luz. — A arrumadeira está passando uns dias na casa da mãe dela. Volto já, para fazer sua cama. (DBM [2009], p. 84).

Conspurcar *v.* Tornar impuro; sujar; manchar, tanto no sentido literal quanto figurado.

Não ia eu agora, se por um milagre me transformasse em romancista, conspurcar a memória de meu tio, abastardando os fatos da sua vida numa obra de ficção. Ele reclamava a moldura mais nobre e digna da biografia. (DBM [2009], p. 253).

Contra a sorte só mesmo a morte *exp. pop.* Expressão figurada para expressar que somente a morte é capaz de interromper a boa fortuna, a prosperidade de alguém.

Como não devia ser o chalé nos dias de riqueza de seu Durães — corno não devia ser?! Agora era um casarão abandonado, que o cel. Germano comprara com o único fim de demolir, para aproveitar o material numa outra construção. “Contra a sorte só mesmo a morte” — dizia Silvério consigo próprio. E com a história do capangueiro na cabeça, voltou-lhe, de repente, dissimulado na necessidade de ganhar dinheiro, o obstinado sentimento de cobiça na meia-praça. (CAS [2011], p. 85).

Contramarco *s. m.* Estrutura de madeira instalada no vão de uma parede, des-

tinada a receber o marco (ou caixilho) de uma porta ou janela.

*As linhas impressas, encimado o texto manuscrito, deixavam entrever de um mundo de serras vorazes e guinchantes, a transformar florestas em barrotes e rodapés, caibros e soalhos, forros e vigamentos, cornijas, molduras, ripas, ripões, marcos e **contramarcos** — com “presteza e perfeição”. (ALM [1965], p. 105).*

Comprar a preço de banana *exp. verb.* Adquirir algo por um valor muito baixo, do seu preço real ou de mercado.

— Bem, como você sabe, elas pertencem hoje a Cesaltino. — Cesaltino comprou aquilo a preço de banana. Será que ele está querendo empurrar aquele carrascal pra cima de você? (RDM [1993], p. 302).

Coradouro *s. m.* Espaço ao ar livre destinado a estender roupas recém-lavadas.

E os dois desceram a ladeira com destino ao cabaré de Felícia. Do outro lado do rio — a cidade era um coradouro imenso, com a lua estendendo lençóis nos oitões caiados. (CAS [2011], p. 68).

Coral *s. f.* Serpente venenosa de tamanho variável, com corpo colorido, exibindo anéis vermelhos, preto e amarelo. *Sobre as lajes onde firmavam os pés descalços, enquanto andavam se punham de sobreaviso, pois, em semelhantes locais, aproveitando-se da sombra e da umidade, não raro se ocultavam cobras sob os tufo de capim — a coral, e sobretudo a não menos venenosa cabeça-de-patrona.* (CAS [2011], p. 212).

Cordão *s. m.* Grupo de foliões que acompanha um trio elétrico ou banda a pé, organizado de maneira mais simples do que um bloco, podendo ter abadás ou não.

De noite ia ter ensaio do cordão dos Pierrôs, o mais famoso dos seis ou oito

cordões que desfilavam na micareta, que era por excelência o carnaval de Rio dos Morcegos. (RDM [1993], p. 329).

Cordoalha *s. f.* Conjunto de cipós entrelaçados ou trançados. Os animais começaram a subir uma rampa tortuosa e íngremes. Foi-se fechando a mata: a ramagem densa ensombrava o chão recoberto de ervas e arbustos, e a brenha investia súbita contra o caminho, as árvores irrompendo, desordenadamente e múltiplas. Pendiam delas, entrelaçando-as **cordoalhas** de fibrosos cipós. (ALM [1965], p. 63).

Cornija *s. f.* Qualquer tipo de moldura ou friso projetado para fora da superfície, com fins decorativos ou funcionais. As linhas impressas, encimado o texto manuscrito, deixavam entrever de um mundo de serras vorazes e guinchantes, a transformar florestas em barrotes e rodapés, caibros e soalhos, forros e vigamentos, **cornijas**, molduras, ripas, ripões, marcos e contramarcos — com “presteza e perfeição”. (ALM [1965], p. 105).

Coroa-de-cristo *s. f.* Nome popular de uma planta ornamental, pertencente à família das *euforbiáceas*. É caracterizada por seus ramos espinhosos, folhas pequenas e flores vermelhas, rosadas ou amarelas. O nome vem da semelhança dos espinhos da planta com a coroa de espinhos usada por Jesus Cristo, segundo a tradição cristã. Chegara à encruzilhada. A mata reben-tava numa floração agreste e vária — flores lilases, azuis, brancas e amarelas. As vermelhas recobriam uma touceira de **coroas-de-cristo** e nela parecia sangrar: surdia-lhe dentre os espinhos a corcova de um murundu, como se o chão, acaso ferido, tivesse sofrido uma súbita contração de dor. (ALM [1965], p. 80, 81).

Costal *s. m.* Saco de grandes dimensões, feito de material resistente, utilizado para acondicionar e transportar mantimentos, frutas, ou outros produtos sobre o lombo de animais de carga.

Nesse momento, um negro alto, tangendo um jumento carregado com um **costal** de abóboras e outro de melancias, foi passando em frente ao rancho. (ALM [1965], p. 58).

Corujismo *s. m.* Refere-se a mãe extremamente protetora e cuidadosa com seus filhos, de forma exagerada ou excessiva.

E as freguesas, encantadas com a menina, incitavam com singelo gabo o **corujismo** da costureira: — Sua xará tá mesmo uma belezinha, Ricardina. Que coisa mais linda essa menina, benza-a Deus! (APO [1996], p. 125).

Coqui *s. m.* Ave passeriforme conhecido também como pássaro-preto ou graúna.

— Acorda, Neco, que os **coquis** já estão cantando — era a voz de Filó que vinha do outro compartimento. (CAS [2011], p. 122).

Costela *adj.* Refere-se para aludir a mulher ou esposa.

— De qualquer maneira — conveio Neco — ele passa melhor do que a gente. Tem a sua **costela** certa toda noite, o seu pé-de-tabaqueira que não falha. (CAS [2011], p. 217).

Coxó *s. m.* Povoado situado em Seabra, na Bahia, anteriormente conhecido como Cochó do Malheiro.

Haviam lutado juntos nos barulhos do **Coxó**, mas sempre lhe votara grande antipatia. Não porque tivesse medo dele; não. Não tinha medo dele. Era homem para enfrentar dois Zé de Peixoto. (CAS [2011], p. 40).

Coxinilho *s. m.* Tecido de lã, grosso e macio, que os cavaleiros põem sobre o arreio para sua maior comodidade.

Em pouco, estávamos prontos para partir. Havia á minha espera um cavalo, que Cesaltino louvou como sendo muito bom de sela, enquanto subia para a sua esplêndida mula viageira, em cujos arreios branqueja um felpudo coxinilho. (RDM [1993], p. 127).

Crispação *s. f.* Ação ou efeito de crispar, ou seja, contrair ou enrugar algo, de forma involuntária, como ocorre com os músculos do rosto ou das mãos em momentos de dor, tensão ou emoção intensa.

E aludiu, com indisfarçável melancolia, à consumação total do seu querido Ate-neu Baiano. Fechado o estabelecimento, Serra Vale, o senhorio, vendera o prédio a uma empresa imobiliária, que o demoliu, para construir no local "um desses edifícios de apartamentos agora tão em moda". Os olhos baixos, o rosto numa crispação de tristeza, o velho mestre queixava-se: — Foi-se-me o educandário, meu filho! (DBM [2009, p. 36).

Crivo *s. m.* Utensílio semelhante a uma peneira de fundo perfurado utilizado para separar fragmentos, grãos, pedras preciosas e similares, conforme o volume e a espessura. Também conhecido como joeira.

Os dois transpuseram um pequeno pátio interno e deram entrada no escritório — uma sala mobiliada com quatro cadeiras e um birô meticulosamente arrumado, com picuás, crivos, lentes e balanças granatárias em cima. (CAS [2011], p. 140).

Cuia *s. f.* Recipiente feito do fruto seco e oco do cuieiro (*Crescentia cujete*) ou da cabaça (*Lagenaria siceraria*), utilizado para armazenar e servir algum tipo de alimento.

Sem dar tempo a que Jenner respondesse, voltou ao interior do rancho, de lá retornando com uma gamela de jerimum cozido e uma cuia de farinha. (ALM [1965], p. 39).

Culote *s. m.* Peça de vestuário ajustada às pernas, usada por militares ou cavaleiros.

Um desconhecido cruzava agora aquelas paragens: Jenner. De casaco e culote de brim cáqui, chapéu de abas largas, e coturnos conservava-se atento à mata que se descortinava além dos marimbus. Parecia ignorar a presença do canoeiro. (ALM [1965], p. 11).

Cumbá *s. m.* Peixe de corpo alongado, com cabeça e focinho compridos e boca larga, amplamente distribuído nos rios brasileiros.

Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, pirás, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavалares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe. (CAS [2011], p. 91).

Cumbuca *s. f.* Recipiente pequeno, feito de madeira ou cabaça utilizado para armazenar ou servir alimentos.

Nos dias de feira, transitavam pelo local os roceiros vizinhos, com as suas quartas de farinha, os seus mercados de peixe e cumbuca de mel, e só a noitinha retornavam, depois de terem realizado na cidade as transações semanais. (ALM [1965], p. 10, 11).

Cunha de marreta *loc. sub.* Ferramenta de ferro com extremidade em ângulo agudo, usada para quebrar pedras. Também conhecida como marreta com cunha.

Sem tardar, foram trazidos à presença do coronel um ralo, uma cunha de

marreta, um marrão, duas brocas, um socador de broca, e uma alavanca de 30 quilos. — Êh, pode deixar tudo aí, êh, êh! — foi dizendo o coronel. — Quando você arranjar os 90 mil-réis, pode vir buscar sua ferramenta. (CAS [2011], p. 36).

Curador *s. m.* Pessoa que exerce práticas tradicionais de cura, utilizando rezas, benzeduras, plantas medicinais, simpatias ou rituais, sem formação médica acadêmica, mas com saberes transmitidos oralmente ou pela experiência.

— A senhora melhorou, mãe? Ontem de tarde eu fui na casa de Seu Abelardo **curador**. Fiz uma consulta pra senhora. Olha aqui: este mamão é pra senhora comer serenado. Deixe ele hoje do lado de fora, no sereno, a noite inteira, e de madrugada a senhora come ele, antes do sol nascer. (ALM [1965], p. 143).

Cura-facada *s. f.* Planta medicinal nativa da Chapada Diamantina-Ba, utilizada no tratamento de inflamações e na cicatrização.

Filó banhava em silêncio o talho que dera no pé. Para isso, fizera um cozi-mento com alguns pés de **cura-facada**. (CAS [2011], p. 114).

Curau *adj.* Refere-se aquele que demonstra inexperiência ou se comporta como novato.

— Não vá me trazer nenhum **curau** — observou. — Não. Ele é novato aqui mas é muito bom de serviço — explicou o outro. Salu já garimpou com ele e me disse. A luz do candeeiro alumiava frouxamente o cômodo exíguo. Zé de Peixoto palitava os dentes com um pau de fósforo. Peba debruçou-se no balcão. (CAS [2011], p. 66).

Curimatã *s. m.* Denominação comum para peixes *teleósteos*, amplamente encontrado nos rios brasileiros. Também

conhecido como curimba curimatá, grumatá.

Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, **curimatãs**, pirás, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavalares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe. (CAS [2011], p. 91).

Dd

Dar linha *loc. verb.* Soltar ou liberar algo gradualmente, como ao desenrolar um carretel de linha.

Quando o boi vê aquele trem agarrado nele, mete os tampos por dentro da mata, como de coisa que estivesse correndo na ponta de um laço. E o sucuiuiú vai dando linha, dando linha, dando linha, até desenrolar todo. Fica esticado no ar feito uma corda. De repente ele escora o boi — e não adianta o boi fazer finca-pé: acaba caindo dos quartos. (ALM [1965], p. 45).

Dar mais que chuchu na cerca *loc. verb.* Existir em grande quantidade; multiplicar-se com facilidade; aparecer ou fazer em excesso.

— *Por falar nisso companheiro, Maria Corumba tá dando mais que chuchu na cerca — disse Arigo. — Eu acho que só mesmo você, embora sendo tão amigo dela, ainda não lhe chegou o ferro. — Não destrata a minha amiga — Barletta pediu. — Maria é mulher cara, uma mulher de preço, gosta muito de dinheiro, tá no papel dela, e sabe se impor.* (APO [1996], p. 210).

Dar murro em ponta de faca *loc. verb.* Insistir teimosamente em algo sabidamente inútil ou impossível de resolver; persistir em uma situação desgastante sem obter resultado.

— *Viver nas Piranhas é pior do que ser escravo. O dinheiro lá corre frouxo, é verdade, mas volta e meia um garimpeiro está indo para o tronco.*

— *Vocês estão perdendo tempo. Estão dando murro em faca de ponta. — Só mesmo nas Piranhas pra se ver nos dias de hoje uma calamidade destas: um tronco no meio da rua, com os presos*

peados como porcos. (CAS [2011], p. 212).

Datilógrafo *s. m.* Pessoa que trabalha escrevendo à máquina de escrever ou digitando textos, como profissão.

O datilógrafo, um rapaz gordo e de óculos, a quem me dirigira, silenciou a máquina de escrever, e olhou-me de modo enigmático, como a pedir-me que lhe repetisse a pergunta, mal entendida no inopinado daquela interrupção. (DBM [2009], p. 167).

De cor e salteado *loc. adv.* Saber algo de memória, com perfeição, sem erros, com ênfase na familiaridade ou repetição constante que permite a lembrança exata.

Minha mãe sabia de cor e salteado que eu não estava interessado no emprego, não queria discutir isso. Tudo que me pedia era que eu desse ao prefeito uma resposta, como de resto eu prometera. (RDM [1993], p. 61, 62).

Debelar *v.* Vencer, dominar, subjugar; usado para indicar que algo foi controlado ou derrotado, no sentido de conter um mal, uma doença, um conflito ou uma ameaça.

Admitiu, porém, que algo muito sério acometera tio Marcelino. Estava ele, naquela época, segundo as palavras do Costa, "sob suspeita de demência progressiva, mas o Freire já havia tomado todas as medidas para debelar o mal". (DBM [2009], p. 238).

Debruado *adj.* Que tem debrum (uma borda ou acabamento).

Ao darmos entrada na praça do Rosário da Virgem, avistamos na extremidade direita, marcada com um lampião na

*esquina, a casa de pó de pedra, de porta e janela, com platibanda **debruado** de branco, o cabaré de Felícia, quer dizer, o Circo.* (RDM [1993], p. 208).

Debruar v. Inclinar-se sobre algo, geralmente de maneira física ou figurada. Pode ser usado para descrever o ato de curvar-se ou inclinar-se para frente.

*Em casa Maria Corumba se mostrara arredia, calada, ora fazendo na varanda dos fundos, o seu crochê, ora remendando alguma peça de roupa (agora estava remendando a toalha de mesa de algodãozinho, que um dia, em melhores tempos **debruara** com uma bainya de linha vermelha).* (APO [1996], p. 97).

Dedo na regada exp. pop. Expressão de uso popular e regional, com conotação sexual ou deboche, frequentemente usada para indicar envolvimento íntimo, ação ousada, atrevimento ou insinuação maliciosa.

*Bastava o homem corre-lhe o “**dedo na regada**”, que ela ia logo abrindo as pernas. E aconselhava o sargento: se o homem quer ter a seu lado uma mulher virtuosa, trate de conservá-la longe (ou o menos perto possível) de outro homem. Senão triscou, pegou.* (APO [1996], p. 53).

Deflorar v. Fazer perder ou perder a virgindade, desvirginar.

*Nas últimas três semanas, estava assim a São Pedro vivendo dias de grande movimento, com boa parte da produção de carbonatos do município se escoando através das transações intensificadas do coronel. Agora já não eram as costumeiras visitas de gente que vinha solicitar favores, tecer intrigas ou apresentar queixas — pedir providências contra algum sujeito que havia **deflorado** uma moça e não queria casar, contra um vizinho que derrubara a cerca de outro, ou contra alguém que cometera desmandos na serra, desviando água*

dos regos ou quebrando corridas de revólver na mão: essas questões eram sempre mais comuns. (CAS [2011], p. 288).

Dendê s. m. Óleo extraído do fruto dessa palmeira, de coloração avermelhada e sabor marcante, amplamente utilizado na culinária afro-brasileira, especialmente na comida baiana.

*D. Altamira lhe preparara, com alardes de novidade, um almoço típico, abundantemente regado a **dendê**. — Você não imagina! — comentava o Vilela. — O Filhagosa entrou no vatapá, e pegou uma cólica dos diabos. Se não fosse o Freire, que lhe receitou uma poção, o homem levava a breca. Ouvida a história, deixei escapar, numa tardia pena do Filhagosa, cidadão afeito aos menus internacionais, a meter-se, desprevidamente, na desastrosa aventura daqueles pratos folclóricos: — Coitado!* (DBM [2009], p. 133).

Dentifrício s. m. Substância usada para a limpeza dos dentes, apresentada em forma de creme, pasta, gel ou pó.

*Removido aquele amarfanhado de vestes despidas e em poeiradas, que joguei com precipitação sobre o tapete, a visão do tabuleiro se recompôs na impecável ordem da arrumação feita por mamãe, as roupas a estirarem-se lisas, frescas, ao lado do pequeno compartimento onde ela reunira os meus objetos de toilette, e um cheiro diferente, suave mescla de sabonetes, **dentifrícios**, brilhantinas e loções, num momento transportou ao quarto dela, na lembrança arejada e limpa do seu toucador, diante do qual muitas vezes a encontrara, toalha ao ombro, penteando os cabelos depois do banho.* (DBM [2009], p. 54).

Derreada adj. Que está curvada ou encurvada, especialmente por cansaço, peso, fraqueza ou tristeza.

Um indício mais claro surgiria logo depois: fomos encontrar tia Edite na

sala, **derreada** numa cadeira, chorando, e o Vilela a seu lado, muito pálido, a dar-lhe a beber num copo um calmante. (DBM [2009], p. 219).

Desafogo *s. m.* Ação de aliviar uma pressão ou tensão, seja física ou emocional; libertação de um peso ou dificuldade.

*Quanto a Azevedo, embora ainda chocado com a cena de momento antes, não conseguiu esconder certa satisfação quando ouviu as palavras do médico. Elas traziam-lhe, de qualquer forma, uma sensação de alívio, um **desafogo** para as suas responsabilidades de mediador do complicado caso que, envolvendo aqueles seus dois amigos, chegava, finalmente ao desfecho natural.* (ALM [1965], p. 250).

Desaforar *v.* Tirar o foro especial de alguém, fazendo com que responda por seus atos em instância comum.

— *Eu já lhe disse que você está patrocinando uma causa ingrata — atalhou o prefeito, fazendo rodar a cadeira giratória, para se colocar diante do outro.*
— *E não me fale mais em **desaforar** para Itaberaba a ação de usucapião.* (ALM [1965], p. 213).

Desapear *v.* Descer de um animal de montaria; desmontar.

— *O padre soube cativar a velha. Casou a filha dela com Miguel, emprestou dinheiro pra ela consertar o rancho, quase todo dia passava com o caminhão por lá, **desapeava**, tomava um cafezinho, conversava, procurava saber da vida dela, e tal coisa [...].* (ALM [1965], p. 56).

Desaperta-puta *loc. sub.* Cobertor popular de qualidade inferior.

Nem todos os garimpeiros tinham esteiras — "colchões de arasto", como diziam — para cobrir o lastro de varas das camas, nem cobertores, com exceção de Agenor e Neco, que possuíam uns pe-

*quenos, quadrados, que mal lhes chegavam até o peito — uns cobertores muitos ordinários, de madapolão, a quem chamavam "**desaperta-puta**". Com a cabeça apoiada sobre a pedra coberta de capim pubo, que lhe servia de travesseiro, o corpo encolhido, as mãos entre as pernas, Filó se lembrava da negra Vitalina.* (CAS [2011], p. 107).

Desbocado *adj.* Refere-se de quem fala de maneira imprópria, grosseira ou sem filtro, usando palavrões, termos vulgares ou ofensivos.

*Bastava o homem corre-lhe o "dedo na regada", que ela ia logo abrindo as pernas. E aconselhava o sargento: se o homem quer ter a seu lado uma mulher virtuosa, trate de conservá-la longe (ou o menos perto possível) de outro homem. Senão triscou, pegou. É um princípio da eletricidade biológica. Ou sexual, para ser mais claro (dizia ele). A mulher à vista de um caralho, desde que duro, logo a ele se agarra, e nele se deleita. Isto segundo as ideias e sobretudo as palavras **desbocadas** do sargento Marinho.* (APO [1996], p. 53).

Desbrutador *s. m.* Ralo grosso, fabricado com lâmina resistente, de folha de zinco, medindo cerca de dois palmos quadrados. Utilizado como ferramenta para revelar diamante.

— *Apanha o **desbrutador** ali — pediu em seguida Tinham trazido toda a ferramenta necessária à última fase do serviço, e Silvério passou-lhe o **desbrutador**, também chamado pequenito, ralo pequeno e grosso por meio do qual se retiravam as pedras maiores, no rebaixo inicial do esmeril.* (CAS [2011], p. 123).

Descabaçar *v.* Fazer perder ou perder a virgindade, desvirginar.

O caso de José Alves pode servir de exemplo. A semana passada, tiraram uma filha dele de casa, e ele foi se quei-

*xar ao coronel na São Pedro. Sabe o que o coronel disse a ele? Perguntou: "Você não tem arma não?" José Alves respondeu que não tinha. Então o coronel disse: "Pois tome esta repetição, mas me devolva, ouviu? e dê um tiro na cara de quem **descabçou** sua filha. (CAS [2011], p. 137).*

Descabida *adj.* Inapropriada, despropositada ou absurda. Algo que é fora de lugar, inadequado ou que não tem justificativa razoável.

*Aquela história, lançada assim de cho-fre, pelo menos no primeiro momento, não me pareceu **descabida**. Talvez Pessanha tivesse razão. Quem sabe? Solteirão, e tendo consumido grande parte da existência em viagens ao estrangeiro, a usufruir com requinte e gosto os prazeres do mundo, meu tio bem podia, já saciado deles, ter sentido, na solidão do palacete, em seus últimos anos de vida, a melancolia, o cansaço de um envelhecimento prematuro. (DBM [2009], p. 241).*

Descansado *adj.* Refere-se a quem está tranquilo; despreocupado; sereno.

*Resumi-lhe a minha conversa com o prefeito, com o desfecho que de resto o meu amigo esperava: recusara o emprego que seu Vieira me oferecia. Tão **descansado** quanto eu ficou Vavinho. Também ele (desde o início) não via nenhuma vantagem em ir trabalhar na prefeitura. (RDM [1993], p. 64).*

Descarregar o corpo *loc. verb.* Manter relações sexuais, copular.

*— Ora, Vita! você por si já é mulher pra botar qualquer homem doido... A negra envaideceu-se: — Ainda bem que você sabe disso. Filó pensou: "Ah, sujeita besta! Você só presta mesmo pra gente **descarregar o corpo**". Mas disse coisa diferente: — Pois é. Se der certo, já sabe. Eu estou na casa de Sinhá do Ouro. (CAS [2011], p. 82).*

Desconversar *v.* Evitar ou desviar o assunto de uma conversa, de forma deliberada, para não tratar de algo que está sendo discutido.

*Maria Corumba **desconversou**. Nem podia fazer outra coisa, já que a conversa estava tomando um rumo que não lhe convinha. Isso era duro de reconhecer, mas ela o reconhecia. (APO [1996], p. 88).*

Desdouro *s. m.* Perda da honra, do prestígio ou da boa reputação; desonra, descrédito.

Iniciei-me nos segredos da etiqueta, no uso correto dos diversos talheres, tornei-

*me apto, enfim, a compartilhar sem **desdouro** os jantares de meu tio. Entretanto, minha vida tomou um rumo diferente. Tornei-me adulto, meti-me em viagens pelo interior. (DBM [2009], p. 72).*

Desembuchar *v.* Falar abertamente, contar tudo o que sabe, de forma descompromissada ou sem esconder informações.

*— Você não é capaz de adivinhar — disse este. — Pombas! **Desembuche** logo, de uma vez por todas — Barletta respondeu. — Pra que todo esse mistério? (APO [1996], p. 236).*

Desempenado *adj.* Refere-se a quem apresenta postura ereta, corpo aprumado, sem curvaturas ou deformações físicas aparentes.

*Soara a sineta do portão. Minha tia chamou o jardineiro e mandou ver quem era. Pouco depois surgia ao lado da varanda um **desempenado** homem corpulento, de paletó de alpaca e chapéu-chile, sobraçando uma enorme pasta de couro. Jamais iria esquecer o seu rosto sanguíneo, a dar-lhe um ar convencional de aristocrata austríaco, que o bigode alourado e grosso acentuava. (DBM [2009], p. 91).*

Desencaminhada *adj.* Refere-se da mulher que perdeu a virgindade fora do casamento, ou que teve conduta sexual considerada inadequada segundo normas morais rígidas.

*Sem desfrutar os olhos da mulher grávida, experimentou uma espécie de surpresa incômoda; não teria imaginado a possibilidade da menor relação entre Maria e a cena que presenciava. Mas não deixara de reconhecer: havia tanta razão para Miguel estar ali, protegendo Sinhá Andressa e a filha dela, como para ter sabido a honra da irmã **desencaminhada** por Abubakir.* (ALM [1965], p. 72).

Desfeita *s. f.* Descreve um gesto, ação ou palavra que tem como objetivo humilhar ou insultar alguém, gerando um sentimento de desrespeito.

— *Que tolice é essa, Maria? — interveio prontamente D. Ricardina, incomodada com a **desfeita** que a afilhada acabara de fazer ao recomendado de seu Artur Neves.* (APO [1996], p. 145).

Desfolhar *v.* Fazer perder ou perder a virgindade, desvirginar.

*Nas suas palavras brutais e cínicas (paciência, não há como classifica-las de outra forma), ia ter de novo agora, para satisfação da preferência do seu apetite sexual, a carne tenra e fresa da virgem que ele apenas começara a deflorar. Ou a **desfolhar**. Flores e folhas tombadas uma a uma, para sempre.* (APO [1996], p. 70).

Desforra *s. f.* Ato de revidar uma ofensa, humilhação, prejuízo ou derrota sofrida anteriormente.

*Fazia dela um instrumento de ação próprio, a serviço do seu rancor, para através do homem, e com a ajuda dele, empreender com resultado a sua **desforra** de mulher enganada e humilhada por um homem.* (APO [1996], p. 184).

Desgrenhada *adj.* Que está com os cabelos ou os fios em desalinho, des-penteados, desordenados.

*Dois olhos assustados vieram espiar na janela do rancho. Olhos de uma mulher **desgrenhada** e suja. Podia parecer uma louca.* (RDM [1993], p. 359).

Desmandar *v.* Desobedecer a ordens ou autoridade; agir com abuso de poder ou sem controle.

— *Enfim, fiz o que me cumpria fazer: avisar ao Freire. Sabia, no entanto, que ele não tinha motivos para temer Carvalho. O Freire era um militar. Era médico da Força Pública do Estado, como você sabe. Em suma: era um militar. Se ele se **desmandasse** no "Trianon", num revide a Carvalho, nada lhe aconteceria. Tratava-se de um militar.* (DBM [2009], p. 196).

Desmarcado *adj.* Refere-se ao indivíduo do sexo masculino cujo órgão sexual é de tamanho excepcional.

— *Ei, negro **desmarcado**! — gritou alguém. O meia-praça continuou a ensaboar-se, enquanto o seu companheiro esfregava o calcanhar com um bugalhou, cantarolando em voz alta.* (CAS [2011], p. 209).

Desmorrer *v.* Voltar à vida, deixar de estar morto em sentido figurado.

*Era mesmo como se eu houvesse morrido e agora **desmorresse** sem saber o que fizera nesse entretempo de serenata, sono e despertar.* (RDM [1993], p. 239).

Desonrador *v.* Que desonra, que mancha a honra, a reputação ou a dignidade de alguém; que causa vexame ou vergonha.

*Dizia isso porque (ainda segundo a amiga chegada de Aracaju) o tal sargento assassinado tinha fama de **desonrador** de donzela. E como de fato, ali mesmo em São Cristóvão desonrara uma, recebendo porém dessa vez o de-*

vido troco, com dezenove facadas de peixeira no bucho, não contando as que levou nas partes. (APO [1996], p. 342, 343).

Despeitado *adj.* Refere-se a alguém que está com raiva ou ressentimento por causa de algo que lhe foi tirado ou que lhe causou inveja, normalmente devido a um sentimento de humilhação ou frustração.

Um homem despeitado era capaz de tudo. E de tudo era uma mulher ressentida. (RDM [1993], p. 391).

Despeito *s. m.* Comportamento ou sentimento motivado por inveja ou frustração.

De tudo o que Ricardo ouvira, um fato permanecia fora de qualquer contestação: Manoel João era um homem de sorte. Por um instante, algo se agitou dentro dele — um vago sentimento de despeito. (ALM [1965], p. 23).

Desprezo *s. m.* Sentimento de desvalorização, repulsa ou indiferença diante de alguém ou algo considerado indigno, inferior ou sem importância.

— *Um homem que sai acompanhado de uma mulher, vai com ela pra o cassino, e em vez de dançar com ela manda que ela dance com outros homens... Não! Isso é muito pouco caso. O nome disso é desprezo. Não, mãezinha, ele fez muito pouco em mim.* (APO [1996], p. 292).

De supetão *loc. adv.* De modo súbito, inesperado; de repente; abruptamente.

— *O padre soube cativar a velha. Casou a filha dela com Miguel, emprestou dinheiro pra ela consertar o rancho, quasse todo dia passava com o caminhão por lá, desapeava, tomava um cafezinho, conversava, procurava saber da vida dela, e tal coisa, até que uma vez ele chegou e disse: “Sinhá Andressa, a senhora está sendo roubada nos seus direitos”. Diz que foi um negócio tão de supetão que Sinhá Andressa fi-*

cou atada, sem saber o que responder. (ALM [1965], p. 56, 57).

Destempero *s. m.* Falta de moderação ou equilíbrio, no comportamento ou nas palavras; descontrole, descompostura.

E o nosso Costa saiu-se então com esta pergunta: “Mas esse Carreira é almirante mesmo? Da Marinha? De batalha naval?” Foi um destempero! E o Vilela dobrava-se de rir, a lembrar o caso. — Você não é capaz de imaginar ... Foi um destempero! — repetia. Eu continuava a não achar graça nenhuma. (DBM [2009], p. 214).

Destratar *v.* Tratar com grosseria ou desrespeito; insultar; ofender verbalmente.

— *Por falar nisso companheiro, Maria Corumba tá dando mais que chuchu na cerca — disse Arigof. — Eu acho que só mesmo você, embora sendo tão amigo dela, ainda não lhe chegou o ferro. — Não destrata a minha amiga — Barletta pediu. — Maria é mulher cara, uma mulher de preço, gosta muito de dinheiro, tá no papel dela, e sabe se impor.* (APO [1996], p. 210).

Desvão *s. m.* Espaço vazio ou oco, vão ou abertura, quando se trata de um local estreito ou oculto por alguma estrutura.

Sim, eu estava lá, depois da serenata em casa de minha mãe, e depois de haver com os meus amigos seresteiros percorrido tudo quanto era rua de Rio dos Morcegos: os desvãos de seus becos, suas noturnas praças desertas, sim, claro, isso mesmo, e de repente, que aconteceu? Acordo na cama de uma mulher da vida, Celina, sem saber como fui parar lá parar. (RDM [1993], p. 239).

Devagar é que se vai longe *exp. pop.* Expressão que transmite a ideia de que, com paciência, cautela e persistência, é possível alcançar objetivos de forma mais segura e duradoura. Aponta para a

valorização do progresso gradual em detrimento da pressa ou impulsividade. *Rolou na tela do filme, e nas cadeiras entreaconchegadas rolou o idílico deles (apenas com a interrupção no intervalo, com o retorno no escuro), e lá pelas páginas finais, com o cuidado todavia de não se precipitar, porque **devagar é que se vai longe**, o sargento Marinho beijou e rebeijou a noiva, mas só nos cabelos, na testa e nas bochechas — sempre com respeito.* (APO [1996], p. 47).

Dez réis de mel coado *exp. pop.* Expressão usada para indicar algo de valor muito pequeno, quase insignificante. *Comprara-as apenas porque os seus proprietários, os Candanças, uma gente aciganada, que não esquentava lugar, estando de muda para Mato Grosso, vendeu-as por **dez réis de mel coado**.* (RDM [1993], p. 292).

Diabo *adj.* Refere-se a alguém inquieto, travesso.

— *Sinhá do Ouro, eu estou até com vergonha. Mas o **diabo** deste menino pegou uma doença de rua e eu quero que a senhora trate dele.* (CAS [2011], p. 78).

Dia de São Nunca de tarde *exp. pop.* Expressão usada para indicar algo que nunca acontecerá ou cuja realização é infinitamente adiada.

— *Você recebeu o seu em dinheiro? — O meu? — Sim, O seu fornecimento. — Não — respondeu Silvério, pondo o fifó no chão e sentando-se diante dele. — Recebi um vale para o barracão. Filó cuspiu por entre os dentes. — Foi também o que eu recebi — disse. — Você bem sabe que seu Teotônio é como qualquer outro dono de serra: fornecimento sem dinheiro com ele só no **dia de São Nunca de tarde**.* (CAS [2011], p. 188).

Doca *adj.* Refere-se a pessoa com visão em apenas um olho.

— *Então você entrou foi no comecado, hem, seu mano? — apartou um garimpeiro **doca**, que era sobrinho de Bertulino Mentira-Fresca, de Lençóis.* (CAS [2011], p. 42).

Doce de rapadura com gergelim *loc. sub.* Guloseima típica do Nordeste brasileiro, de origem portuguesa, preparada com farinha de mandioca, castanha de caju, gergelim e outros ingredientes, além da rapadura, que dá nome ao doce. *Por outro lado, a molecoreba cercava os tabuleiros na Pracinha, gastando os níqueis dos eventuais mandados no **doce de rapadura com gergelim**, nas brevidades de tia Joana, nos queimados enrolados em papel de seda e com um gostinho bom mesmo de gengibre, nos beijos de coco e nos bolos de milho, de arroz e de aipim.* (CAS [2011], p. 89).

Doença de rua *loc. sub.* Doenças sexualmente transmissíveis, associadas a relações sexuais ocasionais ou desprotegidas.

— *Sinhá do Ouro, eu estou até com vergonha. Mas o diabo deste menino pegou uma **doença de rua** e eu quero que a senhora trate dele. A boa mulher não regateou os seus serviços. Disse ao menino: — Olhe, meu filho, você pegue uma lagartixa, dê a sua mãe pra torrar, com tripas e tudo, e depois moa bem moída, até virar pó. Depois bote o pó num quarto de cachaça, mexa bem mexido e beba.* (CAS [2011], p. 78).

Doidivas *adj.* Refere-se a pessoa estouvada, extravagante ou imprudente. *E isso, sem dúvida, lhe dava uma nobreza surpreendente, numa criatura de quem cheguei a ter, sob influência do relato do Vilela, na evocação dos grandes tempos da Ladeira dos Galés, a impressão desfavorável e apressada de uma **doidivas**. Pobre Zulmirinha! Mas nem só da sua família e dele mes-*

mo me falou João Félix, em nossos encontros ali naquele banco. (DBM [2009], p. 177).

Dom-Bernardo *s. m.* Arbusto nativo do Brasil, com folhas grande, rígidas e lanceoladas, flores brancas; planta aromática medicinal.

*Um cheiro agreste, desprendendo-se das folhas aromáticas dos **dom-bernardos**, das parasitas e dos xumbarrés, embalsamava o ar. (CAS [2011], p. 96).*

Dor-de-corno *s. f.* Sentimento de sofrimento, angústia ou humilhação causado por infidelidade amorosa, quando o parceiro descobre que foi traído.

*E então Barletta, em tolo restolho de **dor-de-corno**, querendo uma idéia tola mostrar que ele era mais ele depois de largado da francesa casual e loura disse: — Sabe, Arigof vou levar uma noite dessas comigo Maria Corumba ao Tabaris, só para chatear Theda Diamant. (APO [1996], p. 210).*

Ee

Echarpe *s. f.* Peça do vestuário confeccionada em tecido leve, utilizada ao redor do pescoço ou dos ombros, com a função de proteção contra o frio ou como elemento ornamental. Assemelha-se a um lenço ou a um xale, distinguindo-se por sua forma mais longa e estreita. *Dali, em noites de lua, veríamos lá embaixo a lagoa ocultando os seus mistérios numa **echarpe** de prata, a mata acorçada em volta, tribo de sombras em silenciosa adoração, eu e Lorena sonhando acordados.* (RDM [1993], p. 348).

Efó *s. m.* Prato ritual e tradicional da culinária afro-brasileira, feito com folhas cozidas, como as de taioba, couve, mostarda ou bredo, refogadas com azeite de dendê, cebola, camarão seco e temperos.

— *Vocês estão desde já convidadas para comer comigo e Zézé um **efó** na praça do Palácio, ali na esquina da Pastelaria Triunfo.* (APO [1996], p. 264).

Efusão *s. m.* Manifestação intensa e expansiva de sentimentos de alegria, afeto, gratidão ou emoção. *Desde os tempos da viagem a cavalo, a velha jaqueira era o lugar tradicional onde as pessoas se antecipavam no encontro do bota-dentro, com as **efusões** das boas-vindas aos viajantes que chegavam.* (RDM [1993], p. 50).

Efusivo *adj.* Refere-se a quem demonstra grande entusiasmo, emoção ou carinho de forma expansiva; caloroso.

— *Sente, Ricardo, sente — foi dizendo o velho Onofre, **efusivo**, de volta à sala.*

— *Venha comer qualquer coisa.* (ALM [1965], p. 129).

Eito *s. m.* Fileira ou linha seguida numa plantação ou terreno, como nas roças ou lavouras.

*Pairava em tudo uma tristeza de abandono: nenhum sinal de atividade. Nenhum ruído a lembrar-lhe o trabalho cotidiano, como nos seus tempos de vaqueiro no Mangabal, um desses ruídos que, no isolamento do campo, infundem, pelas manhãs acordadas, aquela confortadora sensação de vida prosseguindo: o mugido de um boi, o bater de um machado, o latido de um cão, um grito de um trabalhador no **eito**...* (ALM [1965], p. 137, 138).

Emalar *v.* Fazer uma mala, preparar bagagens, ou ainda embrulhar, empacotar objetos ou roupas, para viagem ou mudança.

*Como poderia ele abandonar as suas poções, os seus balancetes, a sesta na espreguiçadeira, o gamão jogado à tarde com os amigos, e submeter-se, de roupa **emalada**, aos horários e apitos de um trem e de um navio que iriam atirá-lo, ao cabo de três dias, entre desconhecidos, no burburinho da Capital? De resto, em Andaraí, só os grandes compradores de diamantes, por força dos seus negócios, costumavam naquele tempo ir a Salvador. Esta é a razão de meu pai me haver confiado à guarda do Sr. Gumerindo.* (DBM [2009], p. 19).

Embaciado *adj.* Refere-se a algo que perdeu sua clareza ou nitidez, dificultando a compreensão ou visão clara.

*E de repente eis que entra pela casa Vavinho, dentro de um cheiro **embacia-***

do de cachaça. Como dentro de uma nuvem. (RDM [1993], p. 31).

Embasbacar v. Causar grande espanto ou admiração em alguém; deixar boqui-aberto, pasmo, estupefato.

*Por um momento, tive ímpeto de averiguar a quanto orçava a cota, mas silencieiei, no **embasbacamento** daquela subvenção generosa. De resto, qualquer indiscrição de minha parte, neste sentido, talvez pudesse susceptibilizar o meu antigo mestre, que com tão funda gratidão e respeito se referia aos favores recebidos de tio Marcelino.* (DBM [2009], p. 106).

Embarcar em canoa furada loc. verb. Envolver-se em uma situação problemática, arriscada, desastrosa ou fadada ao fracasso, muitas vezes por ingenuidade, precipitação ou falta de informação.

*Como vê, Estevão, não **embarquei** em nenhuma **canoa furada**. Vou tranquila para Salvador, sabendo onde piso e tendo onde pisar.* (APO [1996], p. 162).

Emboço s. m. Primeira camada de argamassa aplicada na parede ou teto, usada para nivelar e preparar a superfície antes do acabamento final (reboco ou pintura).

*Faltava apenas o **emboço**, que daria a essas paredes de enchimento um acabamento igual ao das paredes de adobes das casas de melhor construção.* (RDM [1993], p. 276).

Embonecada adj. Refere-se à aparência vistosa da espiga ou roça de milho; bem formada, cheia, com os grãos bem desenvolvidos e alinhados, ou seja, em um estado visualmente bonito e saudável.

— *Amanhã, com o dia, você vai ver a minha roça de milho como está **embonecada**.* (ALM [1965], p. 23).

Emborcar v. Virar (um recipiente) com a boca para baixo; entornar.

*E, no que disse, botou em cima do balcão, como se **emborcasse** uma sineta, o casco da meia garrafa que trazia preso ao dedo por uma alça de barbante no gargalo.* (RDM [1993], p. 88).

Embrejada adj. Coberto de brejo; alagado.

*Sentado à popa, o canoeiro ia impelindo a embarcação no rumo da mata **embrejada** que cobria, em toda extensão, a margem esquerda do rio.* (ALM [1965], p. 9).

Embrenhar v. Penetrar ou entrar em lugar cheio de mato ou floresta cerrada; enfiar-se no mato.

*Palavras ditas, **embrenhou-se** na mata, curvado sobre a sela, aqui e ali, para desviar-se dos ramos mais baixos.* (ALM [1965], p. 82).

Embucha-veado s. m. Planta trepadeira da flora brasileira, cujo os ramos e folhas podem enredar-se na vegetação.

*As árvores mais próximas, os pés de araca e de **embucha-veado**, emergindo do charco, como que se prolongavam nas touceiras de tabua e de piri que sobre o rio se alastravam numa sucessão interminável de caniços verdes.* (ALM [1965], p. 11).

Emburrado s. m. Rocha de grande porte que exige força considerável para ser removida de catas e perfurações; também pode se referir a uma zona de cascalho.

*Amanheceu estiado. O rio baixara mais, descobrindo um grande pedaço do areão, e alguns **emburrados** estavam à vista, com os ovões característicos do Paraguaçu.* (CAS [2011], p. 34).

Empatar v. Impedir, obstruir, dificultar ou travar a realização de algo; causar atraso ou empecilho.

Com os preços que pagamos, não nos vai faltar madeira nunca. Não quere-

mos **empatar** dinheiro em propriedade. (ALM [1965], p. 199).

Emparelhar v. Colocar ou ficar lado a lado; alinhar.

*Quase a correr, transpôs o portão do colégio, e ganhou a rua, sem chapéu, o paletó a descair-lhe dos ombros, desabotoado, e rumou para a Avenida Bastos, que ficava perto. Eu me esforçava por **emparelhar-me** com ele, ao longo da calçada, sem o conseguir; no meu aturimento, estranhava que o bom Costa Pereira, homem de morosidades e de estudo, perdido nos seus vagares, se agitasse tanto, naquele ímpeto inusitado.* (DBM [2009], p. 218).

Empazinado adj. Refere-se a alguém que está com o estômago muito cheio, sentindo-se empanurrado, estufado ou enjoado de tanto comer.

— *Quer dizer que só é possível quando ele está dormindo?* — **Empazinado** também é fácil — *atalhou Ricardo. Jenner assumiu um ar de surpresa:* — **Empazinado?** — *Sim senhor — confirmou Manoel João.* (ALM [1965], p. 42).

Empoadada adj. Refere-se a alguém coberta de pó ou de maquiagem.

*As mulheres da vida vinham dar o ar de sua graça nas janelas, **empoadadas** de lua. Ou sentavam-se nas calçadas, em tamboretas, ou até mesmo no chão, em esteiras, como crianças brincando.* (RDM [1993], p. 56).

Empreado adj. Refere-se de uma pessoa que está com a postura ou atitude arrogante, presunçosa ou vaidosa, geralmente de forma exagerada e visível.

*Ao contrário, fazia questão de nessas circunstâncias ir até a sala (se acaso ali não estivesse) mostrara sua bela e rechonchuda Ricardina. Tinha orgulho da filhinha, e em verdade, no caso, esse pavoneante, **empreado** sentimento humano se desculpava e justificava.* (APO [1996], p. 125).

Em terra de cegos, quem tem um olho só é rei exp. pop. Expressão usada para indicar que, em contextos marcados pela ignorância, limitação ou falta de conhecimento, mesmo quem possui um saber ou habilidade mínima se destaca e leva vantagem.

*A influência que dr. Marcolino exercia junto ao cel. Germano fora resultado de meras circunstâncias políticas. O professor Valadão, que viera muito tempo depois dele, costumava dizer ao seu compadre Carregosa: — O que o Marcolino teve foi oportunidade. E com mal disfarçada inveja acrescentava: — **Em terra de cegos, quem tem um olho é rei.*** (CAS [2011], p. 60).

Encabulado adj. Refere-se ao indivíduo que se encontra envergonhado, constrangido ou acanhado.

— *De maneira alguma eu participaria de uma sociedade com quem quer que fosse. É contra o meu feitio. O jagunço alisou com a mão a fita do chapéu. — Eu falei... eu falei por falar, doutor — disse, um tanto **encabulado**. — Aliás, o senhor não precisa ser meu sócio.* (CAS [2011], p. 62).

Encabulamento s. m. Sentimento de vergonha, embaraço, timidez diante de uma situação desconfortável ou inesperada.

— *Veja você! — prosseguiu Pessanha, recolhendo o cartão postal, sem notar o meu **encabulamento**. — O homem, praticamente à morte, ainda tinha espírito para fazer brincadeiras como esta. E já imaginou o que deve ter pensado o carteiro? Sim; o carteiro certamente leu isto, antes de me entregar a correspondência. O Filhagosa podia, ao menos, ter ocultado o cartão num envelope. Um patusco!* (DBM [2009], p. 212).

Encaixilhada adj. Refere-se a que possui ou é composto de caixilhos, como em janelas ou portas.

Azevedo adiantou-se e bateu de leve na parede de tabique, largamente encaixilhada, e branca. (ALM [1965], p. 242).

Encanichado *adj.* Refere-se ao que está guardado há muito tempo; fora de uso; encostado.

Bateu com a mão na coronha: — Tenho este clavinote particular, encanichado, que foi do meu pai. (ALM [1965], p. 80).

Encapoeirado *adj.* Refere-se a terreno ou área coberta por vegetação densa, capoeira (mato que cresce em áreas antes cultivadas).

— De roça não tinha mais um sinal — continuou Manoel João. — Estava tudo encapoeirado... Pra lhe dizer a verdade, quase me veio água nos olhos. (ALM [1965], p. 25).

Encarapitado *adj.* Refere-se a algo ou alguém posto em lugar alto; empoleirado, colocado em posição elevada.

E repisava, inconformado, a história do peito ao vento e da charrua. Queixava-se: — Eu, um homem do campo, corno vivo hoje? Encarapitado num sobradinho de bairro, lá na Cruz do Pascoal, com barulho de bonde nos ouvidos. (DBM [2009], p. 95).

Ensinar treita a jegue preto de barriga branca *loc. verb.* Expressão usada para designar pessoa extremamente astuta, ardilosa, habilidosa em manobras e artimanhas.

— Veja lá, hem? Faça a coisa bem feita, como eu lhe disse, porque senão quem vai roer a corda é você. Aquele negro ensina treita a jegue preto de barriga branca. Cuidado com ele! (CAS [2011], p. 146).

Encourado *adj.* Refere-se a indivíduo que foi revestido ou coberto com indumentária de couro.

Por um instante, tudo esqueceu, a atenção concentrada na indumentária do

outro: também já se vestira assim. Esporas de grandes rosetas; sapatos; chapéu e luvas de couro de boi; guarda-peito de couro de carneiro; gibão; jaleco e perneiras de couro mais macio, de veado mateiro — ali estava, encourado de novo, o vaqueiro que ele um dia fora. (ALM [1965], p. 73).

Enfatiotado *adj.* Refere-se a alguém trajado de forma pretensiosa, como quem quer se exhibir ou aparentar mais elegância do que o necessário.

É de imaginar, pois, a minha emoção, quando, limitado, em matéria de automóveis de luxo, à visão daqueles clichés de publicidade, encontrei, à porta do palacete, luzindo, de rodas raiadas - o grande La Salle azul de João Félix. Enfatiotado, instalei-me nele, na maciez dos seus assentos de couro, e vi-o deslocar-se quase sem ruído, num sussurro do motor surpreendentemente silencioso. (DBM [2009], p. 124).

Engalanada *adj.* Refere-se a alguém enfeitada, ornamentada, adornada com galas ou enfeites vistosos.

Somente à noite nos reuníamos com ele à mesa, quando, esmeradamente vestido, descia para o jantar, na grande sala engalanada. (DBM [2009], p. 88).

Engomadeira *s. f.* Mulher que trabalha profissionalmente engomando roupas, ou seja, alisando, passando e aplicando goma em peças de vestuário para que fiquem rígidas ou bem apresentadas.

Levei-as assim mesmo, por sugestão de D. Altamira, sempre expedita: a sua engomadeira se encarregaria do serviço. Em pouco tempo estava feita a minha mala, e coletadas em outra as coisas de minha tia. (DBM [2009], p. 223).

Enjeitar *v.* Rejeitar, abandonar ou desprezar alguém ou algo.

— Café? Boas falas! Quem é que vai enjeitar o café dessa casa? Mas só uma

xicrinha, por que eu estou com pressa. Quero seguir viagem neste instante. (ALM [1965], p. 171).

Enlinhar v. Alinhar, dispor em linha, organizar em fileira.

*Quando o boi vê aquele trem agarrado nele, mete os tampos por dentro da mata, como de coisa que estivesse correndo na ponta de um laço. E o sucuiuíú vai dando linha, dando linha, dando linha, até desenrolar todo. Fica esticado no ar feito uma corda. De repente ele escora o boi — e não adianta o boi fazer finca-pé: acaba caindo dos quartos. Aí o sucuiuíú desata o laço dado no pau, e num instante se **enlinha** todo no boi, e vai quebrando os ossos dele.* (ALM [1965], p. 45).

Enrabar v. Penetrar sexualmente pelo ânus; sodomizar.

*Quando dei por mim, e com surpresa e horror de mim, estava em verdade como um animal, o jumento reprodutor trazido do sertão para a fazenda, **enrabando** com firmeza selvagem Abelardo, enquanto ele gemia e chiava, e soltava às vezes uns pequenos gritos de dor.* (RDM [1993], p. 548, 549).

Enrolar v. Procrastinar, ganhar tempo, enganar com conversa.

— *É isso mesmo. A última vez que eu levei um tatu pra vender em Andaraí — um tatu, até, que minha mulher tinha moqueado — fiquei com o bicho pra cima pra baixo, e o povo sempre com a mesma **enrola**. Quando foi coisa de uma hora da tarde, eu já estava com o pé na estrada.* (ALM [1965], p. 76).

Enrolista adj. Refere-se àquele que não cumpre o que promete.

— *Tomás, aquele que trabalhava de mergulho, não sabe? bateu o quinto. Ladrão sem-vergonha! Negro **enrolista** descarado.* (CAS [2011], p. 227).

Enrustido adj. Refere-se a algo ou alguém que esconde ou reprime uma característica ou comportamento, por receio de exposição ou julgamento.

*Sim, tinha sido uma resolução tomada na véspera, de repente, porque os pais não gostavam de noivado **enrustido**. Noivou, casou.* (APO [1996], p. 79).

Entabular v. Iniciar ou dar início a algo, especialmente uma conversa, negociação, amizade ou discussão.

— *Conheci o tio do senhor — disse-me ele, ao **entabularmos** conversa. — Quando eu era rapazinho, meu pai me levou umas duas ou três vezes à Avenida Bastos. Até hoje meu pai fala no tio do senhor. Foram grandes amigos.* (DBM [2009], p. 189).

Entrar no relho loc. verb. Levar uma surra ou punição com relho (tipo de chicote de couro, usado em cavalgadas ou em práticas rurais).

— *Pois então se retire. Depois de tudo isso, aliás, já não há mesmo mais lugar para você na firma. — E foi pouco, foi pouco! - comentava Pessanha, num arrebatamento. — É o que eu lhe digo: se fosse no interior, na fazenda, a coisa não ficava só nisso. Carvalho **entrava no relho!*** (DBM [2009], p. 161, 162).

Entredevorar v. Devorar ou consumir (metaforicamente) uns aos outros mutuamente; comer-se reciprocamente com fúria ou voracidade.

***Entredevoramo-nos** gulosamente, num só beijo molhado e machucado de nós dois.* (RDM [1993], p. 265).

Entreparar v. Colocar-se entre algo para deter, parar ou interromper parcialmente, como se algo estivesse entreparado, ou seja, parcialmente detido ou interrompido entre dois pontos.

*Jenner lançou um olhar ao cão ruivo, que correndo na frente dos animais, **entreparava** farejante, a espaços numa*

moita ou num canto de cerca, atento ao mais leve ruído. (ALM [1965], p. 78).

Entrilhar v. Trilhar ou fazer um caminho com trilhas; criar ou seguir um caminho estreito ou uma estrada, em ambientes naturais, como matas ou terrenos difíceis.

*Por vezes, entre valetas obstruídas, o barro encaroçava na lama seca de velhos atoleiros; e surgiam lombas lanhadas de pneus, **entrilhando** marcas de correntes antiderrapantes.* (ALM [1965], p. 184).

Entocado adj. Refere-se a algo ou alguém que está escondido, isolado ou recluso, em um local afastado ou de difícil acesso, como um buraco, caverna ou qualquer lugar onde alguém se recolha.

*Pedro Almofoadinha, enquanto não encontrava no seu garimpo algum diamante à altura das circunstâncias, permanecia todo tempo na serra, **entocado** no garimpo como um bicho esquivo.* (RDM [1993], p. 205).

Entremostrar v. Exibir parcialmente; mostrar de forma intermitente ou incompleta.

*Mal a figura pesada e lenta do canoeiro desapareceu no vão da porta, o cachorro **entremostrou** o focinho à luz do fifô. Notando-o, Ricardo atirou-lhe distraidamente um pedaço de jerimum que ficara no fundo da cuia.* (ALM [1965], p. 45, 46).

Enxada s. f. Ferramenta utilizada para revolver ou remover cascalho.

*Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias, seus carumbés, suas **enxadas**, seus frincheiros, suas alavancas, seus ralos, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça.* (CAS [2011], p. 15).

Erva-cidreira s. f. Planta medicinal aromática, da espécie *Melissa officinalis*, utilizada em chás pelas suas propriedades calmantes, digestivas e relaxantes.

*Tomei uma pinga com **erva-cidreira**, calmante folha medicinal, sem desmerecer o estimulante álcool da infusão.* (RDM [1993], p. 223).

Ervada adj. Refere-se de gado bovino que consumiu erva venenosa e ficou intoxicada.

*Mas depois eu fiquei pensando: “Sabe de uma coisa? Vou vê que diabo é aquilo. Pode ser alguma rês **ervada**, e eu tenho de avisar o coronel!”* (ALM [1965], p. 42).

Esbandalhar v. Exagerar nas reações ou comportamentos (nesse caso, nos risos).

*Eu continuava a não achar graça nenhuma. Mas o Vilela **esbandalhava-se** em risos. Por fim, contendo-se, chegou ao fim da história, com a resposta que o Filhagosa dera ao Costa Pereira; — Meu caro Costa! Isto de batalhas navais não há mais por aqui. Você já tem o grande Tamandaré.* (DBM [2009], p. 214).

Esbirro s. m. Suporte vertical utilizado para reforçar a estrutura de sustentação de uma construção.

*Ao longo dos emburrados, onde as escoras de âmago de quina-de-vara, os **esbirros** de gameleira, sapucaia e pau-terra, eram atravancamentos de velhos serviços engrunados, erguiam-se, corno ossuários da serra trabalhada, as montoeiras pardas de antigos mocosorôs encartuchados — detritos acumulados do solo revolvido e golpeado nos canais, nos talhados, nas grupas, nos rebaixos, em toda espécie de serviço a seco ou com água, desde as grupiaras às grandes bocas descidas com pontaletes de cocão.* (CAS [2011], p. 99).

Esbracejar v. Mover os braços de forma exagerada ou agitada, para se comunicar à distância, expressar emoção intensa (como raiva, desespero ou entusiasmo).

— *Então a senhora acha que Deus me botou no mundo pra ser mulher da vida? Num impulso, os olhos chamejando terror na face trêmula, a doente ergueu esbracejante as magras mãos em garra: — Cala a boca! Cala boca desgraçada! Você está blasfemando! Bata na boca e peça perdão a Deus!* (ALM [1965], p. 147).

Escaldar v. Preparar ou higienizar com água quente.

O fraco, Argina escaldava em água quente, depois de o lavar e relavar com sabão, num rigor de higiene. (RDM [1991], p. 29).

Escanchado adj. Estar sentado com as pernas abertas, especialmente a cavalo ou montado em algum objeto.

Escanchado na sela de capa solta, apareceu um vaqueiro montado num cavalo-do-campo baio, de longas crinas em franja. (ALM [1965], p. 73).

Escaninho s. f. Compartimento pequeno, em forma de nicho ou divisória, usado para guardar ou organizar papéis, correspondências, documentos ou objetos pequenos, comum em escritórios, repartições públicas, escolas ou condomínios.

Era o meu correspondente João Félix, sócio de tio Marcelino. Indicava-me uma cadeira ao lado da sua escrivaninha cheia de papéis, com uma série de escaninhos na larga saliência fronteira, onde iam encaixar-se as guardas do tampo correção e escamoteável. Papai tinha uma igual, embora de proporções mais reduzidas. (DBM [2009], p. 20).

Escanhado adj. Refere-se a que foi barbeado cuidadosamente, com navalha;

que está bem barbeado, com a pele do rosto limpa e lisa.

Um cavalheiro impecavelmente escanhado e penteado, de pé, à cabeceira da mesa, as mãos apoiadas no espaldar torneado e alto de uma cadeira austríaca. Usava um terno de palha de seda, seu traje predileto; ao longo do tempo, raras vezes eu o veria vestir-se de outro modo. E era de notar aquela figura surpreendente, a que a roupa clara, de um ocre suave e macio, emprestava como um ar remoçado. (DBM [2009], p. 66).

Escarradeira s. f. Recipiente utilizado para escarrar, também conhecido como escarrador ou cuspeira.

Lançando os olhos em volta da sala, como que à procura de alguma coisa que não encontrava, dirigiu-se finalmente à janela, escarrando no pátio: não havia escarradeira. Voltou em seguida, limpando a boca no lenço, e aproximou-se da cadeira onde estava sentada a moça. (CAS [2011], p. 193).

Esconsa adj. Refere-se ao que está escondida, fora de vista, oculta.

O local indicado era uma vereda aberta entre mucuibas linheiras, alongadamente esconsa e umbrosa. (ALM [1965], p. 152).

Escorraçado adj. Refere-se a alguém que foi mandado embora, com desprezo ou humilhação de um lugar, grupo ou situação.

Sua filha não podia casar com um explorador de mulher da vida, um xodó de puta. E, odiado e escorraçado, eu teria de renunciar ao amor de Lorena, enquanto ela em represália, em seu sentimento de honra ofendida não isento de vingança, aceitaria a corte de Dr. Durães. (RDM [1993], p. 258).

Escoucear v. Agitar-se bruscamente; espernear com força, de maneira desordenada ou rebelde.

*O desejo me **escouceava**, na cavalgada do rumo perdido. Fui parar na casa de Lindaura. Ela veio em camisola abrir a porta, o candeeiro na mão.* (RDM [1993], p. 344).

Escovar urubu na praia *exp. pop.* Expressão usada em tom ríspido ou irônico para mandar alguém ir embora ou desprezar sua presença.

— *Que é que você quer, Justino? — respondeu o jagunço. — **Vá escovar urubu na praia.** Eu hoje não estou respeitando nem meu padrinho!* (CAS [2011], p. 32).

Escrever português castigado *loc. verb.* Descreve a escrita com caligrafia difícil de ler ou repleta de erros gramaticais e ortográficos.

*Valadão passou os olhos pelo papel com muitas emendas, porque “**escrevera em português castigado**”, e não se conteve mais.* (CAS [2011], p. 272).

Escreveu não leu, o pau comeu *exp. pop.* Expressão popular usada como ameaça ou advertência direcionada a quem não cumpre suas obrigações, quando alguém promete algo e falha em cumprir.

— *Passei-lhe uma repreensão em regra. Fui franco: falei com ele pra pisar macio, porque dr. Marcolino não estava disposto a tolerar nada. Disse a ele: “Você já sabe, Zé. **Escreveu não leu, o pau comeu**”.* (CAS [2011], p. 56).

Escrotalhão *adj.* Refere-se a alguém de comportamento pouco confiável, mesquinho, rude ou negligente.

*Do capangueiro Teotônio, não vacilava em dizer de “um crápula de pai e mãe”. Definia o Carvalho como sendo “um **escrotalhão**”, enquanto o tabelião Romualdo, em cuja rotunda figura o promotor ainda não pusera os olhos, recebia a sumária classificação de “pederasta”. Por aí afora, chegava ao árabe Mansur, a quem o telegrafista chamava*

impulsivamente de “gringo porco e ladrão”. (CAS [2011], p. 165).

Esculhambação *s. f.* Situação de bagunça, desordem, desleixo ou falta de organização.

— *É uma **esculhambação** desses pauleiros. Eles chamam de pagamento, aqui na mata, esses galhos de pau que passam raspando por cima deles, na carroceria do caminhão. Pauzeiro é um bicho muito sem-vergonha. Só mesmo eu pra lidar com eles.* (ALM [1965], p. 187).

Escuma *s. f.* Formação espumosa e leve que surge no leite ao ser agitado ou aquecido.

*Para mim e Ester o leite dela tinha sido bom, **escuma** de ternura e vida. Estávamos ali criados, vivos.* (RDM [1991], p. 28).

Esfuziante *adj.* Refere-se a alguém ou algo que demonstra grande alegria, entusiasmo ou vivacidade intensa.

*Pode-se até dizer que ela dava ao seu êxito (em verdade um pequeno êxito) pessoal, na medida em que ele parecia um **esfuziante** e ruidosa exibição de vaidade, um sentido ocultamente prático.* (APO [1996], p. 184).

Esfumar *v.* Fazer desaparecer aos poucos; dissipar, apagar gradualmente.

*Novas crianças mortas vieram juntar-se à farândola de filhos desvividos de minha mãe, plumas flutuando na valsa de enterros, a caminho do céu, num cortejo de sombras e soluços, **esfumado** no portão do cemitério: o cemitério da Piedade.* (RDM [1993], p. 30).

Esgaravatar *v.* Escarafunchar com os dedos, unhas ou objeto pontiagudo; cavoucar superficialmente.

*Maria não respondeu. Pôs-se a **esgaravatar** o cachimbo com um grampo, removendo nervosamente o fumo queimado.* (ALM [1965], p. 148).

Esguedelhada *adj.* Refere-se a alguém despenteada, descabelada, com penteado descomposto.

*O luar estava uma beleza. De sorte que os moradores do bairro apagaram os fífós, fecharam a portas de suas casas e se reuniram para conversar. Acendendo a baga de palha que trazia atrás da orelha, Sinhá do Ouro ficou pensando na toalha que mandara fazer para Santa Rita. Foi quando a mulher de Salu apareceu, suja, **esguedelhada**, na porta do seu casebre, e gritou: — Tião, ô Tião! Ninguém respondeu. A velha Vitória passou por ela, de cachimbo na boca. — Como vai, Sinhá Vitória? Depois tornou a gritar: — Tião, ô Tião?! A velha Vitória foi seguindo, e logo depois se sentava na porta do rancho de Sinhá do Ouro.* (CAS [2011], p. 79).

Esmeril *s. m.* Conjunto de minerais mais densos que o quartzo, que se acumula como resíduo no fundo da bateia. — *Não estou com pressa não — esclareceu o outro. Mas isso não impediu de se dirigir imediatamente ao paiol de **esmeril**, que ficava ao lado, retirando os galhos de mato que o cobriam.* (CAS [2011], p. 123).

Esmolambado *adj.* Refere-se aquele que está em farrapos, em molambos. — *Eta, bamburrista velho de guerra! — tinham-lhe contado. — O bicho vive agora **esmolambado**, levando burro de viajante pra manga, mas já espancou muito H. J. na diária!* (CAS [2011], p. 76).

Espada *s. f.* Metáfora para se referir ao pênis.

*E Otacílio, sorrindo por todo o seu sorridente rosto de dentes brancos, me explicou então que o jumento, no que viu a primeira égua disponível, “desembainhou a **espada** e foi à luta”, o que queria dizer que o jumento reprodutor estreara sem tardança na fazenda, cobrindo devidamente a primeira*

égua que passou perto dele. (RDM [1993], p. 536).

Espavento *s. m.* Alarde exagerado, demonstração ostensiva e ruidosa de algo; exibicionismo.

*Pedro, que honrava sua alcunha e dela fazia alarde, estava encadernado num espelhante terno branco, sapatos de duas cores (marrom e branco), gravata de circunstância e pompa, dita de **espavento**, chapéu de palha da moda, também chamado palhinha, que de resto rimava com almofadinha.* (RDM [1993], p. 205).

Espelunca *s. f.* Moradia em condições precárias, caracterizada pela sujeira, desordem e falta de iluminação.

*Com tais propósitos, a que não faltava um vago sentimento de neutralidade, chegara num sábado a Andaraí, hospedando-se na pensão do árabe Mansur. Entretanto, mal apeara, depois da longa viagem a cavalo, já o dr. Canuto Rufino, juiz de Direito da comarca, vinha apresentar-se e cumprimentá-lo, levando-o em seguida para casa, sob o pretexto de que a pensão era uma verdadeira **espelunca**, onde “o colega seria devorado pelos percevejos”.* (CAS [2011], p. 160).

Espermacete *s. m.* Substância oleosa e cerosa extraída da cavidade craniana do cachalote, utilizada na fabricação de velas, pomadas, cosméticos e lubrificantes; no contexto literário brilho intenso e polido, associada ao cuidado exagerado com a aparência, ao requinte artificial à ostentação estética.

*E era mesmo um contraste bizarro, o negro Arigof fazendo-se ainda mais negro no terno de linho inglês imaculadamente branco, que reluzia a poder de **espermacete**, por artes do ferro de passadeira, uma sua parenta chamada Pomposa, que com ternos que fazia brilhar, brilhava também um pouco à custa deles.* (APO [1996], p. 207).

Espeque *s. m.* Estaca ou suporte utilizado para escorar ou sustentar algo, como uma planta, uma parede, uma estrutura frágil.

*Instalado em terras incorporadas ao latifúndio do Coronel Moreira, numa área limítrofe com a fazenda de João Camilo, e tendo necessariamente de ser abandonado quando findasse o corte das árvores compradas por Abubakir, era o acampamento por assim dizer um amontoado de **espeques**, varas e cascas de pau, tudo muito precário, destinado a uma duração de dois anos.* (ALM [1965], p. 177).

Espichar *v.* Estender ou alongar algo, esticar.

— *O couro eu deixei com meu compadre Possidônio pra ele **espichar**. Hoje é um dia em que eu estou saindo toda hora pra passar gente na canoa, não ia ter tempo.* (ALM [1965], p. 52).

Espingarda cano de chapéu-de-sol *loc. sub.* Antiga arma de fogo de cano largo, com extremidade em formato de campânula por onde é disparada a munição.

*Mas ele continuou a insistir. Então o outro, que levava consigo uma **espingarda cano de chapéu-de-sol**, ergueu a arma, fez pontaria e disse: — Se você continuar com descaração comigo, eu lhe dou um tiro.* (CAS [2011], p. 48).

Espinhaço *s. m.* Coluna vertebral.

— *Isso é verdade — concordou o bruaqueiro Miguel. — Como eu estava dizendo, primeiro me botaram no enchedor. Quando eu enchi duzentos barris, não aguentei mais. Já estava com o **espinhaço** me doendo.* (CAS [2011], p. 41).

Espreguiçadeira *s. f.* Móvel reclinável ou levemente inclinado, alongado e com apoio para as pernas, usado para descansar ou tomar sol.

*Como poderia ele abandonar as suas poções, os seus balancetes, a sesta na **espreguiçadeira**, o gamão jogado à tarde com os amigos, e submeter-se, de roupa emalada, aos horários e apitos de um trem e de um navio que iriam atirá-lo, ao cabo de três dias, entre desconhecidos, no burburinho da Capital? De resto, em Andaraí, só os grandes compradores de diamantes, por força dos seus negócios, costumavam naquele tempo ir a Salvador. Esta é a razão de meu pai me haver confiado à guarda do Sr. Gumerindo.* (DBM [2009], p. 19).

Estabanamento *s. m.* Indica uma atitude marcada por falta de cautela, afobação, acompanhada de comportamentos desajeitados ou impensados.

— *Salve ele! — exclamou, num **estabanamento**, dirigindo-se a João Camilo. A exuberância daquela saudação, violentando a serenidade do ambiente da casa do fazendeiro, causou certa surpresa a Jenner.* (ALM [1965], p. 170).

Estar abonado *loc. adj.* Encontrar-se temporariamente com recursos financeiros ou estar em uma situação financeira bem-sucedida.

*Sua presença na cidade era sinal de **estar abonado**. Em verdade isso não tinha importância para nós. Era o jeito de Pedro, e a gente o aceitava como ele era com seus hábitos e caprichos.* (RDM [1993], p. 205).

Estar encadernado *loc. adj.* Refere-se a pessoa que está muito arrumada, engomada.

*Pedro, que honrava sua alcunha e dela fazia alarde, **estava encadernado** num espelhante terno branco, sapatos de duas cores (marrom e branco), gravata de circunstância e pompa, dita de espavento, chapéu de palha da moda, também chamado palhinha, que de resto rimava com almofadinha.* (RDM [1993], p. 205).

Esteira *s. f.* Tapete rolante confeccionado com palha entrelaçada.

Como não havia, no pequeno cômodo enfumaçado, com urna esteira velha enrolada no canto e uma ceroula de valença pendurada na parede, nenhum caixão para sentar-se, Filó puxou as calças para cima e "Êta, que o reumatismo quer me pegar!" — ficou de cócoras junto à porta, empurrando o chapéu para trás". (CAS [2011], p. 187).

Estiar *v.* Parar de chover.

Outro garimpeiro lembrou então que se fizesse urna fogueira — "Vamos aproveitar agora que estiou". A ideia foi acolhida com entusiasmo, e trouxeram lenha imediatamente. (CAS [2011], p. 26).

Esticada *s. f.* Termo vulgar para relação sexual.

Vavinho ainda quis me levar (e ao Áureo Mota) para uma esticada com fêmea ao leito., a chamada e anunciada Roxinha, se fosse o caso. Eu porém queria ir simplesmente ir para casa. (RDM [1993], p. 465).

Estrada dos bichinhos *s. f.* Estrada situada próximo ao cemitério da Piedade, do outro lado do rio Baiano, na cidade de Andaraí, Bahia.

Acabavam de dar sete horas. Como era noite de lua, os meninos corriam picula no Ribimba, escondidos na mata de comboatá e velame da estrada dos Bichinhos, ou atrás das pedras. Chegava até ali a gritaria deles. (CAS [2011], p. 54, 55).

Estrada de ferro *s. f.* Via permanente construída com trilhos metálicos, sobre os quais circulam trens e composições ferroviárias.

O financiamento asseguraria à firma direito sobre toda madeira extraída, sujeita, porém, à escolha, segundo normas usuais do negócio, posta em Itaetê,

local de embarque na estrada de ferro. (ALM [1965], p. 95).

Estrada real *s. f.* Caminho ou via oficial, construída e controlada pela Coroa portuguesa durante o período colonial no Brasil, especialmente para escoar riquezas (como ouro e diamantes) das regiões mineradoras até os portos de embarque.

Repercorrida a vereda, já na estrada real, despediram-se de Onofre. E partiram os dois num ruidoso galopar. (ALM [1965], p. 153).

Estrada de rodagem *loc. sub.* Designa uma estrada destinada ao tráfego de veículos, de pavimentação asfáltica.

— De toda maneira ele vai sair ganhando — disse Peti. — Com a estrada nova as terras dele vão naturalmente se valorizar. Estrada de rodagem traz o progresso. Enfim, ninguém dá prego sem estopa. (RDM [1993], p. 303).

Estrebuchamento *s. m.* Ato ou efeito de se debater descontroladamente, em agonia ou sofrimento.

Sem perda de tempo, Jenner disparou um terceiro tiro, e sem demora outro, visando o alvo de baixo para cima. Como uma corda subitamente desamparada no espaço, a cobra tombou, pesada, sobre as largas fibrosas folhas das baronesas. Ainda teve alguns estrebuchamentos. Mas não tardou a imobilizar-se. (ALM [1965], p. 33).

Estremeção *s. f.* Sentimento de inquietação, medo ou ansiedade que provoca uma sensação física ou emocional de desconforto.

A morte de um velho é o estremeção final dos despojos de uma vida que desde muito tempo já o deixou de ser. Enfim, entre viver a vida e adiar a morte, há mais grandeza humana num campo de batalha do que numa clínica geriátrica. (RDM [1993], p. 79).

Estremunhado *adj.* Refere-se àquele que acaba de despertar e está estonteado de sono, aturdido.

*Algumas mulheres lavavam coadores na porta dos ranchos, enquanto outras preparavam o churrasco de carne-seca que os seus homens levariam para a serra. Enchia o ar um cheiro de torresmo chiando nas panelas, e o garimpeiro Mello, com a cara **estremunhada**, veio sentar-se no lajedo para gatear um ralo. A velha Vitória passou com uma lata de água na cabeça, de volta do rio, e deu bom-dia a uma moça que estava com urna chocolateira na mão.* (CAS [2011], p. 57).

Estricnina *s. f.* Substância venenosa altamente tóxica, extraída das sementes de algumas plantas do gênero *Strychnos*. Conhecida por seu efeito no sistema nervoso central, podendo causar convulsões, paralisia e até a morte.

*Tem onça velhaca que só o Diabo. O Coronel me deu **estricnina** pra eu envenenar uma carniça, eu envenenei foi mesmo que nada.* (ALM [1965], p. 80).

Estroina *adj.* Refere-se àquele que age de forma leviana, irresponsável, desajuizada.

*Imaginando a possibilidade de ser explorado, sentiu em volta de si um ambiente contrafeito de falsa e ocasional intimidade, o que lhe despertou um súbito rancor em relação à mulher: ela também soubera do carbonato e queria apenas o seu dinheiro. Sim: tudo agora lhe parecia bastante claro corno uma ameaça iminente: de nada adiantara ter evitado a companhia dos sócios **estroinas**.* (CAS [2011], p. 249).

Estroinice *s. f.* Ato próprio de um estroina; pessoa desregrada, desajuizada, leviana ou perdulária (que gasta sem controle).

Nem me seduzia o intento de, pilhando-me na grande cidade, meter-me em noitadas alegres e voltar, depois, sem di-

*nheiro, a repisar monotonamente as histórias que alguns viajantes baianos, recambiados à terra natal, contavam pelas esquinas, e em rodas de bar, com os exageros de uma **estroinice** deslumbrada.* (DBM [2009], p. 206).

Estridular *v.* Produzir um som estridente, agudo, repetitivo.

*No dia seguinte, tomando o café da manhã, João Camilo e os seus hóspedes iam-se retirando já da mesa, quando lá fora **estridulou** a buzina de um carro que chegava.* (ALM [1965], p. 169).

Estrovenga *s. f.* Órgão sexual masculino; pênis.

*— Aquele crioulo que você me arrumou é um cavalo — Maria disse, mexendo displicentemente o café. — Mas paga bem — ponderou Edite. E, num zelo curioso: — Ele pagou bem a você? — Pagou sim. Pagou aliás muito bem. Assim mesmo eu só deixei ele meter um pedaço daquele pau de cavalo. Ele chiou, mas teve que se conformar. A **estrovenga** dele ficou quase toda do lado de fora.* (APO [1996], p. 212).

Estuque *s. m.* Massa de revestimento usada na construção civil, composta de cal, gesso ou cimento, aplicada em paredes e tetos para dar acabamento liso ou decorativo.

*Era a mesma construção de paredes de **estuque** conhecida de Ricardo em outros tempos, quando anda campeava o vaqueiro Jado, cantador de côco e amansador de burro bravo.* (ALM [1965], p. 100).

Esquentamento *s. m.* Doença ou inflamação do sistema urinário, afetando rins ou bexiga, caracterizada por dificuldade em urinar, ardência ou eliminação da urina em pequenas quantidades.

— Já tomei chá de tudo. Tem vez que eu passo mais aliviado. Mas logo a urina começa de novo a arder e queimar que nem fogo. E o pior é que eu fico urinan-

*do aos tiquinhos, como de coisa que eu estivesse de **esquentamento**.* (ALM [1965], p. 27).

Esturricada *adj.* Refere-se ao que está muito queimada, tostada demais, carbonizada.

*Começava ali o capinzal. Por ocasião da queima dos pastos, quando o terreno se descobria em toda a sua **esturricada** nudez, logo depois da cancela se avis-tava a casa da fazenda.* (ALM [1965], p. 83).

Expedita *adj.* Refere-se a quem age com prontidão, agilidade e eficiência; desembaraçada, rápida.

*Levei-as assim mesmo, por sugestão de D. Altamira, sempre **expedita**: a sua engomadeira se encarregaria do servi-ço. Em pouco tempo estava feita a mi-nha mala, e coletadas em outra as coi-sas de minha tia.* (DBM [2009], p. 223).

Ff

Facadista *s. f.* Em sentido metafórico se refere a alguém traiçoeiro ou perigoso.

*Gente que anda explorando ele, tomando o dinheiro dele. É o Costa Pereira, com a tal subvenção do colégio, é o Lemos, com a olaria, é o Dr. Freire, o Vilela, todos esses **facadistas** que se dizem amigos dele.* (DBM [2009], p. 154).

Fado *s. m.* Destino, sorte, sina; aquilo que parece inevitável.

*Grande Áureo. Grande boêmio, mas ao mesmo tempo um anjo, que em seu **fado** de boêmio dava plantão na terra, no meio da gente.* (RDM [1993], p. 84).

Fagueira *adj.* Refere-se de ambiente ou lugar agradável, suave, acolhedora.

*Ah, nossos dezesseis, dezoito anos, em nossas noites **fagueiras**, debaixo dos lampiões da rua, anos em flor que em flor para trás ficam.* (RDM [1993], p. 81).

Faiscar *v.* Buscar diamantes em terras previamente lavradas.

— *Então, seu Neco Rompedor, como vão os garimpos lá no Andaraí? Com esse tempo, coronel, está tudo parado — respondia o garimpeiro. — A salvação é que existe o Paraguaçu. Senão a gente tinha de quebrar a cabeça cora aquelas restingas dos Coqueiros, **faiscar** no Viriato, ou lavar cisco debaixo da ponte, como Manezim Cangula.* (CAS [2011], p. 19).

Falda *s. f.* Declive suave de um terreno; encosta.

— *Bem a nova rodovia vai passar pelas terras que ele tem do outro lado do rio Cotinguiba, na **falda** da serra — respondeu minha mãe com naturalidade,*

uma naturalidade vizinha da inocência. (RDM [1993], p. 290).

Fanada *adj.* Refere-se de alguém que está abatido, cansado, sem energia ou envelhecido.

*E — quem sabe? — ela, talvez, também influísse na minha invencível recusa ao convite para almoçar com João Félix em Plataforma. Eu temia, no fundo, encontrar por lá, no domingo, uma **fanada** figura de professora solteirona, de cabelos grisalhos, a destruir a lembrança que me ficara da Zulmirinha de outros tempos, tão jovem e tão linda, no automóvel que nos levou, certo dia, com Vilela, até a porta do Cine-Teatro Guarani.* (DBM [2009], p. 176).

Farândola *s. f.* Grupo que caminha em fila, barulhento ou desorganizado.

*Novas crianças mortas vieram juntar-se à **farândola** de filhos desvividos de minha mãe, plumas flutuando na valsa de enterros, a caminho do céu, num cortejo de sombras e soluços, esfumado no portão do cemitério: o cemitério da Piedade.* (RDM [1993], p. 30).

Farfalhar *v.* Movimentar-se de forma suave e ruidosa.

*Naquele instante o caminhão passava sob uma figueira brava, cuja ramagem varreu num **farfalhar** de folhas a parte superior da cabine.* (ALM [1965], p. 185).

Farnel de cometa *exp. pop.* Expressão usada de forma figurada, para se referir a algo pouco duradouro, ligeiro ou insuficiente; como um alimento ou recurso que se esgota rapidamente, em contextos de exagero, ostentação ou ilusão.

*Habitado ao bom, tranqüilo chão das rodovias sertanejas, parando aqui e ali, à beira de um córrego, ou debaixo de uma árvore, a comer o meu **farnel de cometa**, não me sentia com bastante ímpeto para alçar-me no espaço, perder-me nas nuvens, a bordo de um aeroplano.* (DBM [2009], p. 206).

Farra *s. f.* Momento de intensa diversão ou celebração, marcado por comportamentos eufóricos e barulhentos, acompanhados de danças, cantorias e consumo de bebidas alcoólicas.

*Eu digo **farra**, e logo vejo à minha frente um carrossel iluminado, música girando em volta de si mesma, espiral de sons e cores.* (RDM, [1993], p. 55).

Farrista *adj.* Refere-se de pessoa que gosta de festas, farra, diversão ou que leva uma vida boêmia e desregrada em termos sociais.

*Você era, pode-se dizer, um adolescente, um estudante **farrista**, filho de família abastada. Perdeu-se com facilidade. Era inexperiente, um ser acima do bem e do mal.* (RDM [1993], p. 260).

Farracho *s. m.* Ferramenta utilizada para raspagem do cascalho, confeccionada a partir do arco de barril ou reaproveitamento de um facão que não se usa mais.

— *Não senhor... Eu estava trabalhando com a do meu sócio. De ferramenta minha, eu só tenho mesmo um **farracho**... — Faça bom proveito dele — atalhou o chefe, de mau humor.* (CAS [2011], p. 37).

Farromba *adj.* Refere-se a pessoa que gosta de se amostrar, de se aparecer; fanfarrice.

*O cabra tinha mesmo mais **farromba** do que outra coisa. Falava grosso, com aquela ronqueira toda, mas ronqueira não queria dizer nada, porque porco também roncava. As razões que o levavam a odiá-lo eram de natureza diferen-*

te, nada tinham a ver com medo. (CAS [2011], p. 40).

Fato *s. m.* Órgãos internos de animais, também conhecido como miúdos.

*Tudo se processava como num ritual conhecido: gente para baixo e para cima, cachorros rondando a calçada do açougue, de onde ia saindo agora o velho Torquato com a sua gamela de **fato**, e sempre gente e mais gente — dos ocasionais caixeiros-viajantes se exibindo na elegância ambulante dos jaquetões de linho branco, aos grupos familiares esparramados em cadeiras trazidas para os passeios das respectivas casas: moças e senhoras que não tinham ido à igreja e se distraíam.* (CAS [2011], p. 231).

Favinha *s. f.* Cascalho encontrado associado ao diamante.

— *Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhou pequeno e redondo, foi **favinha**, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola.* (CAS [2011], p. 42).

Fazenda-fina *s. f.* Conjunto de bens, haveres; diamantes.

— *Teotônio tem frentes de serviço muito ricas — considerou o médico. — Aquela **fazenda-fina** mesmo que eu vendi ao senhor ano passado foi de lá — lembrou o negro. Ao ouvir estas palavras, dr. Marcolino olhou institivamente para o anel que trazia no dedo: a **fazenda-fina** fora transformada no chuveiro de pequeninos brilhantes de primeira água em meio dos quais reluzia a esmeralda simbólica.* (CAS [2011], p. 61).

Fazer com as mãos desmanchar com os pés *loc. verb.* Comprometer ou destruir algo que foi construído com esfor-

ço, por descuido, imprudência ou atitudes impensadas.

— *Ele me deu de presente este broche (continuou a outra), mas o que ele fez com as mãos desmanchou com os pés. Como assim? Me disse que ontem fazia um ano que a gente havia se conhecido. [...] E Maria Corumba, num tom de magoada irritação, contou à amiga toda a história da dança com Mululu, o pouco caso que Claudius fez dela no cassino, dizendo que ela podia dançar com quem quisesse, que ele não se importava.* (APO [1996], p. 290, 291).

Fazer fita *loc. verb.* Fingir modéstia, simular humildade ou disfarçar a verdadeira importância ou valor de algo ou alguém.

— *Grande fazendeiro é a Dra. Nininha, assim mesmo nem tão grande assim. — Deixe de fazer fita. A Lagoa Encantada é a Lagoa Encantada. Não há outra igual por aqui, em terra, em água, nas duas coisas juntas.* (RDM [1993], p. 301).

Fazer o saco *loc. verb.* Ir à feira livre ou mercearia comprar mantimentos destinados ao consumo da semana ou do mês. A expressão faz referência ao ato de encher sacos ou sacolas com os produtos comprados.

E é vem gente, é vem gente que até parece um mar humano, garimpeiros das Casas-Grandes, da Boca da Gruna, do Imbé, da Boa Noite, do Rapa-Tiçã, da Santa Bárbara, da Jaqueira, do Ribimba, dos Sete Pecados, das Barricas, do Buxo, do Sossego, do Bugalhau, de tudo quanto é rua, com sacos na mão para fazer o saco. (CAS [2011], p. 89).

Fazer um ‘o’ com o fundo de um copo *exp. pop.* Designa alguém com pouca ou nenhuma instrução formal.

— *É analfabeto. Não sabe fazer um ‘o’ com o fundo de um copo. Só foi escolhido pra presidente do Conselho por-*

que é rico. A sorte é mesma cega. (CAS [2011], p. 64).

Febre de vazante *loc. sub.* Doença febril que surge durante ou após a vazante de rios, ou seja, quando as águas começam a baixar. Em regiões ribeirinhas; acredita-se que a exposição à lama, águas estagnadas ou à umidade da terra nesse período favoreça o surgimento de doenças, como infecções ou malária.

Ricardo observou sombriamente: — Ele facilitou demais. Febre de vazante dá até em passarinho. (ALM [1965], p. 66).

Fedegoso *s. m.* Planta nativa do Brasil, caracterizada pelo odor desagradável, flores amarelas e vagens lineares, por vezes recurvadas.

Mas mentira ou não — muitos deles preferiam ficar em Andaraí a ir para Piranhas. Porque se de lá vinha a notícia do comentado bamburrio de Carolo, vinha também a da febre de vazante que estava dando até nas galinhas — com garimpeiros empalamados se aguentando em pé a poder de chá de jurubeba com raiz de fedegoso. (CAS [2011], p. 210).

Feijão-de-arranca *s. m.* Variedade de feijão (*Phaseolus vulgaris*) cultivada de forma rasteira. A palavra "de arranca" se deve ao método de colheita, no qual a planta é arrancada do solo quando os grãos estão maduros.

— *Você plantou mais algum mantimento este ano? — Plantei mandioca e feijão. — De corda ou de arranca? — De arranca, mas coisa pouca.* (ALM [1965], p. 23).

Feijão-de-corda *s. m.* Feijão típico do Nordeste brasileiro (*Vigna unguiculata*), também chamado de feijão-fradinho, caracterizado por seus grãos pequenos e alongados, de cor clara com uma mancha escura no centro.

— *Você plantou mais algum mantimento este ano? — Plantei mandioca e feijão. — De corda ou de arranca? — De arranca, mas coisa pouca.* (ALM [1965], p. 23).

Feijão azul-oleoso *s. m.* Cascalho associado ao diamante.

— *Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhau pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola.* (CAS [2011], p. 42).

Ferragem *s. f.* Pedra sem valor comercial, frequentemente confundida com diamante.

— *É uma ferragem besta. Silvério espantou-se: — Ferragem? — Sim — confirmou Zé de Peixoto. — Tem grã de carbonato, mas é ferragem. E acrescentou: — Pode jogar fora. Tendo dito isto, passou a pedra com força no lajedo, e a fragilidade dela veio confirmar o que dissera: esboroou-se sob os seus dedos.* (CAS [2011], p. 127).

Fervedouro *s. m.* Pequena nascente de água cristalina, com fundo arenoso ou recoberto de cascalho.

— *A nossa tem cinco. Cinco canoas e cinco fervedouros separados por cinco traves de pedras retadas. É uma corrida de pipoco.* (CAS [2011], p. 58).

Festa de Nossa Senhora da Glória *loc. sub.* Celebração católica em honra a Nossa Senhora da Glória, representada com os braços abertos em louvor a Deus e com uma coroa de 12 estrelas sobre a cabeça, conforme descrito no livro de Apocalipse. A festividade ocorre no dia 15 de agosto.

Aos poucos, porém, de tão repetidos, os seus casos foram perdendo interesse, e cederam lugar às novidades que iam

surgindo — uma mulher-dama que tinha quebrado uma garrafa de cerveja na cabeça de outra, um garimpeiro que havia bamburrado, uma farra no cabaré de Dona com algum arruaceiro querendo rasgar a harmônica a punhal, um sereno de baile, e, por último, os preparativos para a festa de N. S. da Glória, que, a julgar pelo entusiasmo dos mordomos, ia ser de arromba naquele ano! (CAS [2011], p. 184).

Festa do Divino *loc. sub.* Celebração católica em honra ao Espírito Santo, em suas diversas manifestações, sendo uma das mais antigas e difundidas práticas do catolicismo popular. Realiza-se sete semanas após o domingo de Páscoa, no dia de Pentecostes.

Subiam agora uma pequena rampa, ao lado da qual crescia o capim-cacheado, de pendões cor de palha, cujas hastes os garimpeiros infusados vendiam na cidade, depois de preparadas para flechas de foguetes, por ocasião das novenas e das festas de N.S da Glória e do Divino. (CAS [2011], p. 100).

Ficar atado *loc. verb.* Estar impedido de agir, bloqueado, travado, sem poder de decisão ou reação.

— *O padre soube cativar a velha. Casou a filha dela com Miguel, emprestou dinheiro pra ela consertar o rancho, quasse todo dia passava com o caminhão por lá, desapeava, tomava um cafezinho, conversava, procurava saber da vida dela, e tal coisa, até que uma vez ele chegou e disse: “Sinhá Andressa, a senhora está sendo roubada nos seus direitos”. Diz que foi um negócio tão de supetão que Sinhá Andressa ficou atada, sem saber o que responder.* (ALM [1965], p. 56, 57).

Ficar gira *loc. verb.* Agir de forma estranha, impulsiva ou fora do controle; inconstante ou amalucado.

— *Mãe, pra mim ele tá morto e enterado. Eu tou me lembrando de mim*

*mesma. — tá de lembrando de si mesma? — a mãe estranhou — Que raio de coisa é essa de uma pessoa se lembrar de si mesma? Completou, numa descon-fiança. E dizendo consigo no coração, meu Deus, minha Nossa Senhora, será que minha filha tá **ficando gira**, que nem ficou a tia dela, a finada Puduzinha? (APO [1996], p. 97).*

Ficar moça *loc. verb.* Entrar na fase da adolescência ou juventude; tornar-se mulher.

*Tinha razões muito especiais para estar desapontado. Quando trabalhava na fazenda, chegara a pensar em casar com Maria: só esperava que ela acabasse de **ficar môça**. Meses depois, sofria o acidente e era despedido. (ALM [1965], p. 24).*

Ficar uma bala *loc. verb.* Ficar muito zangado, furioso, irado.

*Mas seu pai só veio a saber disso depois de você já estar longe. Enfim, o dinheiro foi bem aproveitado, e isso é o que conta, concordou Vavinho. Mas seu pai **ficou uma bala** com você, toda cidade soube, comentou. (RDM [1993], p. 253).*

Ficus *s. m.* Planta do gênero *Ficus*, da família das *moráceas*, que abrange diversas espécies tropicais e subtropicais, como a figueira e o *ficus-benjamina*, usado como planta ornamental em jardins ou interiores.

*Como tudo era diferente! Meu pai fizera dele meu correspondente em Salvador. E agora, ali na praça, debaixo do **ficus**, enquanto o esperava, revia mentalmente a cena da nossa apresentação — eu, um menino recém-chegado do interior, e ele, um cavalheiro bem-posto, respirando prosperidade e dinheiro. (DBM [2009], p. 169).*

Fifó *s. m.* Pequeno candeeiro a querosene, provido de pavio.

*E tendo dito isto, enquanto os companheiros sorriam, Filó levantou-se e foi para a porta do rancho. Nas tocas adjacentes, os **fifós** eram pontos luminosos na noite Grande era o silêncio, apenas cortado pelo rumorejar dos córregos ou pelo piar de um ou outro caburé. (CAS [2011], p. 104).*

Figueira brava *s. f.* Espécie de figueira silvestre (*Ficus insipida*), que não é cultivada e cresce naturalmente em regiões de clima tropical e subtropical, como em áreas de cerrado, caatinga ou florestas; planta que, embora pertença ao mesmo gênero das figueiras cultivadas, é mais rústica e muitas vezes considerada menos produtiva ou de menor valor econômico.

*Naquele instante o caminhão passava sob uma **figueira brava**, cuja ramagem varreu num farfalhar de folhas a parte superior da cabine. (ALM [1965], p. 185).*

Finca-pé *s. m.* Ato de insistir ou resistir obstinadamente em algo, sem ceder.

*Quando o boi vê aquele trem agarrado nele, mete os tampos por dentro da mata, como de coisa que estivesse correndo na ponta de um laço. E o sucuiuíú vai dando linha, dando linha, dando linha, até desenrolar todo. Fica esticado no ar feito uma corda. De repente ele escora o boi — e não adianta o boi fazer **finca-pé**: acaba caindo dos quartos. (ALM [1965], p. 45).*

Fodida *adj.* Refere-se para pessoa que teve relações sexuais de maneira intensa ou casual.

*Resultado: acabo sabendo que Roxinha está morando na casa da minha velha amiga e por mim em acidentais vezes **fodida** Lindaura, ocupando (a dita Roxinha) a mesma cama onde Maria Sedan e eu nos deitamos e rolamos perdidos no gostoso gozo da gente. (RDM [1993], p. 510, 511).*

Folear v. Operar qualquer mecanismo que funcione com fole, movimentando-o para bombear ar.

Lá, desde que me entendo por gente, o cianureto fica trancada junto com o fole de folear formiga, numa pequena casa desde o tempo de meu pai foi caiada de cinzento. Desde esse tempo até hoje é chamada Casa da Morte. (RDM [1993], p. 264).

Fole s. m. Aparelho formado por duas partes flexíveis que, ao serem pressionadas, lançam um jato de ar. No contexto de controle de pragas, utilizado em áreas rurais, é usado para soprar veneno sobre formigueiros e exterminar formigas.

Lá, desde que me entendo por gente, o cianureto fica trancada junto com o fole de folear formiga, numa pequena casa desde o tempo de meu pai foi caiada de cinzento. Desde esse tempo até hoje é chamada Casa da Morte. (RDM [1993], p. 264).

Folia s. f. Desentendimento coletivo, conversa tumultuada ou confusão causada por uma controvérsia banal.

— *Essa semana eu não fui lá porque não matei nada. Quer dizer, matei um tatu, mas foi mesmo que não ter matado nada. Você sabe como é o povo de Andaraí. Quando a gente chega lá com um tatu, eles querem saber se o tatu é verdadeiro ou se é peba. Se é peba, ninguém quer comprar, porque tatupeba rói carne de defunto. Se é tatu verdadeiro, não adianta a gente dizer, por que todo mundo acha que é peba, e fica nessa folia que não acaba mais.* (ALM [1965], p. 76).

Folhame s. m. Conjunto de folhas usadas para preparar infusões em cachaça, com propósitos medicinais ou revigorantes. No contexto popular, o termo também pode designar esse tipo específico de cachaça misturada.

Pedi uma cachaça pura, da boa. Eu não era muito do raizame e do folhame da cachaça misturada. Preferi a pinga pura, alva, transparente, cristal na garrafa branca de litro. (RDM [1993], p. 167).

Folhinha s. f. Calendário de parede, impresso em folhas destacáveis, com os dias, meses e ano corrente.

Em Rio dos Morcegos o carnaval era mesmo muito fraco. Praticamente, apenas uma dará na folhinha. Mas a micareta, em compensação, era não apenas o nosso verdadeiro carnaval, mas um carnaval de arromba, na abalizada opinião dos foliões. (RDM (1993), p. 152).

Fogo-central s. f. Arma de fogo que utiliza cartucho; pistola.

O velho Justino sacou rapidamente a fogo-central, e alguns garimpeiros pensaram logo num provável rolo na sentinela de Raimundo. Ao estrondar, porém, o terceiro tiro, a voz de Zé Peixoto foi ouvida. A arma estava sendo disparada na porta do barracão. (CAS [2011], p. 32).

Fojo s. m. Buraco, abertura ou falha na cerca, por onde animais (provavelmente indesejados, como porcos-do-mato ou gado alheio) entram na propriedade.

— *Agora eu estou consertando o fojo das cercas, pra eles não tornarem a entrar — concluiu o lavrador.* (ALM [1965], p. 156).

Fonfonar v. Buzinar insistentemente; fazer soar a buzina, de forma repetitiva ou incômoda.

Ah! Tudo aquilo - a baratinha, o piano, a Clara Bow — fazia ressurgir momentaneamente um mundo de sonho e romance, a lembrar o fonfonar dos velhos automóveis, e os primeiros tempos do cinema falado, com as suas canções e os seus jazz-bands — mundo de boa paz burguesa, a sugerir um fácil viver, de que era bem um exemplo aquela gente

da Ladeira dos Galés. (DBM [2009], p. 127).

Fornida de carne *loc. adj.* Refere-se de alguém que desperta atração sexual.

*Na casa, porém, havia uma pessoa que lhe tornava a existência menos penosa: sua prima Florinda, filha da velha Sebastiana. Era uma mulata **fornida de carnes**, que fazia vida em várias localidades das Lavras, o que não a impedia de demorar-se, às vezes, uma ou duas semanas na Passagem. Nessas ocasiões, valia-se o pequeno Zé da proteção da prima, que tudo fazia por ele.* (CAS [2011], p. 47).

Fouveira *adj.* Refere-se de alguém de pele ressecada, descolorida.

*A contragosto, nunca a trazia para o garimpo, por causa das freguesias de roupa lavada e engomada com as quais ela arranjava sempre algum dinheiro: ajudava-o nas despesas. — Aqui na serra — comentou Filó — uma negra de canela **fouveira** como essa de Adolfo bem que já serve. Houve risos entre os demais garimpeiros. A mulher ia agora desaparecendo na estrada, com a sua pequena trouxa feita com um cobertor dorme-bem: carregava na cabeça o seu próprio leito.* (CAS [2011], p. 217).

Freio *s. m.* Controle, contenção ou limite imposto ao comportamento de alguém, por meio de autoridade, disciplina ou influência moral.

*Eu ia me perder. Se ali perto deles, na escola do professor Tomás, eu fora tão mau aluno, imagine-se o que não ia me acontecer estudando longe de casa, sem o **freio** dos pais. Aí é que eu não ia estudar.* (RDM [1993], p. 44).

Frêmito *s. m.* Vibração ou tremor de intensidade leve, causado por um som ou movimento.

Naquele mesmo instante Abubakir desligou o motor. Um grande silêncio abafado envolveu os homens. Dir-se-ia que,

*com o ronco final do caminhão, estancara na mata o derradeiro **frêmito** da vida.* (ALM [1965], p. 191).

Frente *s. m.* Pessoa responsável pela coordenação dos trabalhos de garimpagem.

*Depois passou a explicar ao patrão que os garimpeiros estavam trazendo um companheiro que morrera afogado — “o Raimundo, aquele **frente**” — na correnteza de uma cabeça d’água.* (CAS [2011], p. 15).

Frente de serviço *loc. sub.* Local onde se inicia a camada de cascalho, seja em áreas expostas ou no interior das grunas. — *Pois é — disse ainda seu Teotônio. — Segunda-feira vocês me procurem. Tenho outra **frente de serviço** pra vocês trabalharem. Vamos pegar muito diamante, — Ao ver que os garimpeiros se preparavam para deixar o escritório, acrescentou, com a mão na chave da porta: — Não vão gastar o dinheiro à toa. Vocês devem agradecer a sorte que Deus lhes deu.* (CAS [2011], p. 240, 241).

Frincha *s. f.* Abertura estreita, fenda; fresta.

*Chegou ao salão — espécie de coração da gruna, vão úmido e tresandando a lodo, cujo interior há um montículo de cascalho recolhido das **frinchas**. Filó começou a encher o primeiro saco, quando a cabeça de Joaquim emerge do fundo do lapeiro que dá acesso ao local onde se realiza a extração do cascalho.* (CAS 2011, p. 315).

Frincheiro *s. m.* Ferramenta utilizada para desprender cascalho.

*De novo o silêncio recaí. Agora só se ouve o ruído do **frincheiro** tirando cascalho: é como algo que estivesse arranhando o interior de uma sepultura. A terra escura e úmida vai sendo reunida com auxílio da mão, e, por fim, é colocada dentro do outro saco. Em alguma*

parte, há um ruído incessante de água pingando. (CAS [2011], p. 316).

Frufulhar v. Produzir som leve, repetido e sutil, semelhante ao roçar ou agitar de asas; mover-se com um ruído abafado, como o bater suave de asas de ave em voo ou inquietação.

*A espaços, o canto de um sabiá ou de um cardeal ressoava melancolicamente e perto, num **frufulhar** de asas inquietas.* (ALM [1965], p. 152).

Fubuca adj. Refere-se pessoa de qualidade inferior, vulgar.

*Alguém comentou num grupo: — Que nada! Aquilo é uma negra aguada, **fubuca**. Não vale um centenário. É do tipo “come, onça”. Já andei com ela uma vez pra nunca mais. E mesmo que uma tábua. Em meio aos rumores da noite — as gargalhadas das mulheres se confundiam com os sons dispersos da tocata da novena.* (CAS [2011], p. 241).

Fugir do pecado como o diabo foge da cruz exp. pop. Evitar com grande empenho ou aversão algo considerado prejudicial ou errôneo, em contextos morais ou religiosos. A expressão sugere uma fuga instantânea e completa de situações negativas ou condenáveis.

*Eu agora me achava alçado a uma condição incomparável (pelo menos no momento) com o descontraído e irresponsável mundo do puteiro. E lá ia eu pensando nessas coisas, com a garrafa de cachaça debaixo do braço, **fugindo do pecado como o diabo da cruz**, quando por acaso passei pela porta da casa de Ana Branca.* (RDM [1993], p. 508).

Fumo de rolo loc. sub. Órgão sexual masculino; pênis.

— *A menina foi buscar jaca e levou **fumo de rolo**. Em muitos anos ouvi tão escabrosos e lastimáveis casos ligados a defloração de donzelas, que em sua impune tendência se igualavam ou se*

equivaliam entre si. (RDM [1993], p. 103).

Furar v. Forma vulgar para se referir a ato sexual.

*E, mergulhado em razões a seu ver cabais e definitivas de sujeição, dizia de si para consigo, ou com os botões de sua farda, e dizia e repetia, como para tornar mais evidente sua posição privilegiada, fazendo-o num calão de quartel, que tresandava a fartum de mictório: ela me deu, eu comi ela, não tem mais jeito, não adianta essa pose de merda dela, porque eu **furei** ela, ela tá **furada** e **furada** como tá vai ter mesmo de entregar os pontos, mais dia menos dia, já tá com saudade de meu pau.* (APO [1996], p. 67).

Fuzil Mauser s. m. Fuzil utilizado pelo exército alemão entre 1870 e 1945, posteriormente adotado por forças militares de outros países.

*O médico estava lendo na rede, quando ouviu as duas pancadas vibradas na porta da rua. “Deve ser algum cliente” — pensou. Levantando-se, tomou do candeeiro e encaminhou-se para a escada. Ao abrir a porta, a luz caiu em cheio sobre um homem de chapéu de couro, com um **fuzil Mauser** na mão.* (CAS [2011], p. 86).

Gg

Gabola *adj.* Refere-se daquele que é contador de vantagem; fanfarrão, mentiroso.

— *Você não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhau pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! – repetiu, com ar **gabola**.* (CAS [2011], p. 42).

Gaiata *adj.* Refere-se a pessoa espiritiosa, travessa, maliciosa ou atrevida.

*Subitamente, voltou à gaveta, levando aquela relíquia de fraterna e imorredoura amizade. Ao devolvê-la ao seu esconderijo, o bom Pessanha olhava para os lados, com num sobressalto, a precaver-se contra um repentino aparecimento da esposa, nuns restos de medo de que a **gaiata** mensagem de Filhago-sa, sem embargo de se haver tornado inócua com os anos, pudesse ainda comprometê-lo em casa.* (DBM [2009], p. 213).

Galanteio *s. m.* Demonstrar interesse amoroso ou sexual por meio de palavras gentis, elogios, gestos corteses ou atitudes sedutoras.

*Sorrindo de lado, como aliás sempre fazia, numa imitação daquele artista de cinema chamado Warner Baxter, cujo bigodinho copiara, o sargento respondeu com um **galanteio**: — Sabe, Maria, você tem dedos tão delicados, que chegam a parecer dedos de menina.* (APO [1996], p. 42).

Gamela *s. f.* Recipiente de madeira ou de barro, disponível em diversos tama-

nhos, com formato de alguidar ou alongado.

*Tudo se processava como num ritual conhecido: gente para baixo e para cima, cachorros rondando a calçada do açougue, de onde ia saindo o velho Torquato com a sua **gamela** de fato e sempre gente e mais gente — dos ocasionais caixeiros-viajantes se exibindo na elegância ambulante dos jaquetões de linho branco, aos grupos familiares esparramados em cadeiras trazidas para os passeios das respectivas casas: moças e senhoras que não tinham ido à igreja e se distraíam.* (CAS [2011], p. 231).

Ganir *v.* Soltar latidos finos ou chorosos.

*Lá fora, rondando a exígua cozinha improvisada nos fundos, o cachorro **ganira**.* (ALM [1965], p. 47).

Garimpar de lancheio *loc. verb.* Realizar a garimpagem sob a gruna.

*Na manhã seguinte, lavaram a cara no poço, tomaram café e saíram para o trabalho, Peba se lembrando do tempo em que **garimpava de lancheio** no Guela.* (CAS [2011], p. 109).

Garrafada *s. f.* Bebida feita a partir de plantas medicinais, utilizada como remédio caseiro.

*Em vão procurou curandeiros, tomou **garrafadas** e tudo o que lhe ensinavam as companheiras mais experientes — mamão serenado, banho de pó de cedro e cachaça com óleo de copaíba. Quando menos esperou, não pôde mais levantar-se da esteira onde dormia, na loca que lhe servia de morada, perto da casa de Maria Caga-na-Telha.* (CAS [2011], p. 257).

Garrancheira *s. f.* Mato fechado, espinheiro ou vegetação rasteira e emaranhada, difícil de atravessar, comum em regiões do interior nordestino ou em áreas de caatinga.

Em volta, uma garrancheira parda e retorcida atravancava a área devastada: já não havia, ali, árvores para cortar. (ALM [1965], p. 175, 176).

Garrucha *s. f.* Pistola de carregamento pela boca, também conhecida como bacamarte.

— *O próprio réu apareceu-lhe um dia em casa, de garrucha na cintura, e exigiu, em nome do coronel, seu protetor, que ele lhe desse o processo. É como eu já lhe disse: você vai para uma terra de bandidos. Se alimenta sonhos com relação à carreira que abraçou, trate de pôlos de lado. Tenho bastante experiência para lhe dizer isto.* (CAS [2011], p. 159).

Gasosa *s. f.* Bebida gaseificada e doce; bebida com gás e sabor frutado ou artificial; refrigerante.

Afazeress profissionais, inadiáveis, ligados à elaboração de um relatório, me impediram de ir vê-lo após a minha visita ao Pessanha. Aliás, antes de o fazer, entrando certa tarde na Sorveteria Alameda, para tomar uma gasosa, lembrei-me que o Vilela morava perto, e resolvi chegar até lá. (DBM [2009], p. 165).

Gata-cega *s. f.* Infecção ocular que pode levar à cegueira, associada a inflamações ou infecções parasitárias.

— *Pois você me guarde o figado do mocó. Quero fazer um remédio com ele pra minha mulher, que anda com uma gata-cega danada. Desde o dia que ela queimou jeriza lá no rancho ficou assim.* (CAS [2011], p. 107).

Geisha *s. f.* Mulher japonesa tradicionalmente treinada nas artes do entretenimento, como música, dança, canto,

poesia e conversação refinada, para atuar em recepções, festas e encontros sociais formais.

E elas me vinham à lembrança no que tinham de mais característico: lânguidas mulheres com diademas, cavaleiros de calções e chinó, vultos esquivos de geishas, trovadores debruçados em bandolins, homens vestidos de palhaço, tudo isso a retratar o estranho mundo canoro da ópera, a que não faltava o sinistro Mefistófeles, na fantasia divulgada em certo carnaval de Andaraí, pelo escrivão da Coletoria Federal, num baile de máscaras realizado no Cinema Sempre-Viva. (DBM [2009], p. 80).

Gerânio *s. m.* Planta do gênero *Pelargonium* (da família Geraniaceae), originária da África do Sul, cultivada em jardins e vasos por suas flores vistosas de diversas cores e pelo perfume.

— *Quem sabe, meu filho? Pelo menos foi isso que sempre ouvi dizer. Mas... venha ver como os gerânios estão bonitos.* (RDM [1993], p. 40).

Gibão *s. m.* Casaco de couro, amplo, tradicionalmente utilizado por vaqueiros.

O gibão, protegendo-lhe o corpo, tornava fácil esse rastejante contato com o solo. Ao passar ao lado de um murundu, urna lagartixa fugiu precipitadamente por entre os matos, o que o fez parar de repente: só retirou a mão do cabo do revólver depois que descobriu a verdadeira causa do ruído que escutara. (CAS [2011], p. 300).

Grais *s. m.* Recipientes de ferro ou barro, semelhantes a panelas ou bacias, usados tradicionalmente no sertão e em áreas rurais para lavar ouro, torrar grãos ou cozinhar alimentos em fogueiras.

O interior da botica paterna, pequeno mundo de frascos e boiões, de extratos fluidos, tinturas, pós e sais medicinais, de abafados cheiros de pomadas e un-

*güentos, naquela visão colorida das substâncias enfileiradas nos recipientes, tudo isso em meio a um lavado rebri-lhar de vidros de provetes, **grais**, ba-guetas, e cálices graduados, pondo em destaque o longo mármore da mesa de manipulação, com a balança granatária a pendular em cima — pequeno mundo tocado de mistério, onde meu pai, em silêncio, misturava atento e de óculos os ingredientes das receitas que aviava.* (DBM [2009], p. 55).

Grão-de-galo *s. m.* Arbusto nativo do Brasil, de casca tanífera, madeira resistente e flexível, ramos espinhentos e folhas de formatos variados.

— *Isto aqui está muito trabalhado, Pe-ba — observou Silvério. À passagem deles, fugiam precipitadamente grandes batixós, sobre lajedos ou por entre as moitas de **grão-de-galo**.* (CAS [2011], p. 99).

Gravatá *s. m.* Planta pertencente a vários gêneros da família das *bromeliá-ceas*, de folhas longas, rígidas e espi-nhosas.

*Quando o sol começou a entrar, e as sombras se estenderam sobre os lírios e os **gravatús**, o desmonte já ia bem adi-antado; então de novo reuniram a fer-ramenta e voltaram ao rancho.* (CAS [2011], p. 101).

Grupiara *s. f.* Depósito de cascalho situado em uma área elevada, acima do nível máximo das águas.

*Quanto ao rio propriamente dito, embo-ra já muito trabalhado na **grupiara** das margens e em todos os serviços de leito por volta daquele ano, continuava a desfrutar da mesma fama do tempo do cel. Joca de Carvalho, seu primeiro explorador.* (CAS [2011], p. 16).

Guaguaxar *v.* Fazer barulho ou ruído, em contexto de agitação ou movimento barulhento.

*Era a primeira voz a ouvir-se durante a travessia, naquele silêncio rastreado pelo **guaguaxar** das varas na água.* (ALM [1965], p. 192).

Hh

Hirto *adj.* Refere-se a algo rígido, enrijecido, especialmente por causa de frio, medo, susto ou morte.

*Na paisagem desolada, a casa da fazenda entremostrava-se por trás da escadaria do curral — ermo e **hirto**. (ALM [1965], p. 125).*

Homem sem entranhas *exp. pop.* Pessoa cruel, insensível, sem compaixão ou piedade. Alguém que age com frieza diante do sofrimento alheio, sem demonstrar empatia.

*Era quem financiava a instalação da minha olaria. Carvalho era um **homem sem entranhas**. É como já lhe disse: humilhou-me muitas vezes no "Trianon". E contou-me, com voz sumida, que, tendo ido certa vez ao "Trianon", sacar um numerário autorizado por tio Marcelino, passara um vexame atroz. (DBM [2009], p. 194).*

Hortelã graúda *s. m.* Planta de propriedades aromáticas e medicinais.

*Desconfiava que ia acabar corno esmoler, no povoado onde vivia desde menino. De qualquer maneira, porém, não se descuidava: comprara uns óculos na loja de Zé Antunes e espremia sumo de **hortelã graúda** diariamente nos olhos. (CAS [2011], p. 25).*

Ii

Imbé *s. m.* Planta trepadeira cultivada para fins ornamentais, seus cipós eram utilizados na confecção de picuás, recipientes para guardar diamantes; também conhecida como imbezeiro.

A sua passagem — de pés descalços, ferramenta ao ombro e conversando em voz alta — as lagartixas corriam assustadas por entre as moitas de imbé. Alguns desciam em marcha acelerada, como que incapazes de resistir ao impulso da própria velocidade que vinham deslocando, embalados pelo arranco inicial da caminhada que empreendiam de ladeira abaixo. (CAS [2011], p. 209).

Impaludismo *s. m.* Doença infecciosa e tropical causada por parasitas do gênero *Plasmodium*, transmitidos pela picada de mosquitos do gênero *Anopheles*. Caracteriza-se por febres recorrentes, calafrios e suores; Malária.

Pessanha esquivou-se aterrado: — Não tenho mais idade para isso, Marcelino! Nesta altura da vida ... você sabe ... É o diabo! Apanho um impaludismo, uma febre, e estou frito! (DBM [2009], p. 98).

Imorredoura *adj.* Refere-se a sentimentos, memórias, ideias ou valores que permanecem vivos no tempo, sem desaparecer.

Subitamente, voltou à gaveta, levando aquela relíquia de fraterna e imorredoura amizade. Ao devolvê-la ao seu esconderijo, o bom Pessanha olhava para os lados, com num sobressalto, a precaver-se contra um repentino aparecimento da esposa, nuns restos de medo de que a gaiata mensagem de Filhagosa, sem embargo de se haver tornado inócua com os anos, pudesse ainda

comprometê-lo em casa. (DBM [2009], p. 213).

Inchacolhão *s. m.* Espécie de gramínea de bordas cortantes.

— Nossa Senhora do Parto lhe dê boa hora, Peba! — gritou Filó, antes de tomar a estrada oposta, que se abria sobre um grande lajedo áspero em toda a superfície, exceto na trilha a bem dizer lixada por pés humanos. — eles vão com pressa — observou Neco. — Ei, Silvério! — tornou a gritar Filó. — Tem inchacolhão nesta estrada! Passe por fora! (CAS [2011], p. 122).

Incômodo *s. m.* Eufemismo usado para se referir à menstruação, indicando o desconforto ou incômodo físico associado ao período menstrual.

Jenner atentou no canoeiro: parado ao lado do sucuiuiú, cochichava com a mulher, parecendo interessado em ocultar alguma coisa. Ela mantinha o vestido suspenso até os joelhos. Fechou as pernas de repente, deixando cair sobre o pântano a barra da saia. Revelava sinais de embaraço. Protegida pela distância que a separava dos outros dois homens, disse timidamente ao marido: — Meu incômodo chegou. Segure o fifô e vá seguindo. Eu não posso andar agora não... (ALM [1965], p. 35).

Infesta *adj.* Refere-se a algo que traz ou está associado à má sorte; desventura ou acontecimentos tristes.

O Vilela era um louco! Nunca cheguei a falar ao Pessanha sobre essas extravagantes idéias do nosso protético. Afinal de contas, o Vilela tivera sempre uma grande ternura pelo Filhagosa. E o Pessanha também. Lembro-me que, depois de dar-me a infesta notícia, ele

se levantou, apoiado à bengala, a prometer-me: — Vou mostrar-lhe uma coisa. Dirigiu-se a uma velha mesa, tirou do bolso o molho de chaves, e, destrancando, num miúdo soar de tímpanos, uma daquelas antigas fechaduras de campainha, abriu a gaveta, apanhou um maço de papéis, de onde retirou um cartão-postal. (DBM [2009], p. 211, 212).

Informação *s. f.* Pedras satélites presentes no cascalho, que sinalizam a possível ocorrência de carbonatos e diamantes.

Um velho alto, que estava pitando, e até então se conservara em silêncio, lembrando-se de uma pedra grossa que pegara na mocidade, disse como que a esmo: — Nem sempre bosta de barata é informação de cascalho pobre. Aqui no Paraguaçu, é; mas na Mãe do Povo, por exemplo, é informação de cascalho rico. (CAS [2011], p. 43).

Infusado *adj.* Refere-se aquele que não consegue encontrar diamantes.

*No ano anterior, por exemplo, o coronel fizera uma apuração de mais de cem contos — e o garimpeiro Filó Finança, que andava **infusado**, bamburrara na primeira semana, gastando 800 mil-réis com uma mulher-dama boazinha mesmo que viera de Tamburi. Sem dúvida, era o Paraguaçu, para todos os efeitos, o melhor garimpo das Lavras. (CAS [2011], p. 17).*

Ingratalhão *adj.* Refere-se a pessoa muito ingrata; quem demonstra grande falta de gratidão.

*Mas logo vinha um rasgo de ternura: — Estou morrendo de saudades desse **ingratalhão**. Amanhã vou telefonar para ele. Não raro, tomava-se de melancolia, e deixava escapar num suspiro: — Não sei quando vou poder ir ao "Trianon". E associava sempre aos assuntos do escritório o nome do seu fiel amigo João Félix. (DBM [2009], p. 75).*

Inhaca *s. f.* Mau cheiro corporal, relacionado ao suor ou à falta de higiene.

*Ao meio dia, quando afinal me desebrulhei da noite e me vi em pleno dia, cansado do meu cansaço, estava apenas de cuecas, olhando para o teto, como esperando uma doce chuva só para mim, que me purificasse de minha **inhaca** noturna. (RDM [1993], p. 212, 213).*

Inhame *s. m.* Planta de regiões tropicais, com tubérculos subglobosos e folhas peltadas.

*O mulherio se espalhou pela praça e foi especulando os preços das verduras — das batatinhas, dos **inhames**, dos maxixes, dos chuchus, dos quiabos, das abóboras-d'água e dos palmitos, que Zé Lavagem com outros verdureiros retalhavam nos passeios das casas comerciais ou ao longo dos lotes já vendidos. (CAS [2011], p. 91).*

Inopinada *adj.* Refere-se ao que acontece de maneira inesperada; súbita, imprevista, surpreendente.

*O pátio encheu-se de alunos. E na algazarra **inopinada** do recreio, na confusão de tanta cara estranha a olhar-me, eu vi, de repente, como num desafogo, surgir diante de mim um conhecido. Era o Edgard, hoje médico, meu amigo de infância de Andaraí. Graças a ele, fiz depressa camaradagem entre os colegas. (DBM [2009], p. 225).*

Inteirado *adj.* Refere-se àquele que foi informado, está ciente ou tem conhecimento de algo.

*— Era seu pai, Zezinho. Um macho **inteirado**, de quatro quimbas. Ele ficava entusiasmado com a história daquele homem destemido. Ah, se aquele pai ainda fosse vivo, aquele pai machão que urinava no chapéu dos capangueiros, ele talvez não estivesse na companhia da velha Sebastiana, viveria em liberdade, teria uma criação de homem! A partir dessa noite, passou a interessar-se mais ainda pela conversa dos*

garimpeiros, que sabiam histórias de negros valentes como ele queria ser. (CAS [2011], p. 46).

Ir com sede ao pote *loc. verb.* Agir com pressa, impaciência ou excesso de vontade, muitas vezes sem cautela, o que pode levar a decepções, erros ou fracassos.

*Mas a ida ao cinema, conquanto liberada pelo noivado, somente aconteceu no sábado seguinte. Para que pressa? O sargento Marinho achou de bom aviso não **ir com tanta sede ao pote**, segundo o seu ditado preferido.* (APO [1996], p. 44).

Irromper *v.* Romper de forma abrupta; surgir ou aparecer de maneira repentina e violenta.

*Súbito, **irrompente** do mato e dando-lhe as costas ao mesmo tempo, surgiu na curva do caminho um homem a cavalo e de espingarda atravessada no arção da sela.* (ALM [1965], p. 75).

Itaetê *s. m.* Município brasileiro localizado na Chapada Diamantina, no estado da Bahia, emancipado de Andaraí em 1961.

*Ao fazê-lo, porém, verificava tratar-se ora de algum carregador de adobes ou de lenha, com os seus vagarosos jumentos, ora de algum tropeiro que se antecipava à feira, e não dos tão esperados burros que transportavam as malas postais de **Itaetê** a Andaraí.* (CAS [2011], p. 201).

Itapicuru *s. m.* Árvore da família das leguminosas, subfamília *Caesalpinioideae*, nativa do Brasil. Pode atingir até 18 metros de altura e possui madeira roxa, amplamente utilizada na fabricação de móveis.

*Grossos **itapicurus** projetavam sobre a estrada, com se os quisessem detê-la, as garra dos raizame; e por trás deles, de emboscada, os espinheiros enredavam-*

se em caramanchões sinistros. (ALM [1965], p. 63).

Jj

Jaça *s. f.* Impureza encontrada em pedra preciosa; imperfeição; mancha.

Seu Teotônio repetiu: — Fofo. É um carbonato muito ruim... Além disso, tem uma jaça enorme aqui do lado. Só com a lente pode ver... Mas tomem conhaque. Filó lançou um olhar ao carbonato, como se tivesse a intenção de verificar os defeitos que acabavam de lhe ser atribuídos. (CAS [2011], p. 236).

Jacuba *s. f.* Papa de farinha de mandioca preparada com mel, açúcar ou rapadura, podendo levar leite ou cachaça. Também pode ser diluída em água e sumo de limão para servir como refresco.

Mas como jacuba não dava sangue, não tardava e a fome sobrevinha; iam para a chácara, que ficava ali mesmo nos fundos do chalé, completar a refeição. Se as mangueiras estivessem carregadas — atiravam-se às mangas verdes ou simplesmente inchadas, não dando tempo a que elas amadurecessem... (CAS [2011], p. 71).

Janota *adj.* Refere-se a pessoa excessivamente preocupada com a aparência e com o vestuário elegante, muitas vezes de maneira afetada ou vaidosa.

Contou-me, por sinal, outro tio meu, o Sinhôzinho, ao traçar-me um retrato irreverente e sumário do nosso comum parente, a essa época, que tio Marcelino, sempre janota, andava pelos bilhares e pelas casas de raparigas, a gastar o bom dinheiro do meu bisavô. (DBM [2009], p. 177).

Janotice *s. f.* Maneira afetada ou exagerada de se portar ou vestir, marcada por um cuidado excessivo com as aparên-

cias; elegância forçada ou vaidade deslocada.

Embora todo esse esmero no trajar, mais que uma aparência de prosperidade, lhe desse um ar de tardia janotice, tinha uma expressão de bonomia anuladora de qualquer idéia de ostentação. E fosse pelos seus modos brandos, ou fosse pela benevolência e compreensão sugeridas por suas palavras acolhedoras, unidas de um tom paternal — eu logo senti que podia confiar nele. (DBM [2009], p. 20).

Jaqueira *s. m.* Via pública situada em Andaraí, na Bahia.

E é vem gente, é vem gente que até parece um mar humano, garimpeiros das Casas-Grandes, da Boca da Gruna, do Imbé, da Boa Noite, do Rapa-Tiçã, da Santa Bárbara, da Jaqueira, do Ribimba, dos Sete Pecados, das Barricas, do Buxo, do Sossego, do Bugalhau, de tudo quanto é rua, com sacos na mão para fazer o saco. (CAS [2011], p. 89).

Jaracuçu *s. f.* Serpente peçonhenta que pode atingir até 2 metros de comprimento, com coloração dorsal variável entre cinza, rosa, amarelo, marrom ou preto, marcada por manchas triangulares marrom-escuras.

Se aparecer de súbito uma cobra, uma cabeça-de-patrona ou uma jaracuçu, cuja picada “quando não mata, aleija”, ele fará o que todo gruneiro tem a obrigação de fazer — de saber fazer. Procurará encandear os olhos da cobra com a luz da candeia, até poder pegá-la pela cabeça com mão firme, esmagando-a contra a pedra. (CAS [2011], p. 314).

Jasmim *s. m.* Planta de regiões tropicais com flores aromáticas, brancas, amarelas ou róseas.

E recostou-se no portal, numa atitude de abandono. Silvério olhava fixamente os grandes pés descalços. Ao erguer os olhos na direção da mulher, notou que ela trazia um pequeno ramo de jasmims espetado no cabelo áspero. (CAS [2011], p. 247).

Jatobá *s. m.* Árvore da família das *fabáceas*, nativa das Américas, de madeira resistente e valorizada na marcenaria e construção civil; o fruto dessa árvore é de casca dura e polpa farinácea e adocicada, comestível e usada na produção de farinha, bebidas e remédios caseiros. — *Tenho cuidado. A semana passada mesmo eu tomei um purgante de aguardente alemã. Agora estou tomando jatobá com mel de abelha. Sinhá Andresinha me disse que é mesmo que tirar com a mão.* (ALM [1965], p. 23).

Jejuno *adj.* Refere-se a quem é pobre, vazio, sem conteúdo ou pouco desenvolvido; algo superficial ou que carece de substância.

Ora, muito bem! Jejuno de leituras, e retendo no espírito a escassa imagem livresca daquelas prateleiras - que iria eu

encontrar no palacete? Uma sala espaçosa, com as paredes cobertas de alto a baixo de estantes, no apainelado de uma

armação de portas corrediças, a cintilar na larga vidraçaria dos caixilhos — e, por trás deles, em rígidas enfiadas de encadernações, todo um acervo colossal de obras. (DBM [2009], p. 102).

Jerimum *s. m.* Termo usado principalmente no Nordeste do Brasil para se referir à abóbora.

Sem dar tempo a que Jenner respondesse, voltou ao interior do rancho, de lá retornando com uma gamela de jeri-

mum cozido e uma cuia de farinha. (ALM [1965], p. 39).

Jeriza *s. f.* Planta nativa da Chapada Diamantina, na Bahia, cuja queima libera substâncias que provocam ardência nos olhos.

— *Pois você me guarde o fígado do mocó. Quero fazer um remédio com ele pra minha mulher, que anda com uma gata-cega danada. Desde o dia que ela queimou jeriza lá no rancho ficou assim.* (CAS [2011], p. 107).

Jinjibirra *s. f.* Bebida fermentada à base de gengibre, preparada com frutos, açúcar, ácido tartárico, fermento de pão e água; também conhecida como cerveja de barbante.

Em torno da barraca de seu Frederico Macacão havia uma verdadeira multidão: o preto velho não tinha mãos a medir, corria de um lado para outro do pequeno balcão, a freguesia dobrando as doses da jinjibirra que ele fabricava durante a semana. (CAS [2011], p. 94).

Jirau *s. m.* Estrutura de madeira semelhante a um estrado, utilizado como suporte para utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando colocado sobre um fogão, como fumeiro para carnes.

Sua casa, avarandada e baixa, erguia-se no centro do descampado, com meia dúzia de ranchos de palha em volta, morada dos trabalhadores, entre jiraus, tronco de árvores cortados e montes de cinzas sobre o solo — restos da queima dos pastos. (CAS [2011], p. 287).

Joaquim-madrugada *loc. sub.* Termo para se referir ao pênis.

— *Já na roça, vocês pegam eu sei em que é... Alguns garimpeiros compreenderam logo o duplo sentido da frase e começaram a rir. Mas Filó, não se satisfazendo com o efeito da pilhéria, recorreu a uma expressão de gíria: — Lá vocês pegam é em Joaquim-*

madrugada... Então não teve ninguém que não risse. Foi uma gargalhada geral Silvério agora estava só dentro do rancho. Os outros garimpeiros tinham descido para a cidade, foram dar um giro pelas vendas. (CAS [2011], p. 75).

Juçara *s. f.* Palmeira nativa do Brasil que pode atingir até 12 metros de altura, com estipe anelado e palmito de excelente qualidade.

Grande era o silêncio, apenas cortado pelo rumorejar na noite ou pelo piar de um ou outro caburé. Das juçaras, cuja raiz os garimpeiros usavam contra mordedura de cobras desprendia-se um cheiro agreste, que chegava até as narinas de Filó. (CAS [2011], p. 104).

Judiação *s. f.* Ato ou efeito de judiar; crueldade, maldade, sofrimento causado a alguém ou a algo, de maneira injusta ou desumana. Também pode se referir a uma situação de pena ou tristeza provocada por sofrimento alheio.

— *Que judiação, meu bem, eu partir de deixar você aqui sozinha, chorando. Mas saiba, que também chorei. Saí daqui com os olhos carregados de lágrimas, e fui esvaziá-los em casa, no traverseiro.* (RDM, [1993], p. 265).

Jurubeba *s. f.* Planta da família *Solanaceas*, utilizada para fins medicinais. *Mas mentira ou não — muitos deles preferiam ficar em Andaraí a ir para Piranhas. Porque se de lá vinha a notícia do comentado bambúrrio de Carolo, vinha também a da febre de vazante que estava dando até nas galinhas — com garimpeiros empalamados se aguentando em pé a poder de chá de jurubeba com raiz de fedegoso.* (CAS [2011], p. 210).

Juriti *s. f.* Designação comum a diversas espécies de pombas silvestres do gênero *Leptotila*, da família *Columbidae*. São aves de médio porte, com can-

to característico, encontradas em diferentes regiões do Brasil.

Os pássaros tinham deixado de cantar. Bigodes, juritis e azulões dormiam agora nos ramos da quixabeira. De quando em quando, alguma ave noturna esvoaçava dentro da mata, desferindo a praga de um grito áspero. (ALM [1965], p. 15).

Jussiape *s. m.* Município do Estado da Bahia, situado na região da Chapada Diamantina.

Talvez fosse Eleutério com o seu carregamento de cachaça, ou Nezinho de seu Filotas trazendo carne-seca de Jussiape. (CAS [2011], p. 51).

L

Lábia *s. f.* Habilidade de convencer, persuadir ou enganar alguém por meio de conversa agradável, astuta ou envolvente; eloquência maliciosa.

Isso, sem menosprezar a lábia de cada comprador, que sempre contava, em verdade que de parte a parte: comprador e vendedor. Só que eu ainda não aprendera a minha lábia. (RDM [1993], p. 365).

Labutar *v.* Empenhar-se em alguma atividade, difícil ou cansativa.

Sinhá Andressa! Ricardo não compreendia como chegara a esquecer-se da velha posseira do Mangabal. — Como vai ela? — Vai labutando. Casou a última filha outro dia. (ALM [1965], p. 23).

Lacustre *adj.* Refere-se de ambientes, espécies ou formações associadas a áreas de água doce parada.

Para apurar o número certo de cabeças do rebanho eu teria de percorrer toda área lacustre, os brejos, as pastagens de capim nativo, no centro da mata, coisa para muitos dias, uma aventura. (RDM [1993], p. 275).

Laia *s. f.* Grupo de coisas ou pessoas com características semelhantes.

Panos brancos, em pontas de vara, para espantar periquitos, tremulavam à laia de bandeiras num campo de paz. (ALM [1965], p. 154).

Lambaceiro *adj.* Refere-se a alguém que cria desordem, bagunça ou confusão.

Aquele negro é um cabra lambaceiro, que já devia ter tomado bala há muito tempo. (CAS [2011], p. 141).

Lambedeira *s. f.* Faca longa e estreita com ponta afiada.

Sem nada mais responder, o jagunço continuou a descer a rua no seu andar gingado, o saco nas costas e a ponta da faca — uma grande lambedeira — aparecendo por baixo do paletó. Eram duas horas da tarde. Na praça, o vento levantava uma nuvem de poeira amarela, cobrindo a fachada das casas. (CAS 2011, p. 51).

Lambreu *s. m.* Variedade de diamante com facetas irregulares e muito brilho.

— Diabo! — exclamou, depois de passar as costas da mão na boca, Queleziinho sentou-se à mesa e desdobrou um pequeno pacote de diamantes. Recolhendo com a pinça um lambreu de oito quilates, disse: — Creio que este serve — e passou-o ao delegado, que o guardou rapidamente num grosso picuá. (CAS [2011], p. 143).

Lampião *s. m.* Objeto portátil de iluminação, abastecido com querosene, gás ou outro combustível, dotado de um pavio ou bico que se acende para produzir luz.

Ao darmos entrada na praça do Rosário da Virgem, avistamos na extremidade direita, marcada com um lampião na esquina, a casa de pó de pedra, de porta e janela, com platibanda debruado de branco, o cabaré de Felícia, quer dizer, o Circo. (RDM [1993], p. 208).

Lanhada *adj.* Refere-se a marcas ou cortes superficiais feitas em uma superfície, em contextos de desgaste ou atrito, como os provocados por pneus ou outros objetos duros sobre um terreno.

Por vezes, entre valetas obstruídas, o barro encaroçava na lama seca de ve-

*lhós atoleiros; e surgiam lombas **lanhadas** de pneus, entrilhando marcas de correntes antiderrapantes. (ALM [1965], p. 184).*

Lapada *s. f.* Dose ou gole de bebida alcoólica forte; cachaça, tomada de uma só vez, com intensidade.

*Lá uma vez ou outra vinha alguém comprar meia garrafa de querosene, e para variar tomava sua **lapada** de cachaça. (RDM [1993], p. 52).*

Largado *adj.* Refere-se a quem foi deixado por alguém com quem mantinha uma relação amorosa; abandonado; separado.

*E então Barletta, em tolo restolho de dor-de-corno, querendo uma idéia tola mostrar que ele era mais ele depois de **largado** da francesa casual e loura disse: — Sabe, Arigof vou levar uma noite dessas comigo Maria Corumba ao Tabaris, só para chatear Theda Diamant. (APO [1996], p. 210).*

Lasca com dois grãos *loc. sub.* Fragmentos de diamantes.

— *Sim, quem tem sorte é você, que pegou uma **lasca com dois grãos** no Vai-Quem-Quer. Neco soltou uma gargalhada e Agenor guardou um silêncio mais significativo do que um nome feio. (CAS [2011], p. 103).*

Lassidão *s. f.* Transmitir atmosfera de torpor ou inércia; descrever ambiente ou situação marcada por imobilidade ou silêncio.

*Ficava o velho casarão quase no fim da Rua do Curral, deserta aquela hora, a estender-se numa **lassidão**, entre janelas abertas, sob o sol abrasador do meio-dia. (ALM [1965], p. 211, 212).*

Lavras *s. f.* Localidade onde ocorre a concentração de atividade de garimpo; região de exploração mineral.

Era uma mulata fornida de carnes, que fazia vida em várias localidades das

Lavras, o que não a impedia de demorar-se, às vezes, uma ou duas semanas na Passagem. Nessas ocasiões, valia-se o pequeno Zé da proteção da prima, que tudo fazia por ele. (CAS [2011], p. 47).

Lavrista *s. m.* Indivíduo cuja ocupação é o garimpo.

*Viera de Palmeiras fazia quinze dias apenas, e embora fosse **lavrista**, tendo nascido e criado naquela cidade, não tinha até então cateado em leito de rio. (CAS [2011], p. 23).*

Lebreia *s. f.* Chuva fina e contínua; chuvisco, neblina.

— *Mas quer dizer que, quando tem tromba-d'água, o rio enche sem chuva? — indagou um curau que viera do sertão. — Não cai nem neblina? Zé de Peixoto interveio: — Que neblina! Nem neblina nem **lebreia**! E cusbindo grosso: — A enchente vem é com o sol quente, tinindo, de tirar lasca. (CAS [2011], p. 26).*

Lençóis *s. m* Município brasileiro localizado na Bahia, na região da Chapada Diamantina, cuja origem está relacionada ao garimpo de diamantes.

— *Filó tem razão aparteu com alvoroço um garimpeiro de **Lençóis**. — Garimpo, apesar de tudo, é muito melhor do que roça. Nem tem termo de comparação, Silvério. (CAS [2011], p. 74).*

Lençol de morim *loc. adj.* Lençol feito de morim, um tecido de algodão fino, leve, de cor branca, pouco encorpado e de baixo custo. Usado em hospitais, ambientes simples ou populares, por ser um material econômico e de fácil higienização.

*Quanto a **lençóis**, aliás, o melhor era eu comprar uma peça de **morim**, que a sua costureira se encarregaria de fazê-los. Sairia mais em conta. Os colchões poderiam ser feitos mesmo na fazenda,*

onde havia muita macela. (RDM [1993], p. 183).

Lentigem *s. m.* Mancha escura na pele, comum em idosos.

*Retirando a carta do envelope, o coronel desdobrou-a com as largas mãos salpintadas de **lentigens** senis; e, vista apurada, começou a ler em silêncio [...].* (ALM [1965], p. 86).

Lentoso *adj.* Que é lento, vagaroso, demorado; que se movimenta ou ocorre com lentidão.

*Oh, o **lentoso** correio desses brasileiros e baianos tempos, em que se tinha, quando se tinha, hora de sair, não se tinha hora de chegar!* (APO [1996], p. 342).

Lépida *adj.* Refere-se quem tem vivacidade, graça e agilidade nos movimentos; alegre, animada, espirituosa.

*De repente, vi minha tia alçar num breve gesto a pequena campainha de prata, colocada à sua direita, e vibrá-la no ar, gravemente, como um instrumento ritualístico. Obediente ao toque, entrou então na sala a copeira, muito **lépida**, de avental, carregando a travessa de peixe do serviço à francesa.* (DBM [2009], p. 71).

Letargo *s. m.* Estado de sono profundo, torpor ou inércia, em que a pessoa apresenta grande lentidão física e mental.

*O silêncio de Abelardo, enquanto me servia o café da manhã, seu ar desconfiado, seu jeito assustadiço de culpa, seu olhar tímido, que evitava o meu quando involuntariamente eles se cruzavam, nada disso me levou a maldar dele no episódio engendrado na névoa do meu **letargo** alcoólico.* (RDM [1993], p. 544).

Levar bolo *loc. verb.* Ser deixado esperando por alguém que não compareceu a um encontro ou compromisso combinado.

— *Sim, mulher da vida **leva** tanto **bolo** de homem... — Não de homem como eu. Para mim o que importa não é a mulher, por mais que ela importe, mas a minha palavra.* (RDM [1993], p. 428).

Libreto *s. m.* Texto de uma ópera, opereta, musical ou outro espetáculo lírico, contendo os diálogos, letras das canções e indicações cênicas.

— *Parece que estou vendo Gigli na Ópera de Paris. Cabe-me reconhecer que nada entendo da cantoria clássica — salvo meia dúzia de nomes de artistas e de títulos de **libretos**, guardados à força de tanto os escutar. Por isso, não sei exatamente se era da Tosca ou da Traviata a ária que meu tio, mal começava a ouvir, secundava com este infalível lembrete: — Conheci a Galli Curei no dia em que ela fez essa gravação.* (DBM [2009], p. 81).

Linheira *adj.* Refere-se ao que está disposta em linha ou fileira; que se apresenta alinhada sequencialmente, formando uma sequência linear.

*O local indicado era uma vereda aberta entre mucuibas **linheiras**, alongadamente esconsa e umbrosa.* (ALM [1965], p. 152).

Linho H.J *s. m.* Tecido de alta qualidade, utilizado por pessoas da classe alta. O H.J pode ser uma sigla ou nome relacionado à origem ou característica do material.

*Camisa de seda finíssima, roupa de **linho H.J.** muito bem engomada, de meias e chinelos "chagrin" acolchoados, chapéu-chile de copa alta, seu Teotônio acabava de resolver um caso ocorrido em sua serra. Por trás da mesa — um grande cofre. Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. Mas as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperezas das do antigo garimpeiro bafejado pela sorte.* (CAS [2011], p. 64).

Lívica *adj.* Refere-se ao que transmite uma atmosfera de penumbra, silêncio ou introspecção; luz tênue, pouco intensa, quase espectral.

*Havia no corredor um candeeiro aceso, pavia baixo, **lívica** luz no meu caminho, me guiando.* (RDM [1993], p. 212).

Livro de rezas *loc. sub.* Livro de orações do catolicismo para todas as ocasiões da vida.

*Ele pousou então a mão no ombro dela. Ela estremeceu. No nicho, o dourado das imagens reluzia. — Basta, minha filha... — disse ele, fechando o **livro de rezas**.* (CAS [2011], p. 34).

Loca *s. f.* Pequena gruta; lapa.

*Quando menos esperou, não pôde mais levantar-se da esteira onde dormia, na **loca** que lhe servia de morada, perto da casa de Maria Caga-na-Telha.* (CAS [2011], p. 257).

Lombo *s. m.* Carne proveniente da região do dorso ou costas dos animais bovinos e suínos; lombinho.

*— Voltando ao caso da permuta — disse dr. Oscar, enquanto se servia de um pedaço de **lombo**, que era sábado, dia da disputada carne fresca nos dois únicos açougues da cidade, com cachorros rosnando na porta e mulheres-damas assediando garimpeiros por causa de meia-libra de fígado — nunca me passou pela cabeça entrar no comércio de diamantes.* (CAS [2011], p. 168).

Longarina *s. f.* Peça estrutural longa e horizontal, de metal ou madeira, usada em construções e em veículos.

*Houve em redor um silencioso desfranzir de águas. Recolhidas as varas, acorrentaram a embarcação e de novo colocaram as pranchas. — Pronto! — avisou o ajoujeiro, enquanto o filho removia a **longarina**.* (ALM [1965], p. 194).

Lonjura *s. f.* Grande distância, quando considerada como algo distante no espaço ou no tempo.

*Por um momento, aferrou-se a essa ideia, numa ânsia irrefletida, mas a **lonjura** da fazenda acabou por lhe dar uma certeza consoladora e prática: se o São Marcelo ficasse perto de Itaetê, Dr. Barreto não a venderia tão barato.* (ALM [1965], p. 231).

Losna *s. f.* Planta de propriedades medicinais; também conhecida como absinto.

*O negrinho ficava num canto, encolhido, os olhos arregalados, escutando tudo sem perder uma palavra. Enquanto a velha Sebastiana vendia sua cachacinha com raízes de catinga-de-porco, de **losna** e erva-cidreira, ele ia acompanhando, com o maior interesse, os casos que os homens contavam.* (CAS [2011], p. 46).

Loto *s. m.* Jogo de azar ou recreativo que pode ser jogado à noite, como uma forma de distração social, frequentemente associado a apostas ou sorteios.

*E lembrei-me, não sem uma certa melancolia, daquelas férias remotas, dos passeios na chácara, à sombra de velhas e copadas mangueiras, e do **loto** jogado à noite, após a janta. Eu tomara, então, encorajado por aquela animação de colegas, os meus primeiros banhos de mar, que só muito escassa e prudentemente iriam repetir-se pela vida fora.* (DBM [2009], p. 191).

Lufa-lufa *s. f.* Movimentação intensa e apressada, agitação constante, normalmente associada ao corre-corre do dia a dia.

*Além disso, João Félix não possuía mais condições físicas para exercer uma função de maiores responsabilidades na **lufa-lufa** de um trapiche. Tinha mesmo de ser uma tarefa menos complexa — coisas de escrituração, dentro*

de um horário ameno. (DBM [2009], p. 172).

Lusco-fusco *s. m.* Momento de transição entre o dia e anoite; entardecer.

— *Mas rapaz, você tem é pontaria!* — disse Filó. — *Corno é que você conseguiu atirar neste bicho agora no **lusco-fusco**?* (CAS [2011], p. 103).

Mm

Macacoas *s. f.* Tristeza vaga; melancolia; aborrecimento; mau humor; costuma indicar um estado de espírito de desânimo ou indisposição, muitas vezes sem motivo claro.

— *O que Marcelino tinha eram macacoas. Macacoas de velho. Coisas que todos nós haveremos de ter um dia, com a idade. O mais era afobação do Freire. Na verdade, Marcelino ainda não era tão velho para ter essas coisas.* (DBM [2009], p. 241).

Maçada *s. f.* Dificuldade ou fardo, algo que pesa ou exige grande esforço, causando desconforto ou frustração.

— *Vou ver o João Félix hoje - anunciei. E Vilela, limpando as mãos no seu avental de protético: Gostaria de ir com você. Mas tenho que acabar uma dentadura, que devia ser entregue desde ontem. Uma imensa maçada!* (DBM [2009], p. 165).

Macega *s. f.* Área de vegetação rasteira ou arbustiva, formada por mato fechado, denso e difícil de atravessar; terreno coberto de plantas silvestres ou capim alto e espesso.

E afinal ficou-se sabendo um dia, contado pelos índios e depois pelas pessoas mais antigas, que em volta do corpo da índia foram juntando galhos com folhas, que se embaraçaram nos cabelos dela, formando então uma macega, macega que cresceu até virar uma ilha. (RDM [1993], p. 539).

Macela *s. f.* Planta medicinal aromática da família das *Asteráceas*, muito conhecida no Brasil por suas propriedades calmantes e digestivas. Suas flores são utilizadas na forma de chá para aliviar cólicas, insônia e problemas estomacais.

É também conhecida em algumas regiões como marcela ou camomila-do-campo.

Quanto a lençóis, aliás, o melhor era eu comprar uma peça de morim, que a sua costureira se encarregaria de fazê-los. Sairia mais em conta. Os colchões poderiam ser feitos mesmo na fazenda, onde havia muita macela. (RDM [1993], p. 183).

Madapolão *s. m.* Tecido de algodão, espesso, branco e de superfície lisa.

Nem todos os garimpeiros tinham esteiras — "colchões de arasto", como diziam — para cobrir o lastro de varas das camas, nem cobertores, com exceção de Agenor e Neco, que possuíam uns pequenos, quadrados, que mal lhes chegavam até o peito — uns cobertores muitos ordinários, de madapolão, a quem chamavam 'desperta-puta', a que chamavam "desaperta-puta". Com a cabeça apoiada sobre a pedra coberta de capim pubo, que lhe servia de travesseiro, o corpo encolhido, as mãos entre as pernas, Filó se lembrava da negra Vitalina. (CAS [2011], p. 107).

Madeirame *s. m.* Conjunto de madeiras em determinado local.

Toros surgiam espalhados, pela margem direita, nas proximidades da triangulação dos trilhos ferroviários, local de manobra do trem. No contemplar daquele madeirame transportado através do rio, por ocasião das cheias, quando o volume de água permitia o flutuar das peças, Jenner lembrou-se das informações que, ao transitar dias antes em Itaetê, a caminho de Andaraí, ouvira ao Chefe de Trem. (ALM [1965], p. 233).

Madeixa *s. f.* Mecha ou porção de cabelos, quando longa, solta ou destacada do restante.

*Ela penteava os cabelos, que numa espessa e negra **madeixa** arrepanhara sobre o busto.* (RDM [1993], p. 190).

Madrugador *adj.* Refere-se aquele que acorda cedo ou que chega antes dos demais a determinado lugar.

*No dia seguinte, muito cedo ainda, Zé de Peixoto foi procurá-lo. Acreditava que um entendimento pessoal com o intendente resolvesse sua situação ali na cidade, pondo-o ao abrigo de urna possível perseguição de Quelezinho. Como sabia que o médico era **madrugador**, foi engolindo o café e saindo. Acendeu o cigarro e já na porta da rua.* (CAS [2011], p. 57).

Madrugar *v.* Levantar-se muito cedo; acordar antes do amanhecer.

— *Você **madrugou** — disse Jenner. — Não senhor. Só faz meia hora que eu acordei. Fui buscar os animais na manga e dar água a eles. Agora eu ia chamar o senhor.* (ALM [1965], p. 50).

Mãe de leite *s. f.* Mulher que amamenta uma criança que não é seu filho biológico, porque a mãe da criança não pode ou não está presente para fazê-lo.

*E o menino de minha mãe, meu irmãozinho, na sua hora e vez de reinar, sugava o seio emprestado da sua não apenas ama-de-leite, mas **mãe de leite**, segunda mãe, laço de leite, todavia de sangue.* (RDM [1991], p. 30).

Mãe do povo *s. f.* Gruta utilizada para extração de cascalho na Chapada Diamantina.

— *Nem bosta de barata é informação de cascalho pobre. Aqui no Paraguaçu, é; mas na **Mãe do Povo**, por exemplo, é informação de cascalho rico.* (CAS [2011], p. 43).

Magnificat *s. f.* Oração entoada por Nossa Senhora em louvor ao Senhor, na qual expressa gratidão pelas graças e maravilhas a ela concedidas.

*Vá rezar a “**Magnificat**” ordenou-lhe, o coronel. — E queime palha benta. Esta chuva está parecendo um castigo — e encostou a repetição de Zé de Peixoto junto ao armário. Defronte do nicho ardiam duas velas; Nenzinha acabara de rezar a “**Magnificat**”.* (CAS [2011], p. 33).

Magote *s. m.* Grupo numeroso de animais ou coisas juntas, em movimento ou aglomeradas de forma um pouco desorganizada.

*Umas setenta reses, contando vacas e bois, espalhavam-se aos **magotes** pelas imediações do rancho. Não tinham mais o que pastar.* (ALM [1965], p. 71).

Mais vale um amigo na praça que dinheiro na caixa *exp. pop.* Expressão que significa que ter amigos leais e verdadeiros é mais valioso do que possuir bens materiais ou dinheiro guardado, pois a amizade pode oferecer apoio, confiança e ajuda nos momentos de necessidade, algo que o dinheiro nem sempre pode garantir.

*Os recursos do governo estavam sendo liberados com regularidade. **Mas valia um amigo na praça que dinheiro na caixa.** Tudo marchava sem problemas. Mais tarde seria construída a futura ponte, arremate da construção da nova rodovia.* (RDM [1993], p. 433).

Malandro não estrila *loc. adv.* Expressão que transmite a ideia de que uma pessoa “malandra” (astuta, esperta) não se desespera, não reclama nem faz barulho diante de situações difíceis. Ela lida com os problemas de forma mais tranquila e inteligente, sem se expor ou demonstrar frustração.

O pai acreditou. Maria despediu-se do noivo com um seco, sumário boa noite., de ofendida cerimônia, que ele retribuiu

com rancor: **malandro não estrila**. De mais a mais, o pai nada notara de estranhável despedida, estava presente, era mesmo hora de fechar a porta, coisa que não abria mão de pessoalmente fazer. (APO [1996], p. 62).

Maldar v. Suspeitar maliciosamente de algo ou alguém; interpretar de maneira negativa, desconfiada ou mal-intencionada; atribuir más intenções a um comportamento ou situação.

O silêncio de Abelardo, enquanto me servia o café da manhã, seu ar desconfiado, seu jeito assustadiço de culpa, seu olhar tímido, que evitava o meu quando involuntariamente eles se cruzavam, nada disso me levou a maldar dele no episódio engendrado na névoa do meu letargo alcoólico. (RDM [1993], p. 544).

Malsão adj. Refere-se ao que faz mal à saúde; não saudável, nocivo, insalubre. *Ocorreu um arrepanhar de panos; e uma onda de cheiro malsão desabafou-se, encheu o quarto. Institivamente Maria baixou os olhos, como se o estar de costas já não lhe poupasse o constrangimento da cena.* (ALM [1965], p. 146).

Malquerença s. f. Sentimento de antipatia, aversão ou inimizade em relação a alguém; falta de afeição ou de estima. *Tudo me parecera tão simples que a explicação chegou a se tornar ociosa. Nem sei mesmo como ela não me ocorreria de pronto, tamanha era a sua evidência. Mas a culpa foi de tio Sinhôzinho, e da malquerença, que ele inventou, entre meu pai e tio Marcelino. Nada havia entre eles. Sempre tiveram boas relações.* (DBM [2009], p. 233).

Malva s. f. Planta herbácea ou arbustiva família das *malváceas*, conhecida por suas propriedades medicinais e ornamentais.

Perto dele, erecta ao lado de uma touça de malva, a mulher conservava os olhos fitos no canoeiro. (ALM [1965], p. 29).

Malva limpa-cu s. f. Planta herbácea da família das *malváceas*, comumente associada ao uso de suas folhas largas e macias para a higiene íntima após a defecação ou micção.

Vinham do bambuzal, cada um com sua vasilha na cabeça, e andavam apressadamente, em fila, por entre as moitas de malva limpa-cu. (ALM [1965], p. 51).

Malva lava-prato s. f. Planta herbácea pertencente à família das *malváceas*; relacionada ao uso tradicional na limpeza de utensílios domésticos.

Dali, só ouvia o rumor do vento nas moitas de malva lava-prato e de cabe-luda, vento fresco e bom, aragem da noite que espalhava o cheiro ácido dos pedrestes e dos pinhões leitosos, cheiro forte de mato, de seiva, e da terra úmida da serra. (CAS [2011], p. 106).

Mamão serenado s. m. Mamão que foi deixado ao relento durante a noite, exposto ao sereno (a umidade noturna).

— *A senhora melhorou, mãe? Ontem de tarde eu fui na casa de Seu Abelardo curador. Fiz uma consulta pra senhora. Olha aqui: este mamão é pra senhora comer serenado. Deixe ele hoje do lado de fora, no sereno, a noite inteira, e de madrugada a senhora come ele, antes do sol nascer.* (ALM [1965], p. 143).

Mamar em onça loc. verb. Ser muito esperto, valente ou ousado a ponto de fazer algo impensável e perigoso com destreza.

— *Aquele padre tem muita manha — observou Dioclécio. — É capaz de mamar em onça.* (ALM [1965], p. 57).

Mamparra s. f. Ação de postergar uma tarefa ou simular sua execução.

— *Tomás já trabalhava sozinho de mamparra — E como foi que descobri-*

ram? — perguntou Neco instintivamente. *Silvério estava atento; era justamente a pergunta que ia fazer. O gerente sorriu: — Força de dinheiro... — disse. — Seu Teotônio soube que ele tinha comprado um corte de H. J. na loja de seu Benigno.* (CAS [2011], p. 228).

Mancomunado *adj.* Refere-se daquele que se aliou a outrem para um fim comum; associado; conluiado. *E comunicou que Zé de Peixoto fizera “mais uma das dele”. Mancomunado com Peba, espancara um garimpeiro e lhe dera uma purga de azeite, por infundadas suspeitas de roubo, obrigando-o a lavar os excrementos. Foi um ótimo pretexto para Quelezinho: — Vou mandar matar aquele cachorro agora mesmo! — bradou.* (CAS [2011], p. 141).

Mandacaru *s. m.* Cacto arbustivo, nativo do Brasil, amplamente difundido no Nordeste. *Não demorou muito, e um homem assomou por trás de um grande mandacaru que havia por cima de uma toca, ereto nas sombras como um espantalho.* (CAS [2011], p. 102).

Manga *s. f.* Pequena área cercada destinada ao descanso, confinamento ou manejo do gado, próxima a currais ou fazendas. — *Agora vamos botar os animais na manga — disse-lhe Manoel João.* (ALM [1965], p. 20).

Manga-espada *s. f.* Variedade de manga (*Mangifera indica*) bastante popular no Brasil. É conhecida por seu formato mais alongado, casca fina e lisa, pouca fibra, carne macia e sabor adocicado e perfumado. *Via o rancho onde morara muitos anos: pequeno, de uma porta e uma janela, com o pé de manga-espada ensombrando o oitão.* (ALM [1965], p. 84).

Mangar *v.* Zombar, caçoar ou ridicularizar alguém; fazer troça. — *Querer é uma coisa — disse Ricardo — e poder é outra. Pra lhe falar com franqueza, eu cheguei a pensar que Seu Antôniozinho estivesse mangando de mim. Como você sabe eu não sou mais homem pra vaquejar.* (ALM [1965], p. 22).

Manha *s. f.* Esperteza maliciosa, artimanha, astúcia para conseguir algo. — *Aquele padre tem muita manha — observou Dioclécio. — É capaz de marcar em onça.* (ALM [1965], p. 57).

Manheirar *v.* Agir com manha; demonstrar hesitação, em contraste com o comportamento habitual. *O primo me acompanhou na cachaça, mas manheirando na dose, biqueiro, contra seus hábitos, naquele dia aliás tão propício, de largo azul e tempo fresco.* (RDM [1993], p. 87).

Manulicha *s. f.* Arma de fogo de fabricação alemã, conhecida como fuzil Mannlicher. *Nos barulho do Coxó/ Briga até as largartixa/ Os calangos de combléia/ E elas de manulicha...* (CAS [2011], p. 50).

Mão-cheia *loc. adj.* Expressão utilizada para elogiar alguém que desempenha com excelência sua profissão ou demonstra grande habilidade em determinada atividade. *As mulheres, agasalhadas nos xales, ralhavam com os filhos para não saírem. Estes, não podendo ver de perto o rio, onde desde cedo se tornaram nadadores de mão-cheia, ficavam nas janelas espiando os garimpeiros. Algum dia fariam a mesma coisa, atravessariam a praça com uma candeia de azeite na mão, para ver as cabeças-d'água de noite.* (CAS [2011], p.30).

Máquina de Fazer Doido *exp. pop.* Expressão para se referir a televisão. *O sonho que Maria Corumba levava debaixo do braço para a cama, com ele dormia e com ele acordava, era um só: viajar para Salvador, a capital da Bahia, que ela conhecia de fotografias publicadas nas revistas ilustradas (nesse tempo ainda não chegara até ali a televisão que muitos anos depois seria batizada como a Máquina de Fazer Doido), por um cronista famoso do Rio de Janeiro), e também das músicas tocadas no rádio: Oi Bahia, Bahia que não sai do pensamento.* (APO [1996], p. 141).

Marcha batida *loc. sub.* Designa um ritmo contínuo, firme e constante de deslocamento. Costuma indicar movimento apressado ou decidido. *Os homens (apenas os homens) transportavam o mastro nos ombros, e durante o percurso, em marcha batida, faziam pelas ruas grande alarido, que cessava apenas depois de o fincarem à porta da igreja do padroeiro da cidade.* (RDM [1993], p. 80).

Maria-mole *s. m.* Planta tóxica nativa do Brasil, comumente encontrada em pastagens, onde pode se tornar infestante. *Do cadáver estendido na marquesa, lívido e inchado, ainda escorria água. Em várias partes do corpo — um fardo úmido — havia sinais das cordas com que ele fora amarrado ao varão de maria-mole, para facilitar o transporte.* (CAS 2011, p. 25).

Maranha *s. f.* Vegetação densa e embaraçada, ou uma trama de cipós, especialmente no sertão e em matas fechadas. *No extremo dos talos roxos do mandiocal verdejava, contrastante, o recortado das folhas ainda úmidas de orvalho. Aboboreiras alastravam-se por trás das cercas. Derramando-se em macia clareza, o sol criava sugestões ornamen-*

tais na maranha das zabumbas, de onde as flores irrompiam-se como trombetas brancas. (ALM [1965], p. 49).

Maravalha *s. f.* Pequenas lascas, aparas ou fragmentos finos de madeira resultantes do processo de serragem, cepilhamento ou torneamento. *Em pouco, todo aquele estendal de toros se desbasteceu na poalha de uma serragem imaginária, e dele emergiu, simétrico, entre maravalhas, um mundo de tabuados e esquadrias.* (ALM [1965], p. 65).

Maresia *s. f.* Bruma salgada formada por partículas de água do mar em suspensão no ar, que é transportada pelo vento para áreas próximas ao litoral. *De navio, não era possível: eu tinha o estômago fraco para tamanha aventura marítima, e, num horror à maresia e ao balanço do barco, imaginava-me, ao aportar, saindo do camarote numa padiola, direto para o hospital; por terra, iria deixar-me arrastar por estações ferroviárias de três Estados, a fazer baldeações, para chegar ao Rio, talvez, quando já deveria estar de volta à Bahia, de férias esgotadas.* (DBM [2009], p. 205).

Marimbas *s. f.* Designa áreas alagadas, semelhante a pântanos ou brejos. Outro termo para designar o pantanal Marimbus. *A outra conseguiu fugir. Em verdade não existe muita sucuri aqui por perto. Lá para os lados dos marimbas, nas terras embrejadas, de beira rio, é possível. Mas nessa beirada de lagoa é difícil.* (RDM [1993], p. 282).

Marimbus *s. m.* Designa áreas alagadas, semelhante a pântanos ou brejos. Associado ao ecossistema conhecido como Pantanal Marimbus. *Os marimbus eram fronteiras do seu mundo — mundo de água, lama e febre, onde nada lhe acontecia que não tivesse*

acontecido muitas vezes. Lenta e uniforme lhe decorria a existência, e a rotina diária, a solidão, a febre que deste mundo se tornara crônica, haviam-no integrado na paisagem sempre igual, com velhas árvores debruçadas sobre o pântano. (ALM [1965], p. 9, 10).

Marinete *s. f.* Ônibus urbano, em modelos menores ou mais antigos que circulavam pelas cidades. O termo usado entre as décadas de 1930 e 1970 para designar ônibus ou conduções coletivas. *Quando chegamos à Cidade Baixa, no desafogo do elevador a esvaziar-se de gente, vi uma **marinete** no ponto, com passageiros a introduzirem-se nela em respeitável fila. E a eles já me ia incorporar, esperançoso de dois lugares providenciais, mas Alcibiades me reteve com escândalo: — Você está louco! Vamos apanhar um automóvel, para ganhar tempo. Naquele calhambeque a gente só vai chegar lá amanhã.* (DBM [2009], p. 35).

Marquesa *s. f.* Espécie de sofá antigo, rústico, largo e baixo, com estrutura de madeira e assentos de palha trançada. *Tomamos uma lapada, sentados (eu e Dino) na **marquesa**, velho móvel rústico por onde haviam passado sombras de criaturas que não tínhamos conhecido. E que esquecidas ficaram em sua transitória passagem pela **marquesa**. Pela **marquesa** e pelo mundo.* (RDM [1993], p. 56).

Marrão *s. m.* Martelo de ferro de grande porte, utilizado para quebrar pedras. *Estes trabalhos, que se prolongavam durante quatro ou seis semanas, eram logo recomeçados nas novas catas que se abriam, quase todas quebradas, numa operação que o **marrão** batido a braço arrematava.* (CAS [2011], p. 18).

Martim-pescador *s. m.* Ave aquática de bico grande e pescoço curto, que se alimenta de peixes e insetos aquáticos.

*Fiquei olhando, olhando, e nisto eu vi um **martim-pescador** descendo rio abaixo cantando. Depois ele voltou, sentou num pé de gameleira e continuou a cantar. Deixe lá que eu estou olhando. Pois bem. Quando eu menos esperei, ele tornou a voar e subiu o rio toda a vida, cantando sempre.* (CAS [2011], p. 23).

Marujada *s. f.* Manifestação cultural popular, derivada do fandango ibérico, presente na Bahia.

*A volta à cidade lhes trazia sempre um sabor de novidade, com todas as sugestões de divertimento dos dias de folga, e, por isso mesmo, à medida que se aproximavam dela, falavam cada vez menos nos garimpos, para comentarem ora episódios relacionados com mulheres-damas conhecidas, ora os leilões da novena de Nossa Senhora da Glória, ora o jogo de ronda, em que Arlindo Papiaca ganhara seis contos, limpando até mesmo um mosquitador de Lençóis que por lá aparecera, ou o caso ocorrido recentemente com o garimpeiro Alfredo Tiborna, mestre da **marujada** da festa do Divino Espírito Santo – e autor involuntário da morte do finado Arquimedes, num frege que houve no cabaré do Beco da Chocolateira.* (CAS [2011], p. 214).

Marulhante *adj.* Refere-se à formação de ondas; produzir marulhos.

*Era Mululu um homem de nunca menos quarenta anos, moreno tismado, cabelo ondulado, que penteava explorando o efeito **marulhante** das ondas, num negro ondular suave e largo.* (APO [1996], p. 184, 185).

Mata-borrão *s. m.* Objeto feito de papel absorvente, utilizado para secar o excesso de tinta em textos escritos com caneta-tinteiro ou pena, evitando borrões.

O grande bureau permanecia vazio, com uma estatueta do cachorrinho da

*Victor, em gesso, montando uma guarda solitária e muda. E estava sempre em ordem, impecavelmente arrumado — o largo tinteiro de cristal, com as canetas pousadas, o porta-papéis, a espátula de marfim, o **mata-borrão**, o retrato autografado de Alma Gluck.* (DBM [2009], p. 153).

Mata-burro *s. m.* Pequena vala ou ponte de tábuas espaçadas que evita a passagem de animais.

*Rasgando estreitamente o mato, a estrada mal chegava para o caminhão passar. Transposto o **mata-burro**, num estrondear do rústico travejamento de paus redondos, Abubakir engrenou prise, imprimindo maior velocidade ao carro.* (ALM [1965], p. 175).

Matagoso *adj.* Refere-se ao que tem muitos matagais; coberto de mato fechado, denso ou espinhoso.

*E nesse desavolumar de sombras revelava-se a paisagem da fazenda, a desdobrar-se num verde **matagoso**, e orvalhado, resumindo a fresca sensação do amanhecer.* (ALM [1965], p. 138).

Matarana *s. f.* Planta da família das zingiberáceas, nativa da mata Atlântica, com folhas largas, flores viçosas e sementes aromáticas.

*A canoa acabava de entrar em pleno marimbu. A poucos centímetros de profundidade, a **matarana** entretecia uma rede de tenros caules — chumaços de mato mole que criavam para o rio um falso leito.* (ALM [1965], p. 14).

Matraquear *v.* Produzir barulho repetitivo e desagradável, como o de peças batendo.

*Do telégrafo rumou para o cartório, que ficava perto. Ao vê-lo, o tabelião emergiu de trás de uma pilha de papel, interrompendo o **matraquear** da máquina de escrever.* (ALM [1965], p. 209).

Mato Grosso *s. m.* Distrito situado no município de Rio de Contas, na Chapada Diamantina, Bahia.

— *Meu sócio também cortou um doze — declarou outro. — E eu, que estava com o sentido no bambúrrio pra ir ver minha mãe em **Mato Grosso**, vou ver agora eu sei o que é.* (CAS [2011], p. 26).

Matusalêmica *adj.* Refere-se a algo ou alguém muito antiga; excessivamente velha.

— *Áureo sorriu da **matusalêmica** piada do pra variar, cúmulo da inércia de quem não fazia nada, nada fazendo pra variar. E eu também sorri.* (RDM [1993], p. 85).

Mavioso *adj.* Refere-se ao que é doce, suave, agradável ao ouvido; termo usado para qualificar sons, vozes ou melodias.

*Felizardo era o melhor alfaiate da cidade, e era na filarmônica (Aurora Musical Rio dos Morcegos) o primeiro clarinetista, de **mavioso** sopro valsístico.* (RDM [1993], p. 105).

Maxixe *s. m.* Planta nativa da América Central, de caule rasteiro, folhas lobadas com cinco segmentos, pequenas flores, bagas ovóides de coloração amarelo-clara quando maduras e sementes brancas e diminutas.

*O mulherio se espalhou pela praça e foi especulando os preços das verduras — das batatinhas, dos inhames, dos **maxixes**, dos chuchus, dos quiabos, das abóboras-d'água e dos palmitos, que Zé Lavagem com outros verdureiros retalhavam nos passeios das casas comerciais ou ao longo dos lotes já vendidos.* (CAS [2011], p. 91).

Meiação *s. f.* Em termos jurídicos ou informais, refere-se à partilha de bens ou lucros entre duas partes, especialmente em sociedades, casamentos ou negócios.

*Também considere a possibilidade de manter na Lagoa Encantada o gado de cria de Cesaltino, em regime de **meia-ção**. De cada dois bezerros que suas vacas parissem, um seria de minha mãe, seria nosso.* (RDM [1993], p. 276).

Meia-praça *s. m.* Garimpeiro que presta serviço a um patrão ou fornecedor, com quem compartilha os lucros da extração.

— *Você vai ganhar 2.500 por dia, Salu. Sei que você é bom de serviço. — Quer dizer que eu entro como alugado? — respondeu o garimpeiro. — Oxente! Como é que você queria entrar? Como **meia-praça**? Já não tem mais lugar pra **meia-praça**.* (CAS [2011], p. 20).

Meeiro *s. m.* Indivíduo que trabalha em terra alheia mediante acordo de partilha da produção pela metade na agricultura. *Às vezes, algum trabalhador da fazenda que, indo a Andaraí a serviço do coronel Moreira, voltava com a notícia do encarecimento da farinha na cidade — motivo de alegria para os **meeiros**, que a fabricavam ali na mata.* (ALM [1965], p. 10).

Melindre *s. m.* Susceptibilidade excessiva, facilidade em se ofender por coisas pequenas; sensibilidade exagerada a críticas, comentários ou atitudes alheias. — *Não diga bobagem, menina, Você ainda tem muito que aprender. Claudius é um homem reservado, cheio de **melindres**, digo o mesmo um homem difícil, embora me dê muito bem com ele nos meus assuntos.* (APO [1996], p. 295).

Mênstruo *s. m.* Sinônimo de menstruação, referindo-se ao fluxo sanguíneo cíclico que ocorre no útero da mulher. *Ao chegar à margem, foi obrigada a movimentos mais largos para subir o barranco. Descerrou as pernas e o **mênstruo**, até então retido, deslizou ao longo delas, dando-lhe a sensação de*

que urinava em pé. (ALM [1965], p. 36).

Meter os tampos *loc. verb.* Dar cabeçada com força; em outros contextos disparar ou fugir rapidamente.

— *Eu mesmo nunca vi. Mas outros vaqueiros já viram e me contaram. Dizem que quando ele ataca um boi é um pega-pra-capar danado. Primeiro, ele enrola o rabo num pau bem forte, num amargoso, num bastião-de-arruda, e depois dá o bote. Quando o boi vê aquele trem agarrado nele, **mete os tampos** por dentro da mata, como de coisa que estivesse correndo na ponta de um laço.* (ALM [1965], p. 45).

Meter vergonha a cachorro *loc. verb.* Situação de humilhação ou rebaixamento moral.

— *Ele não teve forças, naturalmente, ninguém teria, para suportar tamanha humilhação. Foi coisa de **meter vergonha a cachorro**.* (CAS [2011], p. 159).

Mezinha *s. f.* Remédio caseiro ou popular, feito com ervas, raízes, chás ou ingredientes simples, utilizados na medicina tradicional ou familiar para tratar doenças leves ou mal-estares.

*O remédio da garrafa é pra senhora passar na inchação, com uma pena de galinha, três vezes por dia. Seu Abelardo me garantiu que a senhora vai ficar boa logo. A senhora já acabou de tomar a **mezinha** que eu trouxe a semana passada?* (ALM [1965], p. 143).

Micareta *s. f.* Festa popular de rua, semelhante ao Carnaval, mas realizada fora da época tradicional carnavalesca.

*Em Rio dos Morcegos o carnaval era mesmo muito fraco. Praticamente, apenas uma dará na folhinha. Mas a **micareta**, em compensação, era não apenas o nosso verdadeiro carnaval, mas um carnaval de arromba, na abalizada opinião dos foliões.* (RDM (1993), p. 152).

Michê *s. m.* Valor em dinheiro pago a quem trabalha com prostituição.

Mas ele insistia, o homem estava mesmo enfeitado. Por favor, eu pago até três vezes mais o michê (dizia), contando que ela fique comigo hoje. Tem de ser hoje. Por favor, D. Edite, me ajude, veja se Maria Corumba pode ficar comigo hoje. (APO [1996], p. 202).

Mineiro-pau *s. m.* Manifestação de escárnio coletivo, acompanhado de músicas e danças, visando ridicularizar uma pessoa.

— *Eu garanto por você. Só quero ver! Preciso de urna letra que esculhambe de verdade. Canelinha ainda pensou um instante; por fim, disse, empurrando vivamente o chapéu para a nuca: — Então ouça — e cantou em voz baixa, batendo com o fundo do copo para marcar o compasso: Seu dr. Oscar do Soure!/Mineiro, pau! Mineiro, pau!/Burro assim nunca se viu!/Mineiro, pau! Mineiro, pau!/Promotor filho da puta! /Mineiro, pau! Mineiro, pau!* (CAS [2011], p. 279).

Minha valença *loc. sub.* Expressão idiomática utilizada no sentido de sorte, proteção ou vantagem.

— *Minha valença — continuou — é que eu não senti mais nada no peito. Senão eu estava a esta hora pedindo esmola em Andaraí.* (ALM [1965], p. 22).

Minudente *adj.* Refere-se de algo ou alguém que é detalhista, metuculofo.

E imaginava-o, no seu bureau de industrial, a pôr de lado, num fastio, as minudentes laudas daquele papelório epistolar. Quando muito, no seu proverbial cavalheirismo, me mandaria um telegrama, em termos corteses, acusando o recebimento da carta e prometendo lê-la com interesse. (DBM [2009], p. 209).

Moca *s. m.* Tipo de café originário do Iêmen, conhecido pelo sabor forte e aroma marcante. O nome vem do porto de Mocha, de onde era exportado.

— *Faz um moca aí pra gente — pediu Neco a Agenor, que era o cuca da sociedade. Por medida de economia, a exemplo de inúmeros garimpeiros, Peba e Silvério não tomavam café de noite, substituindo-o por chá de capim-dalapa.* (CAS [2011], p. 104).

Moça da noite *loc. sub.* Forma popular de se referir à mulher que exerce a prostituição.

Eu estava fazendo tudo para evitar as consideradas ruas oficiais do meretrício, até bem pouco antes tão minhas, onde àquela hora estavam de serviço nos bares os meus companheiros de farra, em mesas coloridas de alegres moças da noite e nossas. (RDM [1993], p. 508).

Mocó *s. m.* Mamífero roedor típico da Caatinga, encontrado em áreas pedregosas. Apresenta semelhança com o coelho, sem cauda, de orelhas pequenas e pelagem acinzentada.

O homem era Neco Rompedor, e tendo dito isto encaminhou-se para o rancho, exibindo a caça por ele abatida — um grande mocó de dois palmos, com a cabeça ensanguentada. (CAS [2011], p. 103).

Mocororô osso de cavalo *loc. sub.* Depósito de cascalho que contém diamante.

Vestindo calções de algodãozinho muito justos nas pernas, os dorsos nus queimados de sol, palmilhavam os dois, em silêncio, o solo arenoso ou recoberto de bugalhaus, os pés calejados e insensíveis já ao contato das pedras quentes, dos seixos pontiagudos e rolados de antigas grupiarias, de lavagens velhas trazidas pelas enxurradas, de cortes de areia refervidos e de esmeris rebaixados — e que eram lascas de pedras ou

*informações disseminadas de garimpos anteriormente trabalhados, dos chabus ao grosso restolho do **mocororô** osso de cavalo.* (CAS [2011], p. 98).

Mode *prep.* Preposição de regionalismo, usado no português falado no Brasil, especialmente no Nordeste. Equivalente à "para", "a fim de", "com o propósito de".

— *Em Andaraí sempre pagaram bom preço. Eu tinha até encomenda de um. Mas tive de entregar o dinheiro ao coronel, **mode** rebaixar o prejuízo do bezerro. A carne ninguém teve coragem de comer.* (ALM [1965], p. 44).

Modos *s. m.* Comportamento, maneiras ou atitudes de uma pessoa, no que diz respeito à educação, aos costumes sociais ou à forma de agir em diferentes situações. Pode indicar tanto boas maneiras (cortesia, polidez) quanto maus modos (grosseria, falta de educação), conforme o contexto.

— *Por favor, meu filho, **modos**. Você está agredindo um grande amigo. O Sr. Vieira veio até aqui por dois motivos.* (RDM [1993], p. 415).

Mofina *adj.* Refere-se a pessoa considerada miserável, infeliz, desprezível ou de pouca importância; alguém visto com pena ou desprezo.

Onde teria eu lido, aprendido isso? Eu gostava dessa frase, desse destino de extremos, em que eu me via tão verdadeiro como num espelho: o sentimento impulsivo de chegar a um extremo de coragem, e ao mesmo tempo a consciência prostrada de sua inutilidade, num ato de entrega humana mofina. (RDM [1993], p. 367).

Moirão *s. m.* Poste grosso e resistente, de madeira, usado para sustentar cercas, porteiras ou estruturas rústicas no meio rural; pode designar qualquer estaca de grandes proporções fincada no solo com finalidade de sustentação.

*Perdiam-se de vista os terrenos na sua vastidão encorpada de árvores. Ricardo acabara de amarrar os animais no **moirão**.* (ALM [1965], p. 49).

Molambo *s. m.* Pedaco de tecido velho e rasgado; farrapo, trapo.

*Mas uma surpresa o aguardava quando ele se aproximou: toda aquela musculatura em movimento ia entrouxar-se num remate de **molambos**, onde se confundiam, mutuamente escassos, uns restos retorcidos de calças e dois tocos de pernas cortadas acima dos joelhos.* (ALM [1965], p. 180).

Molecoreba *s. f.* Grupo de moleques; crianças travessas.

*Por outro lado, a **molecoreba** cercava os tabuleiros na Pracinha, gastando os níqueis dos eventuais mandados no doce de rapadura com gergelim, nas brevidades de tia Joana nos queimados enrolados em papel de seda e com um gostinho bom mesmo de gengibre, nos beijus de coco e nos bolos de milho, de arroz e de aipim.* (CAS [2011], p. 89).

Molecote *s. m.* Rapaz pequeno; moleque.

*Conhecia-o desde menino, vira-o brincar no areão e nas ruas com os companheiros — um **molecote** de calças curtas, nu da cintura para cima. Lembra-va-se também da velha Sebastiana, do dia em que ela viera se queixar do sobrinho.* (CAS [2011], p. 51).

Moleirão *s. m.* Pessoa muito preguiçosa; alguém que evita esforço ou trabalho; vadio.

— *O João Félix está me saindo um **moleirão**. Há mais de três meses estou esperando o adubo que mandei vir de Marrocos, e o homem não se mexe. Já era tempo de ele tomar uma providência qualquer. As minhas palmeiras estão definhando, e o raio desse adubo não chega.* (DBM [2009], p. 76).

Molhar a garganta *loc. verb.* Beber algo, em algumas situações bebida alcoólica.

Estava bem, que viesse a cachaça para molharmos a garganta, mas que ele Zé Neto tratasse de cair fora, por que eu e Vavinho tínhamos que conversar, e precisávamos ficar sozinhos. (RDM [1993], p. 114).

Mondubi *s. m.* Depósitos de conglomerados, composto por rochas, areia, seixos, formando massas compactas de cascalhos; também conhecido como Pedra-mendobi.

A vegetação baixa acumulava um verde denso na paisagem colorida e áspera, com emburrados de mondubi e rochas talhadas a pique, de cujas arestas pendiam os cachos amarelos das babati-mãs. (CAS [2011], p. 96).

Montoeira *s. f.* Amontoado de pedras soltas, indicativo de atividade de garimpagem de diamantes.

Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. Mas as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperidades das do antigo garimpeiro bafejado pela sorte. Fazia pouco tempo. Todos se lembravam: era um simples meia-praça que andava virando montoeira na Bacia dos Nagós. (CAS [2011], p. 64).

Moquear *v.* Secar ou defumar carnes ao fogo ou sobre brasas para conservação. *Se baixava o preço da farinha, tinham de reduzir suas compras ao mínimo indispensável — querosene, rapadura e café, além do sal para moquear carnes de caça.* (ALM [1965], p. 10).

Morde mas não fila *loc. verb.* Demonstrar valentia ou agressividade, mas não concretiza a ação, ou seja, intimida, mas não ataca de verdade.

— *Foi melhor ele castrar o cachorro. Ricardo entrou na conversa: — Ca-*

chorro castrado, é como diz o outro: morde mas não fila. (ALM [1965], p. 79).

Moreno tismado *loc. adj.* Refere-se a uma pessoa de pele escura ou bronzada, com aparência ainda mais enegrecida ou marcada pelo sol.

Era Mululu um homem de nunca menos quarenta anos, moreno tismado, cabelo ondulado, que penteava explorando o efeito marulhante das ondas, num negro ondular suave e largo. (APO [1996], p. 184, 185).

Morrer sem vela nem sentinela *exp. pop.* Refere-se à morte sem as devidas cerimônias de sepultamento ou acompanhamento ritual.

— *Sente-se apanhado irrevogavelmente na armadilha: ia morrer como um bicho — sem vela nem sentinela.* (CAS [2011], p. 317).

Moringa *s. f.* Vasilha de barro com bojo largo e pescoço estreito, usada para guardar e conservar água potável, pois mantém o líquido fresco mesmo em dias quentes.

Pedi a Abdão que levasse para o meu quarto uma moringa com água e um copo. Eu tinha o hábito de beber água durante a noite, e para isso me levantava às vezes com esforço empurrado pela minha sede noturna. (RDM [1993], p. 142).

Mormaço *s. m.* Calor intenso e abafado.

A sala de redação de A Evolução estava mergulhada numa bocejante paz com o mormaço das duas horas da tarde abrasando o capinzal dos fundos. (CAS [2011], p. 272).

Mosquitar *v.* Adquirir pequenos diamantes.

Dois dias depois, Zé de Peixoto viajou para Andaraí. Liquidou os negócios com o velho Justino, tendo retirado um

saldo de 850 mil-réis. Com esse dinheiro — pensava — iria **mosquitar** na cidade, abrindo uma biboca para despachar meias-praças. A Passagem é que não lhe servia mais: terminara a garimpagem, o chefe aborrecera-se com ele, o melhor mesmo era procurar outro rumo. (CAS [2011], p. 45).

Mosquitador *s. m.* Indivíduo que negocia pequenos diamantes.

É comum, nos dias de feira, verem-se seus pequenos estabelecimentos comerciais cheios de garimpeiros — meias-praças ou não de seus proprietários — e, em todos eles, a mesma aparência de prodigalidade e fartura. Aos sábados, o **mosquitador** vai atalhar os garimpeiros nas pontas de rua, quando não se põe de atalaia à porta das vendas e dos escritórios improvisados, tudo fazendo para evitar que aqueles cheguem até a praça e entrem nos escritórios dos campangueiros. (CAS [2011], p. 266).

Mosquitinho *s. m.* Minúsculo fragmento de diamante.

A casa de negócio era perto. O negro abriu uma banda da porta, acendeu o candeeiro, e sentou-se no balcão para “ver se aparecia um **mosquitinho**”. Foram ter com ele alguns conhecidos, que moravam na mesma rua. (CAS [2011], p. 66).

Mosquito *s. m.* Diamante extremamente de dimensões pequenas.

— Deixe de besteira — respondeu Peba. — O rio só corre pra O mar... Se você tivesse comprado a meia-praça, vamos fazer de conta, sou capaz de apostar como o garimpo não dava nada. Não dava nem **mosquito** de grão. (CAS [2011], p. 113).

Mourejar *v.* Trabalhar com esforço contínuo e penoso; labutar; refere-se a atividades físicas ou mentais realizadas com dedicação e cansaço, associadas a uma rotina árdua.

Dirigi-me ao escritório, instalado numa espécie de palanque, onde **mourejavam**, por trás de uma grade, em mesas cobertas de papéis, uns escriturários escassos e cabisbaixos, no desconforto de um ambiente atravancado de arquivos. (DBM [2009], p. 166).

Mucuíba *s. f.* Árvore nativa do Brasil, da família das *Apocináceas* (*Couma utilis* ou *Couma macrocarpa*), que produz um leite espesso (látex), usado na alimentação ou na produção de borracha caseira.

O local indicado era uma vereda aberta entre **mucuíbas** linheiras, alongadamente esconsa e umbrosa. (ALM [1965], p. 152).

Mucujê¹ *s. m.* Município brasileiro localizado na Chapada Diamantina, no estado da Bahia, cuja origem está relacionada ao garimpo de diamantes.

— A pedra ficou mais de um mês em cima da mesa de seu Bacelar, servindo de peso de papel. Quando foi um dia, seu César de **Mucujê** entrou lá e disse: “Mas compadre, como é que você tem coragem de deixar à toa um carbonato desse tamanho?”. Seu Bacelar quase cai pra trás. (CAS [2001], p. 221).

Mucujê² *s. m.* Pequena árvore da família das *Apocináceas*, nativa do Brasil, que produz frutos suculentos e comestíveis.

Encontraram Filó Finança comendo **mucujê** na porta do rancho anoitecia. No horizonte barrado de vermelho, a serra apresentava como que os contornos de uma fortificação em chamas, os píncaros criando a ilusão de monumentais ameias comburidas. (CAS [2011], p. 101).

Muçurunga *s. f.* Espingarda simples, de cano liso, utilizada para a caça de animais pequenos.

— O pessoal aqui é desfavorecido de arma como o senhor imagina — esclama

receu. — *Muito mal tem uma **muçurunga**, espingarda sem rompimento, que só serve pra caçar periquito.* (ALM [1965], p. 80).

Mulher-dama *s. f.* Mulher que se dedica à prostituição; meretriz.

*Aos poucos, porém, de tão repetidos, os seus casos foram perdendo interesse, e cederam lugar às novidades que iam surgindo — uma **mulher-dama** que tinha quebrado uma garrafa de cerveja na cabeça de outra, um garimpeiro que havia bamburrado, uma farra no cabaré de Dona com algum arruaceiro querendo rasgar a harmônica a punhal, um sereno de baile, e, por último, os preparativos para a festa de N. S. da Glória, que, a julgar pelo entusiasmo dos mordomos, ia ser de arromba naquele ano!* (CAS [2011], p. 184).

Mulher da vida *loc. sub.* Mulher que faz da prostituição seu meio de vida; meretriz.

— *Então a senhora acha que Deus me botou no mundo pra ser **mulher da vida**? Num impulso, os olhos chamejando terror na face trêmula, a doente ergueu esbracejante as magras mãos em garra: — Cala a boca! Cala boca desgraçada! Você está blasfemando! Bata na boca e peça perdão a Deus!* (ALM [1965], p. 147).

Mulher de prateleira-de-cima *loc. adj.* Mulher considerada sexualmente atraente e desejável, associada a um padrão de beleza valorizado socialmente.

*Vive que nem um bicho, trabalhando dia e noite, sem respeitar domingo nem dia santo, só pra fazer figura em Andaraí. Mania besta, mania de ser rico — comentou. — Mas de que adianta isso? De que adianta ele passar uma semana com Helena, com Cleonice, ou com qualquer outra **mulher de prateleira-de-cima**, se depois ele vai ficar dois ou três meses tocando gloriosa em cima da serra? De que adianta? Se ele não*

aguenta a tese, pra que essa besteira de querer passar pelo que não é? Filó é que tem razão — observou, — Bem ele disse que Pedro Almofoadinho devia procurar sua baixa posição e se colocar. (CAS [2011], p. 97).

Munzuá *s. m.* Tipo de armadilha de pesca artesanal, feita de cipó ou taquara, utilizada para capturar peixes e crustáceos em rios e lagos.

— *Cadê sua mãe? — Foi botar iscas nos **munzuás**.* (ALM [1965], p. 20).

Murici *s. m.* Árvore nativa das regiões Norte e Nordeste brasileiro, conhecida por seus frutos comestíveis; também conhecida por muricizeiro.

*O vento agitava os pés de **murici**, espalhando forte cheiro de mato. Uma nuvem de poeira vermelha cobria cruzeiro fincado no alto do barranco.* (CAS [2011], p. 73).

Murundu *s. m.* Pequena elevação ou montículo com solo e vegetação distintos da paisagem ao redor.

*Ao reaparecer adiante, no alto da ladeira ondulada de **murundus**, voltou-se lentamente na direção da cidade que abandonava: as casas eram manchas vagas e escuras sob a luz das estrelas.* (CAS [2011], p. 253).

Mutuca *s. f.* Inseto semelhante às moscas encontrado em ambientes aquáticos, que se alimentam de sangue.

— *Eu estava atrás de uma pedra, quando ouvi ele piar; aí eu preparei a espingarda. Nisto urna **mutuca** ferrou ele na orelha, ele saltou e eu passei fogo bem na cabeça dele. Assim mesmo o bicho ainda correu, só se vocês vissem, e foi morrer dentro de um canal que ficava adiante.* (CAS [2011], p. 103).

Nn

Nababo *s. m.* Indivíduo muito rico, que ostenta grande luxo.

— *Ora, não confunda alhos com bugalhos! — e Nascimento deu de ombros. — Não vá atrás de conversa de jornal. Quando alguém escreve contra qualquer coisa, como é o caso deste sujeito, é porque tem alguma cavação em vista ou está despeitado. A verdade é que, se não existissem os ricos, tachado de “nababos privilegiados” aí nesse artigo, simplesmente porque eles e suas mulheres se enfeitam de diamantes dos pés à cabeça, a situação dos garimpeiros era muito pior, posso lhe garantir.* (CAS [2011], p. 207, 208).

Nagô *adj.* Refere-se a um dos principais grupos de origem africana trazidos para o Brasil durante o período da escravidão. São descendentes dos povos de língua iorubá, oriundos principalmente da região que hoje corresponde à Nigéria e Benim.

Fui esperar o caminhão (então não me lembrava?) no beco de Valu, velhinha já, mas falando ainda com sotaque africano, língua e voz do seu povo d’África, que eu nunca soube qual fosse. Nagô... quem sabe? Creio que foi a única africana que conheci em pessoa na minha vida. (RDM [1993], p. 12).

Não alimentar a pão de ló *loc. verb.* Tratar alguém com uma atenção ou gentileza que não é merecida ou valorizada por essa pessoa; variante da expressão “alimentar um burro a pão de ló”, que sugere a ideia de oferecer algo excessivo ou desnecessário para quem não tem a capacidade de aproveitar ou reconhecer o esforço.

Nisso entrou no bar Central o garimpeiro Pedro Almofadinha. Era nosso

*camarada, tomava às vezes umas e outras conosco, nosso grupo **não alimentava a pão de ló** preconceito. Todas as chamadas classes sociais tinham nele representantes espontâneos, que sem desdouro para qualquer classe as representavam condignamente.* (RDM [1993], p. 204, 205).

Não esquentar lugar *loc. verb.* Permanecer pouco tempo; mudar rapidamente de posição ou lugar. Ser instável, não se fixar em atividades ou ambientes.

*Comprara-as apenas porque os seus proprietários, os Candanças, uma gente aciganada, que **não esquentava lugar**, estando de muda para Mato Grosso, vendeu-as por dez réis de mel coado.* (RDM [1993], p. 292).

Não perder a esportiva *loc. verb.* Manter a calma, o bom humor ou o espírito esportivo diante de situações difíceis, embaraçosas ou provocativas. É usada para descrever alguém que reage com elegância e tranquilidade, sem se irritar ou se exaltar.

— *Não; cinema, não! — decidiu com mal disfarçada brabeza o pai. — Cinema só depois do noivado. O sargento Marinho, no entanto, não perdeu o autocontrole. Ou, como se dizia com propriedade na gíria do lugar **não perdeu a esportiva**. Pensando bem, não recebera uma negativa. Recebera antes uma esperança.* (APO [1996], p. 41).

Não se fazer de rogado *loc. verb.* Expressão usada para pedir que alguém não hesite, não demore ou não se mostre resistente diante de um pedido, sugestão ou convite. Implica um apelo para que a pessoa não dificulte ou prolongue a resposta de forma desnecessária, como

quem finge relutância ou se faz de difícil de propósito.

— *Ester me disse, com a mesma expressão travessa que desde menina lhe iluminava o rosto. Sorriu, piscou o olho para mim, me disse ainda: — Vamos, não se faça de rogado, venha comigo. Abriu-se a porta da casa, era Lorena, em sonho e em pessoa.* (RDM [1993], p. 197).

Nascer com o fiofó pra lua *exp. pop.* Ter muita sorte na vida; ser naturalmente favorecido pela sorte.

— *A estrada nova vai passar por dentro das terras que ele comprou aos Candanças, quando ninguém se interessou em compra-las. É mesmo um homem de muita sorte. — Nasceu com o fiofó pra lua — disse Peti.* (RDM [1993], p. 303).

Necrológio *s. m.* Texto ou discurso que comunica e comenta a morte de alguém, com um breve resumo de sua vida e feitos.

— *Fiz-lhe o necrológio, como você deve saber. Durante algum tempo, pensei em desenvolvê-lo, dar-lhe mais corpo. Quem sabe? Talvez até o publicasse. Mas a tarefa era muito penosa para quem, como eu, foi tão ligado a Marcelino. Além disso, todos nós, amigos dele, decidimos não dar publicidade à sua morte.* (DBM [2009], p. 254).

Nefanda *adj.* Refere-se aquilo que é abominável, execrável, repugnante ou indigno, especialmente por ferir a moral, a ética ou os bons costumes; a ações ou comportamentos considerados profundamente ofensivos ou escandalosos. *E nem era de contar-se a ninguém semelhante absurdo. Deixei, horrorizado, tio Sinhôzinho, com o seu hálito de álcool, e pus-me a andar pela cidade, tentando esquecer a sua história nefanda.* (DBM [2009], p. 232).

Negro de tutano *loc. adj.* Refere-se daquele que é destemido; corajoso.

Nenzinha, sua amásia, viera com ele, e d. Santa, sua esposa, ficara na São Pedro — fazenda onde ele residia, e que distava poucas léguas dali. Conforme acontecia todos os anos, o barracão fora entregue a Zé de Peixoto — negro de tutano que os garimpeiros respeitavam. Enquanto o velho Justino, já bastante experimentado no serviço, ficara incumbido de gerir a garimpagem. (CAS [2011], p. 18).

Negro-nu *s. m.* Planta endêmica da Chapada Diamantina, com propriedades medicinais cicatrizante.

Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinhavam o seu arroz de cacimba em panelas de barro do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação de garimpagem que os reunia em sociedade — um cortando negro-nu para espantar borrachudo, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam. (CAS [2011], p. 102).

Neve *s. f.* Arbusto de porte médio, com seiva leitosa, apreciada por sua beleza ornamental.

E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com as três-folhas, o canapu, a neve, com o chapéu-de-frade e a sempre-viva-da-serra, guarnecendo o flanco acidentado dos rebaixos. (CAS [2011], p. 96).

Nicho *s. m.* Reentrância em uma parede para abrigar uma imagem ou objeto decorativo.

Ele pousou então a mão no ombro dela. Ela estremeceu. No nicho, o dourado das imagens reluzia. — Basta, minha filha... — disse ele, fechando o livro de rezas. (CAS [2011], p. 34).

Ninguém dá prego sem estopa *exp. pop.* Expressa a ideia de que ninguém faz um favor ou toma uma atitude sem ter algum interesse próprio por trás.

— *De toda maneira ele vai sair ganhando — disse Peti. — Com a estrada nova as terras dele vão naturalmente se valorizar. Estrada de rodagem traz o progresso. Enfim, ninguém dá prego sem estopa.* (RDM [1993], p. 303).

Nodoso *adj.* Que tem nós ou nódulos; cheio de saliências ou protuberâncias.

Uma mulher alta, de luto, cabelos em bandós, o rosto pálido, desceu os degraus da varanda e veio receber-me. Era tia Edite, que eu não via desde quando ela deixara a sua chácara em Andaraí, fazia talvez um ano, para ir viver com tio Marcelino em Salvador. Beijei-lhe a mão de dedos nodosos, e ela estreitou-me num abraço, perguntando-me por minha mãe. (DBM [2009], p. 31).

Nossa Senhora da Glória *loc. sub.* Título que se refere a Virgem Maria professada pela Igreja Católica.

Subiam agora uma pequena rampa, ao lado da qual crescia o capim-cacheado, de pendões cor de palha, cujas hastes os garimpeiros infusados vendiam na cidade, depois de preparadas para flechas de foguetes, por ocasião das novenas e das festas de N. S. da Glória e do Divino. (CAS [2011], p. 100).

Nossa Senhora da Piedade *loc. sub.* Título dado à imagem de Maria, inspirado na famosa *Pietà* de Michelangelo.

Alguns pensaram que tivesse caído uma faísca — outros se lembraram da tempestade que desabara em Andaraí no dia em que retiraram Nossa Senhora da Piedade do altar. Por um instante, só se ouviu mesmo o rio roncando dentro da noite, chegando água. (CAS [2011], p. 27).

Nossa Senhora do Parto *loc. sub.* Título dado à imagem da Virgem Negra de Paris, que era venerada na igreja de *Saint-Etienne-des-Grès*. Ao longo dos anos, inúmeras famílias e, principalmente, gestantes invocam a proteção da virgem.

— *Nossa Senhora do Parto lhe dê boa hora, Peba! — gritou Filó, antes de tomar a estrada oposta, que se abria sobre um grande lajedo áspero em toda a superfície, exceto na trilha a bem dizer lixada por pés humanos.* (CAS [2011], p. 122).

Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa *loc. sub.* Título dado à Jesus voltado ao mistério da Paixão e Morte, destacando o aspecto da representação vivenciada do próprio drama do Calvário.

Do cadáver estendido na marquesa, lívido e inchado, ainda escorria água. Em várias partes do corpo — um fardo úmido — havia sinais das cordas com que ele fora amarrado ao varão de maria-mole, para facilitar o transporte. Entre garrafas vazias servindo de castiçais, tinham colocado uma imagem de N.S. Bom Jesus da Lapa. Na sala espalhava-se o cheiro nauseante das velas de sebo. (CAS [2011], p. 25).

No tempo que se amarrava cachorro com linguça *exp. pop.* Expressão usada de forma nostálgica ou irônica para se referir a um tempo passado em que, segundo a crença popular, as pessoas eram mais honestas, ingênuas ou confiáveis.

Depois falaram no de Antônio Félix, pegado em Xique-Xique, e até no de João Gancho falaram — tendo Filó considerado que se tratava de um carbonato extra, fora vendido por 40 contos no “tempo em que se amarrava cachorro com linguça”. (CAS [2011], p. 219).

Numerário *s. m.* Dinheiro em espécie; quantia em dinheiro utilizada como ca-

pital disponível, especialmente para abrir ou manter um negócio.

*Betinho, vítima um dia de manhã de um ataque de trabalho, abrira uma venda, com **numerário** otimista do pai. Nunca era tarde para começar qualquer coisa.* (RDM [1993], p. 85).

Oo

Oitão *s. m.* Estrutura de alvenaria utilizada em construções.

*Voltou-se rapidamente para o lado, a ver se d. Santa estava no alpendre, e, nada divisando além da rede armada no **oitão**, despediu-se do capataz e fez galopar o animal.* (CAS [2011], p. 298).

Oleado *adj.* Refere-se a material impermeável, tecido ou lona, recoberto com uma substância oleosa, plástica ou resinosa, que lhe confere brilho e resistência à água.

*Não me lembro bem. Só me lembro de minha avó, recomendando que a pessoa que tivesse cuidado comigo, para eu não cair do carneiro. Era um carneiro branco, com qualquer coisa em cima dele parecia com um arreio. Uma coisa de **oleado** preto. Certamente era um arreio. Um arreio de brinquedo.* (RDM [1993], p. 21).

Olho-de-arara *s. m.* Variedade de diamante.

— *Eu estava trabalhando de meia-praça — disse. Foi um ano em que eu vi, de uma vez, seis **olhos-de-arara**. Quando chegou a hora de fazer o corte, eu fiz o meu foi de caixão, com pedras assentadas no sistema de tição, em cima de camadas de capim pubo.* (CAS [2011], p. 43).

O risco que corre o pau corre o machado *exp. pop.* Expressão que indica que, em determinadas situações, todos os envolvidos estão sujeitos aos perigos, perdas ou fracassos.

*Todo comércio é isto. De qualquer maneira — prosseguiu — **o risco que corre o pau corre o machado**. Quantas vezes um fornecedor bota um meia-praça no*

garimpo e, no fim de contas, o dinheiro fica todo lá? (CAS [2011], p. 188).

O seu a seu dono *loc. adv.* Reconhecer o mérito ou dar crédito a quem realmente o merece.

— *Não, não — ele disse, recusando o dinheiro devolvido. — **O seu a seu dono**, como você disse, não é verdade? Pois bem, o dinheiro que está dentro de sua bolsa já tem mesmo um dono.* (APO [1996], p. 258).

Ouricuri *s. m.* Planta da família das *Arecáceas*, comum no Nordeste do Brasil. Suas folhas são utilizadas para confecção de artesanato.

*Sob o desabado chapéu de palha de **ouricuri**, seus olhos tinham uma expressão de resignada indiferença.* (ALM [1965], p. 10).

Ouro besouro *s. m.* Algo de pouco valor; ouro falso ou objeto que aparenta ser valioso, mas o não é.

*O qual, aliás, acabou não lhe cobrando nada pelo serviço, nem pela matéria, visto ter descomprometidas no cadinho umas poucas gramas de ouro quatorze (em gíria de ourives chamado **ouro besouro**), suficientes para a feitura da aliança.* (APO [1996], p. 42).

Ovão *s. m.* Fragmentos de cascalho resultantes da garimpagem.

*O rio baixara mais, descobrindo um grande pedaço do areão, e alguns emburrados estavam à vista, com os **ovões** característicos do Paraguaçu.* (CAS [2011], p. 34).

Ovo de pobre é goro *exp. pop.* Constante infortúnio; inevitável condição de pobreza.

— *Deixe de besteira* — respondeu Peba

— *O rio só corre pra o mar... Se tivesse comprado a meia-praça, vamos fazer de conta, sou capaz de apostar como o garimpo não dava nada. Não dava nem mosquito de grão. E concluiu: — Mas não sabe que o ovo de pobre é goro?* (CAS [2011], p. 113).

Pp

Paca *s. f.* Mamífero roedor da família *Cuniculidae*, de nome científico *Cuniculus paca*, encontrado em florestas da América Latina. Possui corpo robusto, pelagem marrom com manchas claras e hábitos noturnos.

— *Bem... Nesta beirada de rio não existia nenhum sucuíuiú morador. Às vezes, um ou outro bordejava por aqui, caçando **paca** e capivara. Depois sumia de novo.* (ALM [1965], p. 41).

Pachorra *s. f.* Lentidão exagerada no agir, muitas vezes associada à preguiça ou indolência.

*Eram coisas muito íntimas, restritas ao meu interesse pessoal de parente dele, a bisbilhotar, em casa, com **pachorra**, velhas gavetas de guardados: cartas, fotografias de várias épocas, e sobretudo os cartões-postais, tão numerosos, que evocavam, num suceder geográfico de mensagens, os seus largos itinerários de globe-trotter.* (DBM [2009], p. 249).

Padiola *s. f.* Espécie de maca portátil, feita de madeira ou metal com lona, utilizada para transportar pessoas doentes, feridas ou incapacitadas de se locomover por conta própria.

*De navio, não era possível: eu tinha o estômago fraco para tamanha aventura marítima, e, num horror à maresia e ao balanço do barco, imaginava-me, ao aportar, saindo do camarote numa **padiola**, direto para o hospital; por terra, iria deixar-me arrastar por estações ferroviárias de três Estados, a fazer baldeações, para chegar ao Rio, talvez, quando já deveria estar de volta à Bahia, de férias esgotadas.* (DBM [2009], p. 205).

Pai-de-santo *s. m.* Designação dada ao sacerdote de religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda. O pai-de-santo é responsável por conduzir os rituais religiosos, fazer oferendas, orientar os fiéis espiritualmente e estabelecer a ligação entre os praticantes e os orixás ou entidades espirituais.

*Pois não foi que tio Sinhôzinho, visivelmente tocado, me contou que tia Edite, ao voltar para Andaraí, se entregara à prática do baixo espiritismo? Promovia sessões na Roça, às escondidas, com um **pai-de-santo**, para fazer baixar o espírito de tio Marcelino, que sofria nas trevas, e livrá-lo dos poderes do Diabo.* (DBM [2009], p. 231).

Paina *s. f.* Material macio, branco e leve, semelhante ao algodão, que envolve as sementes de algumas árvores, como a paineira (*Ceiba speciosa*). Usada para enchimento de almofadas, travesseiros e colchões.

*Com elas pude conseguir um conforto relativo, os lençóis limpos, as cobertas novas, os travesseiros e o colchão também novos, que mandei encher de **paina**.* (RDM [1993], p. 275).

Paiól *s. m.* Acúmulo de cascalho.

*Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas cabeceiras distantes. E inundando talhados, catas e grunas, carregaram pela noite adentro os **paióis** de cascalho.* (CAS, [2011], p. 15).

Paletó de alpaca *loc. sub.* Vestuário confeccionado com tecido brilhante, produzido a partir da lã de alpaca, um mamífero sul americano da mesma família da lhama.

*Quelezinho chegou na sua besta melada de 2 contos de réis, um lenço de seda atado ao pescoço, de luvas, chapéu-chile e **paletó de alpaca**, as calças de linho branco entaladas num sólido par de botas de couro de bezerro. Acompanhavam-no dois guarda-costas armados até os dentes. Quando a cavalcada entrou na Rua dos Negros, a madrinha com um cabeção de prata e dois animais adestros, as janelas se encheram de gente corno se fosse dia de procissão.* (CAS [2011], p. 140).

Palha benta *loc. sub.* Folha de palmeira abençoada no Domingo de Ramos, conforme a tradição católica, sendo queimada durante tempestades com a crença de que protege contra raios e trovões. *Vá rezar a “Magnificat” ordenou-lhe, o coronel. — E queime **palha benta**. Esta chuva está parecendo um castigo — e encostou a repetição de Zé de Peixoto junto ao armário. Defronte do nicho ardiam duas velas; Nenzinha acabara de rezar a “Magnificat”.* (CAS [2011], p. 33).

Palhinha *s. f.* Chapéu leve feito de palha fina. *Pedro, que honrava sua alcunha e dela fazia alarde, estava encadernado num espelhante terno branco, sapatos de duas cores (marrom e branco), gravata de circunstância e pompa, dita de espavento, chapéu de palha da moda, também chamado **palhinha**, que de resto rimava com almofadinha.* (RDM [1993], p. 205).

Palmeira-de-leque *s. f.* Nome popular de algumas espécies de palmeiras, do gênero *Livistona*, cujas folhas possuem forma que lembra um leque. *Ocorreu, lá para os fundos, atrás do renque de **palmeiras-de-leque**, um roçagante mover de folhas — e um homem forte, sanguíneo, em mangas de camisa, apareceu com um regador na mão.* (ALM [1965], p. 237).

Palmeiras *s. m.* Município brasileiro do estado da Bahia, localizado na Chapada Diamantina.

— *Ela era lavadeira — prosseguiu. — Arranjava os seus 40 mil-réis por mês com as freguesias que tinha. Mas o que é que ela podia fazer com esse dinheiro? Meu pai, antes de ir para **Palmeiras**, havia feito um rancho para nós no Tomba-Surrão.* (CAS [2011], p. 109).

Panela de barro *loc. sub.* Recipiente de barro utilizado para cozimento de alimentos.

*Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinhavam o seu arroz de cacimba em **panelas de barro** do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação da garimpagem que os reunia em sociedade — um cortando negro-nu para espantar borrachudo, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam.* (CAS [2011], p. 102).

Papelório *s. m.* Conjunto volumoso e desorganizado de papéis, documentos ou manuscritos.

*E imaginava-o, no seu bureau de industrial, a pôr de lado, num fastio, as minudentes laudas daquele **papelório** epistolar. Quando muito, no seu proverbial cavalheirismo, me mandaria um telegrama, em termos corteses, acusando o recebimento da carta e prometendo lê-la com interesse.* (DBM [2009], p. 209).

Parabélum *s. m.* Pistola automática de alto calibre, originalmente produzida na Alemanha.

*Enquanto isso, muitos adiantavam que o negro não usara uma repetição mas sim um **parabélum** — arma com que atirava muito bem. Um homem chegou a dizer na porta do botequim de Leó: — Os tiros foram disparados de tão perto,*

que o capote do coronel ficou sapecado de pólvora. (CAS [2011], p. 53).

Paraíba *s. f.* Árvore paludícola de pequeno porte (*Triplaris macrocalyx*), da família das *poligonáceas*, nativa do Nordeste e do Sudeste do Brasil, de madeira clara e flexível, folhas simples e coriáceas, flores brancas e aromáticas em racemos.

*De uma e de outra margem, as árvores alçavam-se num atravancamento alucinatório, onde mal sobressaíam as perobas, as umburanas e as **paraibas**, colhidas na rede multiforme dos cipós.* (ALM [1965], p. 152).

Parva *adj.* Refere-se do que é tola, estúpida, sem juízo.

*Caminhamos assim uns vinte minutos. As vitrinas das casas comerciais enchiam-me a vista, de relance, e desorientavam-me, multiplicadas ao longo das ruas cheias de gente: eu mal sabia para onde olhar. E esse aturdimento, fazendo parecer mais complicado o trajeto, incutia-me uma idéia **parva**: sentia-me incapaz de aprender algum dia a andar sozinho por ali.* (DBM [2009], p. 24).

Passar na goela *loc. verb.* Expressão vulgar que significa ter relações sexuais. *Conheço a peça. Leva as mulheres para aprenderem a dançar o tango na academia de dança dele, e vai **passando** uma a uma na **goela**.* — *Na goela?* — *Sim. É como se diz na gíria. Vá aprendendo. Enfim, a mulher aprende a dançar o tango e ele vai comendo uma a uma de graça.* (APO [1996], p. 186).

Passar recibo *loc. verb.* Responder a uma provocação, agressão ou discussão de forma equivalente ou até mais intensa, ou seja, retribuir uma ação com outra, geralmente de maneira crítica ou retaliatória.

*Tudo bem, dormiu bem a noite?, ela quis saber, sem **passar recibo** na conversa da véspera sobre seu Vieira, co-*

mo já de outras vezes compreensivamente fizera. (RDM [1993], p. 466).

Passagem *s. m.* Distrito situado no município de Andaraí-Ba, às margens do rio Paraguaçu, que se destacou como um importante centro de comercial durante o auge da exploração de diamantes.

*No povoado da **Passagem**, à margem do Rio Paraguaçu agora de monte em monte, rajadas de vento cortavam de alto a baixo as ruas ermas, quando os garimpeiros, em lúgubre vozerio, irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão.* (CAS [2011], p. 15).

Patati, Patatá *interj.* Representação sonora de conversa prolongada, tagarelice ou falação sem muito conteúdo ou relevância.

— *Garota, você diz que descobriu que não gostou nunca do Dr. Claudius, que ele era apenas um homem a mais em sua vida, e **patati, patatá**. Pois uma coisa lhe digo, meu anjo. O que você descobriu, e que está querendo esconder de mim e mais ainda de você mesma, é que você está mais do que nunca gostando dele.* (APO [1996], p. 292).

Patifaria *s. f.* Ato ou comportamento grosseiro e desprezível, que envolve desonestidade ou injustiça.

*O primeiro aumento de preço fora uma **patifaria**. E que dizer do segundo? Já não se tratava de um caso de falta de palavra: era um verdadeiro insulto que lhe haviam lançados o rosto; mas ele saberia repelir.* (ALM [1965], p. 247).

Patuscada *s. f.* Reunião festiva, entre amigos, com comida, bebida e muita conversa; farra.

*O Vilela, sem dívida, exagerava. De qualquer forma, lembro-me que, ao chegar à Ladeira dos Galés, naquele domingo, havia grande **patuscada** na casa. Ficou me uma impressão confusa*

de moças e rapazes em volta do piano, e de uns pares dançando o charleston, em meio a um generalizado rumor de vozes e risadas. (DBM [2009], p. 126).

Patusco *adj.* Refere-se de quem tem modos ou aparência que provocam graça ou simpatia, às vezes de forma afetada ou caricata.

— *Veja você!* — *prosseguiu Pessanha, recolhendo o cartão postal, sem notar o meu encabulamento. — O homem, praticamente à morte, ainda tinha espírito para fazer brincadeiras como esta. E já imaginou o que deve ter pensado o carteiro? Sim; o carteiro certamente leu isto, antes de me entregar a correspondência. O Filhagosa podia, ao menos, ter ocultado o cartão num envelope. Um patusco!* (DBM [2009], p. 212).

Pau *s. m.* Forma popular e vulgar de se referir ao órgão sexual masculino; pênis.

E descobrimos assim o prazer de dançar. Em Rio dos Morcegos, nos comentários maliciosos dos rapazes, ouvi falar que certas moças da cidade gostavam que seus pares dançassem com elas de pau duro. (RDM [1993], p. 389).

Pau-a-pique *s. m.* Técnica de construção rústica tradicional, muito usada em áreas rurais do Brasil, no interior, que consiste em entrelaçar galhos, varas ou ripas (paus) verticais e horizontais, preenchendo os espaços com barro amassado (pique).

Jenner e Ricardo contornaram a cerca-de-porco, construída de pau-a-pique, na demarcação da área cultivada. Presentindo-os, um cachorro pôs-se a latir do outro lado da porteira, e logo mais três vieram juntar-se-lhes, em hostil algazarra. (ALM [1965], p. 155).

Pau-d'água *adj.* Refere-se daquele que é ébrio; alcoólatra.

Tudo correra, entretanto, por conta de urna identidade de atitude em relação

ao meio em que viviam. A esta conclusão chegou dr. Oscar depois da primeira visita do telegrafista, quando o ouviu chamar de “pau-d'água reles” a dr. Marcolino. Estranhando que semelhante comentário partisse daquele sujeito que lhe aparecera no sobrado de bengala, de roupa mescla e colete branco, com um maciço aspecto de conferencista, procurou indagar, levado por natural curiosidade, a respeito de sua vida. (CAS [2011], p. 164).

Pau-d'arco *s. m.* Nome comum de várias árvores nativas da América do Sul, do gênero *Handroanthus*. Têm madeira resistente e são conhecidas pelas flores bonitas e coloridas, que podem ser amarelas, roxas, rosas ou brancas.

Ipê, pau-d'arco e peroba 350\$000 o metro cúbico; Cedro 450\$000 o metro cúbico; Bastião de arruda 1:200\$000 a tonelada; São estas as madeiras que mais me interessam. (ALM [1965], p. 106).

Pau-de-mocó *s. m.* Árvore de pequeno porte, nativa do Brasil, com folhas verde-escuras e raízes tuberosas comestíveis.

Estas já não estavam longe, e pouco depois chegavam os dois a uma pequena elevação da serra, recoberta de moitas de pau-de-mocó e capim-açu, em terreno de boa configuração diamantífera. (CAS [2011], p. 100).

Pau-d'óleo *s. m.* Nome popular de diversas árvores das famílias das *Fabáceas*, como as dos gêneros *Copaifera*, conhecidas pela extração de óleo-resina usado na medicina popular e na indústria. Possuem madeira resistente e são nativas do Brasil.

Na escuridão, a presença da mata se fazia sentir no cheiro agreste dos loureiros, dos espinheiros e dos pau-d'óleo – cheiro de folhas, de casca úmida de árvores, resina fresca, cheiro de terra fôfa e de húmus, que impregnava o ar

de um potente hálito de vida. (ALM [1965], p. 16).

Pau-de-resposta *s. m.* Nome popular da árvore *Cecropia pachystachya*, também chamada de pau-de-óleo ou embaúba, usada na medicina popular por suas propriedades anti-inflamatórias e expectorantes. Suas cascas são infundidas em cachaça.

Era uma vendinha modesta, realmente mais pra tenda que pra venda, porém senhora e possuidora de um variado sortimento garrafal de bebidas rústicas, cachaça com raízes, de quitoco ao pau-de-resposta, e desse a muitas combinações de pinga com ingredientes naturais que a flora dá de graça. (RDM [1993], p. 167).

Pau-pombo *s. m.* Nome vulgar da árvore *Tapirira guianensis*, encontrada principalmente nas regiões tropicais da América do Sul, especialmente no Brasil. É uma árvore de porte pequeno, com altura que varia de 8 a 20 metros, que cresce predominantemente em solos úmidos, como várzeas e beiras de rios.

A vegetação tornava-se menos exuberante, e grandes claros rasgavam-se naquele verde de árvores lenheiras, marcado pela folhagem dos pau-d'óleo e dos paus-pombos. (ALM [1965], p. 195).

Pau-terra *s. m.* Planta ornamental da família das voquisiáceas, caracterizada por suas flores amarelas.

Ao longo dos emburrados, onde as escoras de âmagô de quina-de-vara, os esbirros de gameleira, sapucaia e pau-terra, eram atravancamentos de velhos serviços engrunados, erguiam-se, corno ossuários da serra trabalhada, as montoeiras pardas de antigos mcororôs encartuchados — detritos acumulados do solo revolvido e golpeado nos canais, nos talhados, nas grupas, nos rebaixos, em toda espécie de serviço a seco ou com água, desde as grupiaras

às grandes bocas descidas com pontaletes de cocão. (CAS [2011], p. 99).

Pauzeiro *s. m.* Pessoa que trabalha com a extração ou comércio de madeira.

— *Continua a morar com ela. Mas não parecem mais mãe e filha. Estão de porta aberta. Os pauzeiros não saem de lá.* (ALM [1965], p. 25).

Pavoneante *adj.* Refere-se de pessoa com comportamento vaidoso e autoindulgência, como se a pessoa estivesse se exibindo para que os outros a reconheçam ou a admirem. Está relacionado ao comportamento do pavão macho, que, ao exibir suas penas de maneira ostentosa e chamativa, pavoneia-se para atrair atenção ou impressionar.

Ao contrário, fazia questão de nessas circunstâncias ir até a sala (se acaso ali não estivesse) mostrara sua bela e rechonchuda Ricardina. Tinha orgulho da filhinha, e em verdade, no caso, esse pavoneante, emproado sentimento humano se desculpava e justificava. (APO [1996], p. 125).

Peado *adj.* Refere-se ao que foi amarrado ou preso, especialmente referindo-se a animais cujas patas foram atadas para limitar seus movimentos.

Seus passos eram curtos como de um animal peado, e iam abrindo sulcos no terreno mole. (ALM [1965], p. 36).

Peador *s. m.* Termo utilizado para designar o pé ou o joelho.

— *Já vi um garimpeiro atarraxado lá, com o peador esfolado, e o povo em redor olhando, parecendo feira, só porque o desgraçado tinha roubado 20 mil-réis de quinto: Piranhas não é terra de gente.* (CAS [2011], p. 212).

Peco *s. m.* Termo utilizado para se referir a algo que murchou ou reduziu, em contexto figurado, como no caso de um grupo que foi diminuído ou perdido. Está relacionado a perdas.

Decidi visitar Ester. Gosto muito dela, minha querida e única irmã, eu e ela, os únicos que escaparam de um cacho peço de crianças mortas. (RDM [1993], p. 181).

Pé-de-meia *s. f.* Dinheiro ou recursos guardados ou reservados para um objetivo futuro. Também pode referir-se de um reservatório financeiro pessoal, como uma poupança ou economia, que a pessoa acumula ao longo do tempo para garantir a segurança em momentos de necessidade.

Sua amiga vai querer ganhar para si só o dinheiro dela, fazer o pé-de-meia dela, ser uma mulher independente, que homem nenhum vai mais humilhar. (APO [1996], p. 153, 154).

Pé-de-tabaqueira *loc. sub.* Termo popular para órgão sexual feminino.

— *De qualquer maneira — conveio Neco — ele passa melhor do que a gente. Tem a sua costela certa toda noite, o seu pé-de-tabaqueira que não falha. — E a quem é que os gringos vendem? — perguntou de repente Silvério, cuja palestra interrompida o interessava particularmente.* (CAS [2011], p. 218).

Pedra-lipes *s. f.* Nome vulgar do sulfato de cobre, em sua forma sólida e cristalina, também conhecido como vitríolo azul.

— *Eu quero é um remédio que mate estas feridas de uma vez, meu patrão. Pra mim o senhor pode trazer pedra-lipes ou nitrato de prata.* (ALM [1965], p. 182).

Pedreste *s. m.* Trepadeira nativa do Brasil, com folhas levemente lobadas, flores grandes amarelo-esverdeadas e frutos cilíndricos amarelados. Suas sementes contêm resina, alcaloide e um óleo transparente de coloração amarelo-clara.

Dali, só ouvia o rumor do vento nas moitas de malva lava-prato e de cabe-

luda, vento fresco e bom, aragem da noite que espalhava o cheiro ácido dos pedrestes e dos pinhões leitosos, cheiro forte de mato, de seiva, e da terra úmida da serra. (CAS [2011], p. 106).

Pedrouço *s. m.* Pedra grande ou marco de pedra usado para amarrar animais, cavalos ou burros, em frente a casas, estalagens ou vendas, especialmente em áreas rurais.

Entre a nossa casa e o centro da cidade havia uns muros de pedra de dois pastos, e um trecho deserto de areão, cheio de pedrouços cobertos de mato. Uma paisagem áspera e vazia. (RDM [1993], p. 76).

Pé-duro *adj.* Refere-se a bovinos rústicos, comuns no sertão nordestino, adaptados a terrenos pedregosos do Bioma Caatinga. O termo refere-se à resistência desses animais, especialmente quanto à dureza dos cascos, que lhes permite sobreviver e locomover-se em ambientes onde bovinos de casco mole não resistiriam. É símbolo de rusticidade e adaptação ao clima semiárido.

Mas o que fora roça, plantação de milho era agora, a bem dizer, um carrascal — escarvado por onde se deslocavam aspudos bois pés-duros, ruminando e lerdos. (ALM [1965], p. 71).

Pega-pra-capar *s. m.* Briga intensa, confusão generalizada, tumulto; descrever situações de grande desordem ou confronto.

— *Eu mesmo nunca vi. Mas outros vaqueiros já viram e me contaram. Dizem que quando ele ataca um boi é um pega-pra-capar danado. Primeiro, ele enrola o rabo num pau bem forte, num amargoso, num bastião-de-arruda, e depois dá o bote.* (ALM [1965], p. 45).

Pegar abacaxi *loc. verb.* Assumir uma tarefa difícil, uma responsabilidade complicada ou um problema que ninguém quer resolver.

— *Em primeiro lugar, fazenda dá um trabalho desgraçado. É claro que haverá de ter sempre alguém para tocar uma fazenda pra frente. Mas dá um trabalho desgraçado, não se engane. — Espere aí, primo — eu o atalhei. — Quer dizer então que, por linhas transversas, você está dizendo que eu **peguei um abacaxi**, não é?* (RDM [1993], p. 88).

Pegar a bóia *loc. verb.* Fazer uma refeição, em contextos populares ou rurais.

*O prefeito levou-o pelo braço, rua em fora, tocado de um ar conspirativo: — Vamos **pegar a bóia**!* (ALM [1965], p. 221).

Peixe-podre *adj.* Refere-se ao indivíduo insignificante; sem mérito ou importância.

— *Veja o meu caso — continuou, já em outro tom. — Estou aqui há seis anos. Tenho comprado meu diamantinho de vez em quando, que eu não sou **peixe-podre**, mas o que é que eu tenho ganho com isso? Sou porventura rico? Não passo de um empregado do Governo. Vivo nas Lavras, mas é como se não vivesse. Seus diamantes nunca me puseram para a frente.* (CAS [2011], p. 169).

Peixeira *s. f.* Faca grande e rústica, com lâmina larga e ponta afilada, usada para cortar peixe ou para abate de animais.

*Dizia isso porque (ainda segundo a amiga chegada de Aracaju) o tal sargento assassinado tinha fama de desonrador de donzela. E como de fato, ali mesmo em São Cristóvão desonrara uma, recebendo porém dessa vez o devido troco, com dezenove facadas de **peixeira** no bucho, não contando as que levou nas partes.* (APO [1996], p. 342, 343).

Pelanca *s. f.* Parte de pele flácida, resultante da perda de peso, envelhecimento ou flacidez muscular.

*Eu queria passar por ela dançando com uma mulher bonita e nova como Maria Corumba, só de picardia. Queria que ela me visse dançando com uma mulher de fazer inveja a ela, e ainda por cima porque a gringa já tá escondendo **pelanca** debaixo daquela pintura toda. De manhã, de cara lavada, ela nem parece a mesma.* (APO [1996], p. 236, 237).

Penca *s. f.* Grupo numeroso de pessoas ou coisas reunidas.

*Era um casal que tinha uma porção de filhas mulher, uma **penca** de moças. Todas se perderam.* (APO [1996], p. 12).

Pensos *s. m.* Curativo ou atadura usada para cobrir feridas, cortes ou lesões, feito de gaze ou outro material esterilizado.

*A porta fechou-se logo. Gravou-se-me nos olhos, porém, e agora é como se eu a revisse, associada a uma idéia de sofrimento físico, a cena surpreendida no entremostrear daquele interior asséptico e neutro, fixado numa sinistra imagem de **pensos**, ferros e aventais. Reunidos na sala, não sei por quanto tempo ali permanecemos.* (DBM [2009], p. 220).

Pequenito *s. m.* Peneira pequena e de trama grossa utilizada para separar as pedras maiores do cascalho.

— *Apanha o desbrutador ali — pediu em seguida Tinham trazido toda a ferramenta necessária à última fase do serviço, e Silvério passou-lhe o desbrutador, também chamado **pequenito**, ralo pequeno e grosso por meio do qual se retiravam as pedras maiores, no rebai-xo inicial do esmeril.* (CAS [2011], p. 123).

Perau *s. m.* Terreno acidentado e íngreme; penhasco ou precipício.

*Em certos trechos, era o caminho um simples trilho bordejando os canais revolvidos até a piçarra, o que os obrigava a andar lentamente, não raro se equilibrando nas pinguelas de cocão lançadas sobre os **peraus**, em cujas profundezas apodreciam os pontaletes de velhos serviços de talhado.* (CAS [2011], p. 211).

Perder-se *v.* Perder a virgindade; iniciar a vida sexual; expressão popular que indica o ato de manter uma relação sexual pela primeira vez.

— *Eu ainda conheci uma filha dele fazendo vida na Rua das Barricas — declarou Zé do Fumo. — Era Elvirinha — explicou a velha Do Ouro. — A que tocava piano. As outras também se **perderam**, mas foram pra Feira de Santana com d. Almira — esclareceu. — Não quiseram se passar pra garimpeiro.* (CAS [2011], p. 85).

Perdedeira *s. f.* Espaço de difícil orientação e fácil extravio, como matagais, florestas ou veredas com percursos confusos e pouco transitados. Refere-se, a áreas rurais densamente vegetadas, de acesso limitado e com sinalização precária ou inexistente.

— *“Agradeça a Deus não ter ficado lá para sempre. Aquele capim tem sido a **perdedeira** de muito vaqueiro”.* (ALM [1965], p. 84).

Perdulário *adj.* Refere-se a alguém que é excessivamente gastador que desperdiça dinheiro, de maneira imprudente ou extravagante.

*Encontrado porém o diamante, vinha vendê-lo na cidade, transformando-o em **perdulário** dinheiro, e na cidade ficava até gastar o último tostão ganho.* (RDM [1993], p. 205).

Periquito *s. m.* Ave psitacídea de pequeno porte, de plumagem verde (às vezes com outras cores), bico curvo e

voz estridente. Vive em bandos e é comum em várias regiões do Brasil.

*Panos brancos, em pontas de vara, para espantar **periquitos**, tremulavam à laia de bandeiras num campo de paz.* (ALM [1965], p. 154).

Peta *s. f.* Mentira, invenção, lorota; aquilo que é dito de forma falsa, de modo trivial ou para causar graça.

*Era um pobre homem de espírito rude, conquanto revelasse uma certa vivacidade, ainda que malévola, no pregar as suas **petas**.* (DBM [2009], p. 232).

Pião de cata *loc. sub.* Parte inferior da bateia, onde o diamante se deposita após sucessivos movimentos circulares ou oscilatórios durante o processo de lavagem do cascalho.

— *Nisso me mandaram pro moirão. Mas aí também eu arreneguei. Então eu fui pro tombador, que é mais manso, e pude aguentar fixe até beber a água da cata toda. Quando entrou a noite, Joaquim trouxe um feixe de canela-d’ema e acendeu o fogo no **pião da cata**, que a aguinha já estava por nada. Mas deixe lá que eu sofri foi como boi ladrão.* (CAS [2011], p. 42).

Picada *s. f.* Caminho estreito, rudimentar, aberto no mato ou em terrenos de difícil acesso, por onde se pode passar a pé, a cavalo ou com veículos leves. Em muitos casos, é fruto da passagem constante de pessoas ou animais, e pode servir como rota de ligação entre regiões interioranas ou de mata fechada.

*A estrada, tipo carroçável, era realmente péssima. Estrada de desbravador, mais pra **picada** que pra estrada.* (RDM [1993], p. 75).

Picardia *s. f.* Astúcia, esperteza ou truque, com a intenção de enganar de maneira leve ou brincalhona.

*Eu queria passar por ela dançando com uma mulher bonita e nova como Maria Corumba, só de **picardia**. Queria que*

ela me visse dançando com uma mulher de fazer inveja a ela, e ainda por cima porque a gringa já tá escondendo pela lanca debaixo daquela pintura toda. De manhã, de cara lavada, ela nem parece a mesma. (APO [1996], p. 236, 237).

Piçarra-mestra *s. f.* Material em processo de decomposição, resultante da combinação de fragmentos de rochas, areia e concreções ferruginosas; piçarra. — *É. O serviço de cálculo é esse. Nós devemos continuar o rompimento feito por você e Peba, no tempo do finado Zé de Peixoto, até cairmos no veio da piçarra-mestra.* (CAS [2011], p. 190).

Picuá *s. m.* Pequeno cilindro oco utilizado para armazenar diamantes. — *Então o senhor pode fazer a conta. O coronel guardou o diamante no picuá, que em seguida tampou, franziu as sobrancelhas e fez a conta.* (CAS [2011], p. 35).

Pilantra *adj.* Refere-se de pessoa desonesta, enganadora, trapaceira ou maldosa. *E que é que acontece? É um pilantra como outro qualquer, que com a desculpa de fazer conhecimento com a gente tá querendo arrastar a asa pra mim, que nem galo.* (APO [1996], p. 138).

Pilão *s. m.* Utensílio doméstico, de madeira, com formato de vaso fundo e resistente, usado para socar ou moer grãos, temperos e raízes, com o auxílio do soquete (ou mão de pilão). *Foi até à cozinha: exígua puxada coberta de zinco, onde se viam latas com mantimentos, um pilão, alguns utensílios de barro e a trempe. O fogo estava aceso e a água fervia na chocateira.* (ALM [1965], p. 50, 51).

Pilheriar *v.* Fazer pilhérias, ou seja, brincar, fazer troça, zombar ou dizer coisas com intenção de divertir ou ridicularizar.

— *Meu caro amigo, o senhor vai acostumar mal essa gente... — pilheriou o sírio. E dirigindo-se a Jenner, quando o dono da casa desceu o batente da porta de entrada, para levar o café aos pauleiros: — Esse homem é um santo!* (ALM [1965], p. 172).

Pindoba *s. f.* Designação genérica atribuída a diversas palmeiras do gênero *Attalea*, cuja sementes são utilizadas na extração de óleos comestíveis. *Os casebres multiplicavam-se nas armações de camboatá, com cobertura de pindoba, e entravam pela estrada dos Bichinhos ou desciam pelo areão que margeava o rio, num agrupamento de presépio.* (CAS [2011], p. 68).

Pinguela *s. f.* Ponte ou passarela feita de maneira improvisada, para atravessar um rio, riacho ou outro obstáculo. *Quando menos esperei, fui sair bem em frente da pinguela do rio Baiano. Era esse rio de água escassa, empoçado no areão, que no entanto nas enchentes surpreendia em correnteza e volume d'água.* (RDM [1993], p. 507).

Pinhão leitoso *s. m.* Arbusto oleaginoso da família das *Euforbiáceas*, rico em óleo. *Dali, só ouvia o rumor do vento nas moitas de malva lava-prato e de cabeluda, vento fresco e bom, aragem da noite que espalhava o cheiro ácido dos pedrestes e dos pinhões leitosos, cheiro forte de mato, de seiva, e da terra úmida da serra.* (CAS [2011], p. 106).

Pirá *s. m.* Peixe de corpo e focinhos alongados, flancos amarelados, ventre esbranquiçado e nadadeira caudal em formato de lua, com uma mancha escura; amplamente encontrado no Nordeste do Brasil. *Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, pirás, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com*

a carapinha acamada a doses cavaleares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe. (CAS [2011], p. 91).

Piranha *s. f.* Peixe carnívoro de mordida poderosa, caracterizado por dentes numerosos e afiados, conhecido por sua voracidade.

*Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, pirás, cumbás, **piranhas**, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavaleares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe. (CAS [2011], p. 91).*

Piranhas *s. f.* Antiga povoação situada no município de Andaraí-Ba, na Chapada Diamantina.

*Por volta das nove, já não havia ninguém, e Peba apareceu. Era um mulato de cara gorda, banguela, apontado como autor de duas mortes bárbaras em **Piranhas**. (CAS [2011], p. 66).*

Pirraça *s. f.* Ação intencional de provocar ou irritar alguém, feita com tom de brincadeira ou desafio.

*— Era só um capricho, entende? Para fazer **pirraça**. — Que tolice! Você conheceu a Theda Diamant no Rio de Janeiro, deu as suas boas caralhadas com ela, e pronto. Pra ela foi somente uma aventura com um boêmio da Bahia, bom de cama. E tratou de sair pra outra. (APO [1996], p. 237).*

Pirão *s. m.* Termo para designar almoço.

*— Você hoje está num grande dia, seu Nascimento — disse, com uma bonomia que implicava aprovação. Mas deixemos o gênero humano em paz, que está à nossa espera, lá dentro, o magro **pi-***

***irão** de um pobre promotor. — Voltando ao caso da permuta — disse dr. Oscar, enquanto se servia de um pedaço de lombo. (CAS [2011], p. 168).*

Pirão de leite *s. m.* Prato típico feito com farinha de mandioca e leite quente, cozido até adquirir uma consistência cremosa.

*Dondona entrou na sala e colocou sobre a mesa um prato de carne assada e outro de **pirão de leite**: estava servido o almoço. (ALM [1965], p. 93).*

Piri *s. m.* Nome comum dado a diversas espécies de plantas da família das *ciperáceas*, frequentemente encontrado em regiões alagados ou brejos.

*As árvores mais próximas, os pés de arauçá e de embucha-veado, emergindo do charco, como que se prolongavam nas touceiras de tabua e de **piri** que sobre o rio se alastravam numa sucessão interminável de caniços verdes. (ALM [1965], p. 11).*

Pito *s. m.* Repreensão, bronca, advertência verbal.

*De qualquer modo, depois de o ter conhecido nas elegantes instalações do "Trianon", em seu alto posto de administrador, cercado de empregados, num apogeu de negócios florescentes, doíame reencontrar João Félix tão por baixo, escorraçado no soturno escritório do Trápiche, sem poder conversar comigo lá dentro — sob pena de levar um **pito**! E agarrava-me, então, a uma idéia impraticável, buscando nela um consolo inútil: se tio Marcelino ainda vivesse, com Carvalho ou sem Carvalho, João Félix não estaria naquela situação. (DBM [2009], p. 173).*

Pixote *s. m.* Jogador inexperiente, iniciante ou sem habilidade em determinado jogo.

Encestar por acaso uma bola não era apenas sorte — mas cagada. Eu tinha (e tenho) horror a essa mal cheirosa ex-

*pressão da gíria da sinuca, mas infelizmente tive o desprazer de ouvi-la mal entrei no bilhar, bradada na torcida ruidosa do Dr. Durães, médico que chegara a Rio dos Morcegos pouco antes da própria sinuca, de que era entusiasta expectador, embora como jogador não passasse — ainda na gíria compatível — de um desconsolado **pi-xote**.* (RDM [1993], p. 109).

Platibanda *s. f.* Estrutura baixa, erguida no topo das paredes externas de uma edificação, com função protetora e ornamental.

*Depois da praça vinha a pracinha — àquela hora com Antônio de Zé Benício descarregando adobes trazidos da olaria para construção da segunda casa de **platibanda** da cidade, com grupos de homens indo para a rua do curral, com um menino vendendo verduras na porta da pensão, com mulheres-damas conversando na esquina do Beco da Padaria, e com o sol batendo na placa do escritório do presidente do Conselho.* (CAS [2011], p. 63, 64).

Pleyel *s. f.* Piano fabricado pela fábrica francesa Pleyel, valorizado por seu toque leve, sonoridade aveludada e refinamento técnico.

Dali dos fundos, onde ficava a escrivaninha de João Félix, eu via os pianos distribuídos pelo salão da loja, alguns deles

*abertos, o teclado a entremostrar-se num longo friso branco, sob tiras de feltro verde. Não eram negros como os pianos de Andaraí — e mamãe tinha um na sala, o velho **Pleyel** em que ela às vezes relembrava, pelas tardes de domingo, as valsas aprendidas na mocidade.* (DBM [2009], p. 21).

Pobre-diabo *loc. sub.* Indivíduo desfavorecido, humilde, ingênuo ou socialmente desprezado; referido em contextos que destacam sua condição de infe-

licidade, desamparo ou irrelevância social.

*Hoje, ao lembrar-me disso, chego a comover-me com a visão, num restaurante de luxo, daquele homem de largas posses, vitorioso no comércio da Capital, a indagar, cheio de terno interesse — como ia um **pobre-diabo** que fazia foguetes em Andaraí.* (DBM [2009], p. 27).

Pobre na festa, pau na testa *exp. pop.* Expressão que evidencia a condição de desvantagem ou exclusão vivida por pessoas pobres, mesmo em contextos de alegria ou celebração.

*— O bocado não é pra quem faz — disse um dos garimpeiros que tinham chegado por último. E acrescentou: — **Pobre na festa, pau na testa**.* (CAS [2011], p. 219).

Poço da Donana *loc. sub.* Depressão profunda formada pela ação de quedas d'água, situada no rio Paraguaçu, em Andaraí, na Bahia; historicamente utilizada para extração de diamantes.

*Todavia, para não falar no **Poço da Donana** e de outros poços ricos que desafiavam, pela sua profundidade, os rudimentares processos de mineração ali empregados, restavam pródigos ajogos como o do Cabelo da Roda, onde eram encontrados os diamantes matemáticos do cascalho balinha.* (CAS [2011], p. 17).

Poejo *s. m.* Erva rasteira, nativa do Brasil, utilizada na medicina popular para o tratamento de doenças pulmonares.

*Para mulher parida que não podia comprar Água Inglesa na farmácia, ela tinha aquela velha fórmula tão bem conhecida de Salu: noz-moscada, quito-co, salsa, **poejo**, losna miúda, arruda, e cebola branca — tudo pisado e posto de infusão numa garrafa de cachaça.* (CAS [2011], p. 77).

Poltrão *adj.* Refere-se daquele que não tem coragem; medroso; covarde.

O promotor sorriu. Já se habituara como tom arrasador da palestra do amigo, não mais estranhando suas expressões de incontido desdém. Nas conversas que entretinham, e que versavam ordinariamente sobre pessoas de Andaraí, o coletor Barroso era por ele incisivamente tachado de "rato". Ao seu ver, o juiz de Direito não passava de um "poltrão". Do capangueiro Teotônio, não vacilava em dizer de "um crápula de pai e mãe". Definia o Carvalhal como sendo "um escrotalhão", enquanto o tabelião Romualdo, em cuja rotunda figura o promotor ainda não pusera os olhos, recebia a sumária classificação de "pederasta". (CAS [2011], p. 165).

Pomba-rola *s. f.* Termo utilizado, para se referir a uma mulher de forma pejorativa ou vulgar, com conotação sexual. *Mas, será que eu amava mesmo Lorena? Ou tudo não passava apenas de um desenfreado desejo, de fome animal de sexo, como tinha sido com Isa, e era agora com Maria Sedan, e Alaíde, e Eva, e Celina, pomba-rola que no laço caísse, tantas mulheres outras, que de uma ou de outra forma me atraíam? Não, com Lorena era diferente.* (RDM [1993], p. 313).

Ponta de fome *exp. pop.* Extrema sensação de fome; o estágio mais agudo da fome, quando a pessoa está muito necessitada de comida.

— *Meu caro Marcelo, se me permite acho que um aipim cozido vinha a calhar — atalhou Cesaltino. — Saímos muito cedo de Rio dos Morcegos, e não exagero dizendo que estou mesmo com uma ponta de fome.* (RDM [1993], p. 132).

Por em brios *loc. verb.* Agir com dignidade, orgulho ou honra; demonstrar zelo e empenho em algo, buscando pre-

servar a própria reputação ou a qualidade do que se faz.

— *Mãe, agora eu lhe pergunto: essa história aconteceu mesmo, ou a senhora inventou essa história para me pôr em brios?* — *eu perguntei. Minha mãe sorriu.* (RDM [1993], p. 335).

Por linhas transversais *loc. adv.* De modo indireto; com rodeios; sem dizer claramente; de forma insinuada.

— *Em primeiro lugar, fazenda dá um trabalho desgraçado. É claro que haverá de ter sempre alguém para tocar uma fazenda pra frente. Mas dá um trabalho desgraçado, não se engane. — Espere aí, primo — eu o atalhei. — Quer dizer então que, por linhas transversais, você está dizendo que eu peguei um abacaxi, não é?* (RDM [1993], p. 88).

Porre *s. m.* Embriaguez ou estado de intoxicação alcoólica, provocada por uma grande quantidade de bebida.

Eu estava habituado a esse tipo de irresistível e única diversão, que oscilava entre algo superior e algo íntimo, que podia levar ao menos fortes (ou mais despreparados) ao estado de autopunição do porre. Realmente um porre. Raramente me acontecia esse acidente garrafal. (RDM [1993], p. 465).

Pote *s. m.* Utensílio de barro utilizada para transportar e armazenar água para beber ou para as necessidades domésticas.

— *Vá apanhar aquele copo de alumínio que está em cima da boca do pote, lá no corredor. E quando o inspetor trouxe o copo: — Agora vamos beber.* (CAS [2011], p. 147).

Potranca *s. f.* Uso coloquial e popular (por vezes pejorativo) para se referir a uma mulher jovem, bonita e atraente, quase sempre em contexto informal e com conotação sexualizada ou vulgar.

*Helena era a mais cobiçada delas, morenona de encher as vistas, que no andar tinha uma tirada de perna nobre e linda de **potranca** de picadeiro, que nunca perdia um passo.* (RDM [1993], p. 203).

Pra burro *loc. adv.* Expressão empregada para intensificar o significado de um adjetivo, verbo ou outra construção linguística, com função equivalente a advérbios de intensidade como "muito" ou "demais".

— *É uma fazenda muito boa — continuou o sírio, como se lhe tivesse adivinhado o pensamento. — Tem madeira pra burro. O dono da fazenda morreu há pouco tempo.* (ALM [1965], p. 200).

Pra cima e pra baixo *loc. adv.* Indica deslocamento frequente, muitas vezes sem destino definido, marcado por agitação ou constante movimentação.

— *É isso mesmo. A última vez que eu levei um tatu pra vender em Andaraí — um tatu, até, que minha mulher tinha moqueado — fiquei com o bicho pra cima pra baixo, e o povo sempre com a mesma enrola. Quando foi coisa de uma hora da tarde, eu já estava com o pé na estrada.* (ALM [1965], p. 76).

Prendada *adj.* Refere-se a pessoa, que é habilidosa, talentosa e competente, em tarefas domésticas, como cozinhar, costurar, cuidar da casa, entre outras atividades.

*Celuta é uma moça **prendada**, vai dar uma ótima dona de casa. Melhor escolha o Dr. Durães não podia fazer.* (RDM [1993], p. 394).

Prise *s. f.* Engrenagem acionada para dar maior força ou velocidade ao veículo.

*Rasgando estreitamente o mato, a estrada mal chegava para o caminhão passar. Transposto o mata-burro, num estrondear do rústico travejamento de paus redondos, Abubakir engrenou **pri-***

se, imprimindo maior velocidade ao carro. (ALM [1965], p. 175).

Pudicamente *adv.* De maneira pudica; em que há pudor.

*Antes de tudo, assim que sob a camisola vestiu **pudicamente** a calcinha, Maria pegou a bolsa onde Claudius habitualmente deixava em que ela visse o dinheiro do encontro e disse a ele: — Olhe, Claudius, você me deu da última vez mais dinheiro do que devia dar.* (APO [1996], p. 258).

Pudicícias *s. f.* Recato, pudor, modéstia no comportamento ou na expressão da sexualidade, sendo associado à virtude feminina em contextos mais tradicionais ou literários.

*Hoje em dia essas ternas **pudicícias** femininas podem parecer ridículas, de tão obsoletas. Nestes dias impuros nossos a mulher começa a ficar nua na rua, e na praia nem se fala.* (RDM [1993], p. 97).

Putá *s. f.* Mulher que se prostitui; prostituta; termo usado de forma pejorativa para ofender ou desqualificar uma mulher.

*E vendo-a associava-a irresistivelmente à lembrança de Maria. Quem sabia se ela também não estava grávida — grávida do gringo Abubakir? Um sentimento de revolta, rude e energético, empolgou Ricardo: Maria tinha virado **puta**. Inútil tentar iludir-se: o canoeiro Manoel João contara-lhe tudo, de viva voz.* (ALM [1965], p. 72).

Puteiro *s. m.* Local frequentado para a prática de prostituição.

*Eu agora me achava alçado a uma condição incomparável (pelo menos no momento) com o descontraído e irresponsável mundo do **puteiro**. E lá ia eu pensando nessas coisas, com a garrafa de cachaça debaixo do braço, fugindo do pecado como o diabo da cruz, quan-*

do por acaso passei pela porta da casa de Ana Branca. (RDM [1993], p. 508).

Puxa-encolhe *s. m.* Situação de indecisão ou alternância, em que algo seja feito e desfeito repetidamente.

*Fiquei prestando atenção. Os urubus saltavam ao redor dele, meio cabreiros. De vez em quando, um tomava coragem, chegava perto e dava uma bicorada. Mas o bicho mexia logo com o rabo, mostrando que ainda estava vivo. Então os urubus tornavam a fugir. Era um **puxa-encolhe** que não acabava mais. (ALM [1965], p. 43).*

Qq

Quaresma *s. f.* Período de quarenta dias, subsequentes à Quarta-feira de Cinzas, em que os católicos se dedicam à penitência em preparação para a Páscoa.

Então ele teve, ainda sob influência do sonho, uma súbita visão da procissão de fogaréus. Lembrou-se da quaresma. E, instintivamente, murmurou consigo próprio: "Deus lhe dê o céu, minha mãe". (CAS [2011], p. 29).

Quarta *s. f.* Unidade de medida de volume, equivalente a aproximadamente a um quarto de um alqueire ou outra medida regional específica; recipiente usado para armazenar ou medir, em mercados ou na produção agrícola.

Nos dias de feira, transitava pelo local os roceiros vizinhos, com as suas quartas de farinha, os seus mercados de peixe e cumbucas de mel, e só a noite-nha retornavam, depois de terem realizado na cidade as transações semanais. (ALM [1965], p. 10, 11).

Quatralvo *adj.* Refere-se a cavalo ou burro calçado ou malhado de branco nos quatro membros, até próximo dos joelhos.

Os cavaleiros iam em fila, e Ricardo era o último deles, montava o seu burro quatralvo, secundando o velho Onofre. (ALM [1965], p. 151).

Quebrar cata *loc. verb.* Processar o cascalho escavado, facilitando sua remoção e posterior lavagem.

— *E você, já quebrou sua cata?* — *perguntou ao companheiro, um negro que estava de calção.* — *Estamos quebrando* — *respondeu o outro.* (CAS [2011], p. 58).

Quebrar pau nos ouvidos *loc. verb.* Fingir que não ouviu, ou ouvir e se fazer de desentendido.

— *Conselho não faltou — acrescentou carolino.* — *Eu mesmo cansei de dizer a ele: "Deixe de esses piris de lado, Nêzinho. O preço que seu Antenor paga é tão pouco que não vale a pena". Mas ele quebrou pau nos ouvidos.* (ALM [1965], p. 66).

Quebra-pedra *s. f.* Nome popular de erva medicinal pertencente ao gênero *Phyllanthus*. É conhecida por suas propriedades para tratar problemas nos rins, fígado e bexiga, sendo famosa por ajudar na eliminação de pedras nos rins.

— *Já tomou chá de velame e de quebra-pedra?* — *Já tomei chá de tudo. Tem vez que eu passo mais aliviado. Mas logo a urina começa de novo a arder e queimar que nem fogo. E o pior é que eu fico urinando aos tiquinhos, como de coisa que eu estivesse de esquentamento.* (ALM [1965], p. 27).

Queimado *s. m.* Doce feito com melaço de açúcar.

Por outro lado, a molecoreba cercava os tabuleiros na Pracinha, gastando os níqueis dos eventuais mandados no doce de rapadura com gergelim, nas brevidades de tia Joana nos queimados enrolados em papel de seda e com um gostinho bom mesmo de gengibre, nos beijus de coco e nos bolos de milho, de arroz e de aipim. (CAS [2011], p. 89).

Quefazeres *s. m.* Tarefas, afazeres ou atividades cotidianas; conjunto de ocupações ou obrigações que alguém precisa realizar.

Sai em seguida, eram muitos os meus quefazeres na fazenda, esses quefazeres

que sem a presença do dono nunca se fazem a contento, embora tudo que ele dono faça é mandar fazê-lo por outras pessoas. (RDM [1993], p. 544).

Quem casa quer casa *exp. pop.* Expressão usada para indicar que, ao assumir o compromisso do casamento, a pessoa também assume a responsabilidade por ter um lar, uma residência ou, de forma mais geral, deseja estabilidade e conforto na vida a dois.

E fundamentada a razão de sua recusa na sabedoria popular, na recomendação, realmente sábia conquanto divertida, de que quem casa quer casa. Poderemos vir de vez em quando a Rio dos Morcegos, nas festas religiosas e em alguns fins de semana, matar saudades, ela disse. (RDM [1993], p. 454).

Queixume *s. m.* Ato de queixar-se; reclamação, lamento, protesto.

— *O que é que eu vou fazer, minha tia? Como é que eu faço?* — *murmurou turbada, na ânsia de um queixume inútil.* — *O que é que vou fazer agora? Estou morta de vergonha.* (ALM [1965], p. 141).

Quem herda, não furta *exp. pop.* Expressão para justificar traços, gostos, comportamentos ou habilidades transmitidos por herança familiar, dos pais para os filhos.

— *Muito bem! Saiu igual ao pai.* — *Filho de peixe, peixinho é.* — *Quem havia de dizer que você era tão valente?* **Quem herda, não furta.** (CAS [2011], p. 48).

Quimbas *s. m.* Termo popular utilizado exclusivamente no plural para se referir aos testículos.

Certa noite, depois de terem os garimpeiros falado de um cabra valente que urinara no chapéu de seu Aurino, o maior comprador de diamantes de Xique-Xique, um homem voltou-se para ele e lhe disse que o tal cabra tinha sido

seu pai. — *Era seu pai, Zezinho. Um macho inteirado, de quatro quimbas. Ele ficara entusiasmado com a história daquele homem destemido.* (CAS [2011], p. 46).

Quina-de-vara *s. f.* Arbusto da família das *rubiáceas*, amplamente conhecido por suas cascas, que são ricas em quiniño.

Ao longo dos emburrados, onde as escoras de âmagô de quina-de-vara, os esbirros de gameleira, sapucaia e pau-terra, eram atravancamentos de velhos serviços engrunados, erguiam-se, corno ossuários da serra trabalhada, as montoeiras pardas de antigos mcororôs encartuchados — detritos acumulados do solo revolvido e golpeado nos canais, nos talhados, nas grupas, nos rebaixos, em toda espécie de serviço a seco ou com água, desde as grupiaras às grandes bocas descidas com pontaletes de cocão. (CAS [2011], p. 99).

Quinto *s. m.* Percentual de 20%, sobre o mineral extraído, pago aos proprietários da área de mineração.

Mas, de modo geral, o coronel não se interessava pela mera cobrança do quinto, que lhe dava direito a 20% sobre o produto extraído por qualquer sociedade com seus terrenos; preferia garimpar só, ressaltando o seu duplo direito de dono de serra e de fornecedor. (CAS [2011], p. 21).

Quitoco *s. m.* Planta da família das compostas, nativas do Brasil, utilizada no tratamento das afecções estomacais e respiratórias.

Para mulher parida que não podia comprar Água Inglesa na farmácia, ela tinha aquela velha fórmula tão bem conhecida de Salu: noz-moscada, quitoco, salsa, poejo, losna miúda, arruda, e cebola branca — tudo pisado e posto de infusão numa garrafa de cachaça. (CAS [2011], p. 77).

Quixabeira *s. f.* Arvoreta lactescente, da família das sapotáceas (*Bumelia sartorum*), difundida na caatinga, e que tem folhas pequenas e numerosos espinhos robustos; serve de alimento para o gado, na época da seca.

*Os pássaros tinham deixado de cantar. Bigodes, juritis e azulões dormiam agora nos ramos da **quixabeira**. De quando em quando, alguma ave noturna esvoaçava dentro da mata, desferindo a praga de um grito áspero.* (ALM [1965], p. 15).

Rr

Rabear v. Mover em círculos ou balançar o rabo.

*Umas setenta reses, contando vacas e bois, espalhavam-se aos magotes pelas imediações do rancho. Não tinham mais o que pastar. **Rabeavam**, enxotando as mutucas, em tardo andar de animais de bucho cheio.* (ALM [1965], p. 71).

Rabo de juízo loc. sub. Termo para se referir às nádegas.

*Depois a gente vai buscar Silvério no Ribimba: o porre de hoje vai ser por conta dele. — Parou de repente e acrescentou. — Mas que **rabo de juízo** tem aquela Helena! — Eu gastei foi meu dinheiro todo — insistiu Neco. — Precisamos descobrir uma frente de serviço rica.* (CAS [2011], p. 260).

Rabo-de-palha s. m. Indica situação ou passado comprometedor; expõe condição de quem tem culpa, segredo ou envolvimento em algo que deseja ocultar.

— *É o que eu já lhe disse, Cambará. Quem tem um **rabo-de-palha** tão grande como o Padre Coelho não deve se intrometer na vida de ninguém. Vou fazer escândalo. Ele vai ver! Vou contar tudo nos jornais.* (ALM [1965], p. 215).

Raçado adj. Refere-se daquele que demonstra espírito de luta, determinação, empenho e coragem.

— *O negro é **raçado** mesmo — Se o coronel não tem o santo forte, estava torado na bala. — Mas também ele só atirou porque estava de porre — convinhavam alguns. — De porre ou não, só sei dizer é que ele tem cabelo na venta — contestavam outros.* (CAS [2011], p. 54).

Rachar v. Dividir ou repartir algo de maneira compartilhada entre duas ou mais pessoas, no contexto de despesas ou consumo coletivo.

*Não havia nada igual. Maciel e Morival (eram os nomes dos meus dois companheiros) **racharam** comigo a cerveja, e com esse **racha** se foi quase todo o meu dinheiro. Fomos comboiando as mulheres pelo corredor que dava acesso aos quartos da pensão.* (RDM [1993], p. 58).

Raio interj. Termo expressivo para irritação, impaciência ou aborrecimento.

— *O João Félix está me saindo um moleirão. Há mais de três meses estou esperando o adubo que mandei vir de Marrocos, e o homem não se mexe. Já era tempo de ele tomar uma providência qualquer. As minhas palmeiras estão definhando, e o **raio** desse adubo não chega.* (DBM [2009], p. 76).

Raizame s. m. Conjunto de raízes usadas para preparar infusões em cachaça, com propósitos medicinais ou revigorantes. No contexto popular, o termo também pode designar tipo específico de cachaça misturada.

*Pedi uma cachaça pura, da boa. Eu não era muito do **raizame** e do folhame da cachaça misturada. Preferi a pinga pura, alva, transparente, cristal na garrafa branca de litro.* (RDM [1993], p. 167).

Ralar v. Preocupar-se excessivamente, aborrecer-se; chatear-se com algo.

Sáira arrasado do "Trianon". Entretanto, para evitar que meu tio se aborrecesse, não levava o caso ao conhecimento dele. Queixara-se, porém, a João Félix. E este, embora desaprovando a

*negra piada de Carvalho, não lhe atribuíra a menor importância. Confortara-o superiormente: não valia a pena **ralar-se** com semelhante bobagem. Marcelino mandara fornecer o dinheiro.* (DBM [2009], p. 195).

Ralo *s. m.* Peneira retangular com orifícios de tamanho variáveis, ajustado conforme as exigências do trabalho de crivagem.

*Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias, seus carumbês, suas enxadas, seus frincheiros, suas alavancas, seus **ralos**, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça.* (CAS [2011], p. 15).

Ramerrão *s. m.* Rotina monótona; repetição mecânica e aborrecida de hábitos ou tarefas.

*Como podia ser tão cruel a vida, reservando à irrequieta, esvoaçante Zulmirinha, moça da sociedade, um tedioso destino pedagógico, no **ramerrão** de uma escola primária de subúrbio? Não me conformava com a idéia de uma tão alegre, desenvolta moça, que passeava de baratinha pelas ruas da Bahia, acabar, um dia, junto a um quadro-negro, a amolar-se ingloriamente com problemas de alfabetização.* (DBM [2009], p. 176).

Rampear *v.* Terreno íngreme, difícil ou acidentado.

*Aqui e ali o terreno **rampeava**, escorrido numa depressão amis funda, com sulcos abertos pelas enxurradas.* (ALM [1965], p. 184).

Rancho *s. m.* Acampamento de trabalhadores situado nas proximidades de uma área de extração mineral.

— *Eu sei dizer que com isso eu fiquei foi sem minha ferramenta — queixou-se outro garimpeiro. — Eu estava na porta do **rancho** fazendo um cigarro, quando ouvi o sócio gritar: "O rio está enchen-*

do!" e já vi foi a ferramenta descendo rio abaixo. Até meu chapéu foi embora. (CAS [2011], p. 26).

Rapariga *s. f.* De uso pejorativo, refere-se a mulher que exerce a prostituição, ou associada a comportamentos imorais, com conotação de desonra.

*Contou-me, por sinal, outro tio meu, o Sinhôzinho, ao traçar-me um retrato irreverente e sumário do nosso comum parente, a essa época, que tio Marcelino, sempre janota, andava pelos bilhares e pelas casas de **raparigas**, a gastar o bom dinheiro do meu bisavô.* (DBM [2009], p. 177).

Rapa-Tiçã *s. m.* Logradouro situado no município de Andaraí, na Bahia.

*A rua do Ribimba era continuação da do **Rapa-Tiçã**. Antigamente acabava naquela casa grande da ladeira. Mas depois homens que procuravam trabalho, homens pobres traídos pelas notícias dos garimpos ricos, e o Ribimba crescendo, com os seus casebres trepando pelo barranco como um rebanho de cabras.* (CAS [2011], p. 68).

Rapé *s. m.* Pó fino feito de folhas de tabaco secas, misturado com ervas aromáticas ou substâncias estimulantes, que se aspira pelo nariz com fins recreativos, medicinais ou rituais.

*Fazia apenas três anos, ou quatro, que eu não via a velha Mariquinha. Era amiga de minha mãe, e até mesmo parenta distante nossa. Cheirava **rapé**, com um ronco.* (RDM [1993], p. 49).

Rasga-beiço *s. m.* Nome popular da *Piptadenia stipulacea*, árvore da Catinga também chamada de jurema-branca. Espécie invasora e resistente a solos secos, comum em beiras de estrada. É usada como lenha, estaca e forragem para ruminantes na estiagem.

*Margens em fora, cedros e lourões alçavam-se enfolhados, sobranceando o invio das moitas de **rasga-beiços**. Em*

meio à variedade de árvores sucessivas, entremostravam-se nos seus grávidos troncos as barrigudas. Um odor de resinas balsamizava o ar. (ALM [1965], p. 75).

Raspadura *s. f.* Açúcar mascavo solidificado em blocos compactos, em formato pequeno.

A nota era esta: 1 qlo di carne 2\$000 1 qlo di toicim 3\$500 1 lt di feijão 1\$000 1 lt di arrois 1\$000 6 lt di farinha 1\$000 1/2 lb di café \$400 1 raspadura \$400. (CAS [2011], p. 92).

Rateio *s. m.* Ato de dividir ou distribuir algo; divisão proporcional.

No sábado eu vou estudar um plano bom no bazar. Sobre o dinheiro a gente conversa depois. Vamos fazer um rateio. — E eu tou aí nesse rateio! — reivindicou o sargento Marinho, num assomo de fácil solidariedade. — Faço questão disso. (APO [1996], p. 76).

Rebarbativo *adj.* Que é difícil, árduo ou penoso; que exige esforço, em relação ao intelecto ou à memória.

E era isto que eu estranhava: ver aquele homem adestrado nos compêndios, afeito ao rebarbativo decorar de datas e fatos da História, titubeando no modesto nomear daquele Joaquim, ou Serafim, filho do seu amigo Lemos. (DBM [2009], p. 187).

Rebater *v.* Enfrentar, atenuar ou reagir a algo desagradável — como uma sensação, dor, tristeza ou incômodo — recorrendo a algum recurso externo, como, por exemplo, a bebida.

Pedi uma cachaça para rebater aquela tristeza que sobrara da conversa com o prefeito, que a valsa tornava ainda mais triste. (RDM [1993], p. 35).

Rebordo *s. m.* Borda, margem ou extremidade saliente de algo, como de um prato, de uma rocha, de um tecido ou de uma estrutura.

Interrompendo-se, passou a mão pela testa, como a enxugar um suor invisível; e, a voz baixa, o olhar baixo sentou-se desalentadamente no rebordo do caixote da talha. (ALM [1965], p. 140).

Rebuço *s. m.* Ato de esconder, disfarçar ou encobrir algo; disfarce, ocultação.

Admitia sem rebuços: — Se não fora a subvenção dele, eu não teria podido manter o colégio. Naquela idade avançada, era de ver como o bom Costa Pereira ainda se aferrava às suas ilusões de outrora — a paixão das tradições, o gosto pelas letras, o amor da pesquisa histórica. (DBM [2009], p. 106).

Recambiado *adj.* Que foi enviado de volta ao ponto de origem; repatriado ou restituído.

Nem me seduzia o intento de, pilhando-me na grande cidade, meter-me em noitadas alegres e voltar, depois, sem dinheiro, a repisar monotonamente as histórias que alguns viajantes baianos, recambiados à terra natal, contavam pelas esquinas, e em rodas de bar, com os exageros de uma estroinice deslumbrada. (DBM [2009], p. 206).

Rechonchuda *adj.* Refere-se a alguém com formas corporais mais arredondadas, expressando delicadeza, simpatia ou afeto, sem conotação pejorativa.

Ao contrário, fazia questão de nessas circunstâncias ir até a sala (se acaso ali não estivesse) mostrara sua bela e rechonchuda Ricardina. Tinha orgulho da filhinha, e em verdade, no caso, esse pavoneante, emproado sentimento humano se desculpava e justificava. (APO [1996], p. 125).

Relavar *v.* Lavar outra vez; repetir a lavagem de algo que ainda não ficou limpo, que sujou de novo ou que precisa de um cuidado adicional.

O fraco, Argina escaldava em água quente, depois de o lavar e relavar com

sabão, num rigor de higiene. (RDM [1991], p. 29).

Remirar v. Olhar com atenção, observar com mais cuidado, ou voltar a olhar algo, de forma mais detalhada.

*Seu Tavi pegou da garrafa que indiquei, mirou e **remirou** a garrafa, fez uma cara de espanto. Mas a garrafa é mesmo esta?, ele perguntou. E eu respondi que era, claro, era aquela a garrafa da qual o filho dele me servira.* (RDM [1993], p. 168).

Renque s. f. Linha ou fileira de coisas ou pessoas dispostas em sequência, especialmente árvores, casas ou objetos semelhantes.

*Aproximei-me da grade do jardim, tentei abrir o portão que trinta anos antes, em companhia de Passos, transpusera pela primeira vez. Um grande cadeado, com uma corrente em volta, fechava-o. Já não havia a sineta de outros tempos. Em vez daquele vivo badalar que ressoava por entre os **renques** de palmeiras, tudo quanto ouvi foi um ruído de velhos e emperrados ferros a reboar no pátio ermo.* (DBM [2009], p. 39).

Rego s. m. Canalização das águas do rio, para algum serviço.

*Ao mesmo tempo, interrompendo por instantes o trabalho de escavação, Silvério desviava para o local, através de um pequeno **regio** aberto a golpes de enxada, a água do córrego que passava perto. Não tardou, e a lavadeira foi-se enchendo, a água subindo com alguma rapidez, e alcançando, por fim, os joelhos dos dois homens, que agora voltavam a remover conjuntamente a areia. Como já tivessem obtido a quantidade suficiente para a lavagem do cascalho, Silvério de novo obstruiu, sempre a golpes de enxada, o **regio** para canalização da água por ele aberto. Estava pronta a lavadeira, que tinha a profundidade e as dimensões de um pequeno poço.* (CAS [2011], p. 122).

Regulador da Dona do Corpo loc. sub. Tônico popular utilizado para questões de saúde feminina, como regulação do ciclo menstrual ou bem-estar geral.

— *Manoel João* — *cochichou a mulher* — *mande buscar em Andaraí um vidro de **Regulador da Dona do Corpo** pra mim. Eu não estou anda boa.* (ALM [1965], p. 47).

Remanso s. m. Porção significativa de água que avança em uma curva de um rio, formando uma pequena enseada de águas calmas.

*O rio, ao esvaziar-se, formava um **re-manso** no meio da vegetação, sobre o qual um espinheiro avançava a galharia baixa. Urna grande pedra, isolando o areão, erguia-se do outro lado como uma muralha: era urna enseada agreste e solitária, cujas águas se engolfavam nas sombras da mata.* (CAS [2011], p. 300).

Remédio s. m. No uso popular, qualquer substância usada para eliminar pragas, como formigas, baratas ou ratos, o mesmo que veneno.

*Cianureto. Sim, era um **remédio** muito usado contra formigas. Minha mãe mesmo fizera por muito tempo uso dele no jardim.* (RDM [1993], p. 65).

Repisar v. Voltar insistentemente a falar ou pensar sobre algo, com tom de lamento, queixa ou insistência emocional; reiterar, remoer, martelar.

*E **repisava**, inconformado, a história do peito ao vento e da charrua. Queixava-se: — Eu, um homem do campo, corno vivo hoje? Encarapitado num sobradinho de bairro, lá na Cruz do Pascoal, com barulho de bonde nos ouvidos.* (DBM [2009], p. 95).

Repetição s. f. Arma de fogo de cano longo utilizada para caça; espingarda.

*Vinha jogando cabriolas, com uma **repetição** na mão, e gritava como um louco: — Cadê um homem de coragem? Eu*

hoje estou com vontade de fazer um fecha! O velho Justino sacou rapidamente a fogo-central, pondo-se em guarda. — Entregue a arma, Peixoto! — advertiu-o com um grito. Os garimpeiros recuaram. (CAS [2011], p. 32).

Repimpada *adj.* Refere-se de quem comeu muito, que está de barriga cheia; abarrotada; empanturrada.

*Um homem veio acender o cigarro na baga que outro trazia no canto da boca. Andou olhando os beijos enrolados com coco ralado — especialidade de seu Dudu — e pilheriou: — De quem é essa obra? Uma negra **repimpada** no vestido de estamparia larga soltou uma gargalhada: a palavra obra fazia-a rir sempre.* (CAS [2011], p. 227).

Repuxo *s. m.* Esforço, tensão física ou emocional exigida por determinada atividade ou situação desafiadora.

*— E você vai aguentar mesmo esse **repuxo**? — Claro que vou. Aliás, que me diz da ideia de vir comigo? Sim, você. Você mesmo. Você podia trabalhar comigo na fazenda.* (RDM [1993], p. 86).

Requerer *v.* Solicitar com insistência ou carinho; pedir a presença ou participação de alguém com entusiasmo.

*Todos o **requeravam**, como se a alegria da reunião dependesse do estímulo da sua presença, a espalhar entre os convidados um vivo contágio de animação. Eu via o homem movimentar-se, falar, rir, dirigir-se a um e a outro, e até, em dado momento, descansando na mesa o cálice do aperitivo, pendurar-se a um violão que lhe foi entregue debaixo de palmas, e executar, com desembaraço de artista, a Triste Jandaia, cançoneta muito difundida num disco antigo de Carmem Miranda.* (DBM [2009], p. 129).

Restilo *s. m.* Aguardente de alta graduação alcoólica, obtida por redestilação.

*O menino saiu correndo e o negro foi apanhar na prateleira o litro de cachaça. Encheu dois copos. Peba cuspiu e despejou a cachaça na goela — o copo suspenso a um palmo acima da boca. Estalou a língua: — **Restilo**. O outro bebeu pelo mesmo processo. A cachaça desceu pela garganta como por um funil.* (CAS [2011], p. 67).

Restinga *s. f.* Exploração de cascalho previamente trabalhado por outros garimpeiros, conhecida como “lavagem”, que consiste na reutilização de material já lavado em busca de resíduos de diamantes.

*— Então, seu Neco Rompedor, como vão os garimpos lá no Andaraí? Com esse tempo, coronel, está tudo parado — respondia o garimpeiro. — A salvação é que existe o Paraguaçu. Senão a gente tinha de quebrar a cabeça com aquelas **restingas** dos Coqueiros, faiscar no Viriato, ou lavar cisco debaixo da ponte, como Manezim Cangula.* (CAS [2011], p. 19).

Ribimba *s. f.* Logradouro situado no município de Andaraí, na Bahia.

*Entretanto, se o **Ribimba** crescia e estirava suas ruas de casas de palha por onde antigamente era mato fechado, um lado do barranco continuava despovoado. Era aquele lado de cima, onde ficava o chalé de seu Durães com o seu oitão caindo o reboco, com as suas paredes rajadas de goteiras, com os seus morcegos, com a sua varanda coberta de ervas daninhas.* (CAS [2011], p. 70).

Rijeza *s. f.* Refere à qualidade ou característica de algo que é rijo, ou seja, que é duro, resistente, firme ou inflexível.

*— Se ele tivesse vivido no campo, numa fazenda, respirando ar puro, acordando cedo, com os passarinhos, e saindo a cavalo para ver as plantações, mesmo ficando solteiro, ele haveria de ter mais **rijeza**. Não ia envelhecer antes*

do tempo, como na cidade. E adeus, macacoas! (DBM [2009], p. 243).

Rio Baiano *s. m.* Afluente do rio Paraguaçu, na Chapada Diamantina, na Bahia.

— *Você é dos tais que gostam de trabalhar no cheiro do torresmo?* — respondeu Peba, andando sempre. — *Está que nem Curuba, que fica puxando lavagem no Rio Baiano e restingando em fundo de quintal? Deixe isso pra ele.* (CAS [2011], p. 99).

Rio de Contas *s. m.* Município brasileiros do Estado da Bahia, localizado na Chapada Diamantina-Ba.

— *É — prosseguiu a velha. — Aliás, nesse particular, eu posso garantir porque vi. Vocês sabem, eu nunca fiz segredo da minha vida, que me botaram esse apelido por causa dos anéis de ouro que eu trouxe do Rio de Contas.* (CAS [2011], p.83, 84).

Rio Gafanhoto *s. m.* Afluente do rio Paraguaçu, na Chapada Diamantina, na Bahia.

Entre os poços de água podre do areão e as mangueiras de um grande e sombrio quintal murado — erguia-se a casa do juiz. Ficava perto, ali mesmo na Rua da Ilha, e era ampla, rodeada de janelas, embora com dois propalados inconvenientes: as cheias do Rio Gafanhoto e as muriçocas. (CAS [2011], p. 176).

Rio Paraguaçu *s. m.* Importante rio do estado da Bahia, com nascente na Chapada Diamantina.

No povoado da Passagem, à margem do Rio Paraguaçu agora de monte a monte, rajadas de vento cortavam de alto a baixo as ruas ermas, quando os garimpeiros, em lúgubre vozerio, irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão. (CAS [2011], p. 15).

Rio Una *s. m.* Curso de água localizado na região da Chapada Diamantina, no estado da Bahia. Sendo um importante afluente do rio Paraguaçu.

João Camilo, no entanto, não atribuía maior importância à iniciativa: a compra do trator bem pouco significava em face da experiência dos belgas na fazenda Iguaçu, para os lados do rio Una. (ALM [1965], p. 165).

Rio Piabas *s. m.* Rio que atravessa os municípios de Mucujê e Andaraí, sendo um dos afluentes do Rio Paraguaçu no estado da Bahia.

— *Foi uma coisa à toa. Só se o senhor visse. Eu acho até que foi um ataque que ele teve, assim que nem o finado Flávio, que morreu nas Piabas.* (CAS [2011], p. 16).

Rio Santo Antônio *s. m.* Afluente do Rio Paraguaçu, na Chapada Diamantina, na Bahia.

No passeio de João Febrônio, os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, pirás, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavaleares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão:

— *A como está vendendo as traíras?* — *A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe.* (CAS [2011], p. 91).

Ripão *s. m.* Tábua longa, estreita e fina, usada em telhados, cercas, caixilhos ou outras estruturas de madeira.

As linhas impressas, encimado o texto manuscrito, deixavam entrever de um mundo de serras vorazes e guinchantes, a transformar florestas em barrotes e rodapés, caibros e soalhos, forros e vigamentos, cornijas, molduras, ripas, ripões, marcos e contramarcos — com “presteza e perfeição”. (ALM [1965], p. 105).

Roceiro *s. m.* Aquele que trabalha na roça, agricultor; lavrador.

Nos dias de feira, transitavam pelo local os roceiros vizinhos, com as suas quartas de farinha, os seus mercados de peixe e cumbuca de mel, e só a noitinha retornavam, depois de terem realizado na cidade as transações semanais. (ALM [1965], p. 10, 11).

Rola *s. f.* Órgão sexual masculino; pênis.

E o Dr. Fonseca, afobado, nervoso, todavia sem perder a esperança, pedia-lhe, suplicava-lhe, insistia na glândula, princesa, insistia na glândula. Sim, na glândula, na cabeça da rola. Assim, assim... (APO [1996], p. 307).

Rompimento *s. m.* Abertura, fenda ou rachadura em uma superfície.

— *É. O serviço de cálculo é esse. Nós devemos continuar o rompimento feito por você e Peba, no tempo do finado Zé de Peixoto, até cairmos no veio da piçarra-mestra.* (CAS [2011], p. 190).

Rufiagem *s. f.* Clima de paquera e diversão amorosa que toma conta das ruas durante a noite, especialmente em um ambiente boêmio.

De repente, porém, eis que a luz de um fífo veio coar-se através de uma janela, depois através de outra e mais outra — e ele instintivamente parou; cada urna delas se lhe afigurava um obstáculo à sua passagem. No primeiro momento, pensou em dar uma volta pelo lado de cima do barranco, tomando a estrada do chalé; logo desistiu, entretanto. Chegando-lhe aos ouvidos rumores de vozes, de envolta com latidos de cães, sons de harmônica e gargalhadas de homens e mulheres, compreendeu a inutilidade de esquivar-se, passando pelos fundos das casas: o movimento do sábado, com a noite povoada de garimpeiros e raparigas, com gente bebendo no balcão das vendas e a rufiagem sol-

ta nas ruas, já atingira aquela parte da cidade. (CAS [2011], p. 134).

Roufenha *adj.* Refere-se a quem apresenta rouquidão; termo usado para descrever a voz, sons ou fala com timbre rouco ou enfraquecido.

Algumas mulheres estavam cantando na roça. A chita dos vestidos destacava-lhes os dorsos móveis e dispersos, em meio à plantação, num colorido entre-mostrar de manchas. Cantavam, num côro de vozes roufenhadas, a tirana conhecida: Ela olhou pra mim,/ Eu olhei pra ela.../ Se ela for bonita,/ Vou casar com ela... (ALM [1965], p. 154, 155).

Rueiro *adj.* Refere-se a alguém que tem vínculo com a rua, em contextos de quem mora ou passa muito tempo nas ruas da cidade.

Que história é essa de dormir na rua? Você dormiu foi aqui em casa, e dormiu muito, nesta cama onde ainda está deitado — protestou Celina, quando me ouviu dizer alarmado que era a primeira vez que eu dormia na rua, eufemismo rueiro de que em Rio dos Morcegos se valiam as pessoas que não havendo dormido em casa, tinham passado a noite nos braços circunstanciais de uma mulher da vida. (RDM [1993], p. 240).

Ss

Sabiá *s. m.* Ave passeriforme de plumagem discreta predominantemente marrom.

*O sol já estava bem alto. Os **sabiás** cantavam por toda parte, esvoaçando nos pés de bico-doce.* (CAS [2011], p. 100).

Saborosa *s. f.* Cacto arborescente cujo fruto é uma baga globosa ou oblonga, apresentando aréolas ou tufos de espinhos castanhos. Também conhecido como cacto pé de mamão, árvore de espinho, ou deliciosa.

*No silêncio que se seguiu ao convite da mulher, ouviram ambos a conversa que chegava até eles através da cerca de um quintal, de onde emergia a folhagem de um pé de **saborosa**: — A cobra-preta mamava nela toda noite. Descia do telhado, subia na cama e começava a mamar. Ela não via nada: estava dormindo. Sentia a chuchada no peito, mas pensava que era o menino que estivesse mamando.* (CAS [2011], p. 243).

Saideira *s. f.* Refere-se à última dose ou bebida consumida em um bar ou evento social, antes de uma pessoa ir embora.

*Vamos tomar agora a **saideira**, Áureo Mota todavia propôs, no pretexto de uma sub-repitícia terceira dose. Não e não, eu disse, agora eu vou ver minha noiva.* (RDM [1993], p. 479).

Sair pelo figurino *loc. verb.* Ocorrer conforme o esperado, sair como planejado; seguir o roteiro ou a norma prevista.

Aliança, por sinal, que tomou a liberdade (como disse) de oferecer ao sargento, com antecipados parabéns pelo noivado. E daí a dois dias recolhia o sargento o presente, que aninhou na sua caixinha forrada de veludo grená.

*Tudo estava **saindo pelo figurino**.* (APO [1996], p. 42).

Safado *adj.* Refere-se de pessoa de caráter imoral ou desonesto.

— *Mas, esse cabra é mesmo muito **sa-fado** — a mãe desabafou. — E eu até achava ele simpático. — Todo patife é simpático, mãe — disse Maria. — Ele também me parecia simpático.* (APO [1996], p. 87).

Salpintada *adj.* Refere-se a pessoa marcada, coberta de manchas, pintas ou salpicos, de cores diferentes da base.

*Retirando a carta do envelope, o coronel desdobrou-a com as largas mãos **salpintadas** de lentigens senis; e, vista apurada, começou a ler em silêncio [...].* (ALM [1965], p. 86).

Santa Bárbara¹ *s. f.* Logradouro situado no município de Andaraí, na Bahia.

*E é vem gente, é vem gente que até parece um mar humano, garimpeiros das Casas-Grandes, da Boca da Gruna, do Imbé, da Boa Noite, do Rapa-Tiçã, da **Santa Bárbara**, da Jaqueira, do Ribimba, dos Sete Pecados, das Barricas, do Buxo, do Sossego, do Bugalhau, de tudo quanto é rua, com sacos na mão para fazer o saco.* (CAS [2011], p. 89).

Santa Bárbara² *s. f.* Santa Católica, invocada como protetora contra raios, tempestades e trovões. Padroeira dos mineiros.

*Oh, a chuva!... Desabara de urna vez, corno um castigo. Era preciso queimar palha benta, rezar para **Santa Bárbara**. Por que viera ela surpreender a garimpagem justamente na sua fase mais importante? Deus do Céu! Só podia ser mesmo maldição... Aquela maldição das*

cheias inesperadas que pesava sobre o seu garimpo. (CAS [2011], p. 22).

Santa Luzia *s. f.* Grande propriedade rural destinada à agricultura ou à criação de gado, na Andaraí (Bahia) fictícia de Herberto Sales.

*Na escuridão, esperava pelo cantar do galo anunciando a madrugada, quando devia levantar-se para pegar os animais que tinha de levar à fazenda **Santa Luzia**: esforçava-se por concentrar o pensamento na ordem que recebera do coronel.* (CAS [2011], p. 299).

Santa Rita *s. f.* Santa Católica, considerada madrinha dos sertões e padroeira das causas impossíveis.

*Como acontecia todos os sábados, o rancho de Sinhá do Ouro lá estava com o seu cheiro de igreja — com a sua vela de 400 réis alumando o pequenino nicho de **Santa Rita**, em cujo louvor se rezava aquela ladainha que começava assim: Viva **Santa Rita**. Que é Santa mulher, no céu e na terra. Ela faz o que quer!* (CAS [2011], p. 79).

Sapucaia *s. f.* Árvore de até 30 metros de altura, com madeira nobre, dura, resistente e de tonalidade pardo-avermelhada.

*Ao longo dos emburrados, onde as escoras de âmago de quina-de-vara, os esbirros de gameleira, **sapucaia** e pau-terra, eram atravancamentos de velhos serviços engrunados, erguiam-se, corno ossuários da serra trabalhada, as montoeiras pardas de antigos mocosorôs encartuchados — detritos acumulados do solo revolvido e golpeado nos canais, nos talhados, nas grupas, nos rebaixos, em toda espécie de serviço a seco ou com água, desde as grupiarias às grandes bocas descidas com pontaletes de cocão.* (CAS [2011], p. 99).

Sarapatel *s. m.* Prato típico preparado com sangue, vísceras e miúdos de porco

ou carneiro, cozidos com tempero forte e especiarias.

*Muito pálida, os olhos semicerrados, a moça nada respondia. Como d. Marocas achava que tinha sido o **sarapatel** do meio-dia, Carregosa saiu como uma bala e foi buscar na loja um pouco de bicarbonato. Ao voltar, porém, deu de cara com Antunes, que vinha triunfalmente avisar a chegada do médico. O negociante voou para o corredor e, logo depois, entrava de novo na sala, acompanhado de dr. Marcolino.* (CAS [2011], p. 193).

Sarará *adj.* Refere-se de uma pessoa de pele clara, descendente de africano, com cabelo crespo e amarelado, e olhos claros. O termo é utilizado no Brasil para descrever indivíduos com essas características resultantes da miscigenação.

*Mirinha era uma moça desgraciosa, **sarará**, ninguém a namorava; mas num baile não havia outra mais requestada que ela.* (RDM [1993], p. 389).

Satanás pregando quaresma *exp. pop.* Expressão que descreve uma situação de evidente falsidade, hipocrisia ou engano; mentiras disfarçadas.

*— Mas... que diabo! — disse — será que você não admite o mérito combativo deste artigo? Isto que está aqui — e batia com a mão no jornal — é a verdade sobre as Lavras. — **Satanás pregando quaresma** — repetiu o telegrafista. — Não vá atrás de conversa de jornal.* (CAS [2011], p. 205).

Seguro morreu de velho *exp. pop.* Expressão usada para recomendar cautela e prudência. Sugere que agir com cuidado, prevenção e precaução é o seguro para se evitar problemas ou perigos.

*— **Seguro morreu de velho**, minha filha. A semana passada deu ladrão na casa do velho Uchôa, um pobre operário que perdeu a mão num acidente de trabalho.* (APO [1996], p. 16).

Sempre-viva-da-serra *s. f.* Planta de diferentes gêneros e famílias, caracterizada por flores que, mesmo após a secagem, mantêm sua forma vívida. Frequentemente cultivada para fins ornamentais e comercialização.

E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo, fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com as três-folhas, o canapu, a neve, com o chapéu-de-frade e a sempre-viva-da-serra, guarnecendo o flanco acidentado dos rebaixos. (CAS [2011], p. 96).

Senis *adj.* Refere-se à velhice ou aos idosos; característico de pessoa idosa.

Retirando a carta do envelope, o coronel desdobrou-a com as largas mãos salpintadas de lentigens senis; e, vista apurada, começou a ler em silêncio [...]. (ALM [1965], p. 86).

Sequilho *s. m.* Biscoito seco, preparado com farinha de araruta ou polvilho, conhecido por sua textura crocante e leve, que se desfaz facilmente na boca.

Habituar-me desde cedo a vê-la confiada em casa, no velho sobrado de janelas abertas sobre as fruteiras do quintal, entregue aos afazeres domésticos – as costuras, os cuidados com a horta, os bolos e biscoitos, que nunca faltavam no armário da despensa. Ela própria os fazia, as mãos firmes numa garrafa utilizada à guisa de rolo, a desdobrarem na larga mesa de jantar a massa de farinha de trigo, sobre a qual deslizava a carretilha, no recortar denticulado dos sequilhos que iam assar no forno. (DBM [2009], p. 18).

Ser moça *loc. verb.* Expressão que se refere ao estado de virgindade de uma jovem, indicando que ainda não teve relações sexuais. Em contextos tradicionais, "ser moça" associava-se à ideia de pureza e honra.

— *Sim, acho muito bom a gente casar logo, pra meu pai não desconfiar de*

nada. Tem muita criança que nasce de sete meses. Com nosso filho pode muito bem acontecer isso. Meu pai não vai desconfiar que eu já casei sem ser moça. (APO [1996], p. 21).

Serenada *adj.* Refere-se ao que está acalmada, apaziguada, tranquilizada.

Maria encaminhou-se para o fogão, aparentemente serenada; e, tirando um grampo do cabelo, pinçou com ele uma brasa para acender o cachimbo. (ALM [1965], p. 142).

Serviço de barranco *loc. sub.* Porção de terra de dimensões variáveis, localizada dentro da cava, onde um ou mais garimpeiros realizam a exploração de diamantes.

Viera de Palmeiras quinze dias apenas, e embora fosse lavrista, tendo nascido e se criado naquela cidade, não tinha até então cateado em leito de rio. “Será que vem enchente para nos tornar a cata?” — perguntara ao sócio, que era fornecido por uma sobrinha do cel. Joca de Carvalho. “Pode vir e não vir” — respondera-lhe o outro. Ele não se sentia bastante experiente para trabalhar num veio geral como era o Paraguaçu, só conhecia serviços de barrancos e de grupiara, de sorte que ficou sobressaltado. (CAS [2011], p. 23, 24).

Seu *pron.* Abreviação informal e respeitosa de "senhor", usada para se dirigir a um homem, principalmente em contextos regionais ou mais coloquiais do português brasileiro.

— *Faz muito tempo que você não vê Seu Marcelino? Eu nunca o tinha visto. Quando ele saíra de Andaraí, muitos anos antes, eu nem havia nascido.* (DBM [2009], p. 30).

Sestroso *adj.* Refere-se de quem tem manias, hábitos estranhos ou modos esquisitos; que é cheio de costumes ou vícios difíceis de mudar.

*A um sinal de Chico Tenor, negro **ses-troso** e saxofonista de mavioso sopro, foi para o ar e por dentro da noite a introdução da marcha principal daquele ano.* (RDM [1993], p. 338).

Sinhá *pron.* Forma respeitosa de tratamento dirigida a mulheres no Brasil rural. É uma variante de "senhora", usada geralmente por pessoas das classes populares.

*Cortei caminho pelo beco de **sinhá** Cutu, em cuja vendola não havia ninguém àquela hora, pequeno paraíso cercado de garrafas.* (RDM [1993], p. 223).

Sistema de tição *loc. sub.* Trabalho de garimpo que consiste na disposição de pedras para formar uma barreira, criando um represamento das águas do rio.

— *Eu estava trabalhando de meia-praça — disse. — Foi um ano em que eu vi, de uma vez, seis olhos-de-arara. Quando chegou a hora de fazer o corte, eu fiz o meu foi de caixão, com pedras assentadas no **sistema de tição**, em cima de camadas de capim pubo. — Assoou o nariz com as pontas dos dedos e continuou: — O rio podia estar com uns cinco batidos.* (CAS [2011], p. 43).

Socar *v.* Recolher-se, isolar-se ou retirar-se para um lugar afastado, para viver discretamente, longe do movimento urbano ou da convivência social intensa. *Já imaginou, um filho de Deus como eu, filho de Deus e das ruas de Deus, que nunca teve hora para acordar, me **socar** numa fazenda, para ficar debaixo de pé de pau ouvindo passarinho cantar? Não, Marcelo, fico por aqui mesmo onde sempre estive, esperando por você.* (RDM [1993], p. 407).

Socador de broca *s. m.* Ferramenta utilizada para compactar ou fixar brocas durante a perfuração.

Sem tardar, foram trazidos à presença do coronel um ralo, uma cunha de marreta, um marrão, duas brocas, um so-

cador de broca, e uma alavanca de 30 quilos. — Êh, pode deixar tudo aí, êh, êh! — foi dizendo o coronel. — Quando você arranjar os 90 mil-réis, pode vir buscar sua ferramenta. (CAS [2011], p. 36).

Socalco *s. m.* Terreno disposto em níveis ou degraus, utilizado principalmente para cultivo em áreas de relevo acidentado, como em terras de montanha ou colinas.

— *Boa... São matas ricas... — respondeu distraidamente o outro, a vista alongada pelos largos **socalcos** do terreno à direita da estrada.* (ALM [1965], p. 197).

Sobraçar *v.* Segurar ou carregar algo com o braço dobrado junto ao corpo; levar algo apoiado entre o braço e o tronco. Também pode indicar o ato de envolver com o braço, como num gesto de carinho ou proteção.

*O bonde não demorou. Vinha quase cheio. Despedi-me à pressa de João Félix, e ele, **sobraçando** o seu embrulho, sem dar-me tempo a ajudá-lo, galgou com precipitação o estribo, para não perder um lugar que lobrigara no último banco.* (BDM [2009], p. 183).

Sofrear *v.* Frear, refrear, ou conter com esforço um movimento ou impulso, relacionado a animais como cavalos ou bois.

*Jenner **sofreou** o animal. Tinha à frente uma figura esquelética, de negro, os punhos cerrados acima da cabeça.* (ALM [1965], p. 69).

Sofrer mais do que sapatilha de mulher-dama em cabaré *loc. verb.* Descreve alguém que enfrenta muitas dificuldades, provas ou sofrimentos intensos.

*Para matar o tempo, com os cobertores dobrados nas capangas, conversavam: — Aqui no Paraguaçu — disse Filó Finança — alugado **sofre mais do que***

sapatilha de mulher-dama em cabaré. (CAS [2011], p. 41).

Sofrer mais que sovaco de aleijado *loc. verb.* Descreve alguém que enfrenta muitas dificuldades, provas ou sofrimentos intensos.

— *Coronel...* — *balbuciou o garimpeiro* — *eu já estou saindo daqui limpo e areado. Se eu não levar minha ferramenta, vou sofrer mais do que sovaco de aleijado.* (CAS [2011], p. 36).

Sol a pino *loc. adj.* Dia de calor intenso, com sensação térmica elevada.

O sol estava a pino. Peba trouxe a meia garrafa de azeite, retirou o sabugo de milho que a arrolhava e, ao fazê-lo, Silvério gritou: — Vocês vão me dar purga? Eu não engoli diamante nenhum, gente! (CAS [2011], p. 130).

Sol a prumo *loc. adv.* Refere-se ao momento em que o sol está exatamente acima da cabeça, no zênite, ou seja, ao meio-dia, quando os raios solares incidem verticalmente sobre a superfície.

Jenner agradeceu e saiu, enquanto lá fora, na Pracinha, sob o sol a prumo, um homem recolhia lixo no carrinho de mão da Prefeitura. (ALM [1965], p. 206).

Sortimento *s. m.* Conjunto variado de objetos, produtos ou mercadorias de um mesmo tipo ou categoria.

Era uma vendinha modesta, realmente mais pra tenda que pra venda, porém senhora e possuidora de um variado sortimento garrafal de bebidas rústicas, cachaça com raízes, de quitoco ao pau-de-resposta, e desse a muitas combinações de pinga com ingredientes naturais que a flora dá de graça. (RDM [1993], p. 167).

Soslaio *s. m.* Ação de olhar de maneira oblíqua, de lado ou por entre abertura, com desconfiança ou curiosidade.

Observava-a de soslaio, como a um inimigo: nunca sentira prazer com o que quer que fosse que dissesse respeito àquele casamento. Vendo a esposa, era como se tivesse regressado a uma prisão; especialmente naquele momento, uma sensação de isolamento o impelia a reconhecer o horror de uma vida em comum feita de constrangimento, má vontade e vergonha. (CAS [2011], p. 290-291).

Sotaina *s. f.* Vestimenta longa e ajustada ao corpo, preta, usada por membros do clero, especialmente por padres e seminaristas da Igreja Católica.

Em tais ocasiões, reposto em suas vestes eclesiásticas, o sacerdote ressurgia do madeireiro; e aquela periódica figura clerical, de sotaina e barrete, portando a maleta de paramentos, de tal maneira estava associada à baratinha que sentar-se outra pessoa no volante significava praticamente um sacrilégio. (ALM [1965], p. 119).

Soturno *adj.* Triste; sombrio; melancólico; taciturno.

A biblioteca já não era quase utilizada por meu tio, e os livros dormiam nas estantes, por trás dos vidros, numa grave ordem de peças intocadas, como a transmitir um ar soturno de retraimento e desgosto. (DBM [2009], p. 117).

Sua alma, sua palma *exp. pop.* Expressão popular utilizada para afirmar que cada pessoa é responsável pelos próprios atos, escolhas e consequências.

— *Deixando a Bahia, o Freire cometeu um grave erro. Como médico da Força Pública, podia estar prestando valiosos serviços ao Estado. O lugar dele era aqui! Mas preferiu pedir reforma, e zarpar. Enfim — sua alma, sua palma. Estava escrito que o velho mestre não me socorreria daquela vez. Coube ao Vilela esclarecer a situação.* (DBM [2009], p. 198).

Sucuiuiú *s. m.* Nome regional popular para a sucuri (gênero *Eunectes*), uma serpente de grande porte pertencente à família dos *boídeos*. Não venenosa, é comum em áreas alagadas da América do Sul, como rios, pântanos e igarapés. Reconhecida por seu tamanho, a sucuri mata suas presas por constrição, envolvendo-as com o corpo até sufocá-las antes de engoli-las inteiras.

— *Eu nunca matei ela de outra maneira. Tudo depende da primeira pancada. Tem que ser dada na cabeça, bem com força.* — **Sucuiuiú** *é um bicho muito traiçoeiro* — atalhou Ricardo. — *Se ele tem dado o bote, laçava todo mundo de uma vez. Nunca ficava ninguém pra contar história.* (ALM [1965], p. 33).

Sucuri *s. f.* Serpente da família dos *boídeos*, sem veneno, comum em áreas alagadas da América do Sul. São cobras não peçonhentas, de grande porte, que vivem em áreas alagadas, rios e pântanos, sendo conhecidas por sua capacidade de estrangular presas antes de engoli-las.

— *Eu nunca matei ela de outra maneira. Tudo depende da primeira pancada. Tem que ser dada na cabeça, bem com força.* — **Sucuiuiú** *é um bicho muito traiçoeiro* — atalhou Ricardo. — *Se ele tem dado o bote, laçava todo mundo de uma vez. Nunca ficava ninguém pra contar história.* — *Essa cobra não é sucuri?* — perguntou Jenner. (ALM [1965], p. 33).

Sujidade *s. f.* Qualidade do que está sujo; sujeira, imundície, impureza.

*Interrompeu ele então aquela faina prosaica, fitou-me longamente, com uns olhos empapuçados e tristes. Ergueu as mãos, entrebateu-as pesadamente, removendo as **sujidades** da terra; e, depois de limpá-las num pedaço de estopa, segurou-me com uma delas o queixo, levantou-o, olhou-me e reolhou-me de perto, num demorado exame.* (DBM [2009], p. 59).

Sungar *v.* Levantar, elevar, suspender; puxar pra cima.

*Logo um homem assomou à porta, de botas e em mangas de camisa, **sungando** as calças com os cotovelos. Os olhos miúdos piscando por trás dos óculos descansados na ponta do nariz, tinha de erguer bem a cabeça para fitar os viajantes.* (ALM [1965], p. 85).

Susceptibilizar *v.* Tornar suscetível a alguma coisa; predispor, deixar mais sensível ou vulnerável a certos efeitos, influências ou estímulos.

*Por um momento, tive ímpeto de averiguar a quanto orçava a cota, mas silencieei, no embasbacamento daquela subvenção generosa. De resto, qualquer indiscrição de minha parte, neste sentido, talvez pudesse **susceptibilizar** o meu antigo mestre, que com tão funda gratidão e respeito se referia aos favores recebidos de tio Marcelino.* (DBM [2009], p. 106).

Tt

Tabique *s. m.* Estrutura leve, de madeira, utilizada para dividir ou fechar espaços de uma casa; serve como divisória ou tapume.

*E contara que o hóspede se chamava Ostrowsky, um judeu russo que viera comprar diamantes em Andaraí, e cuja valise, onde estava guardada a referida importância, desaparecera misteriosamente do quarto de **tabique** da Pensão Grande Líbano.* (CAS [2011], p. 165).

Talagada *s. f.* Gole grande e forte de bebida alcoólica, de cachaça, aguardente ou outra bebida destilada.

— *Uma mulher não ia dar certo com tantos barbados! Chegaram os copos, de grosso vidro facetado, e neles lançou Abubakir a cachaça límpida e bolhante.* — *Veja o rosário, meu caro!* — *exclamou.* — *Breção legítima!* — *E sorvida as talagadas:* — *Que tal?* — *Muito boa* — *respondeu Jenner, consultando discretamente o relógio.* (ALM [1965], p. 178).

Talha *s. f.* Caixote grande ou recipiente de madeira usado para guardar ou transportar objetos, mantimentos, ferramentas ou roupas.

*Interrompendo-se, passou a mão pela testa, como a enxugar um suor invisível; e, a voz baixa, o olhar baixo sentou-se desalentadamente no rebordo do caixote da **talha**.* (ALM [1965], p. 140).

Talhe *s. m.* Formato ou traçado da escrita; feição da caligrafia.

*A letra, como pude logo verificar, pelo seu alongado **talhe**, era de meu tio; e a indicação era a seguinte: "Filhagosa e Marcelino. Lembrança de Versailles". Estavam os dois metidos em grossos sobretudos, em pleno inverno europeu,*

e Filhagosa, muito jovial, a mão enluvada erguida numa saudação, tinha um ar sorridente, numa transbordante comunicação de simpatia. (DBM [2009], p. 210).

Tamborilar *v.* Produzir ruído leve e repetido com os dedos ou pequenos objetos, sobre uma superfície rígida.

*E o serventário, num **tamborilar** de dedos sobre a mesa: — Pode passar aqui às duas da tarde, que o senhor encontrará tudo pronto. O registro também é feito aqui.* (ALM [1965], p. 209).

Tamburi *s. m.* Antigo povoado de Maracás-Ba, posteriormente desmembrado e renomeado como Marcionílio Souza.

*No ano anterior, por exemplo, o coronel fizera uma apuração de mais de cem contos — e o garimpeiro Filó Finança, que andava infusado, bamburrara na primeira semana, gastando 800 mil-réis com uma mulher-dama boazinha mesmo que viera de **Tamburi**.* (CAS [2011], p. 17).

Tamborete *s. m.* Banco pequeno e baixo, sem encosto, usado para sentar.

*A valsa saía pelas rótulas abertas da casa do coronel Satu, ele na calçada, sentado no mesmo **tamborete**, a filha (Lorena) dedilhando o piano.* (RDM [1993], p. 33).

Tá na chuva é pra se molhar *exp. pop.*

A expressão indica que quem se coloca em uma situação arriscada deve estar preparado para enfrentar suas consequências, conscientes de que pode haver problemas ou resultados indesejados. *Maria deu de ombros. Não fez mal nenhum, disse. Um homem querer saber*

quem é uma mulher, é coisa que pode acontecer a qualquer mulher. A gente tá na chuva é pra se molhar. Eu só queria saber, ver quem perguntou. (APO [1996], p. 198).

Tanger v. Fazer mover, conduzir rebanhos ou animais.

Logo adiante, um homem, tangia dois jumentos carregados de lenha. (ALM [1965], p. 201).

Tapar o buraco loc. verb. Descrever algo ou alguém que serve de substituto provisório, com a função de quebrar um galho ou preencher uma lacuna emergencial.

Quando a moça por azar se perde, tá perdida mesmo, tem de ir embora do lugar, e o caminho natural dela é a prostituição. Não há outro meio de vida pra ela, mesmo porque os homens ficam dando em cima dele, todo mundo querendo tirar a sua casquinha. Mas eu tou falando de moça pobre, de operária, como eu era. Com moça rica é diferente. Em último caso, o pai compra um marido para ela, tapar o buraco como se diz. (APO [1996], p. 161).

Tapeação s. f. Ato ou efeito de enganar; mentira, logro ou ilusão.

E disse ainda: Que mal pode fazer uma flor a uma moça tão bonita? É uma flor para outra flor... Dessa mesma conversa (ou tapeação) ele se havia valido em suas conquistas anteriores. A flor, uma flor, de resto o caminho mais curto para o coração de uma mulher. (APO [1996], p. 26).

Tapera s. f. Casa ou habitação abandonada, em ruínas, no meio rural; por extensão, pode se referir a qualquer construção isolada e arruinada.

Vi aquela serraria funcionando: era uma coisa formidável. Depois que ela foi fechada, Bandeira de Melo virou praticamente uma tapera. Hoje em dia, o trem para dois minutos na estação e

vai embora de novo. O lugar está morto. (ALM [1965], p. 162).

Taramela s. f. Peça de madeira que gira em torno de um prego para fechar portas. *Moveu a taramela, e a porta abriu-se, num rechinar de dobradiças gastas. Logo depois a transpunha, levando para dentro a sela retirada do cavalo.* (ALM [1965], p. 159).

Tarrafa s. f. Rede de pesca circular, feita de fios finos e com pesos na borda, lançada à mão sobre a água para capturar peixes.

— *Minervina está perdida. Outro dia mesmo eu fui procurar ela, pra vê se fazia negócio com a tarrafa do finado Cesário, que a minha não estava prestando mais, e quando cheguei no rancho não acredito no que vi. Encontrei ela com um homem deitado no colo e uma garrafa de cachaça de junto.* (ALM [1965], p. 25).

Tarefa s. f. Unidade de medida agrária utilizada em algumas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste. Seu valor pode variar conforme a localidade, mas equivale a aproximadamente 3.000 a 4.800 metros quadrados. Também pode designar uma porção de terra destinada ao plantio ou ao cultivo.

— *Já começou a desmanchar a mandioca? — Pra semana. — A lavoura é grande? — Umas quatro tarefas...* (ALM [1965], p. 23).

Tatupeba s. m. Mamífero da fauna Brasileira. Possui uma carapaça amarronzada com seis ou oito cintas de placas móveis e pelos esparsos. É conhecido por vários nomes populares, como papadefunto, peba, peludo, tatu-cascudo, tatu-de-mão-amarela, tatu-peludo, tatupeva e tatupoiú.

— *Essa semana eu não fui lá porque não matei nada. Quer dizer, matei um tatu, mas foi mesmo que não ter matado nada. Você sabe como é o povo de Andaraí. Quando a gente chega lá com um*

tatu, eles querem saber se o tatu é verdadeiro ou se é peba. Se é peba, ninguém quer comprar, porque tatupeba rói carne de defunto. Se é tatu verdadeiro, não adianta a gente dizer, por que todo mundo acha que é peba, e fica nessa folia que não acaba mais. (ALM [1965], p. 76).

Tatu verdadeiro *s. m.* Mamífero da ordem dos xenartros, encontrado nas Américas. Possui uma carapaça praticamente nua, convexa e lateralmente comprida, com nove cintas de placas móveis. Sua cabeça é alongada, os olhos pequenos, as orelhas grandes e a cauda longa, com ponta fina. Caracteriza-se por ter apenas quatro dedos nas mãos. É conhecido também por diversos nomes populares, como tatu-de-folha, tatuetê e tatu-veado.

— *Essa semana eu não fui lá porque não matei nada. Quer dizer, matei um tatu, mas foi mesmo que não ter matado nada. Você sabe como é o povo de Andaraí. Quando a gente chega lá com um tatu, eles querem saber se o tatu é verdadeiro ou se é peba. Se é peba, ninguém quer comprar, porque tatupeba rói carne de defunto. Se é tatu verdadeiro, não adianta a gente dizer, por que todo mundo acha que é peba, e fica nessa folia que não acaba mais.* (ALM [1965], p. 76).

Teimar *v.* Persistir de forma obstinada em algo, contra a razão ou a opinião de outros.

Não, não a garrafa não é essa, reclamei, quando vi Tavi pegar da prateleira uma garrafa errada. Ele teimou, com a garrafa na mão. A cachaça tinha de ser aquela, só podia ser aquela, se eu queria uma cachaça boa só podia ser aquela da garrafa que ele tinha na mão. (RDM [1993], p. 168).

Teiú *s. m.* Lagarto terrestre de coloração dorsal marmoreada em tons de cinza e preto, com faixas e manchas escu-

ras ou claras, e ventre pálido, marcado com barras transversais pretas.

Ao rumor dos seus passos na areia grossa do caminho, vinha juntar-se a cada instante um outro, que eles ouviram com indiferença – rumor precipitado, seco e rápido, ocasionado por algum calango ou teiú em fuga por entre as moitas. (CAS [2011], p. 214).

Tempo do Onça *loc. sub.* Expressão popular usada para se referir a um tempo muito antigo.

— *Eu dizer isso em casa? Que idéia, Marinho. Meu pai era capaz de me matar. — Mata não, meu bem. Essa coisa de pai matar a filha que engravidou antes de casar é coisa do tempo do Onça. O mundo hoje tá mudado.* (APO [1996], p. 21).

Tépido *adj.* Refere-se ao que está levemente quente; morno.

Pessanha, em sua retumbante intimidade, constituía efetivamente uma exceção, visitando o numa hora tão propícia à prática da jardinagem — pela manhã, com um sol tépido, a terra ainda fresca da rega da véspera, e as palmeiras a se agitarem brandamente no ar, tocadas de uma fecunda brisa de campo. (DBM [2009], p. 94).

Ter pano para manga *loc. verb.* Expressão usada para indicar que uma situação ainda tem muita coisa para ser desenvolvida, discutida ou resolvida. Sugere que há material ou conteúdo suficiente para prolongar a questão por muito tempo.

Desejou-me boa bons negócios, a Lagoa Encantada era fazenda que tinha pano para manga, lembrou o laticínio que havia no tempo de meu pai. (RDM [1993], p. 353, 354).

Terrorífico *adj.* Refere-se ao que causa terror extremo, pavor, ou um medo intenso.

*Depois da meia noite, ouvidas as doze badaladas agourentas, que ele aliás não precisava ouvir, porque as badaladas soavam secretamente para ele, num pressentimento **terrorífico** do seu tímido coração, o pobre Germiro só descansava debaixo do lençol, coberto até a cabeça, na segurança de sua cama e das paredes de sua casa. Defunto não entrava lá, segundo acreditava.* (RDM [1993], p. 243).

Tico *s. m.* Algo muito pequeno, um pedacinho, uma parte minúscula.
— *Bem, mãe, em verdade não estou me preocupando nem um **tico** com as vantagens que Cesaltino tenha ou deixe de ter toda essa história.* (RDM [1993], p. 290).

Tiquinho *s. m.* Pequena quantidade; porção muito pequena de algo.
— *Já tomou chá de velame e de quebra-pedra? — Já tomei chá de tudo. Tem vez que eu passo mais aliviado. Mas logo a urina começa de novo a arder e queimar que nem fogo. E o pior é que eu fico urinando aos **tiquinhos**, como de coisa que eu estivesse de esquentamento.* (ALM [1965], p. 27).

Tirana *s. f.* Estrofe ou tipo de verso que faz parte de uma composição musical, sendo um tipo de refrão ou trecho repetitivo com um ritmo característico.
*Algumas mulheres estavam cantando na roça. A chita dos vestidos destacava-lhes os dorsos móveis e dispersos, em meio à plantação, num colorido entre-mostrar de manchas. Cantavam, num cântico de vozes roufenhas, a **tirana** conhecida: Ela olhou pra mim, / Eu olhei pra ela.../ Se ela for bonita, / Vou casar com ela...* (ALM [1965], p. 154, 155).

Tirar a barriga da miséria *loc. verb.* Suprir uma carência ou necessidade acumulada.
Mas na fazenda eu tenho tido tanto trabalho, tanta preocupação, que não me

*lembro de mulher. Quando a noite chega, eu só quero mesmo é descansar. Ele sorriu: — Cuidado com essa brochura... Pode deixar. Amanhã eu vou **tirar a barriga da miséria** — prometi.* (RDM [1993], p. 425).

Tirar a casquinha *loc. verb.* Assediar ou explorar sexualmente uma mulher vulnerável.

*Quando a moça por azar se perde, tá perdida mesmo, tem de ir embora do lugar, e o caminho natural dela é a prostituição. Não há outro meio de vida pra ela, mesmo porque os homens ficam dando em cima dele, todo mundo querendo **tirar a** sua **casquinha**.* (APO [1996], p. 161).

Tísico *adj.* Refere-se a quem tem tuberculose ou sofre de tísica pulmonar.

— *Justamente por isso, meu caro! — rebateu o Vilela. — O nosso Filhagosa foi, até o fim, um homem original. Morreu tuberculoso na Suíça, aonde os **tísicos**, habitualmente, vão restaurar os pulmões.* (DBM [2009], p. 211).

Titubear *v.* Vacilar, oscilar ao andar, como quem está prestes a cair.

*O velho professor, que conservava a dele aguçada e alerta, não tinha como invocar tão mofina desculpa. E era isto que eu estranhava: ver aquele homem adestrado nos compêndios, afeito ao rebarbativo decorar de datas e fatos da História, titubeando no modesto nomear daquele Joaquim, ou Serafim, filho do seu amigo Lemos. Mas ele não **titubeava** num ponto: — É um nome português. Isso, entretanto, bem pouco me ajudava.* (DBM [2009], p. 182).

Toba *s. m.* Termo popular para o ânus.
*Ora, vá tomar no **toba**! Tire um pedaço daquela carne de dois pelos dos Campos de São João, e meta no espeto pra mim.* (CAS [2011], p. 104).

Tocar gloriosa *loc. verb.* Masturbar-se.

— *Em cima da serra você não conhece ele. Vive que nem um bicho, trabalhando dia e noite, sem respeitar domingo nem dia santo, só pra fazer figura em Andaraí. Mania besta, mania de ser rico* — comentou. — *Mas de que adianta isso? De que adianta ele passar uma semana com Helena, com Cleonice, ou com qualquer outra mulher de prateleira-de-cima, se depois ele vai ficar dois ou três meses **tocando gloriosa** em cima da serra? De que adianta? Se ele não aguenta a tese, pra que essa besteira de querer passar pelo que não é? Filó é que tem razão* — observou, — *Bem ele disse que Pedro Almofadinha devia procurar sua baixa posição e se colocar.* (CAS [2011], p. 97).

Toicim *s. m.* Alimento de origem animal, correspondente à camada de gordura localizada sob a pele do porco.

*A nota era esta: 1 qlo di carne 2\$000 1 qlo di **toicim** 3\$500 1 lt di feijão 1\$000 1 lt di arrois 1\$000 6 lt di farinha 1\$000 1/2 lb di café \$400 1 raspadura \$400.* (CAS [2011], p. 92).

Tombador *s. m.* Encosta íngreme de formação rochosa, onde o cascalho diamantífero, resultante da erosão, era extraído das encostas e relevos.

*Distribuídos em sociedades capitaneadas pelos frentes, entregavam-se os garimpeiros à secagem de água que os dividia entre o enchedor e o **tombador**, entrando na fase onde o cascalho era socado e por fim amontoadado, para ser em seguida ralado e depois lavado.* (CAS [2011], p. 18).

Tonteira *s. f.* Sensação de tontura ou vertigem; sensação de desorientação.

— *A dona tá se sentindo mal?* — Não ... *tive apenas uma **tonteira**, que já passou* — Maria Corumba respondeu refazendo-se com esforço em sua dignidade ferida. (APO [1996], p. 85, 86).

Toro *s. m.* Tronco ou segmento de tronco de árvore, especialmente quando cortado.

*Entraram num pequeno cômodo de chão batido, iluminado por um fifô, cuja luz incidia sobre duas ou três esteiras enroladas (ao lado das quais deitado um cachorro) e sobre um velho **toro** de cedro chanfrado nas extremidades — um cepo, alguma coisa que podia servir de assento.* (ALM [1965], p. 19).

Torva *adj.* Refere-se a um olhar ou expressão que transmite ameaça, fúria, desconfiança ou ferocidade. É uma característica atribuída ao olhar.

*Eu era agora homem feito, em muita coisa mudara, mas não mudara minha inocência, mesmo na hora **torva** do pecado.* (RDM [1993], p. 121, 122).

Tostão *s. m.* De uso figurado, quantia muito pequena de dinheiro; moeda de pouco valor.

*Encontrado porém o diamante, vinha vendê-lo na cidade, transformando-o em perdulário dinheiro, e na cidade ficava até gastar o último **tostão** ganho.* (RDM [1993], p. 205).

Toucador *s. m.* Peça de mobiliário, sendo uma mesa com espelho, gavetas e banco ou banquetas, usada especialmente em quartos para que a pessoa se penteie, maquie, arrume ou guarde objetos de higiene e beleza pessoal.

*Removido aquele amarfanhado de vestes despidas e em poeiradas, que joguei com precipitação sobre o tapete, a visão do tabuleiro se recompôs na impecável ordem da arrumação feita por mamãe, as roupas a estirarem-se lisas, frescas, ao lado do pequeno compartimento onde ela reunira os meus objetos de toilette, e um cheiro diferente, suave mescla de sabonetes, dentifrícios, brilhantinas e loções, num momento transportou ao quarto dela, na lembrança arejada e limpa do seu **toucador**, diante do qual muitas vezes a encontrara, toa-*

lha ao ombro, penteando os cabelos depois do banho. (DBM [2009], p. 54).

Traíra *s. f.* Peixe de águas paradas, amplamente distribuída no Brasil, atingindo cerca de 60 cm de comprimento. Apresenta coloração que varia de preto ao pardo-escuro e é carnívoro de dentes fortes e cortantes.

Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, pirás, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavalares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe. (CAS [2011], p. 91).

Trago *s. m.* Gole de bebida alcoólica; pequeno consumo de álcool de uma só vez.

Tomei mais um trago. Ou foram dois? Teriam sido três? Não vi quando Addão foi embora. Certamente eu já estava dormindo. Dormi logo, foi somente o tempo de eu virar para um lado. Coisa estranha, a cachaça estava com gosto de barro. (RDM [1993], p. 284).

Trapiche *s. m.* Pequeno engenho de cana de açúcar movido por bois. Ou em outro sentido, armazém onde são estocadas mercadorias destinadas à importação ou à exportação; armazém-geral.

Eram trapiches e serrarias quase em ruínas, com os nomes inscritos nas paredes enegrecidas. Lembro-me bem de um deles: Serraria Xixi. E como visualizo ainda as enormes letras retidas naquele mundo de fachadas mortas! Logo em seguida, porém, a cidade ressurgia plena de vida, numa visão repousante e nova, alongada nas ruas residenciais do bairro da Calçada. (DBM [2009], p. 29).

Trefegamente *adv.* Refere-se à ação de fazer algo de forma trôpega ou desajeitada, com dificuldade.

Áureo Mota lembrou trefegamente, conquanto sem maldade, o botequim de Lió. Discordei. Preferia um lugar mais discreto, fora do perímetro do pecado, que começava exatamente no botequim citado e ia acabar no cabaré de Felícia, passando pelo legendário bar de Zé Neto e por outros pontos muitos de esvoaçante frequência de mulheres da vida, borboletas que iam de boteco em boteco e de amor em amor também iam. (RDM [1993], p. 479).

Treita *s. f.* Astúcia, manha ou artimanha própria dos animais ou das pessoas. Refere-se aos truques, hábitos espertos ou comportamentos ardilosos usados para escapar de tarefas ou manipular situações.

Trabalhavam muito tempo com tropa de burros de carga, de tropa conhecia tudo, da carga a cangalha, e do burro sabia como ninguém tirar proveito, pois lhe conhecia as manhas e as treitas, pois que o burro as tem, tem. (RDM [1993], p. 360).

Trejeito *s. m.* Movimento involuntário e peculiar do corpo, do rosto ou das mãos, que costuma ter caráter afetado, exagerado ou estranho.

— Homem não tem mesmo jeito — disse Maria Corumba, sacudindo desdenhosamente a cabeça, na boca um trejeito de nojo. — Aparece esse seu Estevão aqui em casa dizendo uma coisa, e escondendo em verdade o que quer mesmo dizer. (APO [1996], p. 138).

Trem *s. m.* Palavra genérica usada para se referir a qualquer objeto ou coisa indeterminada.

— Eu mesmo nunca vi. Mas outros vaqueiros já viram e me contaram. Dizem que quando ele ataca um boi é um pega-pra-capar danado. Primeiro, ele enrola o rabo num pau bem forte, num

amargoso, num bastião-de-arruda, e depois dá o bote. Quando o boi vê aquele **trem** agarrado nele, mete os tampos por dentro da mata, como de coisa que estivesse correndo na ponta de um laço. (ALM [1965], p. 45).

Trambolho *s. m.* Objeto grande, desajeitado ou inútil; traste, estorvo.
O dono da fazenda morreu há pouco tempo. O filho mora em Feira de Santana. É o único herdeiro, e não quer saber de negócios. A fazenda para ele é um verdadeiro trambolho. (ALM [1965], p. 200).

Tramela *s. f.* Pequena tranca ou ferrolho simples, de madeira ou metal, usada para fechar portas, janelas, portões ou portinholas em construções rurais.
— *Não pense mais nisso ... Bote ele pra dormir no quarto da frente, onde está armada a rede. Ricardo pode ficar na sala mesmo. Quando você voltar, passe a tramela na porta do corredor.* (ALM [1965], p. 134).

Trempe *s. f.* Chapa de ferro perfurada, utilizada em fogões a lenha para sustentar panelas, ou aro de ferro com três pés para apoio sobre o fogo.
A rua começava a despertar. A lenha ardia nas trempes, enfumaçando a cobertura de palha das moradas humildes. Era aquele movimento de sempre, de gente acordando para pegar firme no trabalho, cada qual tratando de sua ocupação. (CAS [2011], p. 57).

Trepar *v.* Manter relações sexuais; copular.
— *Um bambúrrio muito mal empregado — comentou Filó. — Pra que é que Zé Cláudio quer dinheiro mesmo? Não bebe... não trepa... — Será que ele é bicho-de-blusa mesmo? — duvidou Joaquim Boca-de-Virgem. — Se a gente fosse botar gongolo em xibungo — disse Filó, confirmando a seu modo a acusação — ele e o tabelião Romualdo não*

deixavam mais ninguém dormir em Andaraí. E cuspiu de lado. (CAS [2011], p. 220).

Tresandar *v.* Exalar um cheiro muito forte e desagradável.
E, mergulhado em razões a seu ver cabais e definitivas de sujeição, dizia de si para consigo, ou com os botões de sua farda, e dizia e repetia, como para tornar mais evidente sua posição privilegiada, fazendo-o num calão de quartel, que tresandava a fartum de mictório: ela me deu, eu comi ela, não tem mais jeito, não adianta essa pose de merda dela, porque eu furei ela, ela tá furada e furada como tá vai ter mesmo de entregar os pontos, mais dia menos dia, já tá com saudade de meu pau. (APO [1996], p. 67).

Três-folhas *s. f.* Planta cuja as folhas são divididas em três folíolos.
E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo, fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com a três-folhas, o canapu, a neve, com o chapéu-de-frade e a sempre-vivada-serra, guarneecendo o flanco acidentado dos rebaixos. (CAS [2011], p. 96).

Tresnoitada *adj.* Refere-se a pessoa que permanece acordada durante toda noite; que não dorme.
Uma mulher-dama tresnoitada entrou na padaria para comprar bolachas. Agenor Cabeça-Seca, que estava perto, tomou deboche: — Mas Tutu, até quando você quer crescer a traseira? A mulher respondeu com boca de nojo: — Olhe com os olhos e coma com a testa — e saiu rebolando as volumosas nádegas, a meia libra de bolachas papudas na mão. (CAS [2011], p. 89).

Triscar *v.* Tocar de leve, encostar.
Bastava o homem corre-lhe o “dedo na regada”, que ela ia logo abrindo as pernas. E aconselhava o sargento: se o homem quer ter a seu lado uma mulher

*virtuosa, trate de conservá-la longe (ou o menos perto possível) de outro homem. Senão **triscou**, pegou.* (APO [1996], p. 53).

Trocados *s. m.* Quantia pequena de dinheiro; moedas ou notas de baixo valor. Também pode se referir ao dinheiro fracionado usado para facilitar pagamentos.

*Acabou passando o dinheiro todo. Só ficou mesmo com uns **trocados** que guardou para fazer a viagem.* (RDM [1993], p. 335).

Troço *s. m.* Pessoa desprezível, irritante ou de comportamento estranho ou desagradável.

*Peti despachou depressa o homem, que pagou o querosene com umas difíceis moedas catadas no fundo da capanga e em cima do balcão uma a uma contadas. E quando o homem com o seu querosene deixou a venda: — É o **troço** que mais me aporrinha no balcão.* (RDM [1993], p. 88).

Tromba-d'água *s. f.* Elevação súbita e intensa do nível de um rio devido às chuvas nas áreas da nascente.

*A pior é a de **tromba-d'água** — disse o garimpeiro Quirino. — Ninguém vê chuva, não cai uma gota d'água, e quando a gente menos espera, de uma hora pra outra, o rio enche e enrasca o serviço todo.* (CAS [2011], p. 26).

Tumultuária *adj.* Refere-se ao que caracteriza por desordem, agitação ou falta de controle; feita de maneira espontânea, sem planejamento rígido.

*Os canteiros podados, restritos a uma intenção de adorno, e demarcados numa ordem severa de arrumação, fundiram-se em luxuriantes, **tumultuárias** moitas de vegetação tropical. E transformaram-se, até, em alguns casos, sob a ação de adubos e de literatura especializada, em prodigioso campo de ex-*

perimentos botânicos. (DBM [2009], p. 89).

Troncudo *adj.* Refere-se a pessoa que é corpulento, forte.

*Agenor, preto **troncudo**, respondeu sem se voltar: — Se eu fosse urubu, era seu irmão.* (CAS [2011], p. 27).

Turbado *adj.* Refere-se de algo perturbado, agitado, tumultuado.

*— O que é que eu vou fazer, minha tia? Como é que eu faço? — murmurou **turbada**, na ânsia de um queixume inútil. — O que é que vou fazer agora? Estou morta de vergonha.* (ALM [1965], p. 141).

Túrgido *adj.* Refere-se ao que se apresenta inchado, intumescido; dilatado.

*Os seus seios arredondados, prendas num altar, eram lindos de cor e forma, uns seios de **túrgidos** mamilos escuros.* (RDM [1993], p. 307).

Turrar *v.* Emitir ruído de forma contínua ou repetida.

*— Bem... Nesta beirada de rio não existia nenhum sucuiuiú morador. Às vezes, um ou outro bordejava por aqui, caçando paca e capivara. Depois sumia de novo. Mas desde a última cheia, faz coisa de uns cinco meses, eu comecei a desconfiar que tinha algum sucuiuiú arranchando naquele marimbu. Compadre Jovino de Dondona e João Felão, descendo o rio de canoa uma noite, ouviram ele **turrando** por aí e me contaram.* (ALM [1965], p. 41, 42).

Uu

Uma desgraça nunca vem só *exp. pop.* Expressão que significa que, quando algo ruim acontece, é comum que outras dificuldades ou problemas surjam em sequência. Ou seja, a adversidade tende a atrair mais adversidades, como uma série de infortúnios que acontecem de forma consecutiva.

Se é verdade que uma desgraça nunca vem só, uma alegria vem, porém às vezes embutida uma desgraça, nela escondida. E, nem bem dá o ar efêmero de sua graça, vem de novo substituí-la a desgraça, atraindo por sua vez outra desgraça, ou nesta encompridando-se. (RDM [1993], p. 455).

Uma mão lava a outra *exp. pop.* Refere-se a duas pessoas ou partes que se ajudam mutuamente, com benefícios recíprocos.

Afinal, e para deixa-la de uma vez por todas des preocupada, a sua passagem eu comprei com um desconto razoável, graças a um meu amigo que é alto funcionário da companhia de aviação. Já fiz em certa ocasião um favor a ele, que agora retribuiu. Nada demais. Uma mão lava a outra. (APO [1996], p. 178).

Umburana *s. f.* Nome popular de diversas espécies de árvores brasileiras do gênero *Amburana* e *Torresia*, conhecidas por suas propriedades medicinais e de madeira aromática.

De uma e de outra margem, as árvores alçavam-se num atravancamento alucinatório, onde mal sobressaíam as perobas, as umburanas e as paraibas, colhidas na rede multiforme dos cipós. (ALM [1965], p. 152).

Umbrosa *adj.* Refere-se ao que tem muitas sombras; sombreada.

O local indicado era uma vereda aberta entre mucuibas linheiras, alongadamente esconsa e umbrosa. (ALM [1965], p. 152).

Unha-de-fome *s. f.* Pessoa extremamente sovina, avarenta, que não gosta de gastar dinheiro ou dividir o que tem.

— *Esse camarada é um unha-de-fome*
— *explicou Pernambuco.* — *Só come rapadura com farinha. Tem que ter saldo.* (ALM [1965], p. 188).

Unha-de-gato *s. f.* Planta trepadeira pertencente à família das *Rubiáceas*, nativa das florestas tropicais da América Central e do Sul. É caracterizada por seus ramos dotados de espinhos recurvados que lembram a forma de unhas de gato.

Agora o caminhão ladeava um pé de unha-de-gato, espinheiro de ramos recurvadamente alçados sobre a estrada, enlapando e lapeando a carroceria. (ALM [1965], p. 187).

Urinol *s. m.* Recipiente utilizado para urinar; penico.

Depois de lavar os pratos, a velha Atanásia escorou a porta dos fundos e levou o urinol para o quarto do patrão. Fazia isso precisamente há quinze anos. (CAS [2011], p. 24).

Uso do cachimbo faz entortar a boca *exp. pop.* Expressão que sugere que os hábitos repetitivos ou comportamentos prejudiciais podem modificar a pessoa, levando-a a agir de maneira indesejável ou negativa.

*Era uma espécie de lição, que ele (por força do hábito, que no **uso do cachimbo faz entortar a boca**), tinha sem querer decorado, e repetir onde estivesse, quer nas lojas (tomado os pedidos novos), quer em outro lugar qualquer, desprovido de material mercantil. Enfim, ele sabia (tinha plena consciência disso, faça-se justiça) que aquela conversa era coisa de pura circunstância, sobretudo naquela hora, em que o mais importante ele trazia no bolso do paletó, ansioso para lhe dar o merecido e gentil destino. (APO [1996], p. 144).*

Usucapião *s. f.* Designar o direito de adquirir a propriedade de um bem móvel ou imóvel pela posse contínua e incontestada durante determinado tempo, conforme os requisitos legais.

— *Eu já lhe disse que você está patrocinando uma causa ingrata — atalhou o prefeito, fazendo rodar a cadeira giratória, para se colocar diante do outro.*

— *E não me fale mais em desaforar para Itaberaba a ação de **usucapião**. (ALM [1965], p. 213).*

Vv

Vadiar v. Iniciar atividades reprodutivas ou comportamentos relacionados ao acasalamento.

Sobre o jumento reprodutor, que com os burros havíamos trazido do sertão, ele me deu a alegre notícia de que “o bichinho foi chegando e vadiando logo”. No primeiro momento não entendi, estávamos falando de coisas sérias, de preparação da tropa de burros, e do urgente equipamento dela, e ele veio de repente, com a história daquele “vadiando logo”. (RDM [1993], p. 536).

Vai-quem-quer loc. sub. Antiga área de exploração diamantífera no município de Andaraí na Chapada Diamantina, na Bahia.

— *Sim, quem tem sorte é você, que pegou uma lasca com dois grãos no Vai-Quem-Quer. Neco soltou uma gargalhada e Agenor guardou um silêncio mais significativo do que um nome feio. (CAS [2011], p. 103).*

Valhacouto s. m. Refúgio ou esconderijo, utilizado para se proteger de algo, como um lugar seguro onde se pode ficar afastado ou oculto.

O sobradinho ia deixar de ser o que era e que eu encontrei ali, valhacouto de lívidas solidões, para se transformar numa casa confortável e alegre, onde Lorena e eu podíamos confortavelmente morar e alegremente viver. (RDM [1993], p. 348, 349).

Valise s. f. Pequena mala de mão para transportar pertences pessoais.

E contara que o hóspede se chamava Ostrowsky, um judeu russo que viera comprar diamantes em Andaraí, e cuja valise, onde estava guardada a referida importância, desaparecera misteriosa-

mente do quarto de tabique da Pensão Grande Líbano. (CAS [2011], p. 165).

Valsístico adj. Refere-se à valsa, ao ritmo ou ao estilo musical característico da valsa.

Felizardo era o melhor alfaiate da cidade, e era na filarmônica (Aurora Musical Rio dos Morcegos) o primeiro clarinetista, de mavioso sopro valsístico. (RDM [1993], p. 105).

Vaquejar v. Conduzir ou cuidar do gado como um vaqueiro.

— *Querer é uma coisa — disse Ricardo — e poder é outra. Pra lhe falar com franqueza, eu cheguei a pensar que Seu Antôniozinho estivesse mangando de mim. Como você sabe eu não sou mais homem pra vaquejar. (ALM [1965], p. 22).*

Vasqueira adj. Refere-se de quem é difícil de encontrar; rara, escassa, inaudita.

— *Aqui na mata só tem duas raparigas. Uma delas está com pneu arriado, e a outra anda meio vasqueira. O jeito é essa turma ir de vez em quando a Andaraí pra acertar a escrita. (ALM [1965], p. 186).*

Vatapá s. m. Prato típico da culinária afro-brasileira, especialmente da Bahia, feito tradicionalmente com pão ou farinha de trigo, camarão seco, leite de coco, azeite de dendê, castanha de caju ou amendoim e outros temperos, cozido até formar uma massa cremosa.

— *Você não imagina! — comentava o Vilela. — O Filhagosa entrou no vatapá, e pegou uma cólica dos diabos. Se não*

fosse o Freire, que lhe receitou uma poção, o homem levava a breca. Ouvida a história, deixei escapar, numa tardia pena do Filhagosa, cidadão afeito aos menus internacionais, a meter-se, desprevenidamente, na desastrosa aventura daqueles pratos folclóricos: — Coitado! (DBM [2009], p. 133).

Vaticinar v. Prever ou profetizar acontecimentos futuros, com tom solene ou inspirado.

Ao lembrar-me, hoje, daqueles pobres, rudes rabiscos, que levaram o Professor Costa Pereira ao generoso engodo de vaticinar-me uma "carreira de artista", fico a imaginar a tolerância de João Félix — ali a meu lado, rubricando gravemente os papéis da contabilidade, enquanto eu ociosamente enchia de calungas outros papéis. (DBM [2009], p. 153).

Veado-mateiro s. m. Cervídeo que habita principalmente as áreas de mata, sendo mais comum em regiões como a Caatinga e o Cerrado; também conhecido como veado-catingueiro ou, em algumas regiões, veado-do-mato.

Por um instante, tudo esqueceu, a atenção concentrada na indumentária do outro: também já se vestira assim. Esporas de grandes rosetas; sapatos; chapéu e luvas de couro de boi; guarda-peito de couro de carneiro; gibão; jaleco e perneiras de couro mais macio, de veado mateiro — ali estava, encourado de novo, o vaqueiro que ele um dia fora. (ALM [1965], p. 73).

Veio s. m. Depósito mineral; local da mina onde o mineral é encontrado.

Viera de Palmeiras quinze dias apenas, e embora fosse lavrista, tendo nascido e se criado naquela cidade, não tinha até então cateado em leito de rio. “Será que vem enchente para nos tornar a cata?” — perguntara ao sócio, que era fornecido por uma sobrinha do cel. Joca de Carvalho. “Pode vir e não vir” —

respondera-lhe o outro. Ele não se sentia bastante para trabalhar num veio geral como era o Paraguaçu, só conhecia serviços de barranco e de grupiara, de sorte que ficou sobressaltado. (CAS [2011], p. 23, 24).

Vela s. f. Termo usado para se referir à cerveja.

A seu lado, fazendo-lhe companhia à mesa, porque ela assim o quisera e exigira, o seu amigo Estevão, ancorado numa garrafa de cerveja, que na gíria chamavam vela, e que, por extensão da gíria, ainda estava (a vela) de pavio aceso. (APO [1996], p. 167).

Velame s. m. Planta da família das euforbiáceas, com folhas frequentemente tomentosas, amplamente cultivada como ornamental.

Acabavam de dar sete horas. Como era noite de lua, os meninos corriam picula no Ribimba, escondidos na mata de comboatá e velame da estrada dos Bichinhos, ou atrás das pedras. Chegava até ali a gritaria deles. (CAS [2011], p. 54, 55).

Velhaca adj. Refere-se de quem é astuta, maliciosa, esperta.

Tem onça velhaca que só o Diabo. O Coronel me deu estricnina pra eu envenenar uma carniça, eu envenenei foi mesmo que nada. (ALM [1965], p. 80).

Venda s. f. Estabelecimento comercial de pequeno porte, semelhante a um armazém ou mercearia.

Chegando-lhe aos ouvidos rumores de vozes, de envolta com latidos de cães, sons de harmônica e gargalhadas de homens e mulheres, compreendeu a inutilidade de esquivar-se, passando pelos fundos das casas: o movimento do sábado, com a noite povoada de garimpeiros e raparigas, com gente bebendo no balcão das vendas e a rufiagem solta nas ruas, já atingira aquela parte da cidade. (CAS [2011], p. 134).

Vendola *s. f.* Pequena venda, um comércio rústico ou modesto.

*Cortei caminho pelo beco de sinhá Cutu, em cuja **vendola** não havia ninguém àquela hora, pequeno paraíso cercado de garrafas.* (RDM [1993], p. 223).

Veneta *s. f.* Algo passageiro, súbito e descontrolado.

*Não era uma questão de excentricidade. Era uma questão de **veneta**. De acordo com a **veneta**, eu tinha a minha hora de progresso e a minha hora de atraso. Tudo dependia da ocasião.* (RDM [1993], p. 75).

Vermute *s. m.* Vinho licoroso, branco ou tinto, aromatizado com extratos e infusões de plantas aromáticas e amargas.

*O médico emborcou o cálice de cachaca com **vermute** — uma talagada de mestre E Ziu concluiu: — Aquilo é que é uma fêmea, seu Marcolino. É uma babaca de juízo! Trepado sobre uma mesa, no auge do porre, Pedro Almofadinha gritava para o povo: — Pode comer água, minha gente!* (CAS [2011], p. 95).

Verter água *loc. verb.* Urinar; expelir urina.

*Manoel João fechou novamente a porteira e voltou-se na direção em que devia estar o outro: — Ricardo! — Estou aqui **vertendo água**.* (ALM [1965], p. 26).

Verve *s. f.* Inspiração viva e criativa, na escrita, na fala ou em qualquer manifestação artística.

*A **verve**, o espírito de Filhagosa, reunidos ao grande, íntimo conhecimento que ele, somente ele, deveria ter de muitos episódios vividos no estrangeiro por tio Marcelino, de quem fora parceiro de andanças pelo mundo — tudo isso reclamava, sem dúvida, um contacto direto, no correr de boa cavaqueira, com os assuntos puxando assuntos, e as idéias*

a associarem-se no desenrolar imprevisto da conversa. (DBM [2009], p. 207).

Vestido de soirée *loc. sub.* Vestido formal, elegante e sofisticado, utilizado em ocasiões especiais e de gala, como festas noturnas, bailes, jantares ou outros eventos de grande porte.

*As mulheres entronizavam-se nas mesas, rainhas de seu reinado, de **vestido de soirée**, jarro de flor na mesa e cigarro na boca pintada, esperando o primeiro que chegasse.* (RDM [1993], p. 57).

Virar a boca pra maré vazante *loc. verb.* Expressão utilizada para repreender alguém que diz algo considerado negativo, indesejado ou de mau agouro, como se suas palavras pudesse trazer aquilo que foi dito.

*No dia seguinte, ele ainda dissera ao companheiro: “Não sei não, meu sócio. Mas como que tem uma coisa que me diz que vem cheia pra enrascar nossa cata”. E o sócio lhe respondera: “**Vire sua boca pra maré vazante**, Pedro. Eu estou assuntando o martim-pescador e não tenho visto nada”. (CAS [2011], p. 24).*

Viriato *s. m.* Cachoeira situada no rio Gafanhoto, afluente do rio Baiano, nos arredores de Andaraí, Bahia.

*— A salvação é que existe o Paraguaçu. Senão a gente tinha de quebrar a cabeça cora aquelas restingas dos Coqueiros, faiscar no **Viriato**, ou lavar cisco debaixo da ponte, como Manezim Cangula.* (CAS [2011], p. 19).

Voador *s. m.* Biscoito de polvilho preparado com ovos, sal, leite e óleo.

E deu urna volta em torno da mesa, de onde emergia um bojudão candeeiro em meio dos mimos oferecidos pelos mordomos: formas de bolo, carneiros de doce de leite, compoteiras com o nome do ofertante embaixo, perus, galinhas e

quartos de porco assado, bandejas de mangas e pencas amarradas de laranjas de umbigo, gaiolas de voador e fritadas cobertas de papel de seda recortado — tudo isso constituindo o vasto e variado leilão da tildam noite da novena de N. S. da Glória, funcionando na Praça do Rosário, com urna compacta massa humana em volta. (CAS [2011], p. 258).

Vosmecê *prom.* Forma respeitosa e cortês de tratamento dirigida à segunda pessoa do discurso, equivalente a “você”, embora mais antiga e formal em sua origem.

— *Traga vosmecê o burro — foi a resposta de João Camilo. (ALM [1965], p. 158).*

Xx

Xale *s. m.* Manta de lã ou seda usada por mulheres como ornamento ou agasalho para os ombros, tronco ou cabeça. *As mulheres, agasalhadas nos xales, ralhavam com os filhos para não saírem. Estes, não podendo ver de perto o rio, onde desde cedo se tornavam nadadores de mão-cheia, ficavam nas janelas espiando os garimpeiros. Algum dia fariam a mesma coisa, atravessariam a praça com uma candeia de azeite na mão, para ver as cabeças-d'água de noite.* (CAS [2011], p. 30).

Xibiu *s. m.* Diamante de pequenas dimensões, comumente utilizado para corte de vidro. *Fulgêncio foi chegando como quem não queria nada. Zé de Peixoto estava sentado no balcão, conversando com Pebá. Até o comprara dois mosquitos. Contrariado com o mau resultado do garimpo, queixara-se ao sócio do pouco movimento do sábado — alegando que 'aqueles dois xibius não davam nem para salvar a despesa.* (CAS [2011], p. 148, 149).

Xibungo *s. m.* Termo para se referir a um homem homossexual. — *Se você continuar com descaração comigo, eu lhe dou um tiro. Está pensando que eu sou xibungo? O pequeno Zé respondeu que ele atirava "mas era com a bunda" — Pois então abra a boca pra você ver se eu não atiro dentro dela — disse o outro.* (CAS [2011], p. 48).

Xique-Xique *s. m.* Distrito do município de Andaraí, na Bahia, atualmente chamado de Igatu. *Certa noite, depois de terem os garimpeiros falado de um cabra valente que*

urinara no chapéu de seu Aurino, o maior comprador de diamantes de Xi-que-Xique um homem voltou-se para ele e lhe disse que o tal cabra tinha sido seu pai. (CAS [2011], p. 46).

Xiquexique *s. m.* Planta da família dos cactos, endêmica do Nordeste, utilizada como alimento tanto para animais quanto para humanos.

— *Manda buscar xiquexique na serra, faça um chá de raiz e um picado do miolo Depois de tomar o chá e comer o picado, tome um banho de assento com água bem quente, misturada com cachaça canforada. Depois você vai me dizer. Pois não foi que João Boi ficou bom? Eram, assim, muito grandes os conhecimentos terapêuticos de Sinhá do Ouro; e não ficavam atrás os seus conhecimentos históricos.* (CAS [2011], p. 78).

Xodó *s. m.* Namoro ou paixão especial, em linguagem popular e afetiva.

— *Mais que amiga. Moramos juntos em Cachoeira, tivemos um xodó? Como se diz lá — eu respondi, precipitadamente, para logo me arrepender da resposta, que agora me parecia tão indiscreta e vulgar.* (RDM [1993], p. 248).

Xodó de puta *loc. sub.* Amante ou namorado de prostituta; homem envolvido afetivamente com mulher da vida.

Sua filha não podia casar com um explorador de mulher da vida, um xodó de puta. E, odiado e escorraçado, eu teria de renunciar ao amor de Lorena, enquanto ela em represália, em seu sentimento de honra ofendida não isento de vingança, aceitaria a corte de Dr. Durães. (RDM [1993], p. 258).

Xumbaré *s. m.* Planta da família das orquídeas; também conhecida como orquídea Xumbaré.

*Um cheiro agreste, desprendendo-se das folhas aromáticas dos dom-bernardos, das parasitas e dos **xumba-rés**, embalsamava o ar.* (CAS [2011], p. 96).

Zz

Zabumba *s. f.* Planta ornamental (*Brugmansia suaveolens*) de flores brancas em forma de trombeta, usada na medicina tradicional e conhecida por efeitos alucinógenos. Originária do sudeste do Brasil.

No extremo dos talos roxos do mandiocal verdejava, contrastante, o recortado das folhas ainda úmidas de orvalho. Aboboreiras alastravam-se por trás das cercas. Derramando-se em macia clareza, o sol criava sugestões ornamentais na maranha das zabumbas, de onde as flores irrompiam-se como trombetas brancas. (ALM [1965], p. 49).

Zé-tranquilino *s. m.* Punhal composto por lâmina de espada e cabo de prata lavrada.

Alguns garimpeiros riram da extravagante ideia. Boca-de-Virgem de novo se lembrou de Zé Cândido — da sua figura austera, do seu bigode, do seu chapéu-chile, da sua imponência quando conduzia o turíbulo na procissão do 'Divino, de roupa preta e colarinho duro, e de quando ele passava para a serra, de capanga no ombro e calças arregaçadas, o punhal zé-tranquilino na cintura, parecendo mais um cangaceiro. Era inacreditável! (CAS [2011], p. 220).

Ziuziu *s. m.* Som agudo e contínuo; zumbido de insetos.

Nenhum sinal de atividade na velha fazenda. Só se ouvia o ziuziu das cigarras, esfuziante e cantante, disseminado escuramente no ar. (ALM [1965], p. 125).

Zona *s. f.* Região ou lugar, situada nas periferias ou áreas menos valorizadas das cidades, destinada ou conhecida por abrigar atividades ligadas à prostituição.

Que gosto bom de aventura. Saí com os meus dois colegas, íamos dar uma volta pela zona, nome que em minha vida pela primeira vez devo ter ouvido, muito possivelmente. (RDM [1993], p. 57).

Zonzo *adj.* Refere-se à sensação de vertigem ou instabilidade, como se tudo ao redor estivesse girando.

Silvério acabava exatamente de colocar sobre a mesa o copo onde escorrera o litro: a nova dose o deixara meio zonzo, sensação que ele imediatamente atribuiu ao fato de haver bebido do pé de garrafa. (CAS [2011], p. 33).

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. O léxico dos garimpeiros da Chapada Diamantina na obra *Cascalho* de Herberto Sales. **Garimpus**: Revista de Linguagens, Educação e Cultura na Chapada Diamantina. Vol 2. n. 1. Seabra, 2021. p. 82-98.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. Os tabus linguísticos no romance *Cascalho* de Herberto Sales. **Laborhistórico**. Vol 6. n. 3. Rio de Janeiro, 2020a. p. 397-418.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. **Diamantes lexicais**: garimpando o vocabulário do romance *Cascalho* de Herberto Sales. 2020. 200f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020b.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 11ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

SALES, Herberto. **Dados biográficos do finado Marcelino**. São Paulo: É Realizações Editora, 2009a.

SALES, Herberto. **Subsidiário 1**: Confissões, Memórias & Histórias. São Paulo: É Realizações Editora, 2009b.

SALES, Fernando. **Herberto Sales e a gênese de *Cascalho***. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006.

SALES, Herberto. **Os pareceres do tempo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SALES, Herberto. **A prostituta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SALES, Herberto. **Rio dos morcegos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

SALES, Herberto. **Subsidiário 3**: Eu de mim com cada um de mim. Confidências e Penitências. São Paulo: Editora do Brasil, 1992.

SALES, Herberto. **Subsidiário 2**: Andanças por umas lembranças. Segredos & Revelações. São Paulo: Editora Nacional, 1991.

SALES, Herberto. **O fruto do vosso ventre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SALES, Herberto. **Além dos Marimbus**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

SALES, Herberto. **Garimpos da Bahia**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/SIP: 1955.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1944.



VOCABULÁRIO **HERBERTO SALES**



UEFS



PPGEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



CAPES

